

A TEIA DO MUNDO
A TAPEÇARIA DOS
DEUSES

LIVRO 2

CHRIS WOODING

EDITORIAL  PRESENÇA

B



Chris Wooding

A Tapeçaria dos Deuses

A Teia do Mundo 2

Digitalização: Fátima Tomás.

Correção: Matias Júnior.

Formatação: Greicy.

Conversão para e-Pub: moxoroxo ([Grupo Toca Digital](#))

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais.

Os Sangue Batik são agora a família dominante, mas a influência dos Tecedores na governação dos territórios de Saramyr torna-se cada vez mais opressiva e apertada, adivinhando-se tempos difíceis para a população. Entretanto, Lúcia, Kaiku e todos os seus aliados vivem à margem daquela sociedade, refugiados na Falha de Xarana. É lá que vão preparando a estratégia de contra-ataque, com o objectivo de repor no trono a legítima herdeira - Lúcia - e acabar com o poder corrupto dos Tecedores. Porém, como conseguirão eles enfrentar um inimigo que não compreendem? Por entre o caos que começa gradualmente a alastrar por Saramyr, Kaiku e Lúcia travam uma luta contra o tempo e urge desvendar os segredos e as verdadeiras ambições dos Tecedores. Porém, a verdade revela-se bem mais terrível do que alguma vez pudessem imaginar...

Chris Wooding faz-nos penetrar num universo de complexas teias de intrigas, ódios dementes e forças colossais, de batalhas cruéis e vinganças há muito desejadas. Uma obra magistral, que nos contagia desde o primeiro instante.

CAPÍTULO 1

O ar, carregado e denso do calor da selva, fervilhava de insectos.

Saran Ycthys Marul encontrava-se estendido sem se mexer na superfície lisa de um pedregulho empoeirado, sem pestanejar, protegido do sol impiedoso por uma chapapa próxima. Tinha nas mãos uma espingarda esguia, o olho alinhado com a mira, e estava assim fazia já várias horas. Diante de si espraiava-se um vale estreito, um abismo semelhante a um golpe de faca, o seu fundo um aglomerado de rochas brancas deixadas a descoberto por um rio há muito desviado pelos catastróficos abalos de terra que, de tempos a tempos, assolavam o continente imenso e selvagem de Okhamba. De cada lado do abismo, a terra erguia-se como uma parede, superfícies a pique de rocha pré-histórica, os seus limites superiores cobertos por uma densa complexidade de plantas rastejantes, arbustos e árvores que se agarravam com tenacidade a quaisquer fendas e saliências que conseguissem encontrar.

Estava deitado no extremo mais elevado do vale, onde outrora o rio iniciara a sua descida. A monstruosidade que andara a persegui-los durante semanas só tinha um caminho se quisesse continuar no rasto deles.

A geografia era simplesmente demasiado hostil para permitir quaisquer alternativas. Mais cedo ou mais tarde, acabaria por vir nesta direcção. E quer levasse uma hora quer uma semana, Saran continuaria à sua espera. Aquilo matara o primeiro dos exploradores fazia agora quinze dias, um batedor saramyr que haviam contratado numa cidade colonial quraal. No mínimo, eram levados a concluir que ele fora morto, pois nunca se chegara a encontrar qualquer cadáver nem quaisquer vestígios de violência. O batedor vivera na selva toda a sua vida adulta, pelo menos assim o afirmara.

Mas, pelos vistos, nem mesmo ele estivera preparado para aquilo que iriam encontrar na escuridão do coração do Okhamba.

Dois dos nativos tinham ido atrás dele, homens kpeth, guias de confiança, que, por vezes, serviam também de burros de carga.. Os Kpeth eram albinos, tendo vivido durante milhares de anos nas zonas centrais quase impenetráveis onde o sol raramente conseguia atravessar a camada de folhas. A dada altura no passado, haviam sido expulsos do seu território e migrado para a costa, onde eram obrigados a levar uma existência noctívaga longe do fortíssimo calor do dia. Mas não tinham esquecido os costumes antigos e, no lusco-fusco da selva mais profunda, o seu conhecimento era inestimável.

Estavam dispostos a vender os seus serviços em troca de moeda quraal, que significava uma vida de relativo desafogo na faixa de terra fortemente defendida pertencente à Teocracia, na extremidade noroeste do continente. Saran não lamentava a perda. Não simpatizara nada com eles. Tinham prostituído os ideais do seu povo recebendo dinheiro pelos seus serviços, tratando com desprezo milhares de anos de convicções. Saran encontrara-os eviscerados num monte, o seu sangue a

escorrer para o solo escuro da sua pátria.

Os outros dois Kpeth tinham desertado, acometidos do temor pelas próprias vidas. A criatura usara-os mais tarde como isco para uma armadilha. Os infelizes torturados haviam sido colocados no caminho dos exploradores, com as pernas partidas, deixados a cozer no calor do dia e suplicando por ajuda. Era suposto os seus gritos atraírem os outros. Saran não se deixou enganar. Abandonou-os ao seu destino e evitou o lugar onde se encontravam. Nenhum dos restantes se queixou.

Neste momento, havia a registar mais quatro mortes, todos homens quraal, todos impotentes em face da crueldade majestosa da selva do continente. Duas foram obra da criatura que os seguia. Um fora ao encontro da sua própria morte quando atravessava um desfiladeiro. Tinham perdido o último quando o seu ktaptha se virara. Acometido pela febre, não conseguira dominar a embarcação pouco funda feita de junco, e, quando esta se voltara a endireitar, ele já lá não se encontrava.

Nove mortos em duas semanas. Restavam três, contando consigo próprio. Não podia continuar assim. Apesar de terem conseguido sair das profundezas terríveis do centro do Okhamba, estavam ainda a dias do local de encontro - se fosse efectivamente existir um encontro - e não na melhor das formas.

Weita, o último Saramyr entre eles, não parava de tremer devido à mesma febre que ceifara o homem quraal, e estava exausto e no limite da sua sanidade. Tsata fizera um ferimento no ombro que provavelmente iria supurar a menos que tivesse oportunidade de procurar as ervas necessárias para se curar. Só Saran permanecia de boa saúde. Nenhuma doença o atacara e parecia infatigável.

Mas até ele começava a duvidar das hipóteses de chegarem vivos ao local do encontro, e as consequências eram bem maiores do que a sua própria morte.

Tsata e Weita estavam algures lá em baixo no leito seco do rio que existira naquele vale, escondidos no labirinto de blocos de pedra-sal com musgo nas extremidades. Aguardavam, tal como ele. E mais além, igualmente invisíveis, ficavam as armadilhas de Tsata.

Tsata era um natural de Okhamba, mas viera da parte oriental, onde passavam os navios mercantes do Saramyr. Era tkiurathi, um ramo completamente diferente dos Kpeth albinos e noctívagos. E também o único membro sobrevivente da expedição capaz de os tirar da selva. Nas últimas três horas, sob a sua orientação, tinham colocado laços de arame, armadilhas, buracos, estacas envenenadas e preparado os últimos explosivos. Seria praticamente impossível conseguir transpor o desfiladeiro sem accionar algo.

Saran não estava tranquilo. Permanecia tão imóvel quanto os mortos, a sua paciência infinita. Era um homem extraordinariamente atraente neste estado, com a pele suja e listrada de suor e o cabelo preto pelo queixo reduzido a tiras lisas e escorridas que se lhe colavam ao pescoço e às faces. Possuía as feições da aristocracia quraal, uma certa altivez na curvatura dos lábios, nos seus olhos castanho-escuros e no nariz pronunciadamente adunco. A sua habitual palidez fora

escurecida por meses de submissão ao calor intenso da selva, mas a sua compleição permanecia livre de qualquer sinal das provações que suportara.

Não obstante o desconforto, a vaidade e a tradição impediam-no de trocar o vestuário justo e austero da sua pátria por roupa mais adequada às condições. Trazia um casaco preto engomado que se enchera de rugas. A extremidade do seu colarinho alto era adornada com filigrana de prata que tecia delicadas voltas ao redor dos colchetes que iam da garganta à anca de um dos lados do peito. As suas calças faziam conjunto com o casaco, dando continuidade ao complexo motivo prateado, e estavam enfiadas em botas impermeabilizadas bem cingidas às barrigas das pernas que causavam uma insuportável fricção nas longas caminhadas.

Pendendo do seu pulso esquerdo - aquele que sustentava o cano da espingarda, - um pequeno ícone de platina, uma espiral com um escudo triangular, o emblema do deus quraal Ycths aonde fora buscar o seu segundo nome.

Analizou mentalmente a situação, sem tirar os olhos da vista agreste. O ponto mais estreito do desfiladeiro estava cheio de armadilhas e, de cada lado, as superfícies eram a pique.

Os blocos de pedra ali existentes, restos de anteriores derrocadas, estavam empilhados a dois metros e meio de altura ou mais, criando um labirinto através do qual o perseguidor teria de passar cuidadosamente. A menos que decidisse trepar até ao cimo e, nesse caso, seria abatido por Saran. Mais acima na vertente inclinada, a menor distância dele, o velho leito do rio alargava e as árvores apareciam subitamente, um choque de diferentes variedades que lutavam por espaço e luz, aglomerando-se próximo das margens secas. A ladear as árvores, mais paredes de pedra, cinzento-escuro com veios brancos. Saran tinha como prioridade manter a sua presa no barranco do leito do rio. Se ela saísse para as árvores...

Registou-se uma mancha infinitesimal de movimento no extremo do limite da visão de Saran. Apesar das horas de inactividade, a sua reacção foi imediata. Apontou e disparou. Ouviu-se um uivo, um som entre um guincho e um ronco vindo do fundo da vertente.

Saran reaprontou a espingarda num reflexo suave, puxando o fecho para trás e prendendo-o. Tinha uma nova dose de pólvora de ignição na câmara de explosão, que, pelas suas contas, daria para cerca de sete disparos em condições normais, talvez cinco neste ar húmido. A pólvora de ignição não era mesmo nada fidedigna.

A selva ficara silenciosa, perturbada pelo estampido artificial de uma arma de fogo. Saran manteve-se atento a outro sinal de movimento. Nada. Aos poucos, as árvores voltaram a sussurrar e a zumbir, os gritos dos animais e os chamados das aves misturando-se numa cacofonia idiota de actividade extrema.

— Atingiste-o? — perguntou uma voz junto ao seu ombro. Tsata, a falar Saramírico, a única língua comum aos três sobreviventes que restavam.

— É possível — respondeu Saran, sem tirar os olhos da mira.

— Ele sabe que estamos aqui — referiu Tsata, muito embora não fosse

explícito se o estaria ou não a afirmar por que Saran disparara sobre ele.

Era um excelente poliglota, mas não dominava na perfeição as complexidades da flexão do Saramírico, que eram praticamente incompreensíveis para alguém que não tivesse nascido lá.

— Ele já sabia — murmurou Saran, esclarecendo. Até ali, o perseguidor revelara-se de uma presciência inquietante, tendo conseguido antecipar-se-lhes inúmeras vezes, calculando o percurso deles e ignorando as pistas e falsos rastros que haviam deixado. Somente Tsata o conseguira vislumbrar, há dois dias, seguindo atrás deles para o desfiladeiro. Nem Tsata nem Saran tinham sequer a ilusão de que as suas armadilhas o apanhariam de surpresa. Apenas podiam alimentar esperanças de que não as conseguisse evitar.

— Onde está Weita? — indagou Saran, perguntando-se de repente por que razão Tsata estava aqui e não lá em baixo entre os blocos de pedra, onde era suposto estar. Às vezes desejava que os Okhambanos possuísem a mesma disciplina inveterada que os Saramyr e os Quraal, mas o seu temperamento anárquico predispunha-os à imprevisibilidade.

— A direita — indicou Tsata. — Na sombra das árvores. Saran não olhou. Preparava-se para formular uma pergunta quando se ouviu uma forte explosão no desfiladeiro, sacudindo as árvores e fazendo estremecer as rochas. Do meio do leito do rio, uma densa nuvem de pó branco subiu para o ar.

Os ecos da explosão pulsaram pelo céu, e a selva ficou mais uma vez silenciosa. Era estranha a ausência de sons animais; durante os meses em que tinham viajado, fora um ruído de fundo constante, e o silêncio era um doloroso vazio.

Durante um longo momento, nenhum deles se mexeu nem respirou. Por fim, a deslocação do sapato de Tsata na pedra quebrou o feitiço. Saran arriscou deitar um olhar ao Tkiurathi, que estava acorado a seu lado apoiado num joelho, escondido pela casca macia da chapapa que abrigava ambos. Não houve troca de palavras. Eram desnecessárias. Limitaram-se a esperar até que a poeira da rocha dissipasse e assentasse, depois retomaram a sua vigia.

Mesmo assim, Saran estava um pouco mais à vontade do que o companheiro a seu lado. O seu aspecto era estranho e ainda mais estranha a sua atitude, mas confiava nele, e Saran não era pessoa para confiar facilmente em alguém.

Os Tkiurathi eram essencialmente mestiços, fruto das relações sexuais entre os sobreviventes do êxodo original do Quraal há mais de mil anos e os povos nativos que encontraram do lado de lá do continente.

Tsata apresentava o matiz dourado esbranquiçado resultante, fazendo-o parecer alternadamente saudável e bronzado ou pálido e doentio, dependendo da luz. O cabelo louro-alaranjado fora puxado para trás acompanhando o crânio e endurecido com seiva. Vestia um colete simples de cânhamo acinzentado sem mangas e calças do mesmo tecido, mas nos sítios onde não estava tapado, era possível ver a imensa tatuagem que se estendia pelo seu corpo.

Era um complexo padrão de espirais verdes no fundo da sua pele amarelópálida, que começava na região lombar e dali partiam ramificações que davam a volta por cima dos ombros, seguiam pelas costelas e desciam às barrigas das pernas para se enrolarem ao redor dos tornozelos. Dividiam-se e divergiam, terminando em pontas, rigidamente simétricas, de cada lado do comprido eixo do seu corpo.

Vinham ramificações mais pequenas pelo pescoço e por debaixo da linha do cabelo, ou então deslizavam pela face para acompanharem a curva das órbitas. Passavam dois rebentos estreitos por debaixo do queixo, entrelaçando-se para virem terminar no lábio. De dentro da máscara tatuada que lhe emoldurava as feições, os seus olhos inspeccionavam o desfiladeiro lá em baixo, da mesma cor da tinta que o manchava.

Talvez passada cerca de uma hora, Weita reuniu-se-lhes. Parecia pálido e doente, o seu cabelo curto baço e os olhos um pouco brilhantes de mais.

— O que estás a fazer? — perguntou com enfado.

— A espera — respondeu Saran.

— À espera do quê?

— De ver se ele se volta a mover.

Weita praguejou entredentes.

— Não viste? Os explosivos! Se não o mataram, então uma das outras armadilhas tê-lo-á.

— Não podemos arriscar — referiu Saran num tom de voz implacável. — Pode estar apenas ferido. Pode ter accionado a armadilha propositadamente.

— Afinal, quanto tempo é que vamos ficar aqui sentados? — quis saber Weita.

— O tempo que for necessário — disse Saran.

— Até a luz começar a diminuir — afirmou Tsata.

Saran aceitou a contradição sem rancor. No seu íntimo, preocupava-o que a criatura pudesse ter já saído do desfiladeiro e alcançado a linha das árvores, muito embora achasse improvável que o pudesse ter feito sem a haver vislumbrado. Depois do pôr do Sol, contaria aqui com a vantagem da sombra, e até os olhos de Tsata adaptados ao escuro teriam dificuldade em detectá-lo a semelhante distância.

— Até lá — corrigiu-se Saran.

Todavia, apesar de os insectos os picarem e o ar ficar húmido até ser consideravelmente maior o esforço para respirarem, a sua vigília não compensou. Não viram mais nenhum sinal do perseguidor.

Os protestos de Weita de nada lhe valeram. Saran era capaz de esperar eternamente, e Tsata sentia-se o mais seguro possível nesta matéria. A sua preocupação era o bem-estar do grupo, como sempre sucedera, e sabia que não deveria subestimar o perseguidor deles. Mas Weita não parava de se queixar, ansioso por ir lá abaixo às rochas ver o cadáver do inimigo, ansioso por se livrar do medo da criatura que apenas Tsata vira até então, o agente invisível de vingança que

adquirira, na imaginação de Weita, a estatura de um demónio.

Finalmente, uma hora antes do pôr do Sol, Tsata desencostou-se do tronco da chapapa e murmurou:

— Devíamos ir agora.

— Até que enfim! — exclamou Weita.

Saran levantou-se de onde estivera deitado de bruços durante quase todo o dia. Nos primeiros tempos da expedição, Weita ficara maravilhado com a resistência do homem; agora irritava-o tão-somente.

Nesta altura, Saran deveria estar cheio de dores, mas parecia tão lesto como se tivesse apenas ido dar um passeio.

— Weita... tu e eu vamos dispersar-nos pelas rochas e avançar de cada lado. Sabes onde estão as armadilhas; tem cuidado. A explosão pode não ter accionado todas. — Weita anuiu, escutando-o apenas em parte.

— Tsata, mantém-te elevado. Vai pelo cimo dos blocos de pedra. Se ele tentar disparar ou arremessar-te algo, desce e volta para aqui o mais depressa que puderes.

— Não - redarguiu Tsata. — Pode já estar nas árvores. Serei um alvo fácil.

— Se fugiu do desfiladeiro, então somos todos alvos fáceis — respondeu Saran. — E precisamos de alguém lá em cima para o detectar.

Tsata pensou por um momento.

— Compreendo — disse. Saran depreendeu que ele concordava com o plano.

— Não baixem a guarda — aconselhou-os a todos Saran. — Temos de presumir que ele ainda está vivo e continua a ser perigoso.

Tsata verificou a espingarda, voltou a enchê-la e aprontou-a. Saran e Weita esconderam as suas na vegetação rasteira. As espingardas só seriam um estorvo nas proximidades do leito do rio. Puxaram antes de armas brancas, Weita, de uma espada curta e curva e Saran, de um punhal comprido. Depois, abandonaram o esconderijo e avançaram para as rochas.

O calor era pior nos corredores estreitos entre os blocos de pedra. O ar sufocante ficava preso, sem vento que o fizesse circular. A luz inclinada incidia nos rostos dos exploradores ao transporem as pronunciadas linhas divisórias entre o sol forte e a sombra quente e vice-versa. O solo estava cheio de cascalho, apesar de grande parte dos detritos menores ter sido levada pelas chuvadas que transformavam o rio num fantasma da sua antiga glória durante um período de escassas semanas. O que restava era demasiado pesado para a corrente o deslocar: montes imponentes de pedra esbranquiçada, partida e alisada pelo sol e a água.

Saran deslizava de rocha em rocha, uma sucessão de cantos sem saída, confiando no seu sentido de orientação para o continuar a levar na direcção certa. Algures por cima deles, obscurecido pelos pedregulhos, Tsata mantinha-se em terreno elevado, galgando os estreitos abismos com a sua espingarda a postos, atento a qualquer movimento. Conseguia ouvir Weita pelo som do arrastar dos seus pés.

O Saramyr nunca conseguia ser silencioso; faltava-lhe a graciosidade.

— Estás a aproximar-te das armadilhas — alertou Tsata lá de cima.

Saran abrandou, procurando as marcas que tinham traçado na pedra-sal, sinais codificados para os avisar da localização das armadilhas e buracos. Avistou uma, olhou para baixo e pisou o arame muito fino colocado dois dedos acima do solo.

— Consegues vê-lo? — perguntou Weita. Saran sentiu um acesso de exasperação. Era deplorável a noção que Weita tinha de acção furtiva.

— Ainda não — respondeu Tsata, a sua voz descendo até eles. Estava já tão exposto que não precisava de se preocupar em evitar correr mais riscos por falar.

Os blocos de pedra não se aglomeravam tanto aqui, e Saran captou um vislumbre do seu companheiro tkiurathi, a alguma distância, avançando com extrema cautela.

— Em que direcção devo ir? — perguntou novamente Weita.

— Estás a ver o pedregulho à tua direita? Aquele que está partido ao meio? — inquiriu Tsata.

Saran ia a passar ao lado de um buraco disfarçado quando se apercebeu de que Weita não respondera. Ficou estático.

— Weita? — insistiu. Silêncio.

Saran sentiu o seu coração começar a acelerar. Colocou-se em segurança e fechou os dedos sobre o cabo do punhal.

— Saran — alertou Tsata. — Acho que ele está aqui.

Tsata sabia que não valia a pena esperar pela resposta. Saran viu-o desaparecer de vista e embater no solo, procurando a cobertura dos blocos de pedra. Ficou então sozinho.

Afastou o cabelo escorrido do rosto, agitado, apurou o ouvido para captar um som, um passo: algo que pudesse indicar a localização da criatura. Weita estava morto, tinha a certeza disso. Nem mesmo ele seria estúpido ao ponto de lhes pregar semelhante partida. O que o incomodava era a forma silenciosa como ele morrera.

Era bom não ficar parado. Deslocando-se, Saran sempre podia ter a vantagem da surpresa. Continuou a avançar pela confusão de penedos de pedra-sal, comprimindo-se por entre uma fenda onde dois deles tinham resvalado e ficado encostados. A coisa maldita fizera-lhes uma espera, atraíra-os aqui. Agora não se punha a questão da fuga. Não teriam hipótese.

Quase não reparou num sinal codificado com a crescente agitação, captando-o mesmo a tempo de accionar uma armadilha. Olhando para cima, viu as escoras que sustentavam uma pedra em equilíbrio sobre a sua cabeça. Passou por baixo do arame à altura do peito e por cima do segundo ao nível do tornozelo colocado logo a seguir. Chegara agora às imediações dos detritos arremessados pela explosão. Estranhou que a armadilha permanecesse intacta. Havia pequenas pedras e pó espalhados por debaixo dos seus pés. Prosseguiu então cuidadosamente.

A quietude era aterradora. Conquanto os milhares de sons da selva fossem agudos no mundo fora dos corredores misteriosos e irregulares de luz e sombra que atravessava, no interior reinava o silêncio. Escorriam-lhe gotas de suor do maxilar. Tsata ainda estaria vivo, ou a coisa também o apanhara?

Uma pedra fez barulho.

Saran reagiu rapidamente. A criatura moveu-se uma fracção ainda mais depressa. Nem sequer tivera tempo de a ver antes de o instinto lhe puxar a cabeça para trás e para o lado. As suas garras foram uma névoa, deixando-lhe dois cortes superficiais de lado no pescoço. Ainda a dor não se manifestara quando se deu o golpe seguinte, mas desta vez Saran tinha o punhal em riste, e a coisa gritou e recuou célere, vindo imobilizar-se com o peso uniformemente distribuído, momentaneamente à distância.

Com uma pequena nuvem de pó branco, dois dedos com garras caíram no solo entre os combatentes. Saran ocupava uma posição baixa, o punhal escondido atrás do seu braço dianteiro de forma a disfarçar o próximo ângulo de ataque. O ferimento na sua garganta começava a arder. Veneno. O seu olhar percorreu o adversário. Tinha a forma humanóide e, no entanto não o era, como se um oleiro louco tivesse pegado no molde de um homem e o transformasse em algo medonho. O rosto parecia ter sido puxado para trás sobre o crânio alongado, as feições esticadas, os olhos negros de tubarão inseridos em órbitas oblíquas e o nariz espalmado. Os dentes eram perfeitamente direitos e regulares, uma fila dupla de agulhas da espessura de um cálam, escuros do sangue fresco e implantados numa boca impossivelmente grande. Membros esguios cheios de músculos salientes por debaixo de pele macia cinzenta e vestígios de pregas de carne semelhantes a barbatanas seguiam ao longo dos antebraços, das coxas e da cauda preênsil simiesca que se enrolava a partir do cóccix.

Saran vira no Saramyr Aberrantes mais medonhos na forma do que este, mas eram acidentes. Esta coisa fora feita assim, carne trabalhada no ventre para ter este aspecto hediondo, os seus atributos alterados para o adaptarem a um fim: ser o caçador perfeito. Surgira agora uma faca na sua mão, uma faca do mato extraordinariamente curva, mas por enquanto não fazia movimentos de ataque. Sabia que conseguira atingir o adversário e esperava que o veneno nas suas garras fizesse efeito.

Saran recuou um passo, cambaleante, a sua postura descaída, os olhos muito mortiços. A criatura avançou para ele, a faca inclinada para lhe abrir a garganta. Só que a garganta de Saran não estava lá quando o golpe foi desferido; ele desviara-se já para o lado, o punhal subindo na direcção do peito estreito da criatura. Saran não sentia nem metade da debilidade aparentada. Apanhado de surpresa, quase nem se esquivou; a ponta do punhal de Saran abriu-lhe um longo sulco pelas costelas abaixo. Não houve um instante de pausa. Voltou a atacar, mais depressa desta vez, menos certo da debilidade da vítima. Saran parou o golpe com um áspero

entrechocar de metal e bateu com força no pescoço da criatura.

Mas o seu adversário fluíu como água, e o golpe atingiu o nada deixando Saran perigosamente esticado. A criatura agarrou-lhe o pulso com uma força férrea e atirou-o fisicamente por cima do ombro; Saran atravessou o ar durante um momento de pânico antes de embater no solo duro, o punhal em voo livre por cima da pedra.

Incapaz de sustentar a deslocação, cambaleou, sentindo dois puxões fortes no seu corpo no momento em que estacou.

Os arames.

Deu um puxão com os pés e saltou para trás uma fracção de segundo antes de a armadilha cair por terra no sítio onde estivera a sua cabeça. Com um movimento fluido, pôs-se em pé, mas o seu adversário saltava já por cima dos detritos da armadilha antes mesmo de a poeira ter assentado, absolutamente implacável. Saran mal teve tempo de se aperceber de que perdera o punhal; bloqueou na ascendente com a mão por dentro do movimento da faca da criatura, apanhando-a pelo interior do pulso, mas surgira já outra faca não se sabe de onde, o seu próprio punhal, vindo direito ao seu rosto. Desviou-se, célere, o gume falhando por uma nesga a cana do seu nariz, mas houve qualquer coisa que lhe prendeu o tornozelo e caiu para trás, desequilibrando-se. Quando isso sucedeu, ouviu-se o silvo áspero de movimento e algo passou desfocado pela sua vista, agitando-lhe o cabelo com o vento da deslocação; a seguir, um impacto pesado e húmido, e um momento depois ficou estendido por terra, de costas e completamente indefeso perante o golpe de morte do adversário.

Mas não houve nenhum golpe. Olhou para cima.

A criatura jazia sem vida diante de si, o corpo inerte, sustentado no ar pela fila traiçoeira de estacas que a tinham empalado através do peito. Saran fora literalmente apanhado por uma armadilha, e a árvore jovem dobrada que se soltara passara diante do seu rosto quando caíra de costas e apanhara antes a criatura. Ficou ali estendido por um longo momento, sem querer acreditar, e depois começou a rir convulsivamente. A monstruosidade trabalhada artificialmente pendia como uma marioneta com os cordéis cortados, a cabeça tombada, os olhos pretos sem verem.

Tsata encontrou Saran a sacudir o pó e ainda a rir. A mera hilaridade do momento tornara-o leviano. O Tkiurathi observou a cena com a perplexidade estampada no rosto.

— Estás ferido? — perguntou.

— Um pouco de veneno—respondeu Saran. — Nada de especial. Acho que vou estar indisposto durante algum tempo, mas nada de especial. Aquela coisa contava arrumar-me de vez. — Recomeçou a rir.

Tsata, que estava familiarizado com a notável constituição de Saran, não fez mais perguntas. Observou a criatura que fora apanhada na armadilha de estacas.

— Por que te estás a rir? — inquiriu.

— Ó deuses, foi tão rápido, Tsata! — Fez um esgar. — Enfrentar algo

daquela natureza e vencê-lo... é uma sensação... hilariante.

— Fico contente— congratulou-se Tsata. — Mas ainda é cedo para comemorarmos.

A gargalhada de Saran passou a um riso entredentes pouco definido.

— O que queres dizer? — perguntou. — Está morto. Eis o teu perseguidor. Tsata fitou-o, e o seu olhar verde-pálido não tinha vida.

— Eis um perseguidor — corrigiu. — Não é aquele que eu vi há dois dias. Saran ficou estarecido.

— Existe outro — constatou Tsata.

CAPÍTULO 2

A lua sulcada Iridima pairava ainda alto a norte quando a alva invadiu o céu a nascente numa tempestade de fogo.

Começou por um modesto monte vermelho, crescendo de tamanho e brilhando com ainda maior intensidade à medida que deslizava sobre a curva do horizonte. Por debaixo dele, o mar, que ficara enturvado sob o brilho de Iridima e a imensa superfície manchada da sua irmã Aurus durante a noite, agarrou o sol tal como um coro hesitante apanha uma melodia. Ao longe, fulgiam reflexos dispersos, brilhando com o ritmo do fluxo e refluxo das ondas. Começaram a contagiar as elevações vizinhas com um acompanhamento cintilante, marcando um compasso diferente ao serem agitadas pelas correntes ocultas e a lembrança das gravidades caóticas das duas luas. O céu lá por cima começou a mudar do preto para um azul carregado, intenso, as estrelas sumindo gradualmente.

As fases finais deram-se num repente. O processo gradual e calmo mergulhou na desordem ao atingir um crescendo, e o rebordo superior do olho de Nuki espreitou por cima da orla do planeta, um arco branco resplandecente que incendiou o oceano em toda a sua largura. A claridade estendeu-se além-mar, sobre as manchas minúsculas dos juncos de Saramyr que navegavam em direcção à costa ocidental e espalhou-se pela terra do outro lado: uma colossal vastidão verdejante tão abrangente e aparentemente infinita quanto o mar que banhava as suas costas. Okhamba.

O porto de Kisanth situava-se no recesso abrigado de uma lagoa, separada do mar por uma gigantesca superfície de rocha antiga. A austera massa negra mantinha as águas da lagoa a salvo da fúria das tempestades que fustigavam a costa leste nesta altura do ano, ao mesmo tempo que uma infinidade de canais subterrâneos proporcionava uma abundante entrada de peixe vindo do alto mar. Inúmeros períodos de erosão haviam alargado um destes canais, acabando por destruir a rocha por cima e fazer com que uma sua parte se desmoronasse, formando um túnel alto com largura suficiente para permitir a entrada dos grandes navios mercantes.

O Heart of Assantua deslizou por aquela fissura, as suas escotas tipo leque arriadas. Passou do calor do sol do princípio da manhã para a obscuridade fria e húmida, onde o tecto pingava e ecoava, onde as lanternas lançavam um triste brilho no escuro e os passadiços de corda seguiam ao longo das paredes. O interior do túnel era tão rugoso e irregular quanto o fora na altura em que se formara há todos aqueles anos, antes de os colonizadores fugirem daqui em virtude da florescente Teocracia do Quraal, antes mesmo de se terem apercebido do tipo de pesadelo primitivo em que se estavam a meter.

Olhos atentos orientavam a sua marcha lenta através da misteriosa média-luz. Efectuavam-se ínfimos ajustamentos no leme à medida que as instruções eram berradas da proa. Havia uma dúzia de homens na coberta munidos de compridas

varas de empurrar, prontos a usar o seu peso combinado para desviar a trajectória do junco bojudo, caso ele fosse passar demasiado próximo dos costados. Durante uns longos minutos, os passageiros atravessaram o mundo estranho e fechado que ligava o porto ao oceano; e depois o fim do túnel ficou para trás e saíram, o céu azul novamente por cima deles.

Dois terços da lagoa encontravam-se ainda na sombra da parede de rocha, mas a sua margem ocidental estava banhada de luz, e eis ali Kisanth, e o fim de uma longa viagem.

O porto estendia-se alegremente pela orla da lagoa e pela inclinação íngreme da bacia florestada que a rodeava. Era uma impetuosa explosão de molhes e pranchas de madeira, cabanas pintadas de cores garridas e armazéns com a tinta a cair, escritórios e bordéis. Os trilhos de terra batida foram cobertos com tábuas e, de um lado e do outro, estalagens e bares de aspecto frágil.

Bancas vendiam produtos alimentares do Saramyr e do Okhamba em igual medida ou combinação. Pequenos juncos e ktaptha deslizavam das praias na margem norte, seguindo na esteira dos navios maiores que se arrastavam na direcção dos pontões aracneiformes da doca. Carpinteiros navais martelavam nos cascos na areia. Tudo em Kisanth estava pintado com cores ofuscantes e tudo se apresentava desbotado devido aos raios abrasadores do sol e à arremetida das tempestades.

Era um mundo vivo de tábuas empenadas e tabuletas a desfazer-se aos poucos que tentavam disfarçar o seu constante estado de degradação distraindo a vista com a garridice.

O Heart of Assantua desfraldou as velas mais pequenas para o último bordejo tranquilo pela lagoa, encontrou um molhe vazio e aprofundou nele. As varas de empurrar desapareceram então e descenderam amarras grossas a serpentear até às mãos dos trabalhadores das docas que aguardavam, e as prenderam de forma enérgica a postes resistentes. O junco imobilizou-se e fechou-se como um pavão.

As formalidades de desembarque estenderam-se pela maior parte da manhã. Sendo Kisanth uma colónia do Saramyr, havia que proceder a rigorosas verificações. Funcionários e ajudantes vestidos a preceito anotavam a carga, controlavam os passageiros pela lista, registavam quaisquer óbitos ou desaparecimentos em trânsito, inquiriam sobre a finalidade da deslocação a Kisanth e se ficavam ou partiam.

Apesar de serem perguntas de rotina, os funcionários executavam a tarefa com escrupuloso zelo, considerando-se os guardiões da ordem nesta terra indómita, bastiões contra a insanidade brutal que reinava fora do perímetro da sua cidade. Quando ficou tudo a seu contento, foram ter com o director das docas, que verificou novamente a lista e depois a entregou a um Tecedor. No final da semana, o Tecedor transmitiria a informação a um congénere no Saramyr, fazendo a ligação entre os continentes no tempo de um pensamento, e o Tecedor receptor informaria o director das docas dali da chegada a bom porto dos navios mercantes da sua possessão. Era um sistema manifestamente bem estruturado e eficaz, e típico de Saramyr.

Não que isso dissesse, porém, respeito a duas das passageiras, que viajavam com nomes supostos e documentos falsificados, e que passaram pelos múltiplos controles sem levantarem as suspeitas de ninguém. Kaiku tu Makaima e Mishani tu Koli vinham no meio dos seus companheiros de viagem, trocando despedidas e promessas vãs de se voltarem a ver, dispersando depois ao fundo do cais e dirigindo-se para as ruas de madeira. Ao cabo de um mês a bordo do navio, sentiam as pernas inseguras e o ânimo elevado. A viagem desde Jinka na costa noroeste do Saramyr reduzira o seu mundo aos limites do luxuoso junco.

Ignorados em grande medida pelos marinheiros atarefados, e com pouco mais que fazer, os passageiros haviam ficado a conhecer-se bem. Mercadores, emigrantes, exilados, diplomatas: todos tinham encontrado uma base comum durante a viagem, formando uma frágil comunidade que na altura se afigurara valiosa, mas que estava já a desmoronar-se à medida que o seu mundo se voltava a expandir e as pessoas se lembravam dos motivos que as haviam levado, antes de mais, a atravessar o mar. Agora tinham os seus assuntos a tratar, assuntos que eram suficientemente importantes para se justificar que passassem um mês em trânsito, e esqueciam as amizades precipitadas ou os encontros mal-avisados.

— Estás demasiado sentimental, Kaiku — disse Mishani à sua companheira ao afastarem-se do cais.

Kaiku riu-se.

— Já devia estar à espera de ouvir esse comentário vindo de ti. Devo presumir que tu não lamentas ver partir nenhum deles?

Mishani olhou para Kaiku, que das duas era quem tinha vários centímetros a mais.

— Mentimos-lhes a viagem inteira — referiu com secura. — Acerca das nossas vidas, das nossas infâncias, das nossas profissões.

Não me digas que acalentaste a esperança de os voltar a encontrar?

Kaiku esboçou o que poderia ter sido um leve encolher de ombros, um gesto curiosamente pueril para uma mulher ágil e bela que se aproximava da vigésima sexta apanha.

— Além disso, se tudo correr bem, estaremos longe daqui dentro de uma semana — prosseguiu Mishani. — Aproveita bem enquanto podes.

— Uma semana... — Kaiku suspirou, temendo já a perspectiva de embarcar noutro navio, mais um mês para voltar a cruzar o oceano. — Espero que este espião valha a pena, Mishani.

— É bom que sim — referiu Mishani, com um sentimento incaracterístico na voz.

Kaiku absorveu com fascínio as vistas e os sons de Kisanth enquanto subiam escadas e percorriam caminhos de tábuas, perdendo-se no âmago da cidade. Os seus primeiros passos num continente desconhecido.

Tudo o que as rodeava apresentava uma diferença subtil e uma novidade

indefinível. O ar era mais húmido e agreste do que o Verão seco que tinham deixado para trás. Os sons dos insectos eram diferentes, lânguidos e lúgubres em comparação com os ruidosos chikikii que conhecia. O céu era de um azul mais carregado, mais exuberante.

E a própria cidade era diferente de tudo o que visitara antes, reconhecível de imediato como do Saramyr e, no entanto, incontestavelmente estranha. As ruas quentes chiavam e estalavam à medida que o sol aquecia o tabuado debaixo dos pés, que fora assente para manter os trilhos transitáveis quando a chuva transformava as bordas da bacia em lama. Cheirava a sal, a tinta e a terra húmida, e a especiarias para as quais Kaiku não tinha sequer um nome. Detiveram-se junto a uma banca de rua e compraram pntbe a uma velha mirrada, um prato típico do Okhamba feito com moluscos sem casca, arroz-doce e legumes envoltos numa folha comestível. Um pouco mais adiante, sentaram-se numas escadas largas - tendo visto os outros fazer o mesmo - e comeram o pnthe com as mãos, maravilhando-se com a novidade da experiência, sentindo-se novamente crianças.

Formavam um par estranho. Kaiku projectava energia, as suas feições cheias de vida; o rosto de Mishani apresentava-se sempre parado, sempre controlado, não registando nele qualquer emoção, a menos que o desejasse. Kaiku era atraente por natureza, com um nariz pequeno e olhos castanhos inquietos, e o seu cabelo acastanhado apresentava um corte moderno com uma franja a cobrir-lhe habilidosamente um olho. Mishani era pequena, feia, pálida e magra, com uma massa de cabelo preto que lhe descia até aos tornozelos numa cuidada combinação de tranças grossas e ornamentos presos com tiras de couro vermelho-escuro, um penteado muito pouco prático para alguém que não fosse de origem nobre e digno de toda a solenidade. As roupas de Kaiku eram pouco femininas e simples, ao passo que as de Mishani eram elegantes e manifestamente caras.

Terminaram a refeição e partiram. Mais tarde, encontraram uma casa de hóspedes e mandaram carregadores ir buscar a sua bagagem ao navio. O tempo que passariam juntas em Kisanth seria breve. Pela manhã, Kaiku partiria para o interior, enquanto Mishani ficava a tratar do regresso ao Saramyr. Kaiku arranjou uma guia e fez os preparativos para a partida.

Foram dormir.

A mensagem que chegara ao Recesso oito semanas antes fora da máxima prioridade e extremo secretismo, e tanto Kaiku como Mishani só se aperceberam disso quando as duas foram chamadas por Zaelis tu Unterlyn, líder dos Libera Dramach.

Com Zaelis estava Cailin tu Moritat, uma Irmã da Ordem Vermelha e mentora de Kaiku nas suas actividades. Era alta e fria, envergando as vestes da Ordem, um comprido vestido preto cingido ao corpo e um rufo de penas de corvo sobre os ombros. O seu rosto estava pintado de forma a denotar a sua filiação: os triângulos vermelhos e pretos nos lábios e crescentes gémeos em vermelho-claro

curvando da testa, por cima das pálpebras e das faces. O seu cabelo preto caía-lhe pelas costas em dois rabos-de-cavalo grossos, acentuados por um pequeno círculo de prata na testa, e onde a luz incidia, tinha um brilho azul.

Haviam combinado entre si falar a Kaiku e Mishani da mensagem. Um conjunto de informações codificadas, passadas por muitas mãos desde a ponta noroeste do Okhamba, pelo mar até ao Saramyr e depois a Falha de Xarana e o Recesso.

— Chegou de um dos nossos melhores espiões — disse Cailin, a sua voz como uma lâmina envolta em veludo. — Eles precisam da nossa ajuda.

— O que podemos fazer? — indagara Mishani.

— Temos de os tirar do Okhamba.

Kaiku adoptara uma expressão inquiridora.

— Por que é que eles não o fazem sozinhos?

— A circulação entre Saramyr e Okhamba tem sido quase estrangulada pelas ruinosas taxas de exportação do Imperador— explicou Mishani. — Depois de as lançar, o Consórcio Comercial das Colónias respondeu com um embargo a todas as mercadorias do Saramyr.

Kaiku emitiu um ruído neutro. Tinha pouco interesse na política, e isto era novidade para si.

— O cerne da questão é: o nosso espião não consegue atravessar o oceano para o Saramyr — pormenorizou Cailin.. — Regista-se ainda um pequeno comércio entre Saramyr e Okhamba, visto a escassez de produtos do Saramyr ter feito subir consideravelmente o preço para poder sobreviver ali um pequeno mercado; mas quase nenhum navio passa no outro sentido. Os mercadores tendem a viajar dali para Quraal ou Yttryx.

Estão a tentar superar a crise virando-se para o exterior, onde o dinheiro ainda abunda.

Mishani, sempre a mais perspicaz, percebera já aonde eles queriam chegar.

— Têm passagem para sair do Saramyr— referiu. — Mas nenhum navio para regressar. E para isso, vão precisar de mim.

— Efectivamente—afirmou Cailin, observando-a com atenção para ver se detectava uma reacção e não vendo nenhuma.

Kaiku olhou ora para uma ora para a outra, e depois para Zaelis, que passava distraidamente os nós dos dedos pela barba branca curta.

— Quer dizer que ela teria de ir até à costa? Mostrar-se em público num porto? — indagou, a preocupação na sua voz.

— Nada mais simples — afirmou Mishani com um sorriso triste.

— Seria praticamente impossível tratar de tudo. Teria de me deslocar ao Okhamba.

— Não! — disse Kaiku automaticamente, deitando um olhar irado a Cailin. — Ó vida! Ela pertence a uma das famílias marítimas mais conhecidas no Saramyr!

Outro que o faça.

— É precisamente por isso que ela deve ir — insistiu Cailin. — O nome dos Sangue Koli tem grande peso entre os mercadores. E ela possui ainda muitos contactos.

— Precisamente por isso é que ela não deve ir — contrapôs Kaiku.

— Seria reconhecida. — Virou-se para a amiga. — E o teu pai, Mishani?

— Tenho conseguido evitá-lo nestes últimos cinco anos, Kaiku — respondeu Mishani. — Terei de arriscar.

— Não será de mais referir-te a importância desta pessoa — Zaelis falou calmamente, endireitando os ombros. — Nem da informação de que é portadora. Basta dizer que, dado terem pedido o nosso auxílio, é porque não lhes restará nenhuma outra alternativa.

— Nenhuma outra alternativa? — exclamou Kaiku. — Se este espião é tão bom quanto julgam, nesse caso, por que não consegue voltar pelos seus próprios meios? Deve haver alguns navios, mesmo que só transportem passageiros. Ou por que não seguem a rota do Quraal? Levaria mais alguns meses, mas...

— Nós não sabemos — interrompeu-a Zaelis, levantando uma mão. — Só temos a mensagem. O espião precisa da nossa ajuda.

Mishani apoiou uma mão no braço de Kaiku.

— Eu sou a única que o pode fazer — referiu tranquilamente.

Kaiku sacudiu o cabelo com agressividade, deitando um olhar fuzilante a Cailin.

— Assim sendo, eu vou com ela.

Aflorou um sorriso vago aos lábios da dama mais alta.

— Nem eu esperava outra coisa.

CAPÍTULO 3

O lusco-fusco da pré-alva no Okhamba era uma altura serena, uma pausa nos ritmos da selva enquanto as criaturas noctívagas sossegavam e se vinham esconder do dia que ia clareando sucessivamente.

O ar estava morno e parado. Ao longe pairava uma bruma, que se estendia indolentemente pelo solo ou se infiltrava sinuosamente por entre os troncos das árvores de onde pendiam lianas. As margaridas-dos-campos, que se tinham virado durante a noite para seguir a luminescência forte de Iridima, fechavam-se agora para proteger as suas células sensíveis do brilho intenso do olho de Nuki.

O ruído ensurdecedor das horas escuras diminuiu até desaparecer, e o silêncio pareceu doloroso. Naquela hora, a terra ficou adormecida, sustendo a sua respiração na expectativa trémula do dia. Kaiku deixou Kisanth naquele estado de paz sobrenatural, seguindo a guia. O porto estava rodeado de uma enorme muralha paliçada junto à orla da bacia onde ficava a lagoa, com um único portão equilibrado por contrapesos para deixar os viajantes entrar e sair.

A seguir havia uma clareira ampla, onde as árvores foram deitadas abaixo por causa da visibilidade. Para norte, estendia-se uma estrada de terra batida, e para noroeste uma outra mais estreita, as suas bermas tornadas irregulares pela invasão da vegetação rasteira. Havia um portal de preces a Zanya, deusa dos viajantes e mendigos do Saramyr, no meio da clareira. Eram dois postes talhados sem uma trave mestra, as suas superfícies retratando os vários feitos de Zanya no Reino Áureo e no Saramyr. Kaiku reconheceu a maior parte deles à primeira vista: um homem generoso que dava a sua última côdea a outro mendigo, vindo a descobrir que afinal era a deusa disfarçada e sendo ricamente recompensado; Zanya punindo os mercadores perversos que flagelavam os vadios que vinham ao mercado; os navios dos Antepassados deixando o Quraal, Zanya seguindo na frente com uma lanterna para alumiar o caminho.

O portal estava bastante danificado pelas intempéries para se distinguir que pormenores lá tinham estado em tempos, mas a iconografia era bastante familiar a Kaiku.

Ofereceu um curto mantra à deusa, adoptando automaticamente a forma da postura feminina para a prece de pé: a cabeça baixa, as mãos diante de si em concha, a esquerda por cima da direita com a palma para baixo, a palma da mão direita como se aninhasse uma bola invisível. A guia - uma mulher tkiurathi idosa e engelhada - encontrava-se perto e assistia desinteressadamente. Mal Kaiku terminou e transpôs o portal, dirigiram-se para a selva.

A viagem até ao local do encontro levava apenas um dia de caminho, um local escolhido - calculava Kaiku - por ficar quase à mesma distância das três cidades, uma das quais era Kisanth, enquanto as outras duas se situavam ao longo de um rio que conduzia a outro porto marítimo alguns quilómetros depois. O espião

escolhera este local por ser intencionalmente vago em relação ao local de partida, no caso de alguém decodificar o todo ou parte da mensagem que fora enviada para o Recesso. Kaiku começou a tentar imaginar como seria a pessoa com quem era suposto encontrar-se. Não sabia o seu nome, nem se era homem ou mulher, nem sequer se era mesmo do Saramyr. Quando protestara por Zaelis e Cailin não a informarem, eles tinham-se limitado a responder que existiam "razões", recusando-se a falar mais do assunto. Não estava acostumada a ver a sua curiosidade assim tão frustrada. Só aguçava mais o seu interesse.

A partir do momento em que deixaram o perímetro do domínio do homem, a terra tornou-se árida. As estradas - que comunicavam com outros povoados e com os campos de cereais nas encostas das montanhas - seguiam no sentido contrário ao que Kaiku queria tomar, pelo que foram obrigadas a viajar a pé e através da densa folhagem. O caminho era difícil, e nem sequer se podia falar de trilhos.

O terreno debaixo dos pés era irregular, tendo sido humedecido por chuvas recentes. A espingarda de Kaiku batia nas lianas com incómoda regularidade, e começou a lamentar tê-la sequer trazido. Foram obrigadas a deslocar-se pelos taludes lamacentos, a escalar vertentes rochosas que escorriam água, a abrir caminho pelo meio de superfícies enredadas de plantas rastejantes com a knaga, uma faca tipo foice usada no Okhamba para as viagens pela selva. Contudo, apesar de tudo isso, Kaiku achou a selva extraordinariamente bela e serena no silêncio que antecede a alva, e sentiu-se como uma intrusa ao pisar e destruir o misterioso mundo inferior de ramos e emaranhados.

A terra foi aquecendo à volta delas enquanto se deslocavam, fazendo-se acompanhar do coro sempre crescente de chamamentos animais, criaturas gritando umas às outras do tecto entrelaçado das copas das árvores lá em cima. Aves, com gritos simultaneamente belos e grotescamente medonhos, começaram a cantar dos seus pontos de vantagem invisíveis. Rãs enchiam o papo e coaxavam; a vegetação rasteira roçagava; coisas corriam céleres entre os troncos das árvores, por vezes atravessando-se no caminho das viajantes. Kaiku apercebeu-se de que, inconscientemente, estava a ficar para trás, querendo absorver as sensações à sua volta, até a guia lhe falar com aspereza em Okhambano e ela se apressar a apanhá-la.

De início, Kaiku tivera algumas dúvidas em relação à guia que contratara, mas a velha revelou-se bem mais forte do que aparentava. Muito depois de os músculos de Kaiku começarem a doer de subir penosamente declives cruéis e cortar as omnipresentes lianas que pendiam entre as árvores, a Tkiurathi continuava a avançar infatigavelmente. Era resistente, apesar de Kaiku calcular que já deveria ter ultrapassado a quinquagésima apanha. Os Okhambanos não contavam os anos, nem registavam a sua idade.

A conversa limitava-se a resmungos e gestos. A mulher falava muito pouco Saramírico, apenas o suficiente para aceitar levar Kaiku aonde ela queria, e Kaiku quase não falava Okhambano, tendo aprendido apenas algumas palavras e

expressões enquanto estivera no mar. Em contraste com a excessiva complexidade do Saramírico, o Okhambano era incrivelmente simples, possuindo apenas um alfabeto fonético e um modo falado, sem quaisquer tempos verbais ou semelhantes subtilezas gramaticais. Infelizmente, era a sua simplicidade que atormentava Kaiku. Uma palavra podia ter seis ou sete aplicações abstractas consoante o contexto, e a falta de qualquer forma específica de tratamento como eu, tu, a mim tornava tudo muito mais difícil para quem crescera a falar uma língua extremamente precisa no significado. Tradicionalmente, os Okhambanos não possuíam qualquer conceito de posse, e a sua individualidade vinha sempre a seguir ao seu pash, que se podia traduzir grosseiramente como "o grupo"; mas era um significado muito traiçoeiro, e podia ser usado para se referir à raça, à família, aos amigos de uma pessoa, aos que estavam presentes, àqueles com quem se estava a falar, aos entes queridos, aos companheiros, ou a uma dúzia de outras combinações com diferentes graus de exclusividade.

À medida que o calor ia aumentando e os mosquitos e outros insectos que picavam começaram a aparecer, Kaiku ficou encharcada. As suas roupas resistentes e pouco atraentes - calças beges largas e uma camisa de manga comprida a condizer, cuja gola fechava com cordão - provocavam comichão com o suor e eram desconfortavelmente pesadas. Pararam para descansar, altura em que a guia insistiu para que Kaiku bebesse imensa água. Apareceu com uma trouxa embrulhada em folhas do que parecia ser polpa de caranguejo fria e uma planta aromática tipo barrilha, e partilhou-a com Kaiku sem que ela o pedisse.

Kaiku trouxera as suas próprias provisões e partilhou-as com a guia. Comeram com as mãos.

Kaiku deitou olhares furtivos à mulher enquanto mastigava, percorrendo com os olhos as tatuagens verde-claras que descreviam espirais nas faces dela e lhe saíam da gola da camisa, perguntando-se que pensamentos lhe passariam pela cabeça. Não exigira qualquer pagamento pelos seus serviços de guia; na verdade, era um insulto oferecer qualquer quantia. Mishani explicara que, dado a guia viver dentro da cidade de Kisanth, de certa forma isso era o seu pash e, por conseguinte, de bom grado oferecia os seus préstimos a alguém dentro daquela cidade que deles necessitasse e esperava que idêntica cortesia lhe fosse extensiva. Kaiku fora avisada para ter muito cuidado ao pedir algo a um Okhambano, pois eles invariavelmente acediam, mas ficariam melindrados com alguma ofensa à sua natureza.

Os Okhambanos só pediam algo quando não eram capazes de o fazer. Não podia ter a pretensão de compreender os seus modos, parecia-lhe um estilo de vida estranhamente civilizado e altruísta para um povo que, de um modo geral, era considerado primitivo no Saramyr.

A noite acabara de adquirir a escuridão total quando chegaram aos Aith Pthakath. Alcançaram-nos de baixo, seguindo o leito de um riacho estreito até as árvores recuarem abruptamente e porem a descoberto o cimo baixo de uma colina

escondida no meio da selva circundante. Não havia árvores na colina, mas no seu lugar encontravam-se os monumentos do antigo Okhamba, construídos por uma tribo morta muito antes de a história de qualquer povo ter começado a ser registada.

Kaiku susteve a respiração. Aurus e Iridima partilhavam o céu pela terceira noite consecutiva, iluminando a cena com um brilho branco doentio. Aurus, pálida mas manchada com sombras mais escuras, apresentava-se imponente e próxima do Norte. Iridima, mais pequena e muito mais brilhante, a sua superfície sulcada por fendas azuladas, posicionara-se a ocidente, por cima e por detrás dos monumentos.

Eram seis ao todo, sombras volumosas recortadas no céu com as curvas dos seus rostos banhadas pelo luar. O mais alto atingia nove metros, e o mais pequeno, pouco mais de quatro e meio. Foram esculpidos numa pedra preta lustrosa que se assemelhava à obsidiana no aspecto, dispostos num círculo desalinhado à volta do cimo da colina, virados para fora. O maior acocorava-se no centro, olhando para leste por cima da cabeça de Kaiku.

A guia resmungou e fez sinal para que Kaiku prosseguisse, de modo que saiu das árvores para a clareira, aproximando-se do monumento que estava mais perto. O som tumultuoso da selva não diminuía nem um pouco, mas de repente sentiu-se ali sozinha, na presença de uma antiguidade humilhante, um local santificado por um povo há muito extinto, antes de qualquer daqueles que sabia existirem. A estátua de que se acercou era uma figura acorada talhada a partir de uma coluna grande, as feições grotescamente exageradas, uma boca proeminente e enorme, olhos com meias pálpebras, as mãos assentes nos joelhos.

Apesar de a chuva de séculos a ter fustigado e alisado os seus contornos a ponto de serem indistintos, e apesar de uma mão se ter partido e estar caída aos seus pés, apresentava-se incrivelmente bem preservada, e o seu olhar vago e gélido não perdera a autoridade. Kaiku sentiu-se minúscula sob o olhar deste deus esquecido. As outras não eram menos imponentes. Estavamentadas ou acoradas, com ventres salientes e rostos estranhos, umas fazendo lembrar animais que Kaiku nunca vira, outras em perturbadoras caricaturas de feições humanas. Guardavam a colina, olhando sinistramente para as árvores, o seu propósito desconhecido e algo inquietante.

Kaiku hesitou durante alguns momentos, depois colocou a mão no joelho de um dos ídolos. A pedra era fria e sinistra. Qualquer que fosse a força que este lugar em tempos tivera, ainda não se dissipara na íntegra. Conservava um ar sagrado, como um eco de memória distante. As árvores não haviam invadido este local, nem quaisquer animais nidificado nas curvas e dobras das estátuas. Perguntou-se se haveria ali espíritos, tal como existiam nas profundezas das florestas e locais perdidos da sua terra. Os Tkiurathi não pareciam nada devotos, pelos relatos dos viajantes com quem conversara no Heart of Assantua. No entanto, eis ali a prova de que em tempos existira um culto nesta terra. O peso das épocas assentava nela como uma mortalha.

Teve consciência de que a guia selhe reunira, e retirou a mão da estátua. Esquecera a principal razão da sua vinda aqui. Olhando à sua volta, tornou-se evidente que o espião ainda não estava ali. Bem, ela chegara cedo. O encontro estava marcado para a meia-noite, nesta data. Tinham efectuado a travessia mesmo à tangente, devendo-se o atraso a marés desfavoráveis em virtude dos cálculos errados das órbitas por inépcia de algum navegador, mas pelo menos estava ali agora.

— Talvez devêssemos ir ver do outro lado da colina — sugeriu, mais de si para si do que à guia, que não conseguia compreender. Fez um movimento com o braço para ilustrar, e a guia levantou o queixo num aceno okhambano.

Naquele instante, uma seta grossa cravou-se na sua garganta a descoberto, fê-la virar-se de lado num jorro de sangue e atirou-a bruscamente ao chão.

Kaiku ficou imóvel durante alguns longos segundos, a sua boca ligeiramente aberta, não muito certa do que acabara de acontecer. Tremeram salpicos de sangue na face e no ombro. Foi a segunda seta que interrompeu a paralisia. Sentiu-a vir, teve percepção dela a cortar o ar; da sua direita, das árvores, direita ao peito. O kana dela inflamou-se lá dentro. O mundo tornou-se um tremeluzir de fios dourados, um diorama de contornos todos interligados, cada liana e folha uma malha de fibras ofuscantes. Os emaranhados pulsantes que eram as estátuas dos Aith Pthakath observavam-na com atenção obscura e impotente, conscientes, vivas no mundo da Teia.

Ergueu a mão, o ar diante de si adensando-se imperceptivelmente num nó, e a seta despedaçou-se a meio metro do coração dela. A sensação acompanhou finalmente o instinto e a reacção, e exalou um sopro frenético. A adrenalina afluiu. Mal se lembrou de refrear o seu kana antes de ele se libertar na íntegra. Se tivesse sido uma espingarda em vez de uma seta, se tivesse sido a ela e não à guia que apontaram primeiro, teria sido suficientemente rápida para o reprimir?

Fugiu dali. Partiu outra seta das árvores, mas sentiu-a passar longe de si. Tropeçou, a bota escorregando no solo e sujando de terra a perna das calças. Praguejando, pôs-se novamente em pé, reconstituindo mentalmente a trajectória da seta. As suas íris tinham escurecido do castanho para um vermelho turvo, examinando a Teia, seguindo ao longo das fibras transformadas em turbilhões pelo efeito da deslocação da seta. Depois - tendo determinado a localização aproximada do atacante - correu mais uma vez a abrigar-se.

Enfiou-se atrás de um dos ídolos quando uma terceira seta veio direita a ela, fazendo ricochete na superfície de obsidiana. Brotou das estátuas uma torrente de silencioso ultraje ante a profanação. Procura-o. Procura-o, disse de si para si. Quis encolher-se sob o peso do olhar intenso do ídolo, o seu interesse antigo e maldoso cravado nela, agora que agitara a Teia; mas fez um esforço para o ignorar. Eram coisas velhas, iradas por os seus veneradores as terem abandonado e finalmente reduzidas a observadores, de propósito e significado agora incompreensíveis. Não podiam fazer-lhe mal. Preferiu enviar a sua mente pelos fios finos da Teia,

dispersando-se entre as árvores até ao sítio onde estava o atacante, procurando o afluxo de ar aos pulmões, a contracção de músculo, o batimento pesado de uma pulsação. O inimigo movia-se, andando em círculo; sentiu a turbulência da sua passagem no ar, e seguiu-a.

Ali! E no entanto, não estava ali. Localizou a proveniência das setas, mas o seu sinal na Teia era vago e sem significado, uma mancha de fibras distorcidas. Se conseguisse uma vantagem sobre o seu atacante, poderia começar a fazer-lhe mal, mas algo a vencia, algum tipo de protecção que nunca antes se lhe deparara. Começou a entrar em pânico. Não era uma guerreira; com o seu kana fora da equação, não podia competir com alguém que era capaz de usar um arco com tamanha precisão. Tirando a espingarda do ombro, aprontou-a apressadamente, seguindo o atacante escondido com metade da atenção, enquanto se deslocava silenciosamente pela vegetação rasteira.

Foge, disse para com os seus botões. Embrenha-te nas árvores.

E, no entanto, não ousou fazê-lo. O espaço aberto à sua volta era o único aviso que tinha de novo ataque. No espaço restrito da selva, não conseguiria correr, esquivar-se e manter-se atenta ao inimigo, tudo em simultâneo.

Quem está ali?

Ergueu a espingarda e apoiou-se na extremidade do ídolo, fazendo pontaria para o sítio onde calculava que o seu atacante pudesse estar. A espingarda produziu um ruído seco, e o tiro partiu rumo às árvores, despedaçando ramos e arrancando folhas.

Veio outra seta da escuridão. O inimigo levava já vantagem sobre ela. Reagiu afastando-se quando a ponta embateu no ídolo perto da cara dela, atirando-a para trás, vacilante. Deu pela seta seguinte, colocada e disparada com incrível rapidez, um instante antes de a atingir nas costelas. O choque do impacto fê-la ver centelhas e quase desfaleceu. Perdeu o controle, o seu kana irrompendo lá dentro, todos os ensinamentos de Cailin esquecidos no temor pela vida. Brotou dela, da barriga e do útero, avançando de rompante pelos fios da Teia em direcção ao assassino invisível. Fosse qual fosse a protecção que usasse, impedia-a de o situar com precisão, mas o rigor não era necessário.

Não houve subtilidade no seu contra-ataque. Desatou a correr, de forma descontrolada, desesperada, e a força dentro dela correspondeu à direcção tomada. Uma longa extensão da selva explodiu, transformando-se em migalhas, desfeita com força cataclísmica e iluminando a noite com fogo. A mera força da detonação destruiu uma enorme faixa de terra, atirando ao ar bocados de solo quais meteoritos fumegantes. As árvores próximas irromperam em chamas, folhas, casca e lianas incendiando-se; as pedras partiram-se; a água entrou em ebulição. Num momento, acabara, o seu kana esgotado. A selva gemia e estalava nas orlas da devastação. Pairavam no ar serradura e fumo, juntamente com o leve cheiro a carne carbonizada das aves e animais que tiveram a infelicidade de viver ali. A selva circundante estava

silenciosa, aturdida. As presenças terríveis dos ídolos avançavam para ela, mais ameaçadora e pesadamente do que nunca, detestando-a.

Hesitou por um momento, levando a mão ao flanco, depois apoiou um joelho no solo. A espingarda pendia inerte na outra mão. As suas íris estavam agora de um vermelho-vivo, demoníaco, um efeito secundário do seu poder que permaneceria durante algumas horas. Noutras ocasiões, quando descobrira pela primeira vez a energia terrível dentro de si, não conseguira sequer refreá-la, e cada utilização deixava-a depois indefesa como um recém-nascido, mal conseguindo caminhar. A preparação de Cailin permitia a Kaiku cortar o fluxo antes de ele a deixar em semelhante estado, mas iria demorar algum tempo até o seu kana se voltar a acumular em quantidade suficiente para poder manipular novamente a Teia. Há anos que não o libertava tão imprudentemente; mas também há muito tempo que não estava exposta a um perigo tão imediato.

Kaiku ficou a arfar no sítio onde ajoelhara, observando a destruição à procura de sinais de movimento. Não havia nada a não ser a deslocação lenta dos detritos pulverizados no ar. Quem quer que estivesse a fazer pontaria a ela encontrara-se no meio daquilo. Apostava em como agora não deveria restar muito dele.

Um movimento, ao fiando da colina, junto à linha das árvores. Pôs-se em pé depressa, agarrou na espingarda, destravou-a, aproximando-a do olho. Saíram duas figuras da clareira vindas de sul. Apontou e disparou.

— Não! — gritou um deles, desviando-se atabalhoadamente. O tiro falhara, pelos vistos. Ignorando a dor e a insidiosa humidade que se lhe espalhava pelo flanco, aprontou de novo a arma.

— Não! Libera Dramach! Cessa de disparar!

Kaiku parou, a espingarda apontada àquele que falara.

— Esperar por aquela que dorme! — exclamou. Era a frase pela qual o espião seria identificado.

— Quem é aquela que dorme? — replicou Kaiku, conforme ao código.

— A antiga Imperatriz-Herdeira Lúcia tu Erinima — foi a resposta. — Que tu mesma salvaste da Fortaleza Imperial, Kaiku.

Hesitou durante mais alguns momentos, quanto mais não fosse pela surpresa de ser reconhecida, e depois baixou a espingarda. As duas figuras subiram a colina na direcção dela.

— Como sabes quem sou? — indagou, mas as palavras saíram estranhamente fracas. Começava a sentir-se sem forças, e a visão faiscava ainda.

— Não seria grande espião se não o soubesse — retorquiu aquele que falara, apressando-se a alcançá-la. O outro vinha atrás, inspeccionando as árvores: um Tkiurathi com as mesmas estranhas tatuagens que a guia, conquanto o padrão fosse diferente.

— Estás ferida — observou o espião, impassivelmente.

— Quem és tu? — inquiriu.

— Saran Ycthys Marul — chegou a resposta. — E este é Tsata. — Observou a linha das árvores antes de convergir de novo a sua atenção para Kaiku. — A tua exibição terá atraído quem quer que nos perseguia num raio de mais de trinta quilómetros. Temos de ir. Consegues andar?

— Consigo andar — assentiu ela, não sabendo muito bem se seria verdade. A seta perfurara-lhe a camisa e tinha a certeza de que sangrava; mas não se cravara nela, e conseguia ainda respirar bastante bem, por isso não lhe atingira os pulmões. Queria aplicar de imediato uma ligadura, apavorada com a mancha de humidade que avançava pelo tecido debaixo do braço; mas algo de autoritário na voz de Saran fê-la mover-se.

Os três apressaram-se a entrar na floresta e foram engolidos pelas sombras, deixando para trás as sinistras sentinelas dos Aith Pthakath, o corpo da guia de Kaiku e o fumegar crepitante das árvores.

— O que era aquilo? — inquiriu Kaiku. — O que era aquilo lá atrás?

— Fica quieta — ordenou-lhe Saran, acocorando-se ao lado dela à luz da fogueira. Despira-lhe uma manga da camisa, expondo o flanco ferido. Por debaixo da faixa suja de suor da roupa interior dela, as costelas eram uma mistura molhada de preto e vermelho. Inconscientemente, agarrara a outra metade da camisa sobre o peito. A nudez não era algo que preocupasse a maior parte dos Saramyr, mas qualquer coisa neste homem a levava a ficar na defensiva.

Kaiku sibilou e estremeceu quando ele lhe limpou a ferida com um pano e água quente.

— Fica quieta — disse-lhe, irritado. Rangeu os dentes e suportou os cuidados dele.

— É grave? — fez um esforço para perguntar. Seguiram-se alguns momentos de silêncio, sendo invadida pelo receio enquanto esperava pela resposta dele.

— Não — disse finalmente. Kaiku expirou algo entrecortadamente. — A seta cravou-se um bom bocado, mas só te raspou o flanco. Parece pior do que é.

A caverna estreita ecoou suavemente com o sussurro das vozes deles. Não se via Tsata em lado nenhum, provavelmente fora tratar de algo pessoal. O Tkiurathi encontrara este esconderijo, um túnel acanhado aberto por um antigo curso de água na base de um imponente afloramento de rocha, encoberto pelas árvores e com curvatura suficiente para que pudessem acender uma fogueira sem temerem que alguém pudesse ver de fora. Era desconfortável e a pedra estava desagradavelmente fria e húmida, mas significava descanso e segurança, pelo menos por um curto período de tempo.

Saran começou a preparar uma cataplasma com folhas esmagadas, uma tira de pano dobrada e a água que estava a ferver numa panela de ferro. Kaiku ajustou firmemente a camisa à sua volta e observou-o em silêncio, passeando os olhos pelos planos irregulares do rosto dele. Ele captou de repente o seu olhar e ela desviou-o

para a fogueira.

— Era um maghkriin — disse Saran, a sua voz baixa e firme. — A coisa que tentou matar-te. Chegou aqui antes de nós. É uma sorte estares viva.

— Maghkriiri! — repetiu Kaiku, pronunciando a palavra desconhecida.

— Criado pelos Artífices da Carne no coração negro do Okhamba. Não podes imaginar como é o mundo ali, Kaiku. Um lugar onde o sol nunca brilha, onde nenhuma da tua gente nem da minha ousa ir em qualquer número. Em mais de mil anos desde que os primeiros colonos chegaram, quaisquer apoios com que contemos nesta terra situam-se nas costas, onde não é tão agreste. Mas quando chegamos, eles estavam aqui. Tribos tão antigas que podiam existir já antes mesmo do nascimento do Quraal. Escondidas no centro impenetrável deste continente, milhares e milhares de quilómetros quadrados onde a terra é tão hostil, que sociedades civilizadas como as nossas não conseguem sobreviver lá.

— E de onde vens? — perguntou Kaiku. O Saramírico dele era realmente excelente para alguém não-nativo, muito embora a pronúncia esporadicamente deslizesse para as inflexões mais inarmónicas do Quraal.

Saran esboçou um estranho sorriso no clarão inconstante da fogueira.

— Sim — disse. — Mas por pouco não escapávamos. Éramos doze quando entramos; nós os dois somos os únicos que saímos, e não nos considero a salvo enquanto não abandonarmos de vez este continente. — Ergueu o olhar para ela de onde estava a moer as folhas numa mistura. — Está tratado?

— Se tudo correr bem — retorquiu Kaiku de forma neutra. — A minha amiga está em Kisanth. Ela tenciona ter-nos assegurado passagem para o Saramyr quando regressarmos.

— Ótimo — murmurou Saran. — Não podemos ficar em cidades mais tempo do que o necessário. Eles encontrar-nos-ão lá.

— Os maghknirp. — sondou Kaiku.

— Eles, ou aqueles que os mandaram. Por isso precisava de alguém que conseguisse uma partida rápida do Okhamba. Não imaginava que fosse passar pelo que passei e muito menos que me perseguissem. Mas afinal, passaste pelo quê?, pensou Kaiku, mas guardou a pergunta para si.

Acrescentou um pouco de água à pasta de folhas e depois aproximou-se novamente de Kaiku, levantando delicadamente a camisa molhada da ferida.

— Vai doer — avisou.

— Foi Tsata quem me ensinou isto, e no Okhamba existem muito poucas mezinhas que sejam suaves. — Comprimiu a cataplasma contra a ferida. — Segura-a aí.

Ela assim fez. O ardor e o prurido começaram quase de imediato, aumentando de intensidade e espalhando-se pelas costelas. Rangeu novamente os dentes. Passado um bocado, pareceu estabilizar, e a dor manteve-se constante, mesmo no limiar do suportável.

— É de acção rápida — disse-lhe Saran. — Só precisas de a manter aí durante uma hora. Quando a tirares, a dor diminuirá.

Kaiku anuiu. O suor picava-lhe o couro cabeludo do esforço para interiorizar o desconforto. - Fala-me dos Artífices da Carne - pediu. Preciso de me abstrair disto.

Saran afastou-se e observou-a com os seus olhos escuros. Quando olhou para ele, lembrou-se de que os seus próprios olhos ainda estavam vermelhos. No Saramyr, isso indicaria que era uma Aberrante; a maioria das pessoas reagiria com ódio e repulsa. Mas nem Saran nem Tsata tinham parecido preocupados. Talvez soubessem já o que ela era. Saran parecera sem dúvida reconhecê-la; mas o facto de estar sob a protecção da Ordem Vermelha - e ser, consequentemente, uma Aberrante - não era do conhecimento geral. Mesmo no Recesso, onde os Aberrantes eram bem-vindos, era preferível fazer segredo da Aberração.

— Não consigo imaginar que tipo de coisas habitam as negruras mais profundas do Okhamba — disse Saran. — Eles têm lá homens e mulheres com artes e ofícios que desconhecemos. A tua gente e a minha, Kaiku, os nossos modos são muito diferentes; mas estes são completamente estranhos. Os Artífices da Carne conseguem modificar um bebé no ventre, esculpi-lo a seu bel-prazer. Pegam nas mães grávidas, capturadas das tribos inimigas, e transformam as crianças nascituras em monstros para os servirem.

— Como os Aberrantes — murmurou Kaiku. — Como os Tecedores — acrescentou, a sua voz carregada de veneno.

— Não — afirmou Saran, com surpreendente convicção. — Não como os Tecedores.

Kaiku ficou carrancuda.

— Estás a defendê-los — observou.

— Não — voltou ele a dizer. — Por mais abomináveis que sejam os seus métodos, a arte dos Artífices da Carne provém de coisas naturais. O conhecimento das propriedades de determinadas ervas, feitiços, intervenção de espíritos... Coisas naturais. Eles não corrompem a terra como fazem os Tecedores.

— O maghkriin... eu não consegui... eu não consegui apanhá-lo — referiu Kaiku por fim, depois de digerir esta informação. — Parece que o meu kana não o atingiu. — Olhou com atenção para Saran.

Anos de cautela tinham-lhe ensinado que falar dos poderes dos Aberrantes não era algo que se fizesse de ânimo leve, mas queria pô-lo à prova.

— Eles têm talismãs, imagens—disse Saran. — Artes negras que prendem com formas e padrões. Não ousa imaginar o tipo de artimanhas que usam, nem conheço tudo aquilo que os Artífices da Carne são capazes de fazer. Mas sei que colocam protecções nos seus guerreiros. Protecções que, aparentemente, resultam mesmo contra ti.

Afastou a cortina de cabelo preto da testa e espevitou a fogueira. Kaiku observou-o. O seu olhar parecia voltar ao rosto dele mesmo contra a sua vontade.

— Estás cansada? — perguntou. Não erguera o olhar, mas Kaiku sentiu que sabia que o fitava. Obrigou os seus olhos a desviarem-se com um esforço de vontade, corando ligeiramente, apenas para descobrir que, um instante depois, tinham voltado a ele.

— Um pouco — mentiu Kaiku. Estava exausta.

— Temos de ir.

— Ir? — repetiu. — Agora?

— Achas que o mataste? Aquele que te atacou? — inquiriu, endireitando-se de repente.

— De certeza — respondeu.

— Não te convenças — aconselhou Saran. — Ainda não sabes com o que estás a lidar. E pode haver mais. Se avançarmos rapidamente, podemos chegar a Kisanth a meio da tarde.

Se ficarmos e descansarmos, eles encontrar-nos-ão.

Kaiku baixou a cabeça.

— Sentes-te com força suficiente? — perguntou Saran.

— Com a força que necessito ter — disse Kaiku, pondo-se em pé. — Indica-me o caminho.

CAPÍTULO 4

— Senhora Mishani tu Koli — saudou o mercador, e Mishani soube que algo estava errado.

Não foi apenas o tom dele, muito embora isso tivesse bastado. Foi a momentânea hesitação quando a viu, aquela fracção de denúncia que lhe percorreu as feições antes de a fachada de amabilidade se sobrepor.

Por debaixo da sua própria impassividade, desconfiava já deste homem; mas não tinha outra alternativa senão confiar nele, pois parecia ser a sua última esperança. O criado saramyr retirou-se do gabinete, fazendo deslizar a persiana-biombo sobre o acesso ao sair. Mishani aguardou pacientemente. O mercador, que por um momento parecera ligeiramente confuso e perdido em pensamentos, deu mostras de se recordar.

— As minhas desculpas — disse. — Não me apresentei. Sou Chien os Mumaka.

Queira fazer o favor de me seguir. — Indicou o sítio onde o gabinete de trabalho dava para uma varanda ampla com vista para a lagoa.

Mishani acompanhou-o até lá. Havia tapetes exóticos no chão, feitos de um tecido grosso e macio do Okhamba, e uma mesa baixa com vinho e frutas. Mishani sentou-se, e Chien ocupou o lugar em frente. A casa do mercador situava-se no alto da vertente da bacia que rodeava Kisanth, uma estrutura forte de madeira assente em pilares de carvalho para que a metade mais avançada assentasse uniformemente.

A vista era espectacular, com as rochas pretas da superfície costeira erguendo-se à esquerda e Kisanth à direita, estendendo-se num semicírculo à volta da água azul-turquesa. Os navios afastavam-se com lentidão das docas até à estreita abertura na parede que dava acesso ao alto mar, e embarcações mais pequenas eram empurradas com varas ou deslocavam-se com remos entre eles. Em toda a vista ressaltava a ofuscante intensidade da luz do sol, transformando a lagoa num intenso reflexo branco.

Avaliou o seu adversário enquanto procediam, como era hábito, a saudações, lugares-comuns e inquirições sobre a respectiva saúde, um preâmbulo necessário ao assunto em apreço. Era baixo, com a cabeça rapada e feições amplas e pesadas a condizer com um físico também amplo e pesado. Via-se que as suas roupas eram caras, mas não aparatosas; a sua única concessão à vaidade era um fino manto bordado, uma afectação muito quraal num homem saramyr, supostamente destinada a anunciar a sua mundanidade.

Todavia, aqui o aspecto não queria dizer nada. Mishani conhecia bem a reputação dele. Chien os Mumaka. O prefixo os no seu apelido significava que fora adoptado, e seria transmitido aos seus filhos naturais durante duas gerações, conferindo-lhes também o estigma, até a terceira geração retomar o prefixo mais usual tu. Os significava à letra "criado por" e, se tu denotava inclusão na família, os

não.

No entanto, nada disto parecia ter obstado a que a ascensão meteórica da família na actividade mercantil fosse extensiva a Chien os Mumaka. Nos últimos dez anos, os Sangue Mumaka haviam transformado o que inicialmente não passava de um pequeno consórcio naval simplesmente num dos dois principais intervenientes na rota comercial Saramyr-Okhamba. E, em grande parte, isso ficara a dever-se à natureza ousada de Chien: tinha fama de correr riscos que pareciam compensar as mais das vezes. Não era elegante nos seus modos, nem bem-educado, mas era sem dúvida um comerciante nato.

— Efectivamente é uma honra receber a visita da filha de um Sangue nobre tão eminente aqui em Kisanth — dizia Chien. Os seus padrões de expressão eram menos formais do que os de Mishani ou os de Kaiku.

Mishani situou a sua proveniência algures numa das Prefeituras do Sul. Obviamente nunca recebera aulas de elocução, algo sem o qual muitos filhos das famílias superiores não passavam. Talvez ele as tivesse descurado devido ao seu estatuto de adoptado, ou porque a família era demasiado pobre na altura.

— O meu pai envia cumprimentos — mentiu. Chien pareceu satisfeito.

— Transmita-lhe os meus — retribuiu. — Estamos muito gratos à sua família, Senhora Mishani. Sabia que a minha mãe foi pescadora na frota do seu pai na Baía de Mataxa?

— A sério? — inquiriu Mishani cortesmente, apesar de saber perfeitamente que isso era verdade. Estava francamente surpreendida por ele ter abordado o assunto. — Julguei que não passasse de um boato.

— É verdade — confirmou Chien. — Um dia, um jovem filho dos Sangue Mumaka estava de visita ao seu pai na baía, e pela mão de Shintu ou a de Rieka, deu de caras com a pescadora e foi amor a partir daquele momento. Não é uma história bonita?

— Muito bonita — disse Mishani, pensando precisamente o contrário.

— Tal como um poema ou uma peça. — O casamento subsequente de uma boçal com alguém dos Sangue Mumaka e a recusa da família em erradicar o vergonhoso filho prejudicara-os politicamente; tinham levado anos a recuperar a credibilidade, sobretudo devido ao sucesso no comércio marítimo. Parecia um pouco estúpido Chien estar a falar do assunto. A mãe de Chien fora libertada do juramento aos Sangue Koli e entregue ao jovem nobre apaixonado em troca de concessões políticas que os Sangue Mumaka ainda hoje estavam a pagar. Permitira-se um casamento absurdo em troca de um acordo extremamente favorável aos interesses de comércio marítimo dos Sangue Mumaka no futuro. Fora uma jogada astuta. Agora que eram grandes comerciantes, as promessas feitas nessa altura mantinham-nos firmemente ligados aos Sangue Koli, e este lucrava imenso com eles. Mishani apenas podia imaginar a irritação que isso causava; provavelmente seria apenas o facto de terem de fazer essas concessões à sua família que os havia impedido de

dominar por completo a rota comercial.

— Gosta de poesia? — inquiriu Chien, aproveitando o comentário distraído dela para dar outro rumo à conversa.

— Gosto particularmente de Xalis — respondeu.

— A sério? Nada me levaria a supor que a sua prosa violenta agradasse a uma dama de tamanha elegância. — Tratou-se de lisonja, e não muito discreta.

— A corte de Axekami é em tudo tão violenta quanto os campos de batalha sobre os quais Xalis escreveu — replicou Mishani. — Só que as feridas infligidas ali são mais subtis e ulceram.

Chien esboçou um sorriso forçado e tirou uma fatia de fruta da mesa. Mishani aproveitou a pausa para tomar a iniciativa.

— Constou-me que poderá estar em posição de me prestar um serviço — disse. Chien mastigou lentamente e engoliu, deixando-a à espera. Uma brisa quente agitou-lhe o vestido. — Pode continuar — sugeriu.

— Necessito de passagem de regresso para o Saramyr — referiu.

— Quando?

— O mais breve possível.

— Senhora Mishani, ainda agora acabou de chegar. Kisanth desagrada-lhe tanto assim?

Não ficou surpreendida. Ele verificara os registos dos navios. Era fácil um homem com os seus contactos consegui-lo, e pelo menos significava que ele fizera o esforço e a levava a sério. Só esperava que os contactos dele além-mar não fossem tão bons.

— Kisanth é um local extraordinário — respondeu Mishani, evitando o ataque implícito na pergunta. — Muito movimentado.

Chien observou-a por um longo momento. Seria indelicado pressioná-la a revelar os motivos do regresso. Mishani conservou as suas feições glaciais enquanto o silêncio se prolongou desconfortavelmente.

Ele estava a avaliá-la; só podia ser. Mas saberia ele que a fachada que apresentara era uma charada? A sua ligação aos Sangue Koli era, na melhor das hipóteses, ténue. Apesar de oficialmente ainda fazer parte da família - a vergonha de ter uma filha tão desobediente prejudicaria os seus interesses - agora evitavam-na. A traição dela fora cuidadosamente abafada e, apesar de os boatos inevitavelmente se espalharem, só uns quantos conheciam a verdade.

A versão era que Mishani andava a percorrer a zona leste, do lado de lá das montanhas, com a finalidade de ali desenvolver os interesses do Sangue Koli. Na realidade, o pai andara insistentemente à sua procura desde que o abandonara. Tinha poucas dúvidas do que sucederia se ele a apanhasse. Ficaria prisioneira nos seus próprios domínios, seria obrigada a manter a aparência de solidariedade no seio dos Sangue Koli, em conformidade com a mentira que tinham inventado para esconder a desonra que fizera recair sobre eles. E depois, talvez fosse discretamente eliminada.

A sua nobreza era um logro, uma simulação. E desconfiava que Chien tinha conhecimento disso. Contara que, estando ligado à marinha mercante, não tivesse acesso ao tipo de informação que a denunciaria, mas havia algo de estranho nos seus actos, e não confiava minimamente nele. O pai seria um amigo poderoso e ficaria com uma dívida imensa para com quem lhe devolvesse a filha.

— E para quando seria a partida? — acabou por perguntar Chien.

— Amanhã — respondeu. Na verdade, não sabia até que ponto havia realmente urgência na partida deles, mas era melhor mostrar-se determinada ao negociar. — Amanhã — repetiu, impávido.

— Não é possível? — inquiriu Mishani.

— Talvez — disse-lhe Chien. Estava a tentar ganhar tempo para poder pensar. Olhou para a lagoa, o Sol lançando sombras nas covas das suas feições amplas. A pesar as implicações. — Irá ter custos consideráveis — referiu finalmente. — Haverá um espaço substancial de carga que não poderá ser utilizado. Não, daqui a três dias é o mínimo absoluto de que precisaremos para carregar o navio e partir.

— Está muito bem — disse ela. — Será reembolsado. E terá a minha mais profunda gratidão. — Quão conveniente fora que semelhante frase, dando a entender que lhe seria devido um favor por parte de uma poderosa família marítima, pudesse ainda soar a verdadeira quando, na realidade, só valia pela sua acepção literal e nada mais. Ela tinha dinheiro (os Libera Dramach não olhariam a despesas para tirar dali o seu espião) mas, em matéria de favores, só tinha o que podia dar, e não era muito para um homem como Chien. Quase se sentiu mal de estar a enganá-lo.

— Tenho uma proposta diferente — disse ele. — A sua oferta de reembolso é generosa, mas confesso que tenho assuntos a tratar na nossa pátria, e o dinheiro não está aqui em questão.

Preferia não ter uma família tão eminente quanto a sua em dívida para comigo. Tenho antes um pedido algo pretensioso a fazer-lhe. Mishani aguardou, o coração caindo-lhe aos pés enquanto escutava, sabendo que não podia recusar e que estava a ficar completamente nas mãos dele.

Mais tarde, choveu.

As nuvens tinham chegado com uma rapidez surpreendente à medida que a humidade aumentava, e ao princípio da tarde os céus abriram-se numa torrente. Lá na selva, as folhas grossas agitavam-se com violência ao serem atingidas por pingos espessos; a lama escorria em arroios que se afastavam a serpentear por entre as raízes das árvores; desciam pequenas quedas-d'água pelo ar à medida que a chuva saltava da abóbada e caía na terra, salpicando ramos e rochas. O silvo sonoro da carga de água abafava o som dos animais que gritavam dos seus abrigos ali próximo.

Saran, Tsata e Kaiku avançavam penosamente por entre a vegetação rasteira, encharcados até aos ossos. Caminhavam curvados sob os gwattha, ponchos verdes com capuz feitos de um tecido nativo que oferecia alguma protecção no caso de chuva leve, mas não a suficiente para os manter secos com semelhante arremetida.

Kaiku recebera um da sua guia antes de partirem, e guardara-o enrolado e preso à sua pequena mochila; os outros dois tinham os seus. Seria absurdo mergulhar na selva sem dispor de um. A chuva abrandou para um ritmo que já era lento. Kaiku ia avançando praticamente sem força para levantar os pés. Nenhum deles dormira, e tinham viajado durante a noite. Em condições normais, Kaiku tê-lo-ia achado suportável; no entanto, o longo mês de inactividade a bordo do Heart of Assantua, o ferimento no flanco e os efeitos prejudiciais da libertação do kana tinham-se combinado para lhe reduzir drasticamente o vigor. Mas o repouso estava fora de questão, e o orgulho impedia-a de se queixar. Os outros haviam abrandado um pouco o ritmo, mas não muito. Fazia um esforço para os acompanhar, deixando que Saran e Tsata ficassem atentos a quaisquer perseguidores. Sem dormir, o seu kana não se voltara a acumular e tinha os sentidos embotados.

Disse de si para si que os seus companheiros estariam suficientemente alerta pelos três.

Pensou no destino da sua guia enquanto regressavam a Kisanth. Entristeceu-a que a Tkiurathi nunca revelasse o nome a Kaiku. O ritual do Saramyr ditava que o nome dos mortos fosse indicado a Noctu, esposa de Omecha, para que ela pudesse registá-los no seu livro e informar o marido dos seus grandes feitos - ou da ausência deles - quando chegavam com a esperança de serem admitidos no Reino Áureo. Muito embora a mulher provavelmente não acreditasse em nada daquilo, não deixava de atormentar Kaiku.

Saran e Tsata trocavam impressões em voz baixa e perscrutavam a selva com as carabinas a postos, as armas embrulhadas em panos grossos e faixas de couro para manter secas as câmaras da pólvora.

A chuvada - que levantaria obstáculos a quem os seguisse por apagar o rasto - não parecera aliviar nem um pouco os seus receios. Não obstante as reservas de Saran, Kaiku tinha a certeza de que incinerara o assassino nos Aith Pthakath. E se havia ainda um maghkriin a persegui-los, Saran parecia convencido de que tal capacidade só podia ser sobrenatural.

Deu consigo a perguntar-se a razão de este homem ser tão importante, o que saberia, para valer a pena pôr em risco a vida dela. Sentiu-se mortificada por a sua curiosidade ainda não ter sido satisfeita. Claro, ele era um espião, e seria de esperar que não revelasse facilmente os seus segredos, mas incomodava-a o facto de se estar a submeter a tudo isto sem conhecer o motivo.

Esporadicamente, Kaiku tentara puxar o assunto durante a manhã, mas vira-se frustrada pelo alheamento dele. Parecia que toda a sua atenção estava concentrada nos inimigos e nos animais da selva, que podiam ser mortíferos mesmo perto da costa, onde a terra era um pouco mais civilizada. Ele mal lhe deu ouvidos. Kaiku descobriu, inexplicavelmente, a enorme irritação que isso lhe causava. Quando pararam, a exaustão e a chuva tinham-se combinado para a tornar fatalista. Se ia aparecer um maghkriin, que viesse. Nada podiam fazer a esse respeito.

Todavia, a causa da paragem não era o descanso por que Kaiku ansiava.

Quem primeiro a avistou foi Tsata, um pouco mais acima na inclinação que ficava à sua esquerda, dando para o caminho deles. Voltou atrás a correr e apontou para as árvores. Kaiku observou de olhos semicerrados as folhas húmidas, mas apenas conseguiu distinguir sombras cinzentas no meio das inconstantes cortinas de chuva.

— Quem é aquela? — perguntou-lhe Tsata. Num instante Saran apareceu ao lado deles.

— Não consigo ver — referiu Kaiku. A pergunta não feita: como podia ela saber? Tentou captar movimento, mas não havia nada.

Saran e Tsata trocaram um olhar. - Fica aqui - disse-lhe Saran.

— Onde é que vocês vão?

— Fica, está bem? — respondeu ele, e desapareceu na vegetação rasteira com um ligeiro esparrinhar de lama.

Captou alguns vislumbres dele dirigindo-se para a inclinação, na direcção para onde Tsata apontara, e depois foi engolido.

Kaiku afastou a franja encharcada e baixou o capuz, sentindo-se subitamente enclausurada por ele. A chuva tépida caía-lhe insistentemente na cabeça e escorria, molhando-lhe o couro cabeludo. Quando olhou à sua volta, Tsata sumira-se.

O sobressalto de alarme arrancou-a selvaticamente do torpor. O seu anterior fatalismo foi expulso. Respirou fundo para chamar os companheiros, mas não lhe passou da garganta. Seria uma imprudência gritar. Apressadamente, tirou a espingarda de trás das costas e segurou-a nos braços. A falta de visibilidade apavorava-a; não teria tempo para reagir a um ataque. Mal sobrevivera quando se encontrara no descampado dos Aith Pthakath, e agora não podia sequer contar com a protecção do seu kana: estava demasiado exausta para abrir a Teia.

O tamborilar da chuva e os constantes sons desarmoniosos da água a correr ou a gotejar abafavam tudo menos os ruídos mais altos.

Pestanejou e limpou os olhos, mirando ao seu redor em agitação.

Eles regressariam. A qualquer momento, estariam de volta, e ela ficaria aborrecida ante a maneira como a haviam abandonado quase sem um aviso. Caiu um ramo atrás de si, sobressaltou-se e virou-se, por pouco não emaranhando a espingarda numa liana pendurada. Olhando com atenção para a névoa da chuva, procurou qualquer movimento.

Teria sido preferível a sua espada a uma distância tão curta como esta, mas nunca fora grande esgrimista. A maior parte da preparação que recebera assentara nas suas capacidades naturais, fruto da constante competição com o irmão mais velho lá na Floresta de Yuna. Estavam sempre a ver quem era melhor na sela, no tiro com arco, na luta corpo-a-corpo, pois ela sempre fora uma maria-rapaz; mas as espadas nunca foram da preferência de ambos, e além disso, eram demasiado perigosas num confronto. A espingarda era inútil aqui, mas proporcionava algum

conforto. Agarrou melhor a parte de baixo da arma e observou atentamente as árvores.

O tempo passou, arrastando-se lentamente. Eles não voltaram. Kaiku sentiu um medo frio invadir-lhe os ossos. O esforço de estar ali à espera, tão exposta, foi demasiado para ela.

Precisava de saber o que estava a acontecer. Os seus olhos tornaram a incidir na sombra cinzenta que Tsata indicara. Ainda não se mexera. Pensou nas suas palavras anteriores. Quem é aquela? O que quisera dizer? A acção, qualquer acção, era melhor do que estar encolhida à chuva. Até percorrer a curta distância que a aproximaria o suficiente para ver o que era aquela mancha semiobscura.

Olhando uma última vez ao seu redor, começou a subir cautelosamente a inclinação, as botas enterrando-se na lama ao avançar, riachos de água desviando-se para encher os buracos que deixava. O couro enrolado à volta da câmara da pólvora da sua espingarda estava ensopado do lado de fora. Esperava que a chuva não tivesse molhado a pólvora, senão a espingarda serviria apenas como uma dispendiosa moca. Afastou o cabelo com a palma da mão e praguejou quando ele lhe voltou a cair sobre os olhos. O coração batia-lhe no peito com tanta força, que sentia o esterno estremecer a cada pulsação.

De repente, o enigma da sombra cinzenta desfez-se, uma rajada de vento afastando a chuva para o lado como uma cortina recolhida com requinte teatral. Revelou-se apenas por um instante, mas esse breve instante foi suficiente para a imagem se gravar na mente de Kaiku. Agora compreendia.

Quem é aquela?

Era a guia, atada com lianas numa trouxa como se tivesse sido encasulada por uma aranha. Pendia dos fortes ramos inferiores de uma enorme chapapa. A cabeça tombara-lhe para a frente, olhando fixamente para baixo sem ver, a seta ainda cravada na sua garganta. Os braços e as pernas foram apertados com firmeza, e baloiçava com a esporádica arremetida da chuva.

Kaiku sentiu um novo pânico acometê-la. O maghkriin deixara-a como uma mensagem. E não só, previra exactamente o percurso que as suas presas tomariam e antecipara-se-lhes. Recuou aos tropeções do horror, deslizou alguns centímetros na terra. A intuição gritou-lhe.

Estava aqui um maghkriin. Neste momento.

Veio direto a si da esquerda, galgando o terreno entre eles no tempo que ela levou a virar a cabeça. O mundo pareceu abrandar à sua volta, as gotas da chuva desacelerando, os seus batimentos cardíacos intensificando-se numa explosão cava. Preparava-se para levantar a espingarda, mas soube, antes mesmo de começar, que não conseguiria colocar a boca da arma entre ela e a criatura. Captou apenas uma impressão nítida de pele vermelha e enegrecida, um olho cego e fios de cabelo a agitar-se; depois viu uma lâmina em gancho avançar para lhe cortar a garganta, e não havia nada no mundo que tivesse tempo de fazer.

O sangue bateu-lhe no rosto ao sentir o impacto, o maghkriin colidindo com ela e atirando-a ao solo num acesso de dor e choque branco. Não conseguia respirar, não conseguia respirar - afogava-se, tal como antes, nos esgotos e uma mão imunda e putrefacta a segurá-la lá em baixo...

porque o ar não conseguia chegar-lhe aos pulmões, e havia o gosto do seu próprio sangue na boca, sangue nos seus olhos a cegá-la, sangue por todo o lado - ó espíritos, não conseguia respirar, não conseguia respirar, porque a sua garganta fora cortada, aberta como um peixe, a sua garganta!

Depois movimento, a toda a sua volta. Saran, Tsata, a tirarem-lhe o peso do peito, a puxarem o cadáver inerte do seu atacante. Lutou por um sopro, ar suave e milagroso a entrar-lhe nos pulmões ruidosamente. Levou a mão ao pescoço e verificou que estava coberto de sangue mas intacto. Foi levantada bruscamente da lama, a chuva já a levar-lhe o sangue coagulado da pele para as roupas.

— Estás ferida? — gritou Saran, agitado. — Estás ferida? Kaiku ergueu uma mão trémula para indicar que ele teria de esperar um pouco.

Estava com muita falta de ar. Os seus olhos desviaram-se até à monstruosidade musciosa que jazia de bruços e meio afundada na terra molhada.

— Olha para mim! — Saran falou com rispidez, agarrando-lhe o queixo e virando-lhe bruscamente o rosto. — Estás ferida! — inquiriu novamente, frenético.

Ela sacudiu-lhe o braço, subitamente zangada por ser tratada com rudeza. Não tinha ainda ar suficiente dentro de si para formar palavras. Com a palma da mão no peito, dobrou-se e deixou que o fluxo normal de ar lhe voltasse aos pulmões.

— Ela não está ferida — afirmou Tsata, mas se o disse em tom de acusação, de alívio ou objectivamente, perdeu-se no meio da sua inexperiência da língua.

— Não estou... ferida — arfou Kaiku, olhando carrancuda para Saran. Este hesitou um momento, depois afastou-se dela, aparentemente perturbado consigo mesmo.

Tsata baixou-se para a lama e virou o maghkriin de costas. Este era mais humanóide do que o último, a sua roupa reduzida a andrajos revelando um corpo ágil e esbelto com músculos magros por debaixo de pele vermelha rugosa. Apenas o seu rosto era bestial: pelo menos o que dele restava. Um lado ficara calcinado e empolado pelo fogo; o outro fora transformado numa pasta ensanguentada por uma bala de espingarda. Por entre os danos viam-se dentes amarelos tortos e um nariz espalmado, e o cabelo afinal não era cabelo, mas finos tentáculos carnudos que lhe pendiam flácidos do couro cabeludo.

Kaiku desviou o olhar.

— Era aquele que queimaste — disse Tsata. — Não admira que fosse tão lento.

— Mataste-o? — inquiriu Kaiku como que entorpecida, tentando que fizesse algum sentido no meio da confusão. Ele dissera que aquilo fora lento! A chuva persistente lavara-lhe entretanto o sangue do rosto, mas corriam ainda riachos

rosados do seu cabelo molhado. A lama colava-se-lhe às costas, aos braços e às pernas. Nem se apercebeu.

Tsata inclinou o queixo para cima. Kaiku levou um momento a perceber que se tratava de um aceno.

— Vocês abandonaram-me — disse de repente, olhando de um para o outro. — Vocês os dois deixaram-me, e sabiam que aquela coisa andava ali!

— Eu deixei-te com Tsata! — protestou Saran, deitando um olhar furioso ao Tkiurathi, que retribuiu com um olhar verde frio, as suas feições tatuadas calmas debaixo do capuz.

— Fazia sentido — referiu Tsata. — O maghkriin ter-te-ia perseguido, Saran, quando te afastaste sozinho. Mas se estivéssemos todos sozinhos, ele escolheria primeiro a presa mais perigosa ou a mais indefesa.

De qualquer das formas, era ela.

— Vocês usaram-me como isca — insurgiu-se Kaiku.

— Eu estava escondido, a observar-te. O maghkriin não desconfiava que fôssemos pôr propositadamente em perigo um dos nossos.

— Vocês podiam ter falhado! - gritou Kaiku. — Aquilo podia ter-me morto!

— Mas não o fez — redarguiu Tsata, aparentemente sem compreender a razão da fúria dela.

Kaiku olhou ameaçadoramente para Tsata, incrédula, depois para Saran, que se limitou a levantar as mãos para negar qualquer conhecimento ou responsabilidade.

— Isto é alguma lógica okhambana? — ripostou, o seu rosto ruborizado. Não podia acreditar que alguém jogasse fortuitamente com a sua vida daquela maneira. — Alguma maldita questão primitiva de pash? Sacrificar o indivíduo pelo bem do grupo?

Tsata mostrou-se surpreendido.

— Exactamente isso — confirmou. — Aprendes depressa os nossos modos.

— Que os deuses amaldiçoem os teus modos - proferiu, encolerizada, e puxou o capuz sobre a cabeça. — Não deve faltar muito para Kisanth. Devíamos continuar.

O resto da viagem decorreu em silêncio. Apesar de a atenção de Saran e Tsata não diminuir rigorosamente nada, o perigo passara entretanto, pelo menos para Kaiku, que acalentou a sua fúria o caminho todo até Kisanth. Quando saíram novamente da selva, fizeram-no defronte do portal de preces a Zanya. A visão dos pilares trouxe uma enchente de alívio e cansaço a Kaiku.

Avançou com lentidão até lá e deu graças por ter regressado sã e salva, como impunha o ritual. Quando terminou, viu que Saran fazia o mesmo.

— Julgava que vocês, os Quraal, não acreditavam nas nossas divindades pagãs — afirmou.

— Nós precisamos de todas as divindades que pudermos neste momento —

respondeu sombriamente, e Kaiku perguntou-se se falaria a sério ou estaria a gozar com ela. Transpôs o portal e avançou na direcção da muralha paliçada de Kisanth, e ele seguiu-a.

CAPÍTULO 5

Axekami, coração do império, desfrutava do calor do final do Verão. A grande cidade situava-se na convergência de dois rios que se fundiam num terceiro, uma junção por onde passava a maior parte do comércio no Noroeste do Saramyr.

Os cursos do Jabaza e do Kerryrn serpenteavam pelas vastas planícies verde-amareladas a norte e a leste para entrarem na extensa capital muralhada, dividindo-a em bairros perfeitamente distintos. Encontravam-se no centro de Axekami, na Confluência, redemoinhando à volta de uma plataforma hexagonal de pedra que fazia a ligação por cima da água revolta através de três pontes elegantes, curvas e equidistantes. No meio havia a colossal estátua de Isisya, Imperatriz dos deuses e deusas da paz, da beleza e da sabedoria. A tradição dos Saramyr tendia a retratar as suas divindades de forma ambígua e indirecta - como objectos votivos, ou com semblantes animalescos, - considerando em certa medida uma arrogância tentar reter a forma de seres divinos. Mas aqui, a tradição fora ignorada, e Isisya estava representada em pedra azul como uma mulher, quatro metros e meio de altura, com vestes elegantes e ostentando uma elaborada sequência de ornamentos no seu cabelo tortuosamente complexo. Olhava para nordeste, na direcção da Fortaleza Imperial, a sua expressão serena, as mãos unidas e ocultas nas suas mangas volumosas. Por debaixo dos pés, na Confluência, o Jabaza e o Kerryrn misturavam-se, e confundiam-se, e tornavam-se o Zan, um imenso curso de água que avançava para fora da cidade e se estendia para sudoeste numa enorme faixa cintilante.

Na qualidade de centro político e económico do Saramyr, Axekami era uma colmeia de incessante actividade. A orla estava cheia de cais e armazéns, e fervilhava de nómadas, mercadores, marinheiros e estivadores. Na margem sul do Kerryrn, o caos colorido de casas de fumo, bordéis, lojas e bares que enchiam o arquipélago do Bairro do Rio era frequentado por libertinos de roupas extravagantes. A norte, onde o terreno subia em direcção à Fortaleza Imperial, templos garridos destacavam-se entre as cúpulas serenas das bibliotecas.

As praças públicas fervilhavam de gente enquanto os oradores e os demagogos expunham as suas convicções aos transeuntes, os cavalos passavam com dificuldade entre carroças a chiar e manxthwa sobrecarregados nas vias apertadas do Bairro do Mercado, enquanto por debaixo dos toldos coloridos os vendedores apregoavam todas as mercadorias do Mundo Vizinho. Era possível um refúgio do suor e da poeira das ruas num dos muitos parques públicos, para desfrutar de um magnífico banho de vapor ou visitar um da dúzia de jardins de esculturas, alguns dos quais remontavam à época de Torus tu Vinaxis, o segundo Imperador do Sangue de Saramyr.

A norte do Bairro do Mercado, o Bairro Imperial rodeava a base da escarpa que dominava a colina, com a própria Fortaleza Imperial a coroá-la. O Bairro em si era uma pequena cidade, habitada pelas famílias superiores, os independentes

abastados e patronos das artes, que se mantinham livres do aperto e da pressão do resto da cidade. Ali, as ruas amplas eram ladeadas por árvores exóticas e mantidas escrupulosamente limpas, e havia espaçosas casas urbanas construídas dentro de terrenos murados no meio de praças cheias de mosaicos e sombrios claustros. Jardins de água impecavelmente cuidados e caramanchões frondosos proporcionavam infinitos locais secretos para palco das maquinações da corte.

Depois havia a Fortaleza propriamente dita. Instalada no cimo da escarpa, o seu exterior em ouro e bronze espalhava pela cidade lâminas de luz solar reflectida. A sua forma fazia lembrar uma pirâmide truncada, plana no cimo, com a grandiosa cúpula do templo da Família Imperial dedicado a Ocha erguendo-se no centro para simbolizar que nenhum humano, nem mesmo um Imperador, era superior aos deuses. As quatro paredes inclinadas da Fortaleza faziam doer os olhos da complexidade de janelas em arco, varandas e esculturas, uma obra-prima de estátuas e arquitectura interligadas e inigualada em qualquer ponto de Axekami. Espíritos e demónios perseguiam-se à volta das colunas e entravam e saíam de cenas lendárias habitadas por divindades do panteão do Saramyr. Em cada um dos vértices da Fortaleza havia uma torre alta e estreita. Todo o magnífico edifício estava rodeado por uma sólida muralha, de aspecto não menos elegante, mas cravejada de fortificações, interrompidas apenas por um enorme portão colocado por debaixo de um sobranceiro arco dourado com inscrições de bênçãos antigas.

Dentro da Fortaleza, o Imperador do Sangue de Saramyr, Mos tu Batik, fitava com ar carregado o seu reflexo num espelho solto em prata forjada. Era um homem atarracado, alguns centímetros mais baixo do que a sua largura sugeria, conferindo ao seu tronco um ar abarricado e de aspecto sólido. Cerrava as maxilas da frustração mal contida por debaixo de uma barba hirsuta onde sobressaíam fios brancos.

Com movimentos tensos e irados, compunha as vestes cerimoniais, puxando os punhos e ajustando o cinto. O sol da tarde entrava no aposento por duas janelas em arco atrás de si, dois raios rígidos a incidir na dança das partículas de pó. Normalmente, o efeito era satisfatório, mas hoje, o contraste fazia apenas com que o resto do aposento parecesse obscuro e cheio de sombras quentes.

— Devíeis controlar-vos — guinchou uma voz ao fundo do aposento. — A vossa agitação é óbvia.

— O espíritos, Kakre, é claro que estou agitado! — ripostou Mos, deslocando o seu olhar pelo espelho até ao sítio onde uma figura curvada se deslocava lentamente para a luz vinda da escuridão no canto do quarto. Envergava uma túnica de retalhos de pano, couro e outros materiais não tão facilmente identificáveis, cosidos uns aos outros numa imitação fortuita de padrão e lógica, com pontos semelhantes a cicatrizes estendendo-se arbitrariamente pelas pregas. Enfiado debaixo de um capuz puído, o sol incidia com intensidade na metade inferior de um maxilar emaciado que não se mexia quando ele falava. O Tecedor do próprio

Imperador, o Tecedor-mor.

— Não seria adequado irdes ao encontro do vosso irmão-pelo-casamento neste estado - prosseguiu Kakre. — Ele ficaria ofendido.

Mos soltou uma gargalhada cheia de azedume. — Reki? Não me interessa o que aquele fedelho dado à leitura pensa. — Virou as costas ao espelho e encarou o Tecedor-mor.

— Tem conhecimento das informações que recebi, presumo?

Kakre levantou a cabeça, e o esplendor do olho de Nuki incidiu no rosto por debaixo do capuz. A Máscara Verdadeira do Tecedor-mor Kakre representava um cadáver mumificado boquiaberto, um rosto de faces encovadas em pele curada que se estendia seco e pálido por cima das suas feições. Mos achara bastante desagradável o seu antecessor, mas Kakre era pior.

Nunca iria conseguir olhar para o Tecedor-mor sem um estremecimento de repulsa.

— Tenho conhecimento das informações — afirmou Kakre, a sua voz seca e desagradável.

— Sim, foi o que calculei — referiu Mos, cheio de veneno.

Muito pouco se passa nesta Fortaleza sem que você o venha a descobrir, Kakre; mesmo quando não lhe diz respeito.

— Tudo me diz respeito — retorquiu Kakre.

— A sério? Nesse caso, por que não se preocupa em descobrir o motivo de as minhas colheitas se perderem ano após ano? Por que não faz algo para evitar que a moléstia se estenda pelo solo do meu império, leve a que os bebés nasçam Aberrantes, ataque as árvores e que torne perigosa a passagem dos meus homens perto das montanhas porque só os deuses sabem que tipo de monstruosidades espreitam agora ali?

— Mos avançou pesadamente até junto de uma mesa onde estava uma garrafa de vinho e serviu-se de um generoso copo.

— Estamos quase na Semana Estival! A menos que a própria deusa Enyu nos venha dar uma ajuda, este ano vai ser pior do que o último. Estamos à beira da fome, Kakre! Algumas das províncias mais distantes têm estado a racionar os camponeses há já tempo de mais! Eu precisava desta colheita para fazer frente ao maldito consórcio comercial no Okhamba!

— O vosso povo passa fome por vossa causa, Mos — replicou Kakre venenosamente. — Não atribuais aos Tecedores a culpa dos vossos próprios erros. Vós é que desencadeastes a guerra comercial quando aumentastes as taxas de exportação.

— O que teria preferido? — bramou. — Que eu permitisse o colapso da nossa economia?

— Pouco me interessam as vossas justificações — afirmou Kakre.

— Não é por isso que deixais de ter culpa.

Esvaziou o copo e olhou sinistramente para o Tecedor-mor.

— Ocupámos este trono juntos — encolerizou-se. — Custou-me o meu único filho, mas conseguimos. Eu cumpri a minha parte do acordo. Deixei que você pertencesse ao império. Dei-lhe terras, dei-lhe direitos.

Era essa a minha parte do nosso acordo. Onde está a sua?

— Mantivemo-vos no trono! — respondeu Kakre, a sua voz subindo com a fúria. — Sem nós, a vossa inépcia já teria levado à vossa deposição. Não vos lembrais de quantas insurreições vos alertei, quantas conspirações e tentativas de assassinato descobri para vós? Cinco anos de colheitas perdidas, crises dos mercados, desordens políticas; as famílias superiores não serão afectadas.

— A voz de Kakre passou a um discreto murmúrio. — Querem que vos afasteis, Mos. Vós e eu.

— Foi por causa das colheitas perdidas que toda esta maldita confusão surgiu! — exclamou Mos, engasgando-se com a frustração.

— E esta nefanda moléstia! Onde está a sua origem? Qual é a causa? Por que não a conhece?

— Os Tecedores não são todo-poderosos, meu Imperador — gemeu Kakre baixinho, virando de costas. — Se fôssemos, não necessitaríamos de vós.

— Ei-lo! — A Imperatriz Laranya esboçou um largo sorriso, escapando às criadas atarefadas e correndo pelo pequeno aposento até à porta por onde Mos acabara de entrar. Lançou-se nos braços do Imperador e beijou-o jovialmente, depois recuou e afastou-lhe o cabelo do rosto, os seus olhos percorrendo os dele.

— Pareces aborrecido — disse. — Passa-se algo? — De repente, sorriu. — Isto é, algo que eu possa resolver?

Mos sentiu o mau humor evaporar-se nos braços da sua amada, e curvou-se para a beijar de novo, desta vez com intensidade.

— Não há nada que tu não conseguisses resolver com esse sorriso — murmurou.

— Bajulador! — acusou, fugindo dos braços dele com um movimento namoriscador. — Estás atrasado. E as tuas patas desajeitadas amarrotaram-me o vestido. Agora as minhas criadas vão ter de o compor. Tem de estar tudo em ordem a tempo de receber o meu irmão.

— As minhas desculpas, Imperatriz — disse ele, fazendo uma vénia profunda com falsa sinceridade. — Não fazia ideia de que hoje fosse um dia tão importante para ti.

Ela arfou, fingindo incredulidade.

— Como os homens são ignorantes.

— Bem, se vou ser insultado desta maneira, posso voltar para os meus aposentos e deixar-te o caminho livre — provocou Mos.

— Vais ficar aqui e aprontar-te comigo! — ordenou-lhe. — Isto é, se amanhã ainda quiseses ter Imperatriz.

Mos acedeu graciosamente, vindo colocar-se ao lado da esposa e deixando que as criadas particulares cuidassem do seu aspecto. Começaram a aspergi-lo com óleos perfumados e a acrescentar a parafernália que a tradição exigia da sua condição. Suportou tudo mais animado do que antes.

A pompa e cerimónia inerentes a ser-se Imperador do Sangue punham à prova a sua paciência nas melhores ocasiões; era um homem frontal, nada dado a subtilezas e com pouco tempo para os rituais e tradições milenares. O processo de boas-vindas a um convidado importante no caso de uma estada prolongada era complexo e abrangia muitos níveis de cortesia e formalismo, consoante a posição social do convidado em relação à Família Imperial. Se efectuassem muito poucos preparativos, o convidado poderia ficar ofendido; se fossem excessivos, sentir-se-ia embaraçado. Sabiamente, Mos encarregara os seus conselheiros de todos esses assuntos e depois a sua nova esposa.

O aposento ao seu redor estava cheio de serviçais envergando as suas melhores vestes, Guardas Imperiais de armadura branca e azul, criados levando flâmulas e elegantes cortesãos afinando os seus instrumentos. As criadas particulares corriam de um lado para o outro, e o Conselheiro Cultural de Mos enviara recadeiros aqui e ali a buscar bens necessários esquecidos e proceder a ajustamentos de última hora.

O salão de entrada era apenas o brilho superficial de toda a operação. Mais tarde, haveria teatro, poesia, música e uma infinidade de outros divertimentos que eram quase infindáveis para um homem com os gostos grosseiros de Mos. Apenas o banquete que assinalaria o fim da cerimónia tinha algum interesse para ele. Contudo, apesar dos seus sentimentos em relação à visita, sempre se tratava do irmão de Laranya, a quem ela era muito chegada, e o que a deixava feliz também o deixava feliz. Encheu-se de coragem e decidiu fazer um esforço.

Enquanto se davam os retoques finais na sua indumentária, deitou olhares furtivos a Laranya, que fingiu não reparar. Como eram estranhos os desígnios dos deuses, para terem levado até si uma criatura tão encantadora quanto ela nesta altura da sua vida, que se aproximava das cinquenta e cinco apanhas. Contara sem dúvida com a aprovação divina para assumir o cargo de Imperador do Sangue. Ou, reflectiu com uma pontada do seu anterior mau humor, talvez se tratasse apenas de repor o equilíbrio por lhe terem tirado o seu filho Durun.

Começara como uma simples questão de política. Com o único herdeiro morto, e o Sangue Batik como a família superior, Mos necessitava de um filho. A sua primeira esposa, Ononi, ultrapassara já a idade fértil, de modo que Mos anulara o seu casamento com ela e procurara uma noiva mais jovem. Não houvera azedume de parte a parte, visto, antes de mais, não ter existido paixão; fora um casamento de vantagem mútua, tal como era a maioria entre as famílias superiores do Saramyr.

Ononi continuou a administrar as propriedades dos Sangue Batik a norte, e Mos mudou-se para a capital e começou a procurar potenciais partidos. Encontrou

um em Laranya tu Tanatsua, filha do Barak Goren de Jospa, uma cidade no deserto do Tchom Rin. Foi uma jogada sensata estabelecer laços com a metade oriental do Saramyr, especialmente numa altura em que as montanhas que as dividiam estavam a ficar extremamente traiçoeiras de atravessar e cada vez mais a única forma de comunicação entre o Oeste e o Leste era através dos Tecedores.

Laranya satisfazia bastante e além disso era bela, com cabelos escuros e pele morena, cheia de curvas e fogosa. Mos gostara imediatamente dela, era muito melhor do que as mulheres esbeltas, recatadas e subservientes que se lhe tinham oferecido até ali. Numa jogada de flagrante audácia, Laranya obrigara-o a deslocar-se até Jospa para avaliar da sua adequação a futura esposa. Mesmo quando ele acedera, intrigado pelo atrevimento da sua coragem, agira como se fosse ela a escolhê-lo para pretendente, não obstante a enorme mortificação do pai.

Talvez tivesse sido nessa altura que ela lhe prendeu o coração. Prendera sem dúvida a atenção dele. Levou-a consigo para Axekami, e casaram-se no meio de grande cerimónia e comemorações. Fora há três anos e, a dada altura do tempo de permeio, apaixonara-se por ela, e ela por ele. Era invulgar, mas não inaudito. Não se punha a questão de ser vinte e tal apanhas mais nova do que ele. Eram ambos obstinados, estavam apaixonados e acostumados a levar a sua por diante; tinham encontrado um no outro a sua metade. Apesar de as discussões deles serem famosas entre os criados da Fortaleza pela sua violência, o afecto que nutriam um pelo outro era também incomensurável e óbvio. Apesar de o infortúnio perseguir cada passo seu como Imperador do Sangue, sentia-se abençoado por a ter.

Havia somente uma sombra no casamento deles nestes últimos anos, e a raiz de muitas das suas brigas. Apesar de a atracção física entre ambos justificar relações sexuais enérgicas e frequentes, não adviera delas nenhuma prole. O que Laranya mais queria era dar-lhe um filho, mas não conseguia conceber e, com o tempo, a amargura e a frustração começaram a depositar-se como óleo sob as palavras deles.

Ao contrário do filho Durun - que passara pelo mesmo ordálio com a própria esposa, a anterior Imperatriz do Sangue Anais tu Erinima, assassinada - Mos sabia que não era estéril. No entanto, sabia também que era necessário um herdeiro, e Laranya não se afastaria tão indulgentemente quanto Ononi para permitir que ele voltasse a casar. Mesmo que quisesse.

Então, milagrosamente, acontecera. Há duas semanas, ela dera-lhe a notícia. Estava grávida. Via-o já nos modos dela, o novo rubor nas faces, os sorrisos secretos que guardava para si quando julgava que ele não estava a olhar. O mundo dela virara-se para dentro, para a criança no seu ventre, e Mos ficou logo confuso e enfeitiçado por ela. Mesmo agora, apesar de estar longe de se notar o seu estado, viu-a levar inconscientemente a mão à pélvis, os olhos distantes, enquanto as criadas tagarelavam e se afavamam à sua volta. Filho dele. A ideia trouxe-lhe um esgar súbito e cruel ao rosto. Endireitou-se quando soou um corno no exterior da Fortaleza, e as criadas dispersaram, deixando o Imperador e a Imperatriz de pé num

estrado baixo no cimo de um conjunto de três degraus, virados para uma ala de servidores e Guardas imaculadamente apresentados. O salão sussurrava com o arrastar de pés das pessoas que se arrumavam nos seus lugares. As flâmulas vermelho e prata dos Sangue Batik agitaram-se suavemente na brisa quente das janelas em arco por cima das portas duplas com embutidos de ouro. Reki chegara.

Laranya deu a mão a Mos por breves instantes e sorriu-lhe, depois largou-a para assumir a postura correcta. O coração do Imperador do Sangue aqueceu até ficar igual a uma fornalha. Pensou no dia difícil que tinha pela frente, e depois na vida a crescer no ventre da esposa. Ia ser novamente pai, pensou, quando as portas duplas se abriram e deixaram entrar a luz abrasadora do exterior, silhuetaando a forma franzina do irmão de Laranya à cabeça do seu séquito.

Por isso, suportaria tudo.

Os carvões no braseiro no centro do aposento descascado de Kakre enchiam a divisão de um vermelho arterial. Havia sombras carregadas e insidiosas a toda a volta, projectadas pelo brilho constante. Por insistência do Tecedor-mor, as paredes foram desrevestidas até ficar só a pedra e o lach preto semi-reflector fora levantado do chão, para deixar os tijolos irregulares e rugosos por baixo. Lá em cima, o aposento octogonal erguia-se alto num entrançado de vigas de madeira, os seus domínios superiores perdidos na escuridão.

Correntes e ganchos pendiam de lá, saindo das sombras altivas e vindo até ao nível do chão, onde roçavam para cá e para lá com a subida do calor, tilintando suavemente. Formas estranhas oscilavam delicadamente entre as vigas, coisas semivisíveis virando-se lenta e silenciosamente. Algumas delas vinham até bastante perto da radiação das brasas, podendo distinguir-se pormenores, parcamente iluminados por um vermelho sinistro. Papagaios de pele, humana e animal, esticada sobre estruturas de vime de uma terrível ingenuidade. Felizmente, alguns eram irreconhecíveis, simples formas geométricas a partir das quais era difícil determinar o dador do material que as revestia. Outros eram mais grotescos e artísticos. Havia uma ave grande costurada a partir da pele de uma mulher; eram ainda aterrorantemente identificáveis as feições distorcidas, vazias, por cima da cabeça e do bico, seios murchos espalmados entre as asas esticadas, cabelo preto comprido pendendo ainda do couro cabeludo. Algo que fora em tempos um homem pendia numa pose predatória, asas de morcego esticadas feitas de pele humana estendiam-se por debaixo dele e o seu rosto construído com tiras de escamas de cobra cosidas umas às outras. Uma estrutura ornamental com pequenos animais suspensos rodava perto dele, cada um com a pele habilmente retirada na metade dianteira esquerda e na traseira direita, esculturas multicolores em pêlo e esfriamentos brilhantes de músculo.

Mais próximo, colocadas nas paredes como troféus, estavam obras em curso ou peças do particular agrado de Kakre. Buracos pretos que em tempos foram órbitas olhavam de caveiras de vime para o aposento, sem verem. Independentemente da

alteração operada na forma do ser, era impossível esquecer de onde fora roubada a sua superfície seca e esticada, e cada horror era aumentado pela lembrança. Havia uma roda de ferro perto do braseiro, diabólica na perfeição da sua concepção, susceptível de ser adaptada para se adequar a qualquer forma física e a qualquer tamanho. As pedras por debaixo dela apresentavam uma forte coloração castanho-ferrugem.

Kakre estava sentado de pernas cruzadas junto do braseiro, um monte andrajoso de roupas com um rosto morto, e Tecia.

Era uma raia: uma forma alada espalmada, infinitesimal num mundo ondulante de negrura. Pairava no escuro, agitando-se ligeiramente, procedendo aos ínfimos ajustamentos necessários para manter a posição enquanto explorava as correntes em busca do seu percurso. Por cima e por baixo dele e de cada lado havia espirais e turbilhões, remoinhos e canais, correntes que apenas conseguia sentir mas não ver, um movimento violento e letal que o podia apanhar e despedaçar. Sentia os monstros marinhos imensos e distantes que assaltavam a periferia dos seus sentidos, os inexplicáveis residentes da Teia.

Aqui, neste lugar sem visão, ele era cego, mas a água corria à volta e através dele, sobre a sua pele fria e entrando-lhe na boca, saindo pelas euelas ou descendo até ao estômago, espalhando-se-lhe no sangue. Via na sua mente como as correntes se torciam, enrolavam e encaracolavam de formas impossíveis para a água e o vento, seguindo cada uma até aonde se intersectava com outra, confluências no vazio caótico.

Num instante traçara um percurso de extraordinária complexidade matemática, um túnel tridimensional de correntes que fluíam a seu favor, deixando-o onde tinha de ir num brevíssimo período de tempo e com um mínimo de esforço. Não que a distância física tivesse alguma importância no mundo da desordem, e era assim que Kakre entendia um processo que não tinha compreensão possível.

A matéria-prima da Teia ultrapassava o limite suportável pela sanidade, demasiado tentadora e sedutora. Todos os anos, uma percentagem de aprendizes de Tecedor perdia-se no êxtase aterrador da revelação do tecido brilhante da criação, na sua beleza singela e avassaladora. Era um narcótico que excedia tudo o que o mundo orgânico podia proporcionar, e naquele primeiro ímpeto só os mais fortes eram suficientemente resistentes para não se deixarem arrebatados e perderem-se na Teia, fantasmas descuidados vogando ditosamente na malha do universo enquanto os seus corpos abandonados se tornavam vegetativos. Os Tecedores aprendiam desde o primeiro momento a visualizar a Teia de modo a poderem ter êxito. Havia quem a visse como uma série infinita de teias de aranha; outros, como uma massa pulsante de bronquíolos ramificados; alguns, como um edifício de dimensões impossíveis em que qualquer porta conduzia a outra qualquer; outros ainda, como uma história de sonhos sequenciais em que o processo de ir do princípio ao fim reflectia o efeito que a sua Tecitura pretendia alcançar.

Kakre achava-a extraordinariamente harmoniosa assim. Mais fluida, mais dinâmica, e sem nunca o deixar esquecer quão perigosa era a Teia. Mesmo agora, depois de tantos anos, constatava que necessitava de recorrer aos mantras hipnóticos no seu subconsciente para evitar a permanente sensação invasora de maravilha e temor ante o que o envolvia. Sabia perfeitamente que tais sensações eram apenas um caminho dissimulado para a viciação que se seguiria se abrandasse o auto-controle e, uma vez perdido este, nunca mais o recuperaria.

Agora tinha o percurso traçado no seu consciente e, com uma inclinação das asas, passou para a corrente por debaixo dele. Esta impeliu-o para a frente com um ímpeto arrebatado, acelerando mais depressa do que o pensamento, mais célere do que o instinto. Mergulhou numa corrente contrária, seguindo suavemente na voragem, e foi de novo expelido a uma velocidade ainda maior. Novamente em mudança, mais correntes contrárias, dúzias delas vindo tão rapidamente que eram praticamente contínuas. Tremulava como uma centelha através das sinapses do cérebro humano, vendo cada fluxo e refluxo e contrariando-os ou seguindo-os com uma graça hilariante, cada vez mais depressa até o mundo desabrochar no exterior, a visão lhe voltar, as sensações humanas cruas substituírem as infinitamente mais subtis utilizadas na Teia. Um espaço; um espaço construído com paredes irregulares, linhas medidas pela mão de um idiota num simulacro de simetria. Finas agulhas de rocha esculpida irrompiam pelo solo como estalagmites, uma floresta de estranhos obeliscos ostentando uma linguagem absurda. Lâmpadas assentes em palmatórias, algumas novas e ardendo soturnamente, outras frias e cobertas de teias de aranha. Estava escuro, ensombrado e mergulhado no conhecimento antigo que exsudava das paredes. Sentiu a deslocação e a agitação das abominações que viviam nas minas lá muito ao fundo.

Sentiu o estranho delírio dos outros Tecedores. Aqui em Adderach, o mosteiro nas montanhas, fortaleza e berço dos Tecedores, a colossal singularidade do propósito que unia todos aqueles que usavam as Máscaras Verdadeiras ressoava mais intensamente do que nunca.

Era um fantasma na câmara, pairando no ar, um coma alquebrado e turvo. Só a sua Máscara aparecia nitidamente focada; o capuz e os andrajos que a rodeavam tornaram-se progressivamente menos distintos com a distância. Encontravam-se três outros Tecedores diante dele, um trio arbitrário que nunca antes vira. Envergavam todos as pesadas túnicas aos retalhos, o seu vestuário tornado único pela ausência de ritmo ou som na sua criação. Tinham respondido ao seu chamado e aguardavam-no aqui. Iriam escutar, e aconselhar, com a voz da entidade constituída pelos Tecedores, a presença de referência única que nem mesmo os próprios Tecedores, na sua insanidade, conseguiam identificar. Estes três divulgariam então pela rede as informações que ele tinha para dar.

Estava na hora de empreender a acção.

— Tecedor-mor Kakre— começou um deles, que usava uma Máscara de

couro e osso. — Temos de saber do Imperador e dos seus actos.

— Nesse caso, tenho muito que lhes contar — referiu Kakre com voz rouca, a garganta destruída tornando a voz áspera e forçada. A colheita volta a falhar — afirmou o segundo do trio, cujo rosto fora moldado em ferro fino, com a forma de um demónio arreganhando os dentes. — A fome atacará. Em que pé estamos?

— O Imperador do Sangue Mos perde a paciência— respondeu Kakre.

— Sente-se frustrado ante a nossa incapacidade de destruir a moléstia que ataca as suas sementeiras. Continua sem fazer a menor ideia de que somos nós que estamos a causar. Tinha esperança de que a colheita resistisse mais algum tempo, mas parece que a alteração na terra é mais rápida do que até nós tínhamos julgado.

— Isto é grave — afirmou o primeiro Tecedor.

— Não conseguimos encobri-lo — referiu Kakre. — Os danos estão a tornar-se demasiado pronunciados para se ignorarem, e demasiado óbvios para se ocultarem. Há já vários que seguiram a moléstia até à sua origem; a cada ano que passa há cada vez mais a fazê-lo. Não podemos continuar a silenciar todos. Fazem-se perguntas, e partem de pessoas que não ousamos coagir. — Kakre agitou-se no ar, focando-se e desfocando-se. — Se se viesse a saber que a fome é obra nossa, isso seria o pretexto de que todo o Saramyr tem estado à espera para nos destruir — declarou o Tecedor da Máscara de ferro.

— E conseguiriam? Conseguiriam destruir-nos? — demandou o primeiro.

— É pouco provável — articulou Kakre. — Há cinco anos, talvez.

— Está excessivamente confiante, Kakre — murmurou o terceiro Tecedor, que usava uma elegante Máscara de madeira com uma formidável expressão de tristeza.

— E então a Imperatriz-Herdeira? E a tal presença de que Vyrrech nos alertou, a mulher que conseguia mover-se na Teia? Não encontraram nenhuma delas, em cinco anos de buscas.

— Não existe qualquer indicação de que a Imperatriz-Herdeira esteja sequer viva— respondeu Kakre lentamente, as suas palavras atravessando a Teia e chegando como um sonoro eco.

— Subsiste a possibilidade de ter perecido na Fortaleza Imperial e de ter ficado queimada. Pode ter morrido depois de fugir. Não tenho ilusões quanto ao perigo que ela representa, mas é consideravelmente menos perigosa agora que nos livramos da mãe dela e já não vai herdar o trono.

— Ela ainda gera descontentamento — argumentou o primeiro e mais vocal dos Tecedores. — E as pessoas podem até preferir uma Aberrante no trono a Mos quando a fome começar a atacar.

— Nós não o permitiríamos — redarguiu Kakre calmamente. — A Imperatriz-Herdeira e a mulher que venceu o Tecedor-mor Vyrrech são perigos contra os quais nada podemos fazer neste momento, e, além disso, inquantificáveis. Elas

escaparam às nossas melhores tentativas de as encontrar. Ponham de lado estas questões. Temos de decidir o que fazer agora.

— Nesse caso, o que propõe? — murmurou o terceiro Tecedor.

A imagem-fantasma de Kakre virou-se para o rosto daquele que falara. — Não podemos permitir-nos esperar mais. Temos de dar início aos nossos esquemas com determinação. A impopularidade de Mos trará de novo a guerra civil, e nós não podemos ficar do lado dele sem que se veja ali a nossa mão. Isso não faremos. Ele já teve a sua serventia; neste momento não tem qualquer préstimo para nós.

Ouviu-se um murmúrio de concordância entre os reunidos.

— O tempo de Mos como Imperador do Sangue está a chegar ao fim — prosseguiu Kakre. — Os Sangue Kerestyn estão a reorganizar as suas forças, e a formar alianças secretas com as outras famílias superiores. O povo fervilha de descontentamento e abunda a superstição. Há quem acredite que os Tecedores nunca deveriam ter subido ao poder, que os deuses amaldiçoaram a terra por causa disso. É um movimento que está a ganhar muitas simpatias nas zonas rurais para lá das cidades. — Percorreu-os a todos com o olhar. — Temos de zelar pela nossa própria sobrevivência.

— Nesse caso, tem um plano? — sugeriu a Máscara de osso e couro...

— Oh, se tenho — replicou Kakre.

CAPÍTULO 6

Gritos.

Lan não imaginara que algo tão medonho pudesse sair da garganta de um ser humano, nunca acreditara que semelhante grito de puro terror animal pudesse ser emitido por um ser inteligente.

Nunca sonhara que o fosse ouvir da boca da própria mãe.

Estava um dia perfeito, o esporádico comboio disperso de minúsculas nuvens redondas a salpicar o que de outro modo era um céu azul limpo, adquirindo uma tonalidade turquesa próximo do horizonte. O Pelaska preguiçava no meio do Kerry, as enormes rodas de pá de cada lado paradas enquanto a corrente levava a pesada barca para oeste das Montanhas Tchamil, na direção de Axekami.

Estavam adiantados em relação ao previsto, talvez meio dia a leste da bifurcação onde o rio se dividia e o canal que seguia para sul se transformava no Rahn, atravessando a região agreste da Falha de Xarana. Tudo levava a pensar que não iria acontecer nada de errado. Houvera um certo nervosismo durante a viagem. Lan quisera pedir ao pai que não aceitasse o Tecedor mais a sua carga, mas falara em vão. Não tinham escolha.

E agora a mãe gritava.

Tinham estado amarrados ao cais na minúscula cidade de Jiji, no sopé das montanhas, carregando metais e minérios e equipamento excedentário das minas para entregar em Axekami. Por azar, a barca deles era a única com capacidade suficiente para as necessidades do Tecedor.

Os Tecedores possuíam a sua própria frota de barcas, que navegavam nos rios da parte ocidental de Axekami e eram olhadas por todos com desconfiança. Os patrões das barcas eram mal-encarados, taciturnos e estranhos, e circulavam histórias pelas vias fluviais sobre estes homens malditos que celebravam pactos com os Tecedores em troca de riquezas e poder.

Não se sabia ao certo de onde vinham as riquezas nem o poder: as barcas mal davam lucro, operando apenas o suficiente para cobrir os custos da exploração. Durante o resto do tempo, passavam silenciosamente pelos portos e raramente acostavam, prosseguindo nas suas incumbências secretas. O Tecedor requisitou a embarcação e a tripulação e exigiu o transporte, declarando que tinha uma entrega urgente a fazer e que nenhuma das barcas dos próprios Tecedores estava nas proximidades. O pai de Lan, Pori, aceitou estoicamente o seu destino. O patrão deles ficaria furioso por saber que uma das suas barcas fora requisitada; mas, pertencendo à classe dos camponeses, as vidas das gentes das barcas estavam à mercê de um Tecedor que, inclusivamente, as podia tirar.

Lan estava aterrado com o novo passageiro. Tal como a maioria das pessoas do Saramyr, estivera presente nos esporádicos ajuntamentos que tiveram lugar durante a sua infância, em que um Tecedor chegava à cidade para pregar. O fascínio

nunca diminuía. Estes homens estranhos, temíveis e enigmáticos, escondidos por detrás de Máscaras de uma beleza grotesca e vestidos com retalhos de peles e tecidos, eram dignos de se ver. Falavam dos Aberrantes: monstruosidades más e deformadas que queriam subverter os modos do Saramyr. Os Aberrantes revestiam muitos aspectos. Alguns apresentavam as suas deformidades no exterior, torcidos ou curvados, sem membro ou coxos. Outros eram mais discretos e, conseqüentemente, mais perigosos: aqueles que se assemelhavam a pessoas normais, mas que abrigavam no seu seio poderes estranhos e terríveis. Os Tecedores ensinavam-nos a reconhecer a mácula e o que fazer quando a encontrassem. A execução era a recomendação mais branda.

Arranquem o mal pela raiz, insistiam os Tecedores. Não deixem que nada os detenha. Os Aberrantes são uma corrupção da humanidade. Era uma mensagem repetida geração após geração, e estava arraigada no consciente do Saramyr tal como as virtudes da tradição e do dever que sustentavam a sua sociedade.

Mas, nesses ajuntamentos, Lan fora um de entre muitos, seguro no meio deles, capaz de se vir embora sempre que quisesse. Tinham circulado histórias sobre os terríveis apetites dos Tecedores, mas ninguém sabia ao certo até que ponto eram verdade e onde começava a fantasia. Causavam um estremecimento de medo, mas nada mais.

Agora, porém, viam-se obrigados a viver com um Tecedor durante pelo menos uma semana, talvez mais, pois não faziam ideia do sítio aonde o seu passageiro queria ir, e ele não lhes adiantara mais do que uma indicação de que se dirigiam para jusante. Uma semana passada no receio de algum capricho ou exigência insanos, limitados aos confins da barca, evitando qualquer expressão vazia daquela Máscara de pele de foca cinzenta com os seus olhos franzidos e boca cosida. E se o Tecedor não fosse suficientemente mau, punha-se a questão da carga que iria trazer para bordo. Em vez de carregar em Jiji, haviam sido informados de que parariam pelo caminho. Pori quisera saber onde, e levava uma bofetada com as costas da mão pelo importúneo.

Foram obrigados a partir imediatamente. Felizmente, a maior parte das suas próprias mercadorias encontrava-se já a bordo, principalmente barris excedentários de pólvora de ignição das minas, onde era usada nos rebentamentos. Iam vendê-la de novo na cidade, onde a agitação civil estava a fazer subir os preços das armas de fogo e da pólvora com o aumento da procura. A viagem podia não ser inteiramente desperdiçada; se o Tecedor fosse condescendente, poderiam parar em Axekami para a entregar e cumprir o contrato. Mas, por outro lado, não faziam ideia de quanto espaço iria esta nova carga misteriosa necessitar, nem se teriam de deitar fora alguma da sua no decurso da viagem para a acomodar.

O Tecedor instalou-se na cabina que pertencera a Pori e à sua mulher Fuir. Já era de esperar; tratava-se da melhor. Pori era o mestre do Pelaska. Mudaram-se sem qualquer queixa para as instalações da tripulação, onde Lan passou a dormir

com os barqueiros e timoneiros.

Lan podia ser o filho do mestre, mas quando estavam no rio, não passava de mais um ajudante de barqueiro e lavava a coberta com os restantes. Na primeira noite decorrida em navegação, o Tecedor obrigou-os a parar do lado esquerdo do rio e a atracar na margem. Não havia ali senão o aglomerado das árvores da Floresta de Yuna, com o Kerry n a deixar um trilho no que era de outro modo um muro denso de vegetação rasteira e folhagem. A noite estava escura, apenas com uma lua a pairar no céu, e a corrente era traiçoeira ali.

À luz verde-pálida de Nery n, conseguiram prender a embarcação à margem com cordas e âncoras, e descer uma prancha de embarque. Quando terminaram, olharam uns para os outros e perguntaram-se o que mais os esperaria. Não ficaram muito tempo na expectativa. O Tecedor ordenou a todos que fossem para baixo, para as instalações da tripulação, e trancou-os lá dentro.

Lan ouviu a aflição dos marinheiros em silencioso desalento enquanto o pai e a mãe se sentavam calmamente ao lado dele numa tarimba. As imprecações e a raiva deles raiavam a blasfémia. Nem queria acreditar que se atrevessem a criticar um Tecedor; tão-pouco achava que fosse seguro fazê-lo, mesmo que não estivesse ao alcance dos ouvidos dele. Mas continuaram a amaldiçoar o nome dos Tecedores, andando para cá e para lá pelas instalações como animais enjaulados. Podiam ser obrigados pela lei e pelo dever a obedecer às ordens do Tecedor, mas não tinham de gostar delas. Lan encolheu-se todo, esperando em parte que alguma vingança indefinível recaísse sobre eles; mas tudo o que aconteceu foi que o pai se inclinou para ele e lhe disse baixinho: - Lembra-te disto, Lan. Há cinco anos, homens como estes não ousavam dizer semelhantes coisas. Vê como a raiva de um homem maltratado o consegue levar a vencer os seus medos.

Lan não entendeu. Até esta viagem, a única coisa na sua mente fora a chegada da Semana Estival que assinalaria a sua décima quarta apanha. Tinha a impressão de que o pai lhe estava a transmitir uma sabedoria importante, algum instinto lhe dizia que o comentário significava mais do que parecia. Mas ele não passava de um ajudante de barqueiro.

Era de madrugada quando o Tecedor os libertou. Entretanto, os barqueiros haviam adormecido. Os que se mantiveram acordados, tinham ouvido estranhos gritos vindos da floresta que os fizeram proferir juramentos apressados aos deuses e efectuar sinais de protecção. As cobertas eram demasiado espessas para se ouvirem os sons da carga trazida para bordo, mas tiveram de presumir que o que quer que estava a ser colocado a bordo viera das profundezas da floresta, e que havia mais ajudantes do que apenas os do Tecedor a trabalhar. Todavia, quando o fecho foi recolhido e os homens libertados, apenas o Tecedor se encontrava na coberta, a sua máscara cinzenta impassível na luz dourada do Sol acabado de nascer. A despeito das palavras furiosas na noite da véspera, os barqueiros não estavam nada apaziguados ao irem saindo lá de baixo sob o olhar frio do seu passageiro sinistro.

Nem um só se atreveu a perguntar o que acontecera na noite anterior, nem que tipo de carga residia agora nas entranhas da barca que era por demais secreta para que os seus olhos a pudessem ver.

O Tecedor chamou Pori de lado e falou com ele, após o que Pori se dirigiu à tripulação e a informou daquilo de que tinham estado todos à espera. Ninguém estava autorizado a ir ao porão da carga.

Encontrava-se trancado, e o Tecedor na posse da chave. Quem o tentasse fazer, seria morto.

Depois daquilo, o Tecedor recolheu à sua cabina.

Os dias seguintes decorreram sem incidentes. O Tecedor permaneceu no interior, só sendo visto quando as refeições lhe eram entregues ou o bacio despejado. Os marinheiros escutaram à porta do porão e ouviram arranhadelas indiciadoras de movimento lá dentro, estranhos grunhidos e passos arrastados; mas nem um só se atreveu a tentar entrar e ver o que os originava. Resmungaram, ventilaram as suas superstições e lançaram olhares suspeitosos e receosos à cabina onde o Tecedor se entrincheirara, mas Pori mandou-os todos retomar o trabalho. Lan ficou satisfeito. Lavar as cobertas significava poder abstrair-se da sinistra presença na cama dos pais e da carga secreta debaixo da coberta. Verificou que, ao não pensar em ambas, conseguia fingir que não existiam. Era extraordinariamente eficaz.

O olho de Nuki banhava generosamente o Kerryon com o calor agradável do final do Verão. O ar estava cheio de nuvens dançantes de mosquitos. Pori percorreu a barca, certificando-se de que cada um fazia a sua parte. A sua mãe, Fuiira, estava na cozinha, saindo esporadicamente para trocar algumas palavras com o marido ou dar um embaraçoso beijo na face de Lan. Bicos-de-ferro pairavam sobre a água, flutuando no céu com as suas asas delicadamente curvas, procurando no curso de água o brilho prateado dos peixes. Com o passar do tempo na marcha lenta do Pelaska, era quase possível acreditar que esta voltara a ser uma viagem normal.

Mas deixou de o ser.

O Tecedor deve tê-la agarrado quando lhe foi levar a refeição do meio-dia. Pori ficava sempre aflito quando a mulher tinha algum contacto com o Tecedor, mas ela admoestara-o pela sua parvoíce. Era ela quem distribuía as refeições a todos os demais na barca; tinha a obrigação de alimentar também o seu indesejado hóspede. Talvez ele tivesse acabado de Tecer, de enviar as suas mensagens secretas ou de concluir alguma tarefa insondável; Lan ouvira dizer que alguns Tecedores se tornavam muito violentos e estranhos depois de usarem os seus poderes. Imaginou-a ali de pé, a tocar a sineta de latão para ter permissão de entrar, e o Tecedor apareceu, em toda a sua fúria e raiva, e arrastou-a lá para dentro. O Tecedor era pequeno e curvado como quase a maior parte deles, mas Fuiira não ousaria dar luta e, além disso, tinham maneiras de obrigar as pessoas a fazer o que eles queriam, Depois, os gritos.

A porta da cabina estava fechada, e os barqueiros reunidos à volta dela,

cheios de medo e raiva impotente. Lan encontrava-se com eles, tremendo, os olhos fixos no tabuleiro de comida entornado na coberta. Tinha vontade de fugir dali, de saltar pela borda do Pelaska e silenciar os gritos dela no constante bramido subaquático. Apeteceu-lhe entrar por ali adentro e socorrê-la. Mas ficou paralisado. Ninguém podia interferir. Custar-lhes-ia a vida.

Então, escutou o sofrimento da mãe, entorpecido e desligado da realidade da situação, e não ousou pensar no que lhe estavam a fazer ali dentro.

— Não! — ouviu a voz do pai atrás de si, e deu-se um ímpeto de movimento quando os barqueiros se apressaram a segurá-lo. — Fuira!

Lan virou-se e viu Pori no meio de quatro homens, que lhe tiravam uma espingarda das mãos. Agitava-se e debatia-se com a força de um possesso, o rosto contorcido da raiva. A espingarda foi arrancada e atirada pela coberta e depois, subitamente, houve um raspar de aço e os barqueiros afastaram-se dele, um praguejando e agarrando um golpe a sangrar no antebraço.

— É a minha mulher! — bramou Pori, a saliva a escorrer-lhe dos lábios. Viase uma pequena faca curva na sua mão. Olhou-os a todos sinistramente, o seu rosto muito vermelho, depois atravessou bruscamente a multidão e escancarou a porta da cabina com um grito.

A porta fechou-se com força atrás dele, apesar de Lan nunca vir a saber se pela mão dele ou por alguma força. Ouvia grito de raiva do pai e, um momento depois, ouviu algo pesado ser atirado de encontro ao lado de dentro da porta, lascando a madeira grossa. Houve um momento de silêncio. A seguir, um novo grito da mãe, longo, sustido, entrecortado. Começou a sair sangue pelas fendas na porta, e deslizou lentamente até escorrer para a coberta.

Lan deixou-se ficar onde estava, imóvel, enquanto o Tecedor voltou a encarregar-se da mãe. Ia observando o percurso lento e terrível do sangue. A incredulidade e o choque tinham-se instalado, toldando-lhe a mente. A dada altura, virou-se e afastou-se. Nenhum dos barqueiros o viu ir, nem reparou que entretanto pegara na espingarda do pai. Na realidade, não sabia aonde se dirigia, motivado apenas por algum vago impulso que se recusava a coerir numa forma que pudesse compreender. Mal se apercebeu sequer de que se movia até se encontrar defronte da porta do porão da carga, escondido nasombra ao fundo de umas escadas, e ver que não podia avançar mais.

Levantou a espingarda e disparou sobre a fechadura, despedaçando-a.

Havia algo ali dentro, algo de que andava à procura, mas sempre que tentava imaginá-lo só via o insidioso sangue, e o rosto da mãe.

O pai morrera. A mãe estava a ser... violada.

Viera aqui para algo, mas o quê? Era demasiado terrível de pensar, por isso não pensou.

O porão da carga estava quente e era escuro e espaçoso. Conhecia de memória as dimensões do local, a que altura ficava o travejamento do tecto de

madeira, até aonde se estendia a parede da popa. Os caixotes e barris ali próximo eram sombras difusas, amarrados com cordas. As linhas finas de luz solar no sítio onde a calafetagem de alcatrão se deteriorara na coberta por cima proporcionavam parca iluminação,

mas era insuficiente para ver até os seus olhos se adaptarem ao escuro vindos do dia encandeante de Verão lá fora. Distraidamente, correu o fecho da espingarda do pai, avançando um passo no porão, procurando. Ouviam-se passos em corrida lá em cima.

Algo se mexeu.

Os olhos de Lan deslocaram-se até à origem do som. Semicerrou-os no escuro.

Aquilo moveu-se então, uma flexão lenta que lhe permitiu distinguir a sua forma. O sangue escoou-se-lhe do rosto. Recuou, vacilante, segurando a espingarda na defensiva contra o peito daquilo. Estavam coisas ali em baixo. Enquanto observava, começaram a sair mais delas das sombras. Emitiam um suave som trinado, como um bando de pombos, mas o seu passo rápido e predatório parecia tudo menos benigno, e aproximavam-se com um furtivo andar mortífero.

Gritos atrás de si. Barqueiros descendo a correr as escadas para o porão, atraídos pelo som da espingarda. Fui gritou ao longe, um lamento desolado de perda, agonia e medo, e Lan recordou-se subitamente do que ali viera fazer.

Pólvora de ignição. A carga.

Havia uma pilha de barris encostada à parede da proa, junto à porta do porão, para onde os outros barqueiros se tinham precipitado. Estacaram, em parte por se lembrarem da ordem do Tecedor, sobretudo por pensarem que Lan lhes apontava a arma. O escuro dificultava a visão. Fazia pontaria aos barris. Havia ali suficientes para fazer explodir o Pelaska em estilhaços e mal deixar vestígios de qualquer um deles.

Era a única maneira de pôr cobro ao sofrimento da mãe. A única maneira. Atrás de si, ouviu-se o som de dúzias de criaturas desatando a fugir em corrida, e o trinado atingiu o tom de gritos estridentes nos seus ouvidos.

Murmurou uma curta prece a Omecha, apertou o gatilho, e o mundo irrompeu em chamas.

CAPÍTULO 7

A Falha de Xarana situava-se bastante a sul de Axekami, capital do Saramyr, do outro lado de uma calma extensão de planícies e colinas suaves. Em nítido contraste com o seu acesso, a própria Falha era um caos irregular e pregueado de vales, planaltos, afloramentos, desfiladeiros e superfícies rochosas íngremes fazendo lembrar montanhas em miniatura. Paredes alcantiladas confinavam com rios cavados; clareiras escondidas aninhadas em berços de pedras cortantes; o próprio solo era um quebra-cabeças desfeito que subia e descia sem uma aparente lei geológica. A Falha era uma imensa cicatriz na terra, mais de quatrocentos quilómetros de uma ponta à outra e sessenta e quatro no seu ponto mais compacto, rasgada de oeste para leste e inclinando ligeiramente para sul ao seguir o seu caminho.

A lenda fizera dela um lugar amaldiçoado, e havia nisso um grande fundo de verdade. Em tempos, a primeira cidade do Saramyr, Gobinda, fora construída ali, antes de uma grande destruição - dizem que fruto da ira de Ocha como vingança pelo orgulho do terceiro Imperador do Sangue Bizak tu Cho - a eliminar do mapa. Coisas inquietas recordavam essa época, e vagueavam ainda pelas covas e profundezas da Falha, atacando os incautos. Era evitada, a princípio como símbolo da vergonha do Saramyr, mais tarde como um lugar onde reinava a anarquia, onde só iam os bandidos e os suficientemente temerários para desafiar os terrores segredados no seu seio.

Mas, para alguns, a Falha era um refúgio. Conquanto perigosa, havia quem estivesse disposto a aprender os seus modos e a fazer dela o seu lar. No começo, fora um antro de criminosos, que a usavam como base a longo prazo de onde atacar a Grande Estrada das Especiarias, a oeste; mas depois, veio mais gente, fugindo ao mundo exterior. Aqueles que foram condenados à morte, aqueles cujo temperamento os tornava demasiado estranhos para viverem entre pessoas normais, aqueles que procuravam as enormes riquezas postas a descoberto no fundo da Falha e estavam dispostos a correr todos os riscos para as obterem. Fundaram-se povoados, a princípio pequenos, mas crescendo depois progressivamente ao amalgamarem-se ou conquistarem outros.

Os Aberrantes - que seriam executados assim que avistados em qualquer cidade legítima - começaram a aparecer, procurando refúgio dos Tecedores que os perseguiam.

A sede dos Libera Dramach ficava numa dessas comunidades. Era conhecida dos seus habitantes como o Recesso, não só para sugerir um sentido de pertença como por causa do vale onde o povoado fora edificado.

Assentava numa série de planaltos e elevações semelhantes estratificados que desciam até à extremidade ocidental agreste do vale, ligada por escadas, pontes de madeira e roldanas-elevadores. O Recesso aglomerava-se e empilhava-se sobre si

mesmo num monte, uma enorme confusão de arquitectura de todo o Saramyr, erigida por muitas mãos e nem todas elas experientes.

Era uma acumulação de habitações levantadas ao longo de vinte e cinco anos sem qualquer plano ou padrão director; pelo contrário, os recém-chegados tinham construído as suas casas onde fosse possível caberem, e nalguns casos só muito a custo isso sucedia.

A margem dos trilhos de terra batida que serpenteavam ao acaso pelo terreno irregular, estabelecimentos pouco sérios comerciavam tudo o que os mercadores conseguiam fazer chegar até aqui ao Recesso. Os bares vendiam álcool das suas destilarias, as casas de fumo ofereciam raiz de amaxa e outros narcóticos àqueles que tinham dinheiro para os pagar. Crianças morenas do Tchom Rin com as suas vestes tradicionais do deserto caminhavam ao lado de homens dos Novos Territórios no longínquo nordeste; um jovem Aberrante de pele sarapintada e olhos amarelos como os de um falcão beijava intensamente uma rapariga elegante das abastadas Prefeituras do Sul; um sacerdote de Omecha ajoelhado num pequeno altar abrigado fazia uma oferenda à sua divindade; um soldado percorria as ruas, batendo ao de leve no botão do punho da espada, atento a quaisquer sarilhos.

No meio do aglomerado imediato das casas ficavam as fortificações. Torres de vigia e postos avançados erguiam-se acima do amontoado. Havia sido construídas muralhas, os seus limites ultrapassados pela cidade em expansão, e as mais recentes edificadas lá adiante.

Canhões virados a leste vigiavam o vale. Na orla rochosa, que protegia o Recesso dos olhares curiosos, uma espessa muralha paliçada escondida entre as pregas e declives da terra. Na Falha de Xarana, o perigo rondava sempre, e a população do Recesso aprendera a defender-se sozinha.

Lúcia tu Erinima encontrava-se na varanda da casa do seu tutor, num dos níveis mais cimeiros da cidade, e dava migalhas a minúsculas aves pipilantes da concha da sua mão. Dois corvos, empoleirados no algeroz do edifício em frente, vigiavam-na com atenção. Do lado de dentro da casa, partilhando uma infusão de chá amargo quente, Zaelis e Cailin observavam-na também.

— Ó deuses, como ela cresceu — suspirou Zaelis, virando-se de frente para a sua companheira.

Cailin esboçou um sorriso, mas o padrão alternado de triângulos pretos e vermelhos nos lábios deram-lhe um ar de predador mostrando os dentes.

— Se eu fosse uma mulher mais cínica, julgaria que engendrou o rapto da sua antiga aluna há todos estes anos só para que a pudesse adoptar.

— Ah! — protestou ele. — Acha que já não me debati vezes suficientes com isso?

— E a que conclusão chegou?

— Que me preocupou muito mais desde que me tornei seu pai substituto do que alguma vez o fiz ao longo de todos os anos desde que fundei os Libera

Dramach.

— Tem cuidado magnificamente de ambos — referiu Cailin, depois bebeu um gole de uma pequena taça verde de chá na sua mão.

Zaelis deitou-lhe um olhar surpreendido.

— Isso é invulgarmente gentil da sua parte, Cailin - disse.

— De vez em quando consigo sê-lo.

Zaelis reconvergiu a sua atenção para a varanda onde se encontrava Lúcia. Em tempos, ela fora a herdeira do Império Saramyr. Agora não passava de uma rapariga a algumas semanas da sua décima quarta apanha, de pé ao sol com um vestido simples, a alimentar as aves. O seu cabelo louro, outrora comprido, estava cortado curto e com a nuca à mostra, onde as terríveis cicatrizes das queimaduras desciam pelas costas. Desejou que voltasse a deixar crescer o cabelo; seria mais fácil esconder as cicatrizes. Mas quando a inquiriu, ela limitou-se a deitar-lhe aquele seu olhar visionário, sonhador e a ignorá-lo. Fora uma criança bonita, e agora que os ossos do seu rosto e corpo se estavam a alongar, era já fácil ver que seria igualmente uma bela mulher, com as mesmas feições pequenas e ilusoriamente ingênuas da mãe. Mas havia naqueles olhos azul-claros uma invulgaridade que a tornava insondável para si, para qualquer um.

Conhecia-a há mais tempo do que qualquer outra pessoa viva, mas mesmo assim, não a conhecia.

— Eu também me preocupo — acabou por referir Cailin.

— Com Lúcia?

— Entre outras coisas.

— Nesse caso, quer dizer os... — Zaelis procurou uma palavra com uma expressão de ligeira repulsa — seguidores dela.

Cailin abanou imediatamente a cabeça, os seus rabichos baloiçando delicadamente com o movimento.

— Admitirei que são um problema. É bem mais fácil ocultá-la dos que lhe fariam mal quando se espalhar o rumor pela boca daqueles que a deveriam manter segura. No entanto, eles não me preocupam excessivamente, e até podem acabar por vir a revelar-se proveitosos.

Zaelis sorveu o seu chá pensativamente e deitou um olhar furtivo a Lúcia. Várias das aves estavam agora empoleiradas no corrimão da varanda, a olhar para ela como as crianças atentas a um mestre-escola.

— O que a preocupa, então?

Cailin agitou-se e levantou-se. Ali de pé, era uma mulher alta e de aspecto deliberadamente temível. Zaelis, de onde se encontrava sentado de pernas cruzadas numa esteira junto da mesa baixa, seguiu-a com o olhar. Ela deu alguns passos pela divisão e parou, desviando o olhar dele.

— Temos muito pouco tempo — disse.

— Tem conhecimento de algo? — perguntou Zaelis.

Cailin hesitou, depois emitiu um ruído de negação. - Sinto-o.

Zaelis ficou carrancudo. Não era nada de Cailin ser tão imprecisa com ele. Era uma mulher prática, pouco dada a voos da fantasia. Aguardou que ela prosseguisse.

— Sei a impressão que isso causa, Zaelis — disse com irritação, como se ele a tivesse acusado. — Quem me dera ter mais provas para lhe apresentar.

Ele levantou-se e ficou de pé com ela, fazendo mais pressão numa perna. A outra estava fraca; fizera uma fractura grave há muito tempo e nunca ficara completamente bom.

— Nesse caso, diga-me o que sente.

— As coisas estão a chegar a um ponto decisivo — respondeu Cailin após uma curta pausa para ordenar as ideias. — Os Tecedores têm estado demasiado sossegados nestes últimos anos. O que lucraram eles da sua aliança com Mos? Pense, Zaelis.

Quaisquer jogadas que tivessem de fazer, podiam tê-las efectuado directamente depois de Mos ocupar o poder. Nessa altura não tinham ninguém a opor-se-lhes. Mas o que preferiram fazer?

— Compraram terras. Compraram terras, e companhias de navegação fluvial.

— Empreendimentos legítimos — disse Cailin, erguendo uma mão esguia como se para dar ênfase às palavras.

— E nenhum que dê lucro de qualquer espécie. — Era evidente a frustração no tom dela. Os Libera Dramach tinham visto goradas as suas tentativas de obter mais quaisquer informações sobre as estranhas aquisições dos Tecedores. Estes tinham defesas que os espiões normais não conseguiam penetrar, e Cailin não quisera usar ninguém da Ordem Vermelha com medo de a expor. Uma Irmã capturada poderia destruir toda a delicada rede.

— Isso já não é novidade, Cailin — afirmou Zaelis. — Por que motivo isso a preocupa?

— Não sei — replicou Cailin. — Talvez porque não consigo visualizar o plano deles. Existem demasiadas perguntas sem resposta.

— A sua voz tem sido a mais ouvida nestes últimos anos a defender o secretismo - recordou-lhe. — Temo-nos contentado em consolidar, aumentar a nossa força e esconder-nos enquanto Lúcia cresce.

Talvez tenhamos sido demasiado cuidadosos. Talvez não os devêssemos ter deixado em paz todo este tempo.

— Acho que nos sobrestima — respondeu Cailin. — Escondemo-nos porque é preciso. Revelar demasiado cedo a nossa mão acarretaria a morte de todos nós. — Fez uma pausa, meditou durante alguns momentos, depois prosseguiu: — Os Tecedores parecem estar-se também a consolidar, mas repare bem: eles sabem desde o começo que a sua passagem pelo poder tem os dias contados. Sabem que a própria moléstia causada pelas suas pedras mágicas envenenaria a terra, e devem ter

calculado que Mos seria culpado por isso. Mos é o seu defensor; sem ele, não só seriam arrancados do poder, como punidos por tentarem usurpar o sistema. Os nobres conspiram para se livrarem dele.

— Mas quem tem a força para o fazer? — indagou Zaelis. - O único que eventualmente lhe poderia fazer frente é o Sangue Kerestyn, de aliança com o Sangue Koli. Eles conseguiriam levantar um exército capaz de fazer moessa ao Imperador do Sangue. Mas nem mesmo assim o conseguiriam derrotar em Axekami com os Tecedores a apoiá-lo. Dentro de alguns anos, talvez, mas agora não. Não ousariam atacar, por maiores que fossem os ultrajes cometidos por Mos. E que oportunidade tem um assassino com Kakre a proteger a vida dele?

— Mas agora há a fome, e a perspectiva de más colheitas. O próprio povo sublevar-se-á contra Mos, mais cedo ou mais tarde — afirmou Cailin. Virou-se para Zaelis, o seu olhar frio. — Não está a ver, Zaelis? Era impossível os Tecedores pensarem nesta ascensão ao poder como uma posição de carácter permanente, uma vez que é a sua própria moléstia que está a destruir o seu benfeitor. Eles estão a empatar.

— Tiveram centenas de anos para efectuar o que quer que desconfie que estão a fazer — argumentou Zaelis, a sua voz catarrosa persuasiva e autoritária como sempre.

— Mas eles só conseguiram mover-se livremente nestes últimos cinco — referiu Cailin. — Estão a deixar que o império se encaminhe para a ruína, porque não estão interessados em mantê-lo. Estão a preparar algo, Zaelis. E se não agirem agora, depois pode ser demasiado tarde.

Zaelis observou a sua companheira. Era profundamente inquietante vê-la tão perturbada. Normalmente, era a imagem da elegância fria.

— Talvez o nosso espião de Okhamba traga novas informações — aventou, para a apaziguar.

— Talvez — retorquiu Cailin, pouco convencida. Olhou para Lúcia, que não se mexera. — E entretanto, os espíritos na Falha estão a tornar-se mais hostis, e perdemos mais homens e mulheres para eles do que nos podemos permitir. Eles sentem a mudança na terra e vão-se tornando mais amargos. Estamos a ficar encurralados, Zaelis. Em breve estaremos cercados de inimigos, incapazes de nos movermos dentro da Falha e incapazes de a abandonarmos.

O coração de Zaelis foi mais sensível a estas palavras. Dois dos seus melhores homens tinham desaparecido apenas a semana passada enquanto andavam em reconhecimento para oeste ao longo da Falha.

Perguntou-se se em breve não seria demasiado perigoso habitar este lugar, e o que poderiam fazer caso isso acontecesse.

— Ela pode ajudar-nos — referiu Zaelis, seguindo o olhar de Cailin. — Ela pode acalmar os espíritos.

— Pode mesmo? — devaneou Cailin sombriamente. — Tenho as minhas

dúvidas.

Para Lúcia, o mundo estava repleto de murmúrios.

Fora assim desde que se conseguia lembrar. O vento soprava numa linguagem secreta, mandando partículas de significado despertar a sua atenção como se captasse o seu nome na conversa de outrem.

A chuva sussurrava-lhe absurdos, importunando-a com uma forma incipiente que desaparecia sempre antes de a conseguir agarrar. As rochas tinham pensamentos de rocha, ainda mais lentos do que as árvores, das como o relâmpago, sempre alerta, só baixando a guarda na segurança das suas luras e esconderijos.

Ela era uma Aberrante, uma perversão da natureza e, no entanto, estava mais próxima da natureza do que qualquer outra pessoa viva, pois possuía a capacidade de decifrar as suas muitas línguas. Percorria um trilho verdejante muito batido que descia e contornava a superfície suspensa de um penhasco à sua direita. A esquerda, o terreno caía subitamente a pique, deixando-a a olhar para um desfiladeiro enorme com oitocentos metros ou mais de largura. Do outro lado, onde a parece era inclinada, cristas altas de rocha e pilares de pedra erguiam-se tortos, vermelho-baço com o sol oblíquo do final da tarde, projectando sombras fusiformes digitadas. O ar estava seco e quente e cheirava a terra cozida.

À sua frente seguiam Yugi e outro guarda dos Libera Dramach; atrás de si, Cailin e Zaelis, e mais dois homens armados. Arriscarem-se para lá da borda do vale onde se situava o Recesso não era tarefa fácil nos tempos que corriam.

Subiram pelo trilho até ao ponto onde se afastava da beira do abismo e passava junto a uma comprida vala com a faixa fina de um riacho a correr pelo meio. As árvores eram mesmo muito compactas lá em cima. As obreiras zumbiam na sombra quente, recolhendo o néctar das raras flores que sobreviviam ali. Lúcia escutou a sua indústria tranquila e reconfortante, e invejou a singularidade de objectivo e a inquestionável lealdade delas para com a colmeia, o prazer simples que patenteavam ao servirem a abelha-mestra. Após um breve período de tempo, chegaram a uma clareira, onde o fosso ia desembocar numa superfície de rocha a desmoronar-se. As árvores retrocediam aqui devido ao solo pedregoso, e o olho de Nuki espreitava para o animar. A água jorrava por uma abertura estreita na pedra cor de laranja, acumulando-se numa bacia onde transbordava e escoava para um canal lamacento que se afastava a serpentear na direcção de onde eles tinham vindo.

— Tu. — Yugi indicou o seu companheiro. — Fica aqui comigo. Vocês os dois, coloquem-se mais adiante na vala. Gritem se virem algo maior do que um gato.

Os homens resmungaram e obedeceram, os seus passos fazendo um ruído surdo ao partirem. Yugi coçou-se por debaixo da faixa suada que atara à volta da testa para manter o seu cabelo castanho-alourado afastado dos olhos. Esboçou um sorriso matreiro aos presentes e disse: — Bem, cá estamos de novo.

Lúcia sorriu. Gostava de Yugi. Conquanto as obrigações dele para com os Libera Dramach fizessem com que não o visse tão amiúde quanto Kaiku ou Mishani,

era um bom malandro divertido, muito embora por vezes tivesse a impressão de que ele não era tão feliz quanto os seus modos davam a entender. Sabia que só o deixaria constrangido se fosse indiscreta. Se numa outra altura lhe poderia ter feito a pergunta, agora guardava silêncio. A sabedoria era apenas um dos aspectos em que alcançara maturidade desde que se haviam conhecido.

Zaelis ajoelhou diante dela, as suas mãos calosas agarrando-lhe os braços com força.

— Está preparada, Lúcia?

Lúcia suportou o olhar dele por um momento e depois desviou-o, para a poça. Retirou delicadamente os dedos dele do seu braço e encaminhou-se para lá. Acocorando-se à beira, olhou fixamente para a água.

Tinha apenas alguns centímetros de profundidade, e era suficientemente límpida para se ver a curva erodida da bacia por debaixo. Enquanto observava, um minúsculo vairão resvalou pelo golpe na rocha e caiu na poça com um chape. Efectuou algumas voltas, desorientado, e depois deixou-se arrastar para a borda saliente da bacia, e para o riacho que corria ao longo da vala, mal se apercebendo de que o seu caminho o levaria a precipitar-se pela beira do desfiladeiro dentro de breves minutos.

Lúcia ficou a vê-lo ir. Não o teria avisado, mesmo que pudesse e mesmo que ele tivesse escutado. O seu caminho fora já escolhido, tal como o dela.

Em tempos, vivera na Fortaleza Imperial uma prisioneira numa gaiola dourada. Cinco anos atrás, fora salva dessa reclusão e trazida para o Recesso, apenas para constatar que se tratava de uma prisão diferente, e pelos vistos tão constringente quanto a última. Em vez de paredes, a expectativa sufocava-a.

Os Libera Dramach tinham fundado aquele povoado combativo há onze anos, transformando-o numa próspera cidade fortificada, servindo-se da população sempre crescente como manancial de recrutamento da sua causa secreta. Era uma operação cuidadosamente organizada e eficiente. E destinava-se-lhe na íntegra.

— Vi o que iria acontecer — dissera-lhe uma vez Zaelis. — Quando era ainda criança, tornei-me seu professor particular, e já então sabíamos que era Aberrante. Aos seis meses já falava, e não apenas connosco. A sua mãe achou que podia escondê-la, mas eu sabia que não podia ser escondida. Foi então que comecei. Movimentava-me nos círculos eruditos, procurando aqueles que pudessem ser complacentes com os Aberrantes, sondando-os; e depois, quando tive a certeza, falei-lhes de si. Era traição, mas contei-lhes.

Eles viram então o que era, o que significava. Se ocupasse o trono, se uma Aberrante governasse o império, então destruiria tudo o que os Tecedores haviam representado. Como podiam os Tecedores aceitar servir uma Imperatriz do Sangue Aberrante? No entanto, recusar seria ir contra todas as famílias superiores, que lhe deveriam lealdade. Acabar-se-ia a preponderância que eles têm sobre nós.

E assim, ei-la ali. Muito embora lhe fosse permitido deambular e brincar

livremente no vale, havia sempre alguém a vigiá-la. Tinham depositado todas as suas esperanças, todas as suas ambições em Lúcia. Sem a terem como figura de proa, não passavam de um grupo de subversivos traiçoeiros. Ela era a sua razão de existir. Protegiam-na, escondiam-na, guardando ciosamente a sua Imperatriz-Herdeira desalojada até ela ganhar poder e influência, preparando o terreno para o dia em que reclamaria o trono. Ninguém lhe perguntara se ela queria reclamar o trono. Nem uma só vez em todos estes anos.

— Está tudo bem, Lúcia? — indagou Cailin. Lúcia olhou fugazmente para ela, depois reconvergiu a sua atenção para a poça.

— Provavelmente estará a desejar que tivéssemos escolhido construir o Recesso mais perto de um riacho com quem ela pudesse falar — comentou Yugi com sarcasmo. — Já ouvi os ribeiros no nosso vale praguejarem como soldados.

Este comentário fez aflorar um leve sorriso aos lábios de Lúcia, que lhe deitou um olhar agradecido. Em parte ele tinha razão. Era perigoso sair do vale, mas este era o curso de água mais próximo que fluía directamente do Rahn, e a sua linguagem era menos obscurecida pelas divagações antigas das rochas subterrâneas e coisas mais profundas e mais negras. Levou as mãos em concha à água e ergueu-a cuidadosamente, sem entornar uma gota.

Escuta.

Ela baixou a cabeça, de olhos fechados, e o mundo físico silenciou-se para os seus ouvidos. O roçar das folhas ao vento indolente diminuiu, e o som do chamamento das aves reduziu-se a um staccato distante. O seu ritmo cardíaco diminuiu; os seus músculos descontraíram e relaxaram. Cada exalação fê-la mergulhar cada vez mais fundo na irre realidade.

Concentrou-se apenas na sensação da água na palma da sua mão, na tremura do líquido devido ao ligeiro movimento das suas mãos, na forma como deslizava para os minúsculos sulcos na sua pele e lhe enchia as espirais nas pontas dos dedos. Deixou que por sua vez a água a sentisse, o calor do seu sangue, o latejar das suas pulsações.

Tudo o que era natural possuía um espírito. Rios, árvores, colinas, vales, o mar e os quatro ventos. A maioria era simples, meramente uma existência de vida: uma coisa instintiva, tão incapaz de raciocínio quanto um feto e, no entanto, igualmente precioso. Mas alguns eram antigos, e estavam conscientes, e os seus pensamentos eram amplos e imperscrutáveis. Esta água vinha do ventre das Montanhas Tchamil, estendendo-se ao longo do Kerryn por centenas de quilómetros até se dividir no Rahn e seguir para sul até à Falha. Os grandes rios eram primevos, mas por debaixo da sua consciência incompreensível, estavam repletos de muitos mais espíritos simples. Lúcia não ousaria tentar comunicar com o próprio Rahn; esse era um mistério de uma magnitude que a ultrapassava. Mas aqui, neste lugar, podia examinar algo que estava ao alcance das suas capacidades. E gradualmente, enquanto continuava a praticar assim, ia adquirindo o controle que talvez um dia lhe

permitisse estabelecer contacto com o verdadeiro espírito do rio.

Deixou que a água lhe escorresse pelos dedos, permitindo-lhe que levasse a sensação dela para o resto da poça, anunciando-se com alguma hesitação. Depois, delicadamente, assentou as mãos na superfície, o contacto transformando-a num caos de ondas.

Vinha lá algo.

Algo...

Precipitou-se para ela aos gritos, uma onda negra de horror que lhe entrou à força para a garganta, os pulmões, sufocando-a. Morte, dor e atrocidade, levadas para jusante na água. E acompanhadas de algo frio, frio e corrupto, uma blasfémia contra a natureza, uma coisa monstruosa com garras que a acometeu. Um terror no rio, terror no rio, e os espíritos estavam a gritar!

A sua mente apagou-se, vencida pela ferocidade inimaginável do ataque, e tombou para trás no solo pedregoso da clareira, sem um som.

CAPÍTULO 8

O *Servant of the Sea* andava ao sabor da corrente numa negrura infinita, as lanternas ao longo da borda e no cimo do mastro projectando globos solitários de luz no abismo. Uma única lua convexa estava de sentinela lá em cima no céu: Iridima, a sua superfície branca brilhante raiada de fendas azuis como um mármore despedaçado. Camadas espessas de nuvens em passagem rápida obscureciam periodicamente a sua superfície, apagando as estrelas no seu rasto.

Um vento gélido fora de época agitava o juncó, fazendo baloiçar as lanternas e levando Kaiku a cingir mais a blusa à pele enquanto procurava as constelações na coberta da proa. Lá estava o Dente, baixo a leste - um sinal certo de que o Outono estava quase a chegar. Via-se ainda através da névoa fria do brilho de Iridima o Ceifeiro, mesmo por cima dela: outro indício do fim próximo das colheitas.

E ali, para norte, os vermelhos gémeos sinistros de Aquele Que Espera, lado a lado como um par de olhos, observando avidamente o mundo. Era tarde, e os passageiros dormiam. Os homens que mantinham o juncó a navegar durante a noite eram presenças discretas no pano de fundo, as suas vozes baixas. Mas esta noite Kaiku não conseguia repousar. A perspectiva de chegar a Hanzean no dia seguinte era demasiado excitante. Voltar a pisar o solo do Saramyr...

Sentiu as lágrimas virem-lhe aos olhos. O deuses, nunca julgara que fosse sentir tantas saudades da sua terra natal, depois de ela a ter tratado tão mal. Todavia, mesmo com a família morta e sendo uma proscrita, destinada a ser evitada por causa do seu sangue de Aberrante, amava a beleza perfeita das colinas e planícies, dos rios, florestas e montanhas. A ideia do regresso ao lar após dois meses proporcionava-lhe mais alegria do que alguma vez teria imaginado possível. O seu olhar foi atraído para a superfície de Iridima, a mais bela e a mais brilhante das irmãs luas, e sentiu um arrepio tanto de pavor como de receio. Proferiu uma prece silenciosa à deusa, como fazia sempre que tinha um momento como este só para si, e recordou o dia em que fora tocada pelas Filhas das Luas, bafejada por uma terrível majestade de propósito que a fizera sentir-se muito pequena.

— Calculei que fosses tu — disse uma voz a seu lado, e sentiu o frio transformar-se num calor bem mais agradável que lhe percorreu o corpo.

Virando ligeiramente a cabeça, deitou um olhar apreciador ao seu novo companheiro.

— A sério? — respondeu-lhe, tornando-o menos uma pergunta e mais uma expressão de desinteresse fortuito.

— Mais ninguém se passeia pelas cobertas de noite — respondeu Saran. — A não ser os marinheiros, mas os passos deles são mais pesados do que os teus.

Estava de pé perto dela, um pouco mais próximo do que seria conveniente, mas não fez menção de se desviar. Ao cabo de um mês a verem-se todos os dias, desistira de tentar esconder a sua atracção, e ele também.

Tornara-se um delicioso jogo entre ambos; até certo ponto, simultaneamente conscientes dos sentimentos do outro, nenhum deles disposto a ceder e a ser quem tomava a iniciativa seguinte. Esperavam para ver quem dava o primeiro passo. Estava desconfiada de que parte desse jogo era a sedução da mensagem de que ele era portador, o ar de mistério implícito que isso lhe conferia. Estava desesperadamente curiosa em relação à natureza da missão dele, no entanto, Saran esquivava-se sempre às tentativas dela, e a frustração só contribuiu para que ficasse mais mortificada.

— Estás a pensar na tua terra? — conjecturou ele. Kaiku emitiu um ruído suave na garganta, uma afirmação.

— O que te espera lá? — insistiu ele.

— Apenas a terra — retorquiu-lhe. — E isso é suficiente de momento.

Ele permaneceu silencioso por um momento. Kaiku apercebeu-se de repente de que fora insensível, e interpretou mal a pausa. Colocou a mão no braço dele.

— As minhas desculpas. Tinha-me esquecido. A tua pronúncia melhorou imenso, às vezes quase pareces Saramyr. — Saran brindou-a com um sorriso devastador. Como sempre, estava imaculadamente vestido e não tinha nem um cabelo fora do lugar. Até podia ser vaidoso — algo que Kaiku apurara ao longo das últimas semanas — mas tinha sem dúvida motivos para se envaidecer.

Não precisas de pedir desculpa. O Quraal não é a minha terra, deixou de o ser.

Tenho estado afastado há muito tempo, mas não sinto a falta. O povo está cego e relutante em abandonar o litoral, tem medo de que a mistura com outras culturas constitua uma ofensa para os nossos deuses, receia que os Teocratas o possam acusar de heresia. Eu não penso assim. Aqueles Quraal que têm contacto com estrangeiros mantêm-se afastados, mas eu vejo beleza em todas as pessoas. Em algumas mais do que noutras.

Não a olhou quando proferiu a última frase, nem ela teve mais peso do que as anteriores, mas Kaiku não deixou de sentir um rubor.

— Já cheguei a pensar assim — afirmou baixinho. — Acho que ainda penso, mas não é tão fácil hoje em dia. Mishani diz-me que preciso de endurecer o coração, e ela tem razão. De tanto pensarmos em alguém, acabamos por ficar vulneráveis. Mais cedo ou mais tarde, um acabará por decepcionar ou trair o outro.

— Essa é a opinião de Mishani, não a tua — referiu Saran. — E, além disso, qual a importância de Mishani? Vocês as duas parecem muito chegadas.

— Até ela me magoou no passado, e essa ferida foi mais profunda do que qualquer outra que a antecederse — murmurou Kaiku.

Saran ficou em silêncio por algum tempo. Mantiveram-se juntos, escutando o sopro sussurrante do mar, olhando para o escuro. Kaiku tinha mais a dizer, mas achou que já falara demasiado, que já lhe revelara uma grande porção de si mesma. Manteve guardado o seu lado mais íntimo; era o seu feitio, e a experiência ensinara-

lhe que de muito pouco valia tentar mudá-lo. De certa forma, sempre que baixava as defesas, acabava por escolher sempre a pessoa errada; no entanto, se as mantivesse erguidas, afastá-las-ia de si.

Fizera dois relacionamentos desde que vivia no Recesso, ambos satisfatórios na altura, mas acabando por se revelar vazios. Viveu três anos com um homem antes de se aperceber de que ficara com ele para aliviar a culpa que sentia pela morte de Tane, que a seguira até à Fortaleza Imperial por amor e ali encontrara a morte. O outro durara seis meses antes de o homem se revelar de um mau génio terrível, agravado pelo facto de não a conseguir suplantar fisicamente, visto ela ser uma aprendiz da Ordem Vermelha. Não viu a raiva acumular-se até ela rebentar.

Uma vez ele bateu-lhe. Ela usou o kana para lhe esmagar os ossos da mão. Infelizmente, apesar dos outros defeitos dele, era um experiente engenheiro de bombas e uma excelente aquisição para os Libera Dramach, mas os actos de Kaiku tinham acabado com isso. Lamentou mais pelos problemas causados à organização de Zaelis do que por o ter mutilado.

Mas havia uma outra pessoa, que há muito tempo a irritava e se recusava a sair, persistente como os murmúrios da Máscara do seu pai, que por vezes a acordavam durante a noite com as suas insidiosas tentações.

— Sinto a falta de Asara — referiu distraidamente, os seus olhos desfocados.

— Asara tu Amarecha? — inquiriu Saran.

A cabeça de Kaiku virou-se bruscamente ao encontro do olhar dele.

— Conhece-la?

— Encontrei-a — disse. — Não que ela desse por esse nome, mas também ela nunca conservou uma identidade por muito tempo.

— Onde? Onde foi que a encontraste?

Saran arqueou um sobrolho escultural ante a urgência na voz de Kaiku.

— Na verdade, foi no mesmo porto onde vamos atracar amanhã. Faz agora sete anos. Ela não me reconheceu, mas eu reconheci-a. Tinha um rosto diferente, mas eu soube da sua chegada. — Sorriu de si para si, apreciando a atenção de Kaiku. — Estabeleci contacto com ela. Afinal, estamos ambos do mesmo lado.

— Asara não está do lado de ninguém — afirmou Kaiku.

— Ela escolhe os partidos que melhor lhe convêm — disse Saran, depois virou-lhe as costas enfrentando o vento, afastando o cabelo do rosto com um floreado.

— Mas tu, melhor do que ninguém, devias saber que ela está a ajudar a Ordem Vermelha e os Libera Dramach.

— Estava — corrigiu Kaiku. — Não a vejo desde que Lúcia foi...

— Calou-se, lembrando-se depois de que Saran já sabia. Puxando a franja para trás numa imitação inconsciente do gesto dele, prosseguiu com mais cuidado. — Desde que Lúcia veio para o Recesso.

— Ela falou muito bem de ti — referiu-lhe Saran, andando lentamente de um

lado para o outro pela coberta da proa. Estava demasiado rígido, demasiado direito, e Kaiku achou os seus movimentos e o seu discurso pretensiosamente teatrais. De repente, agora que se sabia na posse da informação que lhe interessava, estava a exhibir-se, a tirar o maior partido da sua vantagem. Devia tê-lo despistado e fingido desinteresse, mas agora era tarde de mais. Os Quraal tinham fama de arrogantes, e Saran não constituía excepção.

Tal como muitas pessoas que eram naturalmente belas, ele não sentia necessidade de cultivar os aspectos mais apurados da sua personalidade visto que as mulheres lhe caíam na mesma aos pés. O que irritava sobretudo Kaiku era o facto de o saber e, no entanto, algo a continuara a atrair para ele. Saran queria que ela lhe perguntasse o que Asara dissera a seu respeito, mas, desta vez, não lhe daria tal satisfação.

Apoiou os cotovelos na amurada da ré, a lua junto ao seu ombro, e observou-a com os seus olhos escuros.

— O que eram vocês as duas uma à outra? — acabou por perguntar.

Kaiku chegou a ter consciência de que não lhe apetecia contar; mas esta noite sentia-se meditativa, e seria bom conversar.

— Não sei— disse. — Nunca soube quem ela era, ou o que era. Sabia que ela era capaz de... mudar de forma. Sabia que me vigiara durante muito tempo, esperando que o meu kana se manifestasse.

Tanto podia ser cruel, como generosa. Acho que talvez se sentisse sozinha, mas estava demasiado obcecada em ser independente para o admitir a si mesma.

— Eram amigas?

Kaiku ficou carrancuda.

— Éramos... mais do que amigas, e menos do que amigas. Não sei o que pensava a meu respeito, mas... há um pedaço dela ainda dentro de mim. Aqui. — Bateu no esterno.

— Ela roubou o sopro a outra e colocou-o dentro de mim, e uma parte dela veio também. E um bocado de mim passou também para ela.

— Apercebeu-se de que Saran a observava com frieza, abanou a cabeça e soltou uma gargalhada. — Não espero que entendas.

— Acho que entendo o suficiente— respondeu Saran.

— A sério? Duvido.

— Amava-la?

Os olhos de Kaiku chisparam de incredulidade.

— Como te atreves a fazer-me semelhante pergunta? — ripostou.

Saran encolheu os ombros despreocupadamente.

— Estava apenas a perguntar. Parecia que...

— Gostei do que ela me ensinou — interrompeu-o. — Ela fez com que eu me aceitasse tal como sou. Uma Aberrante. Ela ajudou-me a deixar de sentir vergonha de mim mesma. Mas não a podia amar.

— Não como ela era. Falsa, egoísta, impiedosa. — Kaiku controlou-se, dando-se conta de que levantara a voz. Corou de raiva. — Isso responde à tua pergunta?

— Bastante satisfatoriamente — disse Saran, impávido.

Kaiku encaminhou-se para o outro lado da coberta da proa e ficou de braços cruzados, olhando carrancuda para as ondas iluminadas pela lua, furiosa consigo mesma.

Asara era ainda uma ferida aberta que se recusava a cicatrizar. Contara a Saran muito mais do que tencionava. Seria melhor ficar por ali e retirar-se, mas permaneceu.

Após um momento, ouviu-o aproximar-se dela. As suas mãos tocaram-lhe nos ombros e virou-se, de braços cerrados. Encontrava-se novamente perto dela, os seus olhos pretos penetrantes na moldura obscurecida do seu rosto, muito atentos. Ela sentiu as pulsações acelerarem; soprou um vento salgado entre ambos. Depois ele curvou-se para a beijar, e ela desviou a boca. Ele recuou, magoado e furioso. Kaiku soltou-se dele e virou de novo as costas, os braços mais uma vez cruzados debaixo dos seios. Conseguia sentir a confusão frustrada dele a picar-lhe na nuca.

Contrariou-a com uma frieza na postura dos seus ombros, uma determinação intransponível. Por fim, ouviu-o ir-se embora. Kaiku ficou de novo sozinha, a observar as estrelas, e acrescentou mais um tijolo à barreira à volta do seu coração.

Chegaram a Hanzean bem cedo na manhã do dia seguinte. A cidade portuária era banhada por uma luz cor-de-rosa. Ao longe, a leste, o Surananyi soprava, enormes furacões levantando a poeira vermelha do deserto do Tchom Rin para tingir o olho de Nuki. Como de costume, os marinheiros realizaram uma pequena cerimónia à volta de um altar que tinham ido buscar ao seu lugar habitual no porão, e fizeram oferendas de incenso a Assantua, deusa do mar e do céu, pela viagem segura. Toda a gente do Saramyr participou, mas Saran e Tsata estiveram manifestamente ausentes.

Hanzean era menos movimentada do que Jinka, a norte, que recebia a maior parte do tráfego do Okhamba, mas, apesar de a viagem ser ligeiramente mais longa, era o porto por excelência da frota dos Sangue Mumaka. Era a mais pitoresca e a mais antiga das cidades costeiras ocidentais, sendo o primeiro povoado saramyr a ser fundado neste continente. Cento e cinquenta quilómetros para sudoeste ficava o Palexai, o grande obelisco que assinalava o ponto onde fora avistada terra pela primeira vez.

Conquanto Hanzean nunca tivesse chegado a ser a primeira capital do Saramyr - a maldita Gobinda detivera esse título - subsistia como local influente, mergulhado na sua própria história. Mishani visitara Hanzean diversas vezes, antes do seu afastamento da família. Gostava das suas tranquilas ruas estreitas e praças antigas; recordava-lhe o Bairro Imperial em Axekami, mas um pouco menos cuidadosamente conservado, com as arestas um pouco menos limadas. De certa

forma mais real. Agora, porém, a vista das torres de pedra lisa e as abas vermelhas dos algerozes ornamentais à volta da cúpula do mercado fizeram-na sentir uma estranha mistura de alívio e frémito. A viagem deles tivera o seu preço, mas ainda não podia dizer qual fora. Chien não se mostrara interessado em dinheiro; arrancara-lhe antes uma promessa, que a cortesia impunha que aceitasse em semelhantes circunstâncias, mesmo que não em troca de um favor tão grande quanto aquele que o mercador lhes fizera.

— Terá de ser minha convidada na casa urbana de Hanzean — dissera ele.

Aparentemente, parecia bastante inofensivo; mas as aparências, tal como as máscaras, encobriam a verdade por baixo. Conquanto não tivesse sido estabelecido um prazo, a etiqueta exigia que Mishani ficasse pelo menos cinco dias. E, nesses cinco dias, tudo podia acontecer. Estava demasiado próxima das propriedades dos Sangue Koli na Baía de Mataxa para se sentir à vontade.

Examinou todos os ângulos, procurou um sentido oculto em tudo. Era um hábito necessário em Mishani, e tinha particular habilidade para ele.

Chien não era um idiota; podia ter obtido grandes vantagens pessoais com o acordo. Sabia que o faria se estivesse no lugar dele. Se ele possuía realmente conhecimento da cisão na sua família, então estava ciente de que ela não tinha nada para lhe oferecer, e provavelmente saberia que o Barak Avun andava secretamente à procura da filha. Atirá-la-ia simplesmente para os braços do inimigo.

Nesse caso, por que permito que o faça?, perguntou-se, enquanto proferia as palavras do mantra a Assantua e prestava atenção à cerimónia dos marinheiros apenas com uma pequena fracção da sua mente. Porque fizera uma promessa. Fora, antes de mais, a recusa em comprometer a sua honra que a transformara numa proscrita; não podia abrir mão dela agora. Chien sabia que não recusaria o seu convite sem se sentir insultado, e isso teria demonstrado que desconfiava dele. Provavelmente estaria tão intrigado quanto aos motivos dela quanto ela em relação aos dele. O que viera fazer ao Okhamba?

Porquê arriscar-se daquela maneira?

Ela não lhe contara nada, apesar de terem falado com frequência durante a viagem. A incerteza dele jogava a seu favor, e tinha de se agarrar a isso. Quando chegassem à casa urbana, então veria o que era possível fazer com respeito à sua situação.

Não partilhara os seus receios com Kaiku. Apesar de esta ter inicialmente as mesmas desconfianças que Mishani, tranquilizara-se com as garantias de que Chien era de confiança. Está claro que era mentira, mas Kaiku também não estava em posição de a ajudar. Tinha de levar Saran e o seu companheiro tkiurathi de volta ao Recesso, e os acessos impetuosos dela seriam contraproducentes para as intrigas de Mishani.

No fim, Kaiku deu-se por satisfeita. Também, a intenção de Mishani fora sempre dirigir-se para sul quando regressassem do Okhamba; Kaiku sabia disso.

Mishani era praticamente inútil no Recesso, excepto quando Zaelis ou Cailin se vinham aconselhar com ela ou Lúcia precisava de uma mão fraterna. Não, havia outros assuntos a tratar, presumindo que tivesse liberdade para o fazer depois de Chien haver conseguido dela o que pretendia. Ia para Lalyara, encontrar-se com o Barak Zahn tu Ikati. O verdadeiro pai de Lúcia.

Desembarcaram no cais privado de Chien, após o que ele insistiu que fossem até à sua casa urbana e almoçassem com ele antes de partirem. Ao olho clínico de Mishani, Saran pareceu um pouco relutante, mas não se queixou. Kaiku, mais ansiosa por adiar as despedidas da amiga, aceitou prazenteiramente. Tsata e Chien trocaram algumas palavras em Okhambano - língua em que o mercador parecia ser fluente - e depois também ele aquiesceu. Não estando sujeito aos modos do Saramyr, Kaiku temera que ele pudesse dizer algo rude; mas Chien sabia como lidar com o Tkiurathi.

Estavam à espera deles no cais e uma carruagem levou-os pelas ruas tranquilas de Hanzean. Gatos esguios observavam-nos com curiosidade dos telhados; mulheres queimadas do sol afastavam-se à sua passagem e depois voltaram a varrer a poeira das suas soleiras com vassouras de junco; viam-se velhos sentados no exterior de restaurantes de beira de rua com copos de vinho e cubos de queijo exótico; aves sobressaltadas levantaram voo, interrompendo o banho em fontes antigas. Kaiku estava extasiada, apreciando a simples glória de estar de volta ao Saramyr e fora daquele navio. Mishani desejou poder fazer o mesmo. Apercebera-se de que a carruagem seguia um percurso muito indirecto para onde quer que se dirigisse, percorrendo vias estreitas e serpenteantes e voltando para trás por diversas vezes; mas para quem conhecia bem Hanzean, era óbvio.

A casa urbana de Chien não era particularmente faustosa. Tratava-se de um edifício baixo, de três andares, fazendo lembrar um pagode espalmado, com telhas rendilhadas nas abas e uma efígie esculpida de um espírito em cada canto a servir de gárgula. Fechado lá dentro, havia um pequeno jardim, com rochas coloridas tipicamente dispostas com cuidado e premeditação. Os terrenos ajardinados eram pequenos e estavam bem arrançados, apenas um relvado dentro dos muros da propriedade e algumas zonas cultivadas com flores e árvores, onde haviam sido colocados bancos de pedra e corria um pequeno riacho.

Localizava-se num bairro abastado, numa rua de vivendas de tamanho idêntico, e não se destacava nada entre as suas vizinhas. O tema prosseguia no interior. Apesar de ser um homem de indubitável riqueza, Chien escolhera o conforto e a simplicidade em detrimento da opulência, e as únicas verdadeiras mostras da sua perícia comercial eram os raros e valiosos ícones de pedra okhambanos assentes em pedestais em algumas das divisões. Kaiku estremeceu ao vê-los, lembrando-se com terrível nitidez dos ídolos nos Aith Pthakath.

A refeição foi duplamente requintada, ainda para mais depois da comida de conserva que haviam consumido a bordo do navio. Angulas na caçarola, bolinhos de

arroz salgado condimentado envoltos em tiras de barrilha, um guisado de vegetais e banatbi grelhado, e - o mais delicioso de tudo - bagas de jukara, que só floresciam mesmo nas últimas semanas das colheitas, e eram extremamente difíceis de cultivar.

Comeram, conversaram e gracejaram, unidos no alívio comum de voltarem a pisar terra seca. Gargalhando, entregando-se a reminiscências da viagem, cortaram e espetaram a comida com garfos de dedo usados no segundo e terceiro dígitos da mão esquerda, e as congêneres facas de dedo na direita. Esporadicamente, mudavam para delicadas colheres, seguras entre o polegar e o indicador livres.

Nem Saran nem Tsata pareceram ter problemas em dominar a técnica, nem tão-pouco nos rituais de boas maneiras à mesa. Mishani calculou que o discreto Tkiurathi tivesse uma educação muito melhor do que a princípio julgara. Por fim, a refeição terminou. Chien, como seria de esperar, pediu aos companheiros de Mishani que ficassem e eles, como seria igualmente de esperar, lamentavelmente declinaram. Chien não insistiu; mas ofereceu-se para colocar uma carruagem à disposição para os levar até fora da cidade.

Saíram juntos para o pequeno relvado da propriedade, passeando-se ociosamente pelo calor sufocante da tarde. As brisas refrescantes do Outono que se aproximava tinham cessado, deixando o ar parado e húmido. Mishani caminhava na frente com Kaiku, a primeira circunspecta como sempre, a segunda mais descontraída.

— Vou sentir a tua falta, Mishani — confessou Kaiku. — É um longo caminho até às Prefeituras do Sul.

— Não vou partir para sempre. Um mês, dois no máximo, se tudo correr bem. — Sorriu forçadamente à amiga. — Julguei que depois desta viagem já tivesses a tua conta de mim.

Kaiku retribuiu o sorriso.

— É claro que não. Quem mais me manteria longe de sarilhos?

— Cailin bem tenta, mas tu não a deixas.

— Cailin protege-me de mais — respondeu Kaiku em tom de mofa. — Se fizesse o que ela queria, levaria os dias a estudar, e a estas horas, usaria já aquela maquilhagem medonha e o vestido preto como membro da Ordem Vermelha.

— Ela deposita imensa fé em ti — salientou Mishani. — A maior parte dos mestres não toleraria uma aluna tão inconstante.

— Cailin tem as suas próprias preocupações — replicou Kaiku, tapando os olhos e semicerrando-os distraidamente para o sol. — Ela ensinou-me a dominar aquilo que tenho dentro de mim... estar-lhe-ei sempre grata por isso... mas nunca concordei em passar o resto da minha vida como uma das suas Irmãs. Ela não entende isso. — Kaiku baixou o olhar. — Além do mais, primeiro tenho um compromisso com uma força superior a ela.

Mishani apoiou uma mão no cotovelo dela.

— Já fizeste muito para ajudar os Libera Dramach nestes últimos anos,

Kaiku. Tiveste um papel importante em muitas das suas operações. Tudo o que fizeres por eles prejudica os Tecedores, mesmo em pequena escala. Não te esqueças disso.

— Não é suficiente — murmurou Kaiku. — A minha família ainda não foi vingada; a minha promessa a Ocha não foi cumprida. Tenho esperado, e esperado, mas a minha paciência está a esgotar-se.

— Não podes querer derrotar os Tecedores sozinha — disse-lhe Mishani. — Nem podes esperar desfazer dois séculos e meio de história numa década.

— Eu sei — respondeu Kaiku. — Mas isso não ajuda. Despediram-se, depois Saran, Tsata e Kaiku partiram numa carruagem, deixando Mishani com Chien.

— Vamos para dentro? — sugeriu ele, depois de terem partido. Mishani aquiesceu cortesmente, e entrou com ele, mais consciente agora do que nunca de que estava sozinha, e muito provavelmente a caminhar para uma armadilha.

CAPÍTULO 9

Mos estava sentado na Câmara das Lágrimas, e escutava a chuva.

Nunca antes estivera nesta sala. Isso não era invulgar; muitos dos níveis superiores da Fortaleza Imperial estavam quase totalmente vazios. Fora construída num gesto algo impraticável de apaziguamento pelo quarto Imperador do Sangue de Saramyr, Huita tu Lilira, para recompensar Ocha pelo orgulho arrogante do seu antecessor. Mas nem sequer a Família Imperial necessitava de uma construção com o tamanho e a complexidade da Fortaleza. Mesmo que Mos tivesse chamado todos os seus parentes afastados para viverem aqui - o que seria praticamente impossível, visto ser necessário a família estar dispersa pelo país para controlar os diferentes negócios dos Sangue Batik, - teria dificuldade em encher todas as divisões. Quando o grande incêndio de há cinco anos destruíra grandes áreas do interior, os habitantes haviam-se simplesmente mudado para novas alas e vivido ali bastante confortavelmente enquanto as reparações estavam em curso.

Os níveis superiores, onde Mos encontrara a Câmara das Lágrimas, eram os menos práticos de alcançar, e os seus corredores de lach continham apenas ecos surdos. Laranya dissera uma vez que podia haver pessoas a viver ali em cima, toda uma comunidade de caminhantes perdidos que se tinham mantido escondidos durante séculos. Mos rira-se e dissera-lhe que estava a fantasiar. Apesar de desertos, não se encontravam cobertos de pó nem negligenciados, e desconfiava que uma das obrigações dos seus conselheiros era assegurar-se de que os serviçais não deixavam qualquer parte da Fortaleza degradar-se.

O som de água a correr levava-o ali enquanto deambulava, buscando a solidão, levando a sua terceira garrafa de vinho. Era uma ampla sala circular com o tecto abobadado, no centro da qual havia um buraco por onde a chuva caía para o chão ladrilhado e escoava por pequenas grelhas. O chão estava ligeiramente inclinado na direcção do centro para manter a água ali, pelo que era impossível sentar-se mesmo no limite da cortina de gotículas e permanecer seco. Um engenhoso sistema de calhas no telhado enviava a água por canais secretos até às estátuas que se encontravam em nichos na periferia da câmara, e corriam-lhes lágrimas dos olhos e pelos rostos, reunindo-se em bacias de pedra aos seus pés.

Estava lusco-fusco, e não haviam sido acesas lanternas. A sala encontrava-se escura e abafada com o resto do calor do dia. A chuva era invulgar nesta altura do ano, mas combinava com o estado de espírito de Mos, e fora atraído até lá. Estava sentado numa das muitas cadeiras que formavam um círculo à volta da sala, e ficou a ver a coluna de gotículas descer, o tapete de minúsculas explosões que causavam ao caírem na poça baixa no meio da câmara. A única luz era o brilho cada vez mais fraco do olho de Nuki, que entrava pelo orifício na cúpula, realçando a testa de Mos e o maxilar barbudo e a extremidade da garrafa que segurava. Bebeu outra golada, sem requinte, um esvaziar amargo e irado.

— Não devíeis estar sozinho — chegou-lhe da porta a voz áspera de Kakre, e Mos praguejou sonoramente.

— O deuses, é a última pessoa que quero ver neste momento, Kakre — disse. — Vá-se embora.

— Precisamos conversar — insistiu o Tecedor-mor, avançando pela sala. Mos fuzilou-o com o olhar.

— Aproxime-se então. Não vou falar consigo enquanto estiver aí à espreita.

Kakre fez-lhe a vontade, arrastando-se tropegamente até à luz. Mos não olhou para ele, observando antes a chuva. O cheiro vagamente nauseabundo a decomposição e pele de animal chegou-lhe mesmo através da perturbação do vinho, como o cheiro de um cão doente.

— Precisamos de conversar sobre o quê? — escarneceu.

— Estais embriagado — afirmou Kakre.

— Nunca estou embriagado. E isso que tem a dizer-me? Já basta a minha mulher para me admoestar, Kakre; dispenso-ò de o fazer.

Kakre empinou o queixo, emanando dele uma onda de raiva que deixou os pêlos do pescoço de Mos eriçados.

— Por vezes sois demasiado insolente, meu Imperador — advertiu Kakre, enchendo o título de escárnio. — Não sou um dos vossos criados, para ser dispensado ou ridicularizado a vosso bel-prazer.

— Não é, não — concordou Mos, bebendo outra golada da garrafa. — Os meus criados são leais, e fazem o que é suposto fazerem. Você não. Sou levado a perguntar-me por que o conservo sequer aqui.

Kakre não lhe deu resposta, olhando-o antes com um silêncio maldoso.

— Afinal o que tem a dizer-me? — Mos falou com rispidez, deitando um olhar irritado a Kakre.

— Tenho notícias do Sul. Houve uma revolta em Zila.

Mos não reagiu, só a sua expressão carrancuda se acentuou e a testa se ensombrou.

— Uma revolta — repetiu devagar.

— Mataram o Governador. Foi uma turba, demasiados camponeses e gente da cidade. Tomaram de assalto a praça da administração. Um dos meus Tecedores enviou-me a notícia, antes de o matarem também.

— Eles mataram um Tecedor? — exclamou Mos nitidamente escandalizado.

Kakre não viu qualquer necessidade de dar resposta. O ruído da chuva encheu o vazio na conversa enquanto Mos pensava.

— Quem é o responsável? — acabou por perguntar o Imperador.

— É demasiado cedo para responder — afirmou a voz áspera do Tecedor-mor. — Mas os camponeses estavam organizados. E os meus agentes em Zila têm referido um aumento da simpatia por aquele culto algo persistente que vem desviando constantemente os nossos recursos nestes últimos anos.

— Os Ais Maraxa? Foram eles? — exclamou Mos, subitamente furioso, atirando a garrafa pela sala. Partiu-se de encontro a uma das estátuas lacrimějantes, misturando vinho tinto na água da chuva que se reunia na bacia aos seus pés.

— Talvez. Tenho-vos avisado com frequência de que eles acabariam por levar a cabo algo desta natureza.

— Era suposto você evitar que este tipo de coisa acontecesse!

— O Imperador levantou-se violentamente, fazendo cair a cadeira.

— Eles sabem das colheitas! — afirmou Kakre. Não se sentia intimidado, apesar de, fisicamente, ser um anão ao pé do homem maior.

— Aqui no Noroeste, podemos disfarçar um pouco os danos, mas Zila fica na orla das Prefeituras do Sul. Ali em baixo, eles vêm a moléstia a destruir as colheitas diante dos seus próprios olhos; e todas as más notícias passam por Zila a caminho da costa ocidental. Nós, os Tecedores, somos poderosos, meu Imperador, e dispomos de muitas subtilezas;

mas não podemos ver todos os planos, quando o próprio país se vira contra nós. Devíeis ter-me deixado tratar dos Ais Maraxa da primeira vez que ouvimos falar deles.

— Não fuja à responsabilidade, Kakre! — bramou Mos. — Isto é culpa sua! — Agarrou o Tecedor com rudeza pela túnica aos remendos. — Culpa sua!

— Não me toque! — sibilou Kakre, e Mos sentiu o seu corpo agarrado, o peito apertado como se por uma mão de ferro. A força escoou-se-lhe, substituída pelo pânico súbito. As suas mãos abriram-se num espasmo, soltando o Tecedor-mor, e recuou cambaleando, a garganta a borbulhar com mucosidades e a respiração curta. Kakre pareceu agigantar-se, tornar-se enorme e aterrador na sua mente: uma figura curvada de mãos brancas emaciadas enclavinhas em garras, pairando sobre ele como as mãos de um bonecreiro sobre uma marioneta. Ao recuar, Mos escorregou e caiu na coluna de chuva, chapinhou na poça pouco funda onde se encolheu, lamuriando-se.

Dava a impressão de que Kakre enchia a sala, a sua Máscara umbrosa e cadavérica, e o próprio ar parecia esmagar Mos até ao chão.

— Excedeis os vossos limites—disse o Tecedor-mor, a sua voz negra e fria como uma sepultura. — Aprendereis a conhecer o vosso lugar!

Mos gritou de medo, desarmado pelo poder de Kakre, a sua coragem natural subvertida pela insidiosa manipulação do seu corpo e da sua mente.

A chuva caía, encharcando-o, escorrendo-lhe da barba e colando-lhe o cabelo.

— Precisaís de mim, Mos — disse-lhe Kakre. — E eu, infelizmente, preciso de vós. Mas não vos esqueçais do que vos posso fazer. Não vos esqueçais de que detenho o poder da vida e da morte sobre vós a cada momento.

Posso fazer parar o vosso coração com um pensamento, ou rebentá-lo dentro do vosso peito. Posso fazer-vos sangrar por dentro de forma tal, que nem sequer os

melhores médicos-cirurgiões reconhecerão que não foi natural. Posso induzir-vos à loucura no tempo que levais a desembainhar a vossa espada. Nunca mais me volteis a tocar, senão, da próxima vez, far-vos-ei algo mais definitivo. Depois, gradualmente, Kakre pareceu encolher, e a terrível energia no ar pareceu diminuir. Mos reencontrou a respiração, arquejante.

A sala voltou ao que fora antes, lúgubre, espaçosa e ecoante, e Kakre era de novo uma figura pequena e torcida de costas curvadas, enterrada em remendos de pele animal mal costurados.

— Vós ireis tratar da revolta em Zila. Eu encarregar-me-ei das suas causas - proferiu na sua voz áspera, e dito aquilo, foi-se embora, deixando Mos estendido de lado à chuva, iluminado de cima pelo crepúsculo esbatido, irado, receoso e vencido. A Imperatriz Laranya e o seu irmão mais novo, Reki, irromperam pela porta elíptica, molhados e sem fôlego de tanto rirem. Eszel arqueou teatralmente um sobrolho quando avançaram aos tropeções pelo pavilhão e disse com secura a Reki: — Até se podia pensar que nunca tinha visto chuva antes.

Reki soltou nova gargalhada, animado. Não andara muito longe da verdade.

O pavilhão ficava no meio de um lago amplo, ligado ao resto dos jardins em socacos da Fortaleza Imperial por uma ponte estreita. As suas paredes eram de madeira esculpida, uma rede fina e rendilhada a formar folhas e ideogramas que permitiam a quem estava lá dentro olhar através deles e para a água. Cestos de flores pendiam das goteiras no telhado inclinado, e a cada canto havia fortes colunas de pedra pintadas de vermelho-coral. Eszel acendera as lanternas que pendiam do lado de dentro das colunas, pois a noite caíra há pouco lá fora. Era pequeno, mas não tão pequeno que não coubessem oito pessoas confortavelmente sentadas nos seus bancos, e apenas com os três ali dentro, sobrava imenso espaço.

Reki deixou-se cair pesadamente e olhou para os padrões de madeira, maravilhado. Laranya deu-lhe um beijo indulgente na face e sentou-se a seu lado.

— A chuva até é uma certa novidade no sítio de onde vimos — explicou a Eszel.

— Bem me quis parecer — replicou Eszel, com um sorriso sarcástico.

— Ó espíritos! — exclamou Reki, volvendo o olhar para a superfície escura e turbulenta do lago fustigado pela chuva. — Agora sei o que sentiu Ziazthan Ri quando escreveu A Pérola do Deus da Água.

Eszel olhou para o jovem com renovado interesse.

— Leu-a?

Reki tornou-se subitamente tímido, apercebendo-se de que se estivera a gabar.

O texto antigo de Ziazthan Ri, contendo o que era geralmente reconhecido como uma das maiores obras naturalistas do Império, era extraordinariamente raro e valioso.

— Bem... quer dizer... balbuciou... Mas que preciosidade! Tem de me falar dela! — entusiasmou-se Eszel, vindo em seu auxílio. — Já vi excertos copiados, mas nunca tive acesso a toda a obra.

— Decorei-a — afirmou Reki, tentando parecer o mais modesto possível. — É uma das minhas preferidas.

Eszel pôs-se praticamente aos gritinhos: — Decorou-a? Iria adorar ouvi-la do princípio ao fim.

Reki irradiou alegria, o sorriso iluminando-lhe o rosto magro.

— Seria uma honra — disse. — Nunca conheci ninguém que tivesse ouvido falar de Ziazthan Ri.

— Então é porque não conheceu as pessoas certas — retorquiu Eszel, piscando-lhe o olho. — Vou apresentá-lo.

— Esperem lá — disse Laranya, saltando de ao pé de Reki para se sentar ao lado de Eszel. Agarrou-lhe o braço possessivamente, molhando-o todo. — Eszel é meu!

Não deixarei que mo roubes com a tua sabedoria árida e conversas sobre velhos mortos.

Eszel soltou uma gargalhada.

— A Imperatriz está com ciúmes! — escarneceu.

Laranya olhou do irmão para Eszel e de novo para ele. Sentia um enorme afecto por ambos. Não podiam ser mais diferentes um do outro, no entanto, pareciam entender-se melhor do que esperara.

Reki tinha uns olhos cinzentos vivos, as suas feições estranhamente acentuadas por uma cicatriz funda que vinha do lado de fora do olho esquerdo até à ponta do malar. O cabelo pelo queixo era negro como o azeviche, com uma madeixa branca do lado esquerdo da mesma queda de infância que lhe desfigurara o rosto. Era sossegado, inteligente e estranho, nunca parecendo caber nas roupas que vestia ou sentir-se confortável na sua própria pele.

Em contraste, Eszel era flamante e animado, muito atraente, mas também extraordinariamente afectado; parecia saído do Bairro do Rio e não da Fortaleza Imperial, com maquilhagem carregada nos olhos e o cabelo pintado de roxo, vermelho e verde, apanhado com ornamentos e contas.

— Talvez um pouco ciumenta — admitiu ela, maliciosamente. — Quero-vos aos dois para mim!

— A posição social tem os seus privilégios — observou Eszel, levantando-se e fazendo uma vénia exagerada. — Estou às vossas ordens, minha Imperatriz.

— Nesse caso, exijo que nos recite um poema sobre a chuva! —disse. Os olhos de Reki iluminaram-se.

— Por acaso até tenho um em que a chuva forma uma espécie de elemento-chave - declarou. — Gostariam de o ouvir?

— Eu sim! — exclamou Reki. Sentia-se ligeiramente intimidado por Eszel,

que, na opinião de Laranya, era um poeta brilhante. Fazia parte da Corte Imperial por sugestão do Conselheiro Cultural de Mos, que acreditava que, com alguns anos de patrocínio, Eszel poderia produzir poemas suficientemente bons para fazer dele um nome famoso em Axekami, e uma figura prestigiosa que seria associada à Família Imperial.

Compondo-se imoderadamente à luz das lanternas, Eszel colocou-se no meio do pavilhão e pigarreou. Durante alguns momentos, o único som era o silvar e pingar da chuva, e ele foi alvo da atenção profunda da sua assistência. Começou então a falar, as palavras fluindo-lhe pela língua como prata derretida. O Alto Saramírico era uma língua maravilhosamente complexa, e prestava-se bem à poesia.

Podia ser suave e sibilante, ou áspero e cortante, carregado de significados capazes de serem alterados e manipulados pela boca grandiloquente de um artífice da palavra, transformando-as num enigma sagaz para desvendar e num prazer para o ouvido. Eszel era extremamente talentoso, e tinha consciência disso; a beleza pura das suas frases deixava o ouvinte fascinado.

O poema estava apenas indirectamente relacionado com a chuva, sendo antes a história de um homem cuja esposa for possuída por um achicita, um vapor demoníaco que lhe entrara sorrateiramente pelas narinas enquanto dormia e estava a transformá-la por dentro. A profunda mágoa enlouquecera o homem, e na sua loucura, fora visitado por Shintu, o deus enganador da sorte, que o persuadira a levar a esposa para fora de casa e a deitá-la na estrada durante um período de três dias, findo o qual Shintu expulsaria o demónio. Então, Shintu pediu ao seu primo Panazu que provocasse três dias de chuva, para pôr à prova a fé do homem, pois a esposa encontrava-se já fraca e provavelmente não resistiria a três dias completamente encharcada. Após o primeiro dia sentado à chuva junto da esposa, os aldeãos, julgando o homem insano, trancaram-no e trouxeram a mulher de volta para a cama, onde ela continuou a adoecer.

Shintu, tendo pregado a sua partida, julgou que terminara tudo e transferiu de imediato a sua atenção para outro assunto. Esqueceu por completo o caso, até ele acabar por chegar ao conhecimento de Narisa, deusa das coisas esquecidas, que viu quão terrível e injusto era este casal ter de sofrer daquela maneira. Apelou para Panazu, a fim de que remediasse a situação, visto que também ele tivera a sua participação nisto. Panazu, que amava Narisa - e cujo amor despertaria mais tarde a atenção de Shintu e resultaria no nascimento da filha bastarda Suran da própria irmã de Panazu, Aspinis, - não teve como recusar-lhe, e então aliviou a esposa do acbkita e enviou relâmpagos para abrir a cela onde o homem estava preso. Libertos e de novo unidos, foram ambos declarados curados, e juntos reencontraram a felicidade.

Eszel estava mesmo a chegar ao fim da sua história, e sentiu-se satisfeito ao ver as lágrimas marejarem os olhos de Reki, quando de repente Mos entrou impetuosamente, vindo da chuva.

O poeta esmoreceu ao ver o Imperador do Sangue, cujo rosto parecia ir

explodir. Ficou ali a escorrer, observando a cena diante de si. Eszel calou-se.

— Vocês parecem todos muito divertidos — disse, e até Eszel percebeu que ele estava ansioso por uma discussão, e permaneceu sensatamente em silêncio. O Imperador do Sangue não gostava dele, e não escondia o facto. Os modos algo efeminados e o aspecto pretensioso de Eszel ofendiam um homem com uma natureza mundana como a sua. Além disso, era óbvio que Mos não via com bons olhos a amizade entre Eszel e Laranya, pois ela procurava-o com frequência quando Mos estava demasiado ocupado com os assuntos da corte para lhe dar atenção.

— Vem juntar-te a nós — disse Laranya, levantando-se e estendendo as mãos para que Mos as agarrasse. — Pareces estar a precisar de te divertir.

Ele ignorou as mãos dela e fuzilou-a com o olhar.

— Andei à tua procura, Laranya, porque pensei que pudesse encontrar algum consolo junto da minha esposa depois do ordálio por que passei. Mas afinal encontro-te... toda encharcada e entretida com jogos infantis à chuva!

— Qual ordálio? Do que estás a falar? — inquiriu Laranya, mas no meio da preocupação notava-se já a centelha de raiva que se acendera em resposta ao tom do Imperador.

Eszel sentou-se discretamente ao lado de Reki.

— Não te preocupes — respondeu com brusquidão. — Por que será que, sempre que tenho de andar à tua procura, te encontro com este homem que é um detestável pavão? — Indicou Eszel com um gesto de desprezo, que encaixou o insulto submissamente. Não podia agir de outra maneira. Reki olhava aterrorizado de Mos para Eszel.

— Não despejes as tuas frustrações em cima dos teus súbditos, que não podem ripostar! — exclamou, as suas faces ficando ruborizadas.

— Se o teu agravo é comigo, então di-lo! Não estou à tua inteira disposição, esperando no meu quarto até achares que necessitas de consolo. — Acentuou a palavra para o ridicularizar, deixando-o na situação caricata de ter de mendigar.

— Ó deuses! — bramou. — Agora tenho de enfrentar hostilidade de todos os lados? Não há uma só pessoa com quem possa trocar uma palavra amiga?

— Coitadinho, todos te perseguem! — retorquiu Laranya, sarcasticamente.

— Especialmente quando entras aqui de rompante como um banathi e comesas a insultar o meu amigo, e a envergonhar-me diante do meu próprio irmão!

— Então vem comigo! — pediu Mos, agarrando-lhe o pulso.

— Deixa-me falar contigo em privado, longe deles. — Ela libertou o braço. — Eszel estava a recitar um poema — afirmou, a sua voz tensa. — E vou ficar a ouvi-lo até ao fim.

Mos deitou um olhar sinistro ao poeta, quase tremendo de raiva. Reki sentiu praticamente o coração de Eszel cair-lhe aos pés. A irmã tivera boas intenções, mas, quando se irritava, não era meiga. Ao dar um motivo para recusar Mos, fizera com que a raiva dele recaísse sobre o indefeso amigo.

— E como te sentirias se o teu rico poeta se visse de repente sem um protector? — proferiu com aspereza.

— Nesse caso, o meu rico marido ver-se-ia sem esposa! — ripostou Laranya. Tendo feito finca-pé, agora não podia recuar nem um milímetro.

— Nesse caso ele significa assim tanto para ti? — escarneceu Mos.

— Este semi-homem?

— Este semi-homem é mais homem do que tu, visto que consegue controlar-se, o que um nobre como tu deveria ser capaz de fazer!

Aquilo foi de mais. Mos levantou a mão de repente, um reflexo de pura raiva, preparando-se para lhe bater. Ela ficou subitamente fria, a paixão levando-a para lá da mera fúria até uma calma inflexível.

— Atreve-te — disse-lhe, a sua voz como unhas a raspar em metal ferrugento.

A mudança nela deteve-o. Nunca antes ele lhe levantara a mão, nunca se descontrolara desta maneira. Tremendo, olhou-a nos olhos e achou que as discussões a tornavam ainda mais bela, e viu o quanto a amava e odiava ao mesmo tempo. Depois, deitou um último olhar fuzilante a Eszel, saiu furiosamente do pagode e atravessou a ponte, desaparecendo na noite chuvosa.

Reki soltou um sopro que desconhecia ter estado a reter. Eszel parecia profundamente consternado. O queixo de Laranya estava empinado com arrogância, o seu seio subindo e descendo, extremamente satisfeita por ter enfrentado e vencido o marido.

O ambiente ficara já estragado, e por consentimento silencioso, dispersaram para os seus aposentos. Mais tarde, Laranya procuraria Mos, discutiriam, reconciliar-se-iam e fariam amor freneticamente nas brasas da sua raiva, desconhecedores de que então, tal como agora, Kakre estivera a observar da Teia.

CAPÍTULO 10

Kaiku, Saran e Tsata chegaram ao Recesso de manhãzinha, havendo cavalgado sem parar desde Hanzean. Tinham seguido por estradas secretas até à Falha de Xarana a coberto da escuridão e entrado no coração da terra destruída sem alertar quaisquer dos inimigos que ali viviam. O seu regresso foi saudado com grande entusiasmo por parte daqueles que tinham conhecimento da missão de Kaiku e calculavam quem era o seu companheiro. Ao meio-dia, realizara-se uma reunião das cúpulas dos Libera Dramach e da Ordem Vermelha para ouvirem o que o seu espião lhes tinha a contar, e Kaiku fora incluída, não só por insistência de Saran, mas também de Cailin. Sentiu um certo alívio. Depois de dedicar dois meses da sua vida - e quase a perder - para trazer de volta este homem, era demasiado cruel pensar que as informações na sua posse fossem sobejamente delicadas para lhe serem confiadas.

Reuniram-se no piso de cima de um edifício semicircular que era, oficiosamente, o centro nevrálgico dos Libera Dramach. Ficava num dos estratos mais elevados do Recesso, a sua superfície curva dando para a cidade e o vale lá em baixo. O piso mais alto tinha vista panorâmica, com colunas a sustentar o telhado plano e uma barreira de ferro forjado à altura da cintura que seguia entre elas. Todo o piso era uma única divisão, usada para reuniões de cúpula ou esporádicas representações teatrais ou recitais e, tal como a maioria dos edifícios no Recesso, era mais funcional do que elegante.

Das suas paredes beges pendiam tapeçarias baratas e havia esteiras de verga a cobrir o chão, e pouco mais para além de uma roda de preces a um canto e algumas campainhas de vento tocando baixinho na brisa irregular, para afastar os maus espíritos.

Era uma superstição singular e antiga que parecia de certa forma menos cómica aqui, na Falha de Xarana.

A reunião não obedecia a um verdadeiro formalismo, mas a hospitalidade básica exigia que se servissem bebidas. As tradicionais mesas baixas de madeira preta apresentavam-se cheias de bandejas pequenas, e recipientes de metal com vários vinhos, licores e bebidas quentes colocados entre elas. Kaiku estava sentada com Cailin e dois outros membros da Ordem Vermelha com vestes idênticas, nenhum dos quais vira antes, dado parecer que os membros estavam constantemente a mudar e apenas Cailin conferia alguma permanência. Tinha uma excessiva paranóia em não deixar que se soubesse o número de elementos da Ordem Vermelha, e mantinha-os dispersos para que não pudessem ser todos eliminados de uma assentada no caso de ocorrer uma catástrofe qualquer. Ali próximo estavam sentados Zaelis com Yugi, que era praticamente o seu braço direito. Yugi captara o olhar dela e sorria-lhe para a tranquilizar; sobressaltada, retribuía o sorriso.

Tsata encontrava-se sozinho, afastado das mesas num extremo da sala.

Kaiku observou-o por um momento. Impunha-se perguntar o que fazia

sequer ali o Tkiurathi. Por que acompanhara Saran até tão longe? Qual era a relação entre ambos? Apesar de a raiva ante a forma indiferente com que pusera em risco a vida dela ter diminuído um pouco ao longo do mês que entretanto decorrera, pouco soubera sobre ele, e Saran mostrara-se estranhamente relutante em adiantar os pormenores, afirmando que era algo que só dizia respeito a Tsata e que ele lhe contaria se o entendesse. Kaiku não conseguiu concluir se Saran estava a ser diplomático por uma questão de respeito pelas estranhas crenças do seu companheiro, ou se insistia apenas em a irritar.

Os seus pensamentos passaram de Saran para Lúcia. Gostava de ter tido tempo para visitar a antiga Imperatriz-Herdeira antes da reunião, mas calculava que a oportunidade surgisse mais tarde. Mesmo assim, algo insistia em não lhe sair da ideia sobre o assunto. Quando Kaiku inquirira Zaelis sobre a saúde dela, ele respondera com um comentário ligeiro e mudara de assunto; mas, pensando bem, nunca respondera à sua pergunta. Se estivesse no lugar de Mishani, teria achado suspeito; mas tratando-se de Kaiku, presumira que a culpa de não o pressionar era inteiramente sua. Depois fez-se silêncio, e Saran estava de costas para o corrimão, com o outro extremo do vale a emoldurá-lo e o sol a traçar-lhe os contornos. Estava na altura de saber pelo que arriscara a sua vida, e decidir se valera a pena.

— Só alguns dos presentes me conhecem — começou, a sua voz cristalina e agora quase inteiramente liberta das inflexões do Quraal. Com as suas roupas justas e austeras, mais parecia um general a dirigir-se às tropas, e a sua voz possuía uma autoridade semelhante. - Assim, começarei por uma apresentação. O meu nome é Saran Ycthys Marul. Sou espião dos Libera Dramach há vários anos, tendo viajado até muito longe com um único objectivo: descobrir tudo o que pudesse sobre os Tecedores. A minha missão levou-me aos quatro países do Mundo Vizinho: Saramyr, Okhamba, Quraal e o longínquo Yttryx. Se tiverem paciência, contar-lhes-ei o que descobri.

Fez uma pausa teatral e deslocou-se para a esquerda e para a direita, percorrendo a assistência com o olhar. Kaiku estremeceu interiormente ante a ousadia dele. Ocorreu-lhe subitamente que, ao transmitir pessoalmente a sua mensagem diante de tantas pessoas, estaria a incorrer em perigos futuros. Quantas mais pessoas soubessem que ele era espião, maior a probabilidade de ser descoberto.

Perguntou-se o que provocara esta temeridade; certamente não seria tão presunçoso ao ponto de estar disposto a correr o risco em troca deste momento de glória?

— Os Saramyr esqueceram a sua história — afirmou. — Era tamanho o orgulho de povoarem este grande continente, que não pensaram no que estavam a pôr de lado. Ao levarem os aborígenes Ugati à extinção, quiseram começar do zero e perderam milhares e milhares de anos de memória desta terra. Mas outrosdugares ainda se recordam. No Okhamba, há tribos a viver há séculos à margem da civilização exterior.

No Quraal, devido à repressão da doutrina e à pouca minúcia da Teocracia ao rescrever a história, subsistem ainda provas das profundezas mais negras do passado, se uma pessoa souber onde procurá-las.

E no Yttryx, onde as constantes guerras intestinas transferiram o epicentro do poder com tanta frequência, os documentos acabaram tão dispersos, que não só é impossível encontrá-los a todos como também é impossível destruí-los a todos. A história subsiste. Mesmo aqui. E parece que seria bom não a esquecermos, pois nunca sabemos quando é que os acontecimentos do passado podem vir à tona para mudar o presente.

Alguns dos ali reunidos agitaram-se, inquietos, ante a impertinência deste Quraal ao repreendê-los pela sua história quando, afinal, foram os Quraal a expulsá-los para o Saramyr; mas Kaiku reparou que Cailin esboçara um leve sorriso nos seus lábios pintados.

— Serei breve, e começarei pelas boas-novas - prosseguiu Saran, puxando o cabelo para trás e fitando Zaelis com altivez. - Mais tarde, estou certo, terei oportunidade de apresentar um relato mais pormenorizado àqueles que estiverem interessados em ouvi-lo. — Esboçou um gesto largo com o braço para abarcar a assistência. — Em todas as minhas viagens pelo Mundo Vizinho, procurei três coisas: em primeiro lugar, provas da corrupção que se espalha pela vossa própria terra que, estamos agora convictos, de um modo geral, é um efeito secundário das pedras mágicas dos Tecedores; em segundo, os próprios Tecedores, ou seres análogos a eles; e por último, as pedras mágicas, visto elas estarem na origem dos poderes dos Tecedores.

Recomeçou a andar com imponência de um lado para o outro, as suas feições perfiladas na luz do sol vinda do exterior.

— Apraz-me referir que em dois dos pontos não encontrei nada de nada. Em lado algum se me deparou qualquer tipo de moléstia que pudesse não ser justificada por praga de insectos ou outra explicação natural, e nenhuma que possuísse a persistência insidiosa daquela que afecta o Saramyr. E em lado nenhum encontrei fosse o que fosse que pudesse ser descrito como um Tecedor, a não ser os poucos que residem em colónias distantes, noutros continentes. Certamente existirão aqueles que possuem capacidades invulgares para a gente comum; os nossos próprios sacerdotes são um exemplo, tendo aprendido a comunicar de forma rudimentar com os espíritos da nossa terra. A ilustre Kaiku tu Makaima, aqui presente, foi testemunha das capacidades dos Artífices da Carne no Okhamba; e existem coisas bem piores do que os Artífices da Carne no mundo oculto da selva profunda. No Quraal temos os Oblatos, no Yttryx, os Mudh-Taal. Mas, apesar de se conseguirem alcançar estes talentos, isso deve-se quer a processos naturais quer espirituais. Nem mesmo os Aberrantes, que nasceram da corrupção criada pelos Tecedores, participam activamente na sua disseminação. — Fez uma pausa, passando um dedo pelo malar. — Não encontrei Aberrantes fora das vossas próprias costas.

Havia deformados, coxos e mutilados, só que estes não são Aberrantes, mas tão-somente o curso normal da natureza. Nesta terra, a maior parte das pessoas já não se diferencia mais; muito embora, se me é permitido dizê-lo, os presentes nesta sala constituam a exceção a essa regra, e aplaudo-vos por isso. Kaiku observou-o enquanto discursava, a sua mente vagueando até ao físico magro que imaginava por debaixo do seu austero vestuário preto quraal. Afinal, por que o rejeitara? Não teria qualquer significado partilhar a cama com ele por uma noite.

Porquê deixar que a desconfiança em relação às suas próprias emoções se atravessasse no caminho do prazer?

Apercebeu-se de que estava a divagar, caiu em si e voltou ao assunto em mãos.

— Por aqui, é possível conjecturar que a moléstia é responsável pela Aberrância — dizia Saran. — Isto já nós calculávamos, mas agora considero-o sobejamente provado. Não existe moléstia fora do Saramyr, e por conseguinte, nenhuns Aberrantes. Mas existem pedras mágicas.

Foi geral a consternação entre a assembleia. Kaiku comeu uma torta condimentada e manteve-se em silêncio, os seus olhos percorrendo a assistência animada.

— Ele sabe prender bem a sua audiência — murmurou Cailin, debruçando-se sobre ela.

— Acho que gosta de atenção — murmurou Kaiku. — Enaltece-lhe a vaidade.

Cailin soltou uma gargalhada reprimida e calou-se com um olhar insinuante à sua pupila. Kaiku ignorou-o.

— Mas se as pedras mágicas provocam a corrupção na nossa terra, como é que existem pedras mágicas no exterior, mas nenhuma moléstia? — perguntou alguém.

— Porque ainda não foram encontradas — respondeu Saran, levantando um dedo. A assembleia silenciou-se. — Encontram-se nas profundezas da terra. Adormecidas. À espera. À espéra de serem acordadas.

— Nesse caso, o que as acorda? — indagou o mesmo homem.

— O sangue — afirmou Kaiku. Tencionara dizê-lo de si para si, mas saiu mais alto do que pretendia e a assistência ouviu.

— O sangue. Efectivamente — disse Saran, esboçando-lhe um sorriso algo desarmante. — De todos nós aqui, apenas Kaiku viu uma pedra mágica. Ela presenciou o sacrifício humano que as alimenta. Ela viu o coração.

Kaiku sentiu-se subitamente embaraçada. O relato da sua infiltração no mosteiro dos Tecedores nas Montanhas Lakmar em Fo fora alvo de algum cepticismo entre os Libera Dramach. Muitos defenderam, e com razão, que aquilo que ela vira na câmara onde era guardada a pedra mágica podia ter sido uma alucinação. Estava fraca da exaustão e da fome, e usara a Máscara de um Tecedor

durante dias, o que era perigoso para a sanidade de alguém. Mas, apesar de tudo, Kaiku sabia o que vira e isso impressionara-a.

Vira as grandes ramificações que se estendiam do corpo principal da pedra mágica até às paredes da caverna, demasiado orgânicas para serem formadas por pressão ou qualquer outra força geológica. Vira o interior da pedra mágica enquanto se alimentava, vira-as veias brilhantes estendendo-se pela rocha, vira o núcleo pulsante no seu centro. O que quer que fossem as pedras mágicas, eram mais do que apenas matéria inerte. Estavam vivas, tal como as árvores estavam vivas. Cresciam.

— Como é que sabe que as pedras mágicas existem se não foram encontradas? — perguntou Yugi a Saran.

— Pelo menos uma foi encontrada, no Quraal, há quinhentos anos ou mais — esclareceu Saran. — É mencionada em textos que roubei dos próprios cofres do Librum de Aquirra, e que trouxe para aqui com enorme perigo para a minha pessoa. Estes textos falam de um incidente numa província rural onde uma pequena aldeia mineira começou a manifestar um comportamento súbito e violento. Quando enviaram soldados para sanar os distúrbios, eles foram subjugados, referindo os sobreviventes estranhos acessos de insanidade e manifestações de capacidades ímpias por parte dos aldeãos, como por exemplo, serem capazes de deslocar objectos sem lhes tocarem ou matar homens à distância sem o recurso a armas. Os Teocratas enviaram uma força muito maior para esmagar os hereges, e triunfaram à custa de pesadas baixas. Na mina por debaixo da cidade, encontraram vestígios de um altar sobre o qual haviam sido efectuados sacrifícios de sangue. Os soldados contaram mais tarde que foram atraídos para o altar por tentações e promessas do mal, mas a sua fé foi suficientemente forte para resistir, e destruíram o altar com explosivos, reduzindo-o a pó, depois selaram a mina. — Atirou o cabelo para trás e percorreu a sala com o olhar. — Estou convicto de que aquilo que encontraram era uma pedra mágica.

— Por conseguinte, podem ser destruídas? — perguntou Zaelis.

— A acreditarmos no relato, sim—replicou Saran.

— Referiu que pelo menos uma foi encontrada — comentou outro membro da assembleia. — Está a afirmar que existem outras?

— Reparem no seguinte — disse Saran. — Sabemos da existência de quatro pedras mágicas no Saramyr, e os Tecedores construíram mosteiros sobre todas elas. Duas nas Montanhas Tchamil: uma por debaixo de Adderach e uma por debaixo de Igarach, na orla do deserto do Tchom Rin. Outra nas Montanhas Lakmar na ilha de Fo. A última nas montanhas próximo do Lago Xemit. Sabemos que as pedras mágicas se encontram lá, graças aos esforços de Kaiku e de seu pai Ruito, porque estes são os epicentros da corrupção envolvente. São quatro só no Saramyr. Por que haveria o nosso continente de ser o único a possuí-las?

— E por que não? — indagou Yugi. — A menos que tenha conhecimento do que são e como lá foram parar, e depois, sabe-se lá como se encontram distribuídas

pelas terras?

— Mas eu sei — referiu Saran. Virou as costas à audiência por um momento, aproximando-se do corrimão, olhando para o caos dos telhados do Recesso lá em baixo, as ruas estreitas por onde corriam crianças, as pontes, as roldanas e as escadarias. — Terão alguma dificuldade em acreditar no que os vossos ouvidos escutam.

Kaiku endireitou-se, percorrida por um fino arrepio. Um murmúrio em surdina atravessou a sala. Saran virou-se e ficou encostado ao corrimão.

— Encontrei registos de um fogo no céu — disse, o seu rosto atraente circunspecto.

— Há muitos milhares de anos, no Quraal, quando a nossa língua era jovem. Um cataclismo de rochas em chamas, aniquilando povoados inteiros, fazendo ferver lagos, destruindo a terra. Julgámos que fosse um castigo dos nossos deuses. — Inclinou levemente a cabeça, a luz do sol mudando para conferir novos realces aos seus males.

— Encontrei excertos da mesma história no Okhamba, onde não existe história escrita, apenas as suas lendas. Histórias de destruição e chamas. O mesmo no Yttryx; desta vez, documentos mais coerentes, pois o primeiro alfabeto pertence-lhes. Fala-se inclusivamente de pinturas primitivas algures nos Novos Territórios ek Saramyr, onde os Ugati efectuaram os seus próprios registos da catástrofe. Toda a cultura antiga no Mundo Vizinho tem a sua versão específica do acontecimento, ao que parece, e todas elas correspondem. — Os seus olhos ensombraram-se. — Depois, seguindo os conselhos de um homem que conheci no Yttryx, voltei ao Okhamba, embrenhei-me até ao seu centro, e ali encontrei isto.

Aproximou-se rapidamente de uma mesa, onde pegou num rolo do que parecia ser um pergaminho. Ajoelhou-se na esteira de verga no centro da sala e estendeu-o. A assistência inclinou-se para ver melhor.

— Cuidado — alertou. — Isto tem mais de mil anos, e foi copiado de um documento ainda mais antigo do que isso.

A audiência soltou uma arfada colectiva. O que parecera ser um pergaminho era na verdade pele de um animal qualquer, curada por alguma técnica esquecida e em extraordinário bom estado, atendendo à incrível idade.

— Está claro que o passarei a todos os nossos aliados na Ordem Vermelha, para verificarem a sua autenticidade — prosseguiu Saran. — Mas eu próprio estou convencido. Os Artífices da Carne da tribo a quem o roubei também o estavam, sem dúvida. Custou as vidas de dez homens para chegar até aqui a vós. — Trocou um olhar com Tsata, que o observava inexpressivamente, os seus olhos verde-claros vagos.

Kaiku deu a volta, a fim de ver melhor. Bastou a própria imagem para a deixar inquieta. Os personagens principais eram todos inidentificáveis, horrores estilizados e denticulados que podiam ter sido homens a dançar ou animais com o

cio. Havia uma fogueira no centro do primeiro plano, as suas chamas apagadas pelo tempo mas ainda visíveis. Kaiku ficou maravilhada com os métodos de preservação que lhe tinham permitido atravessar todas as épocas.

Não fosse a promessa de Saran deixar que a Ordem Vermelha o verificasse - o que fariam sem dificuldade, pelo menos no que respeitava à determinação da idade - e Kaiku não teria acreditado que pudesse ser tão antigo. Olhou à volta da cercadura, onde estavam desenhados estranhos padrões, procurando a pista que Saran queria que encontrassem. No cimo, ao meio, estava a metade inferior escaldante do sol e, por baixo, numa forma em crescente, encontravam-se as luas.

As luas!

— Há quatro luas — referiu Yugi, antes que mais alguém o fizesse.

Kaiku sentiu algo profundo agitar-se dentro de si, um movimento desagradável que a deixou ligeiramente nauseada. Ele tinha razão. Lá estava Aurus, a maior de todas elas; Iridima com a sua superfície estalada; Neryn, a pequena lua verde; e uma quarta, do mesmo tamanho de Neryn, negra como o carvão e riscada com linhas vermelho-escuras como marcas de raspadelas. A pele de Kaiku começou a arrepiar-se.

Carregou o cenho, intrigada com a sua própria reacção, e depois apercebeu-se de que Cailin a olhava com ar inquiridor, como se tivesse notado também o desconforto de Kaiku.

Saran cruzou os braços e anuiu.

— Havia pistas. Encontrei várias referências a uma entidade chamada Aricarat no Yttryx, e uma no Quraal a Ariquraa. Presumira que fossem versões diferentes do mesmo radical, mas não imaginava ao que se referiam. Apesar de serem quase sempre usadas em conjunção com histórias das outras irmãs-luas, não calculei. Afinal, vinha sempre referido no masculino. Depois, encontrei um antigo mito da criação do Yttryx que fazia referência a Aricarat como tendo nascido da mesma matéria das outras luas, e de repente passou a fazer sentido. — Saran baixou a cabeça. — Aricarat era a quarta lua. Ele desaparecera há milhares de anos. Ao que parece, as irmãs-luas tinham um irmão.

Se Saran estava à espera de um coro de insultos ou negações, ficou desapontado. Do panteão do Saramyr apenas tinham feito parte três luas, e a genealogia dos deuses era algo ensinado a todas as crianças desde muito cedo. Aceitar o que ele estava a sugerir ia contra mais de mil anos de crença. Mas a assembleia pareceu apenas confundida. Alguns dissidentes beligerantes afirmaram em alto e bom som que esta ideia era absurda, mas não tardaram a silenciar-se, tendo encontrado pouco apoio. Kaiku sentara-se, acometida subitamente de um receio terrível e avassalador que a deixou tonta e fraca.

— Não te sentes bem? — perguntou Cailin.

— Não sei — respondeu Kaiku. — Algo... existe algo no relato de Saran que me está a perturbar.

— Achas que ele está errado?

— Não, acho que ele está certo. Não tenho dúvidas. Mas não sei o porquê.

Zaelis levantou-se.

— Acho que compreendo — disse, a sua voz mole impondo atenção. — Você pensa que a quarta lua... Aricarat?

— Saran inclinou a cabeça num aceno. — Você pensa que Aricarat foi destruída de alguma maneira quando o mundo era jovem, e que caiu na terra aos bocados. E esses bocados são as pedras mágicas.

— Precisamente — afirmou Saran.

— É uma teoria louca, Saran.

— Tenho provas que a sustentam — disse o Quraal, impávido.

— Mas precisarão de ser examinadas com muita atenção, e levará o seu tempo. Existem tomos e pergaminhos secos que requerem a tradução de línguas mortas.

— Permitir-me-á que veja estas provas?

— Claro. Estou convencido da sua autenticidade. Quem quiser pode estudá-las.

Zaelis descreveu um círculo lento a coxear à volta de Saran, de testa enrugada, as mãos unidas atrás das costas. As campainhas de vento soaram baixinho no silêncio.

— Nesse caso, reservar-me-ei uma opinião até o ter feito; e exorto-os a todos para que façam o mesmo.

— Esta última frase foi dirigida à generalidade dos presentes. Voltou a dar atenção a Saran, parou de andar, e apoiou um indicador dobrado no queixo de barba branca. - Há uma coisa, porém, que me intriga.

— Esteja à vontade — referiu Saran, convidando-o a perguntar.

— Se os bocados da lua caíram sobre o Mundo Vizinho há todo este tempo, então, por que só se encontram nas montanhas? Por que não nos desertos e nas planícies?

Saran sorriu. Já estava à espera daquilo.

— Eles existem nos desertos e nas planícies — disse. — Está a ver a questão pelo ângulo errado. Primeiro, deveríamos estar a perguntar-nos como temos conhecimento da localização das pedras mágicas. Unicamente através dos Tecedores. Como foi que os Tecedores as encontraram? Isso não sei. Mas até há cinco anos, os Tecedores não estavam autorizados a possuir terras no Saramyr; os únicos locais que podiam habitar eram as montanhas, onde as leis agrárias não se aplicavam, pois não existiam ali sementeiras. Não é fácil para eles retirar algo tão do interior do subsolo e manter o segredo; todavia, nas montanhas, por detrás de escudos de desorientação que os nossos espiões não conseguem penetrar, estão à vontade para o fazer. A razão de as únicas pedras mágicas que conhecemos estarem nas montanhas é porque são as únicas a que os Tecedores conseguiram aceder.

— Mas agora isso acabou — concluiu Zaelis por ele.

— Sim — concordou Saran. — Agora os Tecedores têm comprado terras por todo o Saramyr e guardam-nas ciosamente, e nessas terras erigem estranhas construções, e nem sequer as famílias superiores sabem o que eles lá fazem. Mas eu julgo saber. Estão a extrair as pedras mágicas.

Agora, havia uma atenção lúgubre fixa na sua pessoa. A ideia não constituía novidade para eles, mas, em conjunção com o que Saran acreditava ter descoberto sobre a origem das pedras mágicas, parecia que, infelizmente, as peças se começavam a encaixar perfeitamente.

— Mas porquê procurar novas pedras mágicas? — inquiriu Zaelis. — Parecem dispor das suficientes para os Pais Forjadores fazerem as Máscaras.

— Não tenho pretensões a tal conhecimento — referiu Saran. — Mas estou certo de que as procuram. E isso não é o pior. — Virou-se melodramaticamente de Zaelis, para ficar novamente de frente para a audiência. — Vamos extrapolar a partir daqui. Desde que apareceram pela primeira vez, os Tecedores infiltraram-se na sociedade e tornaram-se indispensáveis. Vocês pagam um preço terrível pelos seus poderes, mas não se conseguem livrar deles. Agora que fazem parte do próprio império, serão ainda mais difíceis de expulsar. Todos nós sabemos que os Tecedores têm de ser eliminados; todos nós sabemos que eles ambicionam o poder para si próprios. Mas pergunto-vos, e se o único propósito dos Tecedores é encontrar estas pedras mágicas? E se eles passarem a dominar todo o Saramyr? Mesmo que de certa forma subvertessem todo o vosso continente, ficariam presos. Nenhum outro país toleraria os Tecedores nas suas costas fosse em que número fosse; nós temos uma desconfiança forte e plausível em relação a eles. E depois?

— Eles invadem — afirmou Cailin, levantando-se. Todos os olhos se viraram para ela. Encaminhou-se lentamente para o centro da sala para ficar ao lado de Zaelis, uma torre de negrura ao sol do meio-dia.

— Talvez tenha extrapolado excessivamente, Saran Ycthys Marul.

— Talvez tenha — concordou. — Ou talvez não. Desconhecemos em absoluto os motivos dos Tecedores para além do que a história nos mostrou; e nisso eles revelaram-se tão agressivos e ávidos quanto lhes foi possível, apesar de estarem ainda à mercê das famílias superiores. Mas estou convencido de que em breve as famílias superiores estarão todas à mercê dos Tecedores, e depois ninguém os conseguirá deter. E também não se poderá deter um exército invasor apoiado pelos Tecedores. Nenhum outro país possui qualquer tipo de defesa contra isso. — Olhou de novo para Tsata; Kaiku captou o breve olhar. — Não se trata apenas de uma ameaça ao Saramyr; é uma sombra que poderia cair sobre todo o Mundo Vizinho. Gostaria que ficassem cientes disso.

Concluído o relato, Saran voltou para o pé do Tkiurathi tatuado e sentou-se a seu lado. Fora demasiado para a audiência digerir, e sentiam-se desconfortáveis. Viu que alguns deles tinha rejeitado já as suas descobertas como especulação absurda:

como podia fazer semelhantes suposições, com o pouco que sabia dos Tecedores? Mas eram essas vozes que destruiriam os Libera Dramach se as deixassem levar a melhor, pois Saran sabia perfeitamente que não podiam permitir nem um centímetro de liberdade aos Tecedores, que tivessem sequer o benefício da dúvida.

— A informação de Saran vem complementar, de uma forma algo sinistra, outra notícia que recebi esta manhã — anunciou Zaelis.

— Nomoru, por favor levanta-te.

Foi uma mulher jovem de talvez uns vinte invernos que reagiu. Era enérgica e magricela e não muito atraente, com uma expressão carrancuda e cabelo curto castanho-alourado num emaranhado crespo e espetado. Vestia roupas simples do campo, e tinha nos braços imagens desenhadas a tinta, à maneira da gente da rua e dos mendigos.

— Nomoru é uma das nossas melhores batedoras — anunciou Zaelis. — Acabou de regressar da extremidade ocidental da Falha, próximo do sítio onde o Zan a atravessa. Conta-lhes o que viste.

— É o que não vi — referiu Nomoru. Omitia sílabas e falava um dialecto carregado, obscurecendo-o com vogais grosseiras do Baixo Saramírico. Todos os presentes a situaram imediatamente como oriunda do Bairro Pobre de Axekami, e aplicaram os seus preconceitos em conformidade. - Conheço aquela zona. Conheço-a bem. Nada fácil atravessar a Falha no comprido, com tudo aquilo que há entre aqui e além. Já lá não ia há muito tempo. Anos. Muito difícil passar.

Parecia estar constrangida ao falar para tanta gente; via-se perfeitamente nos seus modos. Em vez de se mostrar embaraçada, assumiu um tom de ira, mas parecia não saber para onde a canalizar.

— Havia ali uma planície aluvial. Costumava navegar por ela. Mas desta vez... desta vez não a consegui encontrar. — Olhou para Zaelis, que lhe fez sinal para que prosseguisse. — Sabia que estava ali, só que não consegui lá chegar. Continuei a andar às voltas. Mas não era eu. Conheço bem aquela zona.

Kaiku percebeu de repente aonde ela queria chegar. O coração caiu-lhe aos pés.

— Depois lembrei-me. Já me tinham falado disto. Um lugar que devia estar lá, mas não se consegue encontrar. Aconteceu a ela. — Apontou para Kaiku com um dedo insultuosamente acusador. — Desorientação. Eles põem-na à volta de sítios que não querem que a gente encontre.

Olhou furiosamente para a assembleia.

— Os Tecedores estão na Falha.

CAPÍTULO 11

Os Baraks Grigi tu Kerestyn e Avun tu Koli seguiam lado a lado pelo caminho de terra batida, entre as filas altas de cana de kamako. O olho de Nuki fitava-os benevolmente lá de cima, enquanto minúsculos pica-canas andavam para cá e para lá à procura dos candidatos adequados para perfurar com os seus bicos pontiagudos. O céu estava limpo, o ar seco, o calor não era demasiado intenso; outro dia de tempo perfeito. E no entanto, os pensamentos de Grigi eram tudo menos radiosos.

Estendeu o braço e partiu uma cana com um movimento da sua mão imponente; saiu uma pequena quantidade de pó do sítio onde se partira.

— Veja aqui — disse, mostrando-a a Avun. O seu companheiro pegou nela e virou-a lentamente sob o seu olhar apático e escondido. Viam-se faixas de descoloração preta ao longo da superfície exterior, não que Avun necessitasse de muito mais para perceber que fora atacada pela moléstia. Uma cana de kamako boa era suficientemente dura para ser usada nos andaimes; esta era quebradiça e inútil.

— Toda a colheita? — inquiriu Avun.

— Uma parte ainda se aproveita — afirmou Grigi, pensativo, inclinando a sua estrutura imensa para o outro lado do caminho de terra batida e partindo outra cana para ver. — É suficientemente forte, mas se se espalha a notícia de que o resto da colheita está atacada... Bem, acho que consigo vender através de um intermediário, mas o preço não será nem metade do que poderia ser. É uma maldita catástrofe.

Avun olhou maliciosamente para o outro.

— Não pode fingir que não estava à espera disto.

— Certo, certo — afirmou Grigi. — Na verdade, uma parte de rnim esperava-o. Se a colheita tivesse melhorado este ano, então, alguns dos nossos aliados pensariam melhor de que lado iam ficar. O desespero cria elos fracos na política, e desfazem-se facilmente quando as situações mudam. — Deitou fora a cana com repulsa. Mas não me agrada ver desperdiçados milhares de shirets de mercadorias, seja qual for a causa. Especialmente os meus!

— Isto só vem fortalecer a nossa posição — alegou Avun. — Nós precavemo-nos contra isto. Outros não tiveram tanta sorte. Acabarão por ver que a única alternativa à fome é expulsar Mos e colocar no trono alguém que saiba governar o império.

Grigi deitou-lhe um olhar sabedor. Houve algo mais que eles não disseram, de que nunca falavam senão o estritamente necessário. Colocar Grigi no trono era apenas uma parte do plano; a outra era tirar os Tecedores de lá. Nenhum deles tinha qualquer animosidade em particular contra os Tecedores - pelo menos não mais do que qualquer outra família superior, na medida em que detestavam a necessidade de depender deles - mas sabiam qual o sentimento popular, e sabiam o que a gente

comum sentia. O campesinato achava que os Tecedores eram responsáveis pelo mau bocado que o império estava a passar, que a sua elevação a pares das famílias superiores era uma afronta à tradição e aos deuses. Avun não sabia se era verdade ou não, mas, na realidade, isso não importava. Assim que Grigi fosse Imperador do Sangue, reduziria os Tecedores à sua insignificância, senão acontecer-lhe-ia o mesmo que estava a suceder a Mos.

Mas era um jogo perigoso, conspirar contra os Tecedores mesmo debaixo dos narizes deles. Pois, tal como todas as famílias superiores, Grigi e Avun tinham Tecedores nas próprias casas, e quem poderia afirmar o quanto sabiam?

Caminharam mais um pouco, até o trilho de terra batida sair da floresta de cana de kamako e curvar para a esquerda e seguir os contornos de uma colina pouco elevada. Por baixo deles, a plantação de Grigi estendia-se como uma lona, polígonos invisíveis de castanho-claro formando quadrados com campos de verde, onde a cana ainda não fora desfolhada e conservava as partes aéreas cobertas. No meio, havia celeiros compridos e baixos e pátios onde era guardado o equipamento de colheita. Homens e mulheres, indistintos debaixo dos chapéus de palha de aba larga que os protegiam do sol, deslocavam-se lentamente entre as filas, cortando, desfolhando ou colocando redes sobre as secções não afectadas pela moléstia para afastar os persistentes pica-canas.

Dali, tudo parecia normal, e levemente idílico. Um olho inexperiente não adivinharia que existia veneno na terra. Grigi suspirou pesarosamente. Estava a ser filosófico em relação à sua perda, mas nem por isso se sentia menos triste. Não aprovava o desperdício, um facto evidenciado pela sua estrutura enorme e peso imponente. Na alta sociedade do Saramyr, era costume preparar mais comida do que a necessária, e deixar os comensais escolherem à sua vontade; as pessoas comiam apenas o que queriam e deixavam o resto.

Essa ideia nunca agradara a Grigi, e a sua predilecção por refeições requintadas e a relutância em deixar fosse o que fosse na mesa tinham-no tornado obeso. Usava túnicas volumosas e um barrete roxo junto à cabeça, por debaixo do qual o seu cabelo preto estava preso numa trança; pendia-lhe do queixo uma barba fina para melhor definir o seu rosto carnudo. Olhando para ele, não era fácil adivinhar que se tratava de um Barak formidável, e talvez o único candidato ao trono desde que aniquilara as forças do Sangue Amacha. Aparentava mais ser um nobre mimado, obcecado com o luxo, e a sua voz esganiçada e efeminada e a paixão pela poesia e a história limitavam-se a corroborar a ilusão. Mas o seu único vício era a gula. Ao invés de muitos dos outros Baraks, não se entregava aos narcóticos, desportos sanguinários, cortesãs ou quaisquer dos outros privilégios da posição. Por debaixo das camadas de gordura havia músculo rijo num esqueleto amplo com mais de um metro e oitenta de altura, o legado de um regime implacável de luta livre e levantamento de rochas pesadas. Muito à semelhança do seu companheiro Avun, cujos modos lânguidos e ensonados escondiam um cérebro tão afiado e implacável

quanto uma espada, era com frequência subestimado por aqueles que presumiam que a fraqueza de carácter que levava a semelhante excesso indiciava uma mente pouco brilhante.

Se algum defeito tinha, era o partilhado por toda a sua família: um azedume em relação à partida do destino que destronara o seu pai e permitira que o Sangue Erinima se tornasse a família superior durante mais de uma década. Se não fosse isso, os Kerestyn ainda estariam à cabeça do império. Fora o seu azedume que o levava a efectuar um ataque mal-avisado a Axekami durante o último golpe; mal-avisado porque, apesar do inteligente afastamento dos Sangue Amacha, não contara que as gentes da cidade se unissem para repelir a sua força invasora, e tinham-no mantido afastado o suficiente para o Sangue Batik entrar na capital pela porta leste e vir ocupar o trono.

Agora, a população de Axekami arrependia-se de não o ter deixado entrar, pensou sombriamente.

Mas se fora o destino que arrancara o Sangue Kerestyn da Fortaleza Imperial, então também fora o destino que o voltara a colocar lá. O pai morrera entretanto, e os seus dois irmãos mais velhos foram levados pelas bexigas-corvinas - assim chamadas porque nunca ninguém escapava vivo e os corvos reuniam-se à volta da pessoa, aguardando a refeição. O manto passara para ele, e a situação voltara a ser-lhe favorável. Os nobres e os exércitos congregavam-se sob o seu estandarte, apoiando a única verdadeira alternativa ao Imperador do Sangue Mos. Desta vez, asseverou, não falharia. Passearam-se ao sol durante mais algum tempo, seguindo ao longo da vertente da colina até onde o trilho começava a levá-los de volta aos campos de cana de kamako, em direcção à propriedade dos Kerestyn.

Era uma das muitas que a família possuía, e ele e Avun tinham-na usado como base para as visitas diplomáticas que estavam a efectuar junto dos nobres das Prefeituras do Sul. Os cargos de Prefeito haviam desaparecido entretanto, tornados desnecessários pelos Tecedores, que entendiam poder prescindir da nomeação de governadores na sua maioria independentes para as terras distantes, quando a comunicação instantânea significava que podiam ser administradas da capital e, deste modo, o poder conservar-se-ia na Família Imperial. Mas havia os descendentes dos abastados Prefeitos, que estavam aterrados ao verem a sua querida terra tornada estéril pela moléstia. Estavam ansiosos por se comprometer com Grigi, se ele conseguisse pôr termo à doença na terra. É claro que não imaginava como, mas, quando eles o soubessem, já seria tarde de mais.

— Tem tido notícias da sua filha, Avun? — perguntou finalmente, sabendo que o Barak percorreria no mais completo silêncio o caminho de volta até à propriedade a menos que ele falasse primeiro.

— O navio dela já deve ter chegado há alguns dias — respondeu com brusquidão. — Conto ser informado da sua captura muito em breve.

— Imagino que seja um alívio para si — comentou Grigi. Estava a par de

toda a verdade subjacente ao corte de relações de Avun com a filha; na verdade, fora genial espalhar uma cortina de fumo para salvar a pele dos Sangue Koli. - Isto é, tê-la de volta.

Avun esboçou um trejeito com os lábios.

— Isto é, ter a certeza de que ela não volta a embaraçar a família desta maneira. Quando eu regressar à Baía de Mataxa, resolverei o assunto.

— Nesse caso, está bastante confiante de que a apanhou?

— Tenho estado a par das movimentações dela desde que chegou ao Okhamba — afirmou. — E o meu informador é extremamente fidedigno. Não prevejo quaisquer dificuldades. Ela estará em mãos muito capazes.

Quando Kaiku chegou ao gabinete de trabalho de Zaelis, encontrou Cailin já ali. Era uma sala pequena e restrita com paredes grossas de madeira para abafar os sons do resto da casa. Uma parede estava cheia de livros-mestres, com uma mesa encostada a um canto com pincéis espalhados ao acaso sobre ela e um pergaminho meio escrito parcialmente enrolado. As persianas estavam abertas por causa do sol da tarde, e o ar quente e parado. Zaelis e Cailin estavam de pé próximo das janelas, as suas feições indistintas devido ao contraste com a intensa luz exterior. As aves pipilavam e chilreavam nas empenas e telhados lá em baixo.

— Como é que eu ia saber que serias tu a primeira a oferecer os teus serviços? — perguntou Cailin de forma zombeteira.

Kaiku ignorou o comentário.

— Zaelis — começou, mas ele ergueu uma palma de mão sulcada.

— Eu sei, e sim, podes — respondeu ele.

Kaiku ficou momentaneamente desconcertada.

— Parece que me tornei um pouco previsível ultimamente — observou.

Zaelis riu-se inesperadamente.

— As minhas desculpas, Kaiku. Não duvides que te estou grato pelo trabalho que tens prestado nestes últimos anos; ainda bem que não perdeste o entusiasmo.

— Só gostava que ela se aplicasse nos estudos com a mesma avidez — comentou Cailin, arqueando um sobrolho.

— Isto é mais importante — retrucou Kaiku. — E tenho de ir. Sou a única capaz de o fazer. A única que pode usar a Máscara.

Cailin inclinou a cabeça em aquiescência.

— Ao menos uma vez estou de acordo.

Kaiku não contara com aquilo. Estava preparada para uma discussão. Na verdade, uma parte de si queria que discutissem, que a proibissem de ir. O deuses, só a ideia deixava-a apavorada. Já era bastante mau atravessar a Falha, entre o terror dos espíritos, os clãs assassinos e o terreno hostil; mas no fim dela, aguardavam os Tecedores, o inimigo mais mortífero de todos. Todavia, não tinha opção aos olhos de Ocha, a quem fizera um juramento de vingança. Não quisera lançar-se no perigo desta maneira. Era tão-somente obrigada a fazê-lo.

Zaelis afastou-se da janela, saindo da luz ofuscante.

— Isto pode ser mais importante do que imaginas, Kaiku — murmurou no seu tom baixo e brando.

Kaiku teve a impressão de que entrara no fim de uma conversa séria entre os dois, e não tinha bem a certeza do que lhe estava a escapar.

— A Falha de Xarana sempre foi o nosso refúgio— afirmou ele. — Escondeu-nos e protegeu-nos dos Tecedores durante muitos anos... — Interrompeu-se, depois fitou-a, o seu olhar ensombrado pelos sobrolhos brancos. — Se o Recesso foi comprometido, pode estar tudo perdido. Precisamos de saber o que eles planeiam, e tem de ser já. Vai com Yugi e Nomoru; descobre o que os Tecedores escondem no outro extremo da Falha.

Kaiku emitiu um ruído afirmativo, depois olhou para Cailin, na expectativa.

— Não tentarei dissuadir-te — disse Cailin. — És demasiado obstinada. Um dia irás perceber o poder que tens em ti e como o estás a desperdiçar com a tua negligência; então voltarás a procurar-me, e ensinar-te-ei a dominar aquilo que tens. Mas até lá, Kaiku, seguirás o teu próprio caminho.

Kaiku carregou ligeiramente o cenho, desconfiada desta capitulação fácil; mas não teve oportunidade de a questionar, pois Zaelis voltou a falar.

— De certa forma, está tudo ligado, Kaiku — referiu. — Os Tecedores na Falha, os edifícios estranhos que construíram por todo o Saramyr, a informação que Saran trouxe, o que aconteceu a Lúcia...

Temos de agir, Kaiku, mas não sei em que direcção atacar.

— Olhou para Cailin. — Às vezes chego a pensar que temos estado escondidos demasiado tempo, enquanto os nossos inimigos lá fora se fortaleceram.

Mas Kaiku apanhara algo nesta explicação que a deixara gelada.

— O que foi que aconteceu a Lúcia?

— Ah — disse Zaelis. — Talvez seja melhor sentares-te.

Mishani estava deitada acordada no quarto de hóspedes da casa urbana, de Chien os Mumaka, atenta aos sons da noite. O quarto era simples e espaçoso, tal como Mishani gostava. Alguns vasos cuidadosamente dispostos contendo árvores em miniatura ou flores em cima de mesas estreitas. Contas de rezar pendiam do tecto, batendo suavemente umas nas outras na agitação da brisa morna que passava por entre as extremidades dos biombos de papel deslizantes.

Era suposto ficarem abertos, para permitir ver-se o jardim cercado do outro lado, mas Mishani mantivera-os corridos. A sua atenção não ia para os sons exteriores de Hanzean: o piar de uma coruja ao longe, o ruído ubíquo dos chikkikii, os bocados esporádicos de gargalhadas distantes ou o chiar de uma carroça. Escutava os sons no interior da casa; um passo, o discreto sibilar de uma divisória a ser corrida, um punhal tirado da bainha.

Esta era a última noite que ia passar na hospitalidade de Chien. Fosse de que maneira fosse.

Dormira pouco e ligeiramente nestes últimos quatro dias. Quando o olho de Nuki estava no céu, era quase possível esquecer o perigo que corria; Chien era um excelente anfitrião e, apesar de tudo, começara até a apreciar a sua companhia. Jantaram juntos, tiveram músicos a tocar para eles, percorreram a propriedade ou sentaram-se no jardim a conversar. Mas era quando o Sol descia e ela ficava sozinha que o medo se aproximava o suficiente para lhe tocar. Nessa altura, a iminência da sua situação era mais gritante, e o ar enchia-se de dúvidas murmuradas. Havia demasiadas coisas erradas.

Porquê uma generosidade tão suspeitosa ao oferecer-se para lhe arranjar passagem do Okhamba? Porquê o percurso convoluto da carruagem desde o cais até à casa urbana? E por que nunca a levava para fora dos muros da propriedade, em todos aqueles cinco dias? Havia em Hanzean teatro, arte, todo o tipo de espectáculos que um anfitrião era praticamente obrigado a mostrar a uma visita; e no entanto, Chien não lhe proporcionara nenhum. Por um lado, Mishani sentira-se aliviada por não ser obrigada a desfilar por uma cidade portuária, pois era perigosa uma exposição pública; mas o facto de Chien parecer sabê-lo não pressagiava nada de bom para ela. Se Chien ia agir, sabia que seria esta noite. Ela tinha procedido ao ritual de o informar da sua partida na manhã seguinte. Seria talvez um pouco deselegante mostrar tanta pressa em partir depois de ficar apenas o tempo mínimo exigido pela etiqueta, mas tinha os nervos suficientemente em franja para se importar.

Se conseguisse fugir dali, seria improvável que se voltasse a cruzar com Chien. Ele estava demasiado bem relacionado na indústria marítima para correr o risco. Não se mostrara ofendido; mas continuava frustrantemente difícil de interpretar.

Esta noite, decidiu, não iria pregar olho.

Pedira a uma das criadas que lhe preparasse uma infusão de xatamchi, um analgésico com um forte efeito secundário estimulante tomado normalmente pela manhã para aliviar as dores menstruais. A criada advertira-a de que ficaria acordada toda a noite se o tomasse tão tarde, mas Mishani afirmara-se disposta a correr o risco, e só o xatamchi serviria. A criada não exagerara. Mishani nunca antes tomara xatamchi ou algo semelhante - felizmente, os seus ciclos eram suaves, e sempre o foram toda a vida - mas percebia agora por que fora desaconselhada.

Não imaginava o que era estar sem sono como sucedia naquele momento, e sentia-se maravilhosamente consciente apesar do adiantado da hora. De facto, a inactividade de estar deitada na sua esteira-colchão deixava-a enervada, e ansiou poder sair para dar um passeio pelo jardim à noite. Estava precisamente a ponderar fazê-lo quando ouviu uma pancada surda através dos biombos de papel do outro lado do quarto. Estava mais alguém no jardim, apercebeu-se com um frémito de receio; e soube com uma certeza súbita que os seus inimigos vinham finalmente buscá-la. Apurou o ouvido enquanto ali estava, procurando outro som. O coração batia muito

alto nos seus ouvidos; sentiu a pressão das pulsações nas têmporas.

Uma voz murmurada: uma ordem curta, lacónica de um para outro, demasiado discreta para perceber. Não teve então dúvidas. Agora só lhe restava ficar à espera de ouvir o som medonho dos biombos de papel a deslizarem para trás, pedir aos deuses que eles seguissem, mudando eventualmente de ideia, e deixando-a em paz. Tinha os olhos fechados, fingindo dormir, quando aconteceu. Um sussurro de madeira a deslizar sobre madeira, lenta e cuidadosamente para não a acordar. Uma brisa suave do exterior, fazendo-se acompanhar do cheiro fresco e saudável das árvores no jardim; e outro odor, um cheiro forte e acre a suor. Depois, avassaladoramente, o fedor a óleo de matchoula, bastando algumas inalações para deixar uma pessoa inconsciente.

O chiar de couro quando um deles se acocorou ao lado da esteira dela.

Gritou o mais alto que pôde, atirando o cobertor para o lado num movimento violento e arremessando um punhado de pó vermelho que mantivera guardado na palma da mão. O intruso, surpreendido, saltara para trás, alarmado, e o pó atingira-o em cheio no rosto: sais de banho abrasivos que trouxera para o quarto sem ninguém ver. Ele gritou de dor quando os cristais ásperos lhe entraram para os olhos e borbulharam na boca e nos lábios, fervilhando com a humidade ali existente.

A segunda sombra no quarto atirava-se-lhe já, mas ela rolara da esteira e pusera-se em pé. Tinha vestida a túnica de exterior em vez das roupas de dormir, e o seu punhal curvo brilhou pálido ao luar.

— Diz ao teu amo Chien que não me levarão com tanta facilidade! — exclamou, irada, surpreendendo-se com a força na sua voz; depois gritou: — Intrusos! Intrusos! — o mais alto que conseguiu.

Só os deuses sabiam do que tal serviria (duvidava que trouxesse algum auxílio, visto que fora o dono da casa que mandara aqueles homens) mas não ia deixar-se raptar na calada da noite sem que o máximo de pessoas o viesse a saber.

Aquele que não ficara com a vista afectada correu para ela, ignorando os gritos do seu companheiro. Segurava um bocado de pano que tresandava a óleo de matchoula. Nesse caso, queriam-na viva, pensou, no meio do pânico frio que se apoderara dela. Isso dava-lhe vantagem.

Recuou quando ele veio direto a si, e desferiu golpes à toa com a arma branca. Não era uma lutadora: nunca na vida se vira ameaçada com genuína violência física para além de um esporádico sopapo do pai, e não soube como reagir a ela. O intruso praguejou quando o punhal lhe desferiu um golpe no antebraço, depois sacudiu a mão dela para o lado, e a força paralisante do golpe fez saltar o punhal. Apesar da sua constituição esbelta, ele era muito maior e mais forte do que ela, e não tinha esperança de o vencer. Tentou fugir, mas ele agarrou-a, apanhando-lhe superficialmente o pulso; ela virou-se e tropeçou na bainha e numa agitação de cabelo e roupa, atravessou os biombos de papel e caiu pelos dois pequenos degraus de madeira para o jardim central da casa urbana.

Foi parar no caminho que circundava a extremidade interior da casa, os biombos de papel caindo à sua volta. O impacto foi suficiente para lhe trazer as lágrimas aos olhos. Fez um esforço para se libertar das estruturas leves de madeira dos biombos. O seu cabelo pelos tornozelos estava emaranhado e prendia-se em tudo, e era obrigada a ajoelhar-se constantemente e a soltá-lo dolorosamente do couro cabeludo.

Depois, os biombos foram arrancados dela, e lá estava o seu atacante. Conseguiu vê-lo melhor na noite quente enluarada. Vestia roupas de bandido, e o seu cabelo estava desgrenhado, o seu rosto trigueiro e irado. Conseguiu esquivar-se-lhe, soltando outro grito para acordar os criados. Apenas logrou dar alguns passos no jardim antes de ele a apanhar, prendendo o pé sob o dela, pelo que voltou a tropeçar, rebolando para o canteiro e batendo com o pulso numa pedra.

Depois estava em cima de si, prendendo-lhe as mãos com um braço enquanto ela se debatia e pontapeava.

— Largue-me! — exclamou Mishani por entre os dentes cerrados, e sentiu o impacto quando um dos pontapés dela estabeleceu contacto e o homem grunhiu. Pensou por um momento que ele a pudesse libertar, mas ele dobrou uma perna com força agonizante sobre o estômago dela, expulsando-lhe o ar, e colocou o pano embebido em matchoula numa mão, aproximando-o do rosto dela. Depois, sentiu-se abafada, e a palma da mão dele seguia implacavelmente as sacudidelas da sua cabeça, recusando-se a ser desalojada. O fedor picante invadiu-lhe as narinas, os lábios, e os pulmões dela ansiaram por oxigénio.

Arqueou-se e contorceu-se em pânico, mas era pequena e frágil e não tinha força para o tirar de cima de si. A seguir, um grito de algures na casa, e pés em corrida batendo na relva. O pano foi subitamente retirado, o joelho levantado e Mishani arfou ao sugar o ar, de olhar esgazeado.

Mas o homem que a segurava só largara o pano para puxar de uma faca, e avançava já para a garganta dela. Algo profundo e mais rápido do que o pensamento fê-la mudar a posição dos ombros e empurrar com os joelhos, agora que estava em vantagem para o fazer. Deu-lhe um safanão com força suficiente e ele estendeu automaticamente os braços para se equilibrar, a facada sustida; e um instante depois uma seta atravessou-lhe o olho, a força da haste atirando-o de cima de si e fazendo-o rebolar para uma poça pouco funda na base de um conjunto de rochas no jardim.

Ela pôs-se em pé antes que ele se imobilizasse, apanhando a faca que ele largara e brandindo-a ao virar-se para enfrentar aqueles que corriam pelo jardim. Arfando, descomposta, a sua massa de cabelo preto numa confusão emaranhada, olhou intensamente para as sombras que vinham diretas a ela e ergueu a arma, a postos.

— Senhora Mishani! — exclamou Chien, que vinha na frente deles todos. Atrás de si três guardas, um transportando um arco. Ao ouvir o seu nome, levantou o punhal à altura da garganta, desafiando-o a aproximar-se mais. Ele estacou

subitamente, as mãos diante de si num gesto de apaziguamento. — Senhora Mishani, sou eu. Chien.

— Sei quem é — respondeu-lhe, uma imperdoável tremura na sua voz do choque de ser atacada daquela maneira. — Afaste-se.

Chien pareceu confuso.

— Sou eu — repetiu.

— Os seus homens falharam, Chien — disse. — Se quer matar-me, terá de o fazer pessoalmente.

— Matá-la? Eu... — proferiu Chien, procurando as palavras. Ouviu atrás de si um guarda gritar. Chien olhou por cima do ombro. — Há mais? — perguntou-lhe.

— Quantos contratou? — retrucou.

O segundo atacante era arrastado atrás dela para o jardim. Estava inerte. Veneno, calculou. Quem solicitara os seus serviços não queria que houvesse provas.

— Senhora Mishani... — disse ele, parecendo profundamente magoado. — Como pode pensar isso de mim?

— Ora, ora, Chien — redarguiu. — Não chegou aonde chegou sem analisar todos os ângulos. E tão-pouco eu.

— Pelo visto não ponderou os certos — retrucou Chien. Parecia desesperado por convencê-la, quase adulando-a. — Não tive nada a ver com isto!

Mishani olhou à sua volta. Não tinha como fugir; os guardas estavam agora em todo o lado. Não podia abrir caminho à força dali para fora. Se a queriam morta, teriam simplesmente de a matar.

— Por que haveria de acreditar em si, Chien? — perguntou-lhe.

— Baixe a arma, e contar-lhe-ei porquê — disse. — Mas não aqui. O seu assunto e o meu só a nós dizem respeito.

Mishani sentiu de repente um enorme cansaço. Deitou fora o punhal com um insultuoso gesto fortuito, depois lançou um olhar fulminante ao mercador.

— Siga então à minha frente.

— Podemos tirar agora a máscara? — demandou Mishani, quando ficaram a sós.

Estavam no gabinete de contabilidade de Chien, uma divisão carregada de madeira escura e mobília pesada. Rolos de pergaminho atafulhavam as prateleiras e estendiam-se pela secretária onde o mercador normalmente trabalhava, amontoados desordenadamente junto a pilhas de livros de registo encadernados a couro. O brasão dos Sangue Mumaka estava pendurado numa parede, um ideograma curvo efectuado em caligrafia contornada a ouro num fundo cinzento. Chien acendera as lanternas nos suportes, e agora a sala adquirira um suave brilho quente.

— Não há nenhuma máscara, Senhora Mishani — disse Chien, depois soprou o pavio que segurava e voltou a colocá-lo no recipiente de onde viera. Virou-se para ela e, de repente, havia uma nova força na sua voz.

— Se eu a quisesse matar, já o podia ter feito muitas vezes, e com meios

mais subteis. Se quisesse entregá-la ao seu pai, também já o podia ter feito.

— Por que insiste nesta farsa? — afirmou Mishani tranquilamente. Podia estar enlameada e descomposta, mas a pose e a circunspecção haviam voltado, e parecia formidável para uma mulher tão franzina.

— As suas palavras denunciam-no. Sabe o que se passa entre mim e o meu pai. Sabe-o desde o princípio. Se não me quer fazer nenhum mal, então por que insiste em convidar-me para ficar à sua mercê? Tem perfeita consciência da incerteza e dúvida por que passei nestes últimos dias. Sente algum prazer em atormentar-me? A sua maldade cobre-o de vergonha. Faça de mim o que quiser, visto que parece ter o jogo na mão; mas acabe com o fingimento, Chien, pois já começa a tornar-se monótono.

— Esquece quem eu sou e quem a senhora é, e insulta-me de uma forma tão leviana! — ripostou Chien, o seu mau génio inflamando-se. — Antes de gastar mais uma palavra a chamar-me desonroso, faça o favor de me escutar. Eu sabia realmente que estava afastada do seu pai, e que ele a queria de volta. Sabia também que a sua chegada ao Okhamba fora registada por mercadores a soldo do Barak Avun. Fugiu do Saramyr sem ser vista pela gente dele, muito embora só os deuses saibam quanta sorte não terá tido; mas assim que pisou Kisanth, foi topada. Eles iam esperar que voltasse ao Saramyr, ver em que navio seguia, e ter ali alguém à sua espera quando desembarcasse. Esses homens eram do seu pai. Não meus. Na verdade, corri um risco considerável por sua causa, e muito provavelmente ele tem-me agora na conta de um dos seus inimigos!

Mishani ficou satisfeita ao constatar que o abalara. Não parecia conseguir irritá-lo; percebera-o durante o tempo que haviam passado juntos.

— Continue — disse-lhe. Estava a tornar-se interessante.

Chien respirou fundo para se acalmar e foi até ao outro lado do gabinete.

— Eu tinha uma carruagem à nossa espera no cais, e trouxe-a a si e aos seus amigos para aqui antes que os homens do seu pai conseguissem apanhá-la. Foi necessário andar às voltas por Hanzean para o caso de sermos seguidos; imagino que se tenha apercebido disso. A localização da minha casa urbana não é do conhecimento geral. — Agitou uma mão para rejeitar a ideia. — Pus os seus amigos em segurança, mas sabia que a senhora não ficaria segura. Disse-me que se dirigia para sul. Não a podia deixar. Pelo menos enquanto não descobrisse quem o seu pai contratara e o que sabiam. Tê-la-iam apanhado antes mesmo de percorrer alguns quilómetros da Grande Estrada das Especiarias. — Olhou para ela muito sério. — Por isso, mantive-a aqui, sob a minha protecção, durante os últimos dias, enquanto os meus homens tentavam adivinhar até que ponto estava metida em sarilhos.

— Foi esta a sua protecção? — perguntou Mishani em tom muito baixo. — Quase me mataram, Chien. Perdoar-me-á se a minha fé em si estiver um pouco abalada.

Chien mostrou-se pesaroso.

— É essa a minha vergonha. Não aquilo que imagina, Senhora Mishani. Não a atormentei nem a traí. Tentei salvaguardá-la e fracassei.

Mishani fitou-o com frieza. Pelo menos a explicação dele fazia sentido, mas parecia-lhe altamente improvável. Mesmo assim, não conseguia conceber por que se daria ao trabalho de a inventar, nem por que, se lhe queria fazer mal, até o momento ainda não o fizera. Porquê matar os seus próprios homens? Calculou que pudesse ser um ardil - matar os seus próprios homens para ganhar a confiança dela; vira ardis mais inteligentes do que aquele durante o tempo que estivera na corte - mas que vantagem lhe adviria? Pensou perguntar-lhe por que a protegia, mas depois achou melhor não o fazer.

Qualquer resposta seria provavelmente uma mentira. O que pensava que ela poderia fazer por si, de que valeria conquistar as suas boas graças? Sabia que ela tinha pouca influência politicamente.

— Não lhe contei antes — afirmou Chien. — Se soubesse que eu tinha conhecimento da situação entre si e o seu pai, teria tentado fugir de mim o mais depressa possível. E isso só faria com que fosse apanhada mais rapidamente.

Mishani deduzira-o já, assim como adivinhara por que motivo os intrusos tinham começado por tentar raptá-la e acabado por tentar matá-la. As suas ordens eram simples: se possível, viva, se necessário, morta.

Não a surpreendia minimamente a crueldade do pai.

Chien olhou-a com sinceridade, as suas feições pesadas sem variações, a luz das lanternas iluminando um lado da sua cabeça rapada.

— Senhora Mishani, pode ou não acreditar em mim, mas ia contar-lhe tudo esta manhã para a tentar dissuadir de partir. Pelos vistos, deixei-o para demasiado tarde. Os homens do seu pai encontraram-na, e quase lhe tiraram a vida. — Aproximou-se dela. — Se houver algo que eu possa fazer para expiar a minha incapacidade de a proteger, é só dizer-me.

Mishani observou-o demoradamente. Acreditava mesmo nele, mas isso não significava que confiasse nele. Se estava de conluio com o pai, ou mesmo que não estivesse, devia querer algo dela, algo que nem sequer sabia se estava ao seu alcance dar-lhe. A tentativa de justificação de Chien tornara-o mais enigmático do que nunca. Tratar-se-ia de uma armadilha cuidadosamente preparada, ou de algo completamente inesperado? Estaria a dizer-lhe a verdade a respeito dos homens do pai?

Não importava. Agora estava em dívida para com ela, e precisava da ajuda dele.

— Leve-me para sul — pediu.

CAPITULO 12

O Recesso vibrava com as comemorações. Os caminhos entre as casas fervilhavam de folgazões no calor do final da tarde. Os rituais da manhã tinham terminado, o festim do meio-dia fora preparado e consumido, e agora as pessoas tinham vindo para as ruas, saciadas e alegres e muitas delas já embriagadas. Nas cidades houvera fogo-de-artifício com a chegada da noite, mas aqui na Falha era demasiado perigoso anunciarem a sua presença com semelhantes fantasias. Mesmo assim, houvera grandes fogueiras, e outro festim, mais comunal, e as diversões estenderam-se noite a fora.

Começara a Semana Estival.

Era o maior acontecimento no calendário do Saramyr: o último adeus ao Verão, o festival das colheitas. Como o povoado Saramyr contava a idade pela quantidade de épocas de apanha a que assistira e não pela data do seu nascimento, hoje toda a gente fazia mais um ano. No último dia da Semana Estival, a despedida da estação fazia-se com um grandioso ritual, e o Outono começava na alva seguinte.

Pela manhã, três sacerdotes de ordens diferentes haviam realizado uma cerimónia no fundo do vale para toda a cidade. Em qualquer dos casos, a denominação não importava, visto que a Semana Estival era um agradecimento tanto aos deuses como aos espíritos. A parte principal da cerimónia era uma expressão de gratidão pela simples alegria e beleza da natureza. O povo do Saramyr era particularmente chegado à sua terra, e nunca perdia de vista o sentido da magnificência do continente que habitava. Todos participavam e, se a maior parte do povo do Saramyr se dividia nas suas fidelidades religiosas e rezava ou frequentava os templos consoante os ditames da sua consciência, havia determinados dias em que até os menos devotos só não compareciam se isso fosse de todo impossível.

E se se verificava uma certa ironia triste e amarga na comemoração da época das colheitas neste ano em particular, procuravam não estragar o entusiasmo que caracterizava o começo das diversões que aí vinham. O festim do meio-dia era uma tradição tão arraigada quanto os rituais da manhã, conquanto o seu conteúdo diferisse significativamente de região para região. Os diligentes importadores do Recesso tinham-se desdobrado em esforços para dar resposta às muitas e variadas encomendas ao longo das semanas anteriores, e faziam-se pagar bem por isso. Lagartos-gazela do Tchom Rin, lapinth dos Novos Territórios, peixe-curvo do Lago Xemit, groselhas verdes, kokomacb e raiz-de-ouro, vinhos, licores e bebidas exóticas: pelo menos uma refeição no ano tinha de ser perfeita para toda a gente, e esta era-o.

A maior parte das pessoas reunia-se em grupos com a família e os amigos, com a missão de preparar a refeição com o que de melhor era possível cozinhar. Depois, trocavam-se pequenas lembranças, renovavam-se os votos entre os casais, faziam-se promessas entre as famílias.

No fundo do vale procedia-se agora a uma grande quantidade de preparativos enquanto se armavam as mesas e tendas e colocavam esteiras para o enorme festim depois de escurecer. Construía-se grandes fogueiras, penduravam-se flâmulas, montava-se um palco. No entanto, à volta da orla do vale, os guardas foram redobrados, e vigiavam a Falha sabendo que não seriam apanhados desprevenidos mesmo num momento como aquele.

Kaiku caminhava com Lúcia pelas apinhadas ruas de terra crestada, ao longo de uma das saliências mais altas onde fora construída a cidade. Ali havia um pouco mais de sossego, e as ruas ainda não se encontravam tão aglomeradas a ponto de dificultar a deslocação. Algumas bancas temporárias vendiam divisas e flâmulas, ou frutos secos quentes e, de vez em quando, passavam por elas grupos de folgazões cantando; mas a maior parte das pessoas com quem se cruzavam ou vinha do aglomerado principal nos níveis inferiores da vertente do vale ou descia até lá. As duas passeavam-se descontraidamente, saciadas com a lembrança da magnífica refeição que Zaelis lhes preparara, tendo revelado um talento culinário algo surpreendente. Haviām partilhado a comemoração com Yugi e uma dúzia de outros. Cailin não se encontrava ali, e Saran e Tsata estavam algures, não sendo vistos desde o dia da sua chegada. A falta deles não foi sentida, muito embora Kaiku se apercebesse de que olhava esporadicamente para a porta, esperando ver ali o Quraal alto e austero. Calculou que ele e o seu companheiro tkiurathi não observassem a Semana Estival.

Fora uma ocasião animada, e as suas preocupações esquecidas na atmosfera simples de felicidade ali existente. Kaiku tentou preservá-la, e decidiu afastar-se antes que a conversa incidisse sobre assuntos mais ponderosos, levando Lúcia consigo. Mais tarde, Lúcia iria sem dúvida encontrar amigos da sua idade - a despeito da sua serenidade, possuía um magnetismo que a tornava popular entre as outras crianças do Recesso, - mas, de momento, era uma companhia magnífica para Kaiku, que se sentia contemplativa e nem um pouco emotiva. Que criança tão preciosa. Kaiku não conseguia imaginar o que teria feito se... se...

Lúcia apanhou Kaiku a olhá-la com carinho e sorriu.

— Pára de te preocupares — disse. — Eu só desmaiei.

— Estiveste desmaiada durante dois dias — retrucou Kaiku. Ó vida, dois dias! Quando Kaiku teve conhecimento da sua estranha experiência com os espíritos do rio, ficara frenética de preocupação.

Somente por Lúcia parecer agora completamente recuperada é que Kaiku ficara apaziguada. Nem queria pensar nas consequências que adviriam da interferência de Lúcia no desconhecido.

Graças aos deuses, agora parecia estar bem.

— Foi apenas algo mau — referiu Lúcia, não a esclarecendo em nada sobre o ordálio. — Aconteceu qualquer coisa no rio. Os espíritos não gostaram. Levei um choque.

— Só quero que tenhas cuidado — advertiu-a Kaiku. — Ainda és jovem. Tens muito tempo para aprender o que podes e não podes fazer.

— Hoje faço catorze apanhas! — Lúcia simulou um protesto. — Já não sou tão jovem assim.

Chegaram a uma ponte de madeira que fazia a ligação entre duas saliências, galgando os telhados do planalto lá em baixo, e ali se quedaram, apoiando os braços no parapeito e ficando a olhar para o vale.

Toda a confusão do Recesso se estendia por debaixo delas, e os sons roufenhos da festa chegavam lá do fundo. Alguns folgazões em cima dos telhados viram-nas e acenaram. O olho de Nuki observava tudo de um céu sem nuvens que não deixava transparecer o fim do Verão.

— Continuas preocupada — observou Lúcia, olhando de soslaio para a amiga. Era extraordinariamente perspicaz, e não valia a pena esconder-lhe a verdade.

— O que me preocupa são as palavras de Zaelis — explicou Kaiku. Lúcia pareceu entristecer um pouco. Sabiam ambas ao que se referia.

Antes, Zaelis brindara à recuperação de Lúcia, e perguntara-lhe quando estaria preparada para voltar a enfrentar os espíritos. Kaiku reagira de uma forma algo irada em nome de Lúcia, dizendo-lhe que ela não era um instrumento para ser afiado até estar em condições de ser usado contra um inimigo. Já sofrera algum trauma desconhecido que nem mesmo ela entendia; Kaiku censurara Zaelis por chegar a pensar em continuar a sacrificá-la. Por momentos, caíra um manto negro sobre a refeição do meio do dia; mas depois Yugi aliviara a tensão com um comentário muito oportuno, e tanto Kaiku como Zaelis abandonaram o assunto. Recordando a ocasião, Kaiku achou que fora superprotectora, uma reacção alimentada pela raiva ante o facto de não ter sido informada do ordálio de Lúcia senão depois da reunião. No entanto, não conseguia deixar de se atormentar.

— Não lhe dêes ouvidos — aconselhou. — Sei que ele é como um pai para ti, mas só tu conheces as tuas próprias capacidades, Lúcia. Só tu sabes o que estás disposta a arriscar.

Os olhos azul-claros de Lúcia estavam distantes. Nesta altura, não fazia muita diferença de Kaiku no tamanho. O olhar de Kaiku deslizou até às queimaduras na nuca dela e sentiu a familiar pontada de culpa. Queimaduras que Kaiku lhe provocara. Desejou que Lúcia não as exibisse tão manifestamente.

— Precisamos de saber — afirmou Lúcia, tranquilamente. — O que aconteceu no rio.

— Isso não é verdade — contrapôs Kaiku, o seu tom cortante. — Ó vida, Lúcia! Tu sabes melhor do que ninguém que não se brinca com os espíritos. Nada justifica que te arrisques daquela maneira. Recomeça devagar, se tem de ser. Vai avançando aos poucos. — Fez uma pausa, depois acrescentou: — Zaelis vai mandar espiões investigar. Deixa-os fazer o seu trabalho.

— Podemos não ter tempo — limitou-se Lúcia a dizer.

— Essas palavras são de Zaelis, ou tuas?

Lúcia não lhe respondeu. Kaiku sentiu que ela ficara um pouco irritada, mas não estava disposta a ceder. Tentou afastar a estridência do seu tom, atendendo ao espírito da ocasião.

— Lúcia — disse baixinho. — Conheço a responsabilidade com que tens de arcar. Mas até as costas mais fortes cedem sob o peso das expectativas. Não deixes que ninguém te pressione. Nem-mesmo Zaelis.

Lúcia virou-se para Kaiku com uma expressão sonhadora no rosto. Ouvira, mesmo parecendo desatenta. Uma parte de si escutava o vento, e os corvos que a observavam dos seus postos nos telhados.

— Lembras-te de quando Mishani te procurou nos jardins em socacos da Fortaleza Imperial, levando uma camisa de dormir para ti? — perguntou Kaiku. Lúcia anuiu. — O que pensaste? Quando ela ta ofereceu?

— Pensei que me mataria — limitou-se Lúcia a responder.

— Tê-la-ias aceito? — indagou Kaiku. — Tê-la-ias usado, mesmo sabendo o que era?

Lúcia virou-se lentamente, voltando a olhar para a cidade. Um grupo de bêbedos passou a cambalear na ponte atrás delas, cantando aos berros canções obscenas. Kaiku estremeceu de contrariedade.

O silêncio entre ambas prolongou-se.

— Lúcia, tu não és o sacrifício de alguém — disse-lhe, a sua voz tornando-se delicada. — És demasiado altruísta, demasiado passiva. Tu aqui não és um peão, não vês isso? Se não o perceberes agora, como é que vai ser nos próximos anos, quando as pessoas depositarem ainda mais esperanças em ti? — Kaiku suspirou e envolveu com o braço os ombros magros de Lúcia, abraçando-a afavelmente. — Vejo-te como uma irmã. Por isso, tenho o dever de me preocupar contigo.

Aflorou um sorriso forçado aos lábios de Lúcia, e retribuiu o abraço com ambas as mãos.

— Vou tentar — prometeu. — Parecer-me mais contigo. — O sorriso foi-se alargando. — Uma grande tagarela teimosa.

Kaiku abriu a boca, simulando incredulidade, desfez o abraço.

— Monstro! — exclamou, e Lúcia fugiu a rir-se enquanto Kaiku a perseguia pela ponte e rua acima.

A noite caiu sobre a Falha de Xarana. Atearam-se as fogueiras e acenderam-se as lanternas de papel formando calorosas constelações. A escuridão era sufocante e opressiva à volta da periferia das comemorações, mas dentro da luz reinava a alegria. O festim comunal ia já adiantado. Muitas pessoas tinham saído da mesa para dar lugar a outras, e ido ver os actores representar no palco, ou dançavam ao som de uma orquestra improvisada de seis músicos que iam tocando velhas melodias populares. Os instrumentos incompatíveis e a perícia variável dos executantes davam lugar a uma desafinação controlada, cruciante e visceral. O tom baixo e

monótono dos miriki de três cordas contrastava com os acordes vítreos, dedilhados da harpa de cana e as melodias pesarosas dos dois cornos de tubos duplos.

O ritmo era imposto por um homem moreno com o seu tambor de pele de animal, enquanto acima de tudo aquilo se ouvia o verdadeiro talento do grupo, uma senhora que já fora cortesã na Fortaleza Imperial antes do último golpe. Tocava irira, um instrumento de sete cordas em couro, osso e madeira que produzia um lamento surdo e frágil, e o dedilhar plangente e suave das cordas quase fazia o ar cintilar.

Kaiku, corada do vinho, do calor e das gargalhadas, participou numa dança com os homens e mulheres jovens do Recesso. Era muito mais enérgica e menos elegante do que a moda da corte, mas bem mais divertida. Foi rodopiando, passando dos braços de um homem para os de outro e depois encontrou-se com o rapaz Aberrante, cuja pele era viscosa como um peixe morto e cujos olhos vagos eram bolbosos e cegos.

Após o momento inicial de surpresa, conduziu-o nos movimentos loucos até outra pessoa lhe pegar na mão e se separarem. Alegre e nem um pouco embriagada, deixou que a música a arrebatasse, e, por um momento, os seus cuidados foram esquecidos no alvoroço e na agitação da dança. A canção terminou abruptamente quando estava a ser passada de um dançarino para outro e ficou surpreendida ao ver Yugi diante de si enquanto os folgazões descansavam no silêncio pleno entre as melodias.

Estavam ambos ofegantes do esforço e trocaram um sorriso embaraçado.

— Estou a ver que não perdi o jeito — comentou ele. Os seus olhos estavam muito brilhantes, as pupilas enormes. — Dás-me a honra? — Estendeu-lhe a mão, convidando-a a ser seu par na próxima dança.

Mas Kaiku vira uma figura a observá-la na orla da luz das lanternas, encostada a um dos postes de madeira que mantinha as bandeiras lá em cima.

— As minhas desculpas, Yugi — disse-lhe, beijando-o na face com a barba por fazer. — Tenho de ir falar com uma pessoa.

E deixou-o então, a música recomeçou atrás de si e foi apanhado por uma bela rapariga dos Novos Territórios e levado para o centro da dança. Kaiku abandonou o ruído e o calor, encaminhando-se para o sítio onde a escuridão e o silêncio se preparavam para invadir, e onde Saran aguardava.

— Danças? — perguntou, inclinando-se provocadoramente.

— Lamentavelmente não — replicou ele. — Não creio que nós, os Quraal, tenhamos as articulações tão soltas quanto a vossa gente parece ter.

Levou um momento a perceber que se tratava de uma piada, dita que fora num tom seco como o pó.

— Onde estiveste? — questionou-o. Vacilou ligeiramente, mas o rubor nas suas faces e os seus modos mais convidativos só serviram para que ele parecesse mais encantador aos seus olhos.

— Esta comemoração não me diz respeito — afirmou, as suas feições

escuras na noite sem luar.

— Não, quer dizer: por onde andaste! — insistiu ela. — A reunião já foi há vários dias. Esqueceste-me tão depressa? Não eras sequer capaz de te despedir?

Ó espíritos, parto depois de amanhã para a travessia da Falha!

— Eu sei — referiu. — Tsata vai contigo.

— Ah sim? — inquiriu Kaiku. Aquilo era novidade. — E então tu?

— Ainda não decidi. — Manteve-se calado por um longo momento. — Pareceu-me um pouco embaraçoso — disse por fim. — Por isso me mantive afastado.

Kaiku olhou-o por um bocado, depois estendeu a mão.

— Vem passear comigo.

Ele hesitou, observando-a intensamente; depois aceitou. Kaiku puxou-o delicadamente para o afastar do poste onde estivera encostado, e contornaram as extremidades das comemorações, reencaminhando-se para a cidade. A sua esquerda, o vale era como um vazio, definido apenas pelo céu nocturno mais claro que coroa a sua orla. A direita, ficavam as fogueiras, as gargalhadas e os festejos.

Caminharam pelo limbo de permeio, onde os dois lados se encontravam e misturavam e nenhum chegava propriamente a dominar.

— Uma parte de mim... — começou Kaiku, depois parou, a seguir recomeçou. — Uma parte de mim sente-se satisfeita por partir. Acho que estou ociosa há demasiado tempo. Tenho ajudado os Libera Dramach, conforme posso, nestes últimos anos, mas os pequenos progressos verificados não me satisfazem. — Olhou para Saran. — Nem satisfazem Ocha.

— Os deuses são pacientes, Kaiku — afirmou ele. — Não subestimes os Tecedores. Já tiveste sorte noutra ocasião. A maioria das pessoas não tem uma segunda oportunidade.

— Será que detecto preocupação na tua voz? — provocou-o. Saran largou-lhe a mão e encolheu os ombros. — Por que haverias de te importar com a minha preocupação?

A expressão de Kaiku esmoreceu um pouco.

— Peço desculpa. Não queria fazer pouco de ti. — Esquecera quão sensível era o orgulho dele. Caminharam mais um pouco.

— O que receio é a Máscara — disse ela, sentindo necessidade de ceder um pouco para reacender o momento que existira entre ambos.

— Já passaram cinco anos desde a última vez que a usei, mas ainda me atrai. — Estremeceu de repente. — Tenho de voltar a usá-la, se queremos ultrapassar a desorientação dos Tecedores.

— Estás gelada — comentou Saran, desabotoando a capa e pondo-a à volta dos ombros dela. Não estava, mas deixou-o à mesma, e quando ele prendeu o colchete no pescoço, colocou a sua mão sobre a dele.

Antes de a resolver retirar, fez uma pausa, prolongando o contacto.

— Por que não é uma Irmã a encontrar a barreira? — inquiriu.

— Por que tens de ser tu?

— Cailin não ousaria correr o risco de uma Irmã já treinada ser descoberta — respondeu Kaiku. — E não seria seguro deixar mais ninguém usar a Máscara. Os Tecedores nada sabem da Ordem Vermelha, e ela prefere que assim se mantenha. A Máscara é um instrumento dos Tecedores, por conseguinte, a brecha que provoca na barreira não causaria alarme.

— Mas tu desconheces se a Máscara irá sequer funcionar desta vez — argumentou Saran. — Talvez tivesse sido feita apenas para funcionar no mosteiro em Fo.

Kaiku pôs uma expressão de resignação.

— Tenho de tentar — disse.

Saran puxou o cabelo liso para trás da orelha. Kaiku olhou-o de lado, observando as linhas da sua figura por debaixo do corte austero das suas roupas. Uma voz admonitória alertou-a para o que estava a fazer, mas ignorou-a. O calor agradável do vinho que bebera mantinha corajosamente a sua mente no presente e recusava-se a deixá-la idealizar as consequências.

Saran apanhou-a a fitá-lo, e foi um pouco óbvia de mais na sua pressa de desviar o olhar.

— Por que é que Tsata vem conosco? — inquiriu, necessitando subitamente de dizer algo. Depois, apercebendo-se de que era algo que queria efectivamente saber, acrescentou: — O que te é ele?

Saran permaneceu um pouco em silêncio, pensando. Kaiku não pôde concluir se estava apenas a ponderar as palavras ou se acrescentava estas pausas numa tentativa consciente de teatralidade e circunspecção.

Era difícil dizer no caso de Saran, que por vezes ela achava insuportavelmente afectado.

— Ele não me é nada — acabou Saran por responder. — Não mais do que um companheiro. Conheci-o no Okhamba, e ele veio comigo até ao coração do continente por razões só suas. Pelo mesmo motivo que veio para o Saramyr. Não sei por que pediu para te acompanhar na travessia da Falha, mas posso responder pelo seu valor. De todos aqueles com quem viajei nas minhas andanças pelo Mundo Vizinho, não houve um só a quem mais prontamente confiasse a minha vida.

Tinham chegado entretanto ao extremo da cidade, onde desembocava no fundo do vale. Os degraus mais inferiores formavam uma barricada protectora natural, onde haviam sido construídos elevadores e talhadas escadas com portas. Estas encontrar-se-iam fechadas em tempo de guerra e os elevadores eram puxados para cima a fim de se evitar a entrada dos inimigos.

Foram subindo pelos percursos menos usados. As lanternas semeavam ilhas brilhantes na escuridão. Passaram por habitantes que se beijavam, cantavam ou discutiam, e uma vez quase colidiram com um desfile que levava centenas no seu

rasto e os conduzia por um caminho sinuoso até um destino incerto. A dada altura, Kaiku tomou de novo a mão de Saran.

Pareceu detectar nele uma ligeira tremura, e sorriu secretamente de si para si.

— Tens algumas dúvidas? — indagou. — Em relação ao que descobriste?

— A quarta lua? Não — respondeu Saran. — Zaelis também está convencido, agora que lhe mostrei as provas e as Irmãs as verificaram. Pensei, talvez, que a ideia fosse demasiado remota para a tua gente a aceitar; afinal, vocês são o único povo do Mundo Vizinho que ainda venera as luas. — Afastou uma madeixa de cabelo da testa num gesto estranhamente efeminado. — Mas parece que estava errado. Só nos últimos mil anos, houve outros deuses esquecidos e perdidos na antiguidade; é muito natural que não tenhas conhecimento daquele que morreu antes de a tua civilização ser fundada.

— Talvez ele não morresse — murmurou Kaiku. — Talvez seja esse o problema.

Saran emitiu um ruído questionador.

— Não é nada — disse Kaiku. — Só que... desconfio de algo mau nisto tudo. Fui tocada uma vez pelas Filhas das Luas; sabias disso? Pelo menos, indiretamente. Estavam a ajudar Lúcia.

— Sabia — confirmou Saran.

— Isto de Aricarat, deixa-me... inquieta. — Não conseguia exprimi-lo melhor, mas havia uma ligeira náusea, uma trepidação como o ruído de aviso da terra antes de um abalo, sempre que pensava naquele nome.

Tê-lo-ia sentido se não houvesse estado em contato com a incomensurável magnificência daqueles espíritos? Não podia ter a certeza.

— Mas mais do que isso — prosseguiu. — O meu amigo Tane morreu ao tentar sobreviver ao que acreditava ser o destino que a sua deusa Enyu lhe reservara. Quase o partilhei também em nome de Ocha, e amanhã vou partir para correr de novo o mesmo risco. As próprias Filhas das Luas intervieram por Lúcia. E agora tu dizes-me que a origem do poder dos Tecedores, a verdadeira razão do mal e da infelicidade desta terra, são os restos de outra lua, que foi esquecida? — Esboçou um gesto inconsciente contra a blasfémia antes de continuar. — Começo a acreditar que vim parar a um jogo dos deuses, querendo-o ou não; que fazemos parte de algum conflito que não está ao nosso alcance ver. E que somos todos consumíveis aos olhos do Reino Áureo.

Saran reflectiu por um momento.

— Acho que dás demasiada importância aos teus deuses, Kaiku — comentou. — Algumas pessoas confundem a sua própria coragem com a vontade das divindades que veneram, e outras servem-se da fé como pretexto para o mal. Tem cuidado, Kaiku. O que o teu coração dita e o que os teus deuses dizem podem um dia vir a confrontar-se.

Kaiku ficou francamente surpreendida ao ouvir semelhantes palavras vindas

da boca de um Quraal, cuja educação no seio da Teocracia os tornava geralmente rígidos na sua devoção. Ter-lhe-ia respondido então, mas encontrou-se subitamente diante da porta da casa que partilhava com Mishani. Situava-se num dos estratos intermédios do Recesso, um lugar pequeno e desprezível com as arestas rugosas da sua construção atenuadas com o uso habilidoso de trepadeiras e plantas envasadas. Dado ser quase impossível recriar o minimalismo elegante das habitações em que tinham crescido no meio de todo o caos circundante, haviam decidido tentar embelezá-la o máximo possível. Fora tudo obra de Mishani, assim como o interior, pois Kaiku era um desastre a decorar; era uma arte muito feminina, e estivera demasiado ocupada a competir com o seu irmão mais velho para a aprender.

Houve um momento de intenção partilhada, quando Kaiku e Saran se olharam nos olhos e nenhum deles realmente pensou despedir-se do outro, em que ambos temeram que qualquer iniciativa pudesse ser repelida muito embora os sentidos lhes dissessem que isso não iria suceder. Depois, Kaiku abriu a porta e entraram ambos. O limiar que transpuseram foi mais do que físico. Mal Kaiku fechara a porta e já Saran a estava a beijar, e ela correspondeu com igual intensidade, as mãos nas faces dele e no cabelo, uma energia quente invadindo o seu corpo enquanto as suas línguas se tocavam e deslizavam. Comprimiu-a contra a parede, os seus lábios unindo-se e afastando-se, sendo as lufadas de respiração quente o único som entre ambos.

Kaiku encostou as ancas nele, sentiu com prazer lascivo a protuberância no gancho das suas calças. A voz admonitória fora agora empurrada para os cantos da sua mente, e nem se colocava a questão de sustentar o que ia acontecer.

As suas mãos exploravam já o casaco justo dele, tentando abrir os fechos quraal desconhecidos. Riu-se da sua falta de jeito; ele teve de a ajudar nos últimos, antes de despir o casaco e revelar o torso nu por baixo. Afastou-o de si para ver o que ficara exposto. Era magro e musculado como um atleta, nem um grama de gordura no seu corpo. Passou as mãos pelo panorama do abdómen, e ele estremeceu de prazer. Sorriu de si para si, aproximando-se mais para depositar beijos lânguidos e molhados no pescoço e na clavícula dele. Os lábios dele percorreram-lhe o cabelo, o lobo da orelha.

Kaiku conduziu-os até a um comprido sofá e deixou-se cair nele, atraindo-o para cima de si. A noite era densa e sombria, pois as lanternas não haviam sido acesas na sala. As persianas estavam fechadas, abafando os folguedos no exterior. Voltaram a beijar-se, deslizando um no outro, as mãos dela descendo-lhe pelas saliências da espinha até ao fundo das costas.

Ele despiu-lhe a blusa com perícia fluida, deixando-a amarrotada e atirada para um canto; depois, sem parar, tirou-lhe a roupa interior de cima, o que provocou uma certa decepção em Kaiku. Estava a ficar apressado na sua paixão, e ela gostava que o ato sexual fosse lento e gradual. Ansiosa por interrompê-lo - pois as suas mãos avançavam já para a cintura dela, - fê-lo cair delicadamente do sofá para o chão,

rebolando com ele para que pudesse ficar por cima.

Escarranchando-se-lhe nas ancas, Kaiku beijou-lhe as faces e a testa, e ele soergueu-se para lhe tomar o seio na mão e levar a boca ao mamilo, a sensação quente e húmida da língua dele fazendo com que ínfimas tremuras de prazer lhe percorressem o corpo. Ela levou a mão atrás de si e começou a massajar-lhe a ereção através do tecido das calças com o punho.

Ele estava excitado, a sua respiração acelerada e superficial, e, enquanto uma parte de si achava lisonjeiro despertar semelhante reação num homem de uma calma tão rígida e controlada, estava de novo um pouco preocupada por ele se mostrar demasiado ansioso. Aspirou o ar por entre os dentes quando ele lhe mordeu o mamilo com força suficiente para doer. Ele mudou subitamente o peso dela, virando-a para ficar agora por cima, e viu que o rosto dele se tornara vermelho, deformado e feio. O entusiasmo dela esmoreceu, sustentado por algo desagradável que viu nos seus olhos, um desejo animalesco muito para além da união de um homem e uma mulher.

— Saran... — começou, sem saber o que dizer, se deveria deixar que continuasse e esperar que fosse apenas um momento passageiro ou se o decepcionaria acabando com tudo. Temia a reação dele se ousasse fazê-lo.

Não queria melindrá-lo, mas fá-lo-ia se fosse necessário.

Silenciou-a com um beijo intenso e selvagem que lhe magoou os lábios de tamanha ferocidade, e de repente verificou-se uma mudança na natureza do beijo, transformando-o de paixão em algo mais. Alimentar-se.

O seu kana abriu-se como um ninho de serpentes, irrompendo-lhe das virilhas e do ventre e subindo velozmente por ela quase antes de perceber o que sucedia. Houve um momento em que sentiu algo tentar libertar-se das entranhas, como se os seus órgãos se fossem soltar das amarras e reunir-se-lhe na boca e passar para a de Saran, e depois deu-se uma explosão de branco e Saran foi arremessado pela sala, embatendo violentamente na parede oposta e aterrando num monte.

Foi tal e qual da última vez. Já antes sentira aquela fome.

— Não... — murmurou, as lágrimas vindo-lhe aos olhos quando se levantou. Estendera a blusa sobre os seios para se proteger. A sua franja caía-lhe sobre o rosto. — Não, não, não. — Lamuriava-se como um mantra, como se pudesse negar a dimensão da traição que sentia.

Saran começava a erguer-se, o seu rosto a imagem da angústia.

— Kaiku... — começou.

— Não, não, NÃO! — gritou, e as lágrimas transbordaram e desceram-lhe pelas faces. Tremia-lhe o lábio. — És tu? És tu?

Saran não falou, mas abanou um pouco a cabeça, não em negação mas porque lhe estava a pedir que não fizesse a pergunta.

— Asara? — murmurou.

Ele contraiu-se numa pontada de dor, e Kaiku não deu mais nenhuma

resposta. Caiu de joelhos, as suas feições enrugando-se ao começar a chorar.

— Como foste capaz? — soluçou, e depois encontrou subitamente a raiva e gritou: — Como foste capaz?

Ele tinha uma expressão magoada, mas eram os olhos de Asara. Abriu a boca para falar, mas não havia palavras. Pegou antes no casaco e saiu para a noite quente, deixando Kaiku no chão da sala, chorando.

CAPITULO 13

A alva chegou à Falha de Xarana, uma luz sem vida e monótona abafada por uma camada de nuvens extemporâneas que enchia o horizonte a nascente. As brumas matinais acumulavam-se nas zonas baixas da Falha, agitando-se delicadamente entre as dobras e cavidades do vale. A cidade estava misteriosamente silenciosa, e nem viva alma caminhava pelas ruas tortas exceptuando um ou outro guarda, o chiar das suas armaduras de couro endurecido antecedendo-os nos corredores vazios e becos sujos. A Semana Estival começara há dois dias, e naquela primeira noite toda a cidade celebrara muito para lá da alva e pela manhã adentro. A noite passada, as festividades haviam sido menos ruidosas: as pessoas dormiam e recuperavam, e ficariam na cama ainda por mais algum tempo.

Contudo, para alguns, nem mesmo a Semana Estival conseguia afastá-los dos seus objectivos. Tinham-se reunido no estrato mais cimeiro da cidade, onde uma parede de rocha a pique se erguia no extremo ocidental do vale, cheio de cavernas escavadas pelos mesmos cursos de água antigos e há muito secos que haviam traçado os planaltos e saliências por debaixo deles. Tinham sido esculpidas bênçãos e gravuras na pedra à volta da entrada das cavernas e talhados pequenos nichos na rocha para servirem de altares. Naquele momento, chegava-lhes ligeiramente o cheiro almiscarado das bolas fumegantes de kama e do incenso, restos das oferendas da véspera. Pequenos amuletos batiam uns nos outros e soavam melodiosamente.

Kaiku estava sentada na erva, o rosto pálido e os olhos escuros da falta de dormir, e olhava com azedume para o vale e para leste. Tinha vagamente consciência dos outros três atrás de si.

Apertavam as faixas das suas mochilas, colocavam munições nas espingardas, murmurando baixinho, como se relutantes em perturbar o silêncio da alva: Tsata, Yugi e Nomoru, a batedora carrancuda cuja informação estivera na origem desta expedição. Hoje iam atravessar a Falha, dirigindo-se no sentido do comprimento até aonde o Zan abria caminho próximo da extremidade ocidental, para ali investigarem a anomalia que Nomoru detectara. Para ali encontrarem de novo os Tecedores.

Devia ter sentido alguma coisa mais forte. Ao fim de tanto tempo na expectativa, a perspectiva de enfrentar os Tecedores, os assassinos da sua família a quem uma jura a levava a opor-se, devia ter despertado algo dentro dela. Se não entusiasmo, então pelo menos receio ou ansiedade. Mas sentia o coração morto no seu peito, um monte de cinzas como uma fogueira apagada, e não conseguia sequer evocar o entusiasmo para se preocupar.

Como pudera não ter desconfiado de Saran? Como pudera não ter reconhecido a origem da sua atracção? Ó deuses, estivera ali na popa no navio de Chien e contara-lhe como Asara a trouxera da beira da morte, como esse acto as ligara a algum nível profundo e delicado, e o tempo todo fora esse mesmo elo que os

atraíra. Estivera o tempo todo a conversar com Asara. Oh espíritos, Kaiku detestava-a. Detestava a sua falsidade, a sua astúcia, o seu egoísmo insuportável. Detestava a forma como levava Kaiku a acreditar que era Saran, fazendo-a pensar que estava a conversar sobre Asara enquanto ela própria observava por detrás dos olhos escuros do Quraal; e depois, o pior de tudo, deixar-Kaiku seduzi-lo, fazer amor com ele, pensando que era uma pessoa verdadeira e não uma maldita contrafacção. Não importava se não tinham levado o acto até ao fim. A traição residia na intenção, não no resultado: e era total.

Kaiku sabia agora que a sua decisão de dormir com ele não se baseara no simples apetite sexual e no desejo de ter prazer com ele; nesse aspecto, estivera a enganar-se. Abrira-se-lhe, e na sua mente a consumação teria sido mais do que apenas o desempenho na cama, antes uma afirmação do sentimento que julgara ter-se desenvolvido entre ambos. Não que o admitisse de si para si, claro. Nunca ajuizara com imparcialidade as suas próprias emoções. Somente através da crueldade da sua dor se apercebia do quanto investira secretamente em Saran, e nessa altura era já tarde de mais.

Ficara vulnerável, e mais uma vez estava dilacerada. Olhando sinistramente para a meia distância, prometeu a si mesma com severidade que isso nunca mais voltaria a acontecer.

— Está na hora, Kaiku — disse Yugi, apoiando uma mão no ombro dela.

Olhou lentamente para ele, mal parecendo vê-lo; depois levantou-se com esforço, pegou na mochila e na espingarda e pô-las ao ombro.

— Estou pronta — anunciou.

Transpuseram as fortificações na orla do Recesso e dirigiram-se para oeste. O olho de Nuki pairava sobre as nuvens ameaçadoras, aquecendo os desfiladeiros e vales da Falha de Xarana. Durante um bom bocado, ninguém falou. Nomoru conduziu-os pelas pregas estreitas que desciam até às profundezas mais baixas, onde poderiam atravessar sem serem vistos a terra inóspita que os rodeava.

O horizonte aos altos e baixos era consumido por superfícies altas de rocha cheias de pedras soltas, erguendo-se à frente e atrás e de cada lado. Passaram da vista de Nuki para a sombra fresca. O lado ocidental do Recesso era guardado por um labirinto estreito de fissuras e túneis conhecidos como o Nó. Aqui, algumas eras atrás, as mesmas nascentes que tinham corrido de leste vindas da beira do vale para esculpir a terra onde a cidade fora construída, haviam fluído igualmente para oeste, desgastando a pedra antiga. Com o passar do tempo, a água destruíra algum apoio vital, ou a terra fora sacudida pelos tremores e abalos que de tempos a tempos percorriam a Falha, e a rocha por cima afundara-se e dera novo rumo a alguns dos túneis. Agora a água desaparecera, mas os caminhos permaneciam, um labirinto de becos sem saída ramificados que descia tortuosamente. Era possível, e muito mais rápido, passar por cima do Nó, onde havia um arco vazio de pedra lisa com quilómetro e meio de largura, como uma ferradura à volta da extremidade ocidental

do Recesso; mas ali em cima não existia qualquer tipo de cobertura e quem tentasse atravessá-lo seria visível num raio de quilômetros.

Na Falha, a palavra de ordem era o secretismo.

A alva dera lugar a uma manhã soalheira quando emergiram do Nó. Saíram de uma fenda estreita no fundo de uma ravina que subia suavemente à frente deles. Kaiku susteve a respiração quando a viu, e, não obstante o peso da infelicidade que carregava, sentiu um momento de temor. As paredes da ravina erguiam-se a pique mais de trezentos metros acima das cabeças deles, uma massa de dobras e saliências exposta às intempéries onde cresciam espécimes pequenos de arbustos onde era possível firmarem-se. O solo era um jardim indómito de árvores e flores, uma amálgama de folhas vermelho-escuras e púrpura no meio do verde.

Um riacho alimentava uma série de pequenos lagos. O sol queimava por cima da borda num ângulo de pouca amplitude, lançando a sua luz na extremidade mais distante da ravina e deixando a zona mais próxima na sombra. Aves coloridas nidificavam nas alturas, saindo esporadicamente para descer a pique e atacar, chilrando ao mesmo tempo. O ar estava parado e envolto numa bruma resplandecente como só existe no mundo dos sonhos.

Tinham entrado num paraíso secreto.

— Este é o limite do nosso território — anunciou Nomoru. Era a primeira vez que alguém falava desde que haviam partido, e as vogais ásperas e desagradáveis do seu Baixo Saramírico afectaram o humor de Kaiku.

— Não tão seguro de agora em diante.

A Falha de Xarana era uma massa em constante mudança de limites não confirmados, solo neutro e zonas disputadas. A geografia política do local era tão instável quanto a própria Falha. Como gangues, cada facção defendia ciosamente o seu território, mas de um mês para o seguinte comunidades inteiras podiam ser saqueadas, destruídas, ou então desertar para um líder mais poderoso. O Recesso estava constantemente em guerra para manter abertos os caminhos para o mundo exterior, e os bandidos pilhavam as cargas que entravam clandestinamente para abastecer os Libera Dramach. Outras forças tinham objectivos diferentes: algumas eram implacavelmente expansionistas, perseguindo o ideal obstinado de dominar ou unir a Falha; outras queriam apenas que os deixassem em paz, e convergiarnos seus esforços para a defesa em vez da agressão; outras ainda, escondiam-se simplesmente. A questão de saber o que os seus vizinhos andavam a preparar era um eterno sorvedouro de tempo e recursos de Zaelis e dos Libera Dramach, mas por demais vital à sobrevivência no mundo marginal onde se tinham vindo instalar.

Seguiram em frente com redobrada vigilância. O terreno era difícil, e Nomoru parecia escolher caminhos árduos a maioria das vezes, pois os percursos mais inacessíveis eram com frequência os mais seguros. Numa questão de horas, Kaiku perdera por completo o sentido de orientação. Olhou com ressentimento para a figura dura e seca que os conduzia, culpando-a pelo ordálio; depois caiu em si e

apercebeu-se de quão injusta estava a ser. Se não fosse Asara, sentir-se-ia bastante satisfeita por partir nesta expedição. Se não fosse Asara.

Apercebeu-se de que voltava a mergulhar em pensamentos negros na ausência de conversa. Yugi estava invulgarmente contido, e Tsata raramente dizia algo a menos que valesse a pena fazê-lo, contentando-se antes em observar e escutar com uma estranha curiosidade ligeiramente perturbadora. Acaso ele soubera? Soubera que Saran não era quem aparentava ser?

E Zaelis e Cailin; certamente eles tinham sabido? Cailin teria, sem dúvida: ela conseguia sentir os Aberrantes só de olhar para eles. Todas as Irmãs conseguiam.

Na sequência da sua descoberta, na raiva que viera depois da dor, quisera confrontar Cailin e Zaelis e exigir que lhe dissessem por que não lhe haviam contado nada. Mas era escusado; conhecia já os argumentos deles. Asara era uma espia, e não lhes competia desmascará-la. Kaiku contara apenas o indispensável a Mishani sobre Asara, e nada dissera sobre a atracção por Saran. Por que haveriam de intervir?

E, além disso, só estaria a dar razões a Cailin para que ela exigisse que Kaiku se aplicasse nas doutrinas da Ordem Vermelha. Se tivesse assistido às aulas em vez de andar incessantemente de um lado para o outro, teria sentido a verdadeira identidade de Asara.

E, no entanto, não desconfiara. Como podia, na realidade? Desconhecia a dimensão das capacidades de Asara como Aberrante. Fora testemunha da sua subtil mudança de feições, da alteração da cor do cabelo, até de uma tatuagem no braço que sumira; vira-a reparar a maior parte das queimaduras horrendas no rosto. Mas mudar não só a forma do corpo como também o sexo... isso ultrapassava sequer a noção de possibilidade de Kaiku. Que tipo de criatura o conseguia fazer? Que tipo de coisa?

E que tipo de coisa consegue torcer os fios da realidade para moldar o fogo ou penetrar nas mentes?, perguntou-se impiedosamente. Ela é tão impossível quanto tu. O mundo está a mudar mais depressa do que imaginas. As pedras mágicas estão a transformar o Saramyr, e tudo aquilo que outrora existia é agora incerto.

— Estás a matutar, Kaiku — disse-lhe Yugi lá de trás. — Sinto-o daqui.

Sorriu-lhe pesarosamente, e sentiu-se um pouco mais animada.

— Fala comigo, Yugi. Vai ser uma longa viagem, e se alguém não fizer algo para melhorar o humor, então não creio que aguente até ao fim do dia.

— Desculpa. Não tenho sido grande animador das hostes—respondeu com um sorriso forçado. — A noite de ontem deixou-me ligeiramente afectado, mas a caminhada desanuviou-me as ideias.

— Satisfizeste todos os teus desejos, foi? — espicaçou-o Kaiku.

— Dificilmente. Não toquei em nada. Não admira que me sinta péssimo.

Ela riu baixinho. Nomoru, lá à frente, olhou para eles com uma expressão irritada.

— Estás transtornada — afirmou Yugi, a sua voz tornando-se mais séria. —

É a Máscara?

— Não é a Máscara — referiu, e era verdade: esquecera-a por completo até àquele momento, obcecada que estava a cuidar da ferida que Asara lhe causara. Estava embrulhada na sua mochila, a Máscara que o pai roubara e pela qual morrera. Sentiu-a subitamente, ironizando-a. Durante cinco anos, estivera escondida numa arca em sua casa, e nunca mais a pusera, pois sabia bem de mais como funcionavam as Máscaras Verdadeiras, como eram narcóticas por natureza, viciando o utilizador na euforia da Teia, concedendo enorme poder, mas roubando a razão e a sanidade.

Todavia, o desejo insidioso não diminuía, a sensação no subconsciente presente sempre que pensava nela. A chamá-la.

A dada altura durante a tarde, descansaram e comeram numa vertente verdejante por debaixo de uma saliência. Tinham saído da ravina e contornavam uma planície cavada de rochas fragmentadas, limitada de todos os lados por penhascos altos. Algumas das rochas tinham irrompido de baixo em formações despedaçadas como brutais flores de pedra, as suas pétalas revestidas de quartzo, pedra calcária e malaquite; outras tinham caído de montes isolados que avançavam precariamente para o céu. Há uma hora que os viajantes corriam de esconderijo em esconderijo, e se o progresso era mais rápido do que quando haviam atravessado as ravinas, resultava mais penoso para os nervos. Estavam demasiado expostos para se sentirem confortáveis aqui.

— Por que viemos por aqui? Não estamos assim com tanta pressa — Yugi inquiriu Nomoru à guisa de conversa, enquanto comia uma perna fria de ave aquática.

O rosto magro de Nomoru endureceu-se, melindrado com o comentário.

— Eu sou a guia — respondeu com secura. — Conheço estas terras.

Yugi ficou impávido.

— Então, esclarece-me, por favor. Eu também as conheço, mas calculo que não tão bem quanto tu. Existe um desfiladeiro alto para sul onde...

— Não posso ir por aí — interrompeu Nomoru, dando o assunto por encerrado.

— Por que não? — perguntou Tsata. Kaiku olhou para ele com vaga surpresa. Era a primeira vez que falava naquele dia.

— Não interessa por que não — replicou Nomoru, recusando-se a adiantar mais. Kaiku ficou surpreendida com a rudeza dos modos dela.

Tsata observou a batedora por um momento. Acocorado na sombra da rocha, a tatuagem verde-clara estendendo-se-lhe pelos braços e o rosto, parecia estranhamente à vontade aqui na Falha. A sua pele, que se apresentara pálida à luz da alva, tinha agora de tarde o aspecto dourado e dava-lhe até um ar mais saudável.

— Tu tens conhecimento destas terras, por isso deves partilhá-lo. Guardá-lo prejudica o pash.

— O pash? — escarneceu Nomoru, sem compreender.

— O grupo — explicou Kaiku. — Nós os quatro viajamos agora juntos, e isso faz de nós o pash. Está certo? — Dirigiu esta última parte a Tsata.

— Um tipo de pash — corrigiu Tsata. — Não o único tipo. Mas sim, era ao que me estava a referir.

Nomoru levantou as mãos em desespero. Kaiku reparou nas tatuagens nos braços de Nomoru quando as mangas descaíram para trás; formas e espirais complexas, denticuladas, entrelaçando-se pelo meio de símbolos e ideogramas, simbolizando ajustes ou dívidas, as existentes e as saldadas. Os mendigos, ladrões e outra gente baixa do Bairro Pobre de Axekami tinham por tradição gravar na pele com tinta a sua história; assim, as promessas não podiam ser quebradas. Sendo pobres, a carência levava-os a prestar serviços uns aos outros, uma comunidade de necessidades. Acima de tudo, a sua palavra tinha valor; mas, esporadicamente, para questões mais importantes, era exigido algo maior. Uma tatuagem constituía uma exibição exterior do seu compromisso. Normalmente, era deixada meia desenhada, eternava-se quando a tarefa ficava concluída. Os Tatuadores do Bairro Pobre conheciam todos os rostos e todas as dívidas, e só acabavam uma tatuagem quando tinham a garantia de que a tarefa fora realizada.

Um perjuro era logo denunciado, e não sobreviveria muito tempo se os outros se recusassem a ajudá-lo.

Quão estranho, pensou Kaiku, que a necessidade de honra aumentasse à medida que o dinheiro e os haveres diminuía. Perguntou-se se Nomoru fora uma perjura; mas o significado das tatuagens era incompreensível para ela, e quaisquer palavras que pudesse ver estavam escritas numa gíria do Baixo Saramírico que desconhecia.

— Os territórios mudam — disse Nomoru, acabando por ceder de má vontade. — Mas as fronteiras não estão definidas. Entre os territórios, é incerto. Batedores, às vezes guerreiros, mas sem guardas, sem fortificações. Por isso estou a levá-los entre os territórios. Não tão bem guardado, mais fácil passar. - Inclinou a cabeça na direcção da planície cheia de rochas. — Este lugar é um campo de batalha.

Olhem para o terreno. Não pertence a ninguém. Demasiados espíritos aqui.

— Espíritos? — inquiriu Kaiku.

— Eles vêm à noite — disse Nomoru. — Muitas mortes aqui. Lugares lembrarem-se. Por isso vimos de dia. Mantemos cabeças baixas, estamos seguros.

Coçou o joelho por debaixo das calças e olhou para Yugi.

— O desfiladeiro alto foi ocupado há um mês. Houve uma luta; alguém perdeu, alguém venceu. — Encolheu os ombros. — Costumava ser seguro. Agora vocês seriam mortos antes de avançarem um metro.—Arqueou um sobrolho a Tsata. — Satisfeito? — perguntou maliciosamente.

Ele levantou o queixo na sua direcção. Nomoru carregou o cenho, confusa, desconhecendo que era a forma de acenar em Okhambano. Kaiku não a esclareceu.

Decidira que já antipatizava com a batedora de cabelos emaranhados.

Era tarde quando se lhes acabou a sorte.

O céu estava carregado e de um vermelho-púrpura forte, raiado com matizes azul-escuros e guarnecido com faixas denuvens translúcidas. Neryn e Aurus deslocavam-se juntas esta noite, e pairavam já baixas no céu a oeste, um crescente fino a espreitar por detrás do imenso rosto bolachudo da irmã maior. Nomoru levava-os por um espinhaço alto de terra, erguendo-se acima dos quilómetros circundantes de delgadas ravinas e desfiladeiros estreitos. O solo aqui estava dividido num quebra-cabeças de saliências verdejantes que subiam e desciam alarmantemente, pelo que muitas vezes tinham de ascender e contornar poços negros ou escalar vertentes estreitas e vertiginosas com uma queda terrível de cada lado. Por muito duro que fosse, tinha uma vantagem: estavam bem escondidos dentro destas pregas e provavelmente ninguém os veria, a menos que desse de cara com eles.

Tinham chegado quase ao extremo mais distante do espinhaço, onde a terra se elevava de novo ameaçadoramente ao encontro deles, quando Nomoru levantou repentinamente a mão, os dedos curvados no gesto dos Saramyr para silêncio. Era algo que todas as crianças aprendiam, geralmente com os pais, que o usavam amiúde com eles. Ou Tsata sabia ou calculou o seu significado, mas os seus movimentos já eram absolutamente silenciosos.

Kaiku esforçou-se por escutar algo, mas tudo o que lhe chegou foram os gritos distantes dos animais e o coro crescente dos insectos noctívagos. Até ali, não tinham visto qualquer vestígio de vida humana, quer por acaso quer devido à perícia de Nomoru, e só o esporádico avistar de um grande predador ao longe não os deixara descontrair. Agora, a presença de perigo deixou-a tensa, o seu corpo enchendo-se de adrenalina gélida, afastando os seus pensamentos macambúzios.

Nomoru olhou para eles, indicando-lhes que ficassem ali. Um instante depois, correu pelo flanco da superfície de rocha virada para eles e desapareceu no cimo. Yugi surgiu ao lado dela, acorado, a espingarda pronta a disparar nas suas mãos.

— Sentes alguma coisa? — segredou.

— Não experimentei — disse. — Por enquanto não ousei. Se fosse um Tecedor, poderia dar por mim. — Não exprimiu os seus mais profundos receios sobre o assunto: que nunca enfrentara um Tecedor no campo de batalha da Teia, que nenhuma Irmã o ousara a não ser Cailin, e que estava com imenso medo do dia em que chegasse o momento de o fazer.

Foi então que se apercebeu de que Tsata desaparecera.

O Tkiurathi manteve-se baixo, conservando-se próximo do volume de pedra que se erguia à sua esquerda. Num nível tão básico que não existia sequer pensamento consciente, tinha a noção de quais os ângulos que o expunham e quais os que o encobriam. As moitas espinhosas à sua direita protegiam-lhe o flanco, e ouviria alguém aproximar-se através delas, mas havia pontos umbrosos no cimo de uma extensão fina de rocha para lá dele que poderiam proporcionar um esconderijo

para um atirador ou um arqueiro. Seguiria pela direita, contornando a elevação de pedra a que Nomoru dera a esquerda, esperando contornar o perímetro e encontrá-la do outro lado, ou trepar até ao cimo caso não conseguisse passar.

Fazia simplesmente sentido para ele, fruto de uma lógica desenvolvida ao longo de milhares de anos de vida na selva. Um batedor podia ser mordido por uma cobra, cair numa armadilha, partir uma perna, ou ser capturado e não conseguir avisar o resto do pash no caso de os inimigos voltarem inevitavelmente ao sítio de onde o batedor partira.

Dois batedores, seguindo caminhos diferentes mas continuando a vigiar-se mutuamente, eram muito mais difíceis de surpreender e, se acontecesse algum infortúnio a um deles, o outro podia salvá-lo ou ir pedir ajuda. Era, sobretudo, mais seguro para o grupo. Tsata estava cada vez mais confuso com os incompreensíveis processos dos estrangeiros, tanto os Quraal como os Saramyr. Os seus motivos baralhavam-no. Havia tanta coisa que não se dizia na sociedade estrangeira, uma quantidade de implicações e insinuações destinadas a sugerir acordos particulares. O jogo da sedução, por exemplo: observara Saran e Kaiku a andarem de roda um do outro durante semanas a bordo do navio de Chien. Como podia ser considerado inaceitável dizer algo que ambos sabiam, admitir o desejo um pelo outro e, no entanto, ser aceitável torná-lo igualmente óbvio por meios indirectos?

Cada um deles estava tão cheio de segredos, tão fechado em si mesmo, não querendo partilhar qualquer pedaço do seu ser com ninguém. Guardavam a sua energia em vez de a distribuir, fortalecendo-se através das palavras e dos actos em prol do progresso pessoal ao invés de usarem o que tinham adquirido para beneficiar o seu pash. E assim, em vez de uma comunidade, tinham esta cultura extremamente desigual de muitos níveis sociais em que a inferioridade era conferida pelo berço, ou pela falta de haveres, ou pelos feitos do pai de um homem. Isto era de tal forma ridículo que Tsata nem sequer sabia por onde começar.

Sentira alguma afinidade com Saran, porque este se mostrara disposto a sacrificar todos os homens que o tinham acompanhado às selvas do Okhamba para sair de lá vivo. Pelo menos Tsata ainda conseguia compreender, pois ele trabalhara para o bem de um pash ainda maior, o dos Libera Dramach e do povo do Saramyr. Os outros elementos da expedição estavam unicamente interessados no aspecto monetário ou na fama. Apenas os motivos de Saran pareciam altruístas. Mas até Saran, tal como todos eles, era imensamente fechado nas suas intenções, e tentava com frequência dizer a Tsata aonde ir e o que fazer. Considerara-se o "líder" do grupo, muito embora Tsata não tivesse recebido qualquer pagamento e tivesse decidido participar de sua livre e espontânea vontade.

Era demasiado. Afastou-o do pensamento. Mais tarde, teria tempo de meditar sobre esta gente enigmática. O bloco de pedra à sua esquerda não dava quaisquer mostras de chegar ao fim e deixar que o caminho de Tsata convergisse com o de Nomoru, de modo que decidiu arriscar escalá-lo. Ficaria perigosamente exposto por

alguns momentos, mas não tinha outra solução.

Num movimento ágil, ergueu-se da corrida acocorada e saltou para um apoio de arestas irregulares na rocha, aproveitando o impulso e os seus músculos compactos para se erguer. Encontrou um apoio para o pé e içou-se até ao cimo, estendendo-se de bruços no cimo da superfície de pedra rugosa. Na selva da sua pátria, a pele amarelada e as tatuagens verdes serviam-lhe de camuflagem; agora sentia-se desconfortavelmente visível. Rastejou rapidamente sobre a rocha até ao outro lado, mantendo-se junto da parca vegetação que ali despontava. As luas em fase crescente olharam-no no momento em que a luz desaparecia do céu para ser substituída por um brilho pálido esverdeado.

Encontrava-se no cimo de um espinhaço estreito. Lá em baixo à sua esquerda, havia uma saliência perto, seguindo os contornos do espinhaço até descer subitamente para uma pequena clareira, que era rematada em três lados por outros rebordos de terra. Pôde ouvi-los e sentir o seu cheiro antes de ver os homens deslocando-se pela saliência até ao sítio onde Kaiku e Yugi aguardavam. Eram dois. Envergavam uma curiosa mistura de vestuário preto solto e armadura de couro escuro, e os seus rostos estavam artificialmente empoados de branco, com tinta de cor roxa à volta dos olhos.

As roupas, o cabelo e a pele apresentavam-se sujos e listrados com uma espécie de pintura de guerra azul-escura, e estavam desgrenhados e fediam a um incenso que Tsata reconheceu como ritasi, uma flor de cinco pétalas que, segundo apurara, os Saramyr costumavam queimar nos funerais. Traziam espingardas de fabrico primitivo e pouco fiável, coisas pesadas e enegrecidas e, na cinta, espadas curvas. Tsata mudou a sua própria espingarda, suspensa das costas por uma tira e desembainhou os seus kntha do cinto. Os kntha eram armas okhambanas, criadas para o combate corpo-a-corpo nas selvas, onde as espadas mais compridas eram difíceis de manejar e susceptíveis de se embrulhar nas lianas. Eram constituídas por um cabo de couro atado com um guarda-mão de aço e duas lâminas retorcidas com trinta centímetros de comprimento, saindo da parte de cima e de baixo do cabo. As lâminas curvavam delicadamente mas desencontradas uma da outra, mais ou menos a meio do comprimento, afunilando numa aresta perigosa.

Os kntha eram usados aos pares, um para parar e o outro para golpear, perfazendo um total de quatro lâminas com que atacar o adversário. Requeriam um estilo de combate particularmente manhoso para serem usados com eficácia. O povo saramyr tinha uma designação para eles que era mais fácil de recordar do que o okhambano: ganchos de estripar.

Desceu para a saliência como um felino, a sua aterragem silenciosa. Os Tkiurathi desdenhavam qualquer espécie de ornamentação que pudesse fazer barulho, pois a sua habilidade residia na acção furtiva. Os dois homens, atentos ao seu rastejar inepto, não o ouviram vir por detrás deles. Foram presa fácil. Apanhou-os de surpresa, precipitando-se para o pescoço do mais à direita, distribuindo uma

parte suficiente do peso do corpo para a retaguarda a fim de decapitar facilmente o homem. Retalhou o outro com a mão esquerda quando se virou para o golpe; apanhou-o em cheio na garganta, não sendo suficiente para decapitá-lo, mas chegando para avançar pelo músculo grosso e alojar-se-lhe na espinha.

Quando o primeiro homem caiu, Tsata apoiou com força o seu sapato de pele de animal no peito do segundo homem e usou-o como alavanca para libertar o seu gancho de estripar. Veio atrás uma espuma vermelha fumegante, seguida de um jorro de sangue coagulado da ferida que se espalhou pelo peito da vítima. Tsata recuou e viu-o cair pesadamente no solo, o seu corpo não parecendo ainda aperceber-se de que morrera, o coração bombeando espasmodicamente durante a queda.

Satisfeito por a maior parte do seu pash estar a salvo, os seus pensamentos convergiram imediatamente para Nomoru. Limpou o sangue das lâminas e do seu colete de cânhamo sem mangas de modo a evitar que o inimigo recebesse qualquer aviso olfactivo, e depois avançou pela saliência na direcção que os homens haviam seguido. Encontrou-a na clareira funda na extremidade da saliência. Estava de costas para uma parede, virada para ele. Havia mais dois com ela, um com o punhal junto ao queixo dela, o outro segurando uma espingarda e perscrutando a orla. À luz final do dia, Tsata era quase invisível enquanto observava da sombra do espinhaço rochoso. Procurou rapidamente sinais de quaisquer outros nas imediações, mas não havia nenhuns, nem sequer sentinelas nem vigias nos pontos altos à volta da clareira. Não eram guerreiros, por muito que se arrogassem.

A sua prioridade era o homem com o punhal na garganta de Nomoru. Bem gostaria de o eliminar silenciosamente, mas o risco era demasiado grande. Preferiu esperar até que nenhum estivesse a olhar para ele, depois fez pontaria com a espingarda. Estava precisamente a ponderar as possibilidades de atingir o homem sem que ele esfaqueasse Nomoru num gesto reflexo quando a batedora o avistou com um movimento infinitesimal dos olhos.

Um instante depois, olhou de novo para ele, intensamente. Propositadamente. O homem que a guardava carregou o cenho quando se apercebeu. Ela fitou demoradamente Tsata, os seus olhos instando-o.

Tsata susteve o tiro. Esperta. Estava a tentar desviar a atenção do inimigo de si.

— Pára de fingir, tola - protestou o homem. — Não sou idiota. Não me vais obrigar a desviar o olhar. — E dito aquilo, bateu-lhe.

Mas teve de desviar o punhal alguns centímetros para o fazer, e, no instante em que o fez, Tsata rebentou-lhe os miolos com um tiro de lado na cabeça.

O último homem virou-se com um grito, levantando a sua arma; mas Tsata descia já sobre ele, enfiando a coronha da sua arma no maxilar do homem. A espingarda do inimigo disparou sem querer quando ele caiu, e um segundo golpe de Tsata rachou-lhe o crânio.

Os ecos dos disparos espalharam-se pela Falha e pela noite que se aproximava.

Houve uma pausa quando Nomoru e Tsata olharam um para o outro no escuro, e depois Nomoru virou-se e apanhou a sua espingarda e o punhal que lhe fora tirado.

— Eles virão — disse, sem o olhar nos olhos. — Virão mais deles. Temos de ir.

CAPÍTULO 14

Escoriações de resvalarem pelas vertentes íngremes de xisto, e o esforço cansara-os, pois Nomoru impusera um ritmo implacável durante mais de uma hora. Parecia furiosa, conquanto fosse difícil afirmar se consigo própria ou com eles. Levou-os aos limites, guiando-os até às profundezas da Falha, onde a terra escura se erguia a toda a volta deles.

Por fim, decidiu efectuar uma paragem numa clareira redonda e verdejante que parecia brotar de lado nenhum no meio da rocha sem vida que a delimitava. Estendia-se pelo solo uma bruma fria e húmida, não obstante o calor da noite, um verde-pérola triste à luz das luas na fase de crescente. A clareira descia por uma estreita vertente de colina a oeste, mas o que quer que lá existisse ficava encoberto pelos contornos da terra.

Yugi e Kaiku atiraram-se para a erva. Tsata acocorou-se ali próximo. Nomoru andava para cá e para lá, agitada.

— Ó deuses, era capaz de adormecer já — declarou Yugi.

— Não podemos ficar aqui. Só fazer um descanso — respondeu bruscamente Nomoru. — Não queria vir por aqui.

— Vamos continuar? — indagou Kaiku, incrédula. — Estamos a caminhar desde a alva!

— Porquê cansar-nos desta maneira? Não há pressa — voltou Yugi a recordar-lhes.

— Eles estão a seguir-nos — referiu Tsata. Quando Yugi e Kaiku olharam para ele, indicou com uma inclinação da cabeça o sítio de onde tinham vindo. — Estão a chamar uns pelos outros. E estão cada vez mais próximos.

Yugi coçou a nuca.

— Persistentes. Que maçada. Quem são?

Nomoru estava apoiada numa superfície de rocha, de braços cruzados.

— Não sei o nome deles. É um culto de Omecha. Não como nas cidades. Estes são muito extremos. Acham que a morte é o sentido da vida. — Agitou uma mão, para afastar a ideia. — Sacrifício de sangue, rituais de mutilação, suicídio votivo. Estão ansiosos pelas próprias mortes.

— Nesse caso, espero que Tsata tenha sido uma agradável surpresa para eles — comentou Yugi com sarcasmo, sorrindo ao Tkiurathi. Tsata soltou uma gargalhada, sobressaltando-os a todos. Nenhum deles o ouvira rir antes; até ali, afigurara-se completamente desprovido de humor. Era inexplicavelmente estranho. De certa forma, estavam a contar que a sua expressão de júbilo fosse diferente da gargalhada dos Saramyr.

Nomoru não apreciou o comentário. Já estava furiosa consigo mesma por ter sido capturada e, de uma forma perversa, estava também aborrecida com Tsata por a ter salvo.

— Não era suposto eles estarem aqui — afirmou grosseiramente. — Há uma semana havia outros diferentes. Devemos ter passado por eles. Não deram muita atenção.

— Talvez os tenham expulsado — sugeriu Yugi.

Ela deitou-lhe um olhar carrancudo.

— Não queria vir por aqui — voltou a dizer.

Kaiku, que estava a comer um pedaço de pão de especiarias que tirara da mochila a fim de repor parte das energias, olhou para ela.

— Por que não? — indagou enquanto mastigava um bocado de comida. — O que fica nesta direcção?

Nomoru pareceu ir dizer algo, uma expressão assustada no olhar; depois arrependeu-se.

— Não sei — respondeu. — Mas sei que não devia vir por aqui.

— Nomoru, se ouviste alguma coisa sobre este lugar, então conta-nos! — pediu Kaiku. A reticência dela era mais alarmante do que se tivesse falado.

— Não sei! — voltou a dizer. — A Falha está cheia de histórias. Ouço-as todas. Mas há maus rumores sobre o sítio para onde vamos.

— Quais rumores? — insistiu Kaiku, afastando a franja do rosto e olhando Nomoru com dureza.

— Maus rumores — respondeu a batedora, obstinadamente, retribuindo o olhar.

— Seguir-nos-ão até ali? — inquiriu Yugi, experimentando uma abordagem diferente.

— Não, se tiverem algum juízo — disse Nomoru; depois, farta de perguntas, mandou-os calar. — Temos de ir. Eles estão a ficar próximos.

Yugi olhou para Tsata, que o confirmou com uma sinistra inclinação da ponta do queixo. Pôs-se em pé, e estendeu uma mão a Kaiku para a ajudar a fazer o mesmo.

Tinham as pernas doridas, mas não tanto quanto estariam no dia seguinte.

— Temos de ir já — impacientou-se Nomoru, e começou a descer a estreita vertente verdejante em direcção àquilo que ficava do outro lado.

A inclinação desembocava suavemente num paul amplo e plano; uma longa passagem estreita ladeada por paredes de granito preto que escorria e esparrinhava com milhares de minúsculos cursos de água. O ar estava inexplicavelmente frio; os viajantes sentiram a pele arrepiar-se ao descerem. Montes de erva e moitas irregulares erguiam-se como ilhas acima da bruma desoladora e lúgubre rente ao solo.

Estranhos líquenes e fetos raiavam as paredes escuras ou dispersavam-se do lodaçal, manchas escuras em verde, vermelho e púrpura. Sob o brilho desolador de Aurus e Neryn, apresentava-se sombrio e silencioso, importunado apenas pelos esporádicos gritos ou coaxos de alguma criatura invisível.

O terreno sob os pés tornou-se cada vez mais-húmido, e a água cobria as pegadas das botas deles. Quando a vertente se nivelou o suficiente para transformar no fundo do paul, Yugi expressou a sua apreensão em o atravessarem sequer. Nomoru ignorou-o. Os sons dos seus perseguidores a gritarem uns aos outros no escuro, em algum obscuro palavreado sagrado, foram a única resposta que ela precisou de dar. Apesar de o ar à volta deles parecer abafar o som e o rasto dos sapatos, era evidente que os cultistas não se encontravam muito longe.

Continuaram a avançar pelo paul, e a bruma incomodada envolvia-lhes as pernas e subia-lhes obstinadamente até aos joelhos. A água encontrara já formas de lhes entrar nas botas, e os seus pés faziam barulho a cada passo. Arrastavam-se em fila única, a lama sugando-os numa tentativa de os privar do calçado. Tsata vinha na retaguarda, a espingarda nas mãos, observando com frequência a vertente até à clareira lá atrás, onde esperava ver aparecer a qualquer momento as figuras sujas.

— Estamos demasiado expostos aqui — disse.

— Por isso nos apressamos — respondeu Nomoru laconicamente, depois tropeçou e praguejou. — Eles nunca nos atingirão se estivermos bem lá à frente.

Não fazia sentido estar com discussões naquele momento, de maneira que prosseguiram penosamente pelo paul lúgubre o mais rapidamente que podiam, atrás de Nomoru. Ela parecia estranhamente segura dos seus passos, e muito embora um passo em falso os lançasse no lodaçal que havia de cada lado dos caminhos que ela escolhia, desde que continuassem a seguir as pegadas dela, encontrar-se-iam em terreno relativamente sólido.

De repente, Tsata deu um estalido com a língua, um ruído extraordinariamente sonoro que fez sobressaltar Kaiku.

— Eles estão aqui — anunciou.

Nomoru olhou para trás. No cimo da vertente: quatro homens e uma mulher, dois com espingardas. Gritavam aos companheiros que não estavam visíveis. Enquanto observava, um dos homens armados apontou e disparou. O estampido estridente foi engolido pelo ar denso do paul. Kaiku e Yugi baixaram-se automaticamente, mas o tiro não passou perto deles. Nomoru voltou atrás pela fila até onde Tsata se encontrava, tirando a espingarda do ombro. Pela primeira vez, Kaiku apercebeu-se de quão incôgrua era a arma em comparação com a mulher que a carregava.

Enquanto Nomoru era magricela, mal-encarada e grosseira, a espingarda era algo belo, a coronha e o corpo em laca preta brilhante, com minúsculas inscrições douradas, e um entalhe espiralado em prata ao longo do cano.

— Parem de se preocupar — disse a Kaiku e Yugi, quando outro cultista disparou e eles se encolheram para escapar ao tiro. — Eles nunca nos vão atingir. Estamos fora do seu alcance.

— Então o que estás a fazer? — indagou Yugi. Ficarem parados num descampado enquanto alguém disparava sobre eles, por maior que fosse a distância,

era extremamente enervante; no entanto, não ousavam mover-se sem que Nomoru os conduzisse, pois adquirira já um enorme respeito pelos perigos do paul.

Nomoru apoiou a espingarda no ombro, apontou e premiu o gatilho. Um instante depois, um dos cultistas caiu, atingido na testa.

— Mas não estão fora do meu alcance — disse. Puxou o fecho para trás para recarregar a espingarda, virou o cano uma fracção para a esquerda e voltou a disparar. Tombou outro cultista.

— Ó vida... — murmurou Yugi, espantado.

Os restantes cultistas recuavam agora apressadamente, voltando para a clareira e desaparecendo.

— Assim já têm algo em que pensar—disse Nomoru, pondo a espingarda ao ombro. — Vamos.

Encaminhou-se para o começo da fila e avançou em frente. Os outros seguiram-na o melhor que puderam. Passado pouco tempo, Kaiku começou a sentir uma mudança. A princípio, foi demasiado subtil para a identificar, apenas uma sensação de mal-estar. Foi crescendo gradualmente, até os pêlos finos dos braços dela se eriçarem. Olhou para os outros a fim de ver se algum partilhava do seu desconforto, mas ninguém evidenciava qualquer sinal. Tinha a sensação levemente irreal de estar isolada dos seus companheiros, de existir num nível diferente do deles, como se fosse um fantasma que eles não tinham capacidade de ver, tocar ou com o qual não podiam sequer interagir. O kana agitou-se dentro de si.

A sensação emanava do paul, do próprio solo que pisavam. Uma sensação de consciência intensificando-se a cada passo, como se a terra despertasse lentamente à volta deles. E com essa consciência, malevolência.

— Esperem — disse, e eles pararam. Iam a meio do paul, longe de qualquer local seguro, e a sensação continuava a crescer, o mal colossal e fétido que parecia vir do ar. — O deuses, esperem. O paul... há algo no paul... — A voz dela pareceu branda, fraca e como se em transe, e os seus olhos estavam desfocados.

Como se o seu aviso fosse um sinal, houve uma rajada súbita de vento malcheiroso, trazendo a bruma rasteira até acima das suas cabeças. O vento passou, desaparecendo tão rapidamente quanto surgira; mas o vapor ficou a pairar ali, um véu branco esfumado que transformou o mundo que os rodeava numa sombra cinzenta. De uma perspectiva ampla no comprimento e na largura do paul, viram a sua visão subitamente reduzida, e a sensação de clausura foi alarmante.

— O que ouviste sobre este lugar, Nomoru? — inquiriu Tsata, de repente.

— Era o único caminho que podíamos seguir— respondeu ela, na defensiva. — Não passavam de rumores. Não sabia que eles...

— O que ouviste dizer?

A voz calma do Tkiurathi raramente se alterava, mas a sua frustração perante a atitude de Nomoru estava a aumentar demasiado. Ela era uma completa solitária, desaparecendo sozinha sem dizer a ninguém porquê, guardando ciosamente as

informações em vez de as partilhar para que pudesse manter o controle do grupo, divulgando os conhecimentos consoante lhe convinha. Era um anátema para Tsata. E agora as suas evasivas estavam a pôr em risco o pash, e isso era intolerável. Se necessário, ameaçá-la-ia para descobrir o que sabia.

O silêncio reinou por um momento, um conflito de vontades entre ambos. Por fim, foi Nomoru a ceder.

— Demónios — disse, com irritação. — Ruku-sbai.

Um ressoar distante atravessou a bruma, como paus ocos a baterem uns nos outros, atingindo um crescendo e depois diminuindo.

Yugi soltou um suspiro, transformando-o numa desagradável imprecação.

— Era o único caminho que podíamos seguir — repetiu Nomoru, desta vez mais baixo. — Não acreditei nos rumores.

Yugi passou a mão pelo cabelo, exasperado, compôs a faixa atada à volta da testa e deitou-lhe um olhar indignado.

— Leva-nos daqui para fora — ordenou.

— Não sei para que lado é fora — exclamou, fazendo um movimento com a mão para abranger a escuridão que os envolvia.

— Adivinha! — berrou Yugi.

— Para ali — afirmou Tsata, cheio de calma. Não se desorientara, pois não se movera desde que a bruma se instalara.

— Eles vêm aí! — avisou Kaiku, olhando à sua volta em pânico. As suas íris tinham escurecido do castanho para um tom vermelho mais carregado e profundo.

Não perderam mais tempo. Nomoru tomou a dianteira, seguindo a indicação de Tsata, e avançou pelo paul o mais depressa que ousou. A bruma não era suficientemente densa para impossibilitar a visão de objectos próximos, mas a sua acumulação ao longe transformava tudo para lá de seis metros numa mancha indistinta. Avançavam pela imundície em longas passadas, os olhos e os ouvidos alerta.

O ruído vinha agora de todos os lados, uns estalidos rítmicos que iam do lento e sinistro ao rápido e agressivo. A névoa destruía qualquer esperança que tivessem de o localizar. Seguiam com as armas a postos, sabendo que o ferro numa bala de espingarda era o único recurso que tinham contra os demónios, sabendo também que apenas os conseguiria dissuadir.

— Kaiku — disse Yugi atrás dela. Não pareceu ouvi-lo; o seu olhar fitava algo para lá do que eles conseguiam ver. — Kaiku! — chamou de novo, colocando-lhe a mão no ombro.

Ela olhou-o subitamente, como se sacudida de um sonho.

Tinha os olhos esgazeados, e tremia. Recordava outros demónios, e o terror que sofrera às mãos deles.

— Kaiku, precisamos de ti — disse Yugi, olhando-a intensamente. Não deu mostras de compreender. De repente ele sorriu, inesperadamente, e afastou-lhe o

cabelo que lhe pendia de um lado do rosto. — Precisamos que nos protejas. És capaz de fazer isso?

Ela examinou-lhe o rosto durante um segundo, depois anuiu rapidamente. O sorriso dele alargou-se encorajadoramente, e deu-lhe uma palmada sociável no braço.

— Linda menina—disse, usando um diminutivo afectuoso que Kaiku teria achado insultuosamente paternalista em qualquer outra circunstância. Agora, porém, pareceu-lhe estranhamente encorajador.

— Venham! — gritou Nomoru lá da frente, e eles apressaram-se a alcançá-la.

Kaiku estava num mundo diferente dos outros. Entrara na Teia, mantendo-se a um nível intermédio entre a esfera dos sentidos e a misteriosa tapeçaria que se estendia por debaixo da visão humana.

Mas as suas elevadas percepções abriam-na a mais sensações do que o simples medo que os outros tinham de enfrentar. Roçou pela enormidade das mentes demoníacas, os caminhos sem dimensão dos seus pensamentos, e ela ameaçou esmagá-la. Fez um esforço para a manter afastada, não se deixar resvalar daquele ponto crítico para o vazio escancarado que a esperava caso tentasse compreendê-la.

Isto nada tinha a ver com o momento em que vislumbrara o mundo das Filhas das Luas. Kaiku sentira-se então acabrunhada com a sua própria insignificância, como era minúscula ao pé daquela consciencialização incompreensível. Os ruku-shai não se aproximavam sequer do poder daqueles espíritos terríveis, mas odiavam, e vacilou ante semelhante força. De momento era alvo de toda a atenção deles. De acordo com a lenda do Saramyr, aqueles demónios eram almas impuras condenadas à forma corpórea devido a ofensas terríveis em vida contra os deuses; não estavam nem vivos nem mortos, mas antes obrigados ao tormento do limbo. Todavia, naquele momento, Kaiku sabia que isso não era verdade, que o seu povo nunca teria conhecimento das origens deles, pois estavam tão distantes dos humanos que era impossível acreditar que alguma vez tivessem andado na terra, que tivessem amado, perdido, sorrido e chorado como ela fizera.

Conseguiu ver através da bruma, através dos fios de ouro brilhantes em indolentes turbilhões; e ali avistou os demónios a sair da lama, as suas formas um emaranhado negro e nodoso na pureza da Teia. Não logrou distinguir pormenores, mas as formas deles eram claras para si. Tinham corpos sinuosos e serpentiformes, terminando em caudas pontiagudas tipo cordão. Seis pernas esguias irradiavam dos seus baixos-ventres, espetando para cima e para fora e depois entortando para baixo numa articulação do joelho com pontas. Avançavam lentamente, andando lá no alto com exagerado cuidado, apoiando delicadamente as patas dianteiras unguladas.

E o tempo todo, ouvia-se aquele ruído horrível ao estalarem os ossos na garganta, comunicando na sua linguagem medonha.

— São três — disse, depois tropeçou e afundou-se até à altura das coxas na

poça salobra de água malcheirosa. Tsata agarrou-a por baixo dos braços antes que se enterrasse mais, e levantou-a como se não pesasse nada. — Estão ali três — disse, sem fôlego.

— Onde? — perguntou Tsata, incitando-a mais uma vez ao movimento.

— A nossa esquerda.

Yugi olhou para lá automaticamente, mas havia apenas a mortalha cinzenta da bruma. Nomoru continuava a avançar, quase demasiado lá adiante para ver.

— Nomoru, espera! — gritou-lhe, e depois chegou lá da frente uma imprecação explosiva de exasperação. Quando a alcançaram, estava furiosa; mas via-se agora que a raiva era apenas uma fina película que escondia o medo puro que borbulhava por debaixo e ameaçava transbordar. Assim que se aproximaram o suficiente, pôs-se de novo em movimento, impondo um ritmo cruel.

— A que distância estamos da beira do pântano? — perguntou Yugi a Kaiku.

— Demasiado longe — respondeu. Sentia os demónios a avançar para eles sem pressa, satisfeitos por os deixar estafar-se, quais cães perseguindo um antílope. Andavam a pé desde a alva, e isso era visível nos seus passos cansados e tropeções frequentes. Os ruku-shai só tinham de esperar e escolher o momento.

E consciencializando-se disso, parou. No passado, fugira de outros demónios, dos implacáveis shin-sbin. Passara dias e noites a esconder-se dos Aberrantes nas Montanhas Lakmar em Fo, rastejando e comprimindo-se. Andara furtivamente pelos corredores de um mosteiro dos Tecedores temendo ser descoberta. Sempre correndo, esgueirando-se, evitando a atenção de seres mais poderosos do que ela. Mas isso fora antes de Cailin a ter ensinado a usar o seu kana, antes de a preparação o ter transformado numa arma que podia manejar em vez de algo arbitrário e destruidor.

Já não estava tão indefesa.

— E agora? — gritou Nomoru.

Kaiku ignorou-a, virando o rosto para a bruma desorientadora e os demónios mais além que se aproximavam com o seu andar lânguido e afectado. As íris dela escureceram para vermelho-sangue e um vento sacudiu-lhe o cabelo e agitou-lhe as roupas, afastando momentaneamente o vapor sinistro.

— Não vou fugir — disse, enchendo-se de repente de temeridade. — Temos de aguentar.

O kana brotou dela, um milhão de fios finos e fibrosos a enrolar-se no diorama dourado da Teia, invisível aos olhos dos seus companheiros. A barreira embateu no ruku-shai mais próximo, e a consciência de Kaiku veio atrás. Foi como se mergulhasse em alcatrão gélido e fétido. Durante algumas fracções de segundo - muito embora no universo da Teia parecessem minutos - sentiu-se sufocar, os seus sentidos presos na maldade enfastiante do demónio, debatendo-se em pânico ante a brutalidade desconhecida da sensação; e depois os seus instintos assumiram o controle, e encontrou o rumo e orientou-se.

O demónio ficara tão confuso quanto Kaiku ao ser apanhado desprevenido pelo ataque, mas a vantagem perdera-se neste momento, e enfrentaram-se em pé de igualdade. Nada na aprendizagem ministrada pelas Irmãs a podia ter preparado para isto. Nada na sua defesa cuidadosamente orquestrada se aproximara da sensação frenética de encontrar outro ser num combate dentro da Teia. Uma parte de si julgara-se simplesmente capaz de despedaçar o demónio, rasgar as suas fibras numa explosão de chamas tal como fizera a vários outros infelizes que se tinham atravessado no seu caminho antes de o poder se manifestar; mas não era tão fácil assim liquidar demónios e espíritos. Defrontaram-se num emaranhado complexo de fios, separando-se e voltando a envolver-se um no outro como um novelo de serpentes a perseguir as caudas umas das outras. O demónio procurou seguir o rasto dos fios até ao corpo dela, onde poderia começar a afectá-la; desenvolveu um esforço para o despistar, enquanto tentava simultaneamente fazer o mesmo. De repente, ela estava em todo o lado, a sua mente fracturada e seguindo mil ínfimos conflitos diferentes, atando um fio aqui para bloquear a negrura em aproximação que se escapulira por ele, saltando então entre as fibras e procurando pontos fracos nas defesas do demónio. Recorreu a truques que Cailin lhe ensinara, verificando, para sua surpresa, que lhe ocorriam como se toda a vida os tivesse conhecido.

Partiu e fundiu fios para formar voltas que faziam o ruku-shai avançar sobre si mesmo; criou rasgões confusos na estrutura do campo de batalha que o inimigo era obrigado a contornar enquanto enviava dardos de kana para devastar as defesas internas dele.

Simulou ataques e sondou, ora puxando todos os seus fios num molho, ora dispersando-os e ocupando o demónio em múltiplas frentes ao mesmo tempo. Sentia a cada contacto o fedor negro e quente do inimigo, a assustadora singularidade do seu ódio. Vezes sem conta se viu obrigada a recuar para costurar um buraco que o ruku-shai abrisse, para cercar os seus avanços rápidos antes que a conseguisse alcançar e tocar-lhe com a terrível energia por que era constituído. Encolheu-se diante dele, contra-atacou-o e expulsou-o, depois foi por sua vez expulsa só pela presença dele. O demónio recorreu a manobras diferentes daquelas em que as Irmãs a haviam instruído, padrões de lógica diabólica que nunca lhe teriam sequer ocorrido.

E, no entanto, estiveram à altura um do outro. A luta deles pendeu ora para um lado ora para o outro, mas na essência ficaram empatados. E aos poucos, Kaiku foi-se acostumando ao conflito. Os seus movimentos tornaram-se um pouco mais seguros. Sentiu que hesitava menos, e tinha mais controle. Se o demónio a tivesse atacado com toda a sua força de início, poderia ter sido derrotada; mas começava agora a aprender os modos de agir dele, pois os seus métodos eram escassos e repetidos com frequência. Descobriu com intenso prazer que era capaz de detectar os truques do demónio e evitá-los.

As incursões do ruku-shai nas defesas dela tornaram-se menos frequentes.

Apercebeu-se de que, apesar de não ter sido posta à prova, era mais rápida e mais ágil nos filamentos da Teia do que a criatura que enfrentava, e só a inexperiência dela lhe permitira que ainda lhe fizesse frente passado todo este tempo. Começou a achar que era capaz de vencer. Reuniu os fios sob o seu controle numa faixa compacta e subiu em espiral em direcção ao céu, arrastando consigo o inimigo como a cauda de um cometa. Atraiu o demónio com rapidez até uma altura vertiginosa, mantendo-o preso com ganchos e voltas, e ele ficou perplexo com esta estranha ofensiva e reagiu com lentidão. Seguindo-o com ataques rápidos, afastou a atenção dele do núcleo da sua própria consciência; depois, com extrema agilidade, cortou-lhe os apoios e desceu a pique, saltando para fios diferentes e vindo a correr na direcção do corpo do demónio, invertendo por completo a frente de combate.

O ruku-shai, apercebendo-se de que fora engodado para longe do lugar que era suposto estar a defender, seguiu o mais rapidamente possível. Mas Kaiku usou agora toda a sua rapidez, e o inimigo não foi suficientemente célere. Destruiu as defesas interiores dele como uma onda gigantesca, utilizando a plena força do seu kana, e elas desmoronaram-se. Depois entrou, percorrendo as fibras do corpo físico do ruku-sbai, queimando-o através dos músculos e veias, espalhando-se por cada parte daquela fisiologia desconhecida.

Não havia mais tempo para subtilezas. Instalou-se simplesmente lá dentro, e desfez o nó preto da essência dele. O demónio deixou escapar da garganta um barulho inumano ao ser rebentado por dentro. Saiu-lhe uma nuvem de fogo pela boca, os membros e o ventre distendidos, e depois explodiu em pedaços flamejantes de tendão e cartilagem. Kaiku sentiu a raiva e a dor da sua morte inundá-la ao retirar o seu kana, uma sacudidela na Teia que a deixou atordoada pela sua intensidade. Voltou de repente à realidade, o seu kana recuando de novo para as profundezas do seu corpo, distanciando-se da repercussão do fim do demónio.

Pestanejou, e de repente já não via a Teia, mas a bruma cinzenta, e os seus companheiros a olharem para o brilho abafado da chama que de repente a iluminou num lado. Talvez tivesse decorrido um segundo para eles, se tanto; mas Kaiku sentia-se como se tivesse travado uma guerra sozinha.

O júbilo momentâneo de sair vitoriosa daquela guerra desapareceu quando ouviu o galope rítmico dos demónios em aproximação. Vencera um, mas os seus companheiros estavam enraivecidos, e já não se contentavam em esperar pela presa. O ruído que faziam adquiriu um tom mais áspero que feria os ouvidos. As cortinas frias e húmidas de vapor coalesceram em duas sombras monstruosas. Não tinha tempo de voltar a acumular o seu kana antes de os ruku-shai os alcançarem. Irromperam da bruma sinistra, as seis pernas impelindo-os numa estranha corrida de articulações duplas. Tinham dois metros e dez de altura desde os pés de cascos perversos até à crista nodosa das espinhas, e mais de três metros e sessenta de largura, a cor um monótono cinzento-esverdeado. Os seus torsos eram uma massa de ângulos, placas de armadura óssea a cobrir-lhes os flancos e o dorso.

Cresciam-lhes altos pronunciados e pontas como uma camada de espinhos, manchados de lama fétida e arrastando bocados dispersos de algas do paul. As cabeças estavam identicamente revestidas à volta dos olhos amarelos encovados e da testa, e quando abriam as mandíbulas, estendia-se uma camada de pele fina cadavérica aos lados da boca.

Caíram sobre o grupo, apanhando-os desprevenidos com a sua rapidez inesperada. Kaiku atirou-se para o lado quando um deles passou ameaçadoramente por si, sacudindo a cauda numa névoa junto à sua cabeça. Caiu desamparada, tropeçando num aglomerado de erva alta e estendendo-se ao comprido sobre uma nojenta extensão de lama sugante. O atacante parou perto, empinando-se nas quatro patas traseiras, e levantando as da frente como um louva-a-deus, penetrando-a com um olhar mortífero. Depois ouviu-se uma espingarda, e a bala desfez a couraça no focinho dele. O demónio recuou, e Kaiku sentiu o braço de Yugi no seu, ajudando-a a pôr-se em pé. Equilibrou-se mesmo a tempo de avistar o outro ruku-shai por cima do ombro de Yugi. Empinara-se também na posição do louva-a-deus, e Kaiku viu-o, com horror, desferir um golpe em Tsata com a pata dianteira ungulada, mais depressa do que a vista conseguia acompanhar, enviando o Tkiurathi a rebolar num jorro de sangue até cair num montículo pantanoso.

Um instante depois, atacou-os.

— Yugi! Atrás de nós! — exclamou, mas era tarde de mais. A cauda tipo corda do demónio atingiu Yugi nas costelas quando ele se virou para reagir ao aviso dela. Soltoou um suspiro e caiu para a frente sobre Kaiku, os seus músculos perdendo de imediato a tensão. Ela apanhou-o automaticamente; depois ouviu outro disparo de espingarda, e a rosnadela furiosa e ruidosa de um demónio. Livrou-se do peso morto de Yugi, registando momentaneamente que o demónio que o atingira se debatia agora em agonia com uma ferida no pescoço, onde a espingarda de Nomoru lhe penetrara na armadura.

Mas o ruku-shai que a atacara primeiro erguia-se agora, as patas dianteiras estendidas diante de si e a boca aberta, presas tortas e partidas unidas por fios de saliva amarela quando se afastavam. Vinha-lhe um chocalhar sinistro do fundo da garganta.

Teve apenas um instante para agir. Com um esforço desesperado da vontade, controlou o seu kana de dentro e, estendendo a mão para o demónio, projectou-se num ataque furioso. A Teia irrompeu de vida à volta dela quando concentrou as suas energias num foco restrito, penetrando nas defesas do demónio como uma agulha ao coser, não sobrando nada para se proteger. O ruku-shai não foi suficientemente rápido para montar um contra-ataque eficaz, vencido pela audácia suicida da manobra, e Kaiku atacou o seu âmago no espaço de um piscar de olhos e desfê-lo.

A força da explosão queimou-lhe o rosto enlameado quando o demónio foi destruído. Algures atrás de si, Nomoru praguejava, desagradáveis palavras blasfemas num dialecto vil dirigido ao último demónio enquanto disparava sucessivamente,

voltando a carregar entre cada bala ao desferir tiro atrás de tiro na criatura. Ignorando Yugi, Kaiku afastou-se dos restos em chamas da sua vítima e veio a custo em auxílio da batedora.

Nomoru estava debruçada sobre a forma de Tsata no montículo, mantendo o ruku-shai à distância. De cada vez que o atingia, a criatura contorcia-se de dor enquanto o ferro na bala da espingarda lhe queimava a carne; mas ele voltava sempre a atacá-la, e as munições de Nomoru não durariam eternamente. Kaiku gritou em desafio. Avançava penosamente pelo paul em direcção a ele, as suas íris de um vermelho-escuro e a expressão sinistra. A visão da sua aproximação roubou ao demónio o que restava do seu espírito e, com um ruído derradeiro, embrenhou-se na bruma. Nomoru apertou o gatilho para um último tiro, e a sua espingarda disparou em seco. A pólvora de ignição acabara. Olhou para Kaiku com uma expressão vaga, não revelando nada; depois acocorou-se ao lado de Tsata e virou-o.

— Acode ao outro — disse a Kaiku, sem erguer o olhar. Kaiku fez o que ela mandara. O ar estava a ficar menos opressivo, o mal distanciando-se como um sopro exalado, a bruma dissipando-se à volta deles. Sentia-se entorpecida.

Os demónios tinham partido, mas estava esgotada do cansaço, e a súbita ausência da adrenalina no seu sistema deixou-a a tremer. Yugi estava estatelado de bruços, a camisa rasgada no sítio onde a cauda do ruku-shai o atingira. O sangue brotava lá de baixo. Kaiku ajoelhou-se a seu lado, com o coração apertado. Tirou-lhe a mochila, depois virou-o e sacudiu-o. Como não obtivesse qualquer reacção, voltou a sacudi-lo, a cabeça oscilando de um lado para o outro ao fazê-lo. A perplexidade transformou-se em alarme. Ele não fora atingido com força. O que se passava com ele? Não aprendera a lidar com ervas ou a curar; não sabia o que fazer. Os amortecedores da exaustão não foram suficientes para eliminar o novo horror que brotava dentro de si. Yugi era seu amigo. Por que não acordava?

Omecha, ceifeiro silencioso, não me tiraste já o suficientes, orou, cheia de azedume. Deixa-o viver!

— Veneno — disse uma voz junto ao ombro dela, e virou-se e viu Tsata acocorado junto de si. Tinha o rosto ensanguentado de um golpe fundo, e o olho direito inchado e fechado.

Quando falou, os seus lábios equimoseados emitiram uns estalidos.

— Veneno? — repetiu Kaiku.

— Veneno do demónio — disse Nomoru, de onde se encontrava sobre eles.
— Os ruku-shai têm ferrões nas caudas.

Kaiku ficou a olhar fixamente para o rosto do homem caído, que ia adquirindo cada vez mais um tom púrpura-escuro enquanto fitavam. Tsata colocou os dedos na garganta de Yugi, procurando as pulsações. Kaiku desconhecia semelhante procedimento. Não fazia parte da educação de uma rapariga nobre.

— Ele está a morrer — afirmou Tsata.

— É tarde de mais para retirar o veneno.

A bruma voltara agora quase para junto do solo, e, numa parte periférica da sua mente, Kaiku apercebeu-se de que tinham percorrido três quartos do paul. Os cultistas do outro lado haviam desaparecido.

— Tira-o — disse Nomoru. Kaiku levou algum tempo a perceber a quem se estava a dirigir.

— Não sei como se faz — murmurou. Não confiava o suficiente no poder dentro de si. De repente, sentiu uma profunda mágoa por todos aqueles anos em que desprezara os conselhos de Cailin para que estudasse, aprendesse a dominar o seu kana. Aplicá-lo como uma arma era uma coisa, mas usá-lo para curar era outra completamente diferente.

Quase matara Asara antes com ele.

E mais tarde, quase matara Lúcia, tudo devido à sua falta de controle. Não queria sobre os seus ombros o peso da culpa pela morte de Yugi, recusava essa responsabilidade.

— És uma aprendiz — insistiu Nomoru. — Uma aprendiz da Ordem Vermelha.

— Não sei como se faz! — repetiu Kaiku, desesperada.

— Experimenta! Kaiku experimentou.

Lançou-se a Yugi antes que o medo a vencesse de novo, colocando as mãos no peito dele e fechando os olhos com força. A película nervurada das suas pálpebras não conseguiu bloquear a visão da Teia enquanto o mundo voltava a ficar dourado. Mergulhou nas fibras impetuosas do corpo dele, atravessando os esfriamentos de músculo e entrando no fluxo cada vez mais fraco que o mantinha vivo.

Conseguiu sentir o veneno, conseguiu vê-lo ao enegrecer os fios dourados da carne dele. O atroar lento do seu coração latejava através dela. Não sabia por onde começar ou o que fazer. Não tinha praticamente nenhum conhecimento formal de biologia e nenhum de toxicologia.

Não sabia como proteger-se do veneno sem o destruir e, por arrastamento, Yugi. A indecisão paralisou-a. A sua consciência ficou suspensa no diorama do corpo de Yugi. Aprende com a tua envolvente. Molda-te a ela. As palavras que lhe chegaram eram de Cailin. Uma lição aprendida há muito tempo. Se tudo o mais falhar, queda-te e deixa que o fluxo da Teia te mostre como te deves mover. O corpo de Yugi era uma máquina que trabalhava eficazmente há já mais de trinta anos. Sabia o que estava a fazer. Kaiku só tinha de a escutar. Iniciou um mantra, uma meditação destinada a relaxá-la. Contrariamente a todas as probabilidades, começou a acalmá-la, e a forma rígida da sua consciência principiou a disseminar-se, a derreter-se como gelo na água. Kaiku ficou admirada com a facilidade com que o seu kana respondia às suas ordens. O que momentos antes se afigurara uma tarefa impossível tornou-se simples. Deixou-se absorver pelas matrizes do corpo de Yugi, e permitiu que a natureza lhe instrísse os instintos.

Fazia perfeitamente sentido: a circulação do sangue, o tremular das sinapses no cérebro dele, os minúsculos impulsos através dos nervos. Ao tornar-se parte dele, achou que o corpo lhe era tão familiar quanto o seu. Verificou que sabia o que fazer ao nível subconsciente e não ao consciente, por isso deixou que o seu kana a guiasse.

O veneno espalhava-se como um cancro, em que até a parte mais ínfima desenvolvia fios maléficos de corrupção se não fosse controlada. Kaiku viu-se obrigada a mover-se no seio das fibras do corpo de Yugi com a precisão de um cirurgião, procurando as espirais escuras no meio dos tubos brilhantes das veias e capilares dele, defendendo-lhe o coração do avanço insidioso do progresso interno do invasor, ao mesmo tempo que limpava o sangue sujo que o percorria a cada batimento mais enfraquecido. O esforço mental de tentar manter Yugi vivo ao mesmo tempo que neutralizava o veneno era imenso, e mais ainda porque tinha muito pouca noção do que fazia; mas sentia-se cada vez mais em vantagem, o seu kana a funcionar com mente própria, parecendo estar apenas nominalmente sob controle.

Foi atrás do veneno. Atou-o e firmou-o para suster o seu avanço. Extraiu delicadamente os fios afectados e enviou-os para outro lugar, despejando-os inofensivamente no paul que a rodeava. Ergueu barreiras namorais que ele não conseguiu transpor, e depois derrubou-as quando o perigo passou. Por duas vezes julgou tê-lo vencido, para constatar depois que fora descurado um ínfimo fragmento de veneno e que invadia de novo.

A exaustão ameaçou vencê-la, mas resistiu. Não ia deixá-lo morrer. Não ia mesmo.

Depois, inesperadamente, terminou. Os seus olhos entreabriram-se, as íris de um carmesim carregado, e estava mais uma vez de volta ao paul. Tsata olhava-a com uma expressão algo amedrontada; até Nomoru pusera um ar de respeito forçado. Yugi respirava normalmente, a sua palidez readquirindo a tonalidade normal, dormindo profundamente. Sentiu-se desorientada; levou alguns momentos a aperceber-se de onde estava e do que sucedera.

Ó deuses, pensou de si para si em pura incredulidade. Não me apercebi. Não vi o que podia fazer com a força dentro de mim. Por que não deixei que Cailin me ensinasse? Invadiu-a uma sensação de júbilo mais profunda e intensa do que qualquer outra de que se pudesse lembrar. Salvara a vida de Yugi. Não afastando-o do perigo, ou protegendo-o em combate, mas trazendo-o fisicamente de volta do limiar da morte. Conhecia bastante bem a perigosa euforia da Teia, mas este era um êxtase diferente, de certa forma mais puro. Usara o poder em si para curar em vez de destruir; e mais, fizera-o sem sequer lhe ter sido ensinado. Estampou-se-lhe um sorriso no rosto, e começou a rir de alívio e júbilo.

Levou algum tempo a aperceber-se de que chorava também.

CAPITULO 15

O Imperador do Sangue Mos acordou de um sonho com um grito. Olhou esgazeado à sua volta, as mãos sapudas agarrando com força os lençóis dourados da sua cama; depois a razão voltou ao aperceber-se de que estava acordado. Mas o sonho permaneceu: a humilhação, a mágoa, a raiva.

Fazia demasiado calor. Calculou que passasse do meio-dia, e o quarto de dormir imperial estava abafado apesar das persianas abertas. O quarto fora concebido para ser amplo e arejado, com soalho de lach preto e um único arco que dava acesso a uma varanda no cimo do lado nordeste da Fortaleza Imperial. Janelas ovais mais pequenas ladeavam o arco, lançando um brilho intenso no aposento.

Mos estava deitado na cama, que constituía a peça principal. O restante mobiliário destinava-se a Laranya - toucadores, espelhos, um elegante divã, - mas esta era sua, um presente de um emissário do Yttryx que recebera perto do início do seu reinado. A cada canto da cama, os cornos de marfim de algum colossal animal yttryxiano formavam as colunas da cama, com um metro e oitenta de comprimento e curvando para fora em simetria, adornados com braceletes de ouro e cravejados de pedras preciosas. Pairava no quarto o cheiro acre a álcool e suor, e a sua boca sabia a vinho velho, e estava suja de muco seco na garganta e na língua. Encontrava-se no meio do emaranhado de cobertas que a agitação nocturna arrancara. A sua esposa, a Imperatriz, não estava consigo no quarto, e, pela ausência do perfume dela, sabia que não passara ali a noite anterior. A lembrança voltou lentamente. A Semana Estival ainda era uma criança.

Recordou-se de um festim, música... e vinho, muito vinho. Imagens vagas de rostos e gargalhadas dispersas na sua mente. A sua cabeça latejava. Uma discussão. Claro, uma discussão; ultimamente pareciam não saber fazer outra coisa. Quando duas personalidades fortes se confrontavam, saltavam faíscas. Mas ele mostrara-se conciliatório, sentindo ainda fragmentos de culpa por aquele momento no pavilhão em que quase lhe batera. Procurara compensá-la de certa forma, e haviam comemorado noite a fora. Sentindo a fragilidade daquela paz temporária, tolerara até as terríveis companhias que ela congregava, trocando os seus companheiros mais estólios e interessantes pelos repelentes amigos coloridos e teatrais da esposa.

Claro, Eszel estava lá, e o irmão dela, Reki. O rato de biblioteca parecia ter encontrado o seu elemento entre o grupo de Laranya. Mos recordava-se de oscilar, embriagado, não dizendo muito, enquanto eles falavam sem nexos de assuntos inconsequentes que pareciam destinar-se a excluí-lo da conversa. O que sabia ele dos filósofos antigos? O que lhe interessava a escultura clássica vinaxan? Para além das esporádicas tentativas de Laranya de o arrastar para a conversa, como se deitasse restos de comida a um cão esfaimado, não dera nenhum contributo.

Carregou o cenho à medida que as peças se iam encaixando. Uma sensação de ressentimento, por não lhe darem atenção, o Imperador do Sangue deles.

Satisfação por a sua presença deixar tanto Reki como Eszel muito desconfortáveis. O desejo... esse era muito forte. Recordou-se de desejar Laranya, uma agitação profunda que necessitava de satisfação. No entanto, não ia pedir à mulher que viesse para a cama com ele, em frente dos pavões com quem ela se dava. Ofendia o seu sentido de virilidade. Ela viria com ele quando ele lhe ordenasse; não suplicaria. Ó vida, ele era o Imperador! Mas receava uma embaraçosa rejeição se lhe ordenasse, e ela era demasiado voluntariosa para ter a certeza de um sim.

Quis retirar-se, e quis que ela o acompanhasse. Não pretendia deixá-la ali. A dada altura durante a noite, num momento de clareza ébria, apercebera-se de que não a queria deixar com Eszel. Não tinha confiança no que poderiam fazer, assim que ele se retirasse.

A alva foi a última coisa que conseguiu recordar. Nessa altura, incapaz de ficar acordado sob a camada asfixiante que o vinho depositara nos seus sentidos, anunciou de forma sonora e estranha que se ia deitar, olhando intencionalmente para Laranya nesse entretanto.

Os pavões despediram-se todos dele com os habituais rituais graciosos, e Laranya beijou-o rapidamente nos lábios e disse que iria dali a pouco. Mas não viera. E os sonhos de Mos foram maus nessa noite, e invulgarmente vivos. Apesar de conseguir recordar apenas um, não era capaz de se libertar dos sentimentos que evocara. Um sonho com desejo ardente e inflamado, em que entrava invisível num quarto e encontrava a mulher ali, os dedos arranhando as costas do homem enfiado entre as pernas dela, arfando e gemendo como fazia quando estava com Mos. E, neste sonho, estivera sem acção, impotente, incapaz de intervir ou de ver o rosto do homem que o enganava. Fraco e patético. Como naquele momento em que Kakre se agigantara sobre ele, o intimidara como a uma criança.

Estava deitado de costas na cama, os maxilares cerrados da raiva. Primeiro o Tecedor-mor, agora a sua própria mulher? Conspirariam para o humilhar? A razão dizia-lhe que provavelmente Laranya ainda estava no sítio onde a deixara, ainda comemorava a vida com inesgotável prazer, que era uma das coisas que adorava nela. Mas nunca iria saber o que sucedera naquelas horas perdidas desde a alva, e o sonho atormentava-o enquanto aguardava furioso o seu regresso.

A população de Ashiki aprendera a recear a chegada da noite.

A Semana Estival fora uma ocasião maldita para eles. Agora não havia comemorações. Eram apenas uma pequeníssima comunidade, nova na Falha. Principalmente eruditos e suas famílias, muito embora a sua riqueza pessoal tivesse servido para contratar soldados como guardas. Nos últimos anos, parecia que cada vez mais pessoas fugiam para a Falha de Xarana a fim de escaparem à atmosfera opressiva nas cidades, a sensação de tensão crescendo lentamente. Os olhos dos Tecedores estavam em todo o lado excepto aqui, e os eruditos e pensadores que haviam fundado Ashiki tinham receado mais as perseguições pelas suas ideias radicais do que as histórias que ouviam sobre a Falha.

Não tinham ouvido as histórias certas.

A sua chegada à Falha fora abençoada pela sorte. Guiados por Zanya ou Shintu ou ambos, haviam encontrado um vale isolado próximo da margem oriental do Rahn, no sopé das grandes quedas-d'água. Inicialmente, afigurara-se-lhes um mau presságio, um ossuário de cadáveres que os horrorizara; mas eram pessoas pragmáticas, e não supersticiosas, e não tardaram a aperceber-se do que acontecera ali e entender que era o lugar perfeito para uma cidade.

A terra não fora reclamada, por isso os eruditos fizeram-no. Não conheciam a dimensão da sua sorte. A maior parte dos recém-chegados à Falha não durara uma semana antes de alguma outra força, já bem entrincheirada, os consumir. Mas a grande batalha esvaziara a terra num raio de quilómetro e meio, e tinham conseguido criar uma pequena comunidade autónoma e despercebida, escondida no seu vale pitoresco onde construíram toscas fortificações e lares. Ia ser a sua primeira Semana Estival na Falha e, não obstante algumas durezas, sentiam-se como os exploradores numa nova fronteira, e estavam satisfeitos.

Depois, na segunda noite da Semana Estival, as pessoas começaram a desaparecer.

Acalentados pela aparente segurança, os folgazões de Ashiki tinham permitido um certo laxismo na sua segurança durante as comemorações. Pela manhã, quatro pessoas haviam desaparecido sem deixar rasto. A sua ausência mal fora notada a princípio; quando isso sucedeu, julgou-se que tivessem adormecido algures, embriagadas. Ao anoitecer, as famílias e os amigos estavam preocupados, mas o resto da cidade não se mostrava particularmente aflito com o desaparecimento de algumas pessoas para se privarem das festividades. Muito provavelmente, tinham partido simplesmente à procura de um local para copularem ou obterem o tão necessário isolamento da comunidade em geral. Não era inusitado.

Naquela noite, desapareceram seis pessoas. Algumas delas das suas camas.

Desta vez, a cidade reparou. Mandaram grupos de busca passar a zona circundante a pente fino. Quando regressaram, faltavam dois homens. Então, quando chegou a noite do quarto dia da Semana Estival, ninguém dormia. Os demónios e espíritos silenciosos que os estavam a roubar tinham-nos deixado mortalmente assustados, e aglomeravam-se nas suas casas ou escondiam-se atrás das muralhas paliçadas e receavam o que a alva pudesse trazer. Não sabiam que o tal demónio fizera o seu serviço e entretanto partira. Tinha todas as vítimas de que precisava. A entidade que Kaiku conhecera como Asara encontrava-se numa caverna, conservando ainda a forma de Saran Ycthys Marul. Porém, Kaiku não o teria reconhecido.

Estava descomunal e inchado, a sua pele, uma rede de veias vermelhas irritadas que pendiam folgadoamente dele em pregas como se tivessem perdido toda a elasticidade. As suas austeras roupas quraal estavam abandonadas ao seu lado, junto de um conjunto diferente de roupas que roubara para o efeito do seu novo aspecto. O

corpo outrora musculado apresentava-se agora grotesco e flácido, caindo sobre os seus joelhos dobrados. Os olhos estavam cobertos de branco e salpicados de fragmentos de íris negra que flutuavam livremente em órbitas míopes.

As componentes do seu corpo sucumbiam, reordenando-se numa dança genética de precisão incrível, mudando pedaço a pedaço por forma a garantir que todas as funções se mantivessem enquanto ocorria o milagre da metamorfose. Estava a alterar toda a sua estrutura, a renascer dentro da sua própria pele. A caverna era fria e húmida e estava escura como o breu, bem escondida. A luz da fogueira, teria parecido uma gruta pequena e bela, dominada por uma poça pouco profunda rodeada de estalagmites, as suas paredes brilhando com partículas minerais verdes e amarelas. Mas não acendera qualquer fogueira, pois não precisava de calor. Escolhera esta caverna pela sua inacessibilidade, e certificara-se de que estava bem longe de qualquer povoado na Falha. Tresandava a um sufocante almíscar animal. O ocupante fora morto e removido por Saran há alguns dias, mas o fedor serviria para manter os outros animais à distância. Barricara a entrada com pedras, para ter a certeza.

Nos dias que seriam necessários para efectuar a mudança, estaria vulnerável. Os seus músculos haviam já enfraquecido ao ponto de mal se conseguir mexer. Estava efectivamente cego e surdo. Sozinho no escuro, restava-lhe apenas como companhia o fluxo cada vez mais lento dos seus pensamentos, desacelerando até ao estado de hibernação em que iria passar a maior parte da transformação.

Os pensamentos que ainda se agitavam ao fundo da sua mente eram resíduos amargos.

Asara assumira o corpo de Saran Ythys Marul com total inocência de intenções. Fora um disfarce necessário para facilitar a sua missão no Quraal. Aos olhos da Teocracia rigidamente patriarcal, as mulheres não estavam autorizadas a deslocar-se entre as províncias sem uma autorização especial, e as mulheres estrangeiras não podiam sequer pôr o pé no país. Assumir a forma de um homem quraal fora a única maneira realista de efectuar ali qualquer tipo de investigação. Era-lhe desagradável, mas não de todo incômodo. Já antes passara alguns anos como homem, durante o tempo em que deambulava à procura do sentido de identidade que sempre lhe escapara. Desta vez, verificara que estava mais acostumada à ideia, e adaptara-se com facilidade à sua própria pele. Mesmo assim, não podia deixar de sentir que às vezes estava a agir como julgava que um homem deveria, em vez de o comportamento se processar naturalmente.

Semelhantes momentos manifestavam-se como de grandiosa circunspecção ou gosto que, sem que de tal se apercebesse, se afiguravam um pouco forçados e ridículos. Ele conservara o aspecto para aquela última visita ao Okhamba. Em parte, devia-se ao facto de se lhe ter acostumado, mas era também porque seria mais fácil reunir homens para uma viagem perigosa se ele próprio fosse um homem: não haveria as fastidiosas questões do sexo, quer durante os preparativos para a viagem,

quer no seu decurso. Os homens tinham tendência para sentirem ou desdém em relação a uma mulher que queria correr riscos - pensando com arrogância que, ao fazê-lo, ela estava a tentar mostrar-se à altura deles - ou adoptarem atitudes paternalistas, o que era pior. Eram tão previsíveis quanto a noite e o dia.

Mas existia outra razão, mais importante. Efectuar uma mudança de todo o seu corpo pressupunha ser obrigado a saciar-se, a roubar o sopro e a essência de outros para ficar empanturrado até ao limite da resistência. A forja da mudança, o órgão que sentia aninhado entre o estômago e a espinha - que imaginava como uma espiral, apesar de não possuir qualquer comparação anatómica em que se basear - tinha de ser abastecido com combustível suficiente para se manter aceso durante a metamorfose. Isso implicava as vidas de muitos homens e mulheres. Não que Saran se sentisse culpado por tirar aquilo de que necessitava. Há muito que sabia não ser capaz de sentir mais do que uma tristeza passageira ao matar, não mais do que um carnicheiro sentiria ao chacinar um banathi. Mas vivera até às oitenta e seis apanhas sendo cauteloso, e uma dúzia de mortes numa sucessão rápida despertaria sempre o terror e a desconfiança entre os sobreviventes.

As vezes, julgavam tratar-se de uma doença misteriosa, a Morte Adormecida de que tinham ouvido falar, pois as suas vítimas eram encontradas mortas sem uma marca no corpo, como se tivessem simplesmente parado de respirar; mas, outras vezes, procuravam um bode expiatório e, se o encontrassem a meio da transformação, dariam cabo dele.

Por norma, não mudava todo o corpo mais do que o estritamente necessário. Mas desta vez era excepção. Apoderara-se dele uma aversão violenta. Esta forma, esta pele estava agora maculada. Saran Ycthy Marul iria mudar por completo, e talvez assim também alguns restos da responsabilidade pelas memórias que carregava.

Como podia ter sabido que iam enviar Kaiku ao seu encontro? De todas as pessoas, porquê logo ela? Muito embora tivesse havido uma separação de cinco anos, subsistia a mesma maldita atracção mútua qualquer que fosse a forma assumida, e agora fortalecera-se devido à simplicidade de ser entre homem e mulher. Desejou naquele momento nunca ter salvo a vida de Kaiku. Fora um preço excessivo a pagar por alguém que prezava em absoluto a sua independência.

No entanto, durante algum tempo, acreditara que a sorte lhe sorrisse. Porquê contar-lhe?, pensara. Não lhe devia essa informação. Tinha a prerrogativa de mudar de identidade sempre que lhe apetecesse, e não achava que estivesse a trair a confiança se mentisse em relação ao seu passado. Então, depois de Kaiku lhe ter dito o que pensava de Asara, tomara a decisão. Era melhor começar de novo.

Kaiku nunca precisaria saber.

E depois chegara a altura, o momento da união; mas o seu corpo traiu-o tal como o de Asara o havia feito antes. O desejo de se apropriar dela, de estar dentro dela, foi mais forte do que o acto de fazer amor conseguiria satisfazer. A um nível

primitivo, queria consumi-la, reclamar a parte de si perdida e assimilar a própria essência dela durante o processo. Mais uma vez, descontrolara-se.

Agora estragara tudo. Conhecia bem de mais Kaiku: era obstinada nos seus ressentimentos, como em tudo o mais. Não lhe perdoaria, nunca. O seu logro, que parecera justificável na altura, afigurava-se agora abominável visto pelos olhos de Kaiku. Que verme deplorável era, a assumir formas para se reinventar sucessivamente, para apagar erros passados com rostos diferentes. Um ser sem âmago, e sem alma, roubando a sua essência aos outros, vazio por dentro. Procurara Cailin, e tinham falado de uma nova tarefa para si, tarefa essa que requereria que assumisse uma forma completamente nova. Ficou imensamente satisfeito com a ideia.

Não se suportava mais. Estava na hora de mudar. Zaelis encontrou Lúcia sentada com um rapazinho da sua idade abrigados numa saliência de rocha que se projectava da parte lateral do vale. Era meio-dia, e o olho de Nuki brilhava intenso lá em cima, provocando o mundo com a sua luz ofuscante. Lúcia e o rapaz aproveitavam a parca sombra que a rocha proporcionava, ele deitado de costas, ela de bruços a ler, sacudindo distraidamente as pernas. Vários animais pequenos afanavam-se ali próximo, curiosamente despreocupados nas suas actividades: dois esquilos procuravam frutos secos, correndo céleres por ali, mas sem nunca se afastarem muito; um corvo passeava-se para cima e para baixo pela saliência, de atalaia; uma raposa preta cuidava da sua cauda, olhando esporadicamente para os dois adolescentes que descansavam sob a sua protecção.

Zaelis parou por um bocado, observando-os do fundo da vertente. Era como um quadro, um momento de infância idílica. A postura e os modos de Lúcia eram mais femininos do que alguma vez vira nela. Enquanto tinha aquele pensamento, ela virou-se para o rapaz e disse algo em relação ao livro que estudava, e ele desatou às gargalhadas, sobressaltando os esquilos. Como resposta, ela sorriu-lhe; um sorriso genuíno, despreocupado. Zaelis ficou radiante, depois subitamente triste. Momentos como aquele eram demasiado raros em Lúcia, e agora ele viera estragar-lho. Esteve quase para voltar para trás, decidido a falar com ela mais tarde; mas lembrou-se de que estava em jogo mais do que os seus sentimentos ou os dela. Subiu a colina a coxear em direcção a eles. Conhecia o rapaz, apercebeu-se, quando ficou mais próximo. Chamava-se Flen; era filho de um dos poucos soldados profissionais que o Recesso possuía. O pai era um homem dos Libera Dramach.

Zaelis lembrava-se de o ter encontrado uma ou duas vezes. De todas as pessoas com quem Lúcia passava o tempo, Flen era o seu preferido; pelo menos fora o que os seus informadores lhe tinham contado. A cautela levava-o a vigiar as actividades da antiga Imperatriz-Herdeira durante a sua fase de crescimento. Percebeu que antipatizava já com o rapaz. Avisara Lúcia de que não deveria divulgar abertamente as suas capacidades, temendo que ela se expusesse. Muito embora ninguém soubesse que a Imperatriz-Herdeira do Sangue Erinima estava sequer viva,

para não falar da estranha afinidade que ela tinha com a natureza, era um risco demasiado grande.

No entanto, não ocultava esses factos na presença de Flen. Só de Flen. De todos os seus amigos, o que o tornava tão especial? Cuidado, Zaelis, disse de si para si. Ela agora tem catorze apanhas. Já não é uma rapariguinha. Por muito que te queiras iludir. Flen apercebeu-se então da presença dele, apesar de os animais - e, por conseguinte, Lúcia - o terem detectado há muito.

Não fugiram como deveriam fazer os animais, aguentaram firme com um ar particularmente insolente.

— Mestre Zaelis — disse ele, pondo-se em pé e fazendo rapidamente uma vénia à maneira infanto-masculina, de mãos unidas atrás das costas.

— Flen — respondeu, com um mero baixar da cabeça. — Posso dar uma palavra em particular a Lúcia?

Flen olhou para Lúcia como se procurasse a aprovação dela; Zaelis sentiu-se inexplicavelmente irritado. Mas ela continuou a ler o livro como se nenhum deles ali estivesse.

— Com certeza — respondeu. Pareceu ir dizer algumas palavras de despedida a Lúcia, mas depois resolveu não o fazer.

Afastou-se com hesitação, sem saber se deveria ficar próximo ou ir-se embora, e depois tomou uma decisão e partiu em direcção à cidade.

— Salve, Zaelis — cumprimentou Lúcia, sem erguer o olhar. Era a primeira vez que se viam hoje, pois saíra de casa antes de ele ter acordado, tornando apropriado o gracejo.

Sentou-se ao lado dela, a perna doente estendida diante de si. Quando necessário, conseguia adoptar a posição tradicional de pernas cruzadas, mas fazia-lhe doer o joelho. Os seus olhos passearam-se pela pele arrepanhada e sulcada da nuca dela, as medonhas cicatrizes das queimaduras expostas pelo cabelo curto. Olhou-o por cima do ombro, semicerrando a vista por causa do brilho intenso do sol e aguardou, na expectativa.

Zaelis suspirou. Nunca era fácil conversar com ela. Dava muito pouca abertura.

— Como se sente? — inquiriu ele.

— Estou bem — retorquiu descontraidamente. — E o senhor?

— Lúcia, deveria estar a usar agora o modo mais formal — disse-lhe. A sua linguagem evoluíra subtilmente para um híbrido da forma infanto-feminina e da adulta feminina, que era usual nas adolescentes por se sentirem envergonhadas de terem de usar um modo diminutivo e começarem a imitar os adultos; mas o dialecto que ela escolhera da imensidão de influências entre a população do Recesso não parecia adequado à filha de uma Imperatriz.

— Sou perfeitamente capaz de adoptar um modo bem mais elegante, Zaelis — disse, em sílabas gélidas, proferidas com secura. Parecia o som arrepiante de

Cailin.

— Mas só quando necessário — rematou, retomando o seu estilo habitual.

Zaelis abandonou aquela linha de diálogo. Nunca deveria ter abordado o assunto.

— Vejo que esteve novamente a comunicar com a vida selvagem do vale — disse-lhe, indicando a raposa preta, que o olhava intensamente.

— Eles vêm ter comigo quer eu fale com eles quer não — referiu.

— Isso significa que está bem recuperada do incidente com os espíritos do rio? — indagou, passando distraidamente os nós dos dedos pela barba branca muito curta.

— Eu disse-lhe que sim — replicou ela.

Zaelis olhou para o vale, preparando a próxima frase; surpreendentemente, foi Lúcia quem falou primeiro.

— Quer que eu volte a tentar — disse. Tratou-se de uma afirmação categórica.

Zaelis virou-se para ela, a sua expressão indicando uma afirmativa severa. Era escusado estar com rodeios; ela fora demasiado incisiva. Lúcia levantou-se e sentou-se de pernas cruzadas, compondo o vestido sobre os joelhos. Parecia tão alta e esbelta assim de repente, pensou Zaelis. Onde estava a rapariguinha que ensinara, a rapariguinha à volta da qual criara um exército secreto?

— Não servirá de nada — disse ela. — O que aconteceu no rio já foi esquecido, pelo menos pelos espíritos que pude contactar.

— Eu sei— retorquiu Zaelis, muito embora, na realidade não tivesse a certeza até Lúcia lhe dizer. — Mas aconteceu algo ali, Lúcia. Mande espíões investigar, depois do que lhe aconteceu. As cidades ribeirinhas não falam de outra coisa.

Lúcia observou-o com os seus olhos azuis visionários, o silêncio dela incitando-o a prosseguir.

— Foi destruída uma barca no Kerry — referiu, agitando-se constrangidamente. — Ao que parece, transportava explosivos, e devem ter rebentado e acabado por desfazê-la. Mas houve... — Hesitou, perguntando-se se deveria partilhar a informação com ela. — Houve bocados que deram à margem, bocados das pessoas que tinham estado na barca. Isso, e bocados de outras coisas. Aquela barca transportava algo quando explodiu, e não era humano.

Lúcia continuou sem dizer nada. Sabia que ele acabaria por lá chegar.

— Cailin acredita que tudo se começa a configurar. As colheitas perdidas, os exércitos dos Sangue Kerestyn, o relato de Saran, a coisa que sentiu no rio, os Tecedores na Falha. Começo a dar-lhe razão. Resta-nos pouco tempo.

Omitiu intencionalmente a revolta em Zila, muito embora as informações lhe tivessem chegado há muito. Procurou manter os actos dos Ais Maraxa o mais longe possível dos ouvidos de Lúcia. Colocou uma mão no joelho da filha adoptiva.

— Acabo de chegar à conclusão de que não temos uma ideia clara daquilo que realmente enfrentamos, e a ignorância acabará por nos destruir. Precisamos de saber já o que se passa — referiu. — Precisamos de saber com o que estamos a lidar. A origem de tudo isto.

O coração de Lúcia caiu-lhe aos pés ao sentir a inevitabilidade do que aí vinha.

— Lúcia, precisamos que nos diga. Que vá a Alskain Mar, contacte um dos grandes espíritos. Precisamos de saber das pedras mágicas. — Pareceu pesaroso quando falou. — Seria capaz de o fazer? Tu aqui não és um peão. As palavras de Kaiku voltaram-lhe à lembrança, proferidas no primeiro dia da Semana Estival. Mas pareceram ocas, frágeis sob o peso da necessidade.

Sabia lá no fundo que não era capaz de um encontro de mentes com um espírito que habitava em Alskain Mar, e que estaria a expor-se a grande perigo ao tentar; e no entanto, como podia recusar?

Devia a vida a Zaelis, e tinha uma grande adoração por ele. Não lhe pediria tal se não se tratasse de uma questão da máxima importância.

— Seria — disse, e de repente o dia pareceu um pouco mais escuro.

CAPÍTULO 16

A Semana Estival passou, mas este ano não houvera comemorações para Mishani. Há sete dias que cavalgava pelo interior do Saramyr, e como não estava acostumada a longas viagens a cavalo, estava a revelar-se um teste muito duro. No entanto, apesar das dores da sela e da fadiga, e da vigilância constante, nunca se queixou, nunca deixou a sua máscara deslizar por pouco que fosse. Muito embora estivesse rodeada de homens em quem não confiava, muito embora se dirigisse para sul em segredo até um destino incerto, muito embora o seu próprio pai andasse a tentar eliminá-la, mantinha-se calma e serena.

Era a sua maneira de ser.

Tinham deixado Hanzean pouco depois do atentado contra a vida de Mishani, fazendo coincidir a partida com o início das comemorações das colheitas a fim de aproveitarem a confusão e passarem despercebidos.

Chien insistira em acompanhá-la pessoalmente como escolta, para se redimir da vergonha de deixar que assassinos ameaçassem a sua convidada. Mishani não esperava outra coisa. Quaisquer que fossem os planos de Chien para si, tinha a certeza de que queria estar presente para os ver postos em prática.

Todavia, a sua viagem estava longe de ser segura, apesar do séquito de oito guardas que os acompanhavam; o mercador corria um risco considerável ao viajar com ela. O transporte por mar não era uma opção, uma vez que todos os barcos seriam vigiados pelos homens do Barak Avun e a chegada deles registada no porto de destino. Restava então viajarem por terra, onde os perigos menores seriam mais frequentes, mas que tornaria a fuga ao pai uma tarefa muito mais simples. Quem quer que os procurasse a partir de Hanzean não faria ideia do caminho que tomavam, uma vez que ninguém a não ser Mishani conhecia o destino. Mesmo assim, a necessidade de secretismo tinha as suas próprias desvantagens. Mishani estava acostumada a deslocar-se de carruagem; mas eram obrigados a afastar-se das estradas, e isso implicava cavalos e acampar ao relento. Não obstante Chien envidasse todos os esforços para lhe proporcionar conforto, fornecendo-lhe lençóis e uma elegante tenda que os guardas resmungões tinham de montar todas as noites, não deixava de ser algo penoso para a filha de um Barak. Mishani apreciava os seus pequenos luxos e não possuía a mesma facilidade de Kaiku em abdicar deles.

Mas pelo menos sempre tinha consigo a bagagem da viagem ao Okhamba, e o acesso às suas roupas e perfumes, e imensas diversões. Haviām seguido vários dias rumo a sul desde Hanzean antes de virarem para sudeste, onde a Grande Estrada das Especiarias se cruzava abaixo de Barask, estendendo-se por quase mil e seiscentos quilómetros desde Axekami a Suwana, nas Prefeituras do Sul. Não ousaram usar a Grande Via de Han-Barask, uma das duas únicas principais rotas desde o porto, e mesmo quando encontraram a Grande Estrada das Especiarias, mantiveram-se bem distantes dela, conservando-se a oeste daquela via de comunicação até os domínios

setentrionais da Floresta de Xu começarem a surgir à sua esquerda, e se verem obrigados a entrar na estrada para atravessarem a Ponte de Pirika sobre o Zan. Ali, foram avisados da revolta em Zila e aconselhados a voltar para trás se pudessem e encontrar outro percurso ao seu destino.

Poucos atendiam ao aviso: não havia outro caminho. A imensa e terrível floresta amontoava-se a leste, assombrada por espíritos e antiga, enquanto a oeste ficava a costa. Não havia portos de dimensão suficiente para comportar embarcações de passageiros a menos que voltassem para Hanzean, e contornar a floresta implicaria um desvio de cerca de mil e quinhentos quilómetros, o que era um absurdo. Ao invés, a maioria dos viajantes evitava a estrada, contornando a Floresta o mais próximo que ousava e passando a leste de Zila.

Não lhes restando nenhuma outra opção, Mishani e a sua comitiva seguiram também esse percurso. Ao anoitecer do sétimo dia de viagem, estavam acampados a quarenta quilómetros para sudeste da cidade agitada, próximo de um semicírculo baixo de rochas negras que saíam das planícies rasas. Era o último dia de Verão, e em Axekami o ritual derradeiro da Semana Estival estaria no auge, dando as boas-vindas ao Outono. Era escusado esconderem-se aqui, a menos que penetrassem os limites sinistros da floresta quilómetro e meio para leste.

Mas o acampamento deles mantinha o anonimato entre os muitos espalhados pelas planícies: outros viajantes dirigindo-se para sul tal como eles e obrigados a desafiar o ponto estreito controlado por Zila.

Mishani estava sentada de pernas cruzadas numa esteira perto da fogueira, de costas para as rochas que seguiam ao longo da orla do local do acampamento deles, e observava os guardas a montar a sua tenda ali próximo. A seu lado, no solo, encontrava-se um livro fino fechado. Um dos da mãe. Fora um presente de Chien: o mais recente volume de uma série de ficção continuada da autoria de Muraki tu Koli, sobre um romântico impetuoso chamado Nida-jan e as suas aventuras nas cortes. A criação de Muraki tornara-a medianamente famosa entre as famílias superiores, e as suas histórias tinham-se difundido oralmente tanto entre as classes dos serviços como no campesinato. As criadas particulares suplicavam aos seus amos e amas que lhes lessem as histórias de Nida-jan, que eram impressas em Alto Saramírico, uma língua escrita ensinada aos nobres, sacerdotes e eruditos, mas incompreensível para as classes inferiores. As histórias eram depois transmitidas avidamente às amigas, acrescentando um pormenor aqui e outro ali, e as amigas faziam, por sua vez, o mesmo às suas amigas.

Nida-jan era tudo o que a mãe de Mishani não era: ousado, aventureiro, sexualmente desinibido e suficientemente confiante na sua verborreia para se sair bem de qualquer situação, ou capaz de chegar a vias de facto acaso as palavras não resultassem. A mãe de Mishani era calada, tímida e extremamente inteligente, com um forte sentido moral; vivia a vida nos seus livros, pois ali podia moldar o mundo da maneira que achasse certa, em vez de ter de enfrentar aquela que se lhe

apresentava, um lugar que era com frequência demasiado cruel e nocivo para uma mulher tão sensível.

Mishani saía à mãe no aspecto, mas ao pai no temperamento. Muraki era uma mulher solitária, demasiado introvertida para se relacionar com aqueles que a rodeavam, e apesar de ser uma companhia agradável, era muito fácil esquecer a presença dela. Quando o seu pai Avun começara a instruir Mishani nos costumes da corte, Muraki fora apagada quase por completo. Enquanto Mishani passava o tempo em Axekami com o pai, Muraki ficava nas propriedades deles na Baía de Mataxa e escrevia. Quando Mishani fugira para o exílio na Falha de Xarana, não pensara sequer nos sentimentos da mãe.

Muraki tão raramente os mostrava, que simplesmente não ocorrera a Mishani que pudessem vir a ser afectados. Mishani terminara agora de ler o livro, e invadiu-a uma profunda tristeza. As histórias fugiam às aventuras habituais de Nida-jan; pelo contrário, eram melancólicas e trágicas, um fim invulgar para o irreprimível herói. Respeitavam à descoberta por parte de Nida-jan de que uma das suas ligações na corte lhe dera um filho, que fora escondido de si, e de quem só soubera quando a mãe lho confessara no seu leito de morte. Mas o rapaz partira para leste, e desaparecera cerca de três meses antes. Nida-jan era torturado pelo amor a este filho desconhecido, e propusera-se encontrá-lo, ficando obcecado com a sua demanda, tratando com desprezo os amigos quando eles lhe diziam que era escusado. Partiu em aventuras temerárias à procura de pistas sobre o paradeiro do rapaz. Por fim, enfrentou um grande demónio com cem olhos, e então cegou o inimigo com espelhos e matou-o; mas quando morreu, o demónio amaldiçoou-o a vaguear pelo mundo sem descanso até encontrar o filho, e até o filho lhe chamar "Pai" e fazê-lo com sentimento.

Assim, o livro acabava com Nida-jan condenado, a sua alma torturada e a sua demanda por concluir. A derrota atacava de todas as frentes. Cada história, directa ou indirectamente, era sobre um pai ansiando pelo filho. A mãe de Mishani podia ser introvertida, mas não fria. Transferia a sua dor para as páginas, e Mishani ficou triste ao lê-las. De repente, sentiu a falta da mãe, como uma dor física no estômago. Sentiu também a do pai, a maneira como ele fora, antes de passar a vê-la como uma inimiga. Queria desesperadamente apagar os anos que os separavam, voltar ao tempo em que era o orgulho do pai, abraçar a mãe e dizer-lhe que lamentava que nunca tivessem sido mais chegadas, que não se tivesse apercebido do que Mishani sentia. Pesavam sobre ela todos os anos escondida, vivendo no medo de ser reconhecida, cheia de medo da própria família. Se estivesse sozinha, ter-se-ia entregue às lágrimas.

Olhava para o céu sem lua quando Chien se sentou ao lado dela. O ar, apesar de quente, parecia artificialmente cristalino e frágil naquela noite, e a luz das estrelas era forte e intensa.

— Está a pensar na sua mãe, não está? — perguntou Chien, passado algum

tempo.

Mishani calculou que fosse um palpite fundamentado no livro que se encontrava a seu lado. Não lhe apeteceu responder-lhe, por isso fugiu à pergunta.

— Esta noite vê-se a Borboleta Cinzenta — referiu, fazendo um gesto para cima. Chien olhou.

— Não a vejo — respondeu.

— Está muito sumida. A maior parte das noites nem sequer se consegue ver.

— Só vejo o Mergulhão — afirmou o mercador, contando nove estrelas na constelação com um dedo gordo. Mishani baixou a cabeça, o cabelo caindo-lhe para a frente por cima do ombro com o movimento. — Está ali - disse. — Escondida para alguns e visível para outros. Faz parte do seu mistério.

Chien continuava a tentar encontrá-la, ansioso por se incluir na experiência de Mishani.

— Não acha que é um presságio?

— Não acredito em presságios — replicou Mishani. — Acho-a apenas apropriada ao meu estado de espírito.

— Como?

Mishani olhou para ele.

— Certamente deve saber. Não se lembra da história sobre a maneira como os deuses criaram o nosso mundo?

O rosto bolachudo de Chien estava inexpressivo.

— Senhora Mishani, eu fui adoptado. Não se ensinam os aspectos mais delicados da religião às crianças adoptadas, e a academia não foi preponderante para a administração das empresas navais da minha família. Ouvi falar da tapeçaria, mas não das borboletas.

Mishani observou-o, iluminado lateralmente pelo clarão da fogueira do acampamento. Pelo menos parecia estar a ser sincero, mas desconfiava que fingia ignorância simplesmente para a levar a prolongar a conversa. Por vezes, era difícil tolerar a presença dele, visto não possuir a flexibilidade de espírito que permitia à maioria das pessoas ficar sentada em confortável silêncio umas com as outras.

Tinha sempre de falar quando estava com ela, sempre de ter algo a dizer. Sentia que ficava estranhamente embaraçado quando não o fazia.

— Reza a história que os deuses estavam enfastiados, e Yoru sugeriu que fizessem uma tapeçaria para se entreterem — começou Mishani. — Isto passou-se antes da sua vigília forçada às portas do Reino Áureo, antes de Omecha descobrir o seu caso com Isisya e o expulsar de lá.

— Essa parte eu conheço — afirmou Chien com um sorriso forçado.

— Cada deus ou deusa teceria a sua própria peça — prosseguiu Mishani. — Mas não tinham nenhum material com que fabricá-la, por isso Misamcha foi ao seu jardim e apanhou larvas. Estas produziram seda a um toque dela, e embrulhou-as em meadas e deu-as aos deuses, que fizeram a sua tapeçaria. Quando a obra ficou

concluída, todos concordaram que era a tapeçaria mais maravilhosa que alguma vez tinham visto, a mais rica e mais pormenorizada. Como haviam gostado tanto, Ocha decidiu dar-lhe vida, para que pudessem ver a sua tapeçaria crescer. Cada deus ou deusa ficou reflectido no seu aspecto preferido. Alguns escolheram aspectos físicos: o mar, o sol, as árvores, fogo e gelo. Outros escolheram temas menos palpáveis: amor, morte, vingança, honra. E assim foi criado o mundo.

— Esteve a falar-me das larvas — disse Chien, — mas não das borboletas.

Mishani olhou para o céu nocturno, onde estava a Borboleta Cinzenta, sete estrelas envolvendo um abismo de vazio perfeito.

— Os deuses quiseram que a tapeçaria fosse perfeita. Mas depois de ser cosida e criado o mundo, as larvas transformaram-se em belas borboletas coloridas. Todas menos uma, que era cinzenta e pálida. Porque nada é absolutamente perfeito, nem sequer aquilo que os deuses criam, nem sequer os próprios deuses.

Volveu o olhar para o fogo, e ele dançou nas pupilas dos olhos dela.

— A borboleta cinzenta produziu uma seda impura, um fio que os deuses tinham usado à mistura com os outros para fazer a sua tapeçaria, entrelaçado com os outros fios. E nessa seda estavam todos os males do mundo, todo o ódio, a inveja e a maldade, todo o sofrimento, a tristeza, a fome e a dor. Assim que os deuses viram o que sucedera, ficaram apavorados; mas era tarde de mais para desmancharem a sua obra. Depois disso, passaram a gostar um pouco menos do mundo. — Fez uma pequena pausa, ponderando. — Chamaram à seda daquela larva o Fio do Lamento, e depois colocaram a imagem da Borboleta Cinzenta no céu como lembrete.

— Lembrete? Do quê? — inquiriu Chien.

— Lembrete de que nunca devemos abrandar a nossa vigilância. De que nem mesmo os deuses conseguem fazer algo perfeito sem que isso se torne impuro, e que a humanidade é mais falível do que eles. Se deixarmos de ficar vigilantes, então o mal entra nas nossas vidas, e minar-nos-á e derrubar-nos-á. — Encarou Chien, e deixou que os olhos mostrassem o seu cansaço e um pouco da sua melancolia. — Não creio que tenhamos estado suficientemente atentos ultimamente.

Chien olhou-a de forma estranha por alguns instantes, as suas feições sinceras patenteando a incompreensão. Mishani não se sentiu predisposta a continuar a conversar. Chien acabou por começar a brincar com a bainha da sua capa, um sinal certo de que estava a ficar desconfortável.

Deixou-o sofrer até ele voltar a falar.

— Passamos Zila — disse, — e o caminho para sul volta a alargar-se. Talvez agora fosse o momento de nos dizer para onde vai. Precisamos de decidir se é necessário parar para arranjarmos mantimentos e escolhermos o melhor percurso.

Mishani acedeu com uma inclinação da cabeça; afinal, Chien já não podia fazer nada nesta altura, mesmo que quisesse traí-la de alguma maneira.

— Irei até Lalyara — disse. — Ali pode deixar-me, que eu considerarei a sua obrigação cumprida com honra.

— Não sem que antes a deixe em segurança no seu derradeiro destino, Senhora Mishani — insistiu Chien. — Aos cuidados de alguém que assuma a responsabilidade do seu bem-estar.

Mishani soltou uma gargalhada.

— É generoso, Chien os Mumaka; mas não há ninguém em Lalyara que o vá fazer. O meu assunto tem de ficar só comigo, e outras promessas obrigam-me a não lhe contar.

Chien aceitou bastante bem a notícia. Esperara que ele ficasse abatido (por vezes, era invulgarmente infantil) mas sorriu ligeiramente, mostrando compreensão.

— E depois, vou guardar a lembrança destes últimos dias que vamos passar na companhia um do outro — afirmou.

— E eu também— respondeu Mishani, embora mais porque era esperado do que porque o sentisse. Na verdade, contrariamente ao que queria, gostava de Chien. Era sensato não sentir afecto por um potencial adversário, mas essa tensão era a parte da relação deles que achava mais interessante, e tinha de admitir que ele conquistara as suas boas graças. Possuía um pensamento rápido e finura de espírito, e Mishani não podia deixar de o respeitar pelo que alcançara: a forma como vencera o estigma de ser adoptado por uma família caída em desgraça e ajudara os Sangue Mumaka a recuperar o poder através das suas técnicas mercantis desonestas.

Mesmo assim, apesar de tudo, seria um grande alívio livrar-se dele. Sentia-se constantemente em sobressalto, à espera de que o seu plano oculto se manifestasse. Mas iria o seu destino melhorar? Ele pediu licença e levantou-se para ir falar com os seus homens, deixando Mishani entregue aos seus pensamentos. Apercebeu-se de que se lhe haviam antecedido, pensando já no que tinha de fazer mal ele fosse embora.

Era suposto encontrar-se com o Barak Zahn tu Ikati, verdadeiro pai de Lúcia. E se tudo corresse bem, deveria informá-lo de que a filha ainda estava viva - e que Mishani sabia onde ela se encontrava. Seria um assunto de extrema delicadeza, e poria mais duramente à prova a sua perícia diplomática do que em qualquer outro momento do passado. O risco era enorme, e a responsabilidade depositada nas suas mãos seria ainda maior. Mishani não ousaria revelar que sabia algo sobre Lúcia até ter a certeza de que o Barak reagiria da forma que pretendiam. Se jogasse a cartada errada, seria feita refém, detida e interrogada, ficando à mercê do Tecedor de Zahn. Este último poderia exigir que lhe trouxessem a filha, ou reunir as tropas e tomar de assalto o Recesso, e isso seria catastrófico.

Ao longo dos últimos anos, o seu estado mental fora ficando cada vez mais transtornado e lúgubre, a acreditar no que se dizia. Deixara de cuidar dos negócios da família e retirara-se para uma das propriedades a norte de Lalyara. Segundo os rumores populares, chorava a morte da sua amiga - e amante, assim diziam os mexericos com um rigor absurdo, - a antiga Imperatriz do Sangue Anais tu Erinima. Mishani não tinha ilusões.

Zaelis presenciara o momento em que Zahn se encontrara pela primeira vez com Lúcia nos jardins em socacos da Fortaleza Imperial, e tanto o pai como a filha tinham sabido naquele momento o que Anais guardara em segredo todos aqueles anos. Mas se Zahn alguma vez tencionara reclamar a filha, perdera a oportunidade. A Imperatriz do Sangue fora assassinada e, no meio da confusão, a pequena Imperatriz-Herdeira desaparecera. Muito embora o seu corpo nunca tivesse sido encontrado, presumira-se que morrera nos incêndios e explosões que tinham assolado a Fortaleza naquele dia, o seu corpo carbonizado ao ponto de ficar irreconhecível. Na realidade, ela fora levada pelos Libera Dramach, mas nem sequer Zahn sabia disso.

Zaelis encarregara Mishani de tomar a decisão de lhe contar ou não. Era um fardo pesado de carregar. Mas não podiam manter Lúcia eternamente em segredo e, se conseguissem trazer Zahn para o lado deles, então teriam ganho um aliado poderoso. Levaria algum tempo a preparar o momento em que Lúcia sairia das sombras, anos de planeamento; e começava aqui, com Mishani. Depois de Zahn, abordaria os Sangue Erinima, que tinham também direitos adquiridos, pois Lúcia era uma filha viva deles, que haviam julgado morta, e não havia laços mais fortes do que os do sangue.

Mas primeiro, o Barak Zahn. Um passo de cada vez.

Uma agitação no acampamento arrancou-a do devaneio. Alguns dos guardas tinham-se levantado apressadamente de volta da fogueira, e olhavam o escuro por cima da cabeça dela, para lá do semicírculo baixo de rochas negras. Sentiu uma vibração no solo, e um instante depois o som chegou aos seus ouvidos. Cascos, pisando as planícies. Aproximando-se rapidamente.

A primeira rajada de disparos abateu quatro dos oito homens que Chien trouxera para os proteger. A visão nocturna dos defensores era afectada pela fogueira, e os atacantes disparavam de fora para dentro, pelo que os homens de Chien eram alvos fáceis, ao passo que não conseguiam ver os recém-chegados. Mishani correu a abrigar-se nas rochas um momento antes de seis cavalos saltarem sobre eles, um embatendo pesadamente no solo a escassos centímetros de onde ela se encontrava e espezinhando a esteira onde estivera sentada. Os atacantes invadiram o acampamento, as espadas tinindo livres, e abateram outro guarda; depois galoparam pela tenda de Mishani e voltaram para o escuro.

— Apaguem essa fogueira! — gritou Chien. Foi direto aos bocados de madeira que ardiam e espezinhou-os. Um dos outros guardas deitou uma panela de água em cima das brasas, encharcando as botas de Chien nesse entretanto, enquanto os restantes dois tinham colocado as espingardas a postos. Algures para lá do círculo de visão, os seus atacantes recarregavam as armas, preparando-se para voltar a disparar.

A luz diminuiu subitamente quando a fogueira foi dispersa, e a escuridão invadiu o acampamento.

— Senhora Mishani! Está ferida? — gritou o mercador, mas Mishani não respondeu. Escalara já as rochas baixas do outro lado, mantendo-as entre si e onde imaginava que estariam os atacantes, escondendo-a do acampamento. O seu coração batia com força no peito com o mesmo horrível receio nervoso que se apoderara dela quando os assassinos tinham vindo atrás de si na casa urbana de Chien.

Seriam mais dos mesmos? Era a ela que queriam? Tinha de partir do princípio de que sim.

— Mishani! — voltou Chien a chamar, um tom de desespero na sua voz; mas ela não queria que a encontrassem. Naquele momento, estavam desprotegidos, e eram os alvos destes novos assassinos.

Isso dava-lhe uma oportunidade.

Ouviu um resfolegar ansioso, e lembrou-se de repente dos cavalos. Tinham ficado amarrados a um poste do lado esquerdo do acampamento. Quase os conseguia distinguir se semicerrasse os olhos, formas azuis espectrais agitando-se, alarmadas. Por sorte de Shintu, ainda estavam aparelhados; os guardas tinham recebido ordem de Chien para montar a tenda de Mishani todas as noites antes de desselarem as suas montadas. A sua aversão a dormir mal instalada podia ter acabado de lhe salvar a vida.

— Mishani! — voltou Chien a gritar. De bom grado Mishani o deixou continuar a chamar. Estava a atrair a atenção sobre si. Por um intervalo nas rochas, pôde ver que Chien e os restantes guardas tinham assumido agora uma posição defensiva, abrigando-se conforme podiam, com as armas apontadas para fora. Mas os cavaleiros ainda não estavam a atacar. Com a fogueira apagada, os assassinos tinham muito mais dificuldade em detectar os alvos. Mishani agradeceu às irmãs luas pela decisão de não aparecerem no céu naquela noite, e depois aproximou-se sorrateiramente dos cavalos.

Os seis metros que teve de percorrer pareceram-lhe quilómetros, e tinha a terrível intuição de que a qualquer momento iria sentir o impacto brutal de uma bala de espingarda e tudo acabaria. E, no entanto, com uma certa incredulidade, esse momento nunca chegou. Solto do poste as rédeas do seu cavalo e subiu para a sela com uma furtividade que até a deixou surpreendida. Foi então que teve início o segundo ataque.

Desta vez vieram de três lados, aos pares. Um de cada par empunhava uma espingarda erguida, o outro uma espada. Disparavam enquanto avançavam a galope, e os homens de Chien ripostaram ao mesmo tempo. Por sorte ou má pontaria, os defensores saíram-se melhor: nenhum deles foi atingido, mas conseguiram abater um dos cavalos quando se aproximava rapidamente deles, atingindo-o entre os olhos, acabando por cair por terra e rebolar sobre o cavaleiro com um estalar de ossos.

E depois foi a vez das espadas, embatendo nos canos das espingardas ou nas espadas dos próprios guardas desembainhadas à pressa, e dos gritos dos homens ao

lutarem desesperadamente. Mishani, que se mantivera imóvel desde que o ataque fora desencadeado com receio de atrair as atenções sobre si, esporeou a sua montada. A um sinal dela, partiu disparada, e a aceleração tirou-lhe o fôlego. O vento frio agitava a enorme extensão do seu cabelo projectando-o como uma flâmula atrás de si, e ela mergulhou na escuridão ocultante.

Depois, aparentemente vindos de lado nenhum - os seus olhos ainda se esforçavam por se adaptar à noite, - surgiram outros cavalos a seu lado, bloqueando-lhe a passagem, e uma mão agarrou as rédeas que segurava e fez parar bruscamente a sua montada. A toda a volta, houve uma percussão de cascos quando abrandaram subitamente e pararam, e foram-lhe apontadas armas. Outros homens partiram disparados em direcção ao acampamento, onde Chien e os seus guardas travavam uma batalha perdida.

Um homem alto, de ombros largos (o homem que detivera a sua montada) observava-a. Não lhe conseguiu ver o rosto, mas deitou-lhe um olhar fuzilante de provocação.

— Senhora Mishani tu Koli — disse ele, numa voz cava e gutural dos Novos Territórios. Depois soltou uma risada. — Ora, ora, ora.

CAPÍTULO 17

A cidade de Zila situava-se na margem sul do Rio Zan, lúgubre e desagradável. Fora construída no estuário do grande flúmen, onde as águas que tinham iniciado a sua viagem de novecentos e cinquenta quilómetros nas Montanhas Tchamil se misturavam com o mar. Não era um local pitoresco, pois a sua finalidade original fora militar, como bastião contra o povo Ugati que ocupara esta terra antes de os Saramyr a tomarem, vigiando o estrangulamento entre a costa e a Floresta de Xu, enquanto os primeiros colonos levantavam a cidade de Barask a norte. Existia aqui há mais de mil anos e, apesar de as suas muralhas se terem desmoronado e sido reconstruídas, apesar de quase não existir um edifício ou uma rua que subsistisse dessa altura, continuava a deixar transparecer a mesma presença sinistra que possuía no início. Fria e vigilante.

Fora construída para tirar partido de uma colina íngreme, que subia de sul e descia num declive pronunciado na margem do rio. Rodeava-a uma muralha alta de pedra, que curvava e se dobrava para se acomodar aos contornos da terra. Por cima da muralha, os telhados oblíquos de telha vermelha e ardósia inclinavam-se para trás e subiam em direcção à pequena fortaleza no centro. Este era o ponto central da cidade; na verdade, Zila inteira fora construída como uma roda deformada, com passagens estreitas concêntricas atravessadas por ruas que partiam da fortaleza como raios. Tudo fora feito com a rocha local compacta e austera, destoando por completo da preferência habitual saramyr pela pedra leve ou a madeira. Existiam duas portas na muralha, mas estavam ambas fechadas; e muito embora houvesse focos de actividade nas colinas do lado de fora da cidade silenciosa, eram poucos e distantes entre si.

A maior parte das pessoas recorrera à protecção do perímetro e fizera os preparativos possíveis para a tempestade que se avizinhava. Zila aguardava provocadoramente.

As tropas do Imperador estavam a chegar.

Era de manhãzinha, e caía uma chuva miúda e quente, quando Mishani e os captores chegaram. Avançaram pela margem do rio, desceram à base da vertente íngreme entre as muralhas de Zila e o Zan. Havia sido construídos ali cais, e escadas íngremes aos ziguezagues para os ligar à cidade propriamente dita. Mas não se via nenhuma embarcação atracada; foram afundadas ou deixadas à deriva e arrastadas para o mar, para evitar que o inimigo as tomasse.

Os cavaleiros desmontaram, e um homem afastou-se do grupo que se agitava com impaciência, avançando ao encontro deles.

— Bakkara! — disse o homem, fazendo o gesto da saudação entre adultos de categoria social mais ou menos igual: um leve baixar da cabeça, ligeiramente inclinada para o lado. — Perguntava-me se voltarias a tempo. Vamos fechar o portão ao meio-dia.

O homem a quem se dirigira (o homem que agarrara o cavalo de Mishani, e o líder do grupo) deu-lhe um soco sociável no ombro.

— Achas que ia ficar de fora e perder a diversão? — exclamou. — Além disso, provavelmente existe mais comida aí dentro do que no resto do Saramyr, meu amigo. E um soldado precisa de comer para lutar.

— Já devia saber que apareces onde houver comida — respondeu o outro, sorrindo amplamente. Depois, avistando Mishani, acrescentou: — Vejo que não trouxeste apenas mantimentos. — Olhou para Chien, que se encontrava abatido e ensanguentado na sua sela. — Esse já viu melhores dias.

— Ele não veria mais nenhuns se não tivéssemos chegado quando chegamos — afirmou Bakkara, deitando um olhar ao mercador. — Bandidos. Estes dois foram os únicos que escaparam com vida.

— Bem, espero que saibam mostrar a devida gratidão — replicou o homem; depois olhou intencionalmente para Mishani e piscou o olho a Bakkara. — Pelo menos um deles.

Mishani fuzilou-o gelidamente com o olhar até o humor desaparecer do rosto dele. Bakkara soltou uma gargalhada ruidosa.

— Ela mete medo, não mete? — bramou. — Não seria bonito zombar dela. Tens aqui gente nobre.

O homem olhou carrancudo para Mishani.

— Nesse caso, entrem — disse ao grupo em geral. — Eu cuidarei dos vossos cavalos.

Mishani e Chien foram obrigados a subir a pé os degraus de pedra desde o cais até à cidade. Chien avançava com esforço por causa dos ferimentos, pelo que os captores tiveram isso em conta, e prosseguiram em ritmo lento. Mishani olhou para as muralhas altaneiras por cima deles. Estavam a ser levados para dentro de uma cidade em revolta, e obrigados a lutar ao lado deles contra os exércitos do império. Não sabia se devia agradecer ao deus da fortuna ou amaldiçoá-lo.

Os homens que os tinham atacado pertenciam sem dúvida ao seu pai, apesar de certamente não o ter referido a Barakka. Não acreditava que os bandidos fossem escolher um grupo de guardas armados em vez de qualquer das outras dúzias de viajantes desarmados que tinham ficado estendidos nas planícies a noite passada. Além disso, estavam demasiado concentrados no seu objectivo e eram em número muito reduzido.

Os bandidos nunca atacariam um inimigo que os excedesse no número.

Não fazia ideia de como os homens os haviam seguido até ali, mas abalara-a o facto de terem conseguido aproximar-se tanto dela mais uma vez. E se tivesse estado na sua tenda quando eles a haviam levado a efeito? Era evidente agora que o pai não queria saber se ela voltava viva ou morta. Sentiu uma fina pontada de tristeza deslizar pelas suas entranhas ante a ideia. Era terrível ter de admitir semelhante coisa perante si mesma. Depois, Bakkara e os seus cavaleiros haviam

aparecido. Talvez tivesse conseguido fugir se não têm intervindo, mas isso agora não interessava. Eles haviam chacinado os assassinos de Avun pelo peso dos números, a tempo de salvar a vida de Chien, mas não a dos seus guardas. E depois, em vez de os libertarem, tinham pedido a Mishani e Chien que os acompanhassem. Fora formulado como um pedido, mas não tiveram qualquer dúvida de que eram prisioneiros. E além do mais, Chien necessitava de cuidados médicos, que lhe foram prestados em Zila. Mishani acedeu, para se poupar à humilhação de ser amarrada e levada.

A despeito do seu propósito, não a trataram como prisioneira. Mostraram-se bastante conversadores, e ficou a saber imenso sobre eles durante a viagem, e o breve acampamento que efectuaram no regresso. Eram na sua maioria habitantes de Zila, camponeses e artesãos. Tinham-nos mandado roubar mantimentos aos viajantes que passavam para sul pelo estrangulamento - sem molestarem ninguém, fizeram questão de frisar - e trazê-los para reforçar as reservas da cidade para o cerco que aí vinha.

Os seus batedores haviam referido vários exércitos que os alcançariam ao final da tarde seguinte para esmagarem a revolta, e tanto estavam receosos como entusiasmados com a perspectiva. Algo desencadeara uma invulgar azáfama neles, mas Mishani não conseguiu adivinhar o quê. Mais pareciam pessoas com uma finalidade do que homens desesperados a lutar pelo seu direito a comida. Mas foi com Bakkara que Mishani passou a maior parte da viagem. Um sentido arraigado de oportunidade política impunha que não perdesse tempo com os soldados de infantaria quando podia estabelecer relações com o seu chefe; e ele, pelos vistos, sentia-se tão feliz quanto os seus subordinados em conversar. Era um homem grande: trigueiro, com olhos escuros pequenos, rosto chupado com barba hirsuta e nariz esborrachado. O seu cabelo preto estava entrançado e amarrado com cordão colorido, puxado da testa baixa para lhe pender da nuca. Apesar de estar próximo da quinquagésima apanha, o seu físico corpulento fazia com que suplantasse a maior parte dos homens com metade da sua idade.

Havia uma autoridade cansada na sua voz e nos seus olhos, um soldado que já vira tudo aquilo muitas vezes e se resignava a voltar a vê-lo. Foi por Bakkara que Mishani soube que tiveram conhecimento da sua identidade, e por que motivo a reacção dos seus homens fora tão optimista em relação ao iminente destino deles.

— Não tenho por hábito salvar damas nobres — dissera com um sorriso grosseiro, em resposta à pergunta dela. Haviam cavalgado durante as primeiras horas da noite, e a atmosfera apresentara um aspecto surreal e incoerente, como se o grupo deles estivesse sozinho num mundo vazio.

— Nesse caso, o que o levou a romper com a tradição e raptar-me? — perguntou-lhe.

— Não foi rapto, Senhora — disse. Usou o título correcto, muito embora o modo como falou fosse tudo menos subserviente. — A menos que queira que o seu

homem ali atrás siga o resto do caminho até ao vosso destino naquele estado.

Mishani inclinou a cabeça, e a luz ténue das estrelas incidiu nos planos finos e pronunciados da sua face.

— Ambos sabemos que não me deixaria ir embora neste momento — disse. — Quanto a Chien, pouco me importa. E muito menos ele é o meu homem.

Bakkara soltou uma risada.

— Vou ser sincero consigo — afirmou.

— Se fosse qualquer outra pessoa, tê-los-íamos deixado seguir o vosso caminho. Mas não a senhora. Por um lado, Ocha proíbe que lhe aconteça algo de mau; e eu não gostaria de a deixar seguir sozinha mais para sul. A situação está a complicar-se lá em baixo. — O rosto dele franziu-se algo pesaroso. — Por outro lado, é um bem demasiado valioso para dele abrirmos mão, e Xején matar-me-ia se o fizesse. Podemos precisar de si em Zila. Por isso, receio que seja esse o seu destino.

Mishani configurara já a sua situação antes de ele mencionar o nome de Xején e confirmá-lo.

— Você é Ais Maraxa — disse ela. Resmungou afirmativamente.

— A Senhora é uma espécie de lenda entre os Ais Maraxa, como certamente sabe — prosseguiu Bakkara com um certo sofisma. — Foi uma das pessoas que salvaram a nossa pequena messias das garras da morte.

— Desculpe-me, mas não parece nada o fanático acérrimo que esperava de um homem na sua posição — retorquiu Mishani, arrancando uma ruidosa gargalhada ao soldado.

— Espere até conhecer Xején — redarguiu ele. — Ele estará muito mais à altura dos seus padrões do que eu. — A sua gargalhada diminuiu um pouco, e ela olhou Mishani de forma estranha.

— Acredito em Lúcia — acabou por dizer. — Lá porque não proclamo o dogma, isso não diminui em nada a força da minha convicção.

— Mas não percebe que é muito mais difícil para mim entender o ponto de vista que a sua organização abraça — explicou Mishani.

— Para si, ela pode representar um ideal, e acho objectos de culto mais eficazes quando venerados à distância; mas para mim, ela é como uma irmã mais nova.

— Venerar é uma palavra forte — referiu Bakkara um pouco constrangido. — Ela não é uma deusa.

— Disso tenho a certeza absoluta — afirmou Mishani. Achava Bakkara curioso. Não parecia de todo à vontade nas convicções que professava, e isso deixava-a intrigada.

— Mas ela é algo mais que humana - prosseguiu o soldado.

— Disso tenho eu a certeza absoluta.

Mishani voltou ao presente, e às muralhas ameaçadoras de Zila que se erguiam diante deles ao subirem as escadas, ajudando o mercador ferido. Recordava

tudo o que sabia sobre os Ais Maraxa, lembrando antigas conversas com Zaelis e Cailin, extraindo pedaços de informação do passado como diamantes do carvão. Há muito tempo que estava atenta aos Ais Maraxa; nunca lhes concedera tanto crédito quanto deveria.

Há mais de dois meses que estava fora e longe do contacto, e na sua ausência os Ais Maraxa pareciam ter-se dado a conhecer a todo o mundo. Nunca julgara que fossem capazes.

Era o que todos os mais chegados a Lúcia tinham temido.

Haviam começado apenas como uma parte relativamente radical e entusiástica dos incipientes Libera Dramach. Eram já abundantes entre o campesinato as histórias sobre um salvador da moléstia muito antes de ser falado o nome de Lúcia tu Erinima. Era uma reacção natural a algo que eles não entendiam: o mal-estar no solo que não conseguia ser controlado. Muito embora os Libera Dramach fizessem questão do secretismo, havia ainda alguns de entre eles que falavam, e as histórias acabaram por se espalhar. O caso da Imperatriz-Herdeira aprisionada misturou-se com a engrenagem já instituída de vagas profecias, esperança e superstição, e encaixava-se perfeitamente. Aos olhos deles, o aparecimento de uma Imperatriz-Herdeira escondida que conseguia falar com os espíritos era um pouco coincidente de mais com o alastrar da moléstia. Fazia todo o sentido que ela tivesse sido colocada no Saramyr pelos deuses para se encarregar do mal na terra. Certamente, não poderia existir nenhuma outra razão para Enyu, deusa da natureza, permitir que uma Aberrante nascesse na Família Imperial. De repente, os camponeses não tinham começado a falar de um deus ou um herói que os salvaria, mas de uma rapariguinha.

Mesmo assim, a organização que se viria a tornar os Ais Maraxa não passava de um fragmento um pouco entusiástico de mais dos Libera Dramach. Até a Imperatriz-Herdeira ser salva. A presença da sua figura de proa no Recesso era o estímulo de que necessitavam. A aura sobrenatural de Lúcia e o seu salvamento aparentemente milagroso da morte tinham-nos convencido de que o messias com que sonhavam chegara finalmente. Haviam-se tornado mais ousados na sua dissidência, defendendo que o secretismo total não era a solução; iriam espalhar pela terra a notícia de que Lúcia estava viva, para reunir apoios para o dia em que ela os iria conduzir. Grande parte do campesinato vira a sua fé desmoronar-se quando a Fortaleza Imperial caíra e falar-lhes da criança que se salvara só viera redobrar a sua alegria.

Zaelis proibira-o em absoluto, e a facção dissidente acabara por serenar. Vários meses depois, tinham partido sem aviso, levando consigo alguns dos membros mais eminentes dos Libera Dramach.

Não tardara muito que comesçassem a chegar informações de uma organização autoproclamada Ais Maraxa - à letra "seguidores da criança pura", num respeitoso dialecto do Alto Saramírico, - que espalhava misteriosamente rumores

rigorosos por toda a parte. Zaelis atormentara-se e praguejara, e Cailin mandara as suas Irmãs avaliar a dimensão do perigo que os Ais Maraxa representavam; mas parecia que pelo menos os seus piores receios não se haviam concretizado. Os poucos dissidentes dos Libera Dramach na origem da formação dos Ais Maraxa tinham mantido em segredo a Imperatriz-Herdeira. Só um número muito selecto conhecia o paradeiro de Lúcia.

O resto da organização sabia apenas que ela estava escondida e transmitira essa informação aos outros. De pouco serviu para tranquilizar Zaelis, que os achou imprudentes e irresponsáveis; no entanto, parecia que durante anos se tinham contentado em difundir a sua mensagem e, no fim, Mishani acabara por considerá-los praticamente inofensivos. Agora as portas de Zila erguiam-se diante de si, e caminhava ao lado de Bakkara para uma cidade que não tardaria a fechar-se para um cerco. Desejou ter dado mais atenção aos fanáticos seguidores de Lúcia, pois o descuido ainda podia vir a sair-lhe bem caro.

A propriedade dos Sangue Koli situava-se na parte ocidental da Baía de Mataxa, num penhasco com vista para a imensa água azul. Lá em baixo ficavam as praias e enseadas brancas, extensões de areia impolutas que feriam a vista. Vários pequenos grupos de cabanas de madeira, molhes e passadiços construídos sobre estacas estendiam-se desde a base do penhasco até à baía, e minúsculos barcos ejuncos baloiçavam-se apesar das amarras. Ao longe, destacavam-se diversas saliências maciças no mar, enormes formações calcárias cobertas de musgo e arbustos, as suas bases desgastadas, pelo que os cimos pareciam mais largos do que as extremidades inferiores, fazendo lembrar pinhas invertidas. Os pescadores deslizavam à volta delas, agitando remos de pá larga, e lançavam redes na sua sombra.

A casa da família Koli fora erigida perto da extremidade do ponto mais alto do promontório. Era um edifício cor de coral, construído à volta de uma secção central circular com uma cúpula achatada reforçada no cimo. A uniformidade da sua superfície ao nível térreo era interrompida por um átrio quadrado que saía como um focinho rombo, de costas para a baía. Duas alas esguias abrangendo os estábulos e os alojamentos dos serviçais seguiam pela beira do penhasco. Havia um jardim em três níveis talhado em socalcos no próprio penhasco, o estrato inferior em sacada e projectando-se para a queda na praia lá em baixo.

Cultivavam-se ali árvores e plantas, e foram deixados pilares de rocha esculpida em sítios estratégicos para maximizar o prazer estético na fusão de pedra e folhagem. No estrato mais alto havia uma pequena estufa, uma estrutura esquelética de arcos altos e colunas curvas, onde a mãe de Mishani, Muraki, se sentava a escrever. Encontrava-se ali naquele momento, desconfiava o Barak Avun, muito embora não conseguisse ver de onde estava recostado no estrato inferior com o Barak Grigi tu Kerestyn. Sem dúvida a conceber mais das suas histórias, pensou com desagrado. A partilhar os problemas da família com o império. Ela obedecia-lhe

em tudo, menos nisto. Ficara furioso quando lhe chegara a notícia do seu último livro; alimentava a maledicência por todo o país. Já não bastavam os boatos a respeito da filha desaparecida, para ela vir ainda deitar mais achas. Mas não ia deixar de escrever, e desafiava-o a censurá-la.

Mesmo assim, os danos podiam ser minimizados. Se corresse tudo bem, então em breve ele teria a filha de volta, de uma maneira ou de outra, e depois poderiam conceber uma história falsa que acabaria de vez com toda aquela desonra. Se tudo corresse bem...

— Oh deuses, não é tão mau, pois não? — perguntou Grigi, que estava deitado num divã e olhava da varanda para a baía. — Aqui em cima, podemos esquecer os problemas do mundo, esquecer a moléstia.

O olho de Nuki ainda nos ilumina, o mar continua a fluir e refluir. Os nossos problemas são pequenos, quando os olhamos desta altura.

Avun olhou-o com ligeiro desprezo. O obeso Barak estava embriagado. Separava-os uma mesa com os restos da comida que Grigi devorara, e jarros de vinho vazios. Avun era ascético nos seus gostos, mas Grigi era um glutão e empanturrara-se a tarde inteira.

— Não são tão pequenos assim para mim — retorquiu Avun com frieza. — O mar ainda flui e reflui, mas o seu peixe está a ficar alterado; e aqueles peixes pagaram aquilo que você comeu.

Os meus pescadores começaram a reter parte do pescado para as suas famílias. Salvaguardando-as da fome. Roubando-me.

— Virou os seus olhos encovados para fora, para onde os penhascos distantes na parte leste da baía eram uma linha baixa e denteada de azul carregado. — É fácil fingir que está tudo bem. É também um absurdo.

— Não precisa de ser tão azedo, Avun — disse Grigi, um pouco decepcionado por o seu aliado não partilhar o estado de espírito expansivo. — Ó vida, sabe mesmo esmorecer uma pessoa. — Não tenho motivos para estar animado.

— Nesse caso, não vê a oportunidade que esta fome nos proporciona — referiu Grigi. — Não há guerreiro mais intrépido do que um homem que luta pela sua vida e pelas vidas dos seus familiares. Só é preciso alguém que os congregue. Essa pessoa serei eu! — Ergueu um copo desajeitadamente, entornando um pouco de vinho nas lajes da varanda.

— Lá vai a Barakess — disse Avun, indicando languidamente um junco colorido que saía do porto lá muito em baixo, dirigindo-se para o aglomerado de barcos de pesca.

Grigi protegeu os olhos por causa do sol intenso e olhou para baixo.

— Confia nela?

Avun anuiu lentamente.

— Quando chegar a altura, ela estará presente.

O trabalho da tarde fora satisfatório. Emira, uma jovem Barakess do Sangue

Ziris, visitara-os a seu pedido. Tinham conversado sobre muitas coisas: a ameaça de fome, o Imperador do Sangue, a situação da sua própria gente. E, de forma astuta e indirecta, perguntara se o Sangue Kerestyn tencionava entrar na disputa do trono, e se precisaria da ajuda do Sangue Ziris quando isso sucedesse. Era sempre assim, no jogo das cortes imperiais. As famílias apoiavam-se umas às outras na esperança de que aquela que escolhessem alcançasse o poder, e por sua vez, essa família guindaria as que atinham ajudado a lá chegar. Como era cada vez mais evidente a inépcia de Mos, e com o Sangue Kerestyn como única alternativa credível, as famílias superiores aglomeravam-se à volta da bandeira deGrigi sem que ele tivesse sequer necessidade de as chamar.

Com o Sangue Koli como seu braço direito, era uma poderosa figura de proa, e a força do império convergia para ele. Mas existira sempre o problema da força dos números do Imperador. Com os Tecedores a seu lado, e os Guardas Imperiais às suas ordens, era um poder quase invencível. Enquanto as forças de Kerestyn haviam sido esmagadas durante o último golpe, o Sangue Batik entrara na cidade sem qualquer oposição, e crescera desde então. Mesmo com o apoio esmagador das outras famílias superiores, Grigi sabia que seria à tangente. Já antes se dera mal nas muralhas de Axekami; teria de estar muito seguro de si antes de voltar a tentar.

Avun trouxera-lhe a solução para o problema neste mesmo dia.

— Tenho um novo amigo — dissera, enquanto caminhavam pelos aposentos da casa da família naquela manhã. — Alguém bastante próximo do Imperador. Fui contactado não há muito tempo.

— Um novo amigo? — inquirira Grigi, arqueando um sobrolho.

— Esta pessoa diz-me que vai acontecer algo, muito em breve. Temos de estar preparados.

— Preparados?

— Temos de reunir o nosso apoio, para podermos marchar sobre Axekami no prazo de um dia.

— Um dia! Absurdo! Teríamos de avisar todas as famílias com bastante antecedência, reunir as suas forças aqui.

— Então fá-lo-emos, quando chegar a altura certa. Haverá um sinal. E quando ele surgir, teremos de agir rapidamente, e ter os nossos aliados preparados para fazer o mesmo.

Grigi compusera o seu barrete justo no cimo da cabeça.

— Isso é um pouco bom de mais para ser verdade, Avun. Diga-me só quem é este seu novo amigo.

— Kakre. O Tecedor do próprio Imperador.

CAPÍTULO 18

— Está na hora, Kaiku — disse Yugi.

Começava a escurecer. O céu estava de um púrpura suave a leste, o prenúncio de que vinha aí a noite. Iridima era uma meia-lua entre uma densa camada de estrelas indistintas, pálida e espectral ao lusco-fusco.

O calor do dia de princípio do Outono estava a dar lugar a uma noite amena, e uma brisa suave dispersava o peso sufocante das horas anteriores. Haviam encontrado a barreira dos Tecedores, o limite do segredo cuja descoberta os levava a atravessar a Falha. Nomoru anunciara que se estavam a aproximar do ponto onde se perdera na visita anterior, e uma hora depois tinham regressado ao mesmo lugar, a despeito de haverem seguido sempre para oeste. Como se isso não bastasse, os sentidos de Kaiku tinham começado a dar sinal; estava certa de que sabia exactamente onde é que a barreira atravessava a paisagem, e em que sítio haviam começado a andar às voltas. Tivera imenso cuidado para manter o seu kana bem refreado enquanto a atravessavam.

Não queria tentar enfrentar a barreira sem a ajuda da Máscara do pai.

Os quatro viajantes abrigaram-se num pequeno vale fundo durante algumas horas à espera da cobertura da noite. Kaiku passara-as sentada encostada a uma árvore, segurando o irónico rosto vermelho e preto diante de si, olhando para as suas órbitas vazias. Quando Yugi falara com ela, mal o escutara. Tivera de lhe sacudir o braço antes de ela o olhar bruscamente, aborrecida; depois, as suas feições suavizaram-se, e sorriu-lhe, grata. Os olhos de Yugi espelharam por um momento a incerteza, e afastou-se.

A mente dela retrocedeu, passando por cima dos dias de viagem dura, acabando por recordar o paul sinistro e lúgubre onde Yugi estivera às portas da morte. A luta para extrair o veneno do demónio ficara bem gravada na memória de Kaiku; cada fibra penetrada, cada volta e nó estavam registados no seu consciente com linhas brilhantes. Não obstante, sentiu um pequeno sorriso de triunfo aflorar-lhe aos lábios, e ficou mais animada. Mas depois, o seu olhar incidiu em Yugi, que punha a mochila às costas, e o sorriso dela esmoreceu um pouco.

Desde que acordara, Yugi estava de certa forma diferente. Sentira algo quando estivera dentro dele, uma ligeira agitação da sua mente que sugeria um não sei quê negro e horivelmente medonho. Não conseguia adivinhar o que era, só que estava lá fundo e escondido, e a perda dos sentidos libertara-o de onde estava agrilhado. Observou-o, um pouco intrigada. Yugi procurou ignorar, mas sentia os olhos dela nas suas costas. O confronto com os demónios moderara-o, disso tinha a certeza. A proximidade da morte recordara-lhe uma outra vida, antes de se ter juntado aos Libera Dramach. Dias de luta e mutilação. Começou a brincar com a faixa suja que lhe envolvia a testa; uma lembrança desses tempos, tempos que queria desesperadamente esquecer, mas nunca conseguia.

Afastou os pensamentos quando os viajantes se levantaram e prepararam para atravessar a barreira dos Tecedores. A iminência da situação concentrou-o. A viagem pela Falha não fora fácil, mas complicar-se-ia a partir daqui.

— Vai resultar? — perguntou Nomoru, indicando a Máscara na mão de Kaiku.

— Saberemos dentro em pouco — respondeu Kaiku, e colocou-a.

Curiosamente, pareceu um regresso ao lar. A Máscara foi bem recebida pela sua pele, e imaginou que a sentia moldar-se às ínfimas mudanças no rosto dela desde a última vez que a usara. Sentiu um grande contentamento, um calor nostálgico como quando era uma menina, adormecida no colo do pai. Conseguia ouvir o murmúrio reconfortante da voz de Ruito, um fantasma da sua memória roçando-se por ela, e as lágrimas vieram-lhe aos olhos.

Fechou-os para as reprimir. A Máscara transmitia a sensação do pai, porque lhe roubara parte dos seus pensamentos e da personalidade quando ele a usara. Fora morto por causa deste pedaço de madeira. As Máscaras eram amos cruéis, tirando constantemente em troca do poder que proporcionavam, viciando os seus utilizadores até as vítimas não poderem viver sem elas. Até serem Tecedores. Não se permitiria esquecê-lo.

Ó espíritos, o que aconteceria se uma Irmã da Ordem Vermelha se tornasse Tecedora?

— Pareces ridícula — comentou Nomoru, a sua voz destituída de humor. — O que é que isto vai conseguir?

Kaiku olhou-a com desdém. Curiosamente, não se sentia minimamente ridícula ao usar esta Máscara com o seu sorriso irónico. Na verdade, achava que se lhe adequava perfeitamente, e fazia-a parecer mais imponente.

— O que ela irá conseguir é fazer-nos atravessar aquela barreira quando tu não foste capaz — retorquiu Kaiku alegremente. — Sejam rápidos. Não quero usar esta coisa nem mais um momento para além do necessário.

Pensou, ao partirem, que aquelas palavras pareciam estranhamente ocas. Proferira-as por pensar que era suposto fazê-lo, e não porque fosse realmente essa a sua intenção. A última luz desaparecera no céu quando chegaram à barreira. No cimo de uma elevação suave da terra entre dois picos de pedra pesada, Kaiku sentiu a Máscara aquecer nas suas faces.

— É aqui — disse. — Prendam-se a mim.

Tsata exibiu uma corda, e fizeram conforme ela instruía. Era difícil dizer até que ponto o Tkiurathi acreditava na necessidade do que estavam a fazer, mas aceitou a vontade do grupo sem uma queixa.

Kaiku prosseguiu com hesitação, estendendo a mão diante de si. A Máscara aqueceu ainda mais, aumentando a temperatura até ela julgar que a poderia queimar; e depois os seus dedos roçaram na barreira, e ela revelou-se aos seus olhos.

Não conseguiu reprimir uma arfada. A tapeçaria brilhante constituída pela

Teia afastou-se para ambos os lados dela, seis metros de altura e seis de profundidade, curvando para cima e sobre os contornos íngremes da Falha. Era um agitar de espirais e remoinhos, rodando e contorcendo-se lentamente, enrolando-se à volta uns dos outros e assumindo novas formas, esticando-se e flectindo-se numa dança de caos impossível. Qual turbilhão nas águas da realidade, a percepção ficou virada ao contrário e foi atirada para um novo rumo neste lugar, deixando Kaiku novamente maravilhada ante a complexidade da criação dos Tecedores.

— O que se passa? — perguntou Yugi. — É a barreira?

Kaiku apercebeu-se, pelo tom da voz dele, de que lhe estava a perguntar por que parara, não o que era a coisa diante deles. Ninguém senão ela a via. Por um breve momento, sentiu um júbilo presunçoso e egoísta por ser a única com acesso a esta maravilha; depois, surpreendendo-se consigo própria, pô-lo de lado.

— Dêem as mãos — disse-lhes, e estendeu a mão a Yugi. Os outros fizeram o mesmo.

Penetrou na barreira, e foi consumida pela Teia. Da primeira vez que acontecera, lá em Fo, sentira-se tentada a deixar-se levar pela indescritível beleza do mundo dourado que a rodeava. Desta vez estava preparada para ele, e o seu coração empederniu-se face aos encantos dela. Em alguns passos, atravessara, puxando Yugi consigo; mas a sensação foi um puxão cruel, e o regresso à realidade fez com que tudo parecesse comparativamente cinzento e maldoso.

Yugi saiu atabalhoadamente às arrecuas e tropeçou nesse entretanto, desorientado por se encontrar virado ao contrário. Teve de soltar Nomoru, a seguinte na fila, e, quando caiu por terra, a corda à volta da sua cintura retesou-se. Ela puxava no sentido contrário. Kaiku conseguia vê-la agora: a barreira desaparecera da sua vista assim que a atravessara. Nomoru ficara presa na zona invisível de desorientação, de rosto inexpressivo, fazendo um esforço para se arrastar na direcção de onde tinham vindo e aparentemente incapaz de compreender por que motivo não conseguia lá chegar.

Tsata encontrava-se em idêntico estado ali próximo, o seu rosto a imagem pueril da confusão.

— Puxa-os para cá — disse Kaiku a Yugi e, apesar de ele ainda estar perplexo por não saber onde se encontrava, fez o que lhe mandavam. Entre os dois, arrastaram os seus companheiros através da barreira para o outro lado.

Decorreram uns bons dez minutos até os seus pensamentos voltarem a ser coerentes, e entretanto Kaiku retirara a Máscara e guardara-a na mochila. Observou-os com fascínio enquanto eles se miravam uns aos outros como bebés, ou olhavam à sua volta como se absolutamente incapazes de avaliarem onde estavam. Não admirava que ninguém conseguisse penetrar na barreira sem uma Máscara.

Que obra-prima de manipulação da Teia.

Mal recobraram, Nomoru ainda não conseguia lembrar-se desta zona que afiançara conhecer. Por isso, foi Kaiku quem tomou a dianteira, enquanto o sentido

de orientação de Nomoru parecia ainda afectado, incapacitando-a de navegar.

— Temos de nos afastar deste lugar — disse Kaiku. — Não estou convencida de que seja seguro atravessar a barreira, mesmo sem a Máscara. Podemos ter alertado aqueles que aqui a colocaram.

Dito aquilo, avançaram pela paisagem irregular à sua direita, contornando o lado de dentro da barreira. Kaiku confiou nos seus sentidos para a avisarem quando se aproximassem demasiado do perímetro invisível e, guiando-se por eles, perderam-se nos altos e baixos escuros da Falha de Xarana, enquanto Iridima os via prosseguir com metade da face.

Quando se encontravam longe do ponto por onde haviam entrado no domínio dos Tecedores, Nomoru resolveu parar.

— É escusado — disse. — Fazê-lo desta maneira. Nunca lá chegaremos no escuro.

Cansados, os outros concordaram. Durante algum tempo, parecera que estavam a progredir; mas depois o céu nocturno nublou-se, tapando a luz das estrelas e da única lua, e agora mal tinham qualquer visibilidade.

Há já algum tempo que caminhavam pelo meio de uma extensão de ravinas irregulares e vegetação enfezada, arranhando-se nos arbustos espinhosos e provavelmente andando em círculos. A sua frustração era multiplicada pelo facto de não saberem ao certo o que procuravam. Encontrar provas da actividade dos Tecedores era um objectivo lato e vago, visto que não faziam ideia da dimensão das capacidades do inimigo, nem de que forma revestiriam semelhantes provas. Desciam agora uma vala de lama cozida, com vertentes íngremes erguendo-se acima das cabeças deles: um velho fosso, comprido e seco, e infestado de ervas daninhas.

— Devíamos descansar — sugeriu Yugi. — Podemos continuar quando o céu desanuviar, ou a alva chegar.

— Não estou cansada — afirmou Kaiku, que na verdade se sentia curiosamente cheia de energia. — Ficarei de vigia.

— Eu faço-te companhia — disse inesperadamente Tsata. Atiraram as mochilas para a base da vala; Nomoru e Yugi desenrolaram esteiras, e dentro de minutos dormiam.

Kaiku sentou-se com as costas apoiadas na parede da vala, as mãos abraçando os joelhos. Tsata estava defronte dela, em silêncio. Reinava um sossego misterioso; não havia sequer o zumbido roufenho dos insectos nocturnos. Ao longe, ouviu os grasnidos desagradáveis de alguma ave que não conseguiu identificar.

— Não deveria um de nós ir até ao cimo, procurar... — Calou-se, apercebendo-se de que não fazia ideia do que poderia vir ter com eles.

— Não — contrapôs o Tkiurathi. — Não conseguimos ver ao longe, mas pode haver coisas que nos vejam na escuridão profunda. É melhor ficarmos escondidos.

Kaiku anuiu ao de leve. De qualquer forma, não queria ir lá acima, e aqui a

sensação era de abrigo.

— Desejo falar — disse Tsata de repente. — Sobre Tecedores.

Kaiku afastou a franja do rosto, prendendo-a atrás de uma orelha.

— Muito bem.

— Ouvi Saran falar deles, mas continuo sem saber como o teu povo os aceita — referiu.

A menção a Saran fez Kaiku semicerrar os olhos. Era algo que o encontro com os cultistas de Omecha e os ruku-shai afastara por completo da sua mente.

— Não sei bem se compreendo o que perguntas — disse Kaiku.

— Deixa-me dizer-te o que penso, e tu podes corrigir-me depois. É aceitável?

Kaiku inclinou o queixo para cima, depois apercebeu-se, com algum embaraço, de que usara um gesto okhambano e não um saramyr.

— Em tempos, a vossa civilização dedicou-se à grande arte e ao saber, a construir arquitectura maravilhosa, longas estradas e habitações incríveis — começou Tsata. — Li as vossas histórias. E, apesar de não partilhar o vosso amor por cidades de pedra, ou pela maneira como se reúnem em números tais que o pash não faz sentido, vejo que nem todos os modos são iguais aos meus e até posso aceitar isso. Posso mesmo aceitar a terrível divisão entre os nobres e as classes camponesas, e a maneira como o conhecimento é guardado por uns para deixar os outros na ignorância. Acho isso muito mau, pois é contra a natureza do meu povo; no entanto, se começasse a falar disso, ficaríamos aqui muito mais tempo, e é dos Tecedores que desejo falar.

Kaiku estava ligeiramente surpreendida, tanto com a franqueza dele - que raiava a grosseria - como com a sua eloquência. Raramente ouvira Tsata dizer mais do que algumas frases de cada vez; mas a sua manifesta paixão por este assunto parecia ter-se sobreposto à sua habitual reticência discreta.

— Quando os Tecedores apareceram, os vossos antepassados aceitaram-nos — disse por fim, os seus olhos verde-claros fixos no escuro. — Ficaram deslumbrados com o poder que podiam controlar tendo um Tecedor a seu lado. Os vossos nobres estavam acostumados há tanto tempo a tratar os homens inferiores como instrumentos, que acharam que podiam usar os Tecedores da mesma maneira, sem saberem o instrumento perigoso que eles eram. Porque aceitar os Tecedores no vosso mundo era fazer um pacto; um pacto que os vossos antepassados celebraram sabendo muito bem os termos que estavam a aceitar. A sua cabeça pendeu, contristado.

— A ganância destruiu-os. Talvez a princípio tivessem causas nobres; talvez pensassem que, com os Tecedores a seu lado, poderiam expandir o império e torná-lo maior e mais invencível.

Mas por vezes o preço é demasiado alto, independentemente da recompensa. Kaiku reparou que as mãos dele estavam crispadas, a pele amarela tensa à volta dos

nós dos dedos.

— Vocês convidaram os Tecedores para as vossas casas e alimentaram-nos com os vossos filhos.

Kaiku ficou chocada. Todavia, apesar de se preparar para protestar, verificou que não era capaz. Afinal, ele tinha razão. O dever de uma família nobre era dar ao seu Tecedor o que quer que ele quisesse durante a loucura pós-Tecedura. Conhecia bastante bem algumas das horríveis perversões de que aquelas criaturas eram capazes. Porém, à medida que o efeito do uso das Máscaras se manifestava, como os sintomas de afastamento de um narcótico, eles não tinham consciência dos seus desejos e necessidades irracionais e primitivos. Nada era demasiado depravado quando se tratava dos Tecedores.

Violação, assassínio, tortura... estes eram apenas alguns dos desejos cuja satisfação os Tecedores exigiam. Sabia de outros. Constava que o Tecedor do Sangue Kerestyn se dedicava ao canibalismo. O Sangue Nira tinha um que comia fezes humanas e animais. Parecia que o presente Tecedor-mor mostrava propensão para esfolar as vítimas vivas e fazer esculturas com elas. Muito embora nem todas as manias dos Tecedores fossem prejudiciais para os outros - alguns faziam coisas tão mundanas como pintar ou apenas alucinar durante algumas horas, - uma grande parte delas era-o e, se não precisavam de se saciar sempre que iam Tecer, a maioria dos Tecedores tinha ainda de responder cada um por dúzias de vidas.

E, à medida que iam ficando mais loucos, viciados e atacados por doenças, essa quantidade aumentava. Subitamente, sentiu vergonha, lembrando-se da simples alegria que sentira em Hanzean ao regressar do Okhamba à sua pátria. O Saramyr era um lugar de beleza e harmonia onde tinha a sorte de viver e, no entanto, fora construído sobre os ossos de tantos.

Antes dos Tecedores, houvera o extermínio sistemático dos Ugati nativos, uma mortandade que deveria ter ascendido a milhões. Nada disto era novidade para Kaiku - só que lhe parecia tão distante e tão desligado que não se chegava sequer a identificar, - mas, ao ouvi-lo exposto de uma forma tão frontal, apercebeu-se de quão frágil era a civilização, a camada exterior que os pés delicados dos nobres pisavam, ao passo que por debaixo das suas plantas se agitava um mar de desordem e violência.

Mas Tsata não terminara.

— Tu não tens culpa dos crimes dos teus antepassados — disse, — embora, ao que parece, com frequência a tua sociedade puna os filhos pelos erros dos pais. Mas agora os Tecedores despojam a própria terra em que vocês vivem. Essa é a derradeira piada. Vocês tornaram-se tão dependentes que já não se conseguem livrar deles, apesar de eles estarem a destruir toda a beleza que em tempos vocês amaram. Vocês investiram tanto para tornar o vosso império maior e melhor que estão a destruir os próprios alicerces em que assenta. Vocês construíram uma torre tão alta e tão imponente que começaram a tirar tijolos da base para os colocar no cimo. —

Aproximou-se mais de Kaiku. — Vocês estão a matar a terra com o vosso egoísmo.

— Eu sei isso, Tsata — retorquiu Kaiku. Começava a irritar-se; aos seus olhos, parecia tratar-se de um ataque bastante pessoal. Muito embora tivesse consciência de que Tsata não subscrevia os subterfúgios e as boas maneiras da sua sociedade, continuava a achar o seu modo de falar demasiado confrontador. — O que julgas que estamos a fazer neste momento? Estou a tentar combatê-los..

— Sim — redarguiu. — Mas estarás a combatê-los pelos motivos certos? Tu procuras vingança. Foi o que Saran me disse. Agora a gente do teu país rebela-se, pois a comida começa a escassear; mas até isso acontecer, limitaram-se a deixar a moléstia avançar, pensando que alguém haveria de tratar disso. Nenhum de vocês luta pelo bem de todos. Tu só decides lutar quando se trata do teu interesse pessoal.

— As pessoas são assim mesmo — ripostou Kaiku.

— Mas o meu povo não é assim — contrapôs Tsata.

— Então, talvez seja por isso que continuas a viver na selva, e os teus filhos são comidos pelos animais selvagens — retorquiu. — Talvez a civilização se baseie no egoísmo.

O Tkiurathi não se ofendeu com o insulto implícito.

— Talvez - acedeu. — Mas não pretendo comparar a minha cultura com a tua, julgar os méritos de uma e da outra.

— Mas é isso que pareces estar a fazer — atirou-lhe na cara Kaiku com ar carrancudo.

- Estou a dizer-te o que o teu país parece aos meus olhos — limitou-se a responder. — Deixa-te assim tão desconfortável?

— Não preciso que me apontes os defeitos do meu povo. Talvez as minhas razões não sejam suficientemente altruístas para o teu gosto, mas subsiste o facto de eu estar a fazer algo em relação aos Tecedores. Decidi não aceitar a presente situação, pois sei que está errada. Por isso não me venhas com sermões sobre moralidade.

Tsata observou-a em silêncio. Acalmou um pouco e raspou o calcanhar na terra.

— Não tenho nada a ensinar-te sobre os Tecedores — acabou por admitir. — A tua interpretação da situação está correta.

— Nesse caso, é uma consequência da vossa cultura? — indagou Tsata. — Como cada um de vocês luta pelo progresso pessoal e não pelo do grupo, só agirão contra uma ameaça quando for do vosso interesse fazê-lo?

— Possivelmente — disse Kaiku. — Não sei. Mas sei que grande parte da nossa aceitação dos Tecedores é fruto da ignorância.

Se as famílias superiores tivessem provas de que os Tecedores eram os responsáveis pela destruição da terra, rebelar-se-iam e destruí-los-iam. É o que penso.

— Mas isso não é verdade, Kaiku — interveio Yugi. Olharam para ele e

viram que se sentara. Compôs a faixa à volta da testa e deitou-lhes um sorriso contristado.

— É difícil dormir com vocês dois a quererem endireitar o mundo — explicou.

— Provavelmente não devia dizer-lhes isto, mas acho que não tem importância— afirmou, pondo-se em pé e espreguiçando-se. — Passam-se muitas coisas nos Libera Dramach que não contamos a mais ninguém. Mas encarregámo-nos de verificar a teoria do teu pai sobre as pedras mágicas. Quando nos certificámos de que ele tinha razão, nós... bem, contámo-la a alguns dos nobres. Discretamente. Uma sugestão aqui, outra ali, e como não resultasse, chegamos a confrontá-los com as provas e desafiamo-los a verificarem-no pessoalmente. — Coçou a nuca. — Obviamente, tudo isto se processou com o recurso a intermediários. Os Libera Dramach nunca se deram realmente a conhecer.

Kaiku acenou-lhe com uma mão, indicando que deveria passar ao cerne da questão.

— E como foi que acabou? Dirigiu-se para o sítio onde se encontravam sentados e olhou-os de cima— Eles não fizeram nada. Nem um só. Muito poucos se deram sequer ao incômodo de verificar os factos que lhes apresentamos. — Soltou uma gargalhada amarga. — Todo este tempo, os Tecedores foram controlados com o receio do que pudesse acontecer se as famílias superiores se virassem contra eles. Bem, nós tentamos fazer com que isso acontecesse, e eles ignoraram-nos.

Kaiku estava estupefacta.

— Mas como é possível? Quando é que se vão aperceber do que os Tecedores estão a fazer?

Yugi apoiou uma mão no ombro nu de Tsata.

— Aqui o nosso amigo estrangeiro tem razão — disse. — Não é do interesse deles. Se uma família ou até uma dúzia de famílias superiores agisse com base na informação, perderiam os seus Tecedores, e as outras famílias que tinham realmente Tecedores esmagá-las-iam. Existem demasiadas inimizades, demasiadas feridas antigas. Haverá sempre alguém a tentar levar a melhor, pensando apenas a curto prazo, agarrando as oportunidades que pode. Porque as pessoas são egoístas. A única maneira de haver uma mudança fundamental é se todos decidirem mudar ao mesmo tempo. — Encolheu os ombros. — E isso só vai acontecer se houver uma catástrofe.

— É verdade. Terão de esperar que esta terra fique tão destruída que dificilmente se possa habitar antes de ser do interesse de todos agir — referiu Tsata. — E nessa altura, pode ser já demasiado tarde.

— Então essa é a única saída? — demandou Kaiku, sentindo-se injustamente ultrapassada no número. — Que as pessoas tenham de morrer antes de algo mudar?

Yugi e Tsata limitaram-se a olhá-la, e essa resposta bastou.

As nuvens dissiparam-se perto da alva, e eles partiram novamente para aproveitar o brilho de Iridima. Nesta altura, o sentido de orientação de Nomoru

parecia ter voltado e, avaliando a curvatura da barreira, estabeleceu um percurso interno que os levaria em direcção ao centro da área que os Tecedores tinham isolado do mundo. Parecia plausível presumir que o que quer que procuravam estivesse ali. Não tinham avançado muito quando a terra desceu quase a pique diante deles, e encontraram-se a olhar para uma vertente cortada por blocos de pedras na extensão sombriamente cintilante do Rio Zan.

O seu murmúrio sibilante chegava-lhes através do silêncio.

— Ainda estamos a montante das cataratas? — inquiriu Yugi.

Nomoru emitiu um ruído afirmativo.

— Por aqui — disse, conduzindo-os para sul.

Kaiku duvidou que a batedora calculasse melhor do que ela para onde se dirigiam, mas tão bom era um caminho como o outro se eles estavam todos perdidos.

O céu começava a clarear quando Yugi os mandou parar de repente. Haviam estado atentos a quaisquer sinais de vida, mas por enquanto não aparecera nada. Na verdade, estava misteriosamente vazio. Até os animais pareciam ter abandonado este lugar.

— O que é? — murmurou Kaiku.

— Olhem — disse Yugi. — Olhem para a árvore.

Olharam. Erguendo-se em silhueta numa elevação rochosa por cima deles estava uma árvore torta, os seus troncos despidos e deformados, os ramos enrolados em espiral e curvando-se em ângulos estranhos.

Arqueava-se ali como um sinal agoirento, um aviso de coisas que adviriam se avançassem.

— Está atacada pela moléstia - indicou Yugi desnecessariamente.

— Eles encontraram outra pedra mágica — afirmou Kaiku. — E despertaram-na.

— Despertaram-na? — escarneceu Nomoru. — É uma rocha, Kaiku.

— E é só isso? — retorquiu Kaiku sarcasticamente. — Nesse caso, para que a estão os Tecedores a esconder?

Nomoru soltou um resfolego de repulsa e continuou a avançar, dirigindo-se para jusante. Os outros foram atrás dela. Pouco passava da alva quando encontraram o que tinham vindo procurar; e era bem pior do que haviam imaginado.

As elevações de terra que tinham seguido começavam a curvar afastando-se do Zan lá em baixo, e uma grande extensão de terra plana abria-se entre a margem oriental do rio e o solo alto, uma planície aluvial fértil e verdejante. Não conseguiam ver a planície, pois foram obrigados a afastar-se da beira da vertente devido a um terreno subitamente hostil de rochas partidas, mas por fim Nomoru encontrou um caminho até à borda, pelo que puderam obter uma boa panorâmica da terra a oeste, e foi então que viram aquilo que os Tecedores tinham andado a esconder todo este tempo.

A vertente alcantilara-se num enorme penhasco preto sobre a planície, e,

quando Nomoru alcançou o precipício, baixou-se de repente e fez sinal aos outros para que a imitassem. A luz do dia que despontava era mortiça e destituída de força, faltando-lhe ainda a capacidade de banhar o mundo de cor. O céu lá em cima era de um cinzento monótono, e a lua solitária dirigia-se para a obscuridade por detrás dos dentes farpados da Falha. Arrastaram-se de bruços até junto de Nomoru, e olharam. Kaiku praguejou entredentes.

No extremo mais distante da planície aluvial, perto da margem do rio, erguia-se uma construção maciça, uma corcunda glabra como a carapaça de um escaravelho monstruoso. Da cor do bronze enferrujado escuro, era formada por imensas faixas de metal ligado. À volta da base, aglomeravam-se construções mais pequenas quais animais recém-nascidos reclamando as tetas da mãe. Ali, estranhas rodas pontiagudas giravam lentamente, as correntes fazendo ruído ao deslizarem em roldanas que saíam de poços pouco profundos na terra, e de chaminés atarracadas saía um fumo preto oleoso. Vinha lá do interior o ruído do arrastar e traquinar de maquinaria.

Os observadores olharam estupefactos para o edifício. Não se assemelhava a nada que alguma vez tivessem visto, algo tão estranho para a sua experiência, que a própria presença destoava no mundo. Um horror imundo e fervilhante, medonho de se ver.

Mas não era tudo. Havia um perigo mais imediato e reconhecível. A planície estava inundada de Aberrantes. Era impossível estimar o número das criaturas ali aglomeradas, pois não apresentavam qualquer ordem ou formação, e era difícil dizer onde acabava um monte e começava o seguinte. A variedade de formas e feitios só vinha agravar: uma fantasmagoria de figuras grotescas que parecia ter brotado inteiramente da imaginação de um maníaco. Milhares, talvez; possivelmente dezenas de milhar. A horda revestia o solo desde a base dos penhascos até às margens do Zan, reunida em grupos ou aprisionada dentro de enormes jaulas de metal. Alguns seguiam incessantemente ao longo do rio, outros dormiam no solo, uns brigavam e arranhavam-se. Kaiku sentiu baterem-lhe no ombro, e olhou, vendo que Nomoru lhe oferecia uns binóculos. Era um objecto simples, portátil - duas lentes de vidro envoltas num tubo cónico de couro endurecido, - mas bastante eficaz. Aceitou-o com um sorriso vago de agradecimento. Era provavelmente a primeira vez que Nomoru mostrava alguma boa vontade para com qualquer deles. Evidentemente, a dimensão do que haviam descoberto fizera-a pôr momentaneamente de lado a grosseria mesquinha.

Aproximou-o da vista, e o espectáculo lá em baixo adquiriu um pormenor chocante. Por todo o lado, as formas da natureza haviam sido distorcidas da realidade. Coisas escuras aos saltos, fazendo lembrar felinos da selva, rosnavam ao vaguearem, os seus focinhos curiosos híbridos de cão e lagarto; criaturas demoníacas que poderiam em tempos ter sido pequenos macacos pendiam das grades das suas jaulas, os beiços repuxados para trás ao longo das gengivas para revelarem fiadas

perigosas de dentes amarelados; coisas marrecas, tipo javali, de ar furioso e grandes presas curvas cravadas nos cilindros compactos e sujos de dente e músculo.

Kaiku sentiu um desconfortável frémito de reconhecimento ao ver uma capoeira com aves enormes, de bicos queratinosos e asas rugosas e irregulares com um metro e oitenta ou mais de um extremo ao outro: corvos-seláquios, que vira há vários anos na ilha de Fo.

E, no entanto, existia um padrão no meio do caos. A presença dos corvos-seláquios alertara-a para isso, e agora, ao observar a planície, voltou a ver, à luz fraca da alva, que cada Aberrante não era único. Existiriam talvez algumas dúzias de tipos diferentes, mas estes tipos repetiam-se sucessivamente. Não surgiam arbitrariamente por influência das pedras mágicas. Eram espécies distintas. Apesar de horríveis à vista, não havia aspectos supérfluos, nenhuma característica evolutiva que lhes pudesse causar problemas.

Nenhumas deformidades.

— Não é ali — disse Nomoru, com impaciência. Agarrou na extremidade dos binóculos e virou-os. — Ali.

Kaiku poupou-a a um olhar irritado pela grosseria antes de observar novamente. Quando o fez, o sangue gelou-se-lhe.

Uma figura caminhava lentamente no meio da horda, ao que parecia ignorando os predadores à sua volta. A princípio, julgou que fosse um Tecedor, mas se era, não se parecia nada com qualquer que já tivesse visto.

Este era alto, no mínimo dois metros, e enfezado. Caminhava com a espinha erecta em vez da curvatura que os Tecedores adoptavam à medida que os seus corpos se tornavam mais impuros. A túnica não era aos retalhos como a de um Tecedor, mas preta e simples, com um pesado capuz; e, apesar de usar uma máscara, esta era uma oval branca inexpressiva, completamente lisa à excepção de duas órbitas oculares.

— Um novo tipo de Tecedor? — perguntou num sussurro.

— Não sei — respondeu Nomoru. Yugi pegou nos binóculos e olhou.

— O que é que eu estou a ver ali? — disse, observando lentamente a horda.
— O que estão a fazer?

— Uma espécie de colecção animal? — sugeriu Kaiku. — Uma colecção de espécies predadoras Aberrantes?

Nomoru riu com azedume.

— É isso que pensam? — Tsata estava com o semblante carregado. — Não é uma colecção animal, Kaiku. É um exército.

CAPITULO 19

No preciso instante em que Kaiku e os seus companheiros olhavam para a horda de Aberrantes junto ao Rio Zan, Lúcia e a sua comitiva chegavam a Alskain Mar.

Ficava a quase duzentos e cinquenta quilómetros de Kaiku, a leste e um pouco para sul da sua posição, do outro lado da Falha de Xarana próximo do Rio Rahn. Em tempos, fora um magnífico santuário subterrâneo, nos dias que tinham antecedido o cataclismo que abrira a terra e engolira Gobinda há mais de mil anos. Depois as suas entradas haviam-se desmoronado, e o telhado abatera-se sobre ele, e um sem-número de almas ficara soterrado pelo sismo. Agora era um lugar assombrado, a morada de algo antigo e eterno, e até a mais aguerrida das facções na Falha se mantinha bem longe dali.

Uma grande entidade dominava Alskain Mar, e os espíritos guardavam ciosamente o seu território. Mas era a esse lugar que Lúcia tinha de ir. Sozinha.

A sua escolta durante a viagem desde o Recesso era um pequeno grupo de guerreiros da maior confiança dos Libera Dramach, acompanhados de Zaelis e Cailin. O líder dos Libera Dramach, a mestra da Ordem Vermelha, e a rapariga de quem dependiam todos os seus esforços. Era arriscado aventurarem-se a sair do Recesso juntos, mas Cailin insistira em vir, e Zaelis não podia permitir que a sua filha adoptiva enfrentasse esta provação sem o apoio dele. A culpa pesava bastante no seu coração, e o mínimo que podia fazer era acompanhá-la até onde fosse possível. Cailin ficara furiosa quando Zaelis lhe contara o que fizera. Apesar de ter dado a entender a Lúcia que ele e Cailin estavam de acordo em lhe pedir que fosse a Alskain Mar, na realidade, a ideia partira inteiramente dele. Cailin opusera-se veementemente, e não reudara dizer-lho. Enfrentara-o em casa dele, no ambiente tranquilo e acolhedor do seu gabinete de trabalho.

— Isto é uma estupidez, Zaelis! — exclamara, uma torre de fúria negra. — Sabe o que lhe aconteceu da última vez! Agora quer mandá-la ao encontro de um espírito incomensuravelmente mais forte! O que lhe deu?

— Acha que tomei a decisão levianamente? — retorquiu Zaelis.

— Acha que me agrada a ideia de enviar a minha filha para o antro daquela coisa? A necessidade compele a minha mão, Cailin!

— Nada é tão necessário ao ponto de arriscar a vida daquela rapariga. Ela é a mola-real de tudo aquilo por que lutamos.

— Iremos perder tudo aquilo por que lutámos se os Tecedores encontrarem o Recesso — declarou Zaelis, andando agitadamente pela divisão. As vozes alteradas pareciam agitar o ar parado.

As lanternas projectavam sombras quentes no soalho de madeira dura.

— Para si, é fácil julgar: tem a Ordem Vermelha. Pode desaparecer num dia, fugir, deixar tudo isto para trás. Mas eu tenho uma responsabilidade para com aquilo

que comecei! Cada homem e cada mulher nesta cidade está aqui por causa daquilo que criei; até aqueles que não pertencem aos Libera Dramach vieram por causa dos ideais que representamos. — Baixou o olhar. — E eles vêem-me como o seu líder.

— Virá o dia em que eles verão Lúcia como líder deles, Zaelis — afirmou Cailin.

— Não era esse o plano? Assim dizendo, como ousa pô-la em perigo desta maneira? — Fez uma pausa, depois acrescentou uma última farpa. — Para não referir o facto de ela ser, como diz, sua própria filha.

O maxilar barbudo de Zaelis contraiu-se de dor.

— Ponho-a em perigo porque a tal sou obrigado — afirmou tranquilamente.

— Espere pelo regresso dos batedores — aconselhou Cailin.

— Pode estar a preocupar-se desnecessariamente.

— Não é suficiente — disse. — Independentemente do que venham a descobrir, subsiste o facto de os Tecedores estarem na Falha. Eles já podem ali estar há anos, não percebe? Só por Nomoru ser tão boa naquilo que faz é que se apercebeu da barreira dos Tecedores. Quantos dos nossos batedores passaram por ali e nem sequer se deram conta de que foram desorientados? — Olhou acusadoramente para Cailin. — Foi você que me explicou como funcionavam essas barreiras.

Cailin inclinou a cabeça. As penas de corvo no seu rufo agitaram-se ligeiramente.

— Está certo. A natureza das barreiras é suficientemente subtil, por isso a maior parte das mentes é levada a pensar que se perdeu.

— Nesse caso, o que poderiam os Tecedores ter mesmo debaixo dos nossos narizes? — perguntou Zaelis. — Só descobrimos isto por pura sorte. - Levantou as mãos calosas, exasperado. — Vi-me súbita e horivelmente confrontado com o facto de estarmos indefesos perante o próprio inimigo contra o qual temos lutado. Limitamo-nos a esconder deles. Mas agora percebo que, mais cedo ou mais tarde, fruto do acaso ou do desígnio, eles acabarão por nos encontrar. Podem até já nos ter encontrado. Precisamos de saber o que nos espera; e só os espíritos nos podem dizer isso.

— Tem a certeza, Zaelis? — perguntou Cailin. — O que sabe dos espíritos?

— Sei aquilo que Lúcia me diz — referiu. — E ela acredita que vale a pena tentar.

Cailin olhou-o com firmeza.

— Está claro que acredita. Ela faria tudo o que lhe pedisse. Mesmo que isso a destruísse.

— Ó deuses, Cailin, não torne isto pior para mim do que já é! — exclamou.

— Fiz a minha escolha. Vamos a Alskain Mar.

Cailin não discutira mais, mas quando se ia embora, estacara no limiar da sala e olhara para ele.

— Qual foi a finalidade de tudo isto no começo? Para que fez isto? Criou os

Libera Dramach do nada. Um homem inspirou tudo isso. Mas quem foi que o inspirou?

Zaelis não respondeu. Sabia que era uma pergunta capciosa, mas não queria ser instigado.

— O que é mais importante para si neste momento? — inquirira Cailin em voz baixa. — A rapariga, ou o exército secreto que chefia? Lúcia, ou os Libera Dramach?

As lembranças ecoaram amargamente nos pensamentos de Zaelis enquanto o grupo avançava cautelosamente pela alva que clareava em direcção ao santuário em ruínas. Tinham viajado de noite desde o Recesso por causa do secretismo. O progresso fora lento, já que foram obrigados a adaptar-se ao coxear de Zaelis, e Lúcia - que nunca na vida efectuara uma viagem a pé de mais de alguns quilómetros de cada vez - fatigava-se rapidamente.

As nuvens que tinham incomodado Kaiku mais adiante não se estendiam tão para leste, e contavam com a luz de Iridima para os guiar pelo terreno irregular da Falha.

Quando surgiram os primeiros sinais do dia, tinham chegado a uma depressão ampla e circular na terra, com quilómetro e meio de diâmetro. Situava-se no cimo plano de uma colina, carregado de erva orvalhada, arbustos e pequenas árvores esguias. No lado oriental, a Falha iniciava uma descida desconjuntada mas constante até às margens do Rahn. No centro da depressão havia um buraco fundo e irregular, um poço dentado na vasta caverna por debaixo, onde se situava Alskain Mar.

Pararam à beira do declive. Tinham sido colocados espanta-almas num círculo à volta do perímetro, as suas superfícies gastas pelas intempéries e a tinta sumida. Faziam uma grande chocalhada quando o vento roçava por eles, feitiços velhos de ossos dos dedos e pedras de resina transparente batendo na rocha. Vários deles estavam estalados, e o musgo crescera nas fissuras. Havia um partido ao meio, e a secção superior jazia ao lado da parte restante.

Cailin deitou um olhar depreciativo aos espanta-almas. Eram artefactos supersticiosos canibalizados pelos Ugati; pedras esguias e elípticas pintadas numa combinação de bênçãos e maldições e penduradas com joalharia ruidosa e primitiva. Segundo as histórias, quando um espírito se aproximava de um espanta-almas, ficava aterrado com o som dos feitiços, e via-se simultaneamente repellido pelas bênçãos e incomodado com as maldições; então, fugia para o sítio de onde viera e escondia-se. Não resultavam, e foram rejeitados há centenas de anos pelos Saramyr como estranhos artefactos populares; e no entanto, estes eram exemplares recentes, não contariam mais de cinquenta anos. Como saber quem os pusera ali, e o que tinham esperado alcançar? Talvez tivessem pensado que um método antigo pudesse resultar para prender um espírito antigo. Na Falha de Xarana, as regras habituais da civilização não se aplicavam.

Repousaram no exterior da depressão enquanto o Sol subia no céu. Lúcia enroscou-se numa esteira e adormeceu. A caminhada nocturna fora difícil para ela. Podia não lhe faltar energia, mas, não obstante, continuava frágil, tendo sido protegida ao longo de toda a infância. Os guardas comeram nervosamente comida fria, observando por precaução o cimo sossegado da colina. Aqui estavam bastante a salvo de qualquer perigo humano, pois não prosperavam quaisquer povoados tão perto de Alskain Mar; mas até o homem menos mediúnico conseguia sentir a presença do espírito, ficando com a pele toda arrepiada.

Nem mesmo o calor e a luz do dia conseguiam dissipar o frio.

Captavam constantemente movimentos fugazes entre os arbustos fora do campo de visão deles; mas sempre que iam investigar, não havia nada. Zaelis e Cailin estavam sentados um ao pé do outro. Zaelis observava com preocupação a filha adormecida; Cailin olhava em silêncio para o buraco no centro da depressão.

— Ainda há tempo para voltar atrás, Zaelis — sugeriu a Irmã.

— Não há - contrapôs ele. — A decisão está tomada.

— As decisões podem ser alteradas — disse-lhe Cailin.

A testa de Zaelis estava profundamente enrugada, os seus olhos pesarosos enquanto via as costas magras de Lúcia a subirem e a descerem.

— Esta não — insistiu.

Cailin não lhe respondeu. Se fosse possível, teria ousado impedi-lo; mas não podia pôr em perigo a sua posição ou a da Ordem Vermelha correndo esse risco. Apercebeu-se de que desejava que Kaiku ou Mishani estivessem ali. Talvez conseguissem influenciar Zaelis. Ocorreu-lhe uma ideia louca, que poderia usar a Teia para o manipular subtilmente; mas Lúcia aperceber-se-ia, mesmo que Zaelis não, e o acto constituiria uma terrível traição da confiança. Não podia permitir-se isso.

Por conseguinte, tinha de ficar de braços cruzados enquanto ele enviava a esperança deles todos a Alskain Mar, e aguardar para ver se ela voltava a sair de lá.

— E então Asara? — perguntou por fim Zaelis, encetando de repente um novo tema. — Tem tido notícias dela? Podemos precisar novamente dela muito em breve.

— Ela desapareceu — referiu Cailin. Preferiam ambos continuar a referir-se-lhe como Asara, apesar de a terem conhecido como Saran no breve tempo que passara no Recesso. A identidade do espião que mandaram procurar sinais dos Tecedores no Mundo Vizinho sempre fora do conhecimento deles, mas não sabiam que aspectos ela poderia assumir. — Ela foi-se embora antes de Kaiku partir. Desconfio que tiveram uma espécie de desentendimento.

Zaelis arqueou um sobrolho.

— Eu vigio muito de perto a minha pupila extremamente caprichosa — disse. Olhou para leste, para o céu outonal daquela manhã.

— No entanto, não creio que voltemos a ver Saran Ycthys Marul. Ela está a

mudar de identidade.

— Nesse caso, falou com ela? O que sabe?

Os lábios pretos e vermelhos de Cailin subiram num leve sorriso.

— Ela foi fazer-me um pequeno recado. Consegui convencê-la de que era... do seu interesse.

— Um recado? — repetiu Zaelis, a sua voz mole tornando-se desconfiada. — Que recado, Cailin?

Cailin olhou-o de soslaio.

— Isso é um assunto nosso — referiu.

— Ó vida! Acaba de mandar embora a minha melhor espia e nem sequer me diz porquê? O que anda a tramar?

— Ela não é sua espia — recordou-lhe Cailin. — Se o é de alguém, é minha. E agora está fora a tratar de assuntos da Ordem Vermelha.

— É suposto os Libera Dramach e a Ordem Vermelha trabalharem juntos — afirmou Zaelis. — Que tipo de cooperação é esta?

Cailin riu baixinho.

— Se fosse um esforço cooperativo, Zaelis, então não teríamos certamente trazido Lúcia até perto de Alskain Mar. Se eu tivesse o poder, vetá-lo-ia. Não, os Libera Dramach mandam no Recesso, como muito bem sabe. Não lhe devemos nada. Podemos estar a ajudá-lo, mas não temos qualquer obrigação para consigo. E eu tenho outros interesses a tratar antes de tudo isto terminar.

Lúcia acordou de tarde, tomou algum alimento e efectuou os preparativos para fazer o que tinha de ser feito. Não falou com ninguém.

Passado algum tempo, transpôs o círculo dos espanta-almas até à beira do buraco no centro da depressão. O sol da tarde aquecia-a por detrás, mas na nuca e na parte superior das costas - onde estavam as cicatrizes - os nervos mortos nada sentiam. O seu olhar encontrava-se distante, focado na mancha de minúsculas nuvens no céu a leste, onde o azul-celeste carregado se misturava com tons de púrpura.

Deixou-se descontrair e pôs-se à escuta. O vento murmurava-lhe absurdos sibilantes, e os pensamentos brandos e agitados do cimo da colina resmungavam tão lentamente ao ponto de serem incompreensíveis. Não havia aqui animais: foram afastados por um instinto que os alertara para o que quer que se escondia ao fundo do buraco na terra. Lúcia também o sentia, a toda a sua volta, mas principalmente concentrado no subsolo; era como um sussurro distante de algum animal enorme, adormecido mas ainda consciente deles. O ar parecia tenso, e enganava a visão com movimentos semi-detectados.

Zaelis apareceu ao lado dela com Cailin e esboçou-lhe um sorriso absolutamente nada convincente para a tranquilizar. A Irmã acanciou-lhe o cabelo na parte lateral da cabeça num gesto de surpreendente ternura.

— Lembre-se, Lúcia — afirmou. — Ninguém a está a obrigar a fazer isto.

Lúcia não respondeu e, após um momento, Cailin esboçou um leve aceno de compreensão e retirou-se.

— Estou preparada — disse-lhes, apesar de, na realidade, não estar.

Vários dos guardas que viajavam com eles tinham trazido os componentes para uma cesta, que montaram enquanto Lúcia dormia. Pouco mais era do que uma cadeira ultraleve feita de troncos entrelaçados de cana de kamako, e um sistema de cordas, tanto para prender Lúcia à cadeira como para permitir descê-la até à caverna. Amarraram-na um tanto acanhadamente, pois olhavam-na com reverência e não queriam magoá-la, no entanto não arriscaram fazer nós corredios, não fossem deslizar. Quando ficou pronta, dois pegaram nela enquanto o resto dos guardas esticava a comprida corda e prendia a sua extremidade a um dos espanta-almas de aspecto mais resistente. Os dois guardas transportaram-na delicadamente até à beira do poço, deixando que os seus companheiros recebessem gradualmente o peso dela.

Não fizeram grande esforço; ela era suficientemente magra para qualquer deles a aguentar sem grandes complicações. Por fim, estava suspensa sobre o poço, as costas da cadeira apoiadas numa parede. Zaelis olhou para ela, uma derradeira guerra de indecisão a decorrer por detrás dos seus olhos. Depois acocorou-se.

— Volte em segurança.

Ela limitou-se a olhá-lo com aquela expressão estranha e distante no rosto, e não disse nada.

— Desçam-na! — gritou um dos guardas aos companheiros, e iniciou-se a descida de Lúcia.

Os primeiros metros não foram fáceis. Os homens à beira do buraco viram-se obrigados a debruçar-se o mais que ousavam para baixar a corda, e Lúcia teve de afastar a rocha preta e húmida do poço para não raspar dos lados. Demorou apenas um minuto, mas nesse tempo as mãos e as pernas de Lúcia ficaram com equimoses e todas arranhadas.

Depois o poço abriu-se e estava suspensa num vazio por cima de Alskain Mar, uma figura minúscula numa cesta baloiçando na imensidão da caverna subterrânea. Apoderou-se dela a realidade da situação, o terror da vicissitude; e pior, a incredulidade por o pai ter deixado que isso acontecesse. Só então se apercebeu de que uma parte de si esperara que Zaelis mudasse de ideia, lhe dissesse que não tinha de ir, que não a culparia se desistisse. E, no entanto, não o fizera. Nem sequer lhe dera oportunidade de pensar melhor. Como pudera fazer-lhe semelhante coisa? Como pudera?

A luz do olho de Nuki era a única iluminação aqui, um raio ofuscante que banhava Lúcia de cima, incidindo-lhe no cabelo louro e nas costas com uma intensidade insuportável e lançando-a na sombra profunda. Por debaixo dela havia água, um lago que brilhava desagradavelmente onde o sol lhe batia, tão perfeitamente cristalino, que era possível ver os detritos acumulados no fundo.

Eram os restos de alvenaria antiga, e pedaços de rocha partida pela erosão do

tempo, cobertos de líquenes e plantas aquáticas. Havia ilhas dispersas pelo lago, altos de um creme-claro erguendo-se acima da linha da água que outrora foram arcos ou os flancos de colunas imponentes. Conseguia ver uma parede da caverna, mas as suas curvas irregulares desapareciam na escuridão de cada lado e transformavam o resto da câmara num abismo impossível de adivinhar. Trepadeiras e folhagem pendiam da boca do poço, desviando-se do seu caminho como se procurassem o lago lá em baixo. Estava frio e húmido ali, e o único som era o gotejar ecoante da água e o esporádico chape de um peixe.

A maior parte da superestrutura do santuário ainda se encontrava de pé, mil anos após a terra se ter abatido sobre ele. Erguia-se à volta de Lúcia em toda a sua melancólica grandiosidade, vigas colossais de pedra que saíam do lago e subiam pelas paredes curvas da caverna em pontas partidas. Viam-se ideogramas enormes desenhados nas vigas numa língua demasiado antiga para Lúcia reconhecer, um dialecto abandonado com a evolução da sociedade; as suas formas sugeriam-lhe um tom sério e circunspecto, ecoante e sábio.

Subsistiam também outras secções do santuário. Por debaixo de si ficava o esqueleto de uma câmara abobadada, o seu chão suficientemente levantado, pelo que a água batia nas suas extremidades, mas não o engolia. Bocados fracturados de outras salas deixavam entrever a traça do edifício antes da sua destruição. Na parede à sua frente, encontrava-se uma secção maciça de alvenaria sustentada entre duas das costelas, um pedaço do que fora em tempos o telhado original do santuário. Padrões angulares rabiscados na sua superfície, um ínfimo vislumbre da majestosidade que este lugar possuíra outrora quando estava intacto. Na periferia da luz, podia ver outras estruturas, demasiado difusas para se distinguirem, mas suscitando uma impressão de tamanho descomunal.

De repente, sentiu-se tremendamente pequena e sozinha. Sozinha, à excepção da presença que aguardava em Alskain Mar.

Arriaram-na na direcção à ruína da câmara abobadada, e a sua cadeira rangente foi baixada em progressos sucessivos, parando entre cada queda suave. Felizmente, não tinha medo das alturas, mas receava imenso que a cadeira ou a corda dessem de si, muito embora lhe tivessem garantido que haviam tomado todas as precauções possíveis e que a cesta era suficientemente resistente para alguém com seis vezes o seu peso.

Escutou o seu coração a bater com força, e tentou aguentar enquanto se aproximava lentamente do fundo da caverna. Depois, passou finalmente pelos dedos curvados e partidos da cúpula destruída, e o seu cesto embateu no chão de pedra. Soltou-se apressadamente, desesperada por se livrar dele, como se a pudessem içar do abismo a qualquer momento.

— Lúcia? — chamou Zaelis lá de cima do poço, onde as cabeças dos observadores eram manchas escuras na luz ofuscante do sol. — Está bem?

A voz dele soou como uma blasfémia na paz arrepiante da caverna, e de

súbito o ar pareceu escurecer, ficar carregado de uma reprovação avassaladora e irada tão palpável que fez com que Lúcia se encolhesse e lamuriasse. Os outros também a sentiram, pois ouviu os guardas soltarem imprecações assustadas, e Cailin disse algo com rispidez a Zaelis, após o que ele se calou e não gritou mais.

A luz intensificou-se de novo gradualmente na sala, a tensão aliviando-se. Lúcia respirou outra vez, mas as mãos tremeram-lhe ligeiramente. Olhou para o cesto minúsculo e frágil lá atrás que era a sua única saída deste lugar, e apercebeu-se então de quão distante de auxílio estava realmente. Ali, na orla da luz inclinada do sol, era apenas uma rapariga graciosa de catorze apanhas, vestindo umas calças coçadas e sujas e uma blusa branca.

Lúcia, tu não és o sacrifício de alguém. As palavras de Kaiku, proferidas no primeiro dia da Semana Estival. E, no entanto, ei-la ali, no antro de alguma entidade impossível de adivinhar, como uma donzela oferecida a um demónio mítico pelo seu próprio pai. Decidiu descontrair de novo. As vozes dos outros espíritos que ouvia todos os dias - os animais, a terra, o ar - estavam silenciosas aqui. Isso deixou-a nervosa. Nunca antes passara sem elas, e só servia para intensificar a solidão e o abandono que sentia.

O ocupante do santuário dava-lhe agora um pouco mais de atenção do que antes. Estava adormecido e desinteressado. Se tivesse de o acordar, precisaria de o fazer muito delicadamente. Chegara a altura. Não podia protelar mais. Aproximou-se da beira da plataforma, virada para a escuridão, e ajoelhou na pedra fria. Apoiou as mãos abertas na sua superfície e baixou a cabeça.

E pôs-se à escuta.

O processo de comunicação activa com um espírito não era uma linguagem tão simples assim. Os animais não constituíam problema para Lúcia, mas a maior parte dos espíritos desconhecia sobremaneira o mundo que os humanos viam e sentiam. Não existia propriamente um léxico através do qual os humanos e os espíritos eram capazes de se compreender mutuamente, visto não partilharem os mesmos sentidos. Pelo contrário, tinham de estabelecer contacto a um nível muito abaixo da razão, uma fusão primaria que só podia ser conseguida tornando-se unos nas respectivas naturezas. Tinha de se constituir uma unidade obscura e experimental, como a existente entre um bebé no ventre e a sua mãe.

Lúcia permitiu-se então tomar consciência da pedra por debaixo das palmas das suas mãos, e deixou que, por sua vez, a pedra tomasse consciência de si. A princípio, as sensações eram meramente físicas: o contacto frio com a sua pele, a pressão da sua carne na superfície. Foram-se tornando intensas e cada vez mais agudas à medida que ia mergulhando sucessivamente no transe, pelo que se apercebeu da infinidade de poros e pregas na pele das suas mãos, e pôde sentir as fendas e costuras microscópicas na pedra onde estava ajoelhada.

Entretanto, estava absolutamente imóvel, a sua respiração diminuindo para um suspiro langoroso, o ritmo cardíaco um bater monótono e indolente. A seguir,

deixou que a partilha da sensação se estendesse para lá do ponto de contacto, expandindo a sua consciência de modo a incluir todo o seu corpo: o golfar e bombear do sangue, arrede de folículos no couro cabeludo, o tecido morto e arrepanhado das "cicatrices", o feixe de músculos nas costas. Revelou à pedra o conhecimento do potencial que se ia reunindo gradualmente nos seus ovários e útero, que não tardariam a estar activos; o alongamento progressivo dos ossos nos seus membros; todo o processo de vida e crescimento.

E com aquilo, deixou-se afundar mais na essência da pedra, deslizando pela sua memória antiga e oprimida. Captou a estrutura dela, as suas falhas; sentiu as suas origens, onde se desenvolvera e de onde fora talhada; soube da sua existência dura e sem sentido. Não existia vida real numa pedra que fora separada da sua montanha, cortada da entidade maior da terra onde se formara; mas havia ainda uma marca das coisas que tinham ocorrido aqui, uma impressão deixada pelo tempo no carácter do lugar.

Depois, repentinamente, o santuário acordou à sua volta. Quase saiu do transe quando a sua percepção adquiriu um alcance dramático, e sentiu não apenas a pedra, mas toda a estrutura do santuário, um milénio de existência que lhe era revelado ao mesmo tempo. Percebeu o orgulho e o poder deste lugar na sua juventude, sentiu a amargura pelo abandono a que tinha sido votado. Em tempos fora um grande santuário, e não esquecera os dias em que os homens e as mulheres celebravam nos seus salões e faziam sacrifícios nos seus altares.

Soube depois de um longo vazio, e da vinda do novo habitante, e o santuário voltou a ser um local de poder, conquanto uma sombra escura e enganadora da sua anterior existência.

Começou a sondar experimentalmente, aproximando-se deste novo habitante, para que tomasse consciência dela. A despeito do transe, Lúcia estava a ficar novamente com receio. Até as sensações oblíquas que recebera sobre o espírito que residia aqui foram imensas e intimidatórias, como se ela fosse um insecto a roçar-se nos flancos de algum animal enorme.

Lentamente, o espírito de Alskain Mar despertou.

Lúcia sentiu a mudança no ar à sua volta com os seus sentidos extremamente afinados. A caverna escurecia, uma escuridão semelhante a fumo enegrecido invadindo a luz e vencendo o brilho do olho de Nuki. Ouviu, ao longe, a exclamação horrorizada de Zaelis quando deixou de a conseguir ver. O pouco calor que aquele raio de sol proporcionara desapareceu, e a temperatura desceu a pique. Começou a tremer de frio; a sua respiração emanou em jactos de vapor. O desconforto voltava a fazê-la sair do transe, e recuou do espírito para se controlar, para relaxar.

Mas o espírito veio atrás dela. O seu contacto agitou-o, e não a queria deixar partir sem ficar a saber algo sobre a natureza da intrusa na sua toca. Lúcia sentiu um momento de terror ante a súbita agressão antes de ele a submergir, fundindo-se à força com ela num dilúvio cruel. Houve aquele brevíssimo instante em que ela se viu

brutalmente confrontada com uma imensidão impossível de sondar com as suas estruturas humanas de pensamento. Depois morreu do choque. E continuou viva.

Abriu tremulamente os olhos. Estava de bruços no chão da câmara em ruínas. As faces e os seios doíam-lhe no sítio onde caíra para a frente. Havia luz, azul-clara e etérea.

Ergueu-se nos braços.

A iluminação vinha de baixo do lago, incidindo misteriosamente no seu rosto. Toda a caverna se iluminara. Era ainda maior do que os vislumbres iniciais lhe haviam dado a entender. A água projectava ondas brilhantes nas paredes e nos restos do santuário.

Por cima, a escuridão era total, e não se via nada do poço pelo qual entrara em Alskain Mar.

A medida que a sua consciencialização se reuniu, apercebeu-se de que o espírito do santuário ainda estava fundido com ela. Conseguia senti-lo, experimentalmente agora. Enviou-lhe uma vaga de conhecimentos, uma recapitulação de algo que interpretara como um pedido de desculpa. O espírito matara-a sem querer, mas apenas por momentos. Levara esse instante a absorver a natureza da rapariga, e a reactivar a sua biologia, a reparar os danos causados à sua sanidade. Apesar de ter morrido, não perdera mais do que dois batimentos cardíacos; o sangue mal tivera tempo de abrandar. Lúcia apercebeu-se com espanto de que estava a comunicar com ele. Ou melhor, ele estava a comunicar consigo. Infelizmente, soubera que estava aquém das suas capacidades fazer-se entender por uma coisa que era tão estranha, mas nunca pensara sequer que o espírito pudesse ser capaz de se simplificar o suficiente para descer ao nível dela. Todavia, ao absorver a sua natureza, adquirira um conhecimento das limitações dela, e foi possível alcançar e manter um contacto rudimentar.

Arrastou-se debilmente até à beira da plataforma, movida por uma motivação semi-ouvida, e ajoelhou-se ali perto. Depois olhou para a água e viu-o.

O lago deixara de ter fundo. Muito embora continuasse tão transparente quanto cristal, descia agora a profundezas infinitas, de onde provinha o estranho brilho. E ali em baixo, a uma distância incalculável, o espírito olhava para ela. Não tinha forma. Era como uma moça na água, pairando na orla da visão de Lúcia, mais uma sugestão de uma forma do que uma entidade física. Algures dentro dele, duas formações ovais que se aproximavam de olhos observavam-na com uma intensidade assustadora. Tremulava com a convecção invisível do lago, saltando por vezes durante uma fracção de segundo para outro lugar, antes de voltar à sua localização original, deslocando-se irregularmente ao mesmo tempo que permanecia perfeitamente imóvel. Afigurou-se simultaneamente pequeno e enorme aos olhos de Lúcia. Não conseguia confiar na sua perspectiva; era como se conseguisse levar a mão à água e tocar-lhe, apesar de parecer mais distante do que as luas.

Não obstante as suas melhores tentativas de uma manifestação que ela

pudesse compreender, continuava a forçar-lhe os sentidos só para que o olhasse; e todavia, olhou para ele, pois sabia que era isso que ele pretendia. Medo, alegria e puro terror entrechocaram-se dentro dela. Nunca teria acreditado que fosse conseguir uma plataforma com um espírito como este; mas agora que isso sucedera, fazia questão desse contacto, e era impossível afirmar qual o tipo de força com que estava a lidar. Era capaz de lhe aniquilar a mente num acesso de capricho; era capaz de a manter presa aqui uma eternidade como companhia; era capaz de fazer algo inteiramente para lá da imaginação dela. Sentia-se ainda um pouco atordoada e frágil do impacto mental do primeiro toque do espírito, do momentâneo salto sobre a superfície da morte; não sabia se seria suficientemente forte para enfrentar o que aí vinha.

Mas agora não havia outra alternativa. Tinha perguntas a colocar. Lentamente, estendeu as mãos e assentou-as na superfície fria do lago.

Exalou um suspiro longo e tiritante, e elevou-se uma pluma de vapor à sua volta.

Depois começou.

CAPITULO 20

— Não volto lá! — afirmou Kaiku, avançando com cuidado pela depressão cheia de rochas onde os viajantes estavam escondidos. — Por enquanto não. Enquanto não soubermos nada sobre aquelas criaturas ali em baixo.

— É por não sabermos nada que temos de lá voltar — argumentou Yugi. Olhou para Tsata, que estava de vigia, acorado na extremidade de uma pedra plana. — Não fazemos ideia do tipo de defesas que eles conseguem reunir. E muito menos estamos equipados para tentarmos infiltrar-nos. O que é que tencionas exactamente fazer, Kaiku?

— Não é suficiente voltarmos ao Recesso com notícia de um exército de Aberrantes escondido na Falha — disse Kaiku. — Por que estão aqui? A quem se destinam? É aos Libera Dramach, ou a mais alguém?

Precisamos de respostas, não de uma informação que só irá gerar mais perguntas.

— Baixem as vozes — ordenou-lhes Nomoru com frieza. Observaram durante horas os Aberrantes e os estranhos recém-chegados tipo Tecedor antes de se retirarem para a beira do penhasco que dava para a planície aluvial.

Temendo a intensidade da luz do dia, haviam recuado para um local menos exposto onde pudessem ponderar as opções. Nomoru encontrara uma depressão pedregosa entre um aglomerado de rochas altas que se inclinavam umas sobre as outras, tapando a maior parte do céu. Não obstante a relativa facilidade com que haviam penetrado até aqui na área protegida pelos Tecedores, estavam a ficar cada vez mais nervosos. A ausência de qualquer tipo de guardas podia ser explicada pelabarreira que tinham atravessado: tal como no mosteiro em Fo onde Kaiku se infiltrara no passado, os Tecedores acreditavam que a sua barreira era infalível, e não se preocupavam com a segurança. Mesmo assim, começaram a sentir que a sua sorte estava a diminuir e que se impunha fazer algo.

— Se ficarmos e tentarmos descobrir mais, corremos o risco de sermos capturados ou mortos — pronunciou-se Yugi, passando uma mão pelo cabelo antes de compor a faixa à volta da testa.

Tinha círculos negros debaixo dos olhos, e as faces com a barba crescida davam-lhe um ar macilento e cansado; mas aqui ele era o líder, e falou com autoridade.

— Nesse caso, ninguém obtém nenhuma respostas, nem nenhum aviso do que os Tecedores estão a planear.

— Mas o que estão eles a planear? — sondou Kaiku. Estava invulgarmente agitada. — O que sabemos?

— Sabemos que têm uma horda de várias espécies diferentes de Aberrantes — disse Yugi. — Tudo espécies predadoras ou especializadas de alguma maneira. E são todas puros-sangues; nenhuns abortos. — Yugi encolheu os ombros. — Isso

quer dizer que ou as seleccionaram muito cuidadosamente do seu habitat natural, ou as criaram assim. Por isso se têm estado a mover em segredo nas suas barcas.

Eis o que Lúcia sentiu no rio.

— Têm-nas sob controle — afirmou Nomoru. Estava sentada na vertente da depressão, o rosto às riscas com a sombra das rochas lá em cima, limpando a sua magnífica espingarda.

— Deviam estar a lutar umas com as outras. Não estão. Por isso estão sob controle.

— E eles conseguem isso? — perguntou Yugi Kaiku. — Consegue um Tecedor influenciar assim tantas criaturas?

— Não — respondeu Kaiku. — Nem mesmo uma Irmã conseguiria manter um controle constante sobre todas aquelas mentes ao mesmo tempo.

Nem cem Irmãs, e elas são muito mais... eficientes a usar a Teia do que os homens.

— Talvez estejas errada — contrapôs Nomoru. — Talvez os Tecedores o consigam fazer.

— Eu não estou errada — retrucou Kaiku. — Tê-lo-ia sentido, mesmo que eles conseguissem. O que quer que se passe ali em baixo era demasiado subtil para serem os Tecedores a controlar aquelas criaturas.

— É então aquelas pessoas de vestes pretas? — sugeriu Yugi. Tinham visto dúzias delas, vagueando entre as massas escabrosas de animais Aberrantes. — Serão os tratadores da colecção animal?

— Talvez sim — disse Kaiku. — Talvez não. — Podes descobrir?

— Não com o método a que te referes. Não sei o que iria enfrentar — afirmou. — Se eles me apanhassem a usar o meu kana, as consequências poderiam ser desastrosas. Para todos nós.

— E então aquele edifício? — sugeriu Nomoru, espreitando pelo cano da sua espingarda. — Não faço ideia do que seja. Tenho de me aproximar.

— É uma mina — explicou Yugi. — Não se está mesmo a ver? O facto de a moléstia estar presente aqui significa que têm lá em baixo uma pedra mágica. Significa também que foi despertada há tempo suficiente para começar a destruir a terra.

— Acho que a presença do edifício é suficiente para indicar que eles estão aqui há muito tempo — salientou Kaiku. — No entanto, não fizeram menção de atacar o Recesso. Por isso, podemos presumir.

— É uma planície aluvial — interrompeu Nomoru, prosseguindo o seu raciocínio inicial. — Como se escava uma mina numa planície aluvial? Ficaria alagada.

Tsata estivera a escutar a conversa, pacientemente. Era óbvio para ele desde o início o que fazer, mas sabia que a simples sobrevivência lógica não resultava com os Saramyr; insistiam em complicar tudo. Agora que discutiram o assunto até se

darem por satisfeitos, achou que chegara o momento certo de intervir.

— Eu tenho uma solução — disse.

Os outros olharam para o sítio onde estava acocorado, os seus olhos verde-claros percorrendo as rochas irregulares que os rodeavam.

— Dois de nós ficam e investigam — disse. — Dois de nós regressam.

— Só Nomoru conhece o caminho de volta — salientou Yugi.

— Eu conheço o caminho de volta — referiu Tsata. Ao cabo de uma vida inteira a navegar pelas selvas densas, o terreno relativamente aberto da Falha era simples de recordar. Era capaz de reconstituir facilmente o trajecto e evitar os perigos por que tinham passado na deslocação até ali.

— Ninguém fica — afirmou Yugi.

— Eu fico — contrapôs Kaiku.

— Tu és a única que nos consegue fazer transpor aquela barreira — argumentou Yugi.

— Nesse caso, acompanho-os até ao outro lado e depois volto para trás — disse Kaiku.

— Eu fico com ela — interveio Tsata. — Seria mais útil aqui.

— Vocês estão realmente cheios de pressa de serem mortos — observou Nomoru com um sorriso desagradável. — Não me importo. Irei com ele. — Apontou para Yugi. — Mais seguro.

— Vamos voltar todos juntos — insistiu Yugi. — Quase não conseguíamos chegar aqui sendo quatro. Com apenas dois...

Kaiku interrompeu-o.

— Tu quase não conseguiste chegar aqui — frisou. — Preciso de te lembrar a quem deves o facto de estares sequer aqui?

Yugi suspirou.

— Kaiku, não te vou deixar fazer isto. E muito menos só de te estar grato por me teres salvo a vida.

Kaiku afastou a franja que lhe caía sobre o rosto. Sempre se tivera na conta de teimosa, e agora estava mesmo a fazer finca-pé.

— A escolha não é tua — declarou.

— Estou aqui na qualidade de representante da Ordem Vermelha; não tens ascendência sobre mim. E Tsata não deve obediência a ninguém.

— Tu nem sequer estás na Ordem Vermelha! Não passas de uma aprendiz! Ó deuses, Kaiku, não compreendes a ameaça? — gritou Yugi.

— O que acontecerá se fores apanhada? Sabes como Cailin fica paranóica por expor qualquer das suas operacionais; o que achas que acontecerá se um Tecedor te apanhar? Porás em risco toda a Irmandade!

— E além disso — rematou, a sua voz baixando para um murmúrio quando Nomoru o mandou calar, — vocês os dois sabem onde se situa o Recesso.

Kaiku não se deu por convencida.

— Alguém precisa de ficar e informar todos se este exército se puser em movimento. Só eu o posso fazer; só eu posso mandar imediatamente um alerta para o Recesso se os Tecedores começarem a marchar.

— Corrige-me se estiver errado, mas Cailin não proibiu a comunicação a longa distância entre Irmãs? — salientou Yugi.

— Ela não a proibiu — replicou Kaiku. — Ela apenas deixou claro que só deverá ser usada quando não existir de todo em toda outra opção. Como agora.

— E achas-te qualificada para o decidir? Achas que ela iria gostar que uma aprendiz assumisse essa responsabilidade?

— Não me interessa se ela gosta ou não — afirmou Kaiku de forma desprendida. — Não sou criada dela. — Fez uma breve pausa, depois prosseguiu. — Por que achas que ela me deixou ir ao Okhamba com Mishani? Precisava de alguém que conseguisse atravessar a Teia. No caso de não conseguirmos tirar de lá o espião, eu deveria enviar as informações que ele possuía. Foi esta a importância que ela lhe atribuiu. É a importância que eu atribuo a isto. Trata-se da nossa única hipótese de descobrir o que os Tecedores estão a congeminar. — Agitou uma mão num gesto de frustração. — Todo este tempo, fomos demasiado cuidadosos. Cailin tem sido demasiado cuidadosa. E vejam o resultado. Os Tecedores têm um exército mesmo debaixo dos nossos narizes! A Ordem Vermelha deveria ter procurado este tipo de coisa, mas Cailin temia por demais que alguém fosse apanhado. Se não descobrirmos agora o que está a acontecer, será demasiado tarde! — Fitou os olhos de Yugi, muito séria. — Nós estamos aqui e eles não, e se eu regressar, Cailin nunca mais me voltará a deixar aproximar o suficiente para mudar a situação.

E pronto. Era mesmo verdade. Se recuassem agora, Cailin não a deixaria arriscar-se de novo, e teriam perdido uma oportunidade potencialmente crucial de descobrir os planos dos Tecedores. Não podia virar as costas naquele momento. Não com a jura que fizera a Ocha ainda latente no seu espírito, e a morte da família por vingar.

Ocha cuidou de mim uma vez, pensou, recordando o percurso gelado pelas Montanhas Lakmar tantos anos atrás. Ele voltará a fazê-lo.

— Tu irás mudar a situação, não tenho quaisquer dúvidas — afirmou Yugi, mas pareceu vencido, e Kaiku soube que ele não iria discutir mais. — Se vai ser uma vitória, ou uma derrota, o tempo o dirá. — Voltou a encolher os ombros. — Não te posso impedir, Kaiku. Nem pela força nem pela razão. Só quero que saibas a quantidade de vidas que estás a pôr em risco.

— Durante tempo de mais tivemos muito medo dos Tecedores — disse Kaiku. — Não ousámos arriscar. Não podemos esconder-nos eternamente. — Colocou uma mão no ombro dele. — Terei cuidado.

— É bom que tenhas — afirmou Yugi, depois esboçou inesperadamente um largo sorriso. — Preciso que voltes ao Recesso sã e salva. Para te poder matar por me estares a preocupar desta maneira.

O humor foi muito forçado, e ninguém o engoliu.

— Já acabaste? — perguntou Nomoru com secura. — Podemos ir?

Kaiku deitou-lhe um olhar venenoso, depois aproximou-se do ouvido de Yugi e segredou: — Não invejo a tua companhia para a viagem de regresso.

Yugi soltou um gemido.

Reki tu Tanatsua, irmão mais novo da Imperatriz de Saramyr, começava a arrepender-se profundamente de ter vindo visitar a irmã.

Estava sentado no banco largo de pedra de uma janela em arco nos seus aposentos, encolhido, com as solas dos sapatos assentes numa extremidade e as costas na outra. Olhava para as imponentes muralhas de Axekami a norte e as planícies mais além, com o cintilante Jabaza do lado esquerdo do panorama, dirigindo-se para o horizonte e as montanhas. O dia estivera quente e abafado, e a própria terra parecia preguiçar na luz brilhante enquanto o olho de Nuki descia a ocidente. Faixas suaves de nuvens pairavam indolentemente nas grandes altitudes, mal se movendo. A cabeça de Reki estava assente no arco, os braços cruzados, uma imagem digna de se ver em profunda meditação iluminada pelo fogo suave e a sombra quente.

Quando soubera que o seu pedido para se deslocar à Cidade Imperial fora aceite, ficara entusiasmadíssimo. Não por se tratar da primeira oportunidade de viajar até lá sem ir acompanhado da família - tinha então dezassete apanhas; dezoito desde o começo do Outono - nem por adorar a irmã e sentir a sua falta desde que fora viver para Axekami. Não, grande parte da sua felicidade devia-se ao facto de poder finalmente afastar-se do pai, o Barak Goren, cuja constante decepção com Reki estava a deixar o rapaz com os nervos abalados.

A diferença de idades entre Reki e Laranya, que tinha trinta e duas apanhas, devia-se à fragilidade da mãe deles. Apesar de possuir uma imensa força mental, era de constituição fraca. Ao dar à luz Laranya, quase perdera a vida, e Goren, que tinha uma grande adoração por ela, não lhe quisera pedir que tentasse dar-lhe outro filho. Todavia, apesar de ver como ele se orgulhava da filha, sabia que queria um rapaz.

Não por uma questão de linhagem, pois Laranya estava eminentemente em condições de se tornar Barakess, e no Saramyr os títulos passavam para o filho mais velho, independentemente do seu sexo, a menos que se criasse uma desobrigação especial para o conferir a outro filho. Melhor dizendo, porque era um homem que precisava de provar a sua virilidade através da prole, um filho forte deixá-lo-ia orgulhoso como nem sequer a indómita Laranya conseguia.

Ao cabo de muitos anos, tornou-se insuportável para ela; parou de tomar a infusão de ervas que evitava a gravidez, e deu-lhe Reki. E este tirou-lhe realmente a vida. Goren não foi injusto ao ponto de culpar Reki pela morte da esposa; mas à medida que Reki ia crescendo, não tardou a ser evidente que existiam outras razões para o ressentimento de Goren.

Ao passo que Laranya tinha a constituição robusta do pai, Reki herdara a

fragilidade da mãe, e a turbulência do crescimento acabou sempre por magoá-lo.

Tornou-se tímido e introvertido, um amante dos livros e do saber: coisas seguras, que não seriam susceptíveis de se virar contra ele. O pai tinha pouco tempo para aquilo. A mancha branca no seu cabelo e a cicatriz que se estendia pela lateral do olho esquerdo até à ponta do malar eram da infância, uma queda de umas rochas onde batera com a cabeça e o rosto. Já então soubera que não deveria procurar o pai por causa do sucedido, limitando-se a ficar encolhido, todo infeliz, até a dor e o traumatismo passarem. A sua relação com o pai nunca melhorara, e há muito que Reki deixara de tentar agradar-lhe. A oportunidade de se afastar de Jospa era um alívio para todos os interessados. Mas estava a tornar-se rapidamente amarga, e Reki começava a perguntar-se se não estaria melhor lá no deserto. E se Laranya não o estaria também.

O comportamento do Imperador do Sangue estava a tornar-se extremamente desequilibrado. Parecia que mal passava um dia sem haver uma discussão terrível entre Mos e Laranya. As discussões não eram nenhuma novidade para eles, claro, mas estas pareciam de uma selvajaria sem igual; e depois de testemunhar aquele momento no pavilhão em que Mos quase batera na esposa grávida, Reki temia por ela. Reki era o confidente de Laranya nestes assuntos, e ela contava-lhe todos os pormenores. Aquilo que ouviu aumentou-lhe cada vez mais a preocupação. O Imperador do Sangue estava a ter sonhos estranhos de que falava obsessivamente, usando-os mesmo com acusações contra a esposa. Por diversas vezes perguntara a Laranya se lhe estava a ser infiel. Uma vez, inquirira-lhe de quem era o filho que carregava; como tinham tentado durante tanto tempo ter um filho, aos olhos de Mos não era nenhuma coincidência o facto de se ter tornado muito amiga de Eszel mais ou menos na altura em que engravidara.

O que Laranya não sabia, e Reki sim, era que Mos, já em grande estado de embriaguez, ameaçara Eszel quando o poeta tivera o azar de estar presente durante uma das fúrias dele. Eszel confessara a Reki que temia pela sua vida; mas Reki nada contara a Laranya. Conhecia bem de mais a irmã. Usá-lo-ia como munição para enfrentar Mos, e criar ainda mais problemas a Eszel. Reki dissera a Eszel que o melhor que tinha a fazer era sumir naquele momento, e Eszel seguira o conselho dele. Partira numa longa viagem para "se inspirar" para a sua poesia e, sensatamente, não deixara qualquer morada onde pudesse ser contactado.

Reki não tinha a certeza se Mos tivera ou não conhecimento disto, mas Laranya tivera, e ficara profundamente magoada com a deserção dele.

Porém, não era apenas a vida pessoal do Imperador do Sangue que se estava a desmoronar. Os seus conselheiros quase não ousavam aconselhá-lo, mas também não ousavam agir sem a sua aprovação. Não se podia fazer nada em relação à crescente crise e aos relatos de fome nos povoados distantes do império. Os protestos das famílias superiores eram ignorados. Reki queria ir-se embora, e queria

também que Laranya viesse com ele. Aqui não era seguro para ela, e nada bom para o seu filho. Mas ela recusava-se a partir; não queria abandonar o homem que amava.

E suplicou-lhe que ficasse com ela, pois não tinha mais ninguém a quem recorrer.

Como podia ele recusar? Ela era sua irmã, a única pessoa que o amara incondicionalmente toda a sua vida. Não havia ninguém mais precioso para si. Os seus pensamentos obscuros foram interrompidos por uma campainha do lado de fora da entrada de porta coberta com cortinado. Praguejou baixinho e olhou à volta da sala, procurando a pequena campainha que era suposto tocar para indicar a permissão de entrar. Não era um costume no deserto, e achava-o fastidioso. Acabou por decidir que não se iria incomodar com as formalidades, nem em sair do banco da janela onde estava recostado.

— Entre — gritou.

A mulher jovem que afastou o cortinado era deslumbrante. De uma beleza extraordinária em todos os aspectos: as suas feições eram pequenas e imaculadas, a figura perfeita, a graciosidade total.

A sua pele morena e o cabelo muito preto - bem esticado no couro cabeludo e submetido a uma complexa intersecção de alfinetes e ornamentos enfeitados com jóias antes de lhe descer pelas costas em três tranças - caracterizavam-na como sendo do Tchom Rin, tal como Reki. Usava cosméticos suaves verde e azul à volta dos olhos amendoados, e um discreto brilho nos lábios; um colar de marfim esculpido assentava nas suas clavículas.

Estava vestida à maneira do deserto, com uma elegante túnica branca presa num ombro por um alfinete verde redondo, deixando um dos ombros nu.

— Interrompo? — perguntou, numa voz como o mel puro.

— Não — disse ele, subitamente muito consciente da forma insolente como passava o tempo no banco de janela. Deslizou desajeitadamente do seu pouso. — Nem por sombras.

Entrou no aposento e deixou cair o cortinado atrás de si.

— O que estava a fazer? — inquiriu.

Ele pensou inventar algo importante, mas faltou-lhe a coragem.

— Pensava — respondeu, e ruborizou-se com o sentido implícito.

— Sim, Eszel disse-me que era um pensador — sorriu ela, desarmando-o completamente. — Admiro isso. Tão poucos homens são assim hoje em dia.

— Conhece Eszel? — inquiriu Reki, afastando inconscientemente o cabelo do rosto com uma mão. Depois, lembrando-se dos bons modos, disse: — Não quer sentar? Posso pedir para trazerem bebidas.

Olhou para os divãs e a mesa que ele indicara. Havia ali uma ânfora de lach numa bandeja de prata, e diversos copos de prata e vidro, com padrões gravados em espiral. Uma selecção de pequenos bolos disposto à volta da ânfora.

— Já tem vinho — comentou ela. — Podíamos partilhá-lo?

Reki sentiu novamente o calor subir-lhe ao rosto. Havia sempre bebidas na sua mesa; era uma gentileza dispensada à sua pessoa na qualidade de hóspede importante. Periodicamente, os criados substituíam a ânfora para o manter fresco, apesar de ele nunca lhe tocar. Para começar, achava aquilo ligeiramente irritante, mas parecia-lhe que seria indelicado pedir-lhes que deixassem de o trazer.

Acostumara-se entretanto às visitas discretas deles e quase se esquecera de que o vinho estava ali.

— Claro — disse.

Ela instalou-se no divã, deitando-se de lado com as pernas flectidas e enfiadas debaixo do corpo. Reki sentou-se noutro, atrapalhado. A simples presença desta mulher era martirizante.

— Posso servir? — inquiriu ela.

Ele deu-lhe a indicação que sim; não confiava na sua língua. Ela esboçou outro leve sorriso e pegou na ânfora. De olhos no vinho enquanto o deitava, comentou: — Parece-me nervoso, Reki.

— Nota-se assim tanto? — conseguiu articular.

— Se nota — respondeu ela. Ofereceu-lhe um copo do delicado líquido cor de âmbar. — Mas por isso é que Yoru nos deu o vinho. Para limar as arestas de um momento.

— Talvez fosse melhor entregar-me a ânfora, nesse caso— redarguiu Reki, e, para seu prazer, ela soltou uma gargalhada. O som acendeu uma onda de calor no peito dele.

— Um copo de cada vez, creio — disse ela, depois tomou a sua bebida, olhando-o sedutoramente. Para Reki, a pausa momentânea pareceu um silêncio infundo, e fez um esforço para o preencher.

— Mencionou que conhecia Eszel... — Sugeriu.

Ela reclinou-se no divã.

— Um pouco. Conheço imensa gente. — Não estava a facilitar-lhe nada. Na realidade, parecia estar divertida com a atrapalhação dele. Só de estar perto dela, as suas virilhas agitaram-se, e teve de se compor para que não se notasse.

— Por que veio visitar-me? — inquiriu, e depois, estremeceu intimamente ao aperceber-se da rudeza das suas palavras. Bebeu um gole de vinho para disfarçar.

Ela não pareceu ofendida.

— Ziazthan Ri. A Pérola do Deus da Água. — Reki ficou confuso.

— Não entendo.

— Eszel contou-me que o lera, e que lhe fez uma recitação muito completa da história. — Inclinou-se um pouco para a frente, os olhos brilhantes. — Isso é verdade?

— Decorei-o — respondeu Reki. — É curto. O mérito é do autor, não meu.

— Ah, mas é a paixão do orador, a compreensão do verso e do poema melódico, que fazem ressaltar o âmago de uma história lida em voz alta. — Olhou-o

com algo semelhante a maravilha. — Decorou-o realmente?

Desconfio que não é tão curto como afirma. Deve ter uma memória prodigiosa.

— Só para as palavras — referiu Reki, sentindo que se aproximava desconfortavelmente da fanfarronada.

— Estaria muito interessada em ouvi-lo — disse melifluamente.

— Se o recitasse para mim, ficar-lhe-ia muito grata.

O tom na voz dela obrigou Reki a mudar novamente de posição para ocultar o volume da sua paixão. Ruborizara-se agora intensamente, e por um momento não lhe ocorreu o que dizer.

— Deixe que lhe explique — referiu ela. — Concordo com a filosofia de Huika: que tudo deveria ser experimentado uma vez no interesse da plenitude da existência. Gastei fortunas por um vislumbre dos quadros mais raros; viajei até muito longe para ver as maravilhas do Mundo Vizinho; aprendi muitas artes desconhecidas da terra em geral.

— Mas é tão jovem para ter feito tanta coisa... — afirmou Reki. Era verdade; ela não poderia ter mais de vinte apanhas, apenas um pouco mais velha do que ele.

— Não tão jovem assim — afirmou, muito embora parecesse satisfeita. — Como estava a dizer, conheci Eszel antes de ele deixar a Fortaleza Imperial, e ele falou-me de si. — Inclinou-se, estendeu a mão, passou-a ao de leve pelo rosto dele e murmurou: — A obra-prima de Ziazthan Ri dentro da sua cabeça. — Depois afastou-se e ele apercebeu-se de que sustivera a respiração. — Existem tão poucos exemplares, tão poucas versões integrais da história. Coisa pouca não faria para experimentar algo tão raro.

— O meu pai possui um exemplar — disse Reki, sentindo necessidade de referir algo, — na biblioteca dele.

— Quer recitá-lo para mim? — pediu, deslizando do divã e levantando-se.

— Sim... é claro que sim — respondeu, tentando desesperadamente chamá-lo à mente. A sua memória parecia ter ficado embrulhada. — Agora?

— Depois — sugeriu ela; e estendeu as mãos para que ele as tomasse, e ajudou-o a levantar-se.

— Depois? — repetiu, com voz tremula.

Ela comprimiu-se delicadamente contra ele, um dedo acompanhando a linha da cicatriz sobre o olho dele. A maciez dos seios e do corpo dela tornaram dolorosa a sua ereção.

Sentiu-se inebriado, mas nada tinha a ver com o vinho.

— Acredito numa troca justa — referiu ela. Os seus lábios estavam suficientemente próximos dos dele, pelo que teve de resistir à força quase magnética dela. O seu hálito era fragrante, como as flores dos oásis. — Uma experiência por uma experiência. — Levou a mão ao alfinete no ombro e torceu-o; a túnica caiu como um véu. — Diferente de qualquer outra que alguma vez tenha tido.

O coração de Reki batia com força no seu peito. Uma voz avisava-o para ter cautela, mas passou despercebida.

— Nem sequer sei o seu nome — murmurou.

Ela disse-lho antes de a sua boca se fechar sobre a dele.

— Asara.

O homem gritou quando a faca se enfiou sob a pele quente da sua face, retalhando a camada fina de gordura subcutânea até à paisagem vermelha e húmida de músculo por debaixo. O Tecedor-mor Kakre aproveitou a intensidade do grito qual perito, inclinando a lâmina para compensar a distorção no rosto da vítima. Seguiu na ascendente até ao nível da órbita ocular, depois cortou na direcção da parte de trás do crânio, deslizando pelo tecido mole até se soltar um pedaço triangular ensanguentado. Ao vê-lo, sentiu uma paz profunda, uma plenitude que parecia nunca desaparecer por mais vezes que se saciasse. A obsessão pós-Tecedura atacava-o, e voltava a esfolar.

A sua câmara de esfolamento não tinha janelas, era quente e sinistra, iluminada apenas pelos carvões no braseiro no centro da sala. O clarão vermelho incidia de baixo nas suas outras criações, expostas nas paredes ou penduradas de correntes nas alturas: papagaios e esculturas fitando-o com olhos vazios, observando-o na sua arte. A vítima mais recente fora colocada na roda de ferro que era a sua tela, na vertical, de braços e pernas afastados. Estivera a talhar esta peça em particular desde a alva, e agora era uma manta de retalhos, um puzzle de músculo com a pele recortada a que faltava metade das peças.

Hoje Kakre estava inspirado. Não sabia se ia sair daqui um papagaio ou se seria simplesmente terapêutico, mas a alegria de cortar conferia-lhe imaterialidade. Há imenso tempo que não trabalhava na sua arte, imenso mesmo; mas os rigores da sua Tecedura tinham aumentado ultimamente, e o seu apetite crescera com ela.

Apercebeu-se de que já estava ali de pé há algum tempo a admirar o pedaço de pele que retirara, e que nesse entretanto o homem voltara a desmaiar. Kakre sentiu uma pontada de contrariedade. Normalmente tinha imenso jeito para manter as suas vítimas acordadas, com ervas, cataplasmas e infusões. O seu talhe fora de qualidade inferior, apercebeu-se de repente. Olhou irritado para a sua mão branca mirrada. Doíam-lhe constantemente as articulações. Poderia ser um factor contributivo? Estava a perder a perícia com a lâmina?

Era uma ideia demasiado horrível de ponderar. Mesmo assim, muito remotamente, sabia que a sua Máscara o estava a consumir de dentro tal como fizera com os seus anteriores detentores, nunca lhe tendo ocorrido as verdadeiras implicações de tal. Quão estranho, que a uma mente brilhante como a sua pudesse ter escapado algo tão óbvio.

Um momento depois, voltara a esquecê-lo.

Pousou desinteressadamente a faca ensanguentada numa bandeja onde estavam todos os seus outros instrumentos, e vagueou até à beira do braseiro antes de se instalar na posição sentada. Como sempre, planeava. Os disfarces estavam já a ser abandonados. O Sangue Kerestyn e o Sangue Koli estavam a reunir um exército formidável, mas ainda não era suficientemente formidável para desafiar o poder de Axekami. Dentro de uns anos, talvez. Contudo, nesse entretanto, a origem da moléstia podia ser descoberta por toda a gente. Ouvira alguns rumores, uns rumores extremamente precisos, que eram repetidos em surdina nas cortes das famílias superiores. Estava preocupado.

Em breve a fome levaria o país ao ponto do desespero total, e esses rumores fariam com que as famílias superiores transferissem a sua ira de Mos para os Tecedores. Não podia esperar. Por conseguinte, Kakre tencionava instigar mais os inimigos de Mos. As suas propostas ao Barak Avun tu Koli haviam sido bem recebidas; mas Avun era uma cobra traiçoeira, tão susceptível de morder a mão que lhe fazia festas como aquela que o atacava. Teria Avun acreditado nele? E conseguiria convencer Grigi tu Kerestyn a acreditar nele também?

Têm de atacar quando eu disser!, pensou. Senão será tudo em vão.

No entanto, muito mais angustiante era uma mensagem que saíra da própria Fortaleza Imperial, enviada por um correio que ele não conseguira interceptar. Não sabia ao certo quem a enviara, mas sabia que Avun a recebera, e estava ansioso por saber o que dizia. Outra traição? Mas quem fazia acordos nas suas costas? Era algo que não deixava de importunar a mente de Kakre mesmo enquanto ele estava a importunar o Imperador do Sangue.

A noite, quando Mos mergulhava num sono ébrio, Kakre urdia sonhos para ele. Sonhos de infidelidade e raiva, sonhos de impotência e fúria. Sonhos destinados a virá-lo na direcção que Kakre queria que ele tomasse. Era uma empresa arriscada, pois se Mos desconfiasse dele, estaria tudo perdido. Até os melhores Tecedores podiam ser desajeitados - pensou nas suas articulações doridas, e perguntou-se se a sua perícia na Teia não teria sido também afectada - e deixar ficar rastos de si próprios que apodreceriam até a vítima acabar por perceber o que lhe tinham feito. Se Mos não andasse a beber tanto e estivesse já tão stressado, talvez Kakre não se tivesse atrevido a fazê-lo; mas o Imperador do Sangue ficara desequilibrado muito antes de o Tecedor-mor haver começado a interferir na sua mente. Mentiras, enganos, traição. E só os Tecedores importam.

Estava sentado com as suas vestes andrajosas e mal cosidas de pele e pêlo de animal e alguns pedaços de osso, dando voltas e mais voltas àquela frase na sua cabeça. Só os Tecedores importavam. Só a continuação do trabalho deles. E a tarefa de Kakre - não, o seu dever - era manipular esta crise de forma a garantir a sobrevivência deles. Só conseguia ver uma saída, mas requeria que se jogasse um jogo tão hábil e subtilmente, que o mais ínfimo erro de cálculo poderia significar a

catástrofe.

As peças estavam no lugar. Mas o tabuleiro ainda não era de ninguém.

CAPITULO 21

A cidade sitiada de Zila apresentava-se lúgubre e fria ao crepúsculo, uma coroa torta no cimo de uma colina cambada. Centenas de luzes amarelas ardiam nas janelas estreitas dos seus edifícios, amontoando-se em direcção à fortaleza na sua ponta. A norte, onde a colina surgia traiçoeiramente íngreme, o Zan era uma torrente preta e revolta, faixas obscuras de visco castanho brilhando na sua superfície.

Esta noite, Neryn ocupara cedo o seu posto lá em cima no céu, antes mesmo de as estrelas terem começado a aparecer; comandava a cena sozinha, banhando-a de um verde funéreo. Os soldados rodeavam a cidade, precisamente fora do alcance das setas e das balas dos canhões, o que era uma distância considerável. Sete mil homens, ao todo, representando quatro das famílias superiores.

As tendas estavam a ser levantadas e os morteiros armados. Fogueiras de acampamento salpicavam a negra extensão da linha de cerco como joalheria. Os canhões deles foram colocados de cada lado do Zan onde o cerco o atravessava, para impedir tentativas de fuga pela água quer para montante quer para jusante. Não os preocupava a ausência de quaisquer barcos visíveis nas docas. Não iam correr riscos. Ninguém saía.

Mishani olhou por uma janela da fortaleza, observando as forças mobilizadas contra a cidade, fazendo cálculos.

— Não são tantos quanto eu esperava — disse por fim. — O ajuntamento é fraco.

— É mais do que suficiente para tomar esta cidade — respondeu Chien sombriamente.

— Mesmo assim — referiu ela, virando-se da janela. — As famílias superiores dispensaram apenas uma pequena fracção dos seus exércitos.

Estão a guardar a verdadeira força para proteger os seus bens do conflito que aí vem. E não há quaisquer Guardas Imperiais, nem tropas do Sangue Batik. Onde está o Imperador do Sangue quando uma das suas cidades o desafia?

O quarto onde se encontravam estava um pouco despido, com as paredes e o chão de pedra nus, mas Mishani achou que lhe poderia ter tocado algo bem pior por prisão. Havia duas esteiras-colchão, um tapete grosseiro e tapeçarias baratas e pesadas nas paredes, ornadas com motivos simples. Via-se também uma mesa, com esteiras mais pequenas onde se sentarem, e a comida que lhes deram nestes últimos dias era simples mas apaladada. A pesada porta de madeira estava trancada, mas havia dois guardas do lado de fora que os acompanhariam à sala adequada quando necessitassem de fazer a higiene ou vestir-se.

Não eram de modo algum maltratados, a não ser o simples facto de estarem confinados àquela divisão. Havia outras saídas para além das necessidades de privacidade. Bakkara visitara-os diversas vezes, e em duas ocasiões acompanhara

Mishani numa volta pela fortaleza. Não era subtil no disfarce da sua motivação: queria saber de Lúcia, e Mishani desconfiava que, por debaixo do seu exterior duro, se sentia um pouco intimidado na presença de alguém que a conhecia pessoalmente. Mishani aproveitou o ensejo proporcionado.

Sempre saía daquele espaço e, além disso, tinha de admitir a si mesma que achava Bakkara curiosamente atraente. A mera virilidade avassaladora dele, que o seu lado cínico achava ligeiramente divertida de uma forma algo compassiva, era também que o tornava atraente: a sua falta de elegância social, o ar exausto que sugeria não ter a preocupação de agradar a ninguém, o seu aspecto físico forte. Era uma contradição que não tentava sequer conciliar; sabia perfeitamente que os assuntos do intelecto e os assuntos do coração eram independentes uns dos outros. Chien não se encontrava em condições de se ausentar do quarto por longos períodos. Os seus ferimentos haviam sido tratados, mas surgira-lhe uma febre alta, provavelmente devido à cavalcada nocturna até Zila.

Passava a maior parte do dia deitado na sua esteira-colchão, medicado até à quase inconsciência com tinturas analgésicas e febrífugos, despertando esporadicamente para se queixar da falta de informação que estavam a ter, ou protestar em nome de Mishani por uma dama nobre não ter direito ao seu próprio quarto. Mishani também desejava que assim fosse. Chien começava a aborrecê-la. Lidava mal com a inactividade.

O cerco tardara em chegar. As tropas apareceram em ocasiões diferentes, e foi necessário bastante tempo para as coordenar todas. Há três dias que as primeiras forças haviam aparecido, ostentando o estandarte do Sangue Vinaxis. Foram a primeira família alguma vez a ocupar o trono imperial, mas agora estavam reduzidos e enfraquecidos. Os seus domínios ficavam mesmo no meio das Prefeituras do Sul afectadas pela moléstia, e a maior parte do seu dinheiro vinha das colheitas que passavam por Zila a caminho de Axekami. Muitas dessas colheitas estavam armazenadas dentro das muralhas da cidade. Não admirava, assim, que o Barak Moshito tu Vinaxis tivesse sido o primeiro a aparecer para reavê-las.

Mishani soubera por Bakkara que o Governador de Zila estivera a reunir uma grande quantidade de comida por causa da ameaça de fome, confiscando porções às caravanas comerciais que atravessavam a Ponte de Pirika ali perto. Tencionara guardar apenas o suficiente para os Guardas da Cidade e o corpo administrativo, e vender o excedente a preços exorbitantes às famílias superiores quando a fome comesse a atacar. Os habitantes da cidade teriam de se arranjar o melhor que pudessem. Fora a denúncia do plano por Xejem, líder dos Ais Maraxa, que desencadeara a revolta; e agora, os habitantes da cidade guardavam uma reserva de comida que lhes daria para o Inverno e muito para lá dele, se cuidadosamente racionada.

Desde que as suas muralhas aguentassem e não deixassem entrar o exército, seriam um osso duro de roer. Depois do Sangue Vinaxis, chegara o Sangue Zechen,

muito embora a Barakess Alita tivesse enviado generais no seu lugar; a seguir uma força simbólica do Sangue Lilira, que podia permitir-se muito mais, e cuja Barakess Jujun estava igualmente ausente.

O último a chegar fora o Barak Zahn, das suas propriedades a norte de Lalyara, chefiando mil guerreiros montados e mil a pé do Sangue Ikati, os estandartes verde e cinzento da sua família agitando-se indolentemente ao vento ligeiro enquanto se aproximavam. Mishani pôde apreciar a ironia. Era Zahn que ia precisamente visitar, Zahn a razão por que havia sido capturada; e agora viera até si, e encontravam-se de lados opostos da sublevação. Os deuses eram mesmo muito perversos. Ouviram-se umas pancadas rápidas na porta, e Bakkara abriu-a sem esperar por permissão. Mishani nunca se iria acostumar às portas nesta fortaleza; constituíam um enorme entrave. Calculava que tivessem uma função defensiva, mas impediam que as brisas entrassem para aliviar a humidade dos dias de calor.

Felizmente, as paredes com correntes de ar compensavam razoavelmente.

Mishani encontrava-se ainda junto à janela quando o velho soldado entrou. Chien estava sentado na sua esteira-colchão, o rosto inchado das equimoses e lustroso da febre. Olhou carrancudo para Bakkara. O mercador parecia sentir uma forte antipatia pelo soldado, possivelmente devido à linguagem rude do homem mais velho.

— Querem-na ver, Senhora Mishani — disse ele.

— A sério? — inquiriu com secura, um tom autoritário na sua voz que sugeria que não iria a lado nenhum.

Bakkara revirou os olhos e suspirou.

— Muito bem: vim aqui solicitar a sua presença numa audiência com Xejentu Imotu, líder dos Ais Maraxa, cérebro da revolta de Zila e maníaco fanático espumante. Está melhor assim?

Mishani não pôde deixar de se rir do anticlímax.

— Terá de servir — referiu.

— E como se sente? — perguntou ele a Chien.

— Bastante bem — respondeu Chien com rudeza. — Vai deixar-nos sair daqui agora?

— Isso é com Xejen — redarguiu Bakkara, coçando a nuca.

— Muito embora não entenda a vossa pressa. Se os deixássemos sair daqui, continuariam presos em Zila. Não passa ninguém por aquela muralha, num sentido ou noutro, e por muito, muito tempo.

Chien praguejou baixinho e desviou o olhar, pondo termo à conversa.

— Vem? — perguntou Bakkara a Mishani.

— Claro — afirmou ela. — Há já bastante tempo que aguardo uma conversa com Xejen.

— Ele tem estado muito ocupado — desculpou-se Bakkara.

— Deve ter reparado num pequeno distúrbio fora de Zila que nos está a

causar alguma preocupação.

Deixaram Chien descansar; este despediu-se soturnamente deles quando partiram.

Bakkara levou Mishani por um caminho que ainda não tinham percorrido antes, mas a envolvente era um pouco diferente de qualquer outra parte da fortaleza. Era austera e utilitária, com corredores estreitos de pedra escura e pouca ornamentação ou consideração pelo aspecto natural dos elementos. Bakkara disse-lhe que fora concebida segundo os planos originais, lavrados há mais de mil anos, o que explicava a extrema falta de alma.

Era um edifício militar, construído numa época em que o povo saramyr recentemente instalado adoptava ainda as ideias arquitectónicas quraal, em que o clima era mais rigoroso e o constante carácter prático muito mais importante do que a frivolidade da estética. À medida que o Saramyr desenvolvia a sua própria identidade, as pessoas começaram a explorar a liberdade de religião, pensamento e arte que fora reprimida no Quraal com a ascensão da Teocracia, e que os levava a escolher o exílio. Os Verões escaldantes e os Invernos quentes tornavam as abafadas e acanhadas habitações quraal desconfortáveis para se viver, por isso inventaram novos tipos de habitação, que se harmonizavam com o ambiente em vez de o excluírem. Muitos povoados antigos apresentavam ainda traços da influência quraal, mas a maior parte dos restos dessa época fora deitada abaixo à medida que se desmoronavam e substituída por edifícios mais modernos. O povo saramyr tinha pouco amor às ruínas.

Xejen tu Imotu, líder dos Ais Maraxa, andava de um lado para o outro pelo seu aposento quando eles chegaram. Era um homem de trinta e três apanhas, com ar malicioso, esguio e cheio de uma energia nervosa. Uma grenha preta cobria-lhe a cabeça e apresentava malares pronunciados e uma linha do maxilar comprida que fazia com que o seu rosto parecesse mais estreito do que era. Vestia roupas pretas simples que cingiam a sua figura magra e seca, e atravessou a sala em passo largo para os receber quando Bakkara bateu e entrou.

— Senhora Mishani tu Koli — disse, falando com rapidez. — É uma honra tê-la aqui.

— Com um convite tão amável, como podia recusar? — retorquiu ela, trocando um olhar com Bakkara.

Xejen não pareceu saber muito bem como entender aquele comentário.

— Espero que a sua reclusão não tenha sido demasiado terrível. Perdoe-me; deveria tê-la recebido mais cedo, mas a tarefa de organizar Zila numa força capaz de se defender está a ocupar todo o meu tempo.

Recomeçou a andar de um lado para o outro pela sala, pegando em coisas e voltando a pousá-las, compondo bocados de papel na sua secretária que não necessitavam de ser compostos. Esta divisão era tão espartana quanto o resto da fortaleza; algumas esteiras, uma mesa, uma secretária e um pequeno sofá. Lanternas

brilhantes pendiam de ganchos no tecto, e, do lado de fora da única janela, o lusco-fusco passava a escuridão. Se as suas instalações serviam de exemplo, então Xején não podia ser acusado do mesmo abuso de poder que o anterior Governador demonstrara.

Mishani decidiu deixar-se de rodeios.

— Por que me trouxeram aqui? — perguntou.

— Para os meus aposentos?

— Para Zila.

— Ah! — Estalou os dedos. — Em parte por caridade, em parte por engano.

Bakkara, por que não lhe explicas?

Mishani virou-se para o soldado com uma expressão paciente, como se dissesse: Sim, por que não o fazes? Fora uma das poucas coisas de que se recusara a falar; pelos vistos, estivera à espera da autorização de Xején.

— Bem, primeiro houve a questão do seu amigo Chien — disse ele, coçando o queixo com a barba por fazer. — Mesmo que a Senhora não estivesse lá, não podíamos deixá-lo naquele estado. Depois...

— Essa é a parte da caridade — interrompeu Xején. — E quanto a si, bem, Bakkara cometeu o erro absolutamente compreensível de presumir que ainda estava de boas relações com as famílias superiores, e que poderia revelar-se muito útil para levar o Sangue Koli a vir em nossa defesa, a fim de realçar o perfil da nossa causa.

Bakkara pareceu desconcertado e encolheu os ombros, como quem pede desculpa, mas Mishani não estava preocupada com isso. Não ficara ofendida.

— Quando tive conhecimento, as portas haviam sido fechadas e, como compreenderá, não a podia deixar sair — prosseguiu Xején.

— Claro, apercebi-me de imediato de que não possuía o valor que Bakkara imaginara... perdoe a minha linguagem franca... porque eu sabia que a senhora e o seu pai estavam muito desavindos. E já que é, afinal, uma espécie de heroína para os Ais Maraxa, dificilmente a usaríamos como moeda de troca entregando-a ao seu pai.

— Fico aliviada em sabê-lo — disse Mishani. — Devo depreender, nesse caso, que a minha relação com o meu pai é do conhecimento dos Ais Maraxa?

— Apenas de mim e de alguns outros — respondeu Xején quase antes de ela ter concluído a frase. — Não se esqueça de que muitos de nós fazíamos parte das cúpulas dos Libera Dramach; e estávamos lá quando chegou ao Recesso. Mas o seu segredo está seguro. Sei que tem sido uma grande ajuda para os Libera Dramach vendendo a ilusão de que ainda pertence ao Sangue Koli.

— E pertenço, tanto quanto julgo perceber — referiu Mishani.

— Pelo menos legalmente. O meu pai ainda não me deserdou. — Muito embora tivesse tentado matá-la duas vezes, acrescentou mentalmente.

— Imagino que o último livro de sua mãe não ajudasse em nada o seu caso — comentou Xején.

— Isso é o que vamos ver — respondeu Mishani. Sinceramente, não

começara sequer a ponderar as implicações que poderia ter a última colectânea de aventuras de Nida-jan, de Muraki tu Koli.

Xejen pigarreou, deslocando-se inquieto até ao outro lado da sala. O movimento constante dele causava vertigens a Mishani.

— Não vou estar com rodeios, Senhora Mishani — afirmou. — Seria uma enorme mais-valia para a nossa causa. Uma das salvadoras de Lúcia. Alguém que a conhece intimamente. — Olhou para ela com dureza.

— A senhora faria maravilhas ao moral desta gente, e conferiria imensa credibilidade aos Ais Maraxa.

— O que me está a pedir que faça? — instigou-o.

Xejen parou por um breve instante.

— Apoiar-nos. Publicamente.

Mishani ponderou por um momento.

— Há coisas que precisaria de saber primeiro — disse.

— Ah — comentou Xejen. — Nesse caso, esforçar-me-ei por responder às suas perguntas.

— O que faz aqui em Zila? — inquiriu Mishani, os seus olhos perspicazes observando-o de dentro da massa preta de cabelo. — Qual seria a vantagem para os Ais Maraxa?

— Notoriedade — foi a resposta. — Já lá vão alguns anos desde que soubemos pela primeira vez da sublimidade da Imperatriz-Herdeira Lúcia, algum tempo desde que nos separámos dos Libera Dramach cuja... — agitou a mão, em busca da palavra — apreciação mais secular dela os estava a afastar do quadro geral. Nesse entretanto, os Ais Maraxa esforçaram-se por espalhar a notícia de que existe alguém para nos livrar do mal dos Tecedores, para acabar com a opressão do campesinato e fazer regredir a moléstia que destrói a nossa terra.

Mishani observou-o com atenção quando a retórica dele se tornou mais inflamada. Sabia que o comentário de Bakkara a respeito de Xejen ser um fanático fora brincadeira, mas tinha consciência de que existia um fundo de verdade no que o soldado dissera e, agora que o conhecera, desconfiava que Bakkara não estava completamente à vontade com o seu líder.

— Mas espalhar a palavra não é suficiente — prosseguiu Xejen, agitando um dedo no ar. — A Imperatriz-Herdeira é um rumor, um murmúrio de esperança, mas as pessoas precisam de mais do que rumores para as motivar. Precisamos de ser uma ameaça que é levada a sério. Precisamos que as famílias superiores falem de nós, para que os seus serviçais vejam que estão preocupadas... para que vejam que até os mais nobres e poderosos temem os seguidores de Lúcia. Então acreditarão, e virão ter com ela quando regressar em glória para ocupar o trono.

Olhava agora pela janela para a noite. Mishani trocou um olhar com Bakkara, que o captou. Olhou brevemente para o ar em falsa exasperação, e o canto da sua boca curvou-se num ténue sorriso.

— Mas, nem mesmo com os nossos melhores esforços conseguimos fazer com que o império abra os olhos e nos dê atenção — continuou Xejen. — Até agora. Temos estado a trabalhar em Zila há já muito tempo, e o começo da fome deu-nos precisamente o clima de que necessitávamos para efectuar a nossa jogada. O facto de o Governador ter reunido todas as provisões para nós... é como se o próprio Ocha nos tivesse dado a sua bênção. Podemos resistir durante um ano dentro destas muralhas. Nessa altura, não haverá ninguém no império que não tenha ouvido falar dos Ais Maraxa e sabido da nossa causa.

— Não está preocupado com Lúcia? — inquiriu Mishani. — Afinal, se o nome dela se tornar assim tão notório, pode ter a certeza de que os Tecedores irão procurá-la mais intensamente do que nunca. Tem sido por se pressupor que morreu e as suas capacidades não serem do conhecimento geral que a conseguimos manter tanto tempo escondida.

— Os Tecedores irão pensar que ela está morta — opinou Xejen desprendidamente. — Irão pensar que estamos apenas a perder tempo a acalentar rumores. Além disso, nunca a encontrarão. Mas que preparativos estão os Libera Dramach a fazer para quando ela atingir a maioridade? nenhuns! Nós estamos a preparar-lhe um exército, um exército de gente comum, e, quando ela se revelar, eles descobrirão de repente que o rumor de esperança é real, e reunir-se-ão sob a bandeira dela.

Mishani teve vontade de contestar: qual bandeira? Se se tratava de criar um exército para Lúcia, então ele estava a partir da extraordinária suposição de que Lúcia queria um. Perguntou-se se ele falaria desta maneira se conhecesse Lúcia tão bem quanto ela. Não como um general glorioso, nem tão-pouco como uma criança convicta do seu próprio destino. Apenas uma jovem.

Mas não tinha ilusões de mudar a opinião de Xejen. E não lhe queria desagradar, por isso ficou calada.

— E afinal o cerco? — perguntou. — Como tenciona resolver essa questão? Acabará por se lhe esgotar a comida.

— Sabe o que se passa em Axekami, Senhora Mishani — disse ele, voltando a cortar-lhe o final da frase na pressa de falar. — As famílias superiores terão muito mais do que nós que se preocupar com o próximo ano. Pode ver com os seus olhos o pouco entusiasmo deles em lutar. Olhe-me para aquele exército! — Esboçou um gesto largo na direcção da janela. — Nós temos formas de comunicar com os nossos operacionais fora de Zila. Eles já começam a falar da nossa luta e daquilo que representamos. A palavra espalhar-se-á. Muita coisa pode mudar num ano, mas venha o que vier, todos irão conhecer o nome de Lúcia tu Erinima antes de acabarmos.

Xejen atravessou a sala para ficar de frente para eles, as suas feições magras pálidas à luz das lanternas. Havia agora uma intensidade no seu olhar, uma paixão inflamada pelo seu discurso. Mishani não duvidou que ele era um orador formidável

quando estava perante uma multidão. Era incontestável a convicção nas suas próprias palavras.

— Irá ajudar-nos, Senhora Mishani?

— Vou pensar no assunto — disse ela. — Mas ponho uma condição.

— Sim, deseja que a sua reclusão chegue ao fim — concluiu Xejen por ela. — É para já. Um sinal de boa fé. Teria sido mais cedo, mas tive muitas outras coisas com que me preocupar.

Não a quero como prisioneira, quero-a como aliada.

— Tem os meus agradecimentos — disse Mishani. — E irei pensar na sua proposta.

— Não preciso de lhe dizer, suponho, que a sua liberdade é extensiva apenas às muralhas de Zila — acrescentou Xejen. — Se tentar abandonar a cidade, teremos de a matar, infelizmente.

Estou certo de que não irá ousar algo tão absurdo.

— Fica registado o seu conselho — referiu Mishani, e com aquilo efectuou as cortesias requeridas e saiu, dizendo a Bakkara que saberia dar com o caminho de volta.

Chien estava a dormir quando regressou, murmurando e agitando-se, prisioneiro de um sonho. Fechou silenciosamente a porta do quarto deles e sentou-se na esteira a pensar. Estava a formar-se um plano na sua mente. Era como os velhos tempos na corte. Os actores principais foram apresentados; agora só precisava de encontrar a melhor maneira de os explorar.

Mas ainda não compreendia este homem. Faltava aqui uma peça no quebra-cabeças, e logo desde o início. Até saber qual era, até saber se Chien era um inimigo ou um amigo, não ousaria agir. Observou-o com atenção, tentando encontrar uma resposta nos ângulos pronunciados do seu rosto. Ele balbuciou algo e virou-lhe as costas, rolando na sua esteira e prendendo melhor os cobertores à sua volta.

Tremia apesar do calor da noite.

— Qual é o teu segredo, Chien? — murmurou. — Por que estás aqui?

Passado algum tempo, levantou-se e apagou a lanterna, despiu-se ao luar e enfiou-se debaixo das suas cobertas. Preparava-se para adormecer quando Chien começou a cantar. Sentiu um sorriso aflorar-lhe aos cantos dos lábios. Estava a sonhar, a sua voz um tom baixo desafinado, demasiado suave para vocalizar as palavras correctamente. Ela escutou, escutou, e depois sentou-se repentinamente na cama, olhando para ele do outro lado do quarto escuro.

Ele continuou, na ignorância, a cantar a sua canção febril.

A respiração de Mishani sofreu um estremecimento. Sentiu a garganta apertar-se, e depois assentou lentamente a cabeça na almofada e virou-se para a parede, abafando os soluços com o cobertor. As lágrimas brotaram e não as conseguiu reprimir, deslizando-lhe pela cana do nariz e pingando para o tecido.

Conhecia aquela canção, e então tudo fez sentido.

CAPÍTULO 22

O Imperador do Sangue Mos tu Batik atravessou enfurecido os corredores de mármore da Fortaleza Imperial, o cenho carregado de fúria. A sua barba, em tempos curta e cuidada, crescia desleixada, as manchas grisalhas mais pronunciadas. O seu cabelo era uma confusão, pendendo em madeixas sujas sobre os olhos e encharcado em suor. O vinho manchava-lhe a túnica, e as roupas estavam amarrotadas e malcheirosas.

Havia loucura no seu olhar.

Os dias e as noites tinham-se tornado um só, uma infinita semiconsciência mergulhada no álcool. O sono não lhe trazia repouso, apenas sonhos terríveis em que a mulher copulava com desconhecidos sem rosto. As horas acordado eram passadas em constante estado de desconfiança, marcadas por esporádicos acessos de raiva, dirigidos ou a si próprio ou a quem quer que estivesse próximo dele. Serpenteava lenta e inexoravelmente na mania, e a única fuga à tortura era a intoxicação, que proporcionava uma pequena cessação, mas só o deixava mais amargo depois.

Já tinha a sua conta. Agora tencionava acabar com aquilo, de uma vez por todas. Não ia ficar de braços cruzados enquanto era enganado. Haveria um ajuste de contas.

Começara há muito tempo, antes de Eszel, o poeta flamante. Acabara por se aperceber disso, nas longas noites que passara sozinho enquanto o rancor lhe corroía a alma. Recordou outras ocasiões, em que Laranya quisera seguir os interesses dela e ele os seus, e em que ele lhe satisfizera todas as vontades. Ocasões em que ficara decepcionado por não estar à espera dele quando chegava de um dia particularmente cruciante na câmara do conselho. Ocasões em que ela rira e gracejara com outros homens, que pareciam atraídos como borboletas por uma chama, empolgados pela inteligência e a vivacidade dela. Recordou o ciúme nessa altura, as sementes do ressentimento mergulhadas num solo humedecido pela propensão natural dele para a ascendência. Encontrara partículas de verdade entre as ilusões e calúnias venenosas em que se persuadira a acreditar naquelas horas solitárias.

Acabara por se compenetrar de que gostava de Laranya como de duas pessoas diferentes, e que ela não podia ser ambas. De um lado, estava a mulher fogosa, voluntariosa e absolutamente insubordinada por quem se apaixonara; do outro, a esposa submissa, que tinha de estar presente sempre que a procurava e ausente quando não a queria, que o fizesse sentir-se como um homem, porque um homem devia ser capaz de controlar a sua esposa. Uma das razões por que se apaixonara por ela - e continuava apaixonado - era por não se submeter à sua vontade, nunca ser dócil e submissa; era por o humilhar quando ele a desafiava e mantê-lo interessado. A sua primeira esposa, Ononi, fora o modelo do que uma mulher deveria ser, mas não a amara. Laranya era impossível, nunca seria domada por mais que ele tentasse, e conseguira simultaneamente prender-lhe e envenenar-lhe

o coração.

Fora o bebê que viera estragar tudo. Durante anos, Mos esquecera esses momentos fugazes de desconfiança e desilusão, as sensações apagadas assim que voltava a ver o rosto de Laranya. Mas agora trouxera-os todos de volta para os examinar como um abutre uma carcaça. Todo esse tempo, e nenhum filho; mas agora, de repente, ela ficara grávida.

Lembrou-se de quando ela lhe contara, qual fora a sua primeira reacção, um instante de dúvida que ele afastara, sentindo-se culpado por ter sequer pensado nisso. Tal como Durun. Tal como o meu filho, e a sua esposa infiel e intriguista, a deixá-lo criar uma filha que nem sequer era sua. A história repetia-se. Mas desta vez, Mos antecipara-se. Era tarde quando se dirigiu aos aposentos imperiais. Os seus padrões de sono eram irregulares e ignoravam o sol e as luas, e começara a temer tanto os pesadelos que faria qualquer coisa para os manter afastados. Estava acordado fazia agora mais de quarenta horas, encharcado em estimulantes à base de ervas para contrariar a calma soporífica do vinho, pensando em círculos cada vez mais apertados até não restar nada a não ser uma bola rubro-branca de fúria que queria libertar-se.

Oh, viera ter com ele para lhe suplicar, ou exigir, ou gritar. Abordagens diferentes do mesmo fim: queria saber o que lhe dera, por que agia daquela maneira. Como se ela não soubesse. Houvera outros, também. Kakre entrava e saía da sua memória, apresentando relatos e fazendo observações sem sentido na sua voz áspera. Os conselheiros vinham e iam. De uma forma algo obscura, apercebera-se dos outros assuntos de estado a que era suposto estar presente, mas tudo se tornara transparente para si em contraste com a única questão dominante de Laranya. Até ficar resolvida, não podia preocupar-se com mais nada. A razão falhava. Os espiões que mandara vigiar a esposa tinham fracassado.

Mas existia outra maneira; o único recurso que lhe restava.

Afastou bruscamente o cortinado e entrou de rompante no quarto de dormir imperial. A violência da sua entrada sobressaltou Laranya, que dormia. Sentou-se com um grito, agarrando os lençóis junto ao peito no escuro quente da noite outonal. Movia-se algo no luar verde-pálido, junto ao arco que conduzia à varanda do outro lado: uma figura, difusa, que desapareceu num instante. Mos avançou pelo quarto em perseguição, bramando de raiva.

— O que é? Mos, o que é? — gritou Laranya.

As mãos do Imperador do Sangue estavam crispadas na balaustrada de pedra; olhava furiosamente para o lado nordeste da Fortaleza Imperial, onde descia num aglomerado de esculturas e relevos interligados.

Inclinou-se, olhando para cima, depois para a esquerda e a direita, debruçando-se ao máximo para conseguir ver debaixo da varanda. Era escusado. Havia demasiadas dobras e pregas na ornamentação, demasiadas efígies e arcos salientes onde o intruso se podia ter escondido. Ó deuses, ele era tão rápido! Mos

mal o conseguira sequer ver.

Laranya estava junto dele, em camisa de dormir, tocando-lhe a medo no braço.

— O que é? — voltou a perguntar.

— Eu vi-o, rameira! — berrou Mos, sacudindo bruscamente o braço dela. — Não podes continuar a fingir! Eu vi-o com os meus próprios olhos!

Laranya recuava para dentro do quarto. Apoderara-se dela uma emoção a meio caminho entre o enraivecimento e o medo, e não parecia saber para que lado pender. Havia uma nova faceta em Mos esta noite, e não sabia mesmo do que ele seria capaz.

— Quem? Quem foi que viste?

— Não deverias saber? Foi aquele poeta efeminado? Ou haverá mais alguém que eu deveria saber que desfruta da minha cama?

— Mos, já te disse... não te posso provar mais do que já o fiz! Não há ninguém!

— Eu vi-o! — berrou Mos, seguindo aos tropeções, o seu rosto distorcido e perturbado. — Ele estava mesmo aqui!

— Não estava aqui ninguém! — exclamou Laranya. Agora sentia medo.

— Mentirosa! — acusou Mos, avançando, agigantando-se nas sombras manchadas de verde.

— Não! Mos, estás embriagado, estás cansado! Precisas de dormir! Estás a ver fantasmas!

— Mentirosa!

Chegou ao toucador, esbarrando nele e derrubando frascos de perfume e pincéis de maquilhagem. Não podia recuar mais.

— Um homem não pode governar um império se não consegue ter mão na mulher! — bramou Mos. — Vou ensinar-te a obedecer!

Viu nos olhos dele o que pretendia fazer, antes mesmo de ele levantar o punho.

— Mos! Não! O nosso bebé! — suplicou, levando a mão ao ventre para se defender.

— O bebê dele — proferiu Mos.

Laranya não teve tempo de perguntar a quem se referia antes de os primeiros socos a atingirem; tão-pouco o descobriu depois, quando ele a deixou sozinha no chão do quarto de dormir, com o corpo dorido, o rosto equimoseado e o sangue a esvair-se-lhe por entre as pernas enquanto o filho de ambos morria dentro dela.

Reki foi acordado por uma criada a gritar o nome dele do lado de fora do cortinado do seu quarto. Asara já se encontrava acordada, observando-o. Estava deitada a seu lado na cama, e, quando a viu, pareceu que o luar verde-pálido incidia

nela num ângulo estranho, e os olhos dela davam a impressão de dois discos reflectindo a luz, como os de um gato. Depois ela olhou para o cortinado e o momento passou.

O seu olhar deteve-se por um instante no rosto dela na sombra, incapaz de o desviar da beleza ali existente. Tal como prometera, proporcionara-lhe uma experiência como ele nunca tivera antes; mas, apesar de a ter recompensado com uma interpretação impecável de A Pérola do Deus da Água, ela não se fora embora como chegara a temer, para nunca mais se verem. Para seu deleite, ela mal o abandonara desde o momento em que se tinham conhecido. Passou-lhe fugazmente pela consciência uma agradável recordação de dias indolentes e noites apaixonadas.

E, se parecia demasiado bom para ser verdade, depois sentiu relutância em quebrar esta frágil felicidade pondo-a em causa.

— O que é? — perguntou ele, a voz entaramelada do sono.

— A Imperatriz! — respondeu a criada. — A Imperatriz!

O tom na voz dela fê-lo sentar-se com um sobressalto de alarme.

— Um momento — disse, e saiu da cama nu para vestir um roupão. Asara fez o mesmo. Estava demasiado preocupado para olhar sequer para a forma sublime dela. Apesar de partilhar o seu leito há já várias noites, e de a venerar como uma deusa, tudo se desfez naquele instante horrível.

— Entre — disse, e a criada apressou-se a fazê-lo, falando enquanto avançava. Era uma das criadas particulares de Laranya, uma serviçal do Sangue Tanatsua e não uma das da Fortaleza Imperial.

— A Imperatriz está ferida — balbuciou. — Ouvi-a... ouvimo-los todos discutir. Entrámos depois de o Imperador sair.

Nós...

— Onde é que ela está? — inquiriu Reki.

— Nos aposentos imperiais — afirmou a criada, mas mal terminara e já Reki passava apressadamente por ela e saía do quarto.

Correu descalço pelos corredores da Fortaleza, o chão de lach frio debaixo das solas dos seus pés, ignorando o seu ar ridículo ao correr de roupão.

A Imperatriz está ferida. Os Guardas Imperiais de armadura azul e branca afastaram-se para ele passar; as criadas saíram apressadamente do seu caminho.

— Laranya — murmurava ansiosamente de si para si, a sua voz como uma lamúria. — Suran, que ela esteja bem. Farei qualquer coisa.

Mas se a deusa do deserto ouviu a sua súplica, não a atendeu.

Estava instalado não muito longe do quarto de dormir da irmã. A vida da Fortaleza prosseguia por toda a parte como se nada tivesse sucedido. Pessoal de limpeza puxava o lustro ao lach e tirava o pó às esculturas, actividades nocturnas executadas discretamente enquanto a maior parte das pessoas dormia. Quando chegaram à porta dos aposentos imperiais, soube que todos os serviçais deviam ter ouvido o mesmo que a criada particular; no entanto, fingiam o contrário.

Como as casas do Saramyr raramente tinham portas interiores em virtude da necessidade das brisas nos Verões escaldantes, haviam surgido códigos de privacidade em que era extremamente indelicado escutar ou contar tudo o que se ouvia inadvertidamente. O facto de a criada particular de Laranya ter quebrado esse silêncio constituía um indício da gravidade que atribuía à situação. Ouviu Laranya soluçar antes mesmo de afastar o cortinado para o lado, e apesar de o som o fazer sentir-se como se lhe destruíssem o coração, ficou desesperadamente aliviado por ela continuar a ser capaz de o emitir.

Estava na cama, apoiada nas mãos e nos joelhos, no meio de um emaranhado de lençóis dourados sujos com pequenas manchas de sangue que pareciam pretas ao luar. Chorava e apalpava entre os lençóis como se andasse à procura de algo.

Olhou para ele, emoldurado entre os cornos curvos de marfim que eram as colunas da cama, e os olhos dela estavam enegrecidos e inchados.

— Não o consigo encontrar — murmurou. — Não o consigo encontrar.

Os olhos de Reki encheram-se de lágrimas. Acorreu a ampará-la, mas ela gritou-lhe que se afastasse. Ele estacou com um estremeção, sofrendo por não perceber.

— Não o consigo encontrar! — voltou a gemer. O rosto maltratado dela estava desfigurado das equimoses e das lágrimas. Nunca antes a vira assim. Sempre que ela chorara no passado, fora apenas uma nuvem a tapar o Sol; mas, de repente, parecia uma sombra de si mesma, todo o vigor e o alento perdidos. Parecia alguém que não conhecia.

— De quem andas à procura?

Ela voltou a procurar nos lençóis ensanguentados.

— Senti-o sair, senti-o deixar-me, — exclamou. — Mas não o consigo ver! — Apanhou algo pequeno que parecia um coágulo de sangue denso, segurando-o contra a luz. Escorriam-lhe fios de um líquido pegajoso pelos intervalos entre os dedos. — É ele? É ele?

Com um choque doentio, Reki apercebeu-se de onde viera todo o sangue, e o que ela procurava. Sentiu-se subitamente desajustado da realidade, um batimento descompassado do mundo. Mal conseguia respirar do horror de ver a irmã assim.

— Não é ele — afirmou Reki. As palavras pareciam vir de outro lugar. — Ele foi-se. Agora está com Omecha.

— Não, não, não — Laranya começou a lamentar-se, balançando-se para trás e para a frente, ajoelhada. Deitara fora o coágulo.

— Não é ele. — Olhou para Reki, os seus olhos implorando. — Se o encontrar, posso voltar a colocá-lo cá dentro.

Reki começou a chorar, e a visão trouxe nova dor a Laranya. Estendeu para ele as mãos ensanguentadas, e ele deixou-se cair na cama e abraçou-a.

Ela estremeceu quando se abraçaram e, reflexamente, largou-a, sabendo que a magoara.

— O que foi que ele te fez? — perguntou Reki, e Laranya gemeu, agarrando-se a ele.

Não ousou tocar-lhe, mas deixou que as suas mãos assentassem ao de leve nas costas dela, e desceram-lhe pelas faces magras lágrimas de fúria e de dor. Passado algum tempo durante o qual não falaram, Reki disse: — Ele precisa de um nome.

Laranya anuiu. Até os não-nascidos precisavam de nomes para Noctu os registrar. Não importava se não fizessem ideia do sexo do bebê. Laranya quisera que fosse um rapaz, por causa de Mos.

— Pehiku — murmurou.

— Pehiku — repetiu Reki, e em silêncio, confiou o sobrinho que nunca iria ver aos Campos de Omecha.

Foi assim que Asara os encontrou quando chegou. Levava algum tempo a vestir-se, apesar de não ter maquilhagem e o cabelo preto cair solto sobre um ombro. Passou para o lado de dentro do cortinado sem pedir permissão para entrar, e ficou em silêncio ao luar verde até Reki dar pela presença dela.

— Vou matá-lo — prometeu Reki, entre os dentes cerrados. Os seus olhos estavam vermelhos e o nariz pingava, obrigando-o a fungar ruidosamente de vez em quando.

Normalmente, ter-se-ia sentido humilhado por uma mulher que achava tão atraente o ver assim, mas a sua dor era demasiado pura, demasiado justificável.

— Não, Reki — disse Laranya, e soube pela firmeza na voz dela que voltara a si. — Não o farás. — Levantou a cabeça, e Reki viu um pouco da velha chama no olhar dela. — O Pai fá-lo-á.

Reki não compreendeu por um momento, mas Laranya não esperou que ele percebesse. Olhou para Asara.

— Procure naquela arca — disse, indicando uma pequena caixa ornamentada a ouro encostada a uma parede. — Traga-me a faca.

Asara obedeceu. Encontrou um punhal cravejado de pedras preciosas no meio das sedas dobradas e levou-o à Imperatriz. Reki ficou ligeiramente alarmado, sem saber o que tencionava a irmã fazer com a arma.

— Tens uma tarefa, irmão — disse, os seus lábios inchados fazendo ruídos horríveis ao falar. — Será difícil, e a estrada longa; mas pela honra da tua família, tens de conseguir. Aconteça o que acontecer. Estás a ouvir?

Reki ficou abalado pela gravidade na voz dela. Parecia aterrorantemente incôgruente vinda da mulher desfigurada que estivera ajoelhada na cama com ele. Anuiu, de olhos arregalados.

— Então faz isto por mim — pediu, e dito aquilo, torceu o cabelo comprido num punhado na nuca e aproximou dele o punhal.

— Não! — exclamou Reki, mas foi demasiado lento; em três sacões curtos

ficou concluído, e o cabelo de Laranya voltou a cair para a frente, cortado grosseiramente à altura do maxilar.

O resto estava solto na sua mão.

Gemeu quando ela segurou o cabelo cortado diante dele. Deu-lhe um nó e ofereceu-lho.

— Leva-o ao Pai. Conta-lhe o que aconteceu.

Reki não ousou tocar-lhe. Pegar no cabelo seria aceitar a incumbência da irmã, ficar preso a um juramento de o entregar, que era tão sagrado quanto o juramento que ela fizera ao cortá-lo. Para o povo do Tchom Rin, o ato de cortar o cabelo de uma mulher significava vingança. Só se fazia quando tinham sofrido um ultraje terrível, e era necessário sangue para repor o equilíbrio.

Se o entregasse ao pai, o Sangue Tanatsua entraria em guerra com o Imperador.

Por brevíssimos instantes, ficou estranhamente consciente de quantas vidas seriam sacrificadas por causa deste acto em concreto, quanta agonia e morte adviriam dele. Mas foi apenas um instante, e não mais, pois existiam aqui preocupações maiores do que as vidas dos homens. Era uma questão de honra. A sua irmã fora brutalmente espancada, o sobrinho assassinado no ventre. Não havia dúvidas quanto ao que sucederia depois. E, numa parte covarde da sua alma, considerou-se satisfeito por o fardo acabar por não recair sobre ele, que afinal não passava de um mensageiro.

Tirou o cabelo da mão da irmã, e ficou feito o juramento.

— Agora vai — disse-lhe.

— Agora?

— Agora! — gritou Laranya. — Leva dois cavalos e parte. Vai-os alternando; assim chegarás mais depressa. Se Mos descobrir, se Kakre tiver conhecimento disto, procurarão deter-te. Irão tentar encobrir o sucedido com mentiras, não olharão a meios para o conseguir e para terem depois motivos contra a nossa família. Vai!

— Laranya... — começou.

— Vai! — berrou-lhe, por lhe ser insuportável a separação. Ele desceu da cama, deitou-lhe um olhar lacrimajante, depois enfiou o cabelo no bolso do roupão e foi-se embora.

— Você não — disse Laranya baixinho, muito embora Asara não tivesse feito menção de sair. — Preciso da sua ajuda. Há algo que tem de ser feito. — Falou num tom duro e impiedoso.

— Estou às vossas ordens, Imperatriz — respondeu Asara.

— Deixe que me apoie em si — pediu. — E vamos caminhar.

Assim fizeram. Equimoseada e espancada, com a camisa de noite manchada à volta das coxas, a Imperatriz do Saramyr saiu do quarto de dormir de braço dado com Asara, atravessou os aposentos imperiais e percorreu os corredores da

Fortaleza. Os criados ficaram demasiado estupefactos para desviar o olhar com rapidez suficiente. Até os Guardas Imperiais plantados às portas olharam, horrorizados. A sua Imperatriz, estimada por todos, reduzida a um farrapo tremulo. Não era usual uma mulher maltratada mostrar-se em público, mas Laranya não se esquivou. O seu orgulho era maior do que a sua vaidade; não iria alinhar no jogo do silêncio dos serviçais, não se escudaria no segredo fingindo que não acontecera nada. Exporia aos olhos de todos os crimes de Mos no seu corpo.

A Fortaleza dormia, havia poucas pessoas nos corredores e nenhuma ousou detê-la; mas, mesmo assim, o caminho até à Torre do Vento do Leste era um longo e árduo ordálio. Laranya mal se conseguia aguentar de pé e, apesar de Asara ser invulgarmente forte, era um grande esforço. O mundo dela era uma massa de dor e, no entanto, estava consciente dos olhos que a fitavam com receio e incredulidade ao caminhar aos ziguezagues pelo meio deles. Asara amparou-a estoicamente e em silêncio, e deixou que Laranya a conduzisse. A Torre do Vento do Leste, tal como todas as outras torres, comunicava com a Fortaleza através de pontes compridas e estreitas posicionadas nos vértices. Era uma agulha alta, elevando-se acima do telhado plano da Fortaleza, com uma ponta bolbosa que afunilava numa extremidade aguçada. Pequenas janelas em arco marcavam a sua superfície de outro modo lisa. Lá no alto, uma varanda contornava atorre mesmo por debaixo do sítio onde alargava para fora.

A subida foi difícil para Laranya. As escadas de caracol pareciam infundáveis, e não quis parar em qualquer dos pontos de observação onde havia cadeiras junto às janelas em arco com vista para a cidade. Só quando chegaram à varanda e saíram para a noite quente é que Laranya se permitiu descansar. Asara ficou com ela, olhando pelo parapeito. Ali perto, a cidade de Axekami descia pela colina onde se situava a Fortaleza, uma imensidão de luzes salpicando o escuro. Depois a faixa negra das muralhas da cidade e para lá delas as planícies e o Rio Kerry, correndo das Montanhas Tchamil que ficavam demasiado distantes para se avistarem. A noite estava limpa e as estrelas brilhavam, e Neryn pairava diante delas, a pequena lua baixa no céu a leste, uma bola imaculada flutuando no abismo.

— Que noite tão bonita — murmurou Laranya. Parecia estranhamente tranquila. — Como podem os deuses ser tão negligentes? Como pode o mundo continuar tão normal? Será que a minha perda significa tão pouco para eles?

— Não procureis a ajuda nos deuses — aconselhou Asara. — Se eles se preocupassem minimamente com o sofrimento humano, nunca me teriam deixado nascer.

Laranya não compreendeu aquelas palavras, não soube a que tipo de criatura ela se estava a referir: uma Aberrante cuja forma mudava como a água, cuja falta de identidade fazia dela um casulo ambulante, repulsiva para si mesma.

Asara virou-se para a Imperatriz, os seus belos olhos frios.

— Tenciona faze-lo?

Laranya debruçou-se sobre o parapeito e olhou para o pátio lá muito, muito em baixo, visível apenas como pequenos pontos de luz de lanterna.

— Não tenho escolha — murmurou. — Não vou viver tão... diminuída. E você sabe que Mos não me deixaria em paz.

— Reki ter-vos-ia impedido — disse Asara baixo.

— Ele teria tentado — concordou a Imperatriz. — Mas não sabe o que sinto. Mos privou-me de tudo o que sou. Mas o meu espírito afligi-lo-á de fora deste mundo. — Agarrou no braço de Asara. — Ajude-me a subir.

A Imperatriz do Saramyr subiu para o parapeito no cimo da Torre do Vento do Leste, e olhou para toda a cidade de Axekami. Com um esforço, endireitou-se. A sua camisa de dormir suja agitou-se quando a brisa a acariciou. Respirou, lentamente. Tão fácil... seria tão fácil acabar com a dor. Depois, uma rajada, agitando a seda sobre a sua pele, afastando-lhe do rosto o seu cabelo recentemente cortado. Trazia o cheiro da sua terra, um vento seco do deserto soprando do quadrante de leste.

Sentiu uma dor terrível, um anseio pela imensa simplicidade do Tchom Rin, onde não fora Imperatriz e onde o amor nunca lhe tocara nem a ferira tão cruelmente. Onde nunca teria sentido o filho dentro de si. E, com aquele cheiro, veio uma nova determinação, um fortalecimento do seu âmago destruído. Foi como o sopro da deusa Suran, revigorando-a, imbuindo-a de nova vida. Porquê atirar-se desta maneira?

Porquê deixar Mos vencer? Talvez conseguisse suportar a dor. Talvez conseguisse sobreviver à desonra. Podia vingar-se dele de mil maneiras diferentes, podia fazê-lo arrepender-se da tragédia que fizera recair sobre si próprio. O pior que podia fazer era matá-la.

Se o seu pai declarasse guerra, estaria a envolver-se numa batalha quase perdida por sua causa. A dignidade exigia-lo-ia. Todas aquelas vidas. No entanto, se mudasse de ideia agora, podia enviar Asara atrás de Reki, para o deter. Procuraria a vingança de formas mais subtis e eficazes.

— O vento mudou — disse Laranya, depois de estar ali de pé alguns minutos, a escassos centímetros de uma queda terrível.

— Dúvidas? — indagou Asara. Laranya anuiu, os seus olhos distantes.

— Não creio — afirmou Asara, e empurrou-a.

Houve um instante em que a Imperatriz do Saramyr vacilou, um momento de incredulidade pura e avassaladora em que os milhares de caminhos que o destino lhe reservara se reduziram a um único filamento sem saída; depois mergulhou na noite escura, e o seu grito durou enquanto não embateu no pátio lá em baixo.

CAPÍTULO 23

A duzentos e oitenta quilómetros do sítio onde a Imperatriz caía da Torre do Vento do Leste, Kaiku e Tsata efectuavam uma batida à luz verde de Neryn.

O Tkiurathi deslocava-se furtivamente, aproveitando a sombra de uma fila de rochas, empunhando os ganchos de estripar ao de leve nas mãos. Kaiku vinha um pouco mais atrás; não se conseguia deslocar à velocidade dele e permanecer na mesma em silêncio. A mistura de medo e excitação que Kaiku sentia quando batia o terreno tornara-se agora quase inebriante. Há dias que viviam de expedientes e reacções, mantendo-se um passo à frente dos animais que vagueavam no interior da barreira invisível dos Tecedores. O terror paralisante que sentira quase constantemente a princípio diminuía ao escaparem ou matarem sucessivamente os predadores Aberrantes.

Aprendera a ter confiança na capacidade de Tsata para os manter vivos, e tinha plena consciência de não ser um fardo para ele. O palreiro encontrava-se algures à direita deles. Conseguia ouvi-lo, gorjeando suavemente de si para si, um som de arrulhar como o de um pombo-bravo que era delicado e tranquilizante e destoava manifestamente do portento de músculos, dentes e tendões que o emitia. Ela e Tsata haviam começado entretanto a designar as diferentes raças de Aberrantes a bem da identificação mútua. Tinham cinco até ao momento, e mesmo assim ainda ficava de fora um número indefinido de espécies que haviam apenas avistado ao longe. Para além dos corvos-seláquios e dos palheiros, havia as fúrias brutais, os insidiosos skrendel, e os mais perigosos de todos, os gigantes ghauregs.

Tsata designara os dois últimos em Okhambano. As sílabas ásperas e guturais pareciam adequar-se-lhes bem. Do outro lado da fila de rochas, uma vala estreita rasgada na terra pedregosa, cheia de arbustos espinhosos torcidos pela moléstia e ervas daninhas dispersas. Ao caminhar, as patas do palreiro esmagavam o cascalho e o xisto soltos. O seu andar firme e descuidado perturbava Kaiku. Tal como nas outras criaturas que encontraram, não se conseguia acostumar à sensação misteriosa de que ele andava a patrulhar. Não à procura de comida, ou a marcar o território, ou qualquer outro instinto animal compreensível, mas fazendo de sentinela. Caminhava lentamente e alerta, e se o seguissem por tempo suficiente, Kaiku tinha a certeza de que voltaria a este lugar, trilhando sucessivamente algum caminho até regressar à planície aluvial e aparecer outro Aberrante no seu lugar.

Não agiam como animais. Deveria ter tido lugar uma carnificina lá em baixo na planície, com tantos predadores violentos tão próximos uns dos outros, mas reinava uma paz inquietante como se de inimigos que a necessidade obrigava a serem aliados. Eclodiam escaramuças e brigas, mas nunca mais de uma dentada irada ou um arranhão antes de ambas as partes se retirarem. E depois havia os padrões extremamente regulares de voo dos corvos-seláquios durante o dia, e as patrulhas curiosamente organizadas à noite. Não, havia ali algo de anormal.

Esta noite, Kaiku tencionava descobrir concretamente o que era.

Mantinha os olhos no Okhambano furtivo à sua frente. Quando ele estava assim, parecia também meio animal, um ser de energia primitiva capaz de uma maldade chocante; era um alter-ego bizarro do homem calado e contemplativo que os acompanhara na travessia marítima, com a sua determinação estranha e alheada. Um pouco à frente dele, um raio brumoso de luar verde-pálido entrava por um intervalo nas rochas. Olhou para ela, fazendo um movimento para e por cima com um braço tatuado. Ela entendeu o significado.

Ajustando a tira da espingarda às costas, escalou a superfície negra da barreira à direita deles. Pôs-se a escutar, chegou-lhe o trilo suave do Aberrante, o raspar das suas patas. Com um passo deliberado, passou pelo local onde se encontrava acocorada. Num movimento rápido, içou-se até ao cimo da fila de rochas e prendeu o pé nas pregas irregulares para se firmar. Passou a espingarda para a frente e apontou para a vala. A sua subida não fora tão silenciosa quanto desejaria, mas pouca diferença fazia. Os palreiros navegavam como morcegos, emitindo uma série de frequências que eram captadas e seleccionadas pelas glândulas sensoriais nas suas gargantas, criando uma imagem de acordo com as frequências que recebiam de volta e o tempo que demoravam a chegar. Isso fazia deles excelentes caçadores noturnos no seu elemento, mas tinha a desvantagem de lhes limitar o campo de percepção ao que estava à sua frente.

Kaiku tinha a espingarda apontada directamente a ele, mas o animal continuou a caminhar em passo firme pela vala, afastando-se dela, na direcção do intervalo nas rochas onde Tsata aguardava. Ela não disparou. Acocorada à luz de Neryn e desconfortavelmente exposta, manteve o sangue-frio e o dedo no gatilho. Estava ali apenas como reforço, para o caso de acontecer o pior. O tiro de uma espingarda alertaria todos e tudo da presença deles num raio de quilómetros.

Os palreiros eram animais ágeis e mortíferos. Uma mistura desconfortável de mamífero e réptil, conservando os aspectos mais vantajosos de ambos. O tamanho, a estrutura óssea e os movimentos assemelhavam-se aos de um grande felídeo, mas tinham a pele coberta por uma carapaça de escamas rijas e sobrepostas. Os crânios alongados curvavam numa crista comprida e lisa. As mandíbulas superiores não tinham bordos, e eram rígidas e em forma de bico, mas por debaixo delas, as gengivas vermelhas alojavam dentes muito afiados. Caminhavam nas quatro patas, apesar de se conseguirem erguer em duas por um breve período de tempo enquanto se equilibravam nas caudas, e cada uma das patas dianteiras apresentava uma única garra descomunal capaz de rasgar a carne e separar músculo com a maior das facilidades. Eram carnívoros eficientes no cimo da cadeia alimentar em mudança rápida nas zonas afectadas pela moléstia das Montanhas Tchamil, servindo-se das capacidades de visão nocturna para detectar os animais que se escondiam ao ouvirem os seus gorjeios. Rápidos, aerodinâmicos e mortíferos.

Mas Tsata não lhes ficava atrás.

Esperou que a criatura acabasse de passar pelo intervalo nas rochas antes de saltar. O movimento tão próximo do corpo dele foi detectado por algum sentido periférico, e arqueou o dorso para o receber, de mandíbulas escancaradas. Mas Tsata previra a reacção, e desviou-se rapidamente, pelo que os dentes dele se fecharam com força apanhando apenas o ar. Cravou uma extremidade do seu gancho de estripar no pescoço esticado, atrás da crista. Houve um espasmo, e nesse entretanto Tsata saltou-lhe para o dorso, servindo-se do gancho de estripar enterrado como alavanca, e espetou-lhe a segunda lâmina do outro lado da garganta.

As pernas do monstro cederam sob o seu peso e começou a debater-se antes de Tsata puxar para cima as duas lâminas, deslocando-as através do músculo do pescoço dele e cortando-lhe as vértebras num jorro de sangue e fluido espinal. O palreiro tombou. Acabou tudo num instante.

Kaiku desceu do seu pouso e escorregou pela vala. Os ganchos de estripar de Tsata estavam de lado e virou a cabeça do Aberrante de forma a que a crista não obstruísse o caminho. O olho preto reflectiu o seu rosto enquanto apalpava por entre as pulsações de sangue coagulado que lhe escorriam pelo pescoço.

— Encontraste-o? — perguntou Kaiku ao avançar apressadamente para ele. Escorria sangue tóxico das mãos e dos braços nus dele, negro ao luar verde.

— Aqui — disse. Kaiku olhou para ele. — És capaz de o fazer?

— Tenho de arriscar — referiu. — Pelo pasb.

Ele sorriu.

— Um dia, hei-de ensinar-te a usar essa palavra devidamente.

O momento fugaz de camaradagem foi demasiado breve de desfrutar. Colocou as mãos onde estavam as dele, e apalpou a pele repelente da criatura negra e vermiforme presa ao arco do pescoço do palreiro, mesmo por cima do ponto onde as lâminas de Tsata haviam cortado. Ao todo, era já o quarto Aberrante que matavam, e de cada vez tinham encontrado uma destas coisas nauseabundas no mesmo lugar, bem no âmago da carne, morta.

Esta ainda não estava morta, mas restavam-lhe alguns segundos, o seu corpo falhando à medida que os sistemas do hospedeiro cessavam. Os segundos eram suficientes. Kaiku tocou-lhe, e abriu a Teia. Tsata observou-a enquanto os seus olhos se fechavam. O jorro escuro do sangue do Aberrante nos pulsos e nas mãos tornou-se um fio quando o coração parou de bombear.

Era fácil seguir o elo, uma vez lá dentro. A consciência enfraquecida da coisa-verme era como uma âncora no corpo do animal Aberrante. Pequenos liames de influência retrocediam ao morrer, os ganchos que cravara no seu hospedeiro mortífero; mas o elo mais forte desaparecia pela Falha, ligado a algum destino longínquo como um cordão umbilical. Seguiu-o, e ele levou-a a um nexo onde dúzias de outros elos semelhantes convergiam como fitas à volta de um mastro enfeitado deslizando no fluxo da Teia.

Leu as fibras, e obteve as respostas.

O nexo era um dos desconhecidos altos vestidos de negro. Não eram Tecedores; não conseguiam moldar e torcer a Teia. Pelo contrário, eram as mãos que seguravam a imensidão de trelas, e estas prendiam os Aberrantes às entidades vis implantadas nas suas espinhas. Eram os manipuladores. Era assim que mantinham os Aberrantes sob controle, apercebeu-se. Cuidadosamente, sondou mais. Não sabia bem até que ponto o elo funcionava: teriam os manipuladores conhecimento activo daquilo que os Aberrantes sabiam? Conseguiam ver através dos olhos dos animais? Não, certamente não, pois se os manipuladores estivessem ligados mente-com-mente aos animais, nesse caso, teriam sabido das incursões de Tsata e Kaiku, e os Tecedores, reagido com muito mais alarme.

Desistiu de tentar adivinhar; era escusado especular sobre este ponto.

Abriu os olhos, e as íris estavam carmesim carregado. Afastou-se.

— Tal como pensávamos — murmurou. Cruzou o olhar com o de Tsata. — Devíamos ir andando. Eles virão.

Deslizaram os dois pela vala, desaparecendo nas sombras. Tsata seguiu na frente com uma facilidade experiente; Kaiku foi atrás, atenta ao perigo. Ao longe, tinham começado os roncos e os uivos, e quando os outros Aberrantes chegaram à cena da morte, há muito que os perpetradores tinham fugido.

O olhar de Kaiku vagueou até à Máscara no solo a seu lado. Tsata, acocorado junto dela na clareira, interceptou o olhar.

— Está a consumir-te — disse baixinho. — Não está?

Kaiku anuiu ao de leve. Pegou na mochila e atirou-a para cima da Máscara, tapando a sua expressão zombeteira.

A noite estava quente, mas uma brisa fresca deixava entrever a promessa de um Inverno distante. No escuro, os chikkikii estoiravam e estralejavam como ramos numa fogueira, acompanhando os sons melódicos de outros insectos nocturnos e o esporádico piar de algum animal arbóreo. A superfície lisa de Neryn brilhava através da rede de folhas que oscilava suavemente lá em cima, banhando a pequena clareira com uma luz repousante, incidindo nos arcos de raízes fortes que saíam do solo e nas colónias de ervas daninhas e folhagem que instalaram ali o seu lar.

Uma profusão de margaridas-dos-campos agitava-se indolentemente, as suas pétalas abertas em sonolentas estrelas cinzentas, viradas para a luz vivificante. A clareira ficava para lá da barreira de desorientação dos Tecedores, a quilómetro e meio do ponto onde começava. Nunca repousavam no interior da zona de perigo, especialmente agora que o inimigo estava alerta. Desde que a primeira sentinela Aberrante os surpreendera e foram obrigados a matá-la, as patrulhas haviam-se intensificado, e os corvos-seláquios esquadrinhavam o céu durante as horas de luz do dia. Havia escapado por um triz daquela vez, pois tinham perdido momentos preciosos a examinar a coisa estranha e viscosa presa ao pescoço da sentinela, e só os instintos de Tsata os avisaram a tempo de fugirem a uma dúzia de Aberrantes que acorrera.

Essa era apenas outra parte do enigma: como é que as criaturas sabiam que uma delas morrera? Desde então, Kaiku vira-se obrigada a escudá-los por mais de uma vez da atenção malévola de um Tecedor, encobrindo-os quando uma presença invisível perscrutara o domínio em busca dos misteriosos intrusos. Os Tecedores estavam desconfiados de que havia algo errado, e a morte esporádica de uma das suas criaturas devia ter causado consternação, comprovada pelo aumento da segurança; mas não conseguiam encontrar a causa do distúrbio.

Eram limitados no pensamento. Imaginavam um tribalista solitário vindo de algures na Falha que, de alguma forma, conseguira entrar e estava agora preso e a causar-lhes contratempos menores. Não haviam ponderado a hipótese de alguém conseguir transpor livremente a barreira deles, por isso nunca procuravam para lá dela. Tão pouco, como é lógico, os Aberrantes perdidos além daqueles limites.

Kaiku e Tsata aproveitaram então para dormir e fazer planos em relativa segurança.

— Queria pedir-te desculpa — disse Tsata, assim de repente.

— Sim? — inquiriu Kaiku com calma.

— Fui pouco generoso no juízo que fiz de ti — acrescentou. Mudou de posição para um arranjo mais confortável de pernas cruzadas: era um dos poucos maneirismos que os Saramyr e os Okhambanos partilhavam.

— Já o tinha esquecido — mentiu Kaiku, mas Tsata conhecia bem os modos do povo dela para não se deixar enganar.

— Entre os Tkiurathi é necessário dizer o que pensamos — explicou. — Como não possuímos coisas, como a nossa comunidade assenta na partilha, não é bom guardar as coisas dentro de nós.

Se estamos ressentidos com alguém por comer demasiado a todas as refeições, teremos de lhe dizer; não o guardamos cá dentro. O nosso equilíbrio é mantido pela aprovação ou reprovação do pash, e a partir daí determinamos o bem comum.

Kaiku olhou-o imparcialmente com os seus olhos vermelho-escuros.

— Eu disse que aceitaste esta causa por motivos egoístas, e continua a ser verdade — prosseguiu ele. — Mas tu és altruísta na busca dessa causa.

Tu fazes muitos sacrifícios, e não exiges a ninguém o que tu própria não fizeres. Admiro isso. Está em contradição com a minha experiência do povo saramyr. Kaiku não soube muito bem se devia sentir-se elogiada ou insultada com aquelas palavras, pois ele congratulara-a ao mesmo tempo que escarnecera dos seus concidadãos. Decidiu encará-lo com um espírito clemente.

— És brutal na tua honestidade, e franco nas tuas opiniões — afirmou com um sorriso cansado. — Demoramos algum tempo a acostumar-nos. Mas não fiquei ofendida com as tuas palavras.

A reação dele foi impenetrável. Observou-o durante um breve instante. Habituar-se já bastante a ele, desde o cabelo louro-alaranjado endurecido com seiva

que puxava para trás no crânio à invulgar palidez da sua pele e às curvas das tatuagens verde-claras no rosto e que desciam pelos braços nus até às pontas dos dedos. Já não parecia exótico, apenas estranho, da mesma forma que Lúcia era estranha.

E não tinha certamente quaisquer dificuldades com a barreira linguística. Melhorara desde que chegara às costas da pátria dela, e o seu Saramírico era agora praticamente impecável.

Na verdade, quando queria, conseguia ser invulgarmente explícito.

— O que pensas de nós, Tsata? — inquiriu. — Dos Aberrantes como eu?

Tsata ponderou algum tempo.

— Nada — respondeu.

— Nada?

— Não podemos evitar as circunstâncias do nosso nascimento — referiu. — Um homem forte pode ter nascido forte, pode sempre suplantar os amigos na luta livre ou no levantamento de pesos. Mas se só usar essa força, se contar com ela apenas para o tornar aceitável, falhará de outras maneiras. Só devíamos ser vistos pela forma como utilizamos ou vencemos o que temos.

Kaiku suspirou.

— As tuas filosofias são tão simples, e tão claras — observou. — No entanto, por vezes os ideais não conseguem vencer a realidade. Quem me dera que a vida fosse assim tão simples.

— Vocês é que a complicam — afirmou Tsata. — Com o dinheiro, propriedades e leis. Lutam por coisas de que não precisam, e isso torna-vos ciumentos, rancorosos e gananciosos.

— Mas com essas coisas vêm as mezinhas, a arte, a filosofia — redarguiu-lhe Kaiku.

— Será que os males que temos de suportar na nossa sociedade excedem os benefícios de conseguirmos curar epidemias que dizimam culturas menos desenvolvidas como a tua?

— Sabia que ele não ia considerar isto uma falta de respeito; na verdade, apanhara já algumas das indelicadezas de discurso dele, pois dias antes não teria formulado as suas ideias tão habilidosamente.

— O vosso erudito Jujanchi pressupôs que os sobreviventes de semelhante epidemia seriam os mais capazes de dar continuidade à raça — argumentou.

— Que a vossa deusa Enyu elimina os elementos mais fracos.

— Mas deixarias que os caprichos da natureza te escolhessem — contrapôs Kaiku. — Tu vives na floresta, e deixas que ela te governe tal como governa os animais. Nós dominamos esta terra.

— Não, vocês subjugaram-na — respondeu ele. — Mais, vocês anexaram-na dos Ugati, que, segundo as vossas próprias leis, tinham o direito de estar aqui. Vocês não gostavam do vosso país, por isso ocuparam outro.

— E, aproveitando a embalagem, parámos no Okhamba, e surgiram os Tkiurathi — recordou-lhe. — Não me podes obrigar a sentir culpada pelo que os meus antepassados fizeram. Tu mesmo o disseste: não posso evitar as circunstâncias do meu nascimento.

— Não te estou a pedir que te sintas culpada — redarguiu ele. — Só te estou a mostrar o preço da vossa cultura "desenvolvida". O vosso povo não se deveria sentir responsável por ela; mas assusta-me que a ignorem e a perdoem. Esquecem as lições do passado porque são desagradáveis, tal como as vossas famílias nobres ignoram os danos que os Tecedores estão a causar na vossa terra.

Kaiku ficou calada, escutando os ruídos da noite, pensando. Não houvera calor na discussão. Ultrapassara a fase de sentir que tinha de defender os Saramyr, especialmente visto a cultura dela há muito a ter ostracizado por ser uma Aberrante. Era apenas interessante ouvir uma perspectiva tão friamente analítica e desfavorável sobre os modos de vida que sempre aceitara. Intrigava-a o ponto de vista dele, e tinham conversado bastante nos últimos dias sobre as suas diferenças. Havia alguns aspectos dos Tkiurathi que se lhe afiguravam impossíveis de acreditar que pudessem resultar na prática, e outros que achava completamente incompreensíveis; mas eram também facetas muito válidas e invejáveis do modo de vida deles, e aquelas conversas haviam sido muito instrutivas.

Passou então às preocupações mais imediatas. Afastou a franja do rosto e assumiu um tom mais decidido.

— Não existe a menor dúvida — afirmou. — Os Tecedores têm uma maneira de controlar os Aberrantes.

Não sabemos exactamente como, mas está associada às criaturas que encontramos na parte de trás do pescoço dos Aberrantes.

— Descaiu os ombros, cansada.

— Podemos presumir que cada Aberrante lá em baixo tem uma.

— E nós sabemos que não são os Tecedores que as controlam — acrescentou Tsata. — Mas os outros mascarados.

— Pelo menos, sempre dispomos dessa informação — referiu Kaiku, raspando um bocado de lama da bota. — O que se segue?

— Temos de preencher as lacunas no nosso conhecimento — replicou Tsata. — Temos de matar um dos homens de vestes pretas.

O dia seguinte alvoreceu vermelho, e manteve-se vermelho até ao final da manhã. Iria ficar para a história que o Surananyi soprou durante três dias no Tchom Rin depois da morte da Imperatriz Laranya, surgindo inesperadamente e sem avisar. Os furacões fustigaram os desertos a leste, as tempestades de areia atacaram violentamente, e a poeira ergueu-se como uma nuvem do outro lado das montanhas manchando o olho de Nuki da cor do sangue. Mais tarde, quando a notícia do trágico suicídio de Laranya se espalhou pelo império, dir-se-ia que a tempestade era a fúria da deusa Suran pela morte de uma das suas filhas mais queridas, e que Mos ficaria

para sempre amaldiçoado aos olhos dela.

Mas Lúcia nada soube disto para além de um vago mal-estar que se instalou na sua medula naquela manhã, e não diminuiu até o Surananyi cessar. Estava sentada junto a um riacho pedregoso na parte norte do vale onde se situava o Recesso, e olhava para leste, e imaginou conseguir ouvir um uivo distante como se fosse alguma voz sobrenatural cheia de raiva e tormento. Flen fazia-lhe companhia. Era alto para a idade, parecendo muito magro com o crescimento súbito, dono de uma cabeleira escura que caía solta sobre os olhos e de um sorriso rápido e pronto. Mas não sorria lá muito naquela manhã.

Lúcia mudara.

Não lhe falara sobre a viagem a Alskain Mar senão depois de terem regressado, e mesmo assim em termos muito superficiais. Como é lógico, nenhum dos adultos achava que ele era suficientemente importante para saber, mas a decisão de Lúcia fazer segredo disso magoara-o. Não constituía de todo em todo uma surpresa: nada do que Lúcia fazia era demasiado invulgar, pois sempre lhe parecera agir a algum nível muito distante de todos os demais, e isso tornava-a estranha e fascinante.

Mas incomodava-o profundamente que ela estivesse diferente agora, e assustava-o que pudesse tornar-se mais desprendida. Não era algo que conseguisse descrever; apenas uma sensação, tal como os adolescentes percorriam de forma instintiva o caminho até à passagem à idade adulta. Como a presunção dissimulada e proibida de uma virgindade perdida recentemente a que os inexperientes se entregavam inconscientemente; como a hierarquia de amizades, líderes e bodes expiatórios em constante mudança que era incutida aos pubescentes sem que soubessem quem lhes ditava as regras ou sequer que as estavam a seguir.

Havia uma agora nova distância nos seus olhos azuis, e por debaixo crescera uma pele nova; algo perdido, algo ganho. Conversara com uma criatura que estava um degrau abaixo de um deus. Morrera, conquanto por breves instantes, e isso alterara a sua perspectiva em algum sítio que Flen não conseguia perceber. Parecia ter envelhecido, não por fora, mas ao nível das suas respostas e do seu tom. E tudo o que ocorria a Flen era que estava a perder a sua melhor amiga, e quão injusto isso era.

Permaneceram sentados juntos por muito tempo à beira daquele riacho pedregoso, encostados a uma rocha. Erguiam-se ervas altas à volta deles, fazendo-lhes cócegas na parte de trás das pernas. O riacho escorria da beira do vale por uma chicana de pedra partida, e as libelinhas zumbiam por ali, movendo-se em pequenos solavancos trémulos para ficarem a pairar diante dos rostos deles, observando-os com incompreensão. O céu estava cor-de-rosa, e os estratos de casas em cascata à direita deles tinham um aspecto sinistro e carrancudo àquela luz, já não tão acolhedores, pois eram um aglomerado de arestas denteadas e lâminas suavemente arredondadas. Por baixo deles, no fundo plano do vale, uma manada de banathi

pastava, vigiada por uma dúzia de homens e mulheres a cavalo. Flen viu-os avançar ociosamente, pastando a erva com as suas bocarras semelhantes a borracha. Eram criaturas enormes mas muito dóceis, animais aparentemente destinados apenas a alimentar os predadores. Muito embora os machos possuísem enormes cornos curvos, só os usavam durante a época de acasalamento ao disputarem as fêmeas. Nos tempos antigos, tinham vagueado livremente pelas planícies; agora eram criados inteiramente por causa da carne e do leite.

Foi enquanto Flen olhava pensativamente para o grupo de banathi que Lúcia falou finalmente, como sabia que iria fazer.

— Desculpa-me — disse em voz baixa.

Flen encolheu os ombros.

— Desculpo sempre — respondeu. Ela deu-lhe o braço e apoiou a cabeça no seu ombro. — Eu sei o que pensas. Que agora as coisas estão diferentes.

— E estão?

— Não entre nós — redarguiu ela.

Flen compôs-se para que ficassem ambos mais confortáveis. Tinha uns ombros ossudos.

— No entanto, compreendes — referiu. — Há coisas que não posso explicar. Coisas para as quais não tenho palavras.

— Vives num lugar diferente de mim — alegou ele. — É como... se vivesses do outro lado de uma porta, e só consigo ver através das frestas nas extremidades. Tu vês o que está dentro da divisão, mas eu só consigo captar um vislumbre. Sempre foi assim. — Colocou uma mão no antebraço magro dela, no pulso delicado dela. — Estás sozinha, e todos os demais ficam de fora.

Voltou a endireitar-se.

— Eu não te devia contar isto... — disse, a sua voz baixando de volume.

— Mas vais fazê-lo - sorriu-lhe.

— Isto é muito importante, Flen — informou-o. — Não podes deixar que mais ninguém saiba.

— Alguma vez isso aconteceu? — perguntou-lhe em tom retórico.

Lúcia olhou-o por um momento. Tinha uma maneira de ver por dentro das pessoas que era francamente inquietante; mas não precisava de duvidar dele. Sabia que Flen a considerava a mais importante pessoa viva, e não porque tivesse quaisquer expectativas de curar a terra ou governar o império. Ela era simplesmente a sua melhor amiga.

No entanto, havia algo que ela nunca conseguira muito bem descobrir a seu respeito: por que queria estar com ela? Não que se considerasse impopular: pelo contrário, tinha um vasto círculo de amigos, que aparentemente a procuravam sem qualquer esforço da sua parte, atraídos por algum magnetismo da personalidade que não compreendia lá muito bem, visto não ser de modo algum a pessoa mais animada ou sociável. Mas Flen era praticamente inseparável dela desde o dia em que se

havam conhecido. Procurava-a sempre antes de quaisquer outros, possuía sempre uma paciência aparentemente infinita para as suas evasivas e singularidades. Durante muito tempo, ela não lhe dera nada praticamente em troca. Apreciava a companhia dele, e deixava-o estar consigo, mas estava num mundo só seu e entretanto aprendera que era escusado convidar alguém a reunir-se-lhe ali.

E, no entanto, ele insistira. Era um rapaz popular, e muitas vezes se perguntara por que não passava mais tempo com alguém com quem não necessitasse de fazer um esforço tão grande; mas ela era sempre a sua prioridade, e gradualmente, muito gradualmente, acostumara-se a ele. De todas as pessoas que alguma vez conhecera, ele era a que estava mais perto de a compreender, e gostava dele por isso.

Adorava o seu coração leal e altruísta e a sua honestidade. Apesar de fazerem um estranho par, eram amigos, na pureza daquele estado que só existe antes de a complexidade da idade adulta o estragar.

— Vou contar-te o que aprendi em Alskain Mar — disse ela.

— Ó espíritos, estava a ver que nunca mais lá chegavas — comentou Flen maliciosamente. Não riu nem sorriu, mas soube que era a sua forma de gracejar quando estava nervoso ou indeciso, e de repente verificavam-se ambas as situações. A expressão de Lúcia era grave. Recordava o horror no rosto de Zaelis quando lhe transmitira aquilo que o espírito lhe mostrara, a frieza no olhar de Cailin.

— Talvez aprender seja a palavra errada — corrigiu-se. — Não aprendi como se alguém me estivesse a ensinar. Era... como se me estivesse a lembrar e a profetizar ao mesmo tempo; como se fosse uma lembrança e uma predição de um futuro que já se tornara passado. A princípio foi difícil compreender... e ainda tenho dificuldade em pensar nisso. As coisas não estão claras agora. — Olhou para o solo e começou a brincar com uma lâmina de erva. — Foi como se me agarrasse à barbatana de uma baleia, e mergulhasse com ela mais longe do que possas imaginar, até às maravilhas no fundo do mar. Só que os teus olhos não conseguem focar debaixo de água, por isso é tudo uma mancha. Não consegues abrir a boca para falar. E, mais cedo ou mais tarde, lembras-te de que a baleia não tem tanta necessidade de respirar como tu.

— O que foi que ele te mostrou?

— Mostrou-me as pedras mágicas — referiu ela, e o seu olhar pareceu subitamente obcecado. Como não pormenorizasse durante algum tempo, Flen instigou-a:

— E o que foi que viste?

Ela abanou ligeiramente a cabeça, como se em negação daquilo que se preparava para dizer.

— Flen, faço parte de algo muito maior do que alguém imaginava — murmurou.

Agarrou-lhe as mãos e ergueu o olhar ao encontro do dele.

— Fazemos todos. Não se trata apenas de um império; não é uma questão de

quem se senta no trono, por muitos que sejam os milhares de vidas que estejam em causa. O próprio Reino Áureo observa-nos com a maior atenção, e os próprios deuses estão a participar.

— Estás a afirmar que os deuses estão a controlar as coisas? — inquiriu Flen, incapaz de afastar uma pontinha de cepticismo da voz.

— Não, não — afirmou Lúcia. — Os deuses não controlam. Eles são mais subtis do que isso. Usam avatares e augúrios, para dobrar a vontade dos seus fiéis de modo a que eles façam o seu trabalho. Não existe predestinação nem destino. Todos temos de fazer as nossas escolhas. Somos nós que temos de travar as nossas batalhas.

— Nesse caso, o que...

— Kaiku diz que as pedras mágicas estão vivas, mas ela só estava parcialmente certa — explicou Lúcia, incaracteristicamente apressada. As palavras saíram-lhe a tremer, e não as conseguiu sustentar.

— Elas não estão apenas vivas, estão conscientes. Não como os espíritos das rochas na terra; não como os pensamentos simples das árvores. São inteligentes, e malévolas, e estão a ficá-lo muito mais a cada dia que passa.

Flen não soube muito bem se acreditava em tudo aquilo, mas não teve hipótese de decidir.

— Os Tecedores não são os nossos verdadeiros inimigos, Flen! — exclamou Lúcia, o seu rosto de um vermelho artificial no céu matinal coberto com um véu de poeira. — Eles julgam-se os bonecreiros, mas afinal não passam das marionetas. Escravos das pedras mágicas.

— Isto é — começou Flen, mas Lúcia voltou a interrompê-lo.

— Tens de me ouvir até ao fim! — exclamou ríspidamente, e Flen silenciou-se, chocado. Pela primeira vez, começava a apreciar a profundidade do terror de Lúcia ante o que descobrira em Alskain Mar.

— As pedras mágicas usam os Tecedores. Levam-nos a pensar que estão a agir de acordo com o seu próprio arbítrio, mas nenhum Tecedor sabe realmente quem determina esse arbítrio; acreditam fazer parte de um consciente colectivo. Esse consciente é a vontade das pedras mágicas. Os Tecedores são apenas os soldados de infantaria. Estão viciados, presos à necessidade do pó da pedra mágica nas suas Máscaras, não sabendo sequer que ao obterem os seus poderes estão a submeter-se a um amo superior.

Olhou à sua volta, como se receasse que alguém estivesse a escutar; e efectivamente assim parecia, pois as libelinhas tinham-se calado e partido, e o vento amainara.

— Aquela primeira pedra mágica, a que se encontra por debaixo de Adderach... enfeitiçou os mineiros que a encontraram.

Estava fraca então, faminta há milhares de anos, mas eles foram mais fracos. Tiraram o pó, movidos por alguma compulsão que não compreendiam. Aprenderam

a dar-lhe sangue da mesma maneira. Ela cresceu, e ao crescer, o seu poder aumentou, e enviou os Tecedores pelo mundo para serem os seus olhos, ouvidos e mãos. Mandou-os procurar mais pedras mágicas.

— Mas o que são as pedras mágicas? — inquiriu Flen.

— As respostas estavam à nossa frente, mas ninguém quis acreditar— murmurou Lúcia. — Eu não teria acreditado, só que aquilo que o espírito de Alskain Mar me mostrou era mais do que verdade ou mentiras, realidade ou ficção. Nem mesmo aquele espírito era suficientemente velho para ter presenciado o que aconteceu há todo aquele tempo, mas contou-me o que sabia.

Fechou os olhos, comprimindo-os com força, e quando falou, usou um modo de discurso mais formal, utilizado quando se referia directamente aos deuses.

— Os deuses lutaram, numa época em que a civilização mal deixara o berço. Nessa altura, a entidade a que chamamos Aricarat, o filho mais novo de Assantua e Jurani, entrou em guerra no Reino Áureo, por razões perdidas da história. Quase derrubou o próprio Ocha, mas num último esforço, os seus pais comandaram um exército que o matou, numa batalha que dilacerou os céus. Ao morrer, o seu próprio aspecto na tapeçaria do mundo... a quarta lua que detinha o nome dele... foi destruído, e os bocados da lua caíram sobre o mundo no tal cataclismo de que Saran nos falou. Crispou mais as mãos.

— Mas ele não morreu — murmurou. — Não enquanto uma parte dele permanecer na tapeçaria... no nosso mundo. A lua desfez-se em bocados, e alguns desses bocados sobreviveram. Em cada um deles, subsistiu um minúsculo fragmento do espírito de Aricarat. Adormecido.

— Fragmentos?

Lúcia anuiu e largou-lhe as mãos, inclinando a cabeça.

— Fragmentos de um deus destruído. Estiveram ali durante milhares de anos, até o acaso desenterrar novamente um deles no local onde se encontra agora Adderach. E serve-se dos Tecedores para alcançar os outros fragmentos, desenterrando-os, despertando-os com sacrifícios de sangue. Estão ligados, tal como os Tecedores estão ligados, como uma rede. Cada um que eles desenterram torna o todo mais forte; cada um dá mais poder aos Tecedores. São os pedaços fracturados de Aricarat; e cada um que recuperam aproxima-se mais um passo da sua ressurreição. — Tinha os olhos cheios de lágrimas, e a sua voz ficou sumida e receosa. — Ele está tão zangado, Flen. Senti a sua raiva. Neste momento ainda se encontra fraco, apenas uma sombra do que era, impotente; mas o seu ódio arde tão intensamente. Irá dominar esta terra, e irá dominar todas as terras. E quando tiverem sido despertadas pedras mágicas suficientes, voltará, e satisfará a sua vingança.

Flen não soube o que responder. A luz ensanguentada do olho de Nuki parecia infernal, enchendo o vale de pavor.

— O seu poder age já contra Enyu e os seus filhos, os deuses e deusas das coisas naturais - prosseguiu Lúcia. — A própria existência dele envenena a terra,

deforma os animais e as pessoas que comem as suas colheitas. Se ele triunfar aqui, estenderá o conflito ao Reino Áureo, contra os próprios deuses. Por isso temos de o impedir. Pois se os Tecedores e as pedras mágicas não forem destruídos agora, eles cobrirão o mundo como uma mortalha. E isso será apenas o começo.

Deslizou-lhe uma única lágrima do olho e escorreu pelo pescoço.

— E uma nova guerra dos deuses, travada aqui no Saramyr. E toda a Criação corre perigo.

CAPÍTULO 24

Nuvens cinzentas cobriam o céu de Zila, tornando o meio-dia numa carranca muda e acerada. Um cavaleiro com o fardamento do Sangue Vinaxis saiu pela maciça porta sul da cidade, desceu a colina em direcção ao local onde as linhas das tropas aguardavam, ignorado pelas altas máquinas de cerco. Atrás dele, a porta fechou-se com estrondo.

Xejen viu-o partir, da janela do seu gabinete no cimo da fortaleza, as mãos cruzadas atrás das costas, tamborilando com as pontas dos dedos nas articulações, cheio de nervosismo. Quando deixou de se avistar o cavaleiro, virou-se para o sítio onde estava Bakkara, coçando o maxilar. Mishani reclinara-se num divã encostado a uma parede, o cabelo caindo-lhe sobre os ombros, os olhos não revelando nada.

— O que lhes parece? — perguntou-lhes Xejen.

Bakkara encolheu os ombros.

— Que diferença faz. Eles vão atacar-nos à mesma, quer manifestemos um "gesto de boa fé" quer não. Eles só não querem o embaraço de dialogar com um grupo de famílias nobres menores que ficarão aborrecidas se os seus filhos e filhas forem mortos durante a libertação.

— Libertação? — indagou Xejen, com uma gargalhada estridente. — Ó espíritos, falas como se estivesse do lado deles.

— Chamar-lhe-ão libertação se vencerem — referiu com indiferença. — Além disso, qual é a opção? Dificilmente lhes poderemos enviar quaisquer reféns. A turba tinha-os quando ocupámos esta cidade.

— Essa notícia não lhe trará quaisquer amizades — salientou Mishani.

— Portanto, limitamo-nos a recusar — concluiu Xejen, estalando os dedos no ar. — Deixamo-los acreditar que temos os reféns. Como dizes, eles atacar-nos-ão na mesma, mais cedo ou mais tarde. Mas tenho fé nas muralhas de Zila, ao contrário de ti — rematou, deitando um olhar penetrante ao soldado de cabelo grisalho.

— Eu não aconselharia tal — interveio Mishani. — Uma recusa directa levá-los-á a pensar que é obstinado e não está disposto a negociar. Da próxima vez, não se incomodarão. E pode precisar de recorrer à negociação se as coisas não correrem de acordo com o seu plano.

Bakkara reprimiu um sorriso. Para uma coisinha tão pequena e frágil, ela estava extraordinariamente segura de si. Uma prova da sua perícia na política era o facto de, durante os últimos dias, se ter instituído como principal conselheira de Xejen, ao mesmo tempo que continuava sem lhe dar a entender directamente se declarava ou não o seu apoio aos Ais Maraxa. Xejen estava pateticamente ansioso por ajuda, pela ajuda de Bakkara, pela de alguém que fosse mais decidido do que ele. Nas questões concernentes a Lúcia, as suas ideias eram claras, enérgicas e inflexíveis; todavia, agora que conquistara uma cidade, parecia cada vez mais inseguro em relação ao que fazer com ela. Podia ter sido um forte motivador, mas

não percebia nada de assuntos militares e, tendo designado Bakkara seu segundo-comandante em Zila após a revolta, encarregara-o da maior parte deles.

— Nesse caso, o que faria, Senhora Mishani? — indagou Bakkara com exagerada reverência. Ela ignorou o tom.

— Enviem-lhes Chien — alvitrou.

Bakkara soltou uma sonora gargalhada de surpresa, depois fechou a boca. Xején deitara-lhe um olhar fuzilante.

— Terei perdido alguma piada? — perguntou.

— Peço desculpa — disse Bakkara, em tom forçado. — Fiquei apenas sensibilizado com o nobre sacrifício que a Senhora Mishani está a fazer. Afinal, podia ter alegado em sua própria defesa.

Mishani olhou calmamente para Xején, ignorando o sarcasmo do soldado. Não fazia tensões de alegar em sua própria defesa. Se saísse dali, a notícia da sua presença espalhar-se-ia no próprio dia, e seria um alvo fácil para os homens do pai. Além do mais, sabia perfeitamente que Xején não a deixaria partir. Era um bem demasiado precioso para ele, e continuaria a sê-lo fazendo-o acreditar que partilhava os mesmos objectivos e convicções que ele.

— Envie-lhe um refém como gesto de boa fé — aconselhou. — Ele não sabe que os outros nobres morreram; tanto quanto ele julga, pode haver muitos mais prisioneiros nas masmorras da fortaleza. De qualquer forma, Chien não tem utilidade para si, e mais, está muito doente e o seu médico-cirurgião não conseguiu fazer nada para o ajudar. — Olhou para Bakkara. — Ele é inocente, e não merece estar aqui.

— Ele irá relatar-lhes a dimensão das nossas forças — disse Xején, passeando-se pela divisão. — Irá indicar nomes.

— Ele mal saiu do quarto em que o pôs — replicou Mishani. — Não sabe nada das suas forças.

— E quanto a indicar nomes — interveio Bakkara, — não é isso que nós queremos que aconteça?

— Precisamente — concordou Mishani. — Chien é uma destacada figura entre os mercadores e as indústrias marítimas. Se começar a falar, os seus navios levarão a notícia até ao Mundo Vizinho.

Xején girou os dedos de uma mão. Estava obviamente persuadido, mas dava mostras de grande deliberação. Era evidente que uma pessoa como Mishani podia ser enganada daquela maneira, e não pareceu tão ansioso assim por concordar com ela.

— Sim, sim, podia resultar — murmurou de si para si. — Falará com ele, Senhora Mishani?

— Falarei com ele — disse Mishani.

Acabou por não ser tão fácil quanto Mishani julgara.

— Não a vou deixar aqui sozinha! — encolerizou-se Chien. — Não me pode pedir para fazer isto!

Mishani estava impassível como sempre, mas por dentro ficara francamente chocada com a fúria súbita na emoção dele.

Tinham-no mudado para instalações mais confortáveis depois de terminada a reclusão. Não eram diferentes do resto da fortaleza imunda, consistindo em algumas colgaduras na parede, tapetes e uma cama confortável em atenção ao seu estado e algumas peças avulsas, como uma mesa e uma cómoda para as roupas. Ela não exagerara quando referira a Xejem a gravidade da febre dele; mas era óbvio que se sentia bastante bem para ficar furioso, mesmo que estivesse ainda demasiado fraco para se aguentar de pé.

— Acalme-se! — ripostou ela, e a súbita aspereza na sua voz sossegou-o. — Está a agir como uma criança. Acha que eu não preferia ir consigo? Quero que vá porque precisa de fazer algo por mim, algo que só você pode fazer.

O cabelo dele crescera um pouco durante a reclusão, uma mancha negra no couro cabeludo amplo, e era evidente que não se sentia com coragem de lhe aplicar a navalha. Olhou-a com uma expressão relutantemente aplacada e indagou: — O que é, nesse caso, que só eu posso fazer?

— Pode ajudar a salvar a minha vida — disse. Fora calculado para pôr cobro à sua indignação, e resultara.

— Como? — inquiriu. Agora estava preparado para ouvir.

— Preciso que me leve uma mensagem — explicou-lhe. — Ao Barak Zahn tu Ikati.

Chien observou-a com desconfiança.

— O Barak Zahn que está a sitiar esta cidade?

— Esse mesmo — referiu.

— Continue — instigou Chien.

— Tem de pedir para se encontrar com ele a sós. Não pode deixar que mais ninguém saiba que estou aqui. Se o fizer, os homens do meu pai estarão à minha espera quando for libertada.

— E o que lhe direi?

Mishani baixou a cabeça, as tranças grossas de cabelo preto balançando com o movimento.

— Diga-lhe que tenho notícias da filha dele. Diga-lhe que ela está viva e que sei onde se encontra.

Chien semicerrou os olhos.

— O Barak Zahn não tem filha nenhuma.

— Tem, sim — referiu Mishani calmamente.

Chien suportou o olhar dela por um momento, depois cedeu.

— Como posso deixá-la aqui? — perguntou, mais a si mesmo do que a ela. — Está lá fora, à espera de atacar este lugar, um exército que é defendido por camponeses e comerciantes.

— Sei que a sua honra exige que fique, Chien — afirmou Mishani. — Mas

estará a prestar-me um serviço maior do que toda a protecção que me possa proporcionar se abandonar Zila e levar a minha mensagem. É tudo o que lhe peço. O Barak Zahn fará o resto.

— Senhora Mishani... — gemeu. — Não posso.

— É a minha melhor oportunidade de sobreviver a este cerco, Chien — disse-lhe. Aproximou-se da cabeceira dele e olhou para baixo. — Sei quem o enviou, Chien — proferiu baixinho.

— Ela obrigou-o a jurar segredo, não foi? A minha mãe.

Chien procurou disfarçar a sua reacção, mas era escusado com Mishani. O brilho nos olhos dele disse-lhe tudo o que necessitou de saber.

— Não lhe estou a pedir que quebre o seu juramento — afirmou Mishani. Sentou-se na beira da cama dele. — Ela deve ter sabido de mim quando passei por Hanzean na saída do Okhamba. Só lhe posso agradecer a sorte de ser a gente dela e não a do meu pai que me localizou. Durante o mês que estive no mar, ela contactou-o; imagino que fosse através de um Tecedor, mas duvido que fosse o da nossa família. Pediu-lhe que me protegesse do meu pai.

Sentiu as lágrimas voltarem a ameaçar, mas obrigou-as a recuar e elas não apareceram. A mãe, a sua mãe calada e negligenciada, agira todo este tempo nos bastidores para proteger a filha.

Ó deuses, e se Avun tivesse descoberto? O que teria acontecido então a Muraki?

Chien observava-a em silêncio, recusando-se a falar.

— Ela ofereceu-lhe a libertação — prosseguiu Mishani. — Os laços que o prendem ao Sangue Koli têm sido tudo o que entrou a sua família ao longo destes anos, o preço do casamento da sua mãe, que era uma pescadora na frota do meu pai. Se ficasse liberto da sua dívida, já não teria necessidade de oferecer à minha família o melhor preço, os melhores navios para distribuir o produto deles. Poderia controlar a rota comercial entre o Saramyr e o continente da selva. — Observou-o bem para ter a confirmação, apesar de já saber com certeza que tinha razão. Tudo se encaixava finalmente. — Arriscaria muito para isso, para libertar a sua família. A minha mãe fez-lhe a proposta. Ela é a única, para além de Avun, com poder para anular o contrato.

E fá-lo-ia, independentemente do que isso lhe pudesse custar, se garantisse a minha segurança durante a viagem.

Chien baixou o olhar, envergonhado. Queria perguntar-lhe como soubera, mas fazê-lo seria admitir que estava certa. Mishani não quis torturá-lo. Compreendia agora. Durante o tempo todo, estivera a ver pelo ângulo dele, a tentar determinar o que esperava lucrar com ela; mas nunca considerara aquela hipótese.

— Há mais uma coisa — referiu Mishani baixinho, afastando o cabelo para trás do ombro. — A minha mãe deu-lhe uma senha, para o caso de não haver outra maneira de me persuadir. Ela sabia que eu iria ficar desconfiada. Foi uma canção de

embalar, uma canção que ela mesma escreveu. Costumava cantá-la quando eu era pequena. Era sobre mim. Só ela e eu conhecíamos a letra. — Levantou-se, de costas para ele.

— Você cantou-a ontem à noite no seu sonho febril.

Chien não disse nada durante muito tempo; depois, por fim, disse:

— Se eu fizer isto por si, dir-lhe-á que cumpri a minha promessa?

— Juro — afirmou Mishani, sem se virar. — Porque agiu com honra.

Desculpe ter desconfiado de si.

Chien permaneceu deitado na cama.

— Farei o que me pede— disse.

— Os meus agradecimentos — proferiu Mishani. — Por tudo.

— E depois saiu.

Não se voltaram a ver antes de Chien ser levado pelos portões e conduzido ao exército que aguardava. Mishani não assistiu à sua partida. Ficou de costas para a janela, sozinha.

Mais tarde, ofereceu-se a Bakkara, e amaram-se precipitadamente no quarto dele.

Não soube dizer então o que a levou a fazer semelhante coisa; era absolutamente contra a sua maneira de ser. Deveria ter esperado, deveria ter-se certificado de que era o momento certo. Achava-o atraente, e parecia-lhe que ele sentia o mesmo em relação a ela, mas ficava-se por aí; do outro lado, estava apenas a política, e o facto de fazer perfeitamente sentido deitar-se com ele. Constatara entretanto que Xejem não se afigurava o líder que a sua reputação dava a entender, e que Bakkara era manifestamente mais subtil para o cargo. E ela conhecia bem o poder que a arte de uma mulher podia ter sobre um homem, mesmo um para quem não passasse de uma diversão interessante e agradável.

No entanto, acabara por ser algo mais que a atraía nele, a levava a trocar a subtileza pela satisfação imediata. O episódio com Chien causara-lhe uma sensação de solidão que não imaginara poder sentir, um vazio palpitante que era demasiado para ela suportar, e quis livrar-se dele a todo o custo. O toque etéreo da mãe nos seus assuntos fizera-lhe recordar o quanto estava à deriva, de quanto abdicara para se opor ao pai. Mas não podia permitir-se lamentações. O que estava em jogo era demasiado.

Não seria tola ao ponto de pensar que pudesse enterrar para sempre a dor no meio da intensidade do orgasmo, mas pelo menos podia pô-la momentaneamente de lado. Depois, quando a paixão traiçoeira desapareceu ao ponto de por vezes a fazer dizer o que não devia, ficou deitada ao lado do soldado e passou-lhe a pequena mão pelo peito cheio de cicatrizes, enrolando as pontas dos dedos nos pêlos rijos entre as protuberâncias peitorais. O braço dele envolvia-a, tornando-a mais pequena e, apesar de ser ossuda, angulosa e magra, sentia-se ainda fraca perto dele. O calor do corpo de um homem era algo de cuja falta quase se esquecera.

— Não lhe parece que Xején consiga ter mão nisto, pois não? — perguntou baixinho. Era uma afirmação.

— Hum? — murmurou ensonado.

— Não pensa que ele seja capaz de comandar a revolta e vencer. Ele suspirou, irritado, ainda de olhos fechados. — Duvido.

— Nesse caso, por que...

— Vai passar a noite inteira a fazer-me perguntas?

— A menos que obtenha algumas respostas, sim. — Sorriu-lhe. Ele gemeu e virou-se um pouco para ficarem frente a frente.

Ela deu-lhe um beijo nos lábios.

— O pesadelo de qualquer homem — comentou ele. — Uma mulher que não fica calada depois de ter sido satisfeita.

— Apenas me interessam as hipóteses de sobreviver à situação em que você me meteu — disse-lhe. — Afinal o que faz aqui?

Ele agarrou uma mão-cheia do seu cabelo solto que caíra entre ambos e passou-o distraidamente pelas pontas dos dedos cheios de calosidades.

— Venho dos Novos Territórios — afirmou tangencialmente.

— Havia lá imensos conflitos quando eu era jovem. Disputas de terras, guerras de mercadores. Eu era um rapaz pobre, trabalhador e cheio de raiva. Ser soldado era o melhor que podia esperar, por isso entrei para a milícia de Mark, o exército de uma aldeia minúscula. Percebi que tinha jeito para aquilo. Fui recrutado para o exército de um nobre menor, vencemos algumas batalhas...

Ó deuses, já começo a sentir-me farto.

Mishani soltou uma gargalhada. - Continue, por favor.

— Deixe-me saltar esta parte. Bastantes anos... muitos anos... mais tarde, acabei por chegar a general no exército do Sangue Amacha, do outro lado do continente. Eu era um bocado mercenário nessa altura, não estando preso pelo sangue a qualquer amo desde que o meu primeiro Barak conseguira ser morto e a sua família eliminada. Estive na batalha no exterior de Axekami, há cinco anos.

Mishani empertigou-se um pouco.

— Não se preocupe. — Soltou uma risada. — Não a culpo pelo que o seu pai fez. Especialmente depois de Xején me ter contado tudo sobre a senhora e ele. — A alegria dele sumiu, e ficou sério. — Muitos homens que conheci morreram naquela batalha. Foi uma sorte ter escapado com vida. — Ficou silencioso por um momento, e depois, quando continuou, o seu tom era de resignação. — Mas é assim mesmo a vida de um soldado. Os amigos morrem. As batalhas vencem-se e perdem-se. Faço o melhor por mim e pelos meus homens, mas, no fim, sou apenas uma parte em milhares. Um músculo. É o cérebro que nos comanda a todos. São os que estão lá em cima que assumem a responsabilidade por um massacre como aquele. Sonmaga era um tolo, e o seu pai foi traidor. E muitas pessoas morreram por causa de ambos.

Mishani não soube muito bem o que dizer. De repente, teve consciência de quão forte ele era. Podia partir-lhe os ossos como ramos se fechasse o braço com que lhe envolvia os ombros.

— Depois disso, decidi que já tinha a minha conta de vida de soldado — prosseguiu. — Mas acho que a vida de soldado ainda não acabara para mim. Passara mais de trinta anos a travar as guerras de outros homens, sentado à volta de fogueiras com pessoas que nem sabia se estariam vivas pela manhã, dormindo em tendas e marchando por todo o Saramyr. Pode não parecer muito, mas é difícil desistir.

Existe um sentimento entre os combatentes, um elo como não pode imaginar, como não existe em mais nenhuns outros ofícios. Tentei assentar, mas é demasiado tarde para mim; está-me na massa do sangue ser soldado.

Mishani descontraíu um pouco, agora que ele se afastara do tema mais perigoso dos crimes da família dela. Começou distraidamente a traçar linhas nos braços dele enquanto escutava.

— Por isso, deixei-me levar. Não conseguia encontrar um objectivo. Nunca precisara de um até então. Estava a beber num bordel, quando ouvi falar dos Ais Maraxa. Não sei porquê, mas despertou-me a atenção. Resolvi começar a investigar um pouco, e eles acabaram por ter conhecimento e procuraram-me.

— Tinha algo em que acreditar — rematou Mishani por ele.

O rosto dele franziu-se como se repugnado.

— Digamos apenas que era uma causa que me pareceu meritória. Sou um seguidor, Senhora Mishani, não um líder. Posso comandar homens, mas não começo guerras, não mudo o mundo. Isso não é para pessoas como eu; é para pessoas como Xején. Ele pode não perceber muito de guerras, mas é um líder. Os Ais Maraxa morreriam por ele.

— E você?

— Eu morreria por Lúcia — afirmou. — Parece-me muito mais sensato do que qualquer das outras causas por que estive disposto a morrer no passado. Que tinham principalmente a ver com dinheiro.

Nenhum deles falou durante algum tempo. Bakkara estava novamente a ficar ensonado quando sentiu o rosto de Mishani enrugar-se num sorriso.

— Sei o que vai dizer — advertiu-a. — Por isso venha de lá.

— Não chegou a responder à minha pergunta.

— Qual delas?

— Por que ajudou a tomar Zila se achava que não ia conseguir aguentar?

— Xején julgou que conseguíamos. Ele acredita. Isso basta. — Ponderou por um momento. — Talvez ainda não esteja tudo perdido.

— Por conseguinte, não assume qualquer responsabilidade? Apesar de achar uma loucura, segue-o.

— Já segui loucos maiores — murmurou. — E a responsabilidade é assunto para os filósofos e os políticos. Sou soldado. Por muito difícil que seja acreditar,

faço o que faço sem outro motivo que não seja porque o faço.

— Ou talvez não veja o seu próprio motivo.

— Mulher, se não se cala já, serei obrigado a fazer algo para a calar.

— Óh? — respondeu Mishani inocentemente. — E o que seria? Bakkara mostrou-lhe, e depois disso ela deixou-o dormir; mas ficou acordada, a pensar.

Não podia abandonar Zila: Xején não a deixaria. E certamente não fazia tensões de ficar presa aqui no próximo ano. Pelo contrário, congeminara um plano para convidar o Barak Zahn a vir à cidade afim de o sondar a respeito de Lúcia, para efectuar as negociações que quisera fazer em Lalyara. Para tentar trazê-lo para os Libera Dramach com a notícia de que tinham a filha dele. Em Zila, estaria a negociar de uma posição de vantagem, e Zahn teria de a ouvir. Mas, por outro lado, o problema era Xején; impedi-la-ia assim que soubesse o que estava a tramar.

Xején era um obstáculo que tinha de ser eliminado. Não só Bakkara era melhor líder, e a pessoa mais capaz de manter Zila na ordem e segura dos seus inimigos, como era também mais maleável. Por conseguinte, teria de trabalhar lentamente tanto Bakkara como Xején, enfraquecendo um com o outro para que Bakkara - e por conseguinte, ela própria - saísse por cima. Assim que Bakkara tivesse a primazia, poderia manipulá-lo com a sua maneira de pensar, mas Xején era demasiado intransigente, demasiado rígido no seu fanatismo.

Era então este o seu objectivo. Só precisava de tempo...

Estava escuro onde Mos se encontrava.

O ar fedia a sangue. Formas monstruosas erguiam-se semivisíveis de cada lado e por cima. Vinha do alto um ruído surdo, o bater de correntes ao agitarem-se com o calor. A única luz era o brilho vermelho sombrio dos tições no braseiro.

Surgiu um rosto morto naquela luz, uma máscara-cadáver de carne emaciada num bocejo medonho, encapuzada e umbrosa. Mos olhou para ela do outro lado do braseiro. As suas próprias feições estavam alteradas e distorcidas, os olhos inchados de chorar, a sua fisionomia flácida.

Sobre eles, os papagaios de pele do Tecedor-mor Kakre olhavam vagamente para a negrura cá em baixo.

— Ele desapareceu, nesse caso? — resmungou Kakre.

— Desapareceu — replicou Mos.

— Mandastes homens procurá-lo?

— Ele não irá longe.

— Isso é o que vamos ver.

Mos olhou para as brasas, como se pudesse encontrar ali algum consolo.

— O que se apoderou de mim, Kakre?

O Tecedor-mor não respondeu. Sabia perfeitamente o que se apoderara de Mos; mas nem mesmo ele esperara que a Imperatriz se fosse suicidar. Bastaria o facto de ter sido espancada para que o pai de Laranya tivesse conhecimento e fosse instigado a reunir os exércitos do deserto, devido ao ultraje. O resultado era muito

melhor do que podia ter esperado. E mandar Mos raptar Reki a fim de minimizar os danos era igualmente perfeito; bastaria uma pequena fuga de informação, preparada por Kakre, e a resposta do Tchom Rin estaria garantida.

Kakre fora procurar Mos depois do espancamento e encontrara-o a chorar e patético, suplicando ajuda - como se Kakre fosse alguém a quem se pudesse confessar, que lhe pudesse oferecer ajuda. Pretendera que tudo passasse por coincidência, mas muito pouco era o que Kakre fazia sem existir premeditação. Enquanto estava com o Imperador não podia Tecer, pois para tal necessitava de toda a sua concentração e Mos ficaria a saber.

Não pudera presenciar os últimos momentos de Laranya; mas fora-lhe proporcionado um alibi perfeito que o ilibava de quaisquer suspeitas de envolvimento na morte da Imperatriz. Nem mesmo Mos - pobre, pobre Mos - pensara sequer na possibilidade de os sonhos que o tinham enlouquecido provirem de Kakre. Este fora demasiado astuto; eliminara aquela linha de raciocínio da mente de Mos, para que nunca chegasse a florescer.

— O Barak Goren tu Tanatsua irá saber da morte da filha muito antes de Reki o alcançar — disse finalmente Kakre na sua voz áspera.

— E irá saber das circunstâncias. Laranya não foi discreta em relação ao seu estado.

Agitou-se, o capuz lançando-lhe o rosto na sombra. O cabelo dela foi cortado, Mos. Sabeis o que isso significa.

— Talvez se apanharmos Reki, o pai possa vir a dar ouvidos à razão.

As palavras de Mos não continham qualquer sentimento. Na realidade, era-lhe indiferente. Limitava-se a exercer o cargo de Imperador, porque agora não lhe restava mais nada.

— Mesmo assim — afirmou Kakre, — há preparativos a fazer. Com o vosso casamento com Laranya, os Baraks do deserto ficaram apaziguados por um longo tempo; mas agora que o elo foi quebrado, irão reagir muito mal. Sempre foram problemáticos. Demasiado autónomos para o seu próprio bem, no seio da sua região de areia sem caminhos.

Mos olhou inexpressivamente para Kakre durante algum tempo, o suor a escorrer-lhe da testa no calor da câmara de esfolamento.

— Se eles vierem para Axekami, irão encorajar os outros Baraks descontentes — referiu-lhe Kakre. — Imaginai um exército do deserto a marchar por Tchamaska e pelo Caminho do Leste, decidido a exigir a vingança da morte de Laranya. Imaginai como isso dará de vós uma imagem de falta de autoridade.

Mos não conseguiu realmente imaginar.

— Poderíeis mandar homens para Maxachta — sugeriu o Tecedor-mor. — Muitos homens. Se os ides enfrentar, fazei-o nas montanhas do Desfiladeiro de Juwacha. Refreai-os ali. Impedi-os de avançar para oeste.

— Preciso de todos os meus homens aqui — replicou Mos, mas não havia

força na sua voz.

— Para quê? Por causa do Sangue Kerestyn? Tem sido só barulho e nenhuma acção. Levarão anos a tornar-se suficientemente fortes para vos desafiarem. Neste momento, Axekami é inexpugnável por qualquer força no Saramyr; isto é, a menos que os Baraks do deserto se unam aos do oeste.

Mos ponderou por um bocado.

— Vou enviar homens — disse, como Kakre sabia que ele iria fazer. Mos não dera ouvidos aos seus conselheiros, e Kakre subestimará cuidadosamente o tamanho das forças que estavam a ser enfileiradas contra o Imperador na sequência da crescente fome. Esta noite seria enviado o sinal ao Barak Avun tu Koli, aconselhando-o a começar a reunir os exércitos. As forças imperiais estavam divididas, emuitos milhares marchariam para longe de Axekami ao encontro da potencial ameaça do deserto, deixando a capital mais enfraquecida com a sua ausência.

O jogo vai começar, pensou Kakre, e, por detrás da sua máscara, o rosto destruído contorceu-se num sorriso.

CAPÍTULO 25

Kaiku deslizou imprudentemente pela vertente de xisto, as suas botas levantando poeira ao luar branco e intenso. Tsata chegara já ao fundo e apontava a espingarda lá para cima, para onde a orla ondulante era emoldurada pela superfície enorme e manchada de Aurus. Esperava ver aparecer, a qualquer instante, a silhueta do seu perseguidor tapando a luz, pois ele viera furioso em perseguição de Kaiku.

O ghaureg bramiu, um som que era curiosamente um cruzamento entre um urro de urso e um uivo de lobo. Aproximava-se rapidamente deles. Kaiku passou por ele a correr enquanto cobria o ponto onde calculava que o monstro Aberrante fosse aparecer. A terra à volta dela era praticamente destituída de vegetação, apenas um labirinto irregular de rochas e solo duro e pedregoso. Dirigiu-se para um local onde a terra descia mais e se erguia uma crista à esquerda. Talvez encontrasse ali cobertura.

Ou talvez o ghaureg a usasse apenas para saltar sobre eles.

Depois Tsata estava com ela, seguindo na dianteira. Corriam acorados pelo declive, a saliência tapando-os da vista. O ghaureg voltou a urrar, aterradoramente próximo. Escutou, sobrepondo-se ao bater do coração dela e ao arrastar dos passos de ambos, a criatura correr por perto, os seus passos pesados recordando-lhe a mera massa de que o perseguidor deles era detentor. Se ficassem ao alcance daqueles braços, daquelas mãos dilacerantes, seriam desfeitos em bocados. O aparente desaparecimento da sua presa levou o Aberrante a hesitar. Tsata e Kaiku aproveitaram para aumentar a distância entre si e ele. O abaixamento tornou-se cavado e fracturado, depositando-os numa ampla vala de fundo plano cheia de rochas.

No outro extremo, erguia-se uma parede natural de solo mais alto, pálida e sinistra na conjugação da luz de Aurus e Iridima, cujas órbitas haviam ultimamente começado a aproximar-se mais, ameaçando a perspectiva de uma tempestade lunar se a terceira irmã se lhes reunisse nas próximas noites. Kaiku avançou para um aglomerado de rochas. Estavam demasiado expostos aqui. Se conseguissem sair da vista dele por tempo suficiente, tinha a certeza de que ele abandonaria a perseguição. Muito embora os ghauregs fossem brutais e perigosos, não eram a espécie predadora mais inteligente que os Tecedores haviam reunido.

Mas Shintu não estava do lado dela naquela noite. Quase tinham alcançado a sombra das rochas quando o Aberrante surgiu na crista. Kaiku deitou um olhar assustado à forma dele, a cabeça baixa entre as espáduas curvadas ao inspeccionar a vala. Depois viu-os, os olhos dele cruzando-se com os de Kaiku e provocando-lhe um arrepio pela espinha abaixo. Com um uivo, saltou da crista para o fundo da vala, à vontade uns seis metros; Kaiku sentiu o impacto da aterragem dele através das solas das botas.

Ghauregs. Eram os maiores Aberrantes que Kaiku e Tsata haviam encontrado até ao momento na Falha, e de longe os mais perigosos. Mas eram

igualmente os mais perturbadoramente semelhantes aos humanos, e isso foi o que mais surpreendeu Kaiku pela negativa. Da primeira vez que ouvira os bramidos deles e vira os seus contornos peludos de noite, achara-os inquietantemente familiares; somente passados dias se apercebeu de que se escondera daquelas mesmas criaturas nas Montanhas Lakmar em Fo, encolhida e tremendo de frio na neve durante o percurso solitário para reconstituir os passos do pai até ao mosteiro dos Tecedores. Nessa altura, foram coisas medonhas, semiavistadas, vislumbradas nos horizontes brancos; agora haviam ganho relevo, e achou que eram piores do que imaginara.

Empinavam-se nos seus dois metros e meio de altura, apesar de a sua postura habitualmente descaída significar que poderiam ser ainda mais altos se se endireitassem por completo. Eram algo simiescos no aspecto e, apesar de conseguirem correr nos quatro membros, as patas traseiras eram grossas e suficientemente grandes para lhes permitirem apoiar-se apenas nelas, e tendiam a caminhar assim, contribuindo para o seu ar quase grotescamente humano. Tinham crânios imensos, dominados por mandíbulas enormes suficientemente pesadas para justificarem a sua posição descaída.

As mandíbulas eram como armadilhas de aço, barbadas com pêlo hirsuto e cheias de dentes omnívoros, rombos dos lados e pontiagudos na frente. Os olhos pequenos e amarelos e um focinho achatado pouco mais eram do que mecanismos para localizar o que comer de seguida. Os seus corpos estavam cobertos de pele grossa com pêlo, mas as mãos, o peito e os pés eram lisos, e a pele por debaixo era negra e enrugada. Apesar de não possuírem o arsenal natural de algumas das outras espécies predadoras, compensavam-no com o tamanho e pujança: a força deles era verdadeiramente aterradora. E também não eram lentos.

Kaiku ficou estática por brevíssimos segundos quando o animal aterrou na vala e começou a avançar pesadamente para eles nas quatro patas, paralisada pelo seu tamanho.

Depois Tsata voltava a puxá-la, e fugiu então.

O seu kana fervia lá dentro, lutando para se libertar, enquanto corriam pela vala. Não ousou fazê-lo. Conseguira que não dessem por que o usara, aquando da morte do palreiro, porque o empregara de uma forma extremamente subtil. Se fizesse algo tão violento quanto atacar o Aberrante, os Tecedores ali detectá-lo-iam e não se poupariam a esforços para a encontrar.

No entanto, as suas outras opções estavam a esgotar-se rapidamente.

Tsata passou por ela a correr numa explosão de velocidade e mudou de direcção, seguindo pela vala até onde uma secção do lado mais distante se fendera e estalara, criando uma pequena fissura na rocha. Tsata alcançou-a num ápice e escalou-a. Kaiku chegou à parede a pique um momento depois, a espingarda batendo-lhe com força nas costas ao subir pela fissura. Não era uma novata no escalamento de rochas - fora um dos desafios em que ela e o irmão Machim tinham

competido quando crianças - mas não conseguiu qualquer apoio na sua primeira tentativa. O medo fizera-a desperdiçar um segundo ao olhar por cima do ombro. O ghaureg corria direto a ela, galopando nas quatro patas, o pêlo emaranhado saltando-lhe no corpo maciço.

— Sobe! — gritou-lhe Tsata, e ela assim fez. Desta vez encontrou algo a que se agarrar, enfiando os dedos na fissura, e içou-se o suficiente para conseguir firmar os pés. A mão de Tsata estendia-se para ela.

Demasiado longe. Encontrou novo apoio, fez força nele e procurou outro lugar mais alto onde introduzir a bota livre.

— Kaiku, agora; A biqueira da bota cravou-se e ela deu um impulso, estendendo a mão para a dele.

Apanhou-a num aperto semelhante a um torno e puxou-a para cima, as veias sobressaindo no braço tatuado dele. Foi içada pela borda e para os braços dele um instante antes de o ghaureg a alcançar, e a pata dele falhou por centímetros o seu tornozelo em ascensão.

Não houve tempo para alívio. Kaiku libertou-se das mãos do seu companheiro e recomeçaram a correr. O ghaureg conseguia saltar, mas era demasiado pesado para adquirir muita altura. O cimo da parede da vala estava fora do alcance dele, mas não tardaria muito a encontrar uma subida alternativa. A situação tornara-se demasiado perigosa. Qualquer que fosse a verdade sobre a relação entre os Aberrantes e os estranhos manipuladores de máscara - que Kaiku apelidara de Nexos, - era óbvio que os Tecedores sabiam que se passava algo dentro da sua área protegida, e estavam determinados a remediá-lo. As incursões de Tsata e Kaiku através da barreira haviam-se tornado cada vez mais arriscadas.

A terra erma atacada pela moléstia que rodeava a planície aluvial onde o exército de Aberrantes estava estacionado pululava agora de sentinelas. Vezes sem conta foram obrigados a recuar sem se conseguirem aproximar da planície, muito menos lograrem encontrar um dos Nexos. Cada vez se afigurava mais impossível a sugestão de Tsata de matarem uma das figuras de vestes negras para que Kaiku tentasse adivinhar a sua natureza; e era também cada vez mais evidente para ambos que não poderiam continuar a fazer tentativas como até ali. Mais cedo ou mais tarde seriam apanhados ou mortos. O ghaureg tivera apenas azar.

Normalmente, eram bastante fáceis de evitar, pois não se tratava de criaturas nada silenciosas e caçadores ainda menos hábeis, contando com a força bruta para dominar a cadeia alimentar nas imensidões onde os tinham recolhido. Mas Kaiku e Tsata andavam a evitar uma fúria que captara o rasto deles, e na pressa de saírem do caminho daquele Aberrante, tinham, sem querer, dado de caras com outro. Era o tipo de deslize que Kaiku começara a pensar que Tsata seria incapaz de fazer, mas, pelos vistos, até o Tkiurathi era falível.

Só esperava que a descoberta não lhes fosse custar as vidas.

— Para que lado é? — perguntou arfando, enquanto corriam pelo solo

irregular.

— Em frente — respondeu ele. — Perto.

Afinal, o perto acabou por ser muito mais longe do que Kaiku imaginara, e nessa altura o ghaureg alcançara-os de novo.

Avistou-os de uma elevação no terreno quando se dirigiam para uma porção de solo plano, e uivou enquanto os perseguia. Kaiku apercebeu-se de que parecia ser usual os ghauregs escolherem solo alto quando tentavam localizar a presa, pois não tinham predadores naturais, logo, não temiam expor-se num descampado. Registou-o mentalmente para o caso de terem o infortúnio de voltar a enfrentar outro. Manterem-se baixos e próximo da superfície era a melhor maneira de evitarem esta espécie. Mas agora era tarde de mais. O animal perseguia-os atroadoramente. Subiram uma vertente baixa, desalojando rochas e solo em pequenos desmoronamentos enquanto a terra resvalava sob os seus pés.

No cimo ficava um aglomerado de árvores atacadas pela moléstia, rígido ao luar, que Kaiku reconheceu. Estavam na orla do território dos Tecedores.

— A Máscara, Kaiku! — instou Tsata, virando-se para olhar para o solo plano que tinham acabado de atravessar. O ghaureg apareceu, galopando implacavelmente atrás deles.

Correram de novo enquanto Kaiku tirava a Máscara de onde a prendera ao cinto. Mas amarrara-a demasiado bem e, na pressa, a borda prendeu-se-lhe na roupa e a Máscara voou-lhe da mão, batendo ruidosamente na pedra, sorrindo-lhe vazia com o seu rosto maldoso.

Praguejou de incredulidade. Num ápice, Tsata pegou na espingarda, seguindo o Aberrante em aproximação enquanto Kaiku corria até ao sítio onde a Máscara caíra. O ghaureg cobrira rapidamente a distância entre eles, e Kaiku não sabia ao certo a que distância ficava a barreira, e se conseguiriam lá chegar a tempo. Foi o último pensamento fugaz que lhe percorreu a mente antes de apanhar a Máscara e colocá-la no rosto.

A sensação quente e de leve euforia que se entranhou foi mais forte desta vez, mais perceptível do que alguma vez antes o fora. A intimação da presença do pai era igualmente mais forte; o cheiro dele parecia emanar da fibra da madeira, acalmando-a como se fosse uma criança de novo nos braços dele. A Máscara encaixava perfeitamente no seu rosto, encostando-se-lhe à pele como a mão de um amante no rosto.

— Corre!

A voz de Tsata desfez o instante intemporal, e ela voltou ao presente. A Máscara causou-lhe uma sensação de calor: a barreira tinha de estar próxima. Correu velozmente, e Tsata baixou o braço e acompanhou o ritmo dela.

O ghaureg bramiu enquanto avançavam pelo declive traiçoeiro, nada incomodado pelo solo deslizante, as mãos e os pés cravando-se na terra e fazendo saltar torrões de terra atrás de si.

— Dá-me a tua mão! — gritou Kaiku, estendendo-se para Tsata.

Subitamente, a barreira estava muito perto deles, e apercebeu-se de que era demasiado perto, pois se Tsata não estivesse consigo, depois não conseguiria atravessar. Ele reagiu quase antes de Kaiku terminar a frase, saltando na direcção dela e prendendo a sua mão com força à volta da sua. O ghaureg estava agora à distância de meros passos, tapando as luas com o seu volume, os dentes escorrendo saliva ao bramir na antecipação da matança.

A Teia resplandeceu à volta de Kaiku, o mundo transformando-se num caos dourado de luz quando mergulhou de cabeça na barreira. Sentiu Tsata soltar-se por instantes, sentiu-o puxar para a direita quando os seus sentidos se desviaram e ele tentou mudar de direcção; mas ela segurava-lhe a mão, e não o ia deixar escapar. Puxou-o com toda a força possível, sentiu-o tropeçar e desviar-se para o lado quando o seu corpo foi numa direcção que todos os seus instintos lhe desaconselhavam. Ele manteve o equilíbrio durante vários passos antes de os dois caírem do outro lado da barreira, e a Teia adquiriu a invisibilidade atrás deles.

Tsata estava de gatas, a apatia e a desorientação familiares nos seus olhos. Kaiku ignorou-o, a sua atenção no ghaureg. A criatura dera meia-volta e afastava-se deles em diagonal, voltando pesadamente para o coração do território dos Tecedores como se desconhecesse que a presa já não se encontrava à sua frente. Manteve o olhar fixo nele até desaparecer de vista atrás de uma prega na terra cinzenta.

Tsata recuperou rapidamente, e nesse entretanto Kaiku tirara a Máscara com relutância. Ultimamente, começava a sentir-se culpada de o fazer, como se fosse uma espécie de traição, que ao agir assim estivesse a decepcionar de alguma maneira o espírito do pai.

A testa do Tkiurathi desanuviou-se; sentou-se numa rocha e olhou para Kaiku.

— Foi uma fuga extraordinariamente feliz — comentou. Kaiku afastou a franja para o lado. - Fomos descuidados - referiu. — É tudo.

— Penso — disse Tsata — que chegou o momento de desistir. Não podemos aproximar-nos dos Tecedores nem dos Nexos. Temos de voltar para o Recesso.

Kaiku abanou a cabeça.

— Ainda não. Só depois de descobrirmos mais. — Cruzou o olhar com o dele. — Vai tu.

— Sabes que não posso.

Levantou-se e ofereceu-lhe a mão. Ela aceitou-a, e ajudou-o a erguer-se.

— Então parece que estás preso a mim.

Olhou-a demoradamente, o seu rosto tatuado insondável ao luar.

— Pelo visto — respondeu, mas o seu tom foi caloroso, e fê-la sorrir.

Chien os Mumaka estava deitado numa cama na tenda da enfermaria do lado de fora de Zila, ganhando e perdendo a consciência. O sono não queria vir ter com ele, apesar de lhe doer o corpo e ter a impressão de que as extremidades dos ossos

roçavam umas nas outras. Não estava ninguém na tenda senão ele. Havia várias filas de camas à espera de serem preenchidas quando o conflito começasse.

Era fresca e sombria, e ele encontrava-se rodeado dos sons abafados de um acampamento militar: vozes baixas subindo e descendo quando passavam perto, o resfolegar dos cavalos, o crepitar das fogueiras, pancadas, rangidelas e gemidos inidentificáveis.

Aqui perto da costa, na planície a sul da cidade fortificada, os insectos nocturnos não eram tão numerosos nem barulhentos, e o escuro parecia pacífico. Assim que chegara ao acampamento, haviam-no entregue aos cuidados de um médico-cirurgião, o qual lhe dera a beber uma infusão, a fim de lhe fazer baixar a febre. Chien pedira debilmente para ver o Barak Zahn. O médico-cirurgião dissuadira-o a princípio, mas Chien fora insistente, declarando que tinha uma mensagem da maior importância e que Zahn ficaria muito aborrecido com quem quer que levantasse obstáculos. O outro homem parou para pensar. Chien sabia perfeitamente, dos seus tempos de mercador, que as pessoas provavelmente acederiam a fazer o que lhes diziam se acreditassem que seriam responsabilizadas pelas consequências da inacção. No entanto, o médico-cirurgião não gostava que lhe dessem ordens dentro da sua própria enfermaria, e Chien estava muito doente, e àquela hora Zahn já estava recolhido.

— Pela manhã — respondeu o médico-cirurgião. — Nessa altura estará bem melhor para receber visitas. E vou saber se o Barak o deseja ver.

Chien foi obrigado a contentar-se com aquilo.

Uma vez sozinho, Chien pôde pensar nos acontecimentos do dia. Ó deuses, Mishani era manhosa. Não sabia se sentir-se envergonhado se calmo com a maneira como ela acabara por adivinhar os seus intuitos. Não se tratava tanto de evitar o que dissera em sonhos. Na verdade, estava inclinado a pensar que fora a vontade dos deuses, ou mais concretamente, de Myen, a deusa do sono, que tinha em si mais do que um pouco do sangue do trapaceiro do seu irmão mais novo Shintu. Assim sendo, quem era ele para se sentir mal com isso?

E ela estava certa: tinha de o admitir mesmo que não quisesse. Deixá-la fora a melhor maneira de a poder ajudar. Por duas vezes não a conseguira proteger; fora por uma infimíssima margem que ela escapara à atenção dos assassinos do pai. Não sabia que tipo de jogo era o dela com Zahn, mas ficaria satisfeito se se pudesse afastar assim que a mensagem fosse entregue. A sua obrigação estaria cumprida. Desde que Mishani sobrevivesse, Muraki seria obrigada pela honra a libertar o Sangue Mumaka dos laços que o prendiam à família dela.

Conseguiu esboçar um pequeno sorriso no meio da dor da febre. Toda a sua vida travara uma guerra para subir, vencendo o preconceito de ser uma criança adoptada. Não o ajudara o facto de os pais terem subsequentemente tido filhos naturais, apesar de os médicos não lhes haverem dado esperanças. Todos os dias era obrigado a dar provas da sua competência perante os irmãos. Mas, conquanto não

pudesse ser elegante, subtil ou educado, como sucedia com os seus irmãos mais novos, mantinha a cabeça erguida com orgulho. Como se não bastasse dever-se-lhe o facto de a família ter saído dadesgraça em que os pais dele haviam caído, ia agora libertá-los da dívida em que tinham incorrido ao escolherem o amor em detrimento da política.

A inconsciência avançava ao encontro dele, trazendo-lhe o alívio da febre; mas apercebeu-se de repente de que algo se movia junto da aba da tenda. Ergueu a cabeça com algum esforço, espreitando a escuridão. Os seus olhos recusaram-se a focar devidamente.

Não conseguia ver ninguém, mas isso não diminuiu a sua certeza. Estava alguém ali com ele. A sensação de uma presença desagradável na sua pele. Apoiou-se nos cotovelos, procurou de novo, tentando encontrar a sombra esquiva que vislumbrara. Sentiu a cabeça leve. Uma alucinação? O médico-cirurgião avisara-o de que a infusão poderia ter efeitos secundários.

— Está aí alguém? — perguntou por fim, incapaz de continuar a suportar o silêncio.

— Estou aqui — disse uma voz junto à cabeceira de Chien, e a surpresa fê-lo sobressaltar-se violentamente. Um vulto negro, tornado difuso pela droga no seu organismo, de pé a seu lado. — Você causou imensos problemas a quem me contratou — sibilou o homem, e nesse entretanto Chien sentiu uma mão enluvada asfixiá-lo, apertando-lhe o nariz, e um pequeno frasco de madeira ser empurrado para os seus lábios antes de os conseguir fechar.

Debateu-se, tentando gritar e sufocou com o líquido na sua boca um momento antes de outra mão lhe comprimir o rosto, impedindo-o de odeitar fora. Engoliu reflexamente para desobstruir a traqueia; e só então se apercebeu do que fizera.

— Lindo menino — disse a sombra. — Bebe tudo.

Parou de se debater, os olhos arregalados em terror mudo. Invadiu-o uma nova sonolência, transformando-lhe os músculos em chumbo. Os seus membros tornaram-se demasiado pesados para os levantar; a cabeça tombou sobre a almofada. Desceu sobre ele um sono medonho, demasiado rápido para lhe resistir.

Em segundos, ficou imóvel, de olhos abertos, as pupilas uns discos negros olhando para o tecto da tenda escurecida da enfermaria. O intruso tirou as mãos do rosto de Chien, observou a sua respiração passar a arfadas curtas e por fim parar completamente.

— Confio-te a Omecha e Noctu, Chien os Mumaka — murmurou o assassino, fechando os olhos do mercador com os dedos. - Que tenhas mais sorte no Reino Áureo.

Ditas aquelas palavras, a sombra desapareceu no acampamento para retomar o aspecto de um soldado do exército do Barak Moshito. O Barak Avun tu Koli podia estar distante a norte, mas tinha um braço muito comprido. Chien ficou a arrefecer

no escuro, uma morte que, de manhã, seria atribuída à febre, e a sua mensagem acabou por não ser transmitida.

Reki tu Tanatsua, irmão pelo casamento do Imperador do Saramyr, encolheu-se ao canto de uma cabana abandonada e chorou sobre o cabelo da irmã. Atravessara o Rahn ao pôr do Sol, tendo cavalgado sem parar desde Axekami toda a noite anterior. A ponte no Caminho do Leste fora demasiado perigosa, mas encontrara sem problemas um barqueiro: uma pequena clemência, pela qual deveria estar grato, se tivesse sido capaz de se sentir assim.

Mas não havia lugar nele para algo que não fosse a dor, e soluçava nas sombras da cabana do velho lavrador que encontrara e onde se abrigara, no meio do cheiro a feno bolorento da enxerga e das foices enferrujadas encostadas à fina parede de tábuas.

Os cavalos relinchavam ali próximo, desconfortáveis por estarem tão próximos uns dos outros; mas não ousara deixá-los lá fora, e estavam demasiado exaustos para tamanha agitação. Mastigaram a aveia das sacas de ração e ignoraram-no. Cavalgara todo o dia e a maior parte da noite, mas o sono não podia estar mais distante da sua mente. Era-lhe indiferente se nunca mais voltasse a dormir. Não acreditava que esta tristeza, esta amargura e esta dor avassaladoras alguma vez desaparecessem. Quão cruel podia ser o mundo, pois, precisamente quando encontrara uma tão grande felicidade em Asara, tudo lhe fora arrancado bruscamente, vendo-se atirado para a noite, obrigado a abandonar a irmã e incumbido de uma terrível responsabilidade. Nem conseguia recordar o estado deplorável de Laranya quando a encontrara.

Era uma blasfémia contra a pessoa que ela fora, sempre fora, até Mos a haver espancado daquela maneira. A agonia parecia demasiado grande para lhe permitir tomar fôlego; a dor física no seu peito e estômago vergava-o. Depois, não fazia ideia de que a irmã já estava morta.

Andariam à sua procura, dissera-lhe ela. Iriam tentar detê-lo. Mos pisara o risco, e era impossível dizer o que mais seria capaz de fazer agora. Reki não compreendia: desconhecia o que a irmã tencionava fazer, a forma como expusera a sua humilhação perante os criados da Fortaleza de maneira a que os rumores fossem inextinguíveis, a forma como tencionara tirar a própria vida para garantir que a vingança viesse do deserto. Não lhe pareceu que Mos se atrevesse a capturá-lo e prendê-lo contra a sua vontade. Por mais horrendos que fossem os seus actos, o rapto tinha uma outra ordem de grandeza.

No entanto, nada disso importava. Tinha o cabelo preto da irmã enrolado à volta do punho. Ela encarregara-o de o entregar ao pai. Prendia-o a honra, tal como prenderia o Sangue Tanatsua. E o Sangue Tanatsua, uma das famílias mais poderosas do Tchom Rin, convidaria as outras famílias a ajudá-los, em nome de Suran. Reki não tinha dúvida de que o pai iria conseguir reunir um enorme exército sob a sua bandeira. As gentes do deserto eram tradicionalmente insulares,

resolvendo os assuntos dentro dos seus próprios territórios e não se envolvendo na política do ocidente. Os Imperadores e Imperatrizes de bom grado as deixariam fazê-lo. Mesmo com os Tecedores à sua disposição, o deserto era um lugar difícil de administrar, e aqueles que viviam nas terras férteis deste lado das Montanhas Tchamil pouco conheciam dos modos complexos dos veneradores de Suran. Apesar de fazerem todos parte do Império, numa terra tão vasta como o Saramyr era possível as culturas vizinhas serem desconhecidas umas das outras.

Reki tinha a guerra na sua mão. Era uma responsabilidade que não queria. E, no entanto, furtar-se seria trair a irmã, que sofrera terrivelmente às mãos do homem que amava. A sua própria dor não era nada comparada com a dela, mas nem isso lhe servia de consolo. Parecia que o choro nunca mais ia parar, um espasmo violento como um vômito, trazendo ao de cima um vazio sem fundo de vergonha e culpa, ódio e mágoa.

Estava tão consumido pelo seu próprio infortúnio que não ouviu a porta da cabana abrir-se e fechar-se, nem a aproximação de quem chegara. Só quando sentiu tocarem-lhe no ombro é que recuou subitamente, encolhendo-se ao canto da cabana, fugindo da sombra que se debruçava sobre ele.

— Oh, Reki — disse Asara.

Soltou um queixume ante o som da voz dela e envolveu-lhe as pernas, recomeçando a chorar. Ajoelhou-se ao lado dele, deixando que ele a abraçasse e ela correspondesse. Ali no escuro, agarrou-se a ele como se fosse a mãe que nunca conhecera, e ela acariciou-o. Ficaram assim durante muito tempo. Os cavalos murmuraram entre si, e o vento outonal sacudiu a porta da cabana no fecho.

— Por que está aqui? — conseguiu por fim perguntar, tocando-lhe no rosto com uma surpresa beatífica, como se ela fosse uma divindade misericordiosa que o viera salvar.

— Acha que o consegue fazer sozinho? — inquiriu ela. — Segui o seu rasto com a mesma facilidade que teria se me tivesse deixado um mapa. Se eu consegui, também os outros conseguirão. Sem mim, será apanhado ao nascer da próxima lua.

— Veio atrás de mim — soluçou ele, e voltou a abraçá-la.

Ela afastou-o delicadamente.

— Acalme-se — disse-lhe. — Já não é nenhuma criança.

Aquilo magoou-o, e o seu rosto manchado pelas lágrimas mostrou quão ferido estava.

— Agora temos de ir — disse-lhe, a sua voz firme. Ela era um contorno esguio nas sombras, mas os seus olhos brilhavam estranhamente. — Este lugar é demasiado perigoso. Vou levá-lo por estradas mais tranquilas e menos percorridas. Encarregar-me-ei de que cumpra o juramento feito à sua irmã.

Reki pôs-se em pé, e Asara ergueu-se também. Os olhos dele ardiam e o seu nariz pingava. Passou as costas da mão pelo rosto, envergonhado.

— Podia ser executada se a apanhassem — murmurou ele.

— Eu sei — replicou. — Posso garantir-lhe que não seremos apanhados.

Ele fungou ruidosamente.

— Não deveria estar aqui.

— Mas estou.

— Porquê? — voltou a perguntar-lhe, porque ela nunca chegara realmente a responder-lhe da primeira vez.

Ela beijou-o rapidamente nos lábios.

— Isso, vai ter de descobrir sozinho.

Levaram os cavalos cansados até aonde estavam os de Asara e embrenharam-se na noite. Mais tarde, contar-lhe-ia do suicídio da irmã. Porém, de momento, era suficiente pô-lo em segurança e protegê-lo na sua longa viagem até às terras do pai. Encarregar-se-ia de que ele entregasse o cabelo de Laranya nas mãos do Barak Goren. Certificar-se-ia de que ele desencadeava a guerra civil que tinha de acontecer.

Ao atravessarem os campos e brejos, os olhos de Asara estavam mortiços. Pensava no assassinio da Imperatriz.

Inicialmente, não tencionara assassinar Laranya. Na verdade, fora enviada por Cailin apenas para vigiar os acontecimentos no seio da Família Imperial, pois a notícia da crescente insanidade de Mos transpirara e Cailin acreditava que algo iria acontecer em breve. Queria Asara lá para resolver o assunto quando ele ocorresse. Asara infiltrara -se na Fortaleza Imperial escassos dias antes do desentendimento de Mos com a esposa.

Como espia, não tinha rival, e entrar na Fortaleza - e na cama de um jovem tímido - fora fácil para uma criatura como ela. Era velha, apesar do seu aspecto, e vira muito e observara muito. Fora simples insinuar-se junto do grupo de poetas, dramaturgos e músicos de que Laranya se rodeava. Possuía uma riqueza de conhecimentos muito superior à maioria deles, o que era extraordinário numa mulher aparentemente tão jovem. A partir dali, os mexericos a respeito de Eszel e Laranya tinham levado a Reki, e preparara a sua apresentação. Não fora difícil. Ele ainda era um rapaz, inexperiente no contacto com as mulheres. Fora fácil seduzi-lo.

Depois, a Imperatriz. Reki falara-lhe dos sonhos que Mos andava a ter. Asara encaixara a peça com a aglomeração dos exércitos do Sangue Kerestyn, a aproximação da fome e aquilo que soubera sobre os Tecedores na pele de Saran Ycthys Marul, e chegara apenas a uma conclusão. Aquela de que desconfiava já. Os Tecedores estavam a enlouquecer Mos de ciúmes. Queriam que ele fizesse mal à esposa. Queriam arrastar as famílias do deserto para o conflito. E, por conseguinte, também Asara o pretendia. Quando lhe surgisse a oportunidade, não hesitaria.

Se havia uma coisa de que Asara tinha a certeza, era disto: os Libera Dramach não conseguiam vencer os Tecedores na actual conjuntura. Nem agora, nem daqui a dez anos, e provavelmente nunca. Assim que Lúcia se revelasse e viesse reclamar o trono, seria morta, os Libera Dramach aniquilados pela força esmagadora

dos Tecedores.

Lúcia não podia conquistar o Império.

Mas, com uma ajudinha de Asara, os Tecedores podiam.

CAPÍTULO 26

O assalto a Zila deu-se na calada da noite.

As nuvens que tinham afagado a costa leste do Saramyr haviam-se consolidado numa obstinada camada ao sol-pôr, e quando a escuridão chegou foi quase absoluta. Não brilhavam quaisquer estrelas, Aurus estava completamente invisível e Iridima reduzida a uma mancha branca turva no céu, o seu brilho abafado antes de conseguir alcançar a terra. Depois começou a chover: alguns pingos de aviso, insidiosas pancadas molhadas na pedra da cidade antes de se dar o dilúvio. De repente, a noite era total, as gotas descendo do céu, fazendo silvar os archotes e escorrendo das lâminas das espadas.

Era uma bátega aflitiva e agressiva, entrando à força nas roupas dos homens que estavam armados e de vigia, os seus olhos semicerrados ao observarem ao longe as fogueiras de acampamento dos exércitos sitiante. Tremulavam num círculo à volta da colina sobre a qual assentava Zila, faróis de luz na escuridão de outro modo integral, sem iluminar nada. Por fim, apagaram-se, banhadas pela chuva.

A arremetida durou horas. Zila aguardava, uma coroa de janelas iluminadas e lanternas suspensas na negrura varrida pela chuva. O primeiro homem a aperceber-se de que algo estava errado foi um calígrafo, um homem educado que, tal como muitos outros, se vira envolvido nos acontecimentos que tinham assolado a sua cidade e, na realidade, não fazia uma ideia muito clara de como remar contra a maré. Fora destacado para a vigia por alguma estrutura de autoridade que não compreendia, e obedecera sem contestar. Agora estava encharcado e infeliz, segurando uma espingarda que não sabia usar e esperando a qualquer instante ser atingido na testa por uma seta vinda do abismo para lá das muralhas da cidade.

Foi, talvez, esta horrível expectativa que o tornou mais atento do que os outros à vigia naquela noite. Tinham-se preparado, após várias noites de inactividade, para um longo período de negociação antes de ocorrer qualquer combate. O calor da revolta arrefecera entretanto neles, e a maior parte resignara-se a um longo Outono e a um longo Inverno aprisionados dentro de Zila. Que outra escolha tinham?

Não lhes agradava a ideia de se colocarem à mercê dos exércitos, mesmo que pudessem ir-se embora. Alguns perguntavam-se se não seria preferível deixar apenas o Governador continuar a armazenar a sua comida, e arriscarem a fome; mas os seus companheiros fizeram-lhes ver que estavam a pensar no luxo de uma barriga cheia e, que se naquele momento passassem fome, não seriam tão complacentes.

Havia comida em Zila, mais do que conseguiriam obter no exterior.

Tal como o calígrafo, muitos ainda estavam para saber como se tinham metido nesta trapalhada e o que poderiam fazer para sair dela com vida. Foi enquanto remoía nestes mesmos pensamentos que o calígrafo começou a ouvir ruídos acima do tumulto constante da chuva.

O vento estava variável e soprava em rajadas caprichosas, borrifando-o de gotículas quentes, e, quando veio na sua direcção, pareceu-lhe ouvir um esporádico chiar, ou o guincho de uma roda. Sendo um homem tímido, teve relutância em cobrir-se de ridículo referindo-o a qualquer dos outros também de vigia, preferindo não dizer nada por um longo tempo. E no entanto, de vez em quando ouvia os sons - muito ténues, trazidos pela brisa - e gradualmente cresceu-lhe uma esperança no peito de que algo estava errado. Os sons eram suficientemente fugazes para serem imaginação, só que ele não tinha nenhuma. Era sensato, prático, e nunca fora dado aos fantasmas da mente.

Por fim, partilhou as suas preocupações com o homem a seu lado na muralha. Esse homem escutou, e passado algum tempo comunicou-o ao seu oficial, e acabou por chegar ao conhecimento do comandante da vigia. Este pediu ao calígrafo que lhe relatasse o que ouvira. Também lá estavam outros homens que o tinham escutado. Olharam fixamente para o escuro, mas a noite amortalhada era impenetrável.

— Disparem um foguete — acabou por ordenar o comandante. Não lhe agradava fazê-lo: achava que podia alarmar desnecessariamente tanto as tropas como o inimigo.

Mas ainda menos lhe agradava a tremura arrepiante que lhe subia pela espinha.

Alguns minutos depois, a noite foi cortada por um grito penetrante, e o fogo-de-artifício subiu para o céu, deixando um rasto fino de fumo. O seu silvo silenciouse, e depois desabrochou numa bola furiosa de luz, uma fosforescência ardente que iluminou toda a vertente da colina.

E o que viram deixou-os aterrados.

A base da colina estava cheia de tropas, imobilizadas no falso sol como um baixo-relevo. Estavam envoltos em encerados pretos sobre a armadura de couro, disfarçando as suas cores, e haviam avançado, sob essa camuflagem, desde as fogueiras do acampamento, atravessando em segredo um potencial campo de morte onde a população de Zila seria capaz de os destruir com setas e tiros de canhão. Por debaixo dos encerados, pareciam uma horda de escaravelhos de dorso liso, grotescos e gigantes, trepando insidiosamente pelas muralhas da cidade, arrastando consigo morteiros, escadas e os próprios canhões. A mera subitaneidade da imagem foi horripilante, como se retirassem uma ligadura e encontrassem uma ferida cheia de bichos.

Talvez três mil homens subissem a colina lamacenta em direcção a Zila.

Houve um grande clamor quando o fogo-de-artifício morreu, tanto na cidade como nas tropas lá em baixo. Largaram os encerados com a última luz do foguete e arrancaram-nos dos canos ornamentados dos canhões, que tinham a forma de cães a rosnar ou demónios a gritar. Depois a negrura voltou, e ficaram escondidos mais uma vez; mas Zila enchera-se de luz, e não se podia esconder. Tocaram sinos de

alarme. Vozes gritaram ordens e avisos. Os homens espalharam dados e malgas de guisado ao correrem para as armas que tinham deixado descuidadamente encostadas às muralhas. Depois os canhões abriram fogo.

A escuridão na base da colina reacendeu-se com novos clarões de chamas brotando das bocas de ferro, iluminando fugazmente as tropas ao desencadearem um ataque. As granadas saltaram indolentemente até às muralhas e sobre elas, esferas pretas soltando fogo químico de fendas nas suas superfícies durante a trajectória. Atravessaram os telhados das casas, estilhaçaram-se nas ruas, arrancaram bocados dos edifícios. No sítio onde impactavam com força suficiente, rebentavam e espalhavam uma geleia que se incendiava em contacto com o ar. Minério triturado em chamas escorria pelas ruas empedradas de Zila, e a chuva era impotente para o apagar; as habitações às escuras iluminavam-se subitamente do lado de dentro quando os seus interiores se transformavam em grandes fogueiras; figuras aos gritos, homens, mulheres e crianças, saíam a cambalear e debatiam-se enquanto a sua pele se arrepanhava.

A primeira salva foi devastadora. A segunda não tardou muito a seguir-se.

Bakkara saiu da cama antes de o primeiro guincho do foguete acabar, e apertava a sua armadura de couro quando a granada caiu. Mishani acordara ao mesmo tempo, mas não compreendera o significado do fogo-de-artifício. Ao som das explosões, porém, pôs-se em movimento. Enquanto Bakkara estava à janela, escancarando as persianas, ela vestiu a túnica e enrolou o seu cabelo numa única trança grossa que amarrou na extremidade.

Bakkara praguejou grosseiramente quando olhou para os telhados de Zila e viu as chamas a começar a erguer-se.

— Eu sabia que eles iam fazer isto — resmungou. — Que os deuses os amaldiçoem! Eu sabia!

Afastou-se da janela e viu Mishani a calçar as sandálias. Normalmente, levava muito mais tempo a aprontar-se, mas quando a elegância não estava em questão, conseguia fazê-lo em menos de um minuto.

— Aonde pensa que vai? — inquiriu ele.

— Consigo — disse.

— Mulher, aviso-a de que não é altura de ser um fardo.

O quarto estremeceu subitamente com um impacto ensurdecador, um tremor que fez Bakkara tropeçar e agarrar-se a uma cómoda para se equilibrar. A fortaleza fora atingida. A artilharia de canhão não conseguiria penetrar paredes desta espessura, mas havia um rio de chamas no flanco da fortaleza que escorria para o pátio lá em baixo.

— Eu não vou ficar aqui; é o alvo mais proeminente de Zila — referiu ela. — Vá. Não se preocupe comigo. Eu sigo-o.

Não soube por que motivo sentia necessidade de o acompanhar, apenas que o facto de ter sido acordada daquela maneira a assustara, e não queria ficar sozinha a

pensar qual poderia ser o destino da cidade.

— Não, tem razão — afirmou Bakkara, acalmando-se por um momento. — Tenho um lugar seguro onde a deixar.

Mishani preparava-se para lhe perguntar ao que se referia, mas não teve oportunidade. Xején irrompeu pelo quarto, tagarelando freneticamente. Via-se que estivera acordado, pois não vinha descomposto e o seu cabelo estava penteado; no tempo que tivera para observar o líder dos Ais Maraxa, Mishani concluíra que ele era um insone crónico.

— O que estão eles a fazer, o que estão eles a fazer! — exclamou. Registou a presença de Mishani no quarto, depois olhou para Bakkara com nítida surpresa no rosto.

Era evidente que não sabia que andavam a dormir juntos.

— Bakkara, o que estão eles...

— Estão a atacar-nos, meu tonto, como te disse que fariam! — gritou. Passou por Xején e saiu porta a fora. Xején e Mishani seguiram-no enquanto ele corria pela fortaleza, prendendo a bainha da espada nesse entretanto.

Lá fora, o estampido das espingardas em staccato começara depois de os homens se organizarem o suficiente para prepararem a defesa.

— Nós estávamos a negociar! — barafustou Xején, correndo para acompanhar as passadas de Bakkara. — Eles não querem saber dos reféns? Acaso tencionam arrasar pelo fogo uma cidade imperial?

— Se tiver de ser — replicou-lhe Bakkara sinistramente.

Como soldado, estava acostumado à frustração de ser vítima da incompetência de um líder, e aceitava-a. Numa cadeia de comando, mesmo que um homem julgasse possuir mais experiência do que aquele que estava acima de si, tinha na mesma de aceitar as ordens do seu superior. No seu íntimo, Bakkara não achava que os Baraks Zahn tu Ikati e Moshito tu Vinaxis se atrevessem a semelhante ardil, mas alertara Xején para essa possibilidade.

Xején não lhe dera ouvidos. Acreditava, como sempre acreditara, que as tropas do Império iriam pô-los à prova fazendo-os esperar. Perderiam tempo com diplomacias, deixariam que as pessoas ficassem fartas, desanimadas, se mostrassem indulgentes, insistindo até o moral dos rebeldes ceder. Então, fariam propostas às pessoas, tentando instigá-las a um golpe interno. Na pior das hipóteses, atacariam as muralhas, e Xején acreditava que conseguiriam resistir facilmente tendo a vantagem de um ponto alto no terreno. Em certa medida, o Império estava de mãos atadas: não iam querer causar mais estragos à cidade para além dos estritamente necessários, e o Imperador não ia querer matar milhares de camponeses e habitantes da cidade, especialmente quando a situação era tão volátil.

Se havia algo para que Xején tinha jeito, era para manobrar as pessoas, inspirá-las ou fazê-las duvidar. E tencionava aproveitar o tempo passado em negociações para difundir a doutrina dos Ais Maraxa, dar aos habitantes de Zila algo

em que acreditarem, um objectivo que os manteria inabaláveis. Contara que os generais se sentissem desmotivados com a luta, procurando preservar a sua força para a guerra civil que se preparava.

Xejen só pensava nos seus próprios termos, e presumia - fatalmente - que todos aqueles que tivessem alguma educação também pensariam da mesma maneira. Afinal, inteligência era inteligência; e certamente alguém com dois dedos de testa conseguia ver isso, não? Achara que iria chegar a uma luta de vontades. Enganara-se. Saíram bruscamente da fortaleza num tumulto de chuva, gritos e chamadas, depois baixaram-se reflexamente quando as granadas passaram a rasar pelas suas cabeças indo explodir no outro extremo de Zila, lançando geleia ardente sobre os telhados. Bakkara praguejou rudemente, e desceu a correr as escadas de pedra em direcção ao nível da rua, o cabelo ficando logo encharcado. As ruas estavam cheias de pessoas a correr e a chamar umas pelas outras, procurando qualquer tipo de abrigo no seu pânico, rostos assustados iluminados de lado pelo fogo.

As escadas da fortaleza curvavam sobre si mesmas duas vezes antes de chegarem à praça circunjacente. Havia vários guardas de pé ao fundo, soldados profissionais que sabiam perfeitamente que não deveriam abandonar os seus postos mesmo durante um ataque como este. Bakkara bateu no ombro de um deles.

— Arranja mais homens! — pediu com urgência. — Mais cedo ou mais tarde, esta gente vai acabar por pensar que o único lugar seguro em Zila é a fortaleza, e vai querer entrar. Precisamos de os manter afastados. Não queremos que se refugiem lá; queremos-los ali a lutar!

O guarda fez a continência sobre o peito e começou a dar ordens. Bakkara não esperou. Encaminhava-se para a muralha sul, onde os sons da batalha tinham já começado.

Aqueles dos Ais Maraxa que possuíam preparação militar sabiam que era quase impossível executar a ordem de coordenar camponeses e artesãos numa força de defesa eficaz. Mas nem mesmo eles estavam a contar com uma desorganização tão espectacular. O plano de batalha dos Baraks fora perfeitamente calculado para semear a confusão, deixando Zila em pânico com a mera brutalidade insensível. Os canhões lançavam balas indiscriminadamente sobre a cidade, não se preocupando com a pontaria. Os morteiros arremessavam bombas pelo ar, destruindo bocados de alvenaria e causando verdadeiros estragos nas muralhas da fortaleza. Os homens de Zila estavam já preparados para o combate, mas isto não era um combate; era um massacre.

Ou pelo menos assim parecia. Na realidade, como os homens de Bakkara sabiam, as baixas eram bem menores do que o nível de destruição sugeria. O intuito era fazer com que os danos parecessem piores do que eram. A chuva estava a impedir muitos dos fogos de alastrarem excessivamente, e a muralha exterior da cidade era tão forte quanto sempre fora. Mas a população só via que as suas casas estavam a ser queimadas e as suas famílias fugiam aterrorizadas, e muitos deles

abandonavam os seus postos para tentar salvar os entes queridos de quaisquer perigos em que pudessem estar.

Os canhões de Zila levaram imenso tempo, demasiado tempo, a começar a funcionar, abrindo brechas flamejantes nas fileiras dos atacantes, obrigando-os a dispersar. Os fogos-de-artifício assobiavam no céu e transformavam-se em archotes brancos em chamas, iluminando uma cena de fantasmas afanosos na base da muralha de Zila enquanto os soldados escalavam com esforço no meio da lama, das setas e do fogo das espingardas, os escudos cerrados sobre as suas cabeças. Os escudos raramente eram usados em combate no Saramyr excepto para finalidades como esta, e assim, eram feitos de metal grosso que ostornava suficientemente pesados para desviarem as balas de espingarda. Os homens caíam nos flancos das formações, mas o núcleo permanecia forte enquanto as escadas eram passadas sob a abóbada dos escudos.

Ao longe, podia ouvir-se o chiar sinistro das máquinas de cerco aproximando-se na noite, e os reforços que não haviam participado no assalto estavam a chegar. Mas esta era a pior consequência da desorganização: todos os olhos estavam postos no sul, e ninguém olhava para norte, para o rio. A escuridão, a chuva e as nuvens que tão eficazmente haviam ocultado os exércitos dos Baraks tinham feito o mesmo com os soldados que atravessaram o Zan e subiram a vertente íngreme da colina, enchendo as escadas desde as docas até à pequena porta no cimo estendendo-se depois ao longo da muralha.

Os homens no lado norte não haviam diminuído a vigilância, mas dadas as condições, era impossível ver fosse o que fosse, e o caos do bombardeamento deixara os homens mais nervosos em pânico. O pedido do comandante da vigia para dispararem os foguetes no lado norte da cidade perdeu-se algures na confusão e, enquanto esperava por uma resposta que nunca chegou, a catástrofe abateu-se. Quatro soldados guardavam a pequena porta norte do lado de dentro. Era muito maciça, cravejada de rebites e chapeada com metal, praticamente inviolável devido à sua espessura e tamanho compacto.

O ângulo da vertente do outro lado, que descia a pique até à margem sul do Zan, tornava insensata qualquer tentativa de a tomar de assalto. Os homens teriam de usar escadas - pois as vertentes verdejantes apresentavam uma inclinação demasiado pronunciada, especialmente com esta chuva - e seriam alvos fáceis para o que quer que os defensores quisessem atirar lá de cima. Quaisquer atacantes seriam obrigados a comprimir-se contra a margem de solo plano junto às muralhas, onde podiam derramar sobre eles pez a ferver, enquanto alguns soldados tentavam infrutiferamente derrubar a porta. Não havia sequer folga suficiente entre a porta e a extremidade da vertente para manobrar um aríete com eficácia.

Giri encontrava-se na antecâmara iluminada pelas lanternas com os seus três companheiros de serviço, escutando a destruição de Zila em curso lá fora. Era um soldado de profissão, mas não possuía o temperamento para tal. Não lhe agradava

lutar, tão-pouco apreciava a camaradagem que os outros soldados fomentavam. Passava a maior parte do seu tempo a tentar ser destacado para o lugar onde fosse menos provável haver qualquer perigo de perder a vida. Desta vez achava que tivera sorte. Este era provavelmente o lugar mais seguro na cidade. Só começou a desconfiar que algo estava errado quando a sua cabeça principiou a latejar. De início não foi nada de alarmante, apenas uma ligeira dor constante que esperava fosse passar a qualquer momento.

Mas aumentou em vez de diminuir. Semicerrou os olhos, piscando o direito rapidamente quando começou a agravar-se.

— Não estás bem? — perguntou-lhe um dos guardas.

Mas Giri estava longe de estar bem. A agonia começava a tornar-se insuportável. Levou as pontas dos dedos ao olho direito, querendo por algum instinto perverso tocar na zona que lhe doía; mas era dentro da sua cabeça, como um animal pequeno a escarafunchar dentro do seu crânio. Reparou que outro guarda carregava agora o cenho, não por causa de Giri, mas de algo mais, como se lhe tivesse ocorrido um pensamento que era demasiado importante para afastar.

Todos eles apresentavam agora aquela expressão, uma curiosa atenção como se escutassem algo. Depois, o guarda que falara virou-se para ele, a espada soltando-se-lhe da bainha.

— Não estás a cooperar, Giri — disse-lhe.

Os olhos de Giri arregalaram-se, ao aperceber-se.

— Não, pára! Ó deuses! É um Tecedor! Eles têm um Tecedor ali fora!

A lâmina enterrou-se-lhe no peito antes de conseguir falar mais.

Um dos três guardas restantes, aquele que não tivera uma reacção tão adversa à influência do Tecedor, apagou as lanternas e destrancou a porta. Escancararam-na à chuva e à escuridão lá fora. Quase invisível, uma Máscara de metal precioso talhada em ângulos, um rosto estalado, chanfrado de ouro, prata e bronze. Por detrás da figura curvada, soldados cobertos por encerados pretos esperavam com as espadas desembainhadas. Passaram a correr e mataram os malogrados títeres, depois encheram a antecâmara.

Continuaram a avançar furtivamente por Zila.

— Informar! — bramou Bakkara acima da queda de madeiras em chamas e o estrondo destruidor dos explosivos.

— Eles estão a invadir-nos! — gritou o comandante da vigia. Era um homem de meia-idade com um bigode farfalhudo, agora pendurado da humidade. — Chegaram às muralhas e estão a encostar escadas.

Um terço dos homens abandonou já os seus postos; correm como idiotas à volta da cidade.

— Não os impediste? - Bakkara estava incrédulo.

— Como? Matando-os? Quem os mataria? A população é que não, e se os Ais Maraxa começarem a matar a torto e a direito, a defesa deplorável que nos resta

não se aguentará. — O comandante parecia resignado.

— Os homens não lutarão se não estiverem dispostos. Desencadeámos uma revolta; não criámos um exército.

— Mas se eles não lutarem serão mortos! — deixou escapar Xején. Ele, tal como os outros, estava abrigado debaixo de um toldo de madeira de um bar vazio próximo da muralha sul. As pessoas corriam pela rua, intermitentemente iluminada por clarões. Mishani escutou a troca de palavras com metade da atenção algures. Estava rígida do medo por debaixo do seu exterior frio. O tumulto sucessivo a toda a sua volta, o conhecimento de que podiam ser incinerados a qualquer momento, estava a dar-lhe cabo dos nervos.

Queria desesperadamente voltar para a fortaleza; desejou nunca a ter abandonado. Olhando para cima por entre a chuva, viu-a erguer-se no centro da cidade. Apesar de os seus flancos estarem esfolados e chamuscados, e de se terem soltado bocados, parecia ainda multiplamente mais segura do que o local onde se encontrava agora. O medo impelira-a para onde estava a acção, pois não desejava ficar numa torre que estava a ser bombardeada. Mas não percebia nada de guerras, e estava chocada com a sua ferocidade. Por duas vezes quase haviam sido atingidos por uma granada; diversas outras vezes tinham passado por cadáveres queimados e despedaçados. Já antes Mishani vira atrocidades como estas, quando fora vítima do bombardeamento subversivo no Bairro do Mercado de Axekami; mas nessa altura fora um momento terrível de perigo, com as horríveis consequências. Aqui, as bombas não paravam de cair, e mais cedo ou mais tarde, acabaria por atingi-la.

O comandante olhava para Xején com ar grave.

— Estão a dizer que os homens serão poupados se se renderem. Conseguimos ouvir o Barak Moshito algures lá em baixo.

— Impossível! — exclamou Xején.

— Tecedores — afirmou Bakkara. — Eles conseguem projectar a voz de um homem. Costumavam fazê-lo quando os generais se dirigiam às tropas, quando combati nos Novos Territórios. Estariam ali dois mil homens, mas cada um conseguia ouvir como se o general se encontrasse mesmo à frente deles.

— Tecedores? — repetiu Xején, cheio de nervosismo.

— O que esperavas? — resmungou.

— Precisamos de ti na muralha, Bakkara — afirmou o comandante. — Aquilo está uma confusão. Eles não sabem como lidar com um ataque total.

— Ninguém se rende! — De repente, Xején falou com rispidez.

— Ordena isso aos homens! Diga Moshito o que disser! — resfolegou. — Eu mesmo vou para a muralha e falo com eles.

O comandante olhou com desconfiança para Bakkara.

— Tenciona chefiar os homens? — perguntou a Xején.

— Se tem mesmo de ser — replicou ele.

— Xején... — começou Bakkara, depois desistiu. Mas Mishani não o ia

deixar submeter-se a Xejen aqui. Mesmo no meio do seu medo, viu que estavam no fulcro do equilíbrio do poder; e chegara o momento de entrar na refrega.

— Ó deuses, Xejen, deixe-o fazer o trabalho dele! — disse bruscamente, imprimindo um tom incisivo e depreciativo à sua voz.

— Ele é o homem certo para comandar a batalha, e não você! Bakkara arqueou os sobrolhos de surpresa. Os seus olhos passaram de Mishani para Xejen. — Vai para o abrigo. Não há nada que possas fazer aqui.

— Tenho de ficar aqui! — protestou de imediato Xejen.

Mas agora era uma questão de orgulho; por muito que não quisesse admiti-lo a si mesmo, Bakkara não seria desautorizado em frente da sua mulher, por mais impreciso que o termo pudesse ser.

Mishani não se enganara ao avaliá-lo.

— Não servirás de nada a Lúcia se fores morto! — atroou Bakkara. — E quanto a si, Senhora Mishani, a luta não é sua. Se for apanhada na refrega, eles matá-la-ão, nobre ou não.

— Escadas! — gritou alguém ao longe. — Vêm aí mais escadas! O comandante olhou carrancudo para Bakkara, com urgência.

— Nós precisamos de si! — repetiu. — Eles estão a tentar escalar a muralha.

— Vai! — gritou Bakkara a Xejen, e depois virou-se e correu, seguindo o outro soldado.

Xejen e Mishani ficaram juntos debaixo do toldo, a chuva caindo por ele para o empedrado. Bakkara não olhou para trás. Xejen pareceu momentaneamente desorientado. Mishani, notando a expressão dele, calculou que tudo seria diferente se conseguissem vencer esta batalha. Bakkara, mesmo não intencionalmente, dera um grande passo no sentido de se tornar o chefe dos Ais Maraxa, e Xejen ficara em minoria.

Mishani iria aproveitar bem a oportunidade.

— Devíamos fazer o que ele diz — sugeriu Mishani. Surpreendeu-se com a calma que aparentava, quando tudo o que lhe apetecia era fugir para qualquer refúgio que conseguisse encontrar.

Já antes Bakkara mencionara o abrigo: um pequeno complexo subterrâneo com câmaras que os Ais Maraxa tinham descoberto enquanto remexiam nos documentos usurpados ao Governador. Um refúgio onde estariam protegidos das bombas e granadas.

Xejen cuspiu para o chão de frustração e afastou-se em grandes passadas na direcção de onde tinham vindo.

— Siga-me! — disse, o seu comprido queixo espetado.

Partiram apressados pelas ruas lúgubres e íngremes de Zila. Os edifícios altos rodeavam-nos ameaçadoramente enquanto se afastavam pelas vias principais e atravessavam as vielas estreitas que passavam entre as ruas-raio. Escombros flamantes bloqueavam muitos percursos, e em alguns edifícios o fogo saía pelas

janelas, queimando de dentro para fora. As pessoas passavam por eles na direcção contrária.

Algumas reconheceram Xejen. Umas quantas suplicaram-lhe, como se ele tivesse o poder de pôr cobro à situação. Disse-lhes que fossem para a muralha e lutassem, se ainda tinham algum orgulho na cidade. Olharam-no, confusas, e fugiram a correr. Para elas, não havia esperança.

A parte analítica da mente de Mishani observava Xejen mesmo no meio do medo. Estava enfurecido com o rumo dos acontecimentos, fora traído pela fraqueza da população e por Bakkara; e no entanto, viu pelos seus modos que tinha ainda uma fé suprema no seu plano, por pior que se afigurasse, as muralhas de Zila iriam aguentar. Praguejava pelo caminho, murmurando de fúria ao ver os homens conduzirem as suas famílias para longe dos edifícios em chamas, perfeitamente incapazes de acreditarem que a melhor maneira de as manterem seguras era lutando pela própria cidade.

Foi então que se apercebeu, de forma inequívoca, que a convicção dele o cegara, e por isso é que seriam derrotados. Os Ais Maraxa eram perigosos, não apenas para o Império mas também para os Libera Dramach.

Zaelis soubera-o desde o início. Eram um obstáculo, movidos pelo seu fervor a agir sem cautela e a excederem as suas capacidades. A sorte colocara-os nesta cidade numa altura em que estava preparada para derrubar o seu governante inepto, mas não lhes dera os recursos nem a experiência para a governarem, e muito menos para enfrentarem dois Baraks muito competentes e uma grande quantidade de conceituados generais. Estivera a congeminar uma maneira de resolver esta confusão a seu favor, um caminho para a segurança; mas os acontecimentos tinham-se virado contra ela demasiado rapidamente. Onde estava Zahn?

Teria decidido ignorar a sua mensagem? O deuses, não via como ela era importante para si? Se sobrevivesse àquela noite, disse para consigo, ainda teria hipótese de sair de Zila viva. Se sobrevivesse àquela noite. Estava precisamente a pensar nisso quando uma bomba de morteiro atingiu o edifício a seu lado com um ruído ensurdecador, e toda a fachada se desmoronou na rua. Somente as reacções sempre nervosas de Xejen a salvaram. Ele vira o projectil um instante antes do impacto, e correrá para a porta do edifício em frente, agarrando Mishani pela gola da túnica nesse entretanto.

Ela ficara por instantes atordoada com o ruído, o clarão e o abalo da explosão que a atirara fisicamente para trás, mas fora também puxada com força pela porta, e caíra sobre o degrau quando a rua onde estivera até há pouco se transformou numa avalanche de pedra e madeira. Uma nuvem de poeira invadiu a sala, entrando à força nos pulmões de Mishani e fazendo-a sufocar. Conseguiu distinguir vagamente a forma de Xejen através dos olhos lacrimejantes. Depois ouviu o som de madeira a partir-se e o gemido terrível e sinistro da casa a toda a volta deles. Mal tivera tempo de se aperceber de que escapara à morte por uma unha negra quando algo estalou por

cima dela, e soube que afinal isso não sucedera.

O seu estômago comprimiu-se doentamente ao ouvir as últimas vigas cederem, e depois o tecto abateu-se em cima dela.

A espada de Bakkara descreveu um arco alto, desfazendo a clavícula do soldado e quase lhe arrancando a cabeça. A pressão da mão da vítima na escada afrouxou e ele caiu, chocando com os homens por debaixo dele e desalojando vários outros, que desceram aos gritos em direcção aos escudos dos seus companheiros que se encontravam virados para cima. Bakkara e outro homem agarraram a extremidade da escada e empurraram-na; ela oscilou, baloiçou e depois rodou um quarto de círculo e tombou, fazendo saltar os últimos homens nela quando se esmagou sobre as cabeças das tropas que atacavam a muralha sul de Zila.

— Onde estão todos? — indagou ele, exasperado, correndo para o sítio onde outra escada era já encostada ao parapeito. Podiam ter defendido esta posição com um décimo dos homens a atacá-la, mas nem sequer a isso chegavam. Mais os defensores não podiam fazer para impedir as tropas de transpor a muralha. No seu subconsciente, apercebeu-se de que os canhões de Zila se tinham silenciado, e as tropas dos Baraks atacavam agora destemidamente.

Quem lhe respondeu foi um homem dos Ais Maraxa, um soldado tão desgastado e cansado quanto ele.

— Eles fugiram da muralha, os cobardes — respondeu em tom áspero. — Alguns para junto das famílias, outros porque se queriam render. Vão esconder-se até isto passar, que os deuses os façam apodrecer.

Bakkara praguejou. Isto era uma catástrofe. A população da cidade quase desistira, completamente desmoralizada pela visão das suas casas em chamas e pela esmagadora diferença do número. Podiam ter resistido, se se houvessem mantido juntos. Mas isso requeria unidade e disciplina, e o deplorável exército de camponeses de Xejen não tinha nem uma coisa nem a outra.

Não havia tempo para pensar mais, pois corria já para a nova escada, onde dois homens do Sangue Vinaxis tinham saltado para o caminho de pedra e vinham diretos a ele. A sua espada subiu ao encontro do mal-avisado golpe alto do primeiro, depois pisou de lado o pé do homem, sentindo a articulação ceder sob o seu calcanhar. O seu inimigo gritou e agarrou o tornozelo num gesto reflexo, e Bakkara decapitou-o quando ele baixou a sua guarda. Caiu flácido no chão, o sangue que esguichava do pescoço cortado a ser levado pela forte chuvarada. O soldado dos Ais Maraxa, cujo nome era Hruji, despachara o seu adversário com idêntica eficácia, e os dois empurraram a escada para trás antes que quaisquer outros conseguissem chegar ao cimo.

Bakkara olhou com ar carrancudo para um lado e outro da muralha. Estavam ali pouquíssimos homens, pouquíssimos mesmo. Eram quase todos Ais Maraxa. Os camponeses tinham-nos deixado a braços com a situação. A luz da lanterna, viu pequenos grupos de soldados correrem para cá e para lá, atacando desesperadamente

as tropas invasoras. Mas as tropas eram infinitas, e os seus homens enfraqueciam.

Eram insuficientes para manter o inimigo à distância com todo aquele perímetro.

— Bakkara! — gritou alguém, e ele virou-se e viu um homem desgrenhado a correr na direcção dele pelo caminho. Conhecia o rosto, mas a memória falhava-lhe no nome.

— Dá-me boas notícias — pediu Bakkara, mas ante a expressão do homem, soube que as notícias que ele tinha para dar não eram certamente boas.

— Eles conseguiram entrar pela porta norte! Ocuparam a muralha norte. Os camponeses estão a render-se... alguns estão a ajudá-los lá em cima nas ruas. Os nossos homens fogem para sul, em direcção ao centro.

Pronto. Não havia mais tempo para protelar.

— Vamos voltar para a fortaleza — disse Bakkara, as palavras como cinzas na sua boca. — A cidade está perdida. Vão ter ao ponto de encontro. Partimos de lá.

Hruji e o mensageiro fizeram ambos a continência e correram a divulgar a ordem. Bakkara virou os seus olhos mortiços para o edifício chamuscado e danificado que se erguia acima das ruas em chamas de Zila, e perguntou-se se a sua decisão lhes serviria de algo, ou se estava apenas a retardar o inevitável. Desconfiava que era a segunda hipótese.

Um momento depois, um corno emitiu uma nota estridente e distinta que ecoou pela noite manchada da batalha: o sinal para abandonarem a muralha. A retirada deu-se tão desorganizada quanto o fora o resto da defesa. Os Ais Maraxa foram os últimos a abandonar os seus postos, mas nem todos eram soldados, e a retirada transformou-se numa debandada quando as tropas do inimigo começaram a transpor a muralha vazia e a invadir a cidade. Pés com botas chapinhavam pelas ruas, que se tinham transformado em rios pouco fundos de água escura, deitavam-se olhares receosos por cima dos ombros para a onda de espadas, espingardas e armaduras que escalavam os parapeitos de Zila.

Os Ais Maraxa corriam precipitadamente, iluminados pelas lanternas das ruas, alternando da sombra para a luz e vice-versa, afluindo para se reunirem numa praça austera que ficava na encruzilhada de uma rua-raio e uma viela lateral. Bakkara encontrava-se no extremo da praça norte quando os combatentes esfarrapados afluíram de todos os lados, e inspeccionava-os, entristecido. As suas expressões eram de incredulidade, a fé na sua causa abalada. Durante muito tempo, haviam trabalhado em segredo, considerando-se cruzados invencíveis e honrados de uma causa abençoada pelos deuses. Mas mal se haviam mostrado, foram esmagados pelo poder do Império. Fora uma lição cruel, e Bakkara pensou no que seria dos Ais Maraxa se conseguissem escapar desta.

Havia agora um número suficiente apinhado na praça para que pudesse dar a ordem de rumar à fortaleza. Chefiou a multidão por entre os incêndios das granadas que rebentavam ainda a toda a sua volta, numa corrida pela rua-raio íngreme e

empedrada que se dirigia para a estrutura altaneira no centro de Zila. Talvez ali conseguissem pelo menos dar que pensar ao inimigo.

Podiam discutir-se novas estratégias, fazer-se novos planos.

Mas quem os faria?

Sacudiu a chuva dos olhos, afastando também nesse entretanto as suas dúvidas. Reagrupar e defender. Era esse o passo seguinte a dar, e não pensou para lá disso. Nunca pensava para lá do seu próximo objectivo.

Era essa a sua natureza.

Chegaram ao fim da rua-raio, que desembocava na grande praça circular que rodeava a fortaleza. Bakkara abrandou até parar, e os homens que vinham a correr com ele fizeram o mesmo. O silêncio foi-se estendendo numa onda, até mesmo aqueles que estavam na retaguarda da multidão e que não conseguiam ver cessaram de se acotovelar, subjugados por uma terrível agitação. Enfileirados diante deles, na base da fortaleza, estavam mais de mil homens; o dobro da quantidade que Bakkara reunira. Bakkara respirou fundo e avaliou a dimensão do problema em que estavam todos metidos. O espaço entre os Ais Maraxa e as tropas inimigas encontrava-se quase vazio, uma extensão escura e escorregadia com lajes em forma de crescente. Dois grandes incêndios à esquerda deles - onde a geleia das granadas ardia ainda apesar da chuvarada - lançavam múltiplos reflexos amarelos no espaço de permeio.

As tropas eram uma mistura de todos os Sangues que se tinham mobilizado contra a revolta; mas viu também ali camponeses, habitantes da cidade de Zila, ansiosos por comprarem as próprias vidas incitando os invasores. Tentou sentir repulsa, mas não conseguiu. Afigurava-se-lhe mesquinho naquele momento. Lá por cima deles, nas escadas que conduziam à fortaleza, avistou a Máscara de um Tecedor, brilhando indistintamente. O rosto de metais preciosos era uma indecência no meio das vestes andrajosas que envergava. Bakkara não precisou de continuar a olhar lá para cima para saber que a fortaleza fora já tomada.

Os homens murmuravam amedrontados atrás dele. Só a ideia de enfrentarem um Tecedor era suficiente para os fazer vacilar. No entanto, as forças inimigas que haviam escalado a muralha sul alcançavam-nos a cada momento desperdiçado. Bakkara sentiu que tinha de agir já, senão perdê-los-ia. As suas vidas estavam perdidas se fossem capturados. Sabia-o, com a certeza de um homem que vira sucessivas vezes a guerra.

Sabia também que havia coisas bem piores do que morrer.

— Ais Maraxa! — atroou, a sua voz chegando à multidão. Parecia a voz de outra pessoa, as palavras de outra pessoa. — Por Lúcia! Por Lúcia!

Ergueu bem alto a espada e gritou sem palavras, e, quando um dos homens que o seguia fez o mesmo, o instante de fraqueza desapareceu ao som do nome de Lúcia, recordados da fé que antes de mais os levava ali.

O peito de Bakkara encheu-se de uma emoção tão gloriosa que não lhe conseguiu atribuir um nome, e rociou a espada para a frente apontando-a ao inimigo

que esperava para os receber com armas melhores, espingardas melhores, e em número maior.

— Atacar! — berrou.

As espingardas soaram e as espadas soltaram-se das bainhas quando o último Ais Maraxa avançou para a morte que os esperava, e nos seus momentos finais Bakkara soube finalmente o que era ser um líder.

CAPÍTULO 27

Quando o olho de Nuki subiu no horizonte a leste, viu uma Zila muito diferente.

O Surananyi no Tchom Rin, a fúria da deusa pestilenta do deserto ante o assassinio da Imperatriz, extinguiu-se entretanto, e conferira uma qualidade frágil e cristalina às manhãs subsequentes.

Foi essa luz que incidiu na coroa partida de Zila, os seus telhados enegrecidos e as madeiras à mostra no céu, arrastando dúzias de flâmulas de fumo denso para o ar onde o vento suave as levava para norte. Não mais sinistra e provocadora, era uma carcaça do seu antigo orgulho, e aqueles habitantes que andavam nas suas ruas seguiam envergonhados e apavorados com as consequências da sua insurreição.

Por todo o lado se via o movimento lento e indolente de um rescaldo, como folgazões cansados a limpar tudo depois de um festival. Enquanto o Sol subia para o zénite, os acampamentos eram levantados e montados de novo mais perto da colina. Algumas tropas partiam de todo, a sua presença necessária com urgência noutro lugar. Os cadáveres dos alvejados, empalados ou incinerados eram removidos da base da muralha da cidade, e um fluxo contínuo de carroças saía pela porta sul transportando os mortos do interior.

O processo de reposição da ordem e de aplicação de castigos não seria breve. Zila desafiara o Império, e tinha de servir de exemplo. Acabou por resultar na queda de Xejen. Não contara com a determinação implacável dos Baraks em manter a situação nesta altura. Vinha aí a fome, atacava já as extremidades do Saramyr e ia corroendo por dentro. A sociedade vacilava à beira do caos. Só com poder rígido o Império podia atravessar os tempos difíceis que aí vinham. Os camponeses tinham de aprender que a revolução era impossível. E assim, as famílias superiores haviam atacado Zila com uma força muito superior a algo que Xejen ou a população pudesse ter esperado, não se preocupando nada com o respeito pelos não-combatentes ou os danos estruturais a um dos povoados mais importantes do Saramyr. Se não tivessem conseguido irromper pela muralha, teriam reduzido Zila a cinzas ou tê-la-iam arrasado com explosivos.

A rebelião era inaceitável. A população de Zila aprendera-o agora, e voltaria a aprendê-lo as vezes que fossem necessárias nas próximas semanas. A mensagem espalhar-se-ia. O Império era inviolável. Todavia, para o Barak Zahn tu Ikati, foi como se voltassem a insuflar vida num cadáver. Para ele, há muito que o Império morrera. Ele fora fundamental ao planeamento do ataque da noite da véspera, mas o seu contributo fora desapaixonado. Não se entregara com muito zelo à preservação do seu modo de vida como fizera o Barak Moshito tu Vinaxis, ou os generais enviados pelas outras famílias superiores.

No entanto, já em tempos se sentira assim. Antes de Mos usurpar o trono,

antes de Anais tu Erinima ser assassinada. Antes de a sua filha morrer. Era meio-dia quando saiu pelas portas da fortaleza queimada, descendo à praça onde os últimos Ais Maraxa mortos estavam a ser removidos, os seus membros inertes e os rostos boquiabertos marcados por feridas com crosta. O sangue coagulado nas lajes em crescente cozia com o calor intenso, um odor sufocante e adocicadamente enjoativo que se colava ao fundo da garganta. As ruas cinzentas e destruídas de Zila haviam secado já, e agora estavam empoeiradas e silenciosas, um labirinto de luz do sol forte e negrura intensa onde os homens e mulheres intimidados o evitavam e se recusavam a olhá-lo.

Era um homem magro e esguio, de feições secas e faces bexigosas que ultimamente haviam ficado descarnadas e encovadas. A sua barba aparada, prematuramente embranquecida, encobria a maior parte do aspecto, mas não à volta dos olhos, onde estava bem visível o peso do seu longo sofrimento. Havia passado por ele mais de cinquenta apanhas, mas nenhuma fora tão difícil quanto as últimas. Desde que Lúcia se perdera.

O momento do encontro deles ficara gravado na sua memória como se tivesse sido na véspera. Vivera-o todos os dias desde então, recordando sucessivamente a mudança fundamental que sentira quando pusera pela primeira vez os olhos na filha Aberrante. De repente, apercebera-se de um nível de sentimento cuja existência desconhecia, algo profundamente primitivo e de força irresistível, e soube então o que um homem deve saber quando vê a esposa a dar à luz: uma exposição avassaladora aos mistérios do elo maravilhoso e terrível entre progenitor e filho. Viu-a, e soube. Todos os instintos o proclamaram de imediato: ela é tua.

E ela soube também. Foi pela maneira como o abraçou, e ele viu-o naqueles olhos claros, e na expressão de pura traição com que o encarou quando as lágrimas brotaram neles. Onde esteve? perguntaram, e despedaçaram-lhe o coração. O facto de desconhecer que tinha uma filha não lhe facilitara nada a vida. Claro, a sua idade e o momento do seu nascimento correspondiam à época do romance breve e tempestuoso que tivera com a Imperatriz do Sangue há todos aqueles anos, mas soubera na altura que Anais continuava a dormir com o marido durante aquele período, e quando fora anunciado que ela ficara grávida, parecera simplesmente impossível que pudesse ser dele. A ideia ocorrera-lhe apenas muito fugazmente, e depois fora afastada.

Tinha a certeza de que se ela desconfiasse que o filho era de Zahn, ter-lhe-ia dito, ou então tê-lo-ia envenenado no ventre sem nunca deixar que ninguém a não ser o seu médico-cirurgião soubesse que estava de esperanças. Eram as únicas vias de ação politicamente apropriadas. Como ela não fizera nem uma coisa nem outra, Zahn presumira que não tinha nada a ver consigo: superara já a amargura que sentia quando ela acabara com a sua relação perigosa, e ficara satisfeito por se encontrar afastado dela uma vez que estava em causa um herdeiro. Os filhos eram simplesmente algo por que Zahn não se interessava.

Ou pelo menos assim julgava.

Contudo, no instante em que se tinham encontrado, a dor, a perda e a mágoa esmagaram-no. Sentiu-se como se a tivesse abandonado a nascerça.

Retirara-se da Fortaleza Imperial, atordoado com o que sucedera, mas não tencionara ficar longe por muito tempo. Teria confrontado Anais, mesmo no meio de toda a agitação civil que se verificava naquela altura, muito embora não possuísse provas para além da simples convicção de estar certo. Teria exigido saber por que afastara Lúcia de si.

Teria feito todo o tipo de coisas imprudentes, qual jovem exaltado, se Anais e a filha deles não tivessem sido mortas antes. Algo definhara dentro dele com a notícia, e nunca mais voltara a crescer. Alguma parte crucial da sua alma murchara, enegrecera e retirara a cor ao mundo. Tentou convencer-se de que era ridículo ficar afectado daquela maneira. Afinal, vivera satisfeito na ignorância durante anos, e só soubera dos verdadeiros laços que o uniam a Lúcia por um brevíssimo período de tempo. Como podia sentir a perda de algo que tivera tão fugazmente?

Mas as palavras eram ocas, e os seus ecos escarneciam dele, e deixou de tentar que a insensatez fizesse sentido. A infelicidade espalhou-se como um cancro, matando outras partes de si. A comida já não lhe dava alegria. Os seus companheiros achavam-no soturno e melancólico. Tinha pouco interesse nos negócios da família e nas suas propriedades, delegando nos irmãos e irmãs mais novos muitas tarefas que eram suas. Não se revelara menos competente como Barak, mas estava desinteressado, destituído de ambição.

Defendia razoavelmente os interesses da família, mas não tinha paixão pelos jogos políticos nem pela luta pela posição social que eram parte integrante da alta sociedade do Saramyr.

Mantinha-se meramente à tona d'água.

Mas ia acontecer algo nesta manhã que acenderia no seu peito a chama de algo há muito esquecido, algo tão estranho para ele que tinha dificuldade em recordar o nome. Esperança. Uma esperança absurda. As tropas do Sangue Ikati haviam prendido uma mulher depois de a encontrarem inconsciente nas ruínas de um edifício, tendo sido atingida na cabeça por uma viga que caíra quando o tecto se abatera em ângulo e a protegera dos tijolos que choviam à sua volta. Fora descoberta por uns camponeses que tinham começado a procurar sobreviventes, e entregue aos homens de Zahn juntamente com um trofeu muito mais valioso: Xejen tu Imotu, que os camponeses se apressaram a denunciar como líder dos Ais Maraxa.

Apesar de ninguém saber quem ela era, as roupas de nobre e o cabelo bastaram para a caracterizar como não sendo de Zila, e a sua proximidade de Xejen quando a tinham encontrado era condenatória.

Ficara sob vigilância e fora tratada até acordar, altura em que pedira para ver o Barak Zahn tu Ikati, alegando ser Mishani tu Koli.

— Irei vê-la — dissera ao mensageiro que lhe trouxera a notícia. Depois,

lembrando-se, acrescentara: — Os meus serviçais que lhe dêem banho e a vistam, se for necessário. Ela é nobre. Tratem-na como tal.

E depois caminhou pelas ruas de Zila recentemente silenciadas, até onde Mishani esperava por ele.

Mishani recebeu-o junto da sua cama de doente, mas não deitada nela. Estava fraca de respirar pó e toda cheia de equimoses, e sofrera uma pancada terrível na nuca que não permitia que os seus olhos focassem bem. Os médicos não a deixavam sair do quarto; na verdade, vigiavam-na, não fosse desmaiar do esforço de sair da cama. O facto de saberem que era nobre e importante para o seu Barak fizera-os passar de homens arrogantes e altivos a serviçais aduladores. Quando Zahn tocou a campainha e entrou, dispensou-os com um gesto rápido da mão. Os médicos haviam requisitado uma fila de casas não danificadas para sua base de operações, e enchido as camas com soldados e população civil feridos. Mishani, quer por um acaso quer pelas suas roupas, fora colocada no quarto principal da residência de algum mercador abastado. A cama era manifestamente dispendiosa, e as paredes estavam decoradas com esboços a carvão e aguarelas elegantes.

Num suporte de osso trabalhado havia um painel de padrões retratando uma paisagem marítima, as camadas de cor suspensas num losango tridimensional de gel transparente endurecido. Zahn perguntou-se, desnecessariamente, se a pessoa que possuía tudo isto fora morta às mãos da população local durante a revolta, no bombardeamento da noite passada, ou se ainda estaria viva e fora simplesmente expulsa dali. A revolução era um assunto desagradável.

Mishani tu Koli estava de pé junto à cama, vestindo roupas emprestadas e com o seu volumoso cabelo penteado e solto. Parecia absolutamente ilesa, mas Zahn sabia perfeitamente que ela não o deixava transparecer. Havia indícios: usava o cabelo num penteado que lhe cobria as faces, para esconder os arranhões na orelha; via-se uma tênue mancha azul na parte de trás do pulso, onde o punho da túnica não a escondia; depois havia o facto evidente de não se afastar da beira da cama, para o caso de as forças lhe faltarem. Vira-a várias vezes antes na Corte Imperial quando era mais nova, e a sua postura sempre fora extraordinária.

— Senhora Mishani tu Koli — disse ele, efectuando a vénia correcta para a correspondente posição social. — Causa-me pena saber que ficou ferida nesta calamidade. Ela retribuiu-lhe a mesma vénia na forma feminina. — Por graça de Ocha, não sofri tanto quanto poderia ter sucedido - retorquiu. Não transpareceu na sua voz nenhuma da fraqueza do seu estado.

— Gostaria de se sentar? — sugeriu Zahn, indicando uma cadeira. Mas Mishani não estava disposta a fazer quaisquer concessões.

— Prefiro ficar de pé — respondeu sensatamente, sabendo que só havia uma cadeira e nenhuma esteira no quarto. Ele teria à vontade mais trinta centímetros de altura do que ela; se se sentasse, então ficaria a olhar para ela num ângulo mais pronunciado do que já se encontrava.

— Os meus serviçais disseram-me que desejava falar comigo — referiu.

— Efectivamente — foi a resposta. — Tenho querido falar consigo desde que fui detida em Zila pelos Ais Maraxa. Apesar de o nosso encontro acabar por se vir a dar de uma forma algo violenta.

Zahn esboçou-lhe um sorriso.

— Posso fazer-lhe uma pergunta? — pediu ela. — Claro.

— O que foi feito de Xejen tu Imotu?

Zahn ponderou por um momento.

— Está vivo, a custo.

— Posso saber onde se encontra?

— Está preocupada com ele?

— Estou preocupada, mas não pelas razões que imagina — disse-lhe.

Zahn observou-a por um momento. Ela era uma escultura em gelo.

— Deixei que o Barak Moshito se encarregasse dele — respondeu Zahn.

Uniu as mãos atrás das costas e aproximou-se do painel de padrões, observando-o.

— Moshito irá sem dúvida entregá-lo ao seu Tecedor. Não posso dizer que sinta compaixão. Tenho muito pouco apreço pelos Ais Maraxa.

— Porque eles lhe fazem lembrar a sua filha? — rematou Mishani.

— Levam-no a acreditar na possibilidade de ela ainda estar viva, e isso é efectivamente uma ferida aberta.

A cabeça de Zahn virou-se bruscamente, os seus olhos chispando de fúria.

— Perdoe-me a franqueza — referiu ela. — Vinha a Lalyara procurá-lo com a intenção de sondar os seus sentimentos em relação a ela. Neste momento não tenho tempo para estar com delicadezas. — Fitou-o com um olhar firme. — A vida dela está por um fio. Xejen tu Imotu sabe onde ela se encontra.

Zahn estabeleceu logo a ligação. Se Xejen sabia, nesse caso, o Tecedor podia arrancar-lhe a informação. E se os Tecedores soubessem...

Fora tudo demasiado rápido, informação em excesso para poder acreditar. Se a aceitasse, então, aceitava que a filha ainda estava viva. Sacudiu a cabeça, passando os dedos pelo queixo barbudo.

— Não, não — murmurou. — O que pretende, Mishani tu Koli? Por que veio aqui, a Zila?

— Chien não contou? — inquiriu.

— Chien? Ah, o refém. Lamento dizer que morreu na noite em que o trouxeram de Zila.

O rosto de Mishani não revelou nada. Não sentiu qualquer dor por ele: era apenas uma baixa. O que lhe interessava era que isso significava que os homens do pai sabiam da sua presença em Zila, e estariam efectivamente muito próximos. Tinha de ganhar imediatamente a confiança de Zahn, desse por onde desse. Era imperativo que saísse da cidade em segredo, e a única maneira de o poder fazer era sob a protecção de Zahn.

— Então, vai responder à minha pergunta? — instou-a. — Por que estava em Zila?

— Por infortúnio — respondeu. — Fui desviada quando viajava à sua procura. Apesar de parecer que os deuses acabaram por nos juntar.

— Quão conveniente — disse ele. O seu tom tornara-se menos cortês agora. — Sabe que o facto de estar aqui é suficiente para a mandar decapitar. E certamente não era prisioneira; encontraram-na com o líder dos Ais Maraxa.

Mishani temera-o. Se houvesse conseguido encontrar-se com ele em Lalyara, então as suas suspeitas não teriam fundamento; mas as circunstâncias haviam-na empurrado para uma posição em que cada jogada que fizesse pareceria que estava a negociar a sua vida.

— Tem razão — referiu. — Trouxeram-me aqui contra a minha vontade, mas não me mantiveram prisioneira. Sou uma espécie de heroína para a causa deles porque ajudei a salvar a sua filha. Isso não significa que eu a subscreva.

— Pare com essas mentiras! — exclamou subitamente Zahn, agarrando no painel de padrões e derrubando o suporte. Bateu no chão e desfez-se em estilhaços coloridos. — Lúcia tu Erinima morreu há mais de cinco anos. O pai dela era Durun tu Batik. Não sei que influência julga ter sobre mim, Senhora Mishani, mas está profundamente enganada se pensa que vai conquistar a sua liberdade tentando ressuscitar um fantasma.

A vitória de Mishani não transpareceu no seu rosto, mas sabia que agora a vantagem estava do seu lado. Um homem como Zahn não abandonava facilmente a sua dignidade; as técnicas de negociação tinham granjeado ao Sangue Ikati a fama de grande mestre nas cortes, e a sua manifestação de raiva mostrava quão melindroso era para si o assunto de Lúcia.

— Podia mandar executar-me — afirmou Mishani, a sua voz fria.

— Mas depois só ficará a saber que lhe contei a verdade quando os Tecedores matarem a sua filha. Conseguiria suportá-lo, Zahn? Não tem sido capaz de viver com a dor nestes últimos anos.

— Ó vida, não sabe quando deve parar! — exclamou Zahn. — Recuso-me a ouvir mais absurdos!

Dirigia-se para a ombreira com cortinado quando Mishani voltou a falar.

— Zaelis tu Unterlyn estava lá no dia em que conheceu a sua filha — referiu bruscamente, a sua voz subindo de tom.

— Foi ele que organizou o rapto de Lúcia. No próprio dia em que o Sangue Batik derrubou o Sangue Erinima, nós raptámos a criança e escondemo-la.

— Nunca chegou a ser encontrado qualquer cadáver porque não havia cadáver, Zahn! Lúcia está viva!

Os ombros de Zahn estavam descaídos, a mão no cortinado. Não quisera envolver nisto o nome dos Libera Dramach, mas a situação era demasiado crítica. Não podia deixá-lo sair.

Virou-se de novo para ela, e o seu rosto voltou a ficar transtornado.

— Sabe que acredita em mim — disse. Apoderou-se dela uma sensação de cabeça oca, mas combateu-a. Fazia um calor sufocante; não sabia quanto tempo mais iria aguentar sem se sentar.

— Não posso acreditar em si — ripostou Zahn com voz áspera.

— Compreende? — Sabia quão esperta Mishani podia ser, conhecia os modos da corte, e apesar de querer sobretudo que Lúcia pudesse estar viva, não se deixaria manipular. Não era amigo dos Sangue Koli, e não tinha motivos para confiar num deles. Não podia voltar a perder a filha, sendo levado a pensar que era possível recuperá-la e descobrir depois que fora mentira. Recusava-se a passar por isso. Ficara entorpecido durante tanto tempo que acabara por se tornar um escudo contra o mundo, e quando chegou o momento, verificou que tinha medo de abrir mão dele.

Preparou-se de novo para sair. Este tipo de tormento era insuportável.

— Espere — pediu Mishani. — Posso prová-lo. Zahn quase chegara a temer aquelas palavras.

— Como? — retorquiu, a cabeça baixa.

— Xején será interrogado — afirmou. — Deverá estar presente.

— De que servirá isso?

— Ele sabe onde ela está, tal como eu. Mais cedo ou mais tarde, haveremos de falar. O Tecedor irá tentar manter segredo; irá tentar obter a informação só para os dele. Irá explorar a mente de Xején e depois decidir o que lhe dizer. Não o deve deixar. Obrigue-o a partilhar o que apurar à medida que ele o for sabendo. Faça com que ele obrigue Xején a falar só a verdade, e pergunte pessoalmente a Xején. O Tecedor não poderá recusar se lho ordenar.

Zahn ficou em silêncio, de costas para ela. Mishani sabia que se tratava de uma jogada desesperada, mas era tudo o que tinha. As vidas de milhares dependiam dela. Se não conseguisse impedir os Tecedores de encontrar o Recesso, então pelo menos com Zahn do seu lado talvez pudesse avisá-los a tempo de remediar a situação. Era uma hipótese remota, mas sempre era melhor do que nenhuma.

— Irá saber a verdade ao mesmo tempo que a condena à morte — referiu Mishani. — Mas se não o consigo persuadir a impedi-lo, então deve ser esse o preço que todos iremos pagar. Se não quer acreditar no que o seu coração sabe, então irá ouvir o nome da sua filha dos lábios de um Tecedor.

— Pode crer que o farei — replicou Zahn. — Caso contrário, voltarei e mandá-la-ei matar.

— Gostaria que não o fizesse — redarguiu Mishani. — Daria a minha vida em troca de todos aqueles que irão morrer para o convencer.

Xején tu Imotu pensou que a sua história acabara quando o tecto se abateu sobre ele, mas recuperou a consciência e verificou que havia um epílogo, e que era cheio de agonia.

Acordou numa cama na masmorra da fortaleza, e acordou aos gritos. A dor das pernas partidas arrancou-o do olvido, um urro idiota e sem sentido de uma brutalidade impressionante. As suas calças foram cortadas acima do joelho. As suas pernas estavam descomunais e roxo-azuladas, obesas do inchaço e das terríveis pisaduras do trauma drástico. Estavam as duas artificialmente retorcidas em vários sítios. Não fora feita qualquer tentativa de as endireitar, e as extremidades partidas do osso causavam altos enormes na pele manchada.

Voltou a gritar, e gritou até ficar com a garganta toda dorida. A dado ponto, apagou.

Quando voltou a acordar, foi para um novo terror.

Sentiu-se trazido à consciência, a sua mente apanhada como um peixe no anzol e arrastada para fora do casulo protector onde se abrigara da dor inconcebível. Os seus olhos abriram-se subitamente. Através do ar poeirento, a luz da tarde entrava por uma janela com grades no alto de uma parede, espalhando-se sobre as suas pernas desfeitas e a cela de pedra despida. Estava rodeado de figuras, mas uma mais debruçada do que as outras. Uma Máscara de ângulos, faces pronunciadas e arestas salientes no queixo e na testa, algumas de ouro, outras de prata e outras ainda de bronze; uma paisagem montanhosa de metal, moldada por um exímio Pai Forjador, a rodear os buracos escuros e pretos dos olhos.

Um Tecedor.

Absorveu o ar para gritar, mas uma mão pálida e mirrada passou sobre ele e a sua garganta fechou-se.

— Silêncio — sibilou a voz por detrás da Máscara.

Estavam mais duas pessoas ali. Reconheceu os Baraks: Zahn, alto, esguio e magro; Moshito, entroncado, careca e carrancudo. Olhavam-no impiedosamente.

— É Xejem tu Imotu? — perguntou Moshito. Xejem anuiu silenciosamente, os seus olhos cheios de lágrimas. — Líder dos Ais Maraxa? — Voltou a anuir.

Zahn transferiu o olhar para o Tecedor. Este estava ao serviço do Sangue Vinaxis, um monstro particularmente maldoso e sádico a acreditar nos relatos de Moshito. O seu nome era Fahrekh. O Tecedor do próprio Zahn ficara nas suas propriedades à disposição da família; detestava os Tecedores, especialmente desde que desconfiava que o último Tecedor-mor, Vyrrech, fora responsável pelo golpe em que Lúcia desaparecera.

Caiu em si. Estava já a alterar as suas convicções para ir atrás de Mishani. Em que Lúcia morrera, obrigou-se a pensar. O Sangue Koli era inimigo, Mishani era inimiga e, apesar de terem sabido do seu ponto fraco, não ia deixar que ela se aproveitasse.

Mas, ó deuses, e se ela estava a dizer a verdade? Se Xejem falasse, então nem os Tecedores nem o Imperador descansariam enquanto Lúcia não fosse encontrada. Haveria alguma maneira de o impedir? Haveria?

Mordeu o lábio. Que estupidez. Que absurdo.

Lúcia estava morta.

— Tem a certeza de que ele fará o que lhe mandar? — perguntou Zahn a Moshito, indicando a figura curvada e encapuzada acocorada junto à cama.

— Ouvi a ordem do meu Barak — interveio Fahrekh, com um tom de desdém na voz. — Nada será ocultado. Irá fazer-lhe as perguntas. Eu zelarei para que ele responda e diga a verdade.

Os olhos de Xejen moveram-se de um para o outro em alarme.

— É como ele diz, Zahn — referiu Moshito. — Por que ficou tão desconfiado?

— Os Tecedores sempre me deixaram desconfiados — replicou Zahn, tentando manter a incerteza e a indecisão afastadas da sua voz. No entanto, perguntava-se se o Tecedor não iria simplesmente explorar a mente de Xejen em segredo e retirar o que queria, e se havia alguma maneira de o saberem.

Ó vida, como fora possível chegar a este ponto: que o único método que tinha de confirmar a veracidade das palavras de Mishani fosse colocar também esse mesmo conhecimento nas mãos daqueles que desejavam a morte de Lúcia? Tudo se resumia a uma questão de fé. Podia acreditar em Mishani? Podia acreditar que a filha estava viva? Em tempos, talvez.

Mas a sua fé morrera juntamente com outras partes da sua alma, e precisava de saber. Acreditar não era suficiente. Precisava de saber.

— Pode começar — ordenou Moshito.

Fahrekh virou lentamente o seu rosto reluzente para a figura destruída na cama, a luz da tarde saltando de plano em plano em triângulos de brilho.

— Sim, meu Barak — murmurou.

Enquanto o Tecedor penetrava nos pensamentos e na vontade dele como um gorgulho no tronco de uma árvore, Xejen sentiu a garganta livre para voltar a gritar. Fahrekh constatou que trabalhava melhor quando as suas vítimas colaboravam.

CAPITULO 28

A ciência de prever as órbitas das três luas era antiga. Apesar de as tempestades lunares surgirem aparentemente em intervalos arbitrários, fora possível, ao longo de centenas de anos, encontrar um padrão de regularidade constante. Os astrónomos podiam agora afirmar quase com rigor quando as três luas estariam suficientemente próximas para provocar uma tempestade lunar. Os navegadores dependiam bastante dessa capacidade de traçarem o rumo das luas de forma a poderem avaliar qual o efeito que cada uma teria nas marés do mundo. Muito embora só os eruditos soubessem exactamente quando se ia dar uma tempestade lunar, por norma, os rumores espalhavam-se prodigamente entre o campesinato para que toda a gente fosse alertada.

Mas nada disto teve qualquer utilidade para Kaiku e Tsata, que estavam plenamente expostos quando começou a tempestade lunar.

Houvera progressos desde a noite em que tinham escapado por um triz ao ghaureg, e qualquer ideia de regresso ao lar fora posta de parte. Apesar de terem já abandonado alguma esperança de apanhar ou matar um dos Nexos, haviam decidido observar a planície aluvial e ver se poderiam recolher mais alguma informação sobre o edifício baixo, imundo e fervilhante que se situava junto às margens do Zan. Mantiveram-se a uma certa distância, onde as sentinelas estariam suficientemente dispersas para serem evitadas. Era agora impossível aproximarem-se da planície, pois encontrava-se demasiado bem guardada.

A determinação de Kaiku em ficar acabou por ser recompensada mais depressa do que julgava. Logo na noite seguinte, as barcas principiaram a chegar. Começara por teorizar que o rio devia ter sido o método de levar para ali todos aqueles Aberrantes, e que transportariam comida do norte, que era depois armazenada no estranho edifício para o seu exército de predadores. Kaiku e Tsata haviam presenciado várias alimentações em massa, em que pilhas enormes de carne vinham em carroças conduzidas pela mesma gente anã dócil que servira os Tecedores no mosteiro em Fo. Chamou-lhes golneri, com o significado de "gente pequenina" num modo saramítico normalmente destinado às crianças. Devia contar que estivessem aqui: os Tecedores eram manifestamente incapazes de cuidar de si próprios, padecendo como padeciam de uma insanidade que ia crescendo gradualmente como consequência do uso das suas Máscaras.

Mesmo assim, e apesar de tudo, até ao momento nunca tinham visto quaisquer provas da viagem pelo rio; mas quando chegaram as barcas, foi em grande número. Tinham surgido durante o dia, por isso, quando Kaiku e Tsata atravessaram a barreira naquela noite encontraram-nas já à espera. Tinham-se acumulado nas margens do rio de cada lado, um aglomerado de mais de três dúzias de embarcações maciças na orla da planície aluvial. Durante duas noites, um fluxo constante de carroças andou para cá e para lá ao luar e os golneri afluíam a descarregar grandes

fardos e caixotes. De repente, as iniciativas aparentemente arbitrárias de aquisição de barcas ao longo dos últimos cinco anos começavam a fazer sentido: tinham andado a transportar os predadores Aberrantes pelos rios, amontoando-os, reunindo os seus exércitos. Kaiku perguntou-se que tipo de influência tinham os Tecedores sobre os patrões das barcas que andavam nas cobertas, para lhes confiarem o conhecimento deste exército secreto. Tinha de ser algo mais do que o dinheiro.

Na terceira noite, começou o embarque.

O choque inicial de encontrar a planície aluvial meio vazia quando chegaram pouco depois do crepúsculo foi rapidamente superado pelo que estava a acontecer no rio. Os Aberrantes eram levados por pranchas de embarque largas para os porões das barcas bojudas, um fluxo contínuo de músculos e dentes desfilando timidamente até aos porões de carga sob o olhar vigilante dos Nexos. Havia tantas barcas que não conseguiam ancorar todas na margem ao mesmo tempo, e faziam fila para norte a fim de receberem a sua quota-parte de monstruosidades, dirigindo-se para montante quando ficavam cheias. Parecia que a barreira de desorientação não abrangia o rio; mas por outro lado, ninguém vinha até aqui pelo Zan, pois as grandes cataratas ficavam logo a sul e nenhum tráfego fluvial conseguia passar por ali.

Kaiku e Tsata observaram com espanto a mera escala das manobras logísticas.

— Estão em marcha — referiu Tsata, os seus olhos verde-claros brilhando ao luar.

— Mas para onde se dirigem? — perguntou-se Kaiku.

Ao raiar do dia, e com a partida da última barca, Kaiku e Tsata retiraram-se para lá da barreira a fim de descansarem; mas o sono estava com dificuldade em chegar naquele dia, e passaram o tempo agitados, a remoer nas implicações, e se deveriam arriscar avisar Cailin através da Teia. Fora para isto que haviam ficado ali: dar o alarme se os Tecedores comesçassem a avançar para o Recesso. Mas as barcas não seguiam naquela direcção. Rumavam a Axekami, e dali poderiam deslocar-se até qualquer ponto pelo Jabaza, pelo Kerryln ou pelo Rahn.

Tsata salientou que era possível voltarem a entrar na Falha de Xarana através do último rio. O Recesso ficava apenas a cerca de vinte quilómetros para oeste do Rahn. Mas Kaiku não ousou enviar o alerta a menos que fosse absolutamente necessário, e não sabiam em concreto para onde seguiam aquelas barcas. Acabaram por acordar que ficariam mais duas noites. Se não houvesse nenhuma outra informação que os esclarecesse, dirigir-se-iam para leste durante um dia para se afastarem o máximo possível dos Tecedores, e Kaiku enviaria a sua mensagem. Não imaginava que perigos poderiam advir.

Talvez os Tecedores nem sequer se apercebessem dela, e a proibição de Cailin de qualquer comunicação à distância se devesse simplesmente a excesso de zelo. Ou talvez fosse como uma ave aquática a tentar esgueirar-se por uma zona cheia de raposas.

A noite seguinte trouxe a tempestade lunar.

Foi por se encontrarem longe do contacto com o mundo há tanto tempo, existindo na sua pequena sociedade de dois, que não estavam a contar com ela. Tinham atravessado o Zan e observavam de uma falésia na margem ocidental, onde as sentinelas eram em muito menor número. Ali, o solo alto estendia-se como dedos em direcção à orla do rio, interrompendo-se subitamente em penhascos a pique ao aproximar-se da água. Entre as falésias, viam-se vales amplos e sem limites, delicadamente encostados às margens. Kaiku e Tsata tinham-se escondido numa moita de vegetação rasteira afectada pela moléstia que orlava um promontório alto, e estavam deitados de bruços a observar a inactividade lá em baixo com os binóculos de Nomoru. Fora com relutância que ela consentira em deixar-lhos, por entre ameaças sinistras do que aconteceria se não lhos devolvessem intactos.

As luas tinham subido de horizontes diferentes - Aurus vinda de norte, Iridima de oeste e Neryn de sudoeste, - pelo que não houvera qualquer aviso até quase convergiem, mesmo lá por cima. Kaiku sentiu primeiro a agrestia no ar, a estranha sensação de puxão como se estivessem a ser delicadamente levantados. Olhou para Tsata, e o homem de pele dourada com as suas tatuagens verdes parecia cadavérico e espectral ao luar. O roçar dos arbustos rijos onde se haviam abrigado parecia um murmúrio áspero. Os sentidos dela retesaram-se, captando uma sensação de movimento invisível como ratos dentro das paredes de uma casa.

Olhou para cima, e sentiu um frémito de alarme quando viu os três globos, todos semiencobertos num ângulo em diagonal sobre as suas superfícies, avançando uns para os outros no céu. As nuvens irrompiam não se sabe de onde, agitando-se e contorcendo-se sob a influência das gravidades misturadas.

— Ó espíritos — murmurou, olhando para a planície lá em baixo. — Temos de nos abrigar.

Por pouco não conseguiam.

A tempestade lunar começou por um guincho calamitoso no preciso instante em que encontraram o abrigo que procuravam. Era uma saliência larga e funda numa pedra calcária que crescera de forma tosca, com um amplo ressalto por tecto, como se algum animal enorme tivesse dado uma dentada no lado liso da rocha. O fundo inclinava em direcção ao cimo, pelo que estreitava à medida que se afundava, mas mesmo lá ao fundo havia espaço suficiente para Kaiku e Tsata se aninharem, ele de pernas cruzadas, ela com os braços à volta dos joelhos.

Depois daquele grito sobrenatural veio a chuva, começando a cair intensamente e, de repente, a noite anteriormente silenciosa encheu-se do bramido molhado da chuva fustigante, fazendo curvar os caules enclavinados da folhagem afectada pela moléstia e batendo furiosamente na pedra inflexível. Kaiku e Tsata verificaram que estavam bastante secos no seu pequeno abrigo. Apesar de a borda da saliência ficar rapidamente ensopada, estavam bem fora do alcance da tempestade.

Tsata retirou um pouco de carne defumada fria e dividiu-o com Kaiku, como

sempre fazia, e durante algum tempo permaneceram sentados em silêncio, vendo a chuva e escutando o serrar e raspar do céu ao dilacerar-se. A cena desolada tremeluzia, purpúrea no rasto dos arrepiantes relâmpagos que acompanhavam o fenómeno.

Kaiku sentiu receio. As tempestades lunares sempre a haviam assustado, mesmo em criança; mas os acontecimentos no seu passado tinham-na carregado de más memórias. A sua família morrera durante uma tempestade lunar, envenenada pelo próprio pai para os salvar do que os Tecedores lhes pudessem fazer. E tanto naquela tempestade lunar, como na subsequente, fora obrigada a fugir para se salvar dos shin-shin, os demónios da sombra que os Tecedores tinham enviado primeiro para a reclamar a ela e depois a Lúcia.

Havia preocupação nos olhos de Tsata quando a fitou.

— Será breve — afirmou, em tom tranquilizador. — As luas estão apenas a passar umas pelas outras; as suas órbitas não se sobrepõem.

Kaiku afastou o cabelo de onde lhe pendia de um lado do rosto e anuiu. Sentia-se um pouco estranha ao ser alvo da compaixão dele. Afinal, por que lhe falara da sua família? Por que lhe falara do seu passado?

Era estranho que alguém tão cauteloso como ela o tivesse feito: e no entanto, de alguma forma, falar de semelhantes coisas com ela não se afigurara tão difícil quanto com os demais. Com quem quer que fosse do Saramyr. Kaiku perdera a noção do tempo que passara desde que abandonara o Recesso. Um mês? Fora há todo esse tempo? O começo da Semana Estival e a traição de Asara disfarçada de Saran pareciam agora lembranças distantes; estivera demasiado ocupada a repisar o assunto. A terra começava a dar a impressão de outonal, o calor húmido do Verão dispersado pelas brisas mais frescas mesmo que o calor do dia não diminuísse muito. A comida que tinham trazido consigo há muito que fora consumida, por isso caçavam animais fora da barreira dos Tecedores quando não estavam a dormir, ou apanhavam raízes e plantas para fazer guisados. Existia uma certa limpeza na maneira como tinham vivido desde a partida de Nomoru e Yugi. A dieta era deficiente e havia demasiada carne vermelha para o gosto de Kaiku, mas sentia-se estranhamente perto da terra, e isso deixava-a feliz.

À noite, desafiavam as sentinelas Aberrantes, e Kaiku estava a aprender muito depressa o que Tsata lhe ensinava. Já não precisava de se preocupar em vigiá-la quando se esgueiravam pelas pregas e dobras da terra destruída. Ao invés, começara a confiar nela, a transformá-la mais numa parceira e menos numa aluna. Tornara-se furtiva e perita em esconder-se, mais observadora e competente do que escassas semanas antes, de uma forma como nunca sucedera durante a reclusão do navio do Okhamba para o Saramyr.

Kaiku continuara a antipatizar com ele muito depois de haver posto em risco a sua vida como isco para o maghkriin lá nas selvas do seu continente natal; mas agora que o compreendia melhor, fazia pleno sentido visto pelo prisma dele.

Calculava que fosse algo transitório, como as suas amizades com os viajantes que lhes tinham feito companhia no juncos da primeira vez que atravessara o oceano; mas, de momento, sentiu-se mais próxima dele do que de outrem que recordasse em anos recentes. A companhia constante, as semanas a fazerem tudo como um par, fizeram-lhe lembrar a relação que partilhara com o irmão Machim, numa altura em que ainda não conhecera a verdadeira perda.

Mas, apesar de tudo, existiam ainda barreiras; só que estavam em lugares diferentes dos habituais. Surpreendera-se ao falar-lhe da família, no entanto, ele nunca mencionara a sua.

Sabia perfeitamente porquê: porque ela não perguntara. Não se recusaria se lhe pedisse para o fazer - aprendera que os Okhambanos eram notoriamente cooperantes, - mas precisamente o facto de o saber impedia-a. Achava que ao fazer-lhe perguntas podia estar a obrigá-lo a falar de algo que ele não queria, e que seria obrigado pela sua natureza a tolerá-lo por causa dela. Ainda não compreendia em absoluto a mentalidade dele, e estava farta de ser tão grosseira com ele quanto ele às vezes era involuntariamente com ela.

Talvez fosse a atmosfera estranha e ligeiramente irreal da tempestade lunar, ou a súbita sensação de que ficara privada dos seus segredos enquanto ele conservava os seus, mas resolveu arriscar.

— Por que estás aqui, Tsata? — indagou. Depois, uma vez dado o primeiro passo, acrescentou com mais convicção: — Por que vieste para o Saramyr?

Ó deuses, Tsata, há semanas que estou contigo praticamente todos os momentos e ainda não sei nada de ti. O teu povo parece partilhar tudo; por que não isto?

Tsata desatara às gargalhadas quando ela terminara.

— Vocês são realmente um povo extraordinário — comentou. — Tenho-te atormentado todo este tempo e tu conseguiste resistir à tua curiosidade.

Sorriu-lhe.

— Estava interessado em ver até quando irias aguentar.

Kaiku corou.

— Desculpa — disse ele. — Estás tão obcecada com os modos e o formalismo que não ousaste pedir-me quaisquer informações que eu não oferecesse voluntariamente primeiro. Com tudo o que aprendeste a meu respeito e dos Tkiurathi, ainda não percebeste o valor da franqueza?

— É por seres tão aberto que não te quis perguntar coisas que não tivesses mencionado — respondeu, sentindo-se embaraçada e ao mesmo tempo aliviada.

Ele voltou a rir-se.

— Não estava à espera disto. Acho que faz um certo sentido. — Olhou-a de esguelha. — Parece que ainda não estou tão familiarizado assim com os teus modos quanto julgava.

Os céus gritaram lá em cima, e uma flecha denteada de relâmpago vermelho

cortou o horizonte distante, fazendo Kaiku encolher-se sem querer.

— Saran foi igual — referiu Tsata. — Nunca perguntou os motivos, contentou-se com a ignorância. Acho que entendia que o assunto só a mim dizia respeito, e não a ele.

— A ela — corrigiu-o Kaiku com azedume. Falara-lhe de Asara, muito embora não revelasse que quase tivera relações com ela. Tsata não se mostrara nada surpreendido com o engano, ou mesmo com a ideia de um Aberrante que conseguia assumir outras formas e outros sexos. No Okhamba, havia rãs que mudavam de sexo, dissera-lhe, e insectos que conseguiam reconstituir o corpo em casulos. Não era algo sem precedentes na natureza, apenas na humanidade.

Tsata ficou pensativo por um momento.

— A resposta à tua pergunta é simples — acabou por dizer. — Saran falou-me da missão dele, ou dela, e do perigo que os Tecedores constituíam para o Saramyr. Falou também do que julgava poder acontecer se conquistassem este continente. Invadiriam os outros.

Kaiku anuiu ante aquelas palavras: vinha ao encontro do que adivinhara já.

— Fui com ele ao coração do Okhamba para ver se as suas teorias tinham fundamento. Regressei convencido. — Coçou distraidamente o braço despido, os dedos seguindo as espirais verdes que o cobriam. — Tenho uma responsabilidade para com o pasb maior, o de todo o meu povo. Por isso decidi vir ao Saramyr e ver a ameaça com os meus próprios olhos, observar qual seria a reacção do vosso povo e levar a notícia de volta se possível. Vou ter de contar à minha gente o que Saran contou à tua. Foi por isso que cá vim, e é por isso que terei de partir.

Kaiku sentiu-se subitamente entristecida. Era mais ou menos o que esperava, mas ficou surpreendida com a sua própria reacção. O tempo que tinham passado nesta existência isolada era limitado, e as palavras dele, um sinal de que em breve chegaria ao fim. Era inevitável o regresso ao mundo real, com todas as suas inevitáveis complicações.

— É o que tinha calculado — referiu Kaiku, a sua voz pouco mais alta do que o silvo da chuva. — Parece que também estou a aprender a prever-te.

Tsata fitou-a com estranheza.

— Talvez estejas — divagou. Olhou durante um pouco para a paisagem erma, fustigada pela chuva, escutando o ruído medonho da tempestade lunar.

Kaiku empertigou-se subitamente. Subiu até à extremidade da saliência de rocha e olhou lá para fora.

— Ouviste alguma coisa? — perguntou, surgindo acorado ao lado dela.

— A barreira desapareceu — anunciou.

Tsata não a compreendeu por um breve instante.

— A barreira desapareceu! — repetiu, com mais urgência. — O escudo de desorientação. Desapareceu. Consigo sentir a sua ausência.

— Devíamos voltar para a planície aluvial — sugeriu Tsata. Kaiku anuiu, de

semblante carregado. A barreira fora baixada. Os Tecedores já não se escondiam.

Nem quis pensar no que isso poderia significar. Os olhos de Cailin tu Moritat abriram-se de repente, e as suas íris estavam vermelhas como o sangue.

— Kaiku— murmurou, horrorizada.

Estavam mais duas irmãs com ela na câmara de conferências. Era uma das salas superiores da casa da Ordem Vermelha, as suas paredes pintadas de preto e de onde pendiam flâmulas e símbolos no tom carmesim. Estavam sentadas em esteiras à volta da mesa no centro da sala, falando baixinho acima do turbilhão que uivava e sacudia as persianas como um animal esfomeado e transtornado. O brilho das lanternas e o caminho sinuoso do fumo fragrante da braseira situada entre elas adquirira um tom malévolo sob a influência perversa da tempestade lunar, e os seus rostos pintados de forma idêntica pareciam estreitos e em astuciosa conspiração.

As outras duas olharam para Cailin. Não precisaram de ver os seus olhos vermelhos para saberem que acontecera algo; tinham-no sentido passar por elas, um murmúrio na Teia que só podia ser de uma delas.

Cailin levantou-se bruscamente, erguendo-se em toda a sua altura.

— Reunam as nossas Irmãs — disse. — Quero aqui nesta casa, dentro de uma hora, cada uma das nossas que residem no Recesso.

Abandonou a sala antes que as outras tivessem tempo de se levantar para obedecer, afastando-se em grandes passadas e descendo as escadas, saindo para as ruas lamacentas improvisadas. Era quase meia-noite. Zaelis ainda estaria acordado. Não que tivesse hesitado em acordá-lo na mesma; isto era por demais importante.

Percorreu os caminhos desertos do Recesso, uma sombra alta e magra esgueirando-se pela chuva, parecendo deslizar entre as gotas, pois, apesar de chover intensamente, só ficou ligeiramente molhada. Estava furiosa e receosa ao mesmo tempo, e enquanto prosseguia, os seus pensamentos eram negros. Kaiku. Ó deuses, como pudera ser tão imprudente? Cailin não sabia se aplaudi-la se amaldiçoá-la. Estivera num quase constante estado de preocupação desde que Yugi e Nomoru tinham voltado com a informação da existência de um exército de Aberrantes reunido nas margens do Zan, e da recusa de Kaiku em voltar. Se Kaiku tivesse sido capturada durante esse tempo, os Tecedores haveriam esquartejado a sua mente e recolhido tudo o que pudessem sobre a Ordem Vermelha. Agora, Kaiku usara a Teia para enviar uma mensagem a mais de cento e sessenta quilómetros, desenrolando um fio por toda essa distância. Bastava apenas um Tecedor senti-lo, para apanhar esse fio e seguir nele até ao seu destino ou procurar a sua origem, e todos os anos de secretismo da Ordem Vermelha seriam destruídos.

Já era suficientemente mau os Tecedores saberem que havia uma mulher Aberrante que os conseguia vencer no seu próprio jogo - o anterior Tecedor-mor Vyrrech avisara-os disso antes de ela o conseguir matar, - mas tratava-se apenas de uma ocorrência bizarra, um erro solitário da natureza, tal como Asara. Duas delas a comunicarem poderia indiciar algo muito maior, uma colaboração, uma organização.

Se os Tecedores captassem nem que fosse o mais pequeno indício da existência da Ordem Vermelha, envidariam todos os esforços para as eliminar. A Ordem Vermelha era a única grande ameaça aos Tecedores, talvez maior ainda do que a própria Lúcia, porque, contra elas, os Tecedores não tinham a superioridade conferida pelas suas Máscaras.

A Ordem Vermelha também conseguia Tecer, mas o seu poder era-lhes inerente e natural, e isso fazia com que fossem melhores do que os homens, que necessitavam de mecanismos toscos para penetrar no domínio para lá dos sentidos. Mas as Irmãs eram poucas, demasiado poucas. E Cailin não ousava expô-las a menos que fosse absolutamente necessário. Agora, talvez tivesse chegado esse momento. Por mais zangada que estivesse com Kaiku por correr semelhante risco, Cailin ficara igualmente perturbada com a mensagem.

A situação levava uma volta muito séria. Era necessário agir, e depressa; mas podia não ser da forma que Zaelis imaginara. A prioridade absoluta de Cailin era a sobrevivência da Ordem Vermelha. Para lá disso, pouco mais interessava. Apesar de a viagem entre a casa dela e a de Zaelis ser curta, a chuva parara e os céus tinham-se aquietado quando lá chegou. As luas voltavam a afastar-se, e as nuvens em fúria deslizavam apáticas, diminuindo e dispersando-se. A tempestade fora rápida e selvagem, e o seu fim tão brusco quanto o princípio. A morada que Zaelis partilhava com a sua filha adoptiva Lúcia era vulgaríssima, aninhada num dos estratos superiores do Recesso, no meio de várias outras casas que foram construídas segundo a mesma traça. Era um edifício simples de dois andares, de madeira polida e estuque, com uma varanda virada a nascente e com vista para o vale, e um pequeno altar junto à porta com os ícones esculpidos de Ocha e Isisya rodeados de paus de incenso queimados, flores esmagadas e seixos brancos lisos. Havia uma única lanterna de papel acesa no exterior, iluminando de dentro os ideogramas de boas-vindas e bênçãos oferecidos aos visitantes. Ao lado pendia um sino que Cailin tocou com o pequeno martelo pendurado ali junto.

Zaelis apareceu quase de imediato à porta, convidando-a a entrar. Era uma sala humilde, com algumas esteiras e mesas, plantas envasadas pendendo indolentemente de peanhas, algumas armas ornamentais na parede e uma paisagem a óleo de um artista do Recesso cuja obra Zaelis parecia admirar, muito embora sempre tivesse escapado a Cailin o que o encantava nele. Pendia uma única lâmpada do tecto, situando o epicentro da iluminação lá em cima e lançando sombras lisonjeiras sobre todos os que estavam no interior. Lúcia estava sentada de pernas cruzadas numa esteira, em camisa de noite, a beber uma infusão de ervas de uma caneca de cerâmica. Ergueu o olhar quando Cailin entrou, os seus olhos maliciosamente curiosos.

— Ela não conseguia dormir — explicou Zaelis. Reparou distraidamente que os dois rabichos de Cailin deviam estar a escorrer água, as penas de corvo do seu rufo encharcadas, a maquilhagem esborratada; no entanto, nada disso sucedia. — A

tempestade lunar.

Cailin não tinha tempo para amenidades.

— Kaiku contactou-me através da Teia— informou. O rosto de Zaelis esmoreceu ante o tom dela. Lúcia, impávida, continuou a olhar a Irmã por cima da borda da caneca, como se ela estivesse simplesmente a relatar algo que a rapariga sempre houvesse sabido.

— É mau?

— É muito mau — respondeu. — Os Aberrantes estão quase de certeza sob o controle dos Tecedores, por intermédio daqueles seres que Yugi referiu, e a que ela chama Nexos. Há várias noites, a maioria partiu rumo a norte subindo o Zan, mas ficaram ainda milhares. Agora, quase todos desses partiram também. Os Tecedores baixaram a barreira, e os Aberrantes puseram-se em marcha.

— Para onde? — quis saber Zaelis.

— Para leste. O outro lado da Falha. Vêm na nossa direcção. Zaelis sentiu abrir-se uma boca no fundo do seu estômago.

— Quanto tempo temos?

— Eles deslocam-se depressa — afirmou Cailin. — Muito depressa. Ela calcula que teremos quatro dias e quatro noites antes de nos alcançarem.

— Quatro dias e quatro noites... — repetiu Zaelis. Parecia atordoado. — Ó vida.

— Tenho assuntos a resolver na sequência desta notícia — referiu Cailin. — Imagino que você também. Voltarei dentro de algumas horas. — Inclinou peremptoriamente a cabeça na direcção de Lúcia. — Duvido que algum de nós vá dormir esta noite.

E depois, saiu tão depressa quanto chegara, regressando à casa da Ordem Vermelha, onde se iria preparar para a chegada das suas irmãs. À volta dela, tinham começado a cair os primeiros flocos de chuva de estrelas brilhando suavemente, minúsculos cristais de gelo derretido descendo à luz esverdeada das luas triplas. Cairia esporadicamente durante um dia ou dois. Ignorou-a, pois a sua mente estava ocupada com outros assuntos. Tinha efectivamente questões a resolver, e uma decisão que poderia muito bem ser a mais importante que alguma vez tivera de tomar.

O Recesso ficara comprometido, e os Tecedores vinham aí. Sabia tão bem quanto Zaelis que quatro dias e quatro noites não eram suficientes para tentar evacuar a população do Recesso pela Falha hostil, e mesmo que ele conseguisse, seriam apanhados na fuga e mortos. Para onde iriam? O que fariam? Não podia abandonar tudo aquilo por que trabalhara, todas as suas armas, munições e fortificações; tão-pouco poderia abandonar a população da cidade. Seria obrigado a resistir aqui, pelo menos até ser viável uma alternativa.

A escolha dela era simples. Zaelis e os Libera Dramach estavam presos a este lugar, mas ela não. Deveria a Ordem Vermelha ficar com eles e enfrentar os

Tecedores, ou deveria deixá-los entregues ao seu destino? Yugi chegou a casa de Zaelis pouco depois. Lúcia vestira-se, e retomara o seu lugar na esteira. Já devia estar a dormir a estas horas, mas não parecia minimamente cansada.

Zaelis estivera demasiado preocupado para reprovar. Tinha a mente cheia de obscuras meditações na sequência das notícias de Cailin. Estava a pensar nos Tecedores, nos deuses e em Alskain Mar. Chegariam os Libera Dramach a ter hipótese, a ser verdade o que o espírito mostrara a Lúcia? Se se tratava efectivamente de algum conflito entre os deuses, que esperança tinham de resistir às marés? Seriam uma espécie de cortiça a oscilar num oceano revoltado, sem poder para agir, limitando-se a flutuar? Tinha uma sensação deprimente de que a obra da sua vida não passara de uma ilusão, uma loucura de um velho, criando uma resistência que, no fim, não conseguia resistir a nada. Culpava amargamente Cailin, por os haver arrastado para isto: por os entrar, por aconselhar o secretismo quando era necessária acção. E agora, finalmente, o disfarce deles acabara por cair de certa forma, e tinham ficado expostos. Zaelis sabia que não eram suficientemente fortes para enfrentar directamente os Tecedores.

No entanto, a alternativa era desistir, e isso nunca poderia fazer.

Apercebeu-se de imediato que Yugi estivera a fumar raiz de amaxa. Via-se no brilho dos seus olhos e nas pupilas dilatadas, e o cheiro pungente estava ainda agarrado às suas roupas.

— Ó deuses, Yugi, preciso de si lúcido! — disse-lhe bruscamente em vez de o saudar.

— Nesse caso, devia ter-me chamado de manhã — retorquiu Yugi, animado. — Assim sendo, aqui estou. Diga lá o que quer. — Viu Lúcia e fez uma pequena vénia. Lúcia retribuiu-a amavelmente com uma inclinação da cabeça.

Zaelis suspirou.

— Entre e sente-se — disse-lhe. — Lúcia, importava-se de ir preparar algo forte para Yugi?

— Sim, Pai — replicou, e dirigiu-se obedientemente para a cozinha.

Zaelis sentou-se defronte de Yugi na esteira do chão e observou-o, avaliando até que ponto ia o seu alheamento e se assimilaria algo do que fosse dito. O uso recreativo de raiz de amaxa por parte de Yugi sempre fora uma fonte de preocupação, mas fazia-o desde que Zaelis o conhecia e, apesar dos perigos, nunca redundara em viciação. Yugi parecia possuir uma invulgar resistência aos sintomas de afastamento, e insistia em que era perfeitamente capaz de abandonar o vício se quisesse. Durante muito tempo, Zaelis mostrara-se céptico, mas passado um bocado vira-se obrigado a aceitar que Yugi tinha razão.

Conseguia passar sem ela durante semanas e meses de uma assentada, e nunca afectara a sua fiabilidade. Dizia que a usava para "enfrentar as más noites".

Zaelis não sabia muito bem ao que se referia, e Yugi recusava-se a falar do assunto.

Zaelis apanhara-o simplesmente num momento menos feliz e, apesar da sua contrariedade, não podia esperar que Yugi estivesse pronto para a acção em todos os momentos de todos os dias. Por fim, Zaelis decidiu que ele só estava ligeiramente intoxicado, e que continuava a ter finura de espírito suficiente para compreender o que lhe diziam. Tornara-se perito em avaliar o estado do amigo ao longo dos anos.

E começou então a explicar a Yugi o que sucedera.

Pouco depois, Lúcia voltou com uma infusão de lathamri, uma bebida negra e amarga que fomentava a lucidez e estimulava o corpo. Parou no limiar da sala, olhando para os dois homens sentados e embrenhados na conversa. O pai dela, de barba branca e esguio sob a túnica, o cabelo puxado para trás parecendo mais ralo do que se lembrava e as rugas no rosto um pouco mais profundas.

Yugi, mal arranjado como sempre, de camisa, calças e botas, com a omnipresente faixa atada à volta da testa, prendendo as madeixas espetadas do seu cabelo louro-acastanhado. Foi acometida de uma terrível sensação de gravidade da situação; estes dois homens discutiam a vida e a morte de centenas ou mesmo milhares de pessoas e era tudo culpa dela.

Eles vêm atrás de mim, pensou. Todos os que tombarem aqui morrerão por minha causa. Depois Yugi viu-a, sorriu e fez-lhe sinal para que avançasse. Recebeu dela a caneca com um aceno agradecido e depois disse a Zaelis: - Ela devia ouvir isto. Diz-lhe respeito.

Zaelis resmungou e indicou-lhe que se sentasse.

— Precisamos de lhe arranjar um lugar seguro, Lúcia— afirmou, a sua voz ressoando ao fundo da garganta. — Não temos maneira de tirar as pessoas da Falha seja em que número for num tão curto prazo e, além disso, seriam demasiadas para as escondermos. Mas algumas, uma dúzia ou assim... uma escolta... poderíamos mandá-la para nordeste. Para Tchamaska. Há lá Libera Dramach que a poderiam esconder.

Lúcia mal reagiu.

— E o senhor vai ficar aqui a lutar — disse.

Zaelis pareceu atrapalhado. — Tenho de ficar—respondeu.—Os Libera Dramach construíram praticamente este lugar. Depois de o ocuparmos há todo este tempo... Bem, só as reservas de mantimentos merecem ser defendidas. Se conseguirmos repelir este ataque, poderemos ganhar tempo para os expulsar, começar de novo. — Colocou-lhe uma mão no braço. — As pessoas vieram para aqui porque nós as atraímos, mesmo aquelas que não pertencem à nossa organização. Sou responsável.

— Também é responsável por mim — redarguiu Lúcia. Yugi olhou-a, surpreendido. Nunca ouvira Lúcia usar semelhante modo acusatório com o pai.

Zaelis ficou manifestamente magoado. Retirou a mão dela.

— É por isso que a estou a mandar para longe do perigo — explicou. — Será apenas por um curto período de tempo. Virei buscá-la depois.

— Não — respondeu Lúcia, com toda a firmeza. — Ficarei.

— Não pode ficar — contrapôs Zaelis.

— Por que não? Porque podiam matar-me? — Inclinou-se para a frente, e a sua voz era um sibilo furioso que o chocou. — Vai abandonar-me, mas não os quer abandonar a eles! Bem, pois eu também não! Todas estas pessoas, todos os meus amigos e as famílias dos meus amigos, todos eles vão morrer aqui! Porque os Tecedores me querem! A maior parte deles nem sequer virá a saber porquê. E pretende que eu os abandone, que me volte a esconder até os Tecedores me encontrarem e morrerem mais pessoas? — Agora gritava praticamente. — Eu sou responsável por esta gente, tanto quanto o senhor. Tornou-me responsável quando lhes prometeu um salvador dos Tecedores. Prendeu todas as suas vidas à minha e nem uma só vez me perguntou se eu queria isso!

As últimas palavras dela ecoaram no silêncio. Em toda a sua vida, nunca a tinham ouvido erguer a voz daquela maneira com a raiva. A sua intensidade, após catorze anos de calma plácida, deixou-os espantados.

— Não partirei — disse, a sua voz baixando novamente mas sem perder a dureza. — Ficarei aqui e viverei ou morrerei consigo, e com as pessoas a quem me ligou.

Yugi olhou de Lúcia para Zaelis e de novo para ela. De repente, já não parecia uma criança, e captou um vislumbre do fogo da mãe no olhar dela. Zaelis estava atónito. Por fim, engoliu em seco e desviou os olhos da rapariga violenta e desconhecida que tomara o lugar da sua filha.

— Assim seja — disse-lhe, com o seu modo formal e distante.

— Pode fazer o que quiser.

Yugi sentiu que o momento se estava a tornar excruciante, apesar de amolecido pela agradável sensação da raiz de amaxa.

— Lembra-se daquele exército de Aberrantes que vinha na nossa direção? — perguntou com superficialidade forçada. — Se alguém estiver interessado, tenho um plano.

Asara estava sentada com os braços à volta de um joelho e a outra perna enfiada debaixo do corpo, e observava a chuva de estrelas a cair sobre o Lago Sazazu. A erva estava encharcada, e a humidade entranhava-se-lhe nas roupas molhando-lhe a pele. A água agitava-se ainda com a lembrança da tempestade, fazendo cintilar arcos de luar de uma margem distante à outra. As aves nocturnas voavam para cá e para lá, apanhando os peixes atraídos para a superfície a fim de comerem os minúsculos flocos de gelo, pensando que eram algum tipo de alimento. A sensação de irreabilidade estava a desaparecer, fazendo o mundo regressar à normalidade.

Sozinha, olhava para o lago, perdida em pensamentos.

Reki dormitava no abrigo que tinham arranjado. Estava tão exausto que adormecera durante o caos. O pensamento contorceu-lhe o rosto num sorriso. Pobre

rapaz. A dor e a infelicidade haviam-no destruído, mas sentia ainda um estranho afecto pelo jovem Barak-Herdeiro dado à leitura. Deveria ter sentido repulsa ante a fraqueza de outrem por mergulhar tanto na sua agonia, mas por ele abria uma excepção.

Afinal, a culpa era sua.

As últimas semanas foram curiosas. Contara com perseguição, mas, ou os homens de Mos eram detentores de uma inépcia para o crime, ou não os andavam sequer a procurar, e achava isso muito estranho. Preocupava-a mais do que se tivessem andado quentes na busca de Reki. Certamente sabiam o que ele levava, e o que significava para o Império? E, no entanto, Asara conseguira sem esforço levar vantagem no jogo. Semelhante sorte era manifestamente suspeita.

Reki não aceitara nada bem a notícia da morte da irmã, e foram obrigados a descansar um pouco ali, pois ele não estava em condições de prosseguir. Os seus lamentos despertariam as atenções sobre eles. Mesmo quando estava silencioso, patenteava uma dor tão profunda nos olhos que as pessoas se lembrariam dele. Em retrospectiva, Asara achava que provavelmente deveria ter guardado segredo do suicídio de Laranya até se encontrarem num local mais seguro; mas o que estava feito estava feito. Ter-se-ia sentido traído se ela lho houvesse escondido mais tempo, e queria-o derrotado. Deixou-o dormir, para se curar da tragédia. Asara assistira a muitos dramas como este no decurso da sua longa vida e, de um modo geral, enfadavam-na; mas estava curiosa em ver como se iria Reki sair neste teste à sua coragem. Apesar de ser fácil de manipular como homem, tinha de se dar desconto à sua inocência e inexperiência, e achava essas qualidades suficientemente atraentes para não ter de fingir em absoluto o seu interesse por ele.

Mas também ela não conseguia dormir. Estava a pensar numa discussão ocorrida há semanas, e em Kaiku. Depois do desmascaramento do embuste, depois de ter fugido de Kaiku, envergonhada, fora procurar Cailin. Era sempre assim: fugir do que a magoava, mudar de forma e voltar a esconder-se. Cailin arranjar-lhe-ia um pretexto para partir, algo que pudesse tentar convencer-se de ser a verdadeira razão da sua partida, e não exclusivamente Kaiku.

Mas, de certa forma, redundara numa discussão. Cailin mostrara-se um tudo-nada ativa de mais, menosprezando-a, dizendo-lhe que tinha de ir à Fortaleza Imperial.

— Não sou tua criada, Cailin! — insurgira-se Asara, andando às voltas pela câmara de conferências preta e vermelha na casa da Ordem Vermelha. — Era bom que te lembrasses disso.

— Poupa-me estas tentativas fracas de independência — replicou a Irmã com frieza. — Porque posso conceder-te o que desejas acima de tudo no mundo.

Asara fuzilara-a com o olhar.

— Nós tínhamos um acordo. Não aceitei ser tua subordinada!

— Nesse caso, somos iguais, se preferires — disse Cailin. — Não muda

nada. Farás o que eu pedir, ou então podes romper o acordo. Mas até lá, irás conseguir o que quero. E depois, dar-te-ei o que tu queres.

— Consegues mesmo? — acusou Asara. — Consegues fazê-lo?

— Sabes que consigo, Asara, e sabes que o farei. Tens a minha palavra.

— E tu, tens a minha palavra — retrucou, danada — de que se me enganares, me vingarei. Não me queiras como inimiga, Cailin.

— Pára com essas ameaças! — ripostara Cailin. — O acordo mantém-se. Requer uma certa dose de confiança de ambas as partes, mas sabes isso desde o começo.

Confiança. Asara teve vontade de rir. A confiança era um bem demasiado valioso.

Mas Cailin sabia pelo que Asara ansiava, que arriscaria tudo para o conseguir.

E assim, Asara trabalhava para a Ordem Vermelha, em parte porque tinham os mesmos objectivos, mas, sobretudo, porque era a única maneira de conseguir imaginar que o seu desejo seria concedido. O fim da solidão, do vácuo, do vazio dentro de si. Era quase demasiado precioso para imaginar.

CAPÍTULO 29

O Sol punha-se na Falha de Xarana, inflamando o horizonte a oeste com faixas nubladas nos tons vermelho, prata e púrpura. A luz dourada do final do dia, Yugi e Nomoru estavam acorados numa falésia sobre a terra sulcada por ravinas e desfiladeiros, de onde planaltos de topo raso, colinas rochosas e montes irrompiam desreguladamente.

Por baixo deles, escondidos nas fendas da Falha, homens e mulheres morriam. Os sons de canhoneio e detonações esporádicas ecoavam no céu calmo. Saíam pedaços de fumo das aberturas, fazendo lembrar exalações. Vislumbres fugazes de movimento despertavam de tempos a tempos a atenção dos seus olhos: figuras em retirada rápida, perseguidas por vultos escuros e terríveis. Em vários pontos ao longo das últimas horas, a batalha abandonara a sombra e passara para o ar livre, escaramuças nas vertentes das colinas ou zonas de vegetação enfezada. Yugi não reconheceu metade das facções que viu, mas tinha a certeza de que não eram Libera Dramach nem gente do Recesso.

— Aproximam-se — anunciou Nomoru, o seu tom sugerindo que não estava minimamente preocupada com o desfecho.

— Não estamos a conseguir retardá-los o suficiente — observou Yugi distraidamente.

— O que esperavas?

Yugi encolheu os ombros. Não lhe apetecia aturar naquele momento o pessimismo mal-humorado de Nomoru. Tinha assuntos mais prementes. A estimativa de Kaiku da velocidade do exército de Aberrantes batera certo. Tinham passado três dias desde a noite da tempestade lunar, e o ritmo de avanço deles fora constante e rápido.

Uma força de milhares invadia a Falha mais ou menos ao dobro da velocidade a que Yugi e o seu grupo de três companheiros a atravessara na outra direcção. Num lugar como a Falha, era uma temeridade que raiava a insanidade. Perguntou-se se a força do número deles chegaria para vencer os perigos que teriam de enfrentar: os exércitos dos clãs, os desfiladeiros cheios de armadilhas e ratoeiras, os pântanos que vomitavam um miasma venenoso, os lugares assombrados. Para uma força tão grande, nenhum caminho era seguro. Quantos tinham perdido? E no fim, que importância tinha?

Os batedores dos Libera Dramach - onde se incluía Nomoru - tinham trazido informações desgarradas, mas o exército movia-se simplesmente demasiado depressa. A maior parte do que sabiam fora através dos clãs amigos, em deslocação à frente do invasor, e as informações secretas que haviam respigado tinham chegado demasiado recentemente para poderem agir. O exército arrasara quaisquer povoados que houvesse pelo caminho, submergindo-os numa onda, prosseguindo depois. Os clãs e facções no ou próximo do caminho dos Aberrantes estavam tumultuados.

Alguns fugiam para leste, em direcção ao Recesso; constara que seria uma última praça-forte contra o inimigo, e acolheria quaisquer clãs que se unissem ali a eles. Uma jogada francamente perigosa, convidar quaisquer das outras pessoas da Falha para dentro das suas fortificações, mas Yugi sabia que Zaelis não tinha agora outra escolha.

Outras comunidades - os restos vingativos daqueles por que o exército passara, ou simplesmente daqueles que tinham reconhecido a ameaça - atacavam os flancos e a retaguarda da orda. A Falha de Xarana era ideal para manobras rápidas de assalto e fuga, e estas pessoas tinham vivido ali a maior parte das suas vidas e conheciam todos os truques. Mas os Aberrantes ignoraram os ataques às suas franjas, continuando a avançar implacavelmente em direcção ao Recesso, sem qualquer consideração pelas baixas.

Yugi estava de péssimo humor. Como podiam saber? Como tinham descoberto o paradeiro de Lúcia? Amaldiçoou os Tecedores e os seus métodos terríveis. Ó vida, podia ter sido apenas uma questão de tempo, mas porquê agora? Daqui a mais alguns anos Lúcia já teria idade para ocupar o trono, e poderiam começar a reunir exércitos de verdade para a apoiar, poderiam abandonar o esconderijo e desafiar Mos e os Tecedores.

Caiu em si, lembrando-se da tirada chocante dela na noite da tempestade lunar.

Estavam tão habituados a que Lúcia fosse sonhadora e passiva, como um véu levado pelos ventos, que não fora sequer tido em conta o que ela queria. Tinham presumido que já haveria objectado se algumas objecções quisesse fazer. Tão profundo era o seu desprendimento, que deixara de se lhe aplicar o direito de opinião. Yugi sentiu uma imensa culpa por a terem menosprezado. Independentemente de tudo o que ela fosse, era também uma rapariga de catorze apanhas, com todas as complicações associadas, e a paciência e a tolerância dela não eram infinitas.

Não ousou pensar no que poderia significar se viesse a desenvolver uma veia teimosa como sucedera com Kaiku. Tanta coisa dependia dela. Uma explosão particularmente sonora, ali muito próximo, trouxe-o de volta ao presente. Nomoru passou a mão pela sua cabeleira espessa e carregou o cenho.

— Foi à tangente — avisou.

— Vamos — disse ele.

Saíram da falésia, desceram uma vertente estreita murada de cada lado por paredes de terra separadas pelas raízes. Estava ali um homem ao fundo, a postos para fugir, olhando-os na expectativa.

— Eles vêm aí! — exclamou. — Preparem-se!

O homem esboçou uma continência e fugiu, subindo à pressa outra vertente que curvava à direita deles. Yugi e Nomoru continuaram a descer sem parar, as espingardas batendo-lhes nas costas. No caminho, passaram por mais dois

mensageiros, enviando-os para os respectivos destinos com ordens. Yugi apercebeu-se de que pensava quão mais fácil, quão mais rápido poderia ser se tivessem as mulheres da Ordem Vermelha como reservas; mas Cailin recusara-se a mandá-las para as forças avançadas, insistindo que o efeito de surpresa era vital ao seu deslocamento. Conservá-las-ia no Recesso.

Particularmente, Yugi perguntou-se se ela as iria sequer deslocar.

Correram pelo descampado, mantendo-se baixos, e o muro à sua esquerda desmoronou-se, cuspindo-os para uma saliência colossal que dava para um desfiladeiro estéril e sem saída. Paredes a pique de rocha arenosa, unidas pelos estriamentos de inúmeras épocas, desciam centenas de metros até um fundo poeirento de terra revolvida. As aves aproveitavam as correntes ascendentes por baixo, na luz que ia ficando avermelhada. Yugi sentiu um momento vertiginoso ante a súbita exposição ao abismo; o vento quente do dia quase extinto soprava em rajadas à sua volta. Depois acocoraram-se no meio de dúzias de atiradores que estavam escondidos atrás de um monte de pedra mais adiante na saliência, e ele deu graças por a queda ficar escondida da vista.

— Alguma actividade lá em baixo? — indagou.

— Nada — disse um jovem cheio de cicatrizes chamado Kihu, a quem Yugi deixara no comando. — Não deve ser para já. O Sol ainda não se pôs.

— Não, tens razão — reflectiu Yugi. — Tu, tu e tu — escolheu dois homens e uma mulher de meia-idade, todos Libera Dramach. — Fiquem aqui a vigiar; quero saber se algo se mexer neste desfiladeiro antes de voltarmos. Todos os demais, a postos. Eles vêm aí.

As suas ordens foram obedecidas prontamente e sem questionar. Tinham estado à espera daquilo. Com enorme ansiedade, saíram dos abrigos e seguiram pela imensa saliência de rocha. Tinha um pouco de inclinação, reunindo-se finalmente a uma massa maior que saía dos penhascos à direita deles, onde se haviam abrigado.

A vista alargava-se dramaticamente. O desfiladeiro que estiveram a observar era apenas um ramo de uma bifurcação, o braço mais meridional de uma grande confluência. A oeste, havia uma vala espectacular que desaparecia no meio de um aglomerado de montes. A leste, a vala continuava, estreitando ligeiramente. Yugi e os atiradores corriam pela divisória entre o desfiladeiro meridional e o oriental, um promontório muito afunilado cuja ponta terminava numa série de rebordos orlados de arbustos resistentes e árvores doentes.

Enquanto avançavam rapidamente, Yugi reparou que um dos vigias fazia sinais do outro lado do desfiladeiro, captando os últimos raios do olho de Nuki com um espelho de mão. Um instante depois, os reflexos foram correspondidos, vindo de posições, ocultas ao longo do espinhaço em frente. Havia Libera Dramachem todo o lado, escondidos no meio da paisagem destruída. Yugi sentiu um acesso de orgulho intenso. Nada detivera a implacável arremetida dos Aberrantes até ao momento, mas também ninguém tivera oportunidade de se preparar, por enquanto. Lembrou-se de

ter chegado a duvidar da sensatez da decisão de Kaiku de ficar com o exército. Agora tinha razões para estar grato por isso. Somente por causa do risco que Kaiku correria é que foram avisados com alguma antecedência para se organizarem. Os Tecedores haviam avançado precipitadamente pela Falha, alheios às suas baixas; mas Yugi tencionava conceder-lhes aqui uma pausa para pensarem.

— Corvos-seláquios! — exclamou alguém, e Yugi ergueu o olhar e viu a primeira das imensas aves Aberrantes pairando a grande altura. Desceram a ponta inclinada da divisória, escondendo-se entre os rebordos e a folhagem seca que crescia ali. Nomoru deslizou ao lado dele numa nuvem de pó, a sua magnífica espingarda bem agarrada nas mãos magras, e acocoraram-se os dois no meio de uma moita.

As paredes oriental e ocidental do desfiladeiro não eram tão altas quanto as do braço sul, e o fundo elevava-se também, pelo que estariam talvez uns duzentos metros acima dele quando se entrincheiraram. Aguardaram imóveis, escutando o crocitar áspero dos corvos-seláquios ao descreverem círculos, batendo o terreno à frente da massa principal de Aberrantes que avançava na direcção deles.

— Vai resultar? — murmurou Nomoru.

— Se não resultar, pelo menos não restará ninguém vivo para contar que fracassamos — respondeu.

Nomoru zombou baixinho e aprontou a espingarda. Indicou as aves com o olhar.

— Queres que os abata?

Yugi abanou a cabeça.

— Tens os teus alvos. Até lá, não dispares nem um tiro.

Instalou-se, observando a boca do desfiladeiro ocidental, de onde viriam os Aberrantes. O exército inimigo espalhara-se um pouco, mas a Falha estreitava aqui, convergindo diversas vias para este desfiladeiro, e iria impelir uma boa parte dos Aberrantes nesta direcção. A alternativa era escalar o descampado alto, mas Yugi tinha a certeza de que não seguiriam essa via. A velocidade temerária do exército só podia significar uma coisa: queriam surpreender o Recesso, para que os Libera Dramach não tivessem oportunidade de retirar Lúcia. De igual modo, era por isso que tinham de seguir pela Falha de Xarana em vez de atravessarem as planícies suaves nas suas imediações. Não se exporiam se o pudessem evitar, nem às futuras vítimas nem ao mundo em geral.

Yugi sentiu de repente curiosidade em saber por que usavam semelhante força bruta em vez de enviarem assassinos, ou Tecedores, para apanharem silenciosamente a Imperatriz-Herdeira desalojada. Pensou no outro exército, que partira para norte nas barcas. Os olhos dos Tecedores tinham mais um alvo, pelos vistos. Tinham assuntos bem mais importantes do que Lúcia a tratar.

O Sol desaparecera quase, e os últimos raios vermelhos escoavam-se do céu, quando se ouviram os primeiros sons do exército. Os corvos-seláquios partiram

entretanto, tal como Yugi esperava. Kaiku informara-os sobre os vários tipos de Aberrantes que encontrara, e quais os pontos fortes e fracos que pudera detectar. Os corvos-seláquios nunca voavam de noite; calculou que a visão deles no escuro fosse muito deficiente.

O ruído cada vez maior incutiu um certo receio em Yugi. De início era uma cacofonia distante, mas cresceu a uma velocidade alarmante, um choque de gritos e lamúrias, de bramidos e rosnadelas, tornando-se um manto avassalador de caos e loucura. O fogo dos Libera Dramach e gente de outros clãs que se ouvia de cada lado proporcionava uma pontuação esporádica. Yugi agarrou com firmeza a coronha da espingarda, e sentiu os primeiros indícios de verdadeira dúvida. Era como estar à espera de um tsunami no quebra-mar.

A horda apareceu estrondosamente, entrando no desfiladeiro ocidental, e empalideceu quando os viu espalhar-se como azeite e correrem por entre os montes e à volta das rochas, uma massa fluida corrompida que lhe cortou a respiração. Não partilhava dos preconceitos contra os Aberrantes que todo o Saramyr evidenciava - na verdade, era quase impossível esquecer que semelhante coisa existia no mundo liberal do Recesso - mas não conseguiu reprimir a repugnância e o medo ao ver as monstruosidades que avançavam agora para ele. A natureza distorcida da verdade, uma colisão de espécies e características, mudanças aceleradas pela moléstia dos Tecedores e escarnecendo do plano de Enyu.

Como podem estas coisas e Kaiku ser o mesmo?

Deslocavam-se a um ritmo que se assemelhava a uma corrida, uma velocidade em que eram incansáveis e conseguiam viajar dia e noite com muito pouco descanso. Não existia organização na formação deles e, no entanto, de certa forma conseguiam não se espezinhar ao seguirem. Ghauregs imensos agigantavam-se por cima de fúrias galopantes fazendo lembrar javalis, arrastando-se enquanto os Aberrantes mais pequenos abriam caminho por entre eles e seguiam clamando. Skrendel de membros aracneiformes corriam nas franjas, coisas simiescas com dedos compridos que se mantinham afastados dos animais maiores saltando agilmente pelos montes laterais, onde bufavam uns aos outros. Palreiros deslizavam por entre os seus aliados desajeitados com uma graciosidade sinuosa. Havia outros no meio deles, demasiado difíceis de identificar àquela distância, gritando e rosnando ao avançarem pelo desfiladeiro.

— Ó deuses — murmurou Nomoru. — Se eles chegam ao Recesso, estamos todos mortos.

— Tantos cães, mas quem conduz a trela? — comentou Yugi, espreitando por entre os arbustos. — Onde estão os Nexos? Onde estão os Tecedores?

O exército saiu do desfiladeiro ocidental, para a confluência onde o seu caminho bifurcava. Não houve indecisão: seguiram para leste. O voo de reconhecimento dos corvos-seláquios determinara já que a bifurcação sul era um beco sem saída, e tinham comunicado essa informação aos Nexos pelo estranho elo

que partilhavam através dos vermes-nexo. Yugi e os outros atiradores que estavam escondidos no meio das saliências na extremidade do promontório nem se atreveram a respirar quando a horda passou por debaixo e à direita deles, o estrondo de milhares de pés, patas e garras sacudindo a terra.

— Ali estão eles — murmurou Nomoru, mais para si mesma do que Yugi. Olhava para o desfiladeiro com uma focalização calma e intensa, e seguiu os olhos dela até onde os primeiros Nexos tinham aparecido.

Estavam um pouco recuados, escondidos no meio da massa, montando animais que se pareciam com manxthwa só que não tinham pêlo, e eram muito mais rápidos. A visão de um Nexo, mesmo de tão longe, provocou uma náusea terrível nas entranhas de Yugi. Assemelhavam-se bastante aos Tecedores com as suas capas e máscaras inexpressivas. Mas quando surgiu outro, reparou que estavam rodeados por um séquito de gbauregs que nunca se afastavam muito deles, protegendo os Nexos com os seus corpanzís.

— Eles estão a proteger os Nexos — referiu Yugi, erguendo a voz por causa do barulho dos Aberrantes de passagem. — Achas que és capaz?

Nomoru deitou-lhe um olhar depreciativo, mas se tencionava dar alguma resposta torta, perdeu a oportunidade. Naquele momento, o ar foi cortado por uma explosão tremenda, fazendo o solo estremecer violentamente. Yugi e Nomoru baixaram-se instintivamente quando uma chuva de pedras e terra solta caiu sobre eles da saliência de cima.

A detonação foi incrível, ecoando ao comprimento da Falha, destruindo enormes secções de rocha numa nuvem alterosa de pó que se estendeu pelo desfiladeiro e subiu para o céu. Os Libera Dramach haviam colocado explosivos de ambos os lados do desfiladeiro oriental, logo a seguir à confluência. O abalo inicial provocou uma chuva de pedras, rochas e pedregulhos na linha da frente do exércitode Aberrantes, obrigando-os a tropeçar e efectuar uma paragem brusca ao serem atingidos pela queda de detritos. Mas isso foi apenas o começo, pois um momento depois ouviu-se o estrondo rangente derocha a desmoronar-se, um ribombar monolítico que martelou nos ouvidos, e os lados do desfiladeiro abateram-se.

Os Aberrantes guincharam, uivaram e espezinharam-se sucessivamente ao dissolverem-se em confusão, mas era tarde de mais para evitar a avalanche de pedra que se abateu sobre eles. Esmagou as suas fileiras desordenadas de força imparável, pulverizando osso e despedaçando corpos, transformando-os em bonecas mutiladas ou separando os membros uns dos outros. Aqueles que não foram apanhados directamente pelo peso incompreensível de rocha viram-se arrastados para lá pelas fileiras de trás, e a vida foi arrancada deles. O pó que encheu o desfiladeiro tornou a visibilidade quase nula, apenas um mundo amarelo e pungente cheio de gritos animalescos. Mesmo assim, os Aberrantes continuaram a avançar, levados pela sua própria maré, impelindo involuntariamente mais da sua espécie para a barreira de

rocha onde se dobravam e partiam como ramos.

Yugi levantou a cabeça e sorriu a Nomoru.

— Agora vamos mostrar-lhes que tipo de luta os espera — referiu.

Os atiradores abriram fogo.

Eram quase uma centena, posicionados a toda a volta da confluência, bem acima dos invasores. Apesar de a nuvem de pó lhes picar nos olhos e tornar impossível ver o fundo do desfiladeiro, os Aberrantes estavam tão uns em cima dos outros que era mais difícil falhar do que acertar. Dispararam indiscriminadamente, puxando para trás o fecho de correr das suas armas após cada disparo, só parando quando a pólvora de ignição não acendia ou quando necessitavam de recarregar. Um fogo cruzado assassino e inelutável transformou o ar numa saraivada de balas de espingarda, esfrangalhando os Aberrantes que foram apanhados nele. Atravessou as carapaças quitinosas e furou pele, pêlo e carne, fazendo depois jorrar sangue. O desfiladeiro ressoava com os gritos agonizantes dos animais que se debatiam sob o ataque, procurando os inimigos e não encontrando nenhuns.

Yugi, mais perto do solo do que os homens e mulheres no desfiladeiro, disparava com os restantes. Kihu e os outros atiradores que estavam escondidos entre as saliências mantiveram um staccato irregular de disparos de armas acima e abaixo. Ocasionalmente, um dos ágeis skrendel elevava-se da névoa de pó, tentando trepar pelas vertentes do desfiladeiro para fugir ao banho de sangue, mas Yugi tinha lá em baixo dois homens cuja tarefa era abatê-los se o tentassem fazer, e eles nunca se aproximaram da posição dos Libera Dramach.

No meio de tudo aquilo, Nomoru mantinha-se imóvel como uma estátua, a mão a envolver o cano preto da sua espingarda laçada, seguindo o entalhe de prata. O pó ia-se dissipando, levado desfiladeiro a fora pela brisa do entardecer enquanto a terra arrefecia. As formas dos Aberrantes que se contorciam e em pânico ficaram novamente visíveis, sombras difusas no brilho ténue do sol recentemente partido.

O céu lá em cima estava de um azul carregado, tão escuro que agora quase parecia preto.

— Eles estão a regressar! — exclamou alguém. — Eles estão a regressar!

Era verdade. Os Aberrantes, desesperados por fugirem da zona de matança e apercebendo-se de que o caminho para leste estava bloqueado, haviam começado a invadir o desfiladeiro meridional. Yugi sentiu um acesso de vitória amarga, perguntando-se se os Nexos tinham perdido o controle das suas tropas ou se eles próprios as haviam instigado. Fosse como fosse, o resultado era o mesmo.

— Mantenham esta posição! — gritou Yugi. Começava agora a ficar sem munições e pólvora de ignição, mas ainda não queria que abrandassem. Não sem Nomoru ter tido a sua chance.

Como se em resposta ao seu pensamento, levou a espingarda ao ombro, apontando através dos arbustos. A poeira estava a assentar, e a cena no fundo do desfiladeiro ia-se revelando aos olhos dos emboscadores. O solo estava cheio de

corpos dilacerados, mas só muito a custo era possível vê-los por debaixo da debandada de figuras grotescas que os tinham espezinhado. No entanto, mesmo ao verem a desordem que haviam semeado, perceberam que os Aberrantes começavam a abrandar. O fogo das espingardas lá em cima ia-se extinguindo com as armas sobreaquecidas e os polvorinhos vazios.

O pânico parecia estar a diminuir com uma estranha rapidez, desacelerando a corrida temerária pelo desfiladeiro meridional.

— Nomoru — avisou Yugi, apercebendo-se agora de que tinha uma resposta à sua própria pergunta. — Eles estão a recuperar o controle.

Nomoru ignorou-o. Estava de olho na mira, o seu corpo posicionado com uma graciosidade em absoluta discrepância com o aspecto ou o carácter dela. Lá em baixo no desfiladeiro, os Nexos tinham-se reunido, rodeados da sua guarda pessoal de ghauregs. Não se conseguia ver qualquer expressão por detrás das suas máscaras, mas Yugi quase conseguia sentir o intuito deles, a vontade deles, a dominar os animais que comandavam.

Disparou; a bala falhou o ombro de um ghaureg por escassos centímetros e atingiu um dos Nexos no rosto, empurrando a máscara branca inexpressiva para dentro numa fractura raiada e ensanguentada. O Nexo vacilou, oscilou e caiu da sela. Foi imediata a reacção entre os Aberrantes. Uma pequena secção deles enfureceu-se, diferentes raças atacando-se mutuamente, e a histeria espalhou-se rapidamente. Os atiradores concentraram o seu ataque nos animais circundantes.

Nomoru voltou a disparar. Outro Nexo foi atirado para trás e caiu da sua montada.

Depois, alguém de uma das orlas do desfiladeiro atirou um pacote de explosivos para a refrega, uma bomba de rastilho crepitante e, quando explodiu, seguiu-se o pandemónio. A marcha lenta dos Aberrantes transformou-se numa corrida para a única saída que lhes restava: o desfiladeiro meridional. Nomoru, impávida, abateu um terceiro Nexo. A guarda pessoal de ghauregs entrou então em desordem. Dois deles dilaceraram uma das montadas dos Nexos. O caos generalizou-se quando as mentes condutoras dos Nexos se apagaram como velas. Os outros Nexos retiravam-se, abrindo caminho pelo ajuntamento o melhor que podiam. Quando a última luz se escoou do céu, Nomoru pôs a espingarda ao ombro e disse: — Agora fora do alcance.

Yugi congratulou-a batendo-lhe amigavelmente no ombro.

Ela deitou-lhe um olhar carrancudo.

— Vamos embora — disse ele. — Ainda não acabou.

Acompanhados do resto dos atiradores do grupo, subiram de novo ao cimo do promontório e voltaram para trás o mais rapidamente que puderam, seguindo pela saliência alcantilada que levava para o desfiladeiro meridional. A fuzilaria continuava a dominar o ar atrás deles, pancadas fortes ressoando no vazio. A medida que iam subindo, repararam que a vista sobre a Falha se transformara num discreto

negro-azulado ao crepúsculo, e que a extremidade de Aurus começava a subir a norte. Arrefecia rapidamente quando chegaram a um ponto de vantagem e acocoraram-se na borda da saliência.

Por baixo deles, os Aberrantes tinham-se juntado, e a vanguarda chegava quase ao extremo do desfiladeiro e abrandavam sucessivamente, apercebendo-se de que não tinham para onde ir. Porém, sem o apoio de uma força orientadora, não tinham como comunicar com as centenas que vinham atrás, e os que abrandavam eram calcados pelos que ainda não tinham visto o perigo. Os Aberrantes empilhavam-se ao fundo do desfiladeiro, os corpos partidos da sua espécie a formar como que um monte de terra à frente de um arado. Mais ainda se vinham empilhar atrás deles, procurando fugir da fuzilaria na confluência.

Por fim, quando se tornou evidente a imutabilidade da sua situação, abrandaram e pararam, tendo enchido o desfiladeiro com os mortos e os vivos.

Os restantes explosivos detonaram naquele ponto.

Os Aberrantes uivaram de medo quando a boca do desfiladeiro se abateu, toneladas de rocha a cair, formando um muro com os corpos esmagados a servir de argamassa. A tapar a sua única saída, aprisionando centenas deles ali. Verificou-se uma pausa sugestiva, uma expectativa que nem sequer os animais torcidos sentiram. Vaguearam e perambularam, atacando-se, raspando na rocha inflexível. Eclodiram lutas ferozes.

As espingardas silenciaram-se por toda a Falha.

Era difícil para os de cima verem com a luz fraca, mas alguns tinham binóculos, e olharam lá para baixo e esperaram. Se o gbaureg foi o primeiro a partir ou apenas o primeiro de que se deram conta, ninguém podia afirmar com certeza. Mas enquanto observavam, subitamente e sem aviso, o animal enorme desapareceu na terra. Os Aberrantes andavam agora em círculo, agitados, sentindo que havia algo de errado ali. Outro, desta vez uma fúria, foi engolido pelo chão. Teve tempo de soltar um guincho e depois desapareceu.

— Ó deuses — murmurou Kihu, que estava acorado junto de Yugi. — Isto vai ser uma chacina.

E depois, começou a acontecer por todo o desfiladeiro. Os Aberrantes desapareciam, enfiando-se simplesmente na terra como se o solo por debaixo dos pés deles sumisse subitamente. A princípio, foi um de cada vez, e depois começaram a desaparecer vários em simultâneo, e momentos depois havia dúzias a serem sugados lá para baixo. Os animais começaram a ficar em pânico, empinando-se, guinchando e bramando, atacando-se uns aos outros na confusão. Os skrendel, de longe a espécie predadora mais inteligente, tentavam trepar pelas paredes do desfiladeiro; mas se assim conseguiam afastar-se do solo mortífero, a pedra era demasiado lisa para escaparem à armadilha. O desfiladeiro esvaziava-se rapidamente, enquanto tanto os vivos como os mortos eram engolidos pela terra revolta do fundo do desfiladeiro.

Os que tinham binóculos começaram a ver os rastros rápidos de coisas correndo mesmo abaixo da superfície, altos pouco pronunciados que partiam na direcção dos seus alvos. Mesmo no escuro, era possível localizar as poças insidiosas de sangue que subiam da terra, o solo demasiado saturado para o conter todo.

Os Aberrantes fugiam e corriam sobre o solo tornado húmido com os fluidos da sua própria espécie, tentando uma fuga inútil enquanto as coisas que os apanhavam os rodeavam numa enorme quantidade. Os skrendel foram arrancados das paredes por profusões súbitas de tentáculos que irromperam do solo e os envolveram, puxando-os para baixo num abrir e fechar de olhos, como a língua de um camaleão a apanhar uma mosca. Quando a verdadeira escuridão se instalou, e Aurus iniciara já um pouco da sua subida, o desfiladeiro voltou a ficar silencioso. O único sinal de que os Aberrantes alguma vez ali estiveram era o reflexo do luar no fundo do desfiladeiro, onde o sangue das criaturas mortas se entranhava gradualmente na terra.

Yugi soltou um assobio baixo. Circularam histórias sobre este lugar desde que chegara à Falha, e diversas pessoas que não lhes deram ouvidos constituíram prova cabal da sua veracidade ao morrerem aqui. Mas nunca imaginara a nítida voracidade dos lihakiri os demónios luradores.

Uma mulher apareceu a correr vinda de cima da saliência e parou diante deles.

— Estão a voltar para trás, Yugi — anunciou, esbaforida. — Estão a retirar.

Os presentes soltaram vivas, e Yugi levou palmadas amigáveis nos ombros e nas costas. Sorriu maliciosamente.

— Agora não terão tanta pressa de chegar ao Recesso — disse. — Muito bem, vocês todos.

Concedeu-lhes alguns momentos para se congratularem antes de os instar a retirarem-se. Mereciam-no, no mínimo. Haviam desferido um terrível golpe no exército dos Tecedores, mas da próxima vez já não seriam apanhados desprevenidos. Apesar de terem morrido centenas, fora pouca a perda causada nas tropas do inimigo. Os Tecedores, independentemente do que fossem, não eram estrategistas, e caíram numa ratoeira que qualquer general experiente haveria evitado; mas a sua insanidade também os tornava imprevisíveis, e isso era perigoso.

Trocou um olhar com Nomoru, a única pessoa que não comemorava, e percebeu que ela estava a pensar o mesmo que ele. Tinham vencido uma pequena contenda, mas a verdadeira luta seria no Recesso.

E podiam muito bem não sair vencedores daquela batalha.

CAPITULO 30

O olho de Nuki nascera e desaparecera no horizonte desde o massacre dos Aberrantes, e Iridima surgiu no céu nublado lá ao longe a oeste da Falha. Kaiku e Tsata encontravam-se na margem ocidental do Zan, na sombra lunar de uma mata de tumist que conseguira de alguma forma resistir à moléstia emanante da pedra mágica próxima. A noite quente estava silenciosa, à excepção de uma brisa fresca de Outono que agitava incessantemente as folhas.

Do outro lado do rio ficava o bizarro edifício que dominava a planície aluvial, o estranho alto com faixas de metal, fazendo lembrar uma lagarta, que lhes causara estranheza fazia já várias semanas. Libertava um miasma malcheiroso e oleoso, e gemia e chiava com a rotação das maciças rodas com pontas de ferro que giravam lentamente aos seus lados.

Havia construções mais pequenas aglomeradas à sua volta, tão indeterminadas no propósito quanto o edifício central. Fendas de metal aos lados iluminavam-se por vezes intensamente no interior, acompanhadas de um ronco como o estrondo súbito de uma fornalha; inexplicavelmente, as correntes ganhavam vida, deslizando ruidosamente em roldanas enormes e as engrenagens esticavam como tendões entre os edifícios; os mecanismos arrancavam nervosamente e depois silenciavam-se. Deste lado, era possível ver as bocas dos canos gémeos que passavam por baixo do solo a uma curta distância da margem do rio, grades meio submersas espreitando por cima da superfície fluente do Zan.

Kaiku observou o edifício com atenção, os olhos fixos. Detestava-o. Detestava a sua incompreensibilidade, detestava a sua estranheza, o ruído anormal que fazia, e o seu fedor. Era como a moléstia tornada visível, algo corrupto que vomitava veneno.

E mais, detestava-o por que a mantinha aqui enquanto os seus amigos e a sua casa no Recesso corriam desesperadamente perigo e, apesar de não poder estar com eles, nunca teria lá chegado a tempo, e partia-se-lhe o coração por não haver sequer tentado.

Mas parecia que o maldito modo de pensar okhambano se lhe colara desde que estava com Tsata, aquele curioso altruísmo de se entregarem à necessidade comum em detrimento dos desejos pessoais. Naquela noite, sob a tempestade lunar, quando a barreira desaparecera, quando viram a horda predadora abandonar a planície aluvial e dirigir-se para leste em direcção ao Recesso, quisera apenas ir atrás deles. Não importava que se deslocassem depressa de mais para os alcançar, e que fosse apenas uma só no meio de milhares, se ao menos conseguisse chegar ao Recesso a tempo. A antiga Kaiku teria ido na mesma, porque era essa a sua natureza.

Mas não fora. Sabia o que Tsata pensava, e ficara surpreendida ao descobrir que pensava da mesma maneira. As planícies aluviais estavam agora praticamente vazias, apenas uma guarda reduzida para supervisionar a base dos Tecedores aqui na

Falha. E eles eram os únicos em posição de tirar partido de semelhante descuido. Os únicos que podiam chegar à pedra mágica.

Tsata nem sequer precisou de a convencer.

Uma oportunidade como esta podia nunca mais surgir. Qualquer que fosse o resultado da batalha a leste, deviam aos seus próprios companheiros aproveitar o ensejo que involuntariamente se lhes proporcionara. Iam entrar na mina dos Tecedores.

— Ali — murmurou Kaiku, quando saiu um ronco cavo das entranhas do edifício. Ouviu-se uma série de sonoros ruídos metálicos e, um momento depois, os canos na margem do rio vomitaram uma torrente de água salobra, abrindo violentamente as metades superior e inferior dotadas de dobradiças. A torrente continuou por vários minutos, levando consigo bocados de rocha e detritos orgânicos impossíveis de identificar ao luar, depositando-os todos para que o Zan os levasse para sul em direcção às cataratas. Por fim, o bramido da água reduziu-se a um fio, e as grades fecharam-se, deixando de estar afastadas à força devido à pressão. Ouviram-se mais algumas pancadas fortes de dentro do edifício sinistro, e depois o único ruído foi o constante correr do rio.

Kaiku e Tsata saíram da mata e rastejaram pela erva comprida até à beira da água. As margens do Zan não eram tão estéreis quanto o solo alto circundante, estando dotadas de uma abundante quantidade de água potável, e a folhagem proporcionava cobertura. Os dois engatinharam até junto de um tronco a alguma distância a montante, uma coisa deformada que se enroscava a meio do comprimento.

Tinham-no feito rolar na noite da véspera como preparativo. A árvore estava bastante fraca e haviam-na derrubado atando uma corda no cimo e puxando-a. Depois, haviam partido os ramos à mão, criando um excelente flutuador com que atravessar o rio. Observaram a planície aluvial durante algum tempo. Viam-se vultos ali no escuro, talvez uma centena, espalhados por toda a extensão. Alguns vagueavam ociosamente, mas a maioria devia estar a dormir. As patrulhas, as poucas que havia agora, encontravam-se principalmente na zona oriental do rio; os intrusos receavam pouco a sentinela esporádica que tinham encontrado na margem ocidental.

Os penhascos erguiam-se por detrás da planície, uma parede preta e carrancuda. Kaiku lembrou-se de quando estiveram estendidos naquela saliência e olhado para o enorme exército de Aberrantes ali reunido, aterrados com a mera força que fora acumulada ali. Agora a planície parecia tão deserta que era quase fantasmagórica. Uma vez convencidos de que nada vigiava o rio, esperaram que Iridima escondesse a sua superfície atrás de uma nuvem. Kaiku deu graças por não precisarem de muito mais do que isto para reunirem as condições ideais para se tentarem infiltrar na mina; a inactividade, conjugada com o temor pelos amigos, haviam-na deixado com os nervos em franja. Mas a estação foi-lhes favorável: apesar de ao longo do ano as condições atmosféricas no Saramyr não variarem assim

tanto, devido à situação de proximidade do equador do planeta, o Outono e a Primavera apresentavam geralmente maior nebulosidade e precipitação do que o Inverno ou o Verão. O hábito de dividir o ano em estações era algo que tinham trazido do temperado Quraal e nunca o haviam abandonado.

Uma ligeira camada de nuvens tapou a superfície da lua. Kaiku e Tsata olharam-se uma vez em confirmação e depois fizeram rolar o tronco silenciosamente para o rio e seguiram atrás dele. A água estava surpreendentemente tépida, aquecida sucessivamente pelo sol durante as muitas centenas de quilómetros que percorrera desde as profundezas das Montanhas Tchamil. Kaiku sentiu o seu abraço húmido molhar-lhe as roupas e a pele. Avaliou a força da corrente. O rio era lento aqui, reunindo-se antes de se precipitar nas cataratas a sul. Enfiou o tronco debaixo dos sovacos e esperou que Tsata fizesse o mesmo; depois, quando se equilibraram, começaram a atravessar o rio.

A travessia concluiu-se em silêncio e escuridão, apenas com o bater plangente da água no tronco enquanto deslizavam em direcção à margem oriental. Nadaram em viés para montante, confiando que a corrente os levasse até ao local onde a pesada carapaça da mina se erguia sombriamente. A estimativa deles foi boa, e a sorte não os abandonou, pois Iridima manteve-se escondida e a noite permaneceu impenetrável.

Chegaram ao outro lado a algumas dezenas de metros das bocas dos canos, e ali agarraram-se às barras da grade e deixaram seguir o tronco. Era demasiado perigoso prender ali o flutuador; podiam vê-lo quando o Sol nascesse. As semanas passadas a observar a planície aluvial acabaram por dar fruto. Apesar de Kaiku se sentir frustrada com a incapacidade de se aproximarem de um Nexo ou do misterioso edifício dos Tecedores, haviam concluído muito sobre as idas e vindas que decorriam neste lugar, e feito muitos planos teóricos. Mas o que mais obcecara Kaiku envolvia a evacuação rítmica da água por aqueles canos.

Não conseguia avaliar exactamente quanto tempo decorria entre cada descarga, pois não dispunha de meios suficientemente rigorosos, mas tanto ela como Tsata estavam de acordo em que era mais ou menos regular, e que pelo menos várias horas separavam uma da seguinte. A água vinha de algures, raciocinou. Desde que calculassem bem a entrada, poderiam rastejar por um dos canos e investigar.

Provavelmente, as grades destinavam-se a impedir os detritos ou os animais do rio de entrarem; e isso significava que poderiam chegar a algum lugar. Só agora, ao olhar para a boca de um dos canos, invisível da planície devido a uma elevação da margem do rio, é que a realidade do seu plano tocou no ponto nevrálgico. Uma vez ali dentro, ficaria bloqueada, cercada pelas paredes frias do cano, sem um sítio aonde ir a não ser para a frente ou para trás. Sentiu o pânico agitar-se no seu ventre. Tsata colocou-lhe a mão no ombro molhado e apertou, sentindo a hesitação dela. Olhou-o novamente, o seu rosto tatuado quase invisível no escuro.

Sentiu a determinação no olhar dele e fortaleceu-se um pouco com ela.

Dividindo esforços, puxaram para baixo a metade inferior da grade. Havia uma espécie de mecanismo de mola para a ajudar a fechar-se por causa da força do rio, mas era fraca e estava enferrujada da falta de manutenção. Kaiku foi primeiro, respirando fundo e passando por baixo da grade superior para sair do outro lado, olhando através das grades para Tsata com o cabelo colado de um lado do rosto.

O cano era suficientemente grande para andar de pé lá dentro desde que se curvasse; a água do rio dava-lhe pela cintura. Tsata seguiu-a, deixando que a grade se fechasse atrás dele depois de verificar que, aparentemente, não existia mecanismo de tranca.

— Se for necessário — referiu Kaiku, lendo-lhe o pensamento, — rebento com elas.

Tsata percebeu a insinuação dela. Já fora suficientemente arriscado enviar o aviso a Cailin; apesar de os Tecedores não a terem apanhado, podiam perfeitamente estar mais alerta se o tivessem detectado.

Usar o kana aqui seria praticamente uma sentença de morte; mas, apesar de tudo, usá-lo-ia se tivesse de ser. Estava apenas a deixá-lo claro para ambos. Independentemente do que Cailin tivesse aconselhado, o poder era dela, para o usar como entendesse. Tsata apercebeu-se de que sorria. Se alguma vez ela viesse a envergar as vestes da Ordem Vermelha, Cailin teria em mãos uma luta para manter na linha este membro em particular. Avançaram pelo cano, o chapinhar suave ao afastarem a água ecoando no meio do rumorejo. Chegaram-lhes outros sons, triturações distantes e passos e raspadelas irregulares, a que a repercussão conferia um certo mistério. Envolvia-os a escuridão, uma negrura total, apenas com o ténue círculo fendido da boca do cano a fornecer alguma ideia de onde se encontravam. Depois de avançarem um pouco, pararam.

Tsata começou a desembrulhar a vela que trazia amarrada à cintura num saco à prova de água.

— Espera— murmurou Kaiku.

— Precisas de luz— disse ele. Não necessitou de fazer-lhe ver que ele a dispensava, pelo menos por enquanto. Possuía uma visão de coruja, legado da raça pura de Okhambanos que se misturara com os refugiados do Quraal há todo aquele tempo e dera origem aos Tkiurathi.

— Espera — voltou a dizer-lhe. — Dá-me tempo.

Os olhos dela estavam a adaptar-se bastante rapidamente à escuridão, pelo que conseguia efectivamente ver formas a aparecerem na negrura: a curva vazia do cano, os contornos inconstantes da água.

— Consigo ver — referiu.

— Tens a certeza? — inquiriu Tsata, a surpresa na sua voz.

— É claro que tenho — retorquiu, divertida. — Podes guardar a vela.

Ele assim fez, e continuaram a avançar. Tinham calculado que o cano não fosse muito comprido, uma vez que os edifícios que o alimentavam estavam situados

próximo da margem do rio, e Kaiku constatou que não era uma provação assim tão grande quanto esperara.

A claustrofobia da sua situação não a incomodava, contrariamente ao que julgara possível, desde que não pensasse na possibilidade de todas aquelas toneladas de água lhes caírem em cima. Mas estava bastante confiante na regularidade matemática da evacuação, e suficientemente confiante em si mesma de que não se deixaria atormentar pelos habituais receios e dúvidas.

Com um ligeiro espanto, apercebeu-se do quanto crescera por dentro desde a Semana Estival: desde que fora enganada por Asara e derrotara os demónios na Teia; desde que curara um amigo moribundo guiando-se apenas pelo instinto e passara semanas a viver de expedientes, matando Aberrantes, contando apenas consigo mesma e com este desconhecido e os seus modos escassamente compreendidos. No essencial, estava igual ao que sempre fora, mas a sua atitude mudara, amadurecera, fazendo-se acompanhar de uma confiança que nunca soubera possuir.

Chegou à conclusão de que gostava de si assim.

De seguida, os esporádicos ruídos e gemidos metálicos tornaram-se mais fortes, envolvendo-os, e começaram a aparecer no cano fendas do que se afigurava um clarão de fogueira, minúsculas fracturas ferrugentas, sugerindo o que estava lá mais adiante. Depois, ao contornarem uma curva tão ligeira que mal se haviam apercebido dela, avistaram o fim. Kaiku pestanejou ante o brilho intenso. O cano parecia alargar ao aproximar-se do término, juntando-se ao segundo cano que corria paralelo a ele para se tornar um corredor oblongo. O fundo inclinava na ascendente, pelo que ficava acima do nível da água do rio que estiveram a atravessar.

Do outro lado, apenas conseguia ver o que parecia uma parede de metal baço da cor do bronze. Olhou para Tsata.

Ele murmurou algo em Okhambano, sem tirar os olhos do que estava lá à frente.

— O que significa isso? — murmurou ela.

Tsata pareceu ligeiramente surpreendido por ela ter conseguido escutá-lo. Não tencionara dizê-lo em voz alta.

— É como se pedisses protecção — respondeu.

— Mas vocês não têm deuses no Okhamba — referiu Kaiku. — E tu apenas acreditas que os teus antepassados vivem na memória.

— É dirigido ao pash— alegou. Pela primeira vez, viu que ele ficara embaraçado. — Estava a pedir a tua protecção, e a oferecer-te a minha. Não passa de um costume.

Kaiku afastou o cabelo encharcado do rosto.

— E como é suposto eu responder?

— Htbre — disse ele. Kaiku repetiu-o, pouco segura da pronúncia.. Significa que aceitas a promessa e ofereces também a tua protecção.

Ela sorriu.

— Hthre — disse, desta vez com mais convicção.

Desviou o olhar dela.

— Não passa de um costume — repetiu.

Saíram da água e seguiram pelo cano que alargava. Depois de tanto tempo de noite e escuridão, o clarão quente e ígneo ao fundo deixou-os inquietos. Progrediram com cautela, acompanhando as paredes à medida que aplanavam, passando os dedos pelos painéis ferrugentos fundidos através de alguma arte que nem Kaiku nem Tsata conheciam. Ao aproximarem-se da luz, viram que não era uma parede ao fundo, mas uma subida íngreme, como uma calha de escoamento, a cujo fundo haviam chegado. Espreitaram da extremidade do cano, mas não estava ali ninguém. Por cima deles, só conseguiam ver a escuridão, e a rodeá-los as paredes da calha que fazia a descarga para o cano por onde tinham entrado. A fonte da claridade encontrava-se igualmente obscurecida.

Mas havia uma escada, feita de metal, fixa de um lado da calha de escoamento.

Kaiku subiu-a. Não restava outra alternativa, nem nenhuma forma mais subtil de ascender. Tsata ficara ao fundo, as suas roupas de pele de animal a escorrer e a formar uma poça à volta dos sapatos. Subitamente, desejou que tivesse existido uma maneira de isolar a sua espingarda para a ter trazido, mesmo que soubesse que lhe serviria de pouco na eventualidade de serem descobertos. Chegou ao cimo da escada, e o seu estômago apertou-se ao ver a verdadeira imensidão da mina dos Tecedores.

O telhado curvo do edifício não era de algum tipo de habitação; pelo contrário, era a tampa de um poço colossal que mergulhava em profundezas abissais. O poço não descia em linha recta; a negrura no seu fundo era obscurecida por protuberâncias de pedra no sítio onde os lados estreitavam e pontas salientes de rocha se projectavam na direcção do centro. Sulcavam-no saliências amplas, e erguiam-se pilares como agulhas rombas, tornados pequenos em comparação com a envolvente.

A calha de escoamento que Kaiku subira encaixava na extremidade de um enorme patamar semicircular. O rebordo inferior continuava por cima dela até um imenso tanque de descarga que assentava a direto numa estrutura curva de ferro. Duas rodas com pontas de ferro giravam lentamente atrás dela, engrenagens imensas arrastando alcatruzes presos a ruidosas correntes que deitavam água para o tanque de descarga e voltavam depois a descer monotonamente para ir recolher mais. Kaiku, perifericamente consciente de que a vizinhança imediata parecia estar deserta, saiu da calha de escoamento e ficou ali boquiaberta, intimidada pela mera dimensão e estranheza do lugar. A iluminação que vira do fundo da calha de escoamento provinha de archotes de metal e pilares que ardiam com chamas; mas não se pareciam com quaisquer chamas normais, assemelhando-se mais a vapor em combustão.

Libertavam nuvens de fumo fuliginoso que subia e depois se dissipava, transformando-se em fumos nocivos que se afastavam a flutuar para se reunirem no cimo do poço. Apercebeu-se de que a escuridão por cima dela não se devia à falta de luz, mas a uma cortina de fumo revoltado que saía lentamente para o ar puro no exterior através de poros na tampa.

A imensidão de saliências e pilares estava ligada por uma rede de precários passadiços, pontes de corda e escadas que pendiam como teias de aranha sobre o poço. As paredes estavam sulcadas de suportes e traves de madeira e metal, delineando caminhos para serem percorridos por carros de mina e havia cavernas por todo o poço, brilhando no interior. Engenhos gemiam e fumegavam nas profundezas, fornalhas acesas no seu coração ao rodarem numa procissão idiota. Gruas de ferro estendiam-se para lado nenhum, transportando ainda cargas abandonadas. Quedas-d'água desciam infundavelmente, saindo das bocas das cavernas para caírem no nada, ou baterem mais abaixo numa saliência de rocha, formando uma nuvem de borriça antes de voltarem a escorrer e descer. Kaiku viu pequenas cabanas de madeira degradadas todas amontoadas, por vezes construídas na ponta de um pilar e ligadas por uma única ponte ao resto da mina. Fazia calor no poço, e cheirava mal; havia um gosto desagradável a metal que se colava ao fundo da garganta.

Kaiku olhou maravilhada e aterrorizada para a coisa que os Tecedores tinham criado. Nunca vira tanto metal na sua vida, nem fundido em semelhante quantidade. Que tipo de forjas possuíam os Tecedores? O que decorrera ao longo de duzentos anos no âmago dos seus mosteiros onde os Pais Forjadores lhes moldavam as Máscaras? Que tipo de arte criara estes estranhos archotes, e aquelas engenhocas a silvar e a fumegar que se moviam sem qualquer aparente fornecimento de energia?

Sentiu um toque no braço e sobressaltou-se, mas era apenas Tsata.

— Estamos demasiado expostos — referiu, os seus olhos percorrendo a cena com um brilho neles que podia ter sido de repugnância, que podia ter sido de raiva.

Retiraram-se pelo patamar aos lados do poço, onde espreitava a escuridão envolvente. Os enormes archotes de metal estavam apenas parcamente espalhados pela mina e, apesar de a área que iluminavam ser muito maior do que seria por um archote ou lanterna normais, ainda ficavam zonas de profunda sombra. Daqui, Kaiku e Tsata levaram a cabo uma minuciosa observação da envolvente, procurando movimento.

Não registaram nenhum. O poço parecia estar abandonado.

— Os teus olhos — disse Tsata passado um bocado, fazendo sinal na direção dela.

Kaiku carregou o cenho, emitindo um ruído de dúvida.

— Mudaram. As tuas íris estão mais vermelhas do que antes. Ela olhou-o, intrigada. — Antes?

— Antes de entrarmos no cano.

Kaiku pensou por um momento, recordando a surpresa na voz de Tsata

quando recusara a iluminação que ele lhe oferecera.

— Estava muito escuro ali dentro? — inquiriu.

— Demasiado para tu veres — respondeu ele.

Kaiku sentiu um frémito de inquietação. Seria que... se adaptara? Estivera a usar o kana sem sequer se dar conta, o infimíssimo aumento nos seus sentidos para compensar a falta de visão?

Não se apercebera sequer de que o estivera a fazer, mas o seu subconsciente certamente sim. Tal como no caso de Yugi, limpando-o do veneno do ruku-shai. Quanto mais usava o seu kana, mais ele parecia usá-la, torná-la uma condutora em vez de uma controladora. Passar-se-ia o mesmo com todas as Irmãs? Teria de o discutir com Cailin quando voltasse.

Se restasse algo a que voltar.

Estrangulou aquele pensamento à nascença. Não havia tempo para dúvidas. A horda de Aberrantes estaria quase a alcançar o Recesso, e não havia nada no mundo que pudesse fazer a esse respeito. Apenas esperar que o seu aviso lhes tivesse dado tempo suficiente para se prepararem ou fugirem dali.

Seguiram pelo patamar até um passadiço que unia ambos os lados do poço, curvando à volta da entrada de um túnel. O passadiço era de ferro, sustentado por traves metidas na rocha e suspensas sobre uma queda inimaginável. Kaiku não quis qualquer contacto directo da sua pele com o corrimão. No Saramyr, os corrimãos eram de madeira ou, esporadicamente, de pedra polida; nunca de metal, como este, ferrugento e a descascar-se com as correntes ascendentes de vapor, salpicado de decomposição castanha.

Foi com alívio que chegaram ao fim do passadiço. Podia confiar na pedra.

O túnel conduzia ao interior e descia, e seguiram por ele cautelosamente. Estava cheio de detritos - rochas e seixos, bocados de comida cobertos de bolor, cabos partidos e lascas de madeira - mas encontrava-se tão vazio quanto o resto do local parecia estar, e havia aqui poucos vestígios de qualquer exploração mineira em curso. As paredes eram irregulares e antigas.

— Isto é natural — informou Tsata discretamente, indicando com um gesto curto da mão. — Como o poço. Não existe aqui qualquer estrutura artificial, nem qualquer escoramento das paredes. O que quer que tenham construído, fizeram-no por cima do que já existia ali.

— Nesse caso, não escavaram tudo isto? — perguntou Kaiku. As suas roupas tinham secado entretanto com o calor, e roçavam nela desconfortavelmente.

— Não — anuiu. — Este local já existia muito tempo antes de os Tecedores cá chegarem e construírem as suas geringonças.

Kaiku sentiu algum conforto. Inicialmente, ficara atordoada com a ideia de que os Tecedores pudessem ter escavado algo tão maciço em apenas alguns anos. A observação de Tsata tornava-os um nadinha mais mortais. Mesmo assim, enquanto desciam, e o túnel se ramificava e os conduzia a câmaras transformadas em cozinhas

improvisadas e despensas cheias de comida em barricas e sacos, o local pareceu-lhes estranho e completamente deserto.

— Achas que se foram embora? — murmurou Kaiku. — Todos eles?

— E os tais homens baixos? — indagou Tsata. — Também se foram?

Os homens baixos: Kaiku levou um momento a perceber que Tsata se estava a referir aos minúsculos serviçais dos Tecedores. Adoptara o nome que ela lhes dera - golneri - e traduzira-o no género errado. O Saramírico dele era excelente, mas não deixava de cometer erros de vez em quando. Afinal, não era a sua língua materna.

Os golneri. Eis outro mistério, juntamente com os Nexos, os Pais Forjadores e os Aberrantes inteligentes, aprisionados, que encontrara no mosteiro em Fo. Ó vida, isto estava tudo de alguma forma ligado. Durante imenso tempo, os Tecedores foram uma parte tão medonha e inextricável do povo do Saramyr e, no entanto, sabia-se tão pouco sobre eles. Quantas surpresas mais guardaram nas profundezas dos seus mosteiros nestes últimos séculos, laborando na sua própria insanidade obscura enquanto congeminavam as suas tramas?

O que deixara o povo do Saramyr acontecer, mesmo debaixo dos seus narizes?

Kaiku sacudiu a cabeça, não só para afastar a enormidade da sua própria pergunta, mas também para responder à de Tsata. - Os golneri ainda aqui estarão. - Ocorreu-lhe uma ideia. - Acho que está tão vazio porque os Tecedores não esperavam que o exército tivesse de partir - afirmou. - Isso explicaria também a comida armazenada. A maior parte do exército seguiu para norte, e o resto ficou a guardar este local. Mas os Tecedores daqui acabaram, de alguma maneira, por saber do Recesso, após a partida da massa principal. O que quer que as barcas estejam a fazer é demasiado importante para voltarem para trás; ao invés, os Tecedores enviaram para o Recesso tudo o que haviam deixado aqui. Estão ainda Aberrantes suficientes lá fora para dissuadir os eventuais atacantes, e não te esqueças: ninguém sabe que este lugar existe. Os Tecedores acreditam que é um risco aceitável. O segundo exército estará fora no máximo duas semanas... tempo para ir até ao Recesso, dizimá-lo, e voltar... e, quando voltar, a barreira tornará a erguer-se e este lugar ficará mais uma vez inexpugnável.

— Kaiku, eles podem não tomar o Recesso — murmurou Tsata. — Não desistas por enquanto.

— Estou apenas a adivinhar o pensamento deles — disse-lhe Kaiku, mas havia uma tensão na sua voz que o alertou de que tocara num ponto nevrálgico. Fechou-se para as visões sobre o que poderia acontecer ao seu lar adoptivo.

— As forças deles estão espalhadas — referiu Tsata. — Isso dá-nos esperança. Se eles ficarem quase indefesos para apanhar Lúcia, então é porque a sua atenção está noutro lugar, em algo mais importante.

Kaiku anuiu, carrancuda. Não era lá muito reconfortante. Quase arriscava um palpite sobre o destino daquelas barcas: iam para Axekami, a fim de ajudar as tropas

de Mos. Os Tecedores iam servir-se dos Aberrantes para garantir o trono a Mos, e manter-se no poder durante a fome que aí vinha. As tropas de choque fariam os corações dos homens vacilar e os seus joelhos ceder antes de serem despedaçados.

Uma demonstração de força para voltar a meter os nobres e o campesinato de Axekami na ordem. Os Tecedores estavam a efectuar a sua jogada na disputa do controle do Saramyr, e Kaiku não conseguia imaginar algo que lhes pudesse fazer frente. O golpe que andavam a preparar desde que Mos deixara os Tecedores manter uma posição social e terras em pé de igualdade com as famílias superiores estava condenado ao fracasso. Ó deuses, era como se tudo tivesse sido preparado só para dificultar a vida aos Libera Dramach. Se os Tecedores se consolidassem à volta do trono, tornar-se-iam imovíveis.

Kaiku apercebeu-se de que se enraivecira. Se ao menos Cailin não tivesse sido tão estupidamente paranóica, mantendo a Ordem Vermelha refreada e secreta, não as deixando desafiar os Tecedores. Por causa disso, os Tecedores tinham-se espalhado descontroladamente, e os seus segredos foram mantidos em sigilo, para que ninguém pudesse agir contra eles.

Cailin. Tão ciosa da sua preciosa organização, tal como Zaelis da dele. Tão receosa de se expor ao perigo, de lutar pela sua causa. Não enviaria a Ordem Vermelha contra os Tecedores; era egoísta, tal como Zaelis, tal como todos os demais, acumulando poder, aguardando uma oportunidade até ser tarde de mais. Por que resistira tanto tempo? Por que é que uma mulher tão arguta, tão dominante, deixara que tudo se descontrolasse daquela maneira?

Kaiku caiu em si. De onde vinha tudo isto?

Mas a resposta apresentara-se mal colocara a pergunta. Desconfiava de Cailin. Desconfiara dela logo desde o começo, desde o seu primeiríssimo encontro, quando suspeitara do convite aparentemente altruísta da Irmã para aderir à Ordem Vermelha. Passara tanto tempo, que quase se esquecera, que quase se acostumara aos modos de Cailin; mas não mudara nada, nada mesmo. Foi o encontro com Asara que a fez recordar, o engano profundo e fundamental a que a tinham submetido. Cailin sabia quem era realmente Saran e, no entanto, guardara segredo, apesar de ter suscitado dos sentimentos de Kaiku por ele. Fora Asara que a vigiara durante dois anos, disfarçada de sua criada particular, esperando que Kaiku manifestasse o seu kana. Asara que a levava a Cailin. E agora, Asara que dera cinco anos da sua vida para reunir as pistas enterradas por milhares de anos de história em todo o Mundo Vizinho.

No entanto, apesar do que Tsata pensava, Asara não trabalhava para um bem maior; ela era o egoísmo em pessoa. O que quer que estivesse a tramar, era para o seu próprio bem e nada mais. Ela e Cailin, metidas numa conspiração a duas, escondidas por detrás de véus de desorientação e sempre, sempre trabalhando para algo. Algo de que Kaiku se vira excluída.

Maquinações, rodas a girar dentro de rodas. Ela não era como Mishani.

Detestava o logro.

Foram obrigados a atravessar de novo o poço ao descerem, pois as ramificações do túnel que tinham escolhido andavam às voltas e colocavam-nos em espaço aberto. Suportaram a travessia de um vazio numa estreita ponte de metal presa por suportes aracneiformes à rocha circundante. No caminho, aproximaram-se tanto de uma das quedas-d'água curiosamente belas que Kaiku quase se podia ter debruçado e tocado nela não fosse o receio despropositado de a sua interferência no fluxo poder desencadear algum tipo de alarme.

Quando regressaram à segurança dos túneis, e o peso maciço da pedra se fechou mais uma vez à volta deles, começaram a encontrar os há muito esperados sinais de vida. Este túnel fora adaptado da sua forma original, que era provavelmente demasiado irregular ou obstrutiva para ser viável como corredor, e fora reforçado com uma estrutura de metal. Os archotes que ardiam aqui eram do tipo habitual, não as estranhas engenhocas a vomitar gás inflamável que estavam presentes na escuridão enorme do poço. Eram os golneri. O cheiro a carne cozinhada e o som de vozes murmuradas alertou os intrusos. Recuaram instintivamente para a sombra, escutando a algaraviada do dialecto incompreensível dos golneri.

Kaiku perguntou-se de onde tinham vindo, como haviam acabado tão escravizados pelos Tecedores. Uma tribo de pigmeus, escondida nas profundezas das Montanhas Tchamil, subjugada todos aqueles anos quando terminara o primeiro baptismo de chacina dos Tecedores e que desaparecera nos picos inexplorados do Saramyr? Não era certamente uma hipótese a excluir. Entre a sua casa na Floresta de Yuna e os Novos Territórios a leste, a cadeia montanhosa tinha uma largura de quatrocentos e oitenta quilómetros. De Riri no extremo sul até à costa que confinava com elas, estendiam-se por mais de mil e trezentos quilómetros, dividindo o Saramyr em oeste e leste com apenas dois grandes desfiladeiros ao longo de todo aquele comprimento. Havia zonas inexploradas das Montanhas Tchamil que eram tão vastas que podia ter prosperado ali toda uma civilização sem que ninguém no Saramyr o viesse a saber.

Mesmo depois de mais de mil anos de povoamento, a terra era simplesmente maior do que conseguiam crescer para a encher; e, naqueles lugares vazios, os espíritos ainda dominavam e não viam com bons olhos a invasão da humanidade.

Provavelmente nunca viria a saber. O que quer que fossem ou tivessem sido os golneri, não passavam de meros apêndices dos Tecedores, que os alimentavam e tratavam quando a insanidade se apoderava dos seus amos. Kaiku tentou sentir pena deles, mas restava-lhe muito pouca, e guardou-a para a sua própria gente.

Continuaram a avançar sorrateiramente até o túnel se transformar numa caverna pequena e quente, cheia de fumo e carregada do aroma a carne tostada. Os túneis não eram de forma alguma lisos e diretos, as suas paredes, uma massa de pregas e recantos naturais, e a colocação fortuita de suportes de archote ao longo da mina deixava intervalos suficientes entre a luz para se esconderem de certa forma.

Acocoraram-se próximo da entrada da caverna e espreitaram lá para dentro. Rodavam animais nos espetos; ferviam legumes em tinas.

Tiras de carne vermelha pendiam de ganchos sobre brasas fumegantes e, noutro sítio, ardiam grandes fogueiras. Decapitavam-se e evisceravam-se peixes, as suas tripas atiradas para o lado e deslizando na imundície acumulada que atapetava o chão. Estavam ali dúzias de seres minúsculos, os seus rostos franzidos em aglomerados enrugados, os olhos vagos e as expressões estranhamente imóveis. Eram trigueiros e escanzelados, parecendo crianças amuadas, as suas feições fixas em carrancas permanentes enquanto trocavam ordens entre si na sua linguagem desconhecida. Kaiku observava-os com fascínio, hipnotizada pela sua fealdade, até se aperceber, com um sobressalto, que vários deles a olhavam.

O choque de ser descoberta fê-la dar um pulo de medo.

— Tsata... — murmurou.

— Eu sei — respondeu em voz baixa. — Eles têm olhos penetrantes.

Ficaram muito quietos. Agora, os primeiros que os tinham avistado retomavam o seu trabalho, e outros atentavam neles. A sua presença não pareceu despertar qualquer tipo de alarme. Passado algum tempo, foram completamente ignorados. Kaiku voltou a respirar. Estava em parte à espera daquela reacção pelas experiências que tivera com eles quando penetrara no mosteiro dos Tecedores em Fo, mas era ainda profundo o seu alívio.

— Eles não se mostram preocupados — observou Tsata, atento a alguma artimanha.

Kaiku engoliu em seco com dificuldade.

— Parece que estamos com sorte—disse.—Os Tecedores nunca tiveram grande necessidade de guardas. As suas barreiras mantiveram tudo e todos afastados durante centenas de anos. De não precisarem de recear durante tanto tempo, esqueceram-se de como isso se fazia.

Levantou-se e saiu do esconderijo. Os golneri ignoraram-na. Lentamente, Tsata reuniu-se-lhe, e atravessaram juntos a cozinha subterrânea, esperando a qualquer momento que surgisse um clamor. Mas a indiferença dos golneri foi total.

— Eu não contava com isso, Kaiku — afirmou Tsata. — Acho que eles estarão a guardar muito ciosamente a pedra mágica, e não confiarão a tarefa a estes homens baixos ou aos Aberrantes.

Efectivamente, pensou Kaiku, e as palavras dele recordaram-lhe algo que estivera a tentar retirar do subconsciente desde que estavam nesta missão. Haveria provavelmente ali Tecedores. Podia ter vencido um demónio com o seu kana, mas eram coisas menores. Não ousava opor-se sequer a um Tecedor. O risco era demasiado grande, mesmo para ela.

No entanto, precisavam de saber. Precisavam de saber se as histórias que Asara trouxera do outro continente eram verdadeiras. Precisavam de saber se os Tecedores possuíam quaisquer vulnerabilidades. Pela sua jura a Ocha, pela sua

família morta, pelos amigos que poderiam neste preciso momento estar a morrer no outro extremo da Falha, tinham de desferir um golpe.

Tinham de destruir a pedra mágica, desse por onde desse.

CAPITULO 31

Pela segunda vez na sua vida, o Barak Grigi tu Kerestyn estava montado no seu cavalo no meio de um exército e olhava para a cidade de Axekami.

Era bela à luz do princípio da manhã. O olho de Nuki erguia-se directamente por detrás a leste, o esplendor transformado em raios pelos pináculos e minaretes da capital, lançando uma longa sombra como dedos que se estendiam em direcção aos milhares que vinham tomá-la. O ar apresentava-se brumoso e beatífico, um brilho frágil que fazia promessas do Inverno que havia de vir, em que os diasseriam quentes e calmos e os céus nocturnos transparentes como o cristal.

Axekami. Grigi sentiu o desejo inflamar-lhe ooração só de formar a palavra na sua mente. Aquelas muralhas beges altaneiras que já antes se lhe haviam atravessado no caminho; a confusão de ruas e templos, bibliotecas e banhos, docas e praças. Uma profusão caótica de vida e indústria. Os seus olhos subiram a colina até aonde se situava o Bairro Imperial, sereno e ordenado debaixo da falésia onde assentava a Fortaleza, o seu lado mais distante em chamas com a luz do sol e a superfície ocidental na sombra.

O seu olhar demorou-se nela, absorvendo a visão da sua magnificência, vagueando pelo templo a Ocha que a coroava e aos cantos as Torres dos Ventos de onde se elevavam finas agulhas. O Jabaza, visível ao longe, serpenteava de norte, e o Zan seguia para sul, juncos e barcas aguardando indolentemente próximo das margens. Axekami fora muito bem fechada desde a noite da véspera, como sempre sucedia em alturas de ameaça, e não entrava nem saía nenhum tráfego fluvial. Como desejava aquela cidade e a ansiava como se fosse uma amante que há muito lhe era negada. Já antes o trono escapara ao Sangue Kerestyn, mas agora estava aqui para restituir à sua família a glória que merecia. Sentiu um júbilo, uma certeza da justiça da sua causa. A revolta em Zila só viera mostrar como era fraco o domínio de Mos sobre o seu império. O facto de ter encarregue do assunto os Baraks locais e não enviar nenhuma das suas tropas só fazia com que a situação piorasse para o seu lado.

Como a população de Axekami iria receber bem Grigi desta vez, ao invés de se unir para lutar contra ele como sucedera antes. E a única coisa que se lhe opunha eram os vinte mil homens acampados entre ele e o seu troféu.

— A história repete-se. — Sorriu, animado com a proximidade do seu sonho. — Só que há cinco anos no Verão, você estava daquele lado.

— Mais ou menos — referiu o Barak Avun, as rédeas da sua montada agarradas num punho ossudo. — Esperemos que a história seja mais generosa connosco desta vez.

— A partir de hoje, iremos escrever a história — afirmou Grigi expansivamente, e incutiu um galope brando ao seu cavalo.

Os dois cavalgaram juntos pela retaguarda das linhas de combate, um enorme

e obeso, o outro magro e asceta. Os seus Tecedores não andavam longe, acompanhando o ritmo, macabramente curvados nas suas selas. Estavam disponíveis para coordenar as instruções entre a multidão de Baraks e Barakesses cujas forças eram aliadas.

As famílias superiores tinham-se reunido à volta do estandarte de Kerestyn como alternativa à inépcia de Mos. Se existiam quaisquer dúvidas, desfizeram-se quando a Imperatriz Laranya caiu da Torre do Vento do Leste. Os rumores do estado mental de Mos tinham-lhes chegado muito tempo antes, mas o aparente suicídio da esposa em resposta ao espancamento de que fora alvo constituiu a derradeira prova de que o Imperador do Sangue estava louco. Grigi confiava que fossem aguentar firmes, porque não existia outra opção. Nenhuma das outras famílias superiores, incluindo o Sangue Koli, contava com o apoio ou o poder para se abalançar ao trono. Mesmo que um ou todos o traíssem neste momento, as famílias dividir-se-iam simplesmente numa querela equilibrada e autodestruidora, e eles sabiam-no.

Era Grigi ou Mos.

Os exércitos encontravam-se na erva verde-amarelada das planícies a oeste de Axekami, onde antes tanto sangue fora derramado. Os meros números presentes ultrapassavam a vista, milhares e milhares, um somatório de humanidade demasiado grande para ser abrangido.

Cada homem um rosto diferente, um passado diferente, um sonho diferente; no entanto, aqui eram anónimos, definidos apenas pelas cores pintadas no couro da sua armadura ou no matiz das faixas que alguns usavam atadas à volta da cabeça. Grandes extensões de guerreiros, presos pelo juramento de sangue às famílias que os governavam. Cada um uma arma para os seus nobres empunharem, e, nas suas mãos, uma arma própria. Divisões de atiradores, espadachins, a cavalo e em manxtbwa, homens para operar canhões e morteiros; apresentavam-se em formações de acordo com a sua vassalagem ou a especialidade, a disciplina absoluta, a dedicação total. Porque estes eram soldados do Saramyr: as suas vidas estavam subordinadas à vontade dos seus amos e amas, e aos olhos deles, a desobediência ou a covardia eram piores do que a morte.

Os defensores estavam predominantemente vestidos de vermelho e prata, as cores do Sangue Batik. Os poucos que envergavam outras cores eram aqueles cuja lealdade obstinada ao trono imperial os deixara cegos aos defeitos de Mos, ou aqueles cujo ódio ao Sangue Kerestyn os havia levado a unir-se contra ele. Mos mantivera os Guardas Imperiais dentro da cidade, mas enviara as restantes forças para o campo de batalha. Mos sabia que, se deixasse os usurpadores sitiar a cidade, com o começo da fome e a sua impopularidade entre o povo que governava, seria apenas uma questão de tempo antes do fim.

Mos não se iria deixar encurralar. Decidiu antes-enfrentar directamente o inimigo. Apesar de enfraquecido pela cisão das suas forças, possuía um exército quase igual ao das forças combinadas que Kerestyn reunira contra si. Mas Grigi

tinha um truque na manga. Tinha o Tecedor-mor.

Ó deuses, a traição era espectacular. Grigi não podia sequer começar a imaginar como Kakre preparara a morte da Imperatriz, mas isso deixara Mos suficientemente enfraquecido. O tempo todo, Kakre conspirara com Grigi e Avun tu Koli, celebrando acordos secretos, tramando para se livrar do impopular Mos e instalar um novo governante poderoso, que seria Grigi.

Como um rato a abandonar um navio que se afundava e a nadar para um novo.

Claro, semelhante desonestidade tornava-os perigosos. E os Tecedores não eram os únicos a usar de astúcia. Assim que se encontrasse firme no lugar certo, Grigi aproveitaria a traição de Kakre a Mos como pretexto para se livrar dos Tecedores de uma vez por todas. O povo exigi-lo-ia. Grigi não queria ver o seu próprio navio afundar-se com o peso dos ratos que haviam subido para bordo. Olhou para Avun, os seus olhos miúdos brilhando no meio das pregas do seu rosto. Avun retribuiu o olhar sem pestanejar. Como se tivessem sido chamados, os dois Tecedores avançaram, um com o rosto de um demónio a fazer um esgar, o outro com um rosto facetado cravejado de pedras preciosas, uma Máscara de uma riqueza incalculável.

Avun baixou imperceptivelmente a cabeça a Grigi. A voz deste tremeu de excitação quando se virou para os Tecedores e falou.

— Comecem.

O tumulto crescente dos exércitos quando se aproximaram um do outro elevou-se até ao céu chegando até Mos, que se encontrava numa varanda da Fortaleza Imperial e olhava para a batalha distante. Os seus olhos estavam encovados, e a barba, rala e lisa; um suave sopro de ar da cidade lá em baixo agitou-lhe o cabelo que lhe caía inerte sobre a testa. A carne parecia pender agora da sua estrutura ampla e entroncada, e segurava um copo de vinho escuro numa mão, tratando-o delicadamente como se fosse o filho que matara. Mas o seu olhar estava desanuviado e, apesar da dor tão acentuadamente estampada nele, parecia mais o homem que fora noutros tempos e não o dos últimos dias.

Quão ridículo se afigurava, pensou. As planícies que rodeavam Axekami eram tão a direto que não se podia verdadeiramente aproveitar a vantagem do terreno, por isso Kerestyn limitara-se a marchar até à cidade, Mos a mandar sair os seus homens, e tinham ficado ali à espera de se matarem uns aos outros. Uma civilidade idiota. Se tivesse intervindo qualquer paixão, as forças inimigas não haveriam hesitado em destruir-se ao avistarem-se; mas não havia paixão na guerra, pelo menos do sítio onde ele se encontrava. E assim, alinharam as suas peças, fazendo os preparativos para o ataque, e só começaram quando estavam todos a postos. Teria bastado para o fazer rir, se ainda restasse nele algum contentamento.

O ataque pareceu estranhamente irreal, como aves-correio largadas das suas gaiolas. As fileiras da frente dissolveram-se simplesmente numa corrida louca

quando foi dado o sinal de ataque, e foram correspondidos pelos seus congêneres do outro lado. A detonação distante dos canhões precedeu os clarões das chamas quando secções das tropas de ataque foram imoladas.

Os atiradores disparavam, recarregavam, disparavam, trocavam de arma quando a pólvora se lhes acabava.

Os cavaleiros deslocaram-se para os flancos. Os que seguiam montados em manxtbwa atacaram por entre os soldados de infantaria, as suas montadas transformadas de dóceis animais de carga em montanhas furiosas de músculo com pêlo no calor do combate, dando coices com os cascos dianteiros espatulados, os seus focinhos tristes e de ar ilusoriamente sábio mostrando os dentes. Daqui de cima, era possível ver as formações a deslocarem-se numa dança lenta, dispondo-se à volta da grande massa central onde os soldados de infantaria cravavam as lâminas ensanguentadas num delicado baile de esgrima.

— Não pareceis nada preocupado, meu Imperador — afirmou Kakre, saindo para a varanda. O nariz de Mos franziu-se ligeiramente com o odor pestilento que dele emanava.

— Talvez porque não me interesse— replicou Mos. — Ganhar, perder, o que importa? A terra continua afectada pela moléstia. Talvez Kerestyn me mate, talvez eu o mate. Não lhe invejo a tarefa que o espera ao envergar o meu manto.

Kakre olhou-o com estranheza. Não lhe agradava nada o tom na voz de Mos. Era por demais leviano. Desde a morte de Laranya, Kakre cessara de distorcer os sonhos do Imperador, confiando no próprio desânimo dele para se tornar flexível sem o risco de lhe manipular directamente a mente. Durante um tempo, resultara: mal questionara Kakre quando fora aconselhado a enviar um exército para fazer frente aos Baraks do deserto, nem sequer verificara o tamanho do exército do próprio Kerestyn. E no entanto, agora, apesar das suas palavras, aquele desânimo parecia tê-lo abandonado.

Talvez estivesse apenas a ser fatalista, raciocinou Kakre. Tinha bons motivos para o ser, oh, se tinha. A mente de Kakre encontrava-se noutra lugar, noutra batalha, onde, no mesmíssimo instante, o último espinho na garganta dos Tecedores estava prestes a ser removido. Como tudo mudara a seu favor, porque os Ais Maraxa foram suficientemente tolos ao exporem-se incitando Zila à revolta. Kakre prometera a Mos que iria tratar da causa daquela revolta e falara a sério. Contactara Fahrekh, o Tecedor do Sangue Vinaxis, e todos os outros na vizinhança e dera-lhes uma instrução simples: capturar os líderes vivos, e pôr a sua mente a nu. O acaso entregara-lhes Xejen tu Imotu, mas podia perfeitamente ter sido um de meia dúzia de outros. Há muito tempo que os Ais Maraxa se tinham tornado incômodos: estavam demasiado bem escondidos, e Kakre não tinha tempo para os fazer sair, especialmente por a sua ligação à Imperatriz-Herdeira poder ter sido uma pista falsa.

Mas o zelo acabara por ser o fim deles, e agora iria ser o fim da sua salvadora divina. Porque Lúcia estava viva, e além disso, Fahrekh descobrira o paradeiro dela.

A ocasião era ligeiramente inconveniente. Kakre teria preferido enviar para o Recesso um número de Aberrantes ainda maior do que aquele que haviam conseguido reunir, mas o grosso da sua força fora necessário noutra local. Mesmo assim, eram mais do que suficientes; suficientes para superar os esporádicos erros e reveses, como o massacre dos Aberrantes nos desfiladeiros a oeste da Falha. Kakre não queria simplesmente correr o risco de matar a Imperatriz-Herdeira para que depois os Libera Dramach a usassem como mártir. Também queria os Libera Dramach para esmagar aquela última resistência, para capturar os seus líderes e obrigá-los a divulgar os co-conspiradores até toda a rebelião ser esmagada. E, com um pouco de sorte, mais sorte do que ousava acalentar, podia até encontrar aquela malvada Tecedora que matara o seu antecessor.

Hoje, no intervalo entre o nascer e o pôr do Sol, todos os problemas dos Tecedores desapareceriam. Quase se esquecera da sua predisposição para a desconfiança quando sentiu a aproximação mental de outro da sua espécie. Rápido como a faísca de uma sinapse, mergulhou na Teia ao encontro dele, circulando pelas correntes do vazio até as duas mentes se reunirem num emaranhado de fios, atando e misturando, transmitindo informação, depois afastando-se para a retirada. Kakre voltou a si mesmo numa questão de momentos, a raiva ganhando vida dentro dele. Convergiu de novo a sua atenção para a batalha, olhando intensamente as minúsculas figuras que lutavam e morriam lá em baixo.

Quilómetro e meio a noroeste do combate, surgira um imenso coágulo de vermelho e prata, movendo-se rapidamente em direcção à retaguarda das forças do Sangue Kerestyn. Oito mil tropas do Sangue Batik, como se vindas de lado nenhum. Da Fortaleza Imperial, conseguiam avistar vinte e cinco quilómetros até ao horizonte, e não houvera nenhum sinal de tropas até àquele momento.

— Mos! — retorquiu. — O que é isto?

Mos olhou-o com segura.

— Isto é como vou vencer Grigi tu Kerestyn — respondeu.

— Como? — retorquiu Kakre, os seus dedos transformados em garras no parapeito da varanda.

— Parece-me derrotado, Kakre — observou Mos, ironicamente cortês. — Aconselhava-o a não descarregar em mim as suas agressões como fez anteriormente. Posso ser Imperador por muito tempo mais, não obstante os seus melhores esforços para o contrariar, e seria bom não me irritar. — Sorriu de repente, um ricto desconsolado. — Estamos entendidos?

Kakre estivera a escutar, incrédulo, mas entretanto recuperou a voz.

— O que fez, Mos? — exigiu saber, em tom áspero.

— Oito mil mantos a condizer com a cor da erva nas planícies — afirmou. Não parecia nada o homem derrotado de há escassas horas. Agora a sua voz saiu monótona e fria. — Não enviei os meus homens ao encontro dos Baraks do deserto. E também não os mandei atrás de Reki. Fi-os voltar rapidamente. Tinha cá uma

intuição de que Kerestyn podia saber desta oportunidade, e aparecer com números superiores ao que eu esperava. Antes da alva, mandei-os sair e esconder-se debaixo das capas e esperar. Só os veria se estivesse perto.

Os olhos de Kakre chispavam dentro dos buracos pretos da sua Máscara.

— E então os Baraks do deserto? — sibilou.

— Eles que venham. — Mos encolheu os ombros. — Irão encontrar Kerestyn destruído e eu a governar Axekami sem ninguém para me desafiar. É claro, os meus Tecedores leais a meu lado.

— Esta última parte foi dita num tom insultuosamente sardónico. — Às vezes é preferível não deixar que saibam tudo, Kakre. Um bom governante sabe disso.

E não se esqueça de que ajudei a engrandecer o Sangue Batik muito antes de o conhecer.

— Sou o seu Tecedor-mor! — atroou Kakre. — Preciso de saber tudo!

— Para o poder virar contra mim? Não me parece— afirmou Mos, a sua voz calma e mortífera. Era um homem que já não tinha mais nada a perder, e mesmo o terror dos Tecedores já não o dominava agora.

A Fortaleza Imperial lançara ambos na sombra, mas a ira de Mos tornava-o ainda mais sombrio.

— Não sou tolo. Sei o que está a fazer. Negoceia com Koli e Kerestyn para se livrar de mim. — Os olhos encheram-se-lhe de lágrimas do ódio puro. — Não devia ter desistido, Kakre. Não devia ter acabado com os sonhos. — Aproximou-se mais, inspirando o fedor a carne impura, mostrando ao inimigo que não tinha medo.

— Sei que foi você — segredou.

A máscara de morte de Kakre, com a sua expressão boquiaberta, virou-se inexpressivamente para ele.

— Posso matá-lo num instante — disse o Tecedor-mor, as palavras saindo da boca negra cavernosa carregadas de veneno.

— Mas não ousa — contrapôs Mos, endireitando-se e afastando-se dele. — Porque não sabe neste momento quem será Imperador ao anoitecer. E não irá usar em mim o seu maldito poder de distorção da mente, porque não sabe se resultará. Você cometeu um deslize, Kakre. Não encobriu o seu rasto quando saiu. — Quase tremia de repulsa. — Eu lembro-me. Lembro-me dos seus dedos imundos dentro da minha cabeça.

As memórias voltaram; não as enterrou suficientemente fundo.

Virou-se novamente para a batalha, as lágrimas marejando-lhe ainda os olhos.

— Mas preciso de si, Kakre. Que os deuses me salvem, preciso dos Tecedores. Sem si, não é possível contactar o Okhamba e o Consórcio Comercial suficientemente depressa para evitar a fome. Não é possível manter esta terra unida se o povo começar a passar fome. Haverá caos, tumultos e chacinas. — Respirou

entrecortadamente, e as lágrimas transbordaram, dois trilhos gémeos perdendo-se nos pêlos da barba dele. — Denunciá-lo, levar as casas dos nobres a rebelarem-se, provocaria a morte de milhões.

A reação de Kakre foi ilegível. Encarou o Imperador durante um bom bocado, mas este só tinha olhos para a batalha lá em baixo. Por fim, Kakre convergiu também para lá a sua atenção.

— Observe com atenção, Kakre — disse Mos entre os dentes cerrados. — Ainda me resta jogar uma última partida.

O ruído da batalha era imenso, um ronco agressivo e constante sustentado pelo atoar da artilharia e conjugado com o raspar de aço em aço, os gritos dos mortos e moribundos, os disparos secos das espingardas. No campo de matança no seu centro, os homens defrontavam-se e lutavam no meio de uma multidão de aliados e inimigos, um mundo de desordem onde cada ângulo podia trazer um novo ataque, os sobreviventes devendo o prolongamento da vida à sorte, bem como à perícia.

As setas cravaram-se nos ombros e coxas como aves em voo picado mergulhando para apanhar peixe. As espadas cortaram carne, causando a morte de maneiras bem mais brutais do que a ficção ou a história as iriam apresentar. Escasseavam as decapitações metódicas e os golpes mortais rápidos; os golpes faziam ricochete, cortando a carne do antebraço ou cravando-se até meio do joelho de um homem, abrindo o rosto de alguém do malar esquerdo à orelha direita num ressaltar de osso desfeito ou cortando uma artéria e deixando um homem ferido e pálido a esvair-se em sangue, na erva das planícies.

As chamas irrompiam com a explosão das granadas, a geleia ígnea colando-se à pele e cozendo-a, os homens agitando-se e gritando enquanto as suas línguas enegreciam e os globos oculares saltavam e escorriam a crepitar pelos rostos. O ar encheu-se de fumo, de sangue e do cheiro adocicado e enjoativo dos corpos calcinados, e a batalha continuava encarniçada.

— Preciso dos Sangues Nabichi e Gor aqui e já — ordenou Grigi ao seu Tecedor. A sua voz aguda e efeminada fazia com que parecesse em pânico, mas estava muito longe disso. Grigi era muito difícil de intimidar, e o surgimento aparentemente inexplicável de oito mil tropas do Sangue Batik atrás deles não passou de uma jogada astuta que deveria ser contrariada. Tinha já uma força em movimento para os retardar enquanto virava os seus canhões e os apontava. Esta luta ia sair mais cara, mas ainda podia vencê-la com uma liderança arguta.

— Aquele tolo do Kakre vai pagá-las — prometeu, virando a sua montada. Não se importou que os outros Tecedores o pudessem estar a ouvir, tanto o do próprio Sangue Kerestyn como o Tecedor da Máscara de pedras preciosas do Sangue Koli. — Por que não me avisou ele das tropas extra? E onde está a intervenção prometida? — Deitou um olhar fuzilante ao Barak Avun, culpando-o pelos erros de Kakre; afinal, fora através de Avun que Kakre o contactara.

Avun, que estivera a observar a batalha com os seus olhos encovados e sonolentos, virou-se e sorriu com malícia a Grigi.

— Haverá uma intervenção — referiu Avun. — Só que não a que imagina. — Fez um gesto ao seu Tecedor.

A dor penetrante no peito de Grigi dificultou-lhe a respiração. As suas inúmeras papadas juntaram-se quando arfou, agarrando a armadura de couro. Espalhava-se-lhe uma forte agonia pela clavícula, descendo o braço esquerdo, entorpecendo-lhe a mão. Tinha os olhos arregalados da incredulidade. Fizeram sinal ao seu próprio Tecedor, a súplica desesperada estampada neles, mas o demónio de expressão caricata olhou-o impiedosamente. Grigi tentou proferir meia imprecação quando a força se lhe escoou dos membros.

— A história repete-se, Grigi — afirmou Avun. — Mas parece que não aprendeu com ela. Obrigou-me a trair o Sangue Amacha da última vez que aqui estivemos; já devia saber que não sou de confiança.

O rosto de Grigi ficou vermelho, os olhos salientes ao lutar por ar que parecia não querer vir. O coração era uma estrela brilhante de agonia no seu peito, enviando faixas de fogo através das suas veias. Os sons da batalha tinham diminuído, e a voz de Avun era fraca nos seus ouvidos, como se vinda de muito longe. Agarrou a sela quando a percepção o atingiu como uma martelada: ia morrer aqui, agora, rodeado destas três figuras impassíveis montadas. Ó deuses, não, não estava preparado! Não fizera o que necessitava de fazer! O seu troféu estava à vista, e ia ser-lhe roubado, e não conseguia sequer emitir um som para dar voz ao desafio lançado ao seu atormentador.

O seu Tecedor. Era suposto o seu Tecedor defendê-lo. Eles eram leais, sempre. O próprio tecido da sua sociedade dependia disso. Se um Tecedor não servisse o seu amo em tudo, então os Tecedores eram demasiado perigosos para existirem. Até se chegavam a matar uns aos outros ao serviço da família que os sustentava. Mas este estava a deixá-lo morrer.

Como conseguira Avun persuadir o seu Tecedor? Como?

— Constatará que as ordens que enviou não chegaram aos receptores a que se destinavam — dizia Avun languidamente. — E muito provavelmente irão ficar bastante surpreendidos quando as minhas tropas os atacarem, e forem ensanduichados entre os homens de Koli e Batik a oeste e a força principal de Mos a leste. Será uma verdadeira chacina. — Arqueou um sobrolho. — Está claro que você não irá viver para o ver.

O seu coração não resistiu ao calor da batalha. Também não admira, para alguém tão gordo.

A dor no corpo de Grigi não era nada comparada com a dor na sua alma, a frustração genuína e cauterizante e a raiva e o terror misturando-se todos para o queimar. Agora, a sua visão diminuía, ficando negra, e por mais que lutasse contra isso, por mais que tentasse gritar e emitir um som, estava mudo. Os homens do

Sangue Kerestyn encontravam-se a escassos metros e, no entanto, nenhum reparou nele, nenhum viu o que os Tecedores estavam a fazer, estendendo uma mão invisível dentro dele para lhe comprimir o coração. Para eles, estava apenas a conferenciar com os seus ajudantes e, se tinha uma expressão aflita e arfante, algo como um peixe fora de água, nesse caso eles não se encontravam suficientemente perto para reparar.

Olhou para Axekami, e agora estava escura, os dedos ensombrados das suas flechas estendendo-se sobre a carnificina para o envolverem. Por duas vezes a ambicionara; por duas vezes lhe fora negada. A inconsciência era uma bênção. Não deu por que tombava para a frente e depois deslizava da sela, o seu corpo montanhoso embatendo na terra; não ouviu os gritos de alarme de Avun, as palavras falsas aos homens de Grigi ao reunirem-se à sua volta; não o viu abandonar a multidão com o seu Tecedor, para decidirem a batalha com perfídia.

Havia apenas uma crescente luz dourada, e os fios que pareciam preencher tudo, levando-o como cílios falópicos em direcção ao que ficava para lá do olvido. O capuz de Kakre agitava-se à volta da sua Máscara, sacudido pelo vento enquanto observava o desenrolar da batalha. O olho de Nuki estava agora lá em cima. Fazia calor ao sol directo, e a túnica abafada de Kakre era absolutamente inapropriada, mas não se retirou. Nem tão-pouco Mos. Ambos recebiam informações: Mos, através dos seus mensageiros; Kakre, através da Teia. A manhã passara, e as forças comandadas pelo Sangue Kerestyn foram dizimadas. Os exércitos de algumas das mais proeminentes famílias superiores na terra foram despedaçados. Os próprios Kerestyn, que haviam envolvido quase todas as suas tropas nesta empresa, não se conseguiriam reerguer durante décadas, se alguma vez isso fosse acontecer. Enfraquecidos, não seriam capazes de continuar a impor-se nos acordos perversos e aniquiladores dos nobres e seriam eliminados.

Avun tu Koli fora esperto. Quaisquer que fossem os seus acordos, conseguira levá-los a cabo sem que Grigi descobrisse. Não fora apenas o Sangue Koli a virar-se contra o Kerestyn, mas também diversas outras famílias, fazendo pender a balança o suficiente a favor do Imperador, de modo a ser praticamente impossível ao Sangue Kerestyn conseguir inverter a situação. Os exércitos enfurecidos batiam agora em retirada, os aliados de Grigi abandonando-o à medida que a causa ficava perdida. Kakre reparou que as tropas do Sangue Koli estavam quase absolutamente intactas; Avun tu Koli afastara-as do conflito, deixando que os outros se encarregassem da batalha, contentando-se com o estatuto de observador e preservando os seus homens.

— Fostes vós — disse por fim Kakre. — Agora me lembro. Tive conhecimento de uma mensagem para Avun tu Koli, enviada da Fortaleza, mas não a consegui interceptar.

— Sentiu uma pontada de preocupação por se ter esquecido dela até àquele momento.

— Avun tu Koli sempre foi um cão sem honra — replicou Mos. — E isso torna-o fidedigno. Ele escolherá sempre o lado vencedor, independentemente das

suas anteriores lealdades. Só precisei de o convencer de que venceria. Olhe para ele, a guardar os seus homens. Depois disto, o Sangue Koli será a família mais poderosa a seguir aos Batik, e ele sabe-o. — Coçou a barba, que ficara áspera e toda salpicada de branco, como se mirrada pela sua dor. — Você tentou, Kakre, e foi uma excelente tentativa. Mas está preso a mim, e eu estou preso a si. Independentemente do que tenha feito, precisamos um do outro. As palavras ficaram-lhe entaladas na garganta: independentemente do que tenha feito. Como se ele pudesse esquecer tão facilmente o assassinato da mulher que amava tanto. Como se alguma vez pudesse voltar a amar, ou sentir algo a não ser tristeza, ódio e vergonha. Preso aos Tecedores numa simbiose de aversão mútua, só via mal no seu futuro; mas havia que suportar o mal, a bem do poder. Perdera já um filho, uma esposa e um filho nascituro.

Tais coisas podiam levar homens melhores do que ele à ruína. Mas tinha sobrinhos, e outros parentes capazes de segurar as rédeas do Império quando morresse; tinha uma obrigação para com a sua família, para com os Sangue Batik. Não abdicaria do trono enquanto continuasse a respirar.

— Estais enganado — afirmou Kakre, a sua voz um ruído seco. — E os vossos mensageiros virão dizer-vos porquê.

Um toque de campainha urgente do lado de fora do aposento, atrás deles, fez Mos virar-se. Entrou na sala, saindo do sol para o ambiente fresco proporcionado pelo lach das paredes, do chão e das colunas. Parou a meio caminho do cortinado na ombreira da porta e virou-se, vendo Kakre transpor o arco atrás de si.

— O que vem a ser isto, Kakre? — quis saber. Subitamente, sentiu medo. — O que vem a ser isto?

Voltou a ouvir-se a campainha. A mão branca escanzelada de Kakre saiu das pregas da sua túnica e indicou a porta.

— Diga-me! — berrou Mos ao Tecedor-mor.

O mensageiro pensou que fosse um convite para entrar, afastou apressadamente o cortinado e entrou, empalidecendo ao ver Mos virar-se com um olhar furioso para ele, e apercebeu-se então do seu erro.

Mas estava já aterrado, e transmitiu a sua mensagem irreflectidamente como se ao entregá-la pudesse expelir de si o seu significado e eliminar o horror veiculado pelas suas palavras.

— Aberrantes! — exclamou. — As docas estão cheias de Aberrantes. Milhares! Estão a matar tudo o que se mexe!

— Aberrantes? — uivou Mos, virando-se para Kakre.

— Aberrantes — retorquiu Kakre, muito calmamente. — Trouxemos barcas cheias deles para Axekami a noite passada, e depois vós fechastes as portas e trancaste-os cá dentro. Ireis constatar que muitos mais estão agora a desembarcar na margem ocidental do Zan e a dirigir-se para os soldados no exterior de Axekami. Irão matar todos os que não usarem as cores do Sangue Koli.

— Koli? — Mos sufocava da grande enormidade que Kakre estava a dizer.

Aberrantes? Em Axekami? O inimigo mais terrível da civilização mesmo no coração do próprio império? E os Tecedores tinham-nos trazido para aqui?

— Sim, Koli — retorquiu Kakre. — Precisamente o traiçoeiro. Sempre pronto a espezinhar os cadáveres dos seus aliados para vencer, como um verdadeiro Saramyr. Ele esteve o tempo todo do meu lado.

Mos ficou com a terrível impressão de que Kakre sorria por detrás da sua Máscara.

— Não nos iludamos, Mos — articulou ele. — Os Tecedores estão a ver no que o Saramyr se está a tornar. Em breve, iríeis tentar livrar-vos de nós.

O povo exigiu-lo-ia. Grigi tu Kerestyn conspirava no mesmo sentido. Isso não pode acontecer.

O mensageiro estava pregado ao chão, a tremer, um jovem de dezoito apanhas a testemunhar um acontecimento de uma importância muito para além de algo que alguma vez pudesse imaginar partilhar.

— Neste momento, os Aberrantes estão a descer das montanhas, das minas, de dúzias de locais onde os reunimos e escondemos da vossa vista. Tivestes a gentileza de participar no processo de demolição dos exércitos permanentes dos nobres com esta charada a desenrolar-se para lá das muralhas de Axekami. Os nossos Aberrantes encarregar-se-ão do resto.

Por um instante, Mos ficou demasiado atordoado para assimilar o que o Tecedor-mor lhe dizia. Depois, com um grito estrangulado de raiva, precipitou-se, um punhal a soltar-se da bainha onde estivera escondido no seu cinto. Kakre ergueu uma mão, e o ataque de Mos transformou-se numa queda em tropeço quando os seus músculos tiveram um espasmo e se imobilizaram. Caiu pesadamente no chão numa posição fetal, o rosto contorcido, o maxilar puxado para um lado, os dedos todos enclavinados, os pulsos virados para dentro e o pescoço torcido, como se fosse um pedaço de papel amachucado e deitado fora. Os olhos reviraram-se feitos loucos, mas apenas conseguiu que um gorgolejo rouco lhe saísse da boca.

O Tecedor-mor debruçou-se sobre o Imperador, pequeno, curvado e infinitamente letal.

— O tempo das famílias superiores chegou ao fim — disse. — A vossa época acabou. Os Tecedores serviram-vos durante séculos, mas nós não vos serviremos mais. O Império termina hoje.

Agitou uma mão, e Mos rebentou. O sangue jorrou-lhe explosivamente dos olhos, ouvidos, nariz e boca, dos genitais, do ânus.

A barriga dele abriu-se ao meio e os seus intestinos rasgados saíram cá para fora num deslizar sangrento; as suas vértebras partiram-se do crânio ao cóccix. Num instante, acabou. O corpo destruído do Imperador jazia no meio do padrão de explosões dos seus próprios fluidos no lach verde da sala. Kakre ergueu a cabeça, a Máscara-cadáver fixa no mensageiro. O choque e a incredulidade no rosto do jovem

eram caricatos. Caiu de joelhos, numa hemorragia imensa.

Reinava o silêncio na sala; mas lá fora, nas ruas da cidade, podiam ouvir-se os disparos das espingardas. Os sinos dobravam. Dava-se o alarme. A intensidade da luz do sol na varanda fazia com que a sala parecesse obscura. Kakre observou os corpos dos homens que matara. Um Imperador e um serviçal, no fim ambos apenas invólucros. Os predadores Aberrantes em Axekami tumultuariam a cidade, esmagando toda a resistência, submetendo a população selvaticamente. Por todo o Norte do Saramyr, exércitos enormes de animais avançavam das Montanhas Tchamil e seguiam ao longo dos rios, uma acumulação de décadas de planeamento e cinco breves anos de movimento irrestrito no seio do império. Hordas monstruosas, irrompendo como metástases de cancro sob a protecção dos Tecedores e dos Nexos.

As mensagens pedindo ajuda não chegariam ao seu destino. Os Tecedores desapareceriam, os seus amos assassinados. Os nobres do Saramyr haviam dependido durante tanto tempo do poder dos Tecedores para comunicar, que não saberiam o que fazer. Durante tanto tempo haviam aceite a subserviência dos Tecedores, que não conseguiriam conceber a rebelião. De repente, ver-se-iam sozinhos, isolados no meio de um país imenso, separados por enormes extensões de quem quer que os pudesse ajudar. Quando se adaptassem, seria demasiado tarde. As famílias superiores seriam derrubadas.

O jogo acabara, e os Tecedores tinham vencido.

Kakre abandonou lentamente a sala. Quando o corpo de Mos fosse descoberto, os Guardas Imperiais retirariam a conclusão óbvia. Mas, nessa altura, ele estaria já de volta aos seus aposentos, e a porta era suficientemente grossa para aguentar os Guardas Imperiais por tempo suficiente até a Fortaleza cair, caso viessem atrás dele.

Além disso, tinha ali à sua espera um petisco comemorativo, que lhe tinham trazido a noite passada expressamente para esta ocasião. Uma jovem, macia como a seda, ágil, bela e perfeita. E que pele a sua, que pele. O Desfiladeiro de Juwacha ficava entre Maxachta e Xaxai, ligando as Montanhas Tchamil no ponto onde estreitavam, estendendo-se do oeste fértil até ao deserto do Tchom Rin a leste. Para além do Colo de Riri na costa meridional, era o único grande ponto de travessia entre as duas metades da terra dividida. Segundo a lenda, o próprio Ocha separara as montanhas com uma pancada do pé, para abrir o Tchom Rin e os Novos Territórios ao seu povo escolhido e dera-lhe licença para expulsar de lá os Ugati aborígenes. O mais provável fora a ocorrência de uma mudança cataclísmica na terra que traçara o percurso sinuoso entre os picos, numa distância de duzentos e cinquenta quilómetros, como se as partes superior e inferior da cordilheira se tivessem simplesmente afastado e o solo de permeio tivesse sido alisado.

O seu ponto mais largo tinha três quilómetros e meio de amplitude, muito embora estreitasse para dois quilómetros no extremo ocidental, onde a sua boca era guardada pela cidade dispersa de Maxachta. Quaisquer obstáculos que tivessem

existido nela aquando da sua descoberta - formações rochosas, núcleos vítreos de rocha vulcânica, picos maciços de pedra preta: imperfeições surgidas na violência da sua criação - há muito foram destruídos com explosivos e nivelados. As montanhas possuíam muitos desfiladeiros para os ágeis, mas para um exército, o Desfiladeiro de Juwacha era a única forma viável de as atravessar sem ter de percorrer oitocentos quilómetros para sul até Riri.

Reki tu Tanatsua chegou ao cimo da crista montanhosa a meio da manhã, com o Sol baixo, descoberto e ardente a incidir-lhe directamente nos olhos. O rosto magro de Reki tinha agora barba, os pêlos crescendo surpreendentemente fortes para um homem jovem. O seu cabelo preto ficara desgrenhado, a madeixa branca pintada para ficar invisível. As suas vestes elegantes tinham desaparecido, trocadas pelas resistentes roupas de viagem dos camponeses, e o seu olhar apresentava-se insensível e sábio, não tanto o de uma criança, mais o de um homem. Subiu os últimos metros até ao cimo, pisando as neves outonais que salpicavam ligeiramente o solo a esta altitude, e ali parou e olhou para trás.

Asara vinha atrás dele, com uma capa de pele de animal, as suas roupas tão simples e resistentes quanto as dele. Trazia o cabelo solto, e a cara sem adornos, mas nem mesmo assim deixava de ser extraordinariamente bela. O esforço da subida não a chegara a cansar. Para lá dela, acima dos picos, Maxachta estendia-se pelas planícies verde-amareladas, minúsculas cúpulas e flechas a brilhar quando abandonaram a sombra carrancuda das montanhas. Tinham passado por ela na antevéspera, evitando-a, desviando-se das habitações, tal como agora haviam escolhido um trilho montanhoso a sul do Desfiladeiro de Juwacha em vez de arriscarem encontrar lá alguém. Era um caminho mais árduo, mas também mais seguro, pois todos os caminhos se tinham tornado agora perigosos.

Reki ofereceu-lhe a mão, e ela aceitou-a com um sorriso. Ajudou-a nos últimos passos até à ponta da crista, e dali seguiram até ao outro lado e olharam para baixo.

A crista montanhosa que tinham escalado ficava a dezasseis quilómetros da extremidade ocidental do desfiladeiro, no ponto onde curvava ligeiramente para norte. Das suas alturas, era possível ver um longo caminho em ambos os sentidos. Asara considerara prudente analisar com cuidado a posição deles e prever quaisquer perigos que pudessem surgir; Reki aceitara sem contestar. Há muito que aprendera a confiar nela nestes assuntos. Ela mantivera-o vivo até aqui, e era surpreendentemente competente para uma mulher da sua idade.

Desejava-a e temia-a em simultâneo.

Mas existia outro motivo subjacente àquela subida. Asara tinha uma desconfiança que não queria partilhar com Reki, e pretendia estar absolutamente certa antes de prosseguir. Os seus olhos de Aberrante eram excepcionalmente penetrantes, e os minúsculos pontos giratórios que avistara ao longe tinham-na feito pensar. Via agora confirmadas as suas suspeitas.

As montanhas ombreavam-se a nascente, formando um estreito vale cinzento. Estava forrado de homens e animais Aberrantes mortos. Aves necrófagas debicavam e arrancavam carne tão fresca que ainda mal entrara em decomposição, ou descreviam círculos em silêncio, como se ansiando pela escolha e não sabendo decidir onde se banquetear seguidamente. De onde se encontravam, os cadáveres eram um aglomerado incoerente, corpos sobre corpos aos milhares.

Milhares de gente do deserto. Homens e mulheres com as roupas do Tchom Rin.

Asara protegeu os olhos e perscrutou o desfiladeiro, procurando estandartes partidos ou cores sumidas. Viu os brasões das cidades de Xaxai e Muio, no meio das outras famílias superiores. Bastaram-lhe alguns momentos para encontrar aquele que procurava.

O do Sangue Tanatsua, esfarrapado e rasgado, estendido sobre vários corpos como uma mortalha. O brasão da família de Reki. E tinha bons conhecimentos da cultura do deserto para perceber que o estandarte só se erguia acima de um exército quando o próprio Barak estava presente. As famílias do deserto tinham marchado rapidamente ao saberem do suicídio de Laranya. Teriam os Tecedores de Kakre preparado também aqui o terreno, manobrando as famílias como Kakre estava a fazer em Axekami?

Parecia, sem dúvida, que este exército avançara a uma velocidade impressionante, mesmo presumindo que a notícia da morte da Imperatriz fora comunicada imediatamente por Kakre aos seus irmãos malvados no deserto. Uma vanguarda, talvez? Uma demonstração de força? As cidades do deserto não iriam declarar guerra com base no que lhes constara. Para agirem, precisariam da prova que Reki levava.

Mas agora, pelos vistos, a sua missão era escusada.

Olhou para ele. A sua visão não era tão boa quanto a dela, mas viu o suficiente. Observou a cena em silêncio durante algum tempo, o seu rosto imóvel, mas as lágrimas marejando-lhe os olhos.

— O meu pai está ali em baixo? — indagou Reki.

— Quem o pode dizer? — respondeu Asara, mas sabia que estava, e Reki percebeu-o pelo tom dela. Podia apenas imaginar o que sucedera: estes homens tinham sofrido uma emboscada dos Aberrantes, esta força, apesar de maciça, fora suplantada pela vaga de monstruosidades que brotava das montanhas. No entanto, como podiam os Aberrantes estar tão organizados, ser tão numerosos, tão intencionais?

Parecia impossível e, todavia, as alternativas eram ainda mais impossíveis.

Reki limpou as lágrimas com as costas da mão. Não chorou o pai, para quem fora uma fonte de infinita desilusão; tinha guardada uma quantidade suficiente de azedume para fingir que não se preocupava.

Chorou antes a morte do seu povo. Chorou ao ver pela primeira vez o custo

da guerra.

Acenderam uma fogueira no cimo da crista, ignorando as consequências, e ali Reki pegou no molho de cabelo que pertencera à irmã e queimou-o. O fedor acre subiu no fino rasto de fumo até ao céu matinal, as pontas do cabelo acendendo-se, encaracolando e enegrecendo. Reki ajoelhou ao lado dele, olhando para o centro das chamas onde o último pedaço que lhe restava da irmã fumegava e passava a cinza. Asara estava junto dele, observando, perguntando-se como se sentiria se viesse a saber que quem assassinara a irmã era a mulher a seu lado. Perguntando-se o que aconteceria se ela tivesse estado sempre na extremidade receptora da vingança que ele prometera.

— A responsabilidade passa para mim — acabou por afirmar. O que seria a causa do meu pai é agora a minha.

Asara observou-o. Reki levantou-se, e os olhos deles cruzaram-se. Manteve o seu olhar firme, e havia ali uma determinação que ela nunca antes detectara.

— Agora é um Barak — disse-lhe tranquilamente.

O olhar dele não estremeceu nem vacilou. Por fim, virou-o para leste, olhando por cima dos picos, como se conseguisse ver para lá deles o imenso deserto do outro lado, onde ficava o seu lar.

Sem uma palavra, partiu naquela direcção, descendo a vertente do outro lado da crista. Asara viu-o ir, reparando na nova posição dos seus ombros e na linha austera do seu maxilar; depois, com um último olhar para oeste, como em despedida, seguiu-o.

CAPITULO 32

Yugi correu disparado ao longo da barricada, o ar um manto de fumo acre e o seu rosto enegrecido e sujo do suor. O ruído seco dos tiros de espingarda atravessava os gritos dos homens e mulheres.

Os Aberrantes urravam e guinchavam ao serem ceifados às dúzias, e mesmo assim não paravam de vir. Yugi pôs a espingarda ao ombro e puxou da espada, pulando por cima do cadáver de alguém cujo rosto fora destruído por estilhaços - tinha deixado sobreaquecer a arma e ela explodira, - e avançou para onde um skrendel saltara a barricada e lutava com Nomoru.

Esta segurava a espingarda laçada entre eles para se defender das chicotadas tipo cauda de escorpião, recuando a cabeça quando a criatura expôs as compridas presas amareladas e tentou mordê-la. Ao sentir a aproximação de Yugi, fugiu precipitadamente numa agitação dos membros fusiformes, apercebendo-se de que estava em minoria; mas Nomoru foi mais rápida, e apanhou-a pelo tornozelo, rasteirando-a, pelo que se estatelou na poeira. Esse tempo bastou para que Yugi lhe enterrasse a espada entre as costelas. Guinchou, com espasmos violentos, agitando as garras na direcção dos dois; mas Yugi colocou o seu peso na espada e prendeu a criatura ao solo, e Nomoru ergueu-se, apontou calmamente e desfez-lhe a cabeça em fragmentos.

— Estás ferida? — perguntou Yugi, esbaforido.

Nomoru fitou-o por um longo momento, os seus olhos insondáveis.

— Não — acabou por responder.

Yugi ia dizer algo mais, mas mudou de ideia.

Voltou a correr para a barricada, embainhando a espada e aprontando a espingarda, e reuniu-se ao resto dos defensores que desfaziam as criaturas que avançavam pelo desfiladeiro na direcção deles.

Um momento depois, Nomoru surgiu a seu lado, e fez o mesmo.

Mas os Aberrantes eram infindáveis. A luta começara de madrugada. Os esforços de Yugi e diversas outras armadilhas e emboscadas dos Libera Dramach haviam retardado o avanço do exército dos Tecedores, mas apenas o suficiente para conseguirem mais uma noite de preparação. Mesmo assim, essa noite permitira que vários clãs e facções que tinham sobrevivido aos anteriores ataques dos Aberrantes alcançassem o Recesso e se reunissem aos Libera Dramach na sua base. Desde o nascer do Sol, Yugi lutara ao lado de alguns dos próprios cultistas-da-morte de Omecha que haviam tentado matá-los várias semanas antes. Batalhara também ao lado de monges guerreiros, eruditos assustados, Aberrantes aleijados e deformados da aldeia vizinha onde estava vedado o acesso aos não-Aberrantes, veneradores de espíritos, bandidos, contrabandistas de narcóticos, e quaisquer outros das três dúzias de tipos de pessoas que ou foram expulsas da sociedade, ou haviam preferido separar-se dela.

A Falha de Xarana, apesar de toda a sua diversidade, conflitos internos e lutas pelo poder territorial, constituía um factor de união: tinham vivido todos na Falha, e isso tornava-os diferentes. E agora, as facções havia posto de lado as suas divergências para lutar contra um inimigo que os ameaçava a todos, e o Recesso era o lugar onde iriam mudar o rumo dos acontecimentos ou morrer a tentá-lo.

Tinham atacado os Aberrantes no Nó, o labirinto de becos de matança que protegia o Recesso a oeste. Ali, as criaturas apenas conseguiam passar umas quantas de cada vez, e os locais onde o caminho se alargava o suficiente para caberem mais de duas ou três lado a lado fora armadilhado com explosivos, arames cortantes ou bombas incendiárias. Havia mais defensores posicionados no cimo do Nó, para abater os incômodos corvos-seláquios que serviam de batedores dos Nexos e cobrir a ferradura de pedra plana contígua à parte ocidental do vale, para o caso de os Aberrantes decidirem abandonar os desfiladeiros estreitos e virem pelo cimo. Na Falha, era necessário pensar numa batalha em termos tridimensionais.

A meio da manhã, os caminhos do Nó estavam entupidos de Aberrantes mortos, mas os defensores foram sistematicamente obrigados a recuar. Yugi começara a receber informações de combates no Norte e no Sul do Recesso, onde o inimigo estava a tentar contornar o Nó só para atacar o vale do lado oriental. Era a primeira manobra táctica que efectuavam. Yugi ficou um pouco mais animado. Os Tecedores não sabiam como se travava uma guerra; só tinham pensado em afastar todos do seu caminho, sem se preocupar com as baixas que sofriam.

Milhares de predadores Aberrantes jaziam ali como testemunho da sua inépcia.

E, no entanto, parecia que, afinal, a suposição de que iriam simplesmente esmagar a oposição pela força dos números sempre estava certa. As munições começavam a ficar em baixo, e não chegavam a alguns sítios que precisavam delas. O número de baixas dos defensores fora ligeiro até aqui, mas quando perdessem a vantagem do alcance das armas e tivessem de passar à luta corpo-a-corpo, os Aberrantes reporiam o equilíbrio.

Em tudo isto, não havia sinal dos Nexos, nem dos Tecedores. Nem, reparou Yugi, da Ordem Vermelha. Mas, afinal, onde estava a ajuda que era suposto Cailin e a sua gente pintada providenciarem? Só tê-las à mão para facilitar a comunicação entre os grupos de lutadores teria sido uma enorme ajuda; mas não se viam em lado nenhum.

Ó vida, se ela nos abandonou, eu mesmo mato aquela mulher, pensou.

Estavam a aguentar este desfiladeiro fazia já mais de duas horas. Existia apenas um número limitado de saídas do Nó, e cada uma delas fora fortificada com um ou mais canhões, bem como muros de pedra construídos à pressa e taludes de terra. Os lados do desfiladeiro erguiam-se a pique de cada lado, e os Aberrantes estavam a ser obrigados a subir por uma superfície irregular de pedra cheia de sangue para chegarem à barricada no cimo. O sol incidira nos olhos do inimigo toda

a manhã, encandeando-os, muito embora estivesse agora lá em cima e em breve fosse começar a fazer o mesmo aos defensores.

As espingardas disparavam em seco, depois eram passadas aos carregadores que voltavam a encher as câmaras das armas e as devolviam de seguida quando a seguinte acabava. Uma pequena pilha de armas fumegava num recanto na sombra, a arrefecer para que o calor dos disparos sucessivos não fizesse explodir subitamente a pólvora de ignição. Três homens cuidavam do canhão por detrás da barricada, que fora moldado com a forma de um demónio do ar, de corpo aerodinâmico e boca escancarada para cuspir as chamas. Metade do desfiladeiro ficara incendiado pelas granadas, enviando espessas nuvens de fumo negro na direcção dos defensores e obrigando-os a semicerrar os olhos. Yugi vira-se forçado a limitar o uso do canhão com receio de, sem querer, proporcionar demasiada cobertura aos Aberrantes.

O fedor quente da gordura borbulhante e da carne enegrecida levou os homens a vomitarem por detrás da barricada, e ao calor do meio-dia o pivete dos sucos gástricos aquecidos era horrível.

— Eles estão a tentar novamente — disse Nomoru, colocando a coroa da sua espingarda debaixo do sôco e fazendo pontaria. Desviou o olho para fitar Yugi.

— Quem me dera agora ter Ficado com Kaiku — afirmou com ar muito sério. Yugi soltou uma gargalhada explosiva, mas o som que saiu conferiu-lhe um tom maníaco e desesperado.

Não obstante o facto de os Nexos ainda não terem sido avistados, a sua presença era por demais notória na forma como os Aberrantes agiam. Atacavam em grande número, regressavam e reagrupavam-se num estilo muito militar, e os seus ataques iam-se tornando mais cuidadosos e organizados à medida que o dia avançava. Yugi desconfiava que os Nexos andavam a esconder-se depois de atiradores como Nomoru lhes terem ensinado quão perigoso era mostrarem-se, mas ainda era possível constatar a sua influência.

Houvera uma curta pausa nos ataques depois de o skrenckl ter conseguido transpor a barricada. Tratara-se de um golpe de sorte, fruto de demasiadas pessoas a trocarem de armas ao mesmo tempo, combinado com a rapidez e a agilidade da criatura. Agora os Aberrantes voltavam, formas escuras a correr à volta das chamas e através dos rolos de fumo. As espingardas dispararam mais uma vez, cravando balas de ferro nos atacantes a alta velocidade, despedaçando carne e partindo osso.

Todavia, desta vez, os Aberrantes não tombaram.

Os defensores levaram demasiado tempo a aperceber-se de que as criaturas continuavam a chegar. Os atiradores e atiradoras fizeram uma pausa, esperando que os Aberrantes caíssem e proporcionassem um tiro certo nos de trás. Depois de Yugi gritar à equipa do canhão, e outra salva de balas não conseguir deter o avanço, Nomoru percebeu o que se passava.

Estavam a usar os mortos como escudos.

Saiu do fumo meia dúzia de ghauregs, cada um empurrando outro dos seus à frente: sacos de músculo inerte que se deslocavam como bonecos ao absorverem a saraivada de balas de espingarda. Os monstruosos humanóides peludos avançavam por cima dos cadáveres amontoados dos seus companheiros, formando uma linha sobre o desfiladeiro por detrás do qual a horda de outros Aberrantes avançava resolutamente. Nomoru abateu dois deles mercê da sua perícia com a espingarda, e outro foi alvejado nas patas por baixo devido ao pensamento sagaz de alguns defensores, mas, assim que tropeçavam, logo eram carregados por outro ghaureg, erguidos e apresentados como alvo de modo a que as criaturas por detrás pudessem prosseguir o avanço.

O canhão atroou, mas foi disparado à pressa antes de os operadores conseguirem baixar o suficiente a elevação; explodiu no meio da horda deixando destroços flamantes e impedindo que conseguissem passar mais, mas deixou igualmente demasiados, que se livraram dos seus fardos quando chegaram à barricada e começaram a escalá-la.

As armas foram arremessadas para o lado e as espadas desembainhadas quando os defensores se aglomeraram para repelir o ataque. Yugi viu um gbaureg agarrar numa mulher Aberrante pela perna e atirá-la contra a parede lateral do desfiladeiro; ouviu os ossos dela partirem-se quando se deu o embate. Depois aproximou-se, esquivando-se do braço enorme da criatura, a sua espada atacando para decepar a mão pelo pulso. O animal urrou de dor, depois deu um sacão quando dois homens vieram por detrás dele e lhe enterraram as armas no dorso. A maxila enorme descaiu, e a luz apagou-se-lhe dos olhos, e caiu por terra com um suspiro borbulhante.

Procurou Nomoru, mas não se via a batedora dura e seca em lado nenhum. O gorjeio de um palreiro avisou-o um instante antes de ele saltar pelo cimo da barricada na sua direcção. Furtou-se ao primeiro ataque da garra, mas o animal empinou-se nas patas traseiras e golpeou com uma garra-foice, que lhe abriu um sulco na camisa e falhou a pele por uma unha negra. O contra-golpe de Yugi foi impedido por um tiro de espingarda vindo da sua esquerda, que atravessou a couraça do crânio da criatura e a fez cair no solo poeirento. Olhou para o seu salvador, sabendo já quem era. Nomoru retirara-se para um recanto mais acima no desfiladeiro e estava ali acocorada, acertando nos Aberrantes um por um. Não tinha jeito para a luta corpo-a-corpo; era muito mais mortífera à distância.

Tranquilizado agora por saber onde ela estava, voltou para a refrega. A barricada cedera sob o peso dos ghauregs que a haviam transposto. O solo encontrava-se já cheio tanto de atacantes como de defensores caídos. Os Aberrantes estavam em forte minoria, e os seus reforços eram impedidos por uma parede de chamas mais abaixo no desfiladeiro, mas sobravam três para cada um deles que morria. Yugi passou por cima de um homem cuja garganta fora rasgada e correu em auxílio de outro que enfrentava uma fúria sozinho. Reconheceu-a pela descrição de

Kaiku: como um javali demoníaco, as múltiplas presas enormes e curvas, as patas como lâminas, o dorso cheio de espinhos e o focinho torcido mostrando os dentes.

A sua tentativa de intervenção foi frustrada quando apareceu algo à sua frente, como se vindo de lado nenhum, uma criatura medonha aos gritos, com tentáculos a girar numa boca redonda e um corpo preto sem pêlos e brilhante. Já estava ferido, enfurecido com a dor; acabou com ele em momentos, mas quando voltou ao seu objectivo original, o homem fora espezinhado pela fúria e jazia ensanguentado e morto numa nuvem de poeira que se levantava.

Preparava-se para perseguir o animal, movido por algum sentido ilógico de responsabilidade por permitir que o homem fosse morto, quando ouviu o lamento crescente dos alarmes de vento, vindo lá de trás, um uivo misterioso e pesaroso que chegava de leste. Juntaram-se-lhe mais, os batedores dos Libera Dramach agitando tubos ocos de madeira em cordas compridas à volta das cabeças para criarem um ruído que podia ser ouvido num raio de quilómetros. Fora uma ideia roubada aos Camareiros-mor dos conselhos imperiais, que usavam versões mais pequenas para impor a ordem na assembleia. Desde aquela manhã que Yugi temia escutá-los.

Algures ao longo da linha de defesa, o inimigo irrompera. Estavam no Recesso, e por detrás das posições dos Libera Dramach. Fora dada a ordem de retirada. Não deixou de ir procurar a fúria. O combate ainda não terminara aqui, apesar de os Aberrantes serem em menor número e estando a diminuir a grande custo dos defensores. A fim de que pudesse restar ainda alguém para se retirar, era preciso que fosse derramado mais sangue Aberrante. Ante a ideia de as ruas da sua cidade estarem a ser espezinhadas pelas patas destes predadores, deixou que a sua raiva e a sua frustração o inflamassem, e, com um grito, Yugi lançou-se na batalha.

A orla do Recesso era uma massa de fortificações, e tal não sucedia na parte ocidental. Os inimigos que viessem das vertentes norte, sul ou leste podiam ser enfrentados no fundo do vale, onde os defensores teriam a vantagem da altura, podendo atacar dos planaltos mergulhando quaisquer invasores num banho de morte. Contudo, quem subisse o extremo ocidental ficaria acima da cidade, negando criticamente aos Libera Dramach a capacidade de usar artilharia com receio de atingir os seus próprios edifícios. Os invasores podiam cair sobre os penhascos cheios de cavernas como um rio numa grande queda-d'água, inundando as escadas e os níveis da cidade. Por causa disso, o extremo oeste era o mais ciosamente guardado de todos; e como ficava mesmo no caminho deles, foi onde o exército de Aberrantes atacou com maior intensidade.

A principal defesa era uma muralha paliçada reforçada, uma camada tripla de troncos de árvores, cravada em buracos abertos na pedra. Fora enorme o esforço necessário para escavar os alicerces, mas na Falha de Xarana a segurança era a prioridade mais importante. Tinham sido colocados andaimes de cana de kamako por detrás da muralha, sustentando passadiços e pequenas roldanas, uma confusão de degraus e cordas. Agora estava cheio de homens e mulheres, vibrando sob o peso

dos pés em corrida. Os canhões atroavam das suas posições no cimo da muralha; balistas arremessavam pedras e explosivos, fazendo-os descrever arcos lânguidos e mortíferos no céu azul sem nuvens. O som das espingardas era um ruído ensurdecedor e constante, misturado com o zumbido sinistro das cordas dos arcos, e o ar fedia a pólvora de ignição queimada e a suor.

Zaelis tu Unterlyn subiu a última escada até ao cimo da muralha, a sua perna coxa conferindo um aspecto estranho à sua subida. O seu coração estava acelerado: o caos a toda a sua volta apavorava-o. Não era nenhum general. Pouco sabia das artes de combate e nunca antes estivera tão próximo do conflito. Deixara a defesa do Recesso nas mãos de homens como Yugi, que sabiam o que estavam a fazer.

Quanto a si, sentiu-se subitamente despromovido e inútil. Era difícil para ele entregar as rédeas de uma organização que criara do nada, ainda que temporariamente. Entre isso e a rebelião súbita e absolutamente inesperada da filha contra a vontade dele, sentiu-se mais do que nunca velho. Não parecia estar a aceitar nada bem a situação.

Nos últimos dias, ou andara a interferir nos planos de batalha de homens que percebiam muito mais do assunto do que ele, ou a entrar em conflito com Lúcia. Nunca antes tendo tido necessidade de a disciplinar, não sabia o que fazer. Ela não era como as outras crianças que ensinara no passado. Até certo ponto, não ousara castigá-la sequer, porque dependia imenso dela para congregar as forças por detrás da sua organização, e afastá-la seria causar a desunião dos Libera Dramach. Estariam certas, Lúcia e Cailin? Era verdade que Zaelis se preocupava mais com os Libera Dramach do que com a própria filha? Tê-la-ia adoptado simplesmente para manter sob controle o seu bem mais importante?

Ó deuses, nem queria pensar no que isso o transformava, mas também não podia rejeitar completamente a ideia. Alskain Mar. Começara tudo em Alskain Mar, quando obrigara Lúcia a usar de novo as suas capacidades, a descera até ao antro de uma criatura de poder inimaginável e cujo intuito não se podia adivinhar.

Como estava com medo do que pudesse acontecer às pessoas do Recesso, pusera-a em risco. Ó vida, o que lhe dera? Mesmo quando se atormentara com a sua escolha, fora por ter estado a pesar o perigo para a sua mais preciosa figura de proa, e não para a sua filha, como deveria ter sido? Durante tanto tempo ela mostrara-se tão passiva e influenciável que quase se esquecera de que existia uma pessoa por detrás daqueles olhos distantes. Não admirava que ela se sentisse traída. Não admirava que se virasse contra ele.

Via-a ficar mais próxima de Cailin a cada dia. Desde Alskain Mar. Mas não podia permitir que o coração de Lúcia pertencesse à Ordem Vermelha; já eram demasiado influentes assim, e revelavam muito pouca dedicação à causa, como sucedia com os Libera Dramach. Só procuravam os seus próprios interesses, a sua própria sobrevivência. E eram cheias de segredos. Cailin não contara a Zaelis os seus planos respeitantes à invasão, e recusara-se a participar nas estratégias de

colaboração. Agora desaparecera por completo quando mais precisava dela. O que mais temia para além de perder Lúcia era perdê-la para Cailin. Mas a questão voltava a incomodá-lo: quem amas, a tua filha ou as pessoas que reuniste para a seguirem?

Continuava a pensar no assunto enquanto avançava para o passadiço e olhava para a muralha paliçada e para oeste, mas o que viu ali afastou-o da sua mente ao mesmo tempo que o sangue se lhe esvaía das faces. Os Aberrantes estavam em todo o lado, uma imensa extensão preta comprimida contra a muralha paliçada, uma horda terrível de presas, músculo e pele couraçada que rangia os dentes e bramava desejosa de sangue. Tinham saído do labirinto de estreitos desfiladeiros e ravinas que conduziam ao Nó e atirado-se contra as paliçadas para serem massacrados. Colunas pretas de fumo subiam no ar, no sítio onde as granadas tinham destruído os atacantes com chamas. As explosões chamuscavam a pedra e faziam voar corpos partidos quando as balistas atingiam o seu alvo.

Na base da muralha, viam-se centenas de criaturas esmagadas e mortas, e ainda mais empilhadas no cimo para aumentar os cadáveres, formando uma vertente de sangue e cartilagem em crescimento contínuo. Estavam a concentrar os seus esforços em vários locais para criar um monte suficientemente grande para vencer a muralha.

A singularidade do seu objectivo suicida era horripilante; mas pior ainda, era imparável.

Ao lado de Zaelis, quatro homens pegaram num caldeirão de metal fundido que fora içado do solo e despejaram-no sobre aquelas criaturas que clamavam por debaixo deles, mas os seus gritos animais só significaram novos contributos para o monte escorregadio que ia já a meio da muralha paliçada.

— Queimem-nos! — gritava alguém. — Tragam azeite e queimem-nos! Continuem a queimá-los!

Zaelis olhou ao longo da muralha para o homem que percorria o passadiço direto a ele. Yugi. Estava sujo e manchado de sangue coagulado, o cabelo no desalinho habitual por detrás da faixa à volta da testa, mas irrompeu num sorriso quando viu Zaelis, e saudou-o calorosamente. Enviou um mensageiro ao longo da muralha paliçada para difundir a ordem, que viera do general no comando das defesas ocidentais, e depois examinou Zaelis.

— Ó vida, está com péssimo aspecto — comentou.

— Não mais do que você — contrapôs Zaelis. Coçou o pescoço barbudo, que provocava comichão do suor. — Ainda bem que voltou inteiro da muralha.

— Zaelis, o que se passa? Onde está a Ordem Vermelha? Precisamos dela para nos organizarmos. Está a demorar imenso a enviar as mensagens de um lado para o outro.

— Eu sei, Yugi. Eu sei — afirmou Zaelis, sem força, afastando-se quando alguém passou por eles murmurando um pedido de desculpas.

— Mas já sabe como elas são.

Yugi anuiu, carrancudo. — Onde está Lúcia? — inquiriu.

— Escondida - disse Zaelis. — Guardada. Não queria ir-se embora. Foi tudo o que pude fazer.

— Ela é sua filha! — referiu Yugi, estupefacto.

— Não podia obrigá-la — replicou Zaelis. — Ela não é uma criança normal.

— É exactamente o que ela é — alegou Yugi. — Tem catorze apanhas, e cada uma daquelas coisas ali fora clama pelo sangue dela! Acha que ela não tem medo? Devia estar com ela e não aqui fora.

Zaelis preparava-se para protestar, mas Yugi antecipou-se-lhe.

— Mostre-me onde ela está — pediu, agarrando o braço do homem mais velho.

— Você tem de ficar! — insistiu Zaelis. a.

— Se ela vai estar protegida, serei eu a protegê-la. — Ia-o empurrando agora para uma escada de mão. — Os Tecedores estão por aí, Zaelis. Se aprendi uma lição com toda esta trapalhada, foi que não se pode manter nada escondido deles por muito tempo.

A cave da casa de Flen estava quente e escura. A pouca luz que entrava vinha das imperfeições na colocação do soalho lá em cima, linhas finas de luz do dia quente penetrando para lustrar os rostos dos dois adolescentes que estavam ali escondidos.

Tal como a maioria das caves no Saramyr, o ar era demasiado seco para o bolor ou a humidade e, apesar de simples, mantinha-se a mesma exigência de limpeza e apresentação que o resto da casa. O soalho e as paredes de madeira foram lixados e envernizados. Havia barris e caixas cuidadosamente empilhados e presos com rede de cânhamo. Garrafas de vinho colocadas em prateleiras, os contornos meio vistos no escuro. Umas escadas davam acesso a um alçapão no tecto, que fora fechado sobre eles há uma hora.

Desde então, estiveram sentados aqui em esteiras de chão, murmurando um com o outro, bebendo esporadicamente goles de sumo de bagas silvestres que lhes tinham arranjado e ignorando o embrulho com comida envolta em papel encerado de que viera acompanhado. Lá em cima, o chiar dos passos dos guardas andava para cá e para lá, chegando a bloquear a luz, pelo que parecia que uma sombra enorme atravessara a cave.

Estavam escondidos, à espera, e escutavam as repercussões dos canhões à distância.

— Espero que ele não fique ferido — disse Flen pela enésima vez. A corrente do pensamento dele voltava sucessivamente ao mesmo assunto, sempre que decorreria silêncio suficiente.

Lúcia não demonstrava qualquer sinal de impaciência, mas não respondeu. Temera que ele pudesse voltar a abordar o assunto. Alguns minutos antes, Lúcia

sentira uma desagradável intuição de que o pai de Flen - o objecto da sua meditação - fora morto. Não o podia afirmar com certeza, mas já não era a primeira vez que os seus instintos a haviam informado de algo que não tinha outra maneira de vir a saber.

Talvez o captasse inconscientemente no sussurro indecifrável das vozes dos espíritos que a rodeavam, algum pedaço de intenção ou significado meio respigado que sugerira a revelação. Afinal, esteve a pensar muito no pai de Flen em nome do amigo.

Flen olhou-a, esperando que o tranquilizasse; mas não o pôde fazer. O sofrimento estava patente nos olhos dele. Hesitou por um momento, depois aproximou-se mais dele e envolveu-o delicadamente. Ele retribuiu o abraço, olhando por cima do ombro para a escuridão que os rodeava, e os dois ficaram enlaçados mais algum tempo na ilha difusa de iluminação, as linhas de luz do Sol lá de cima dando forma aos contornos dos ombros e dos rostos deles.

— Estão a ser todos mortos — murmurou ela. — E a culpa é minha.

— Não — atalhou Flen antes de ela terminar. — A culpa não é tua. Não tens culpa do que os Tecedores fizeram. Eles é que têm culpa de tu teres nascido com as capacidades que possuis; eles é que têm culpa. Tu não fizeste nada.

— Eu comecei tudo isto — disse. — Deixei que Purloch cortasse aquela madeixa do meu cabelo. Deixei-o voltar para os Tecedores com a prova de que eu era Aberrante. Se não o tivesse feito... a Mãe ainda poderia estar viva... ninguém teria de morrer...

Flen agarrou-a com mais força, os seus próprios problemas esquecidos pela necessidade de a acalmar. Acariciou-lhe o cabelo, os dedos deslizando pela pele queimada e arrepanhada na parte de trás do pescoço, deslizando pela superfície sem nervos.

— A culpa não é tua — repetiu. — Não podes evitar aquilo que és.

— Aquilo que sou? — inquiriu, afastando-se dele. Se se tratasse de qualquer outra rapariga, teria esperado ver lágrimas nos olhos dela, mas o seu olhar estava visionário e estranho. Sengria remorsos ou culpa como sucedia com as outras pessoas? Isso deixava-a verdadeiramente triste? Ou aquilo que ele tomara por auto-recriminação não passara de uma simples afirmação da realidade?

Conhecia-a há tanto tempo, e nunca a iria compreender bem.

— Tu mesma o afirmaste. És um avatar.

Lúcia observou-o cuidadosamente, e não respondeu, o que o instigou a explicar-se.

— É como me disseste — referiu. — Os deuses não querem Aricarat de volta, mas não vão interferir directamente. Foi por isso que puseram aqui pessoas como tu. Pessoas capazes de mudar a situação. Lembras-te de as Filhas das Luas te terem salvo a vida quando os shin-shin te perseguiam? Lembras-te de Tane ter dado a vida por ti, apesar de ser um sacerdote de Enyu e supostamente detestar os

Aberrantes?

— Torceu as mãos, sem saber muito bem se se estava a exprimir convenientemente.

Calculou que Lúcia não gostasse que lhe lembrassem o sacrifício de Tane, apesar de dizer de si para si que nem sempre ela reagia como ele estava à espera.

— Ele deve ter sabido que a deusa dele te queria viva, apesar de contrariar tudo em que ele acreditava. Porque Aricarat está a destruir a terra, e os Tecedores servem Aricarat e, apesar de seres uma Aberrante... porque tu és uma Aberrante... constituís uma ameaça para os Tecedores. Tal como as irmãs-luas te queriam viva, para que pudesses ajudar a combater o irmão delas. — Pegou-lhe ansiosamente nas mãos, tentando fazê-la ver o que parecia tão óbvio para ele. — Se não tivesses nascido como nasceste, os Libera Dramach não existiriam. Não teria havido Saran, e nós nunca teríamos sabido de Aricarat até ser tarde de mais. Os deuses até podem estar a travar esta guerra desde que os Tecedores apareceram pela primeira vez, mas só agora é que soubemos pelo que estamos a lutar.

— Talvez — concordou Lúcia. Sorriu-lhe ligeiramente, mas não havia qualquer motivo de alegria. — Não sou nenhuma salvadora, Flen.

— Eu não disse que eras uma salvadora — replicou. — Só disse que foste posta aqui por alguma razão. Mesmo que não saibamos ainda qual é essa razão.

Pareceu ir retrucar, os seus lábios formando uma resposta para dar ao amigo, quando a sua expressão se alterou. Fez-lhe o gesto com o dedo curvo para silêncio, de olhos arregalados; naquele preciso instante, ouviu-se um suspiro e uma pancada lá em cima. Flen ergueu o olhar, depois pestanejou e estremeceu quando algo lhe pingou para a face por entre os intervalos nas tábuas do soalho.

Limpou automaticamente o rosto, e soltou um pequeno ruído de terror ao ver sangue nas pontas dos dedos.

— Tecedores — murmurou Lúcia.

Ouviu-se outra pancada lá em cima, depois mais. O som dos guardas a tombarem. Flen apenas conseguiu imaginar como os Tecedores ali tinham chegado, que artes medonhas haviam usado para se introduzirem no coração do Recesso enquanto os Aberrantes rodeavam o perímetro. Teriam distorcido as mentes dos soldados de modo a assumirem um aspecto diferente? Como tinham conseguido avançar com impunidade pelas ruas do Recesso, sob um manto de ilusão? Quem sabia do que os Tecedores eram realmente capazes, o que haviam feito durante séculos em segredo, que partículas de conhecimento lhes transmitira o deus redespertado?

Mas era inútil a especulação. Agora estavam ali, e por causa de Lúcia.

— Não tenhas medo — disse-lhe, apesar de estar mais assustado do que ela. Encolheram-se contra a parede em frente das escadas, presos ali na grade de luz com a escuridão quente a envolvê-los por completo.

Algo mudou lá por cima do alçapão. Enrolaram um tapete. Era escusado o

disfarce; eles sabiam exactamente onde ela estava. Abriu-se um rectângulo de luz no cimo das escadas, silhuetaando três figuras na claridade ofuscante do dia. Dançavam partículas de pó nos raios de sol que passavam pelo intervalo deles, mas eram uns montes irregulares de sombra.

— Lúcia... — murmurou uma voz rouca.

Ela levantou-se. Flen imitou-a. Era ridícula a sua tentativa de assumir uma postura de desafio; mal se aguentava de pé com o medo.

Os Tecedores desceram as escadas, movendo-se com lentidão, os seus corpos artríticos e cancerosos tornando-os desajeitados e fracos. Gradualmente, viu-os moverem-se do encandeamento para o escuro: três Máscaras, uma de penas coloridas, uma com pedaços de casca de árvore, outra de ouro trabalhado.

— Sou Lúcia tu Erinima — disse, a sua voz baixa e firme. — Sou aquela que vieram buscar.

— Nós sabemos — respondeu um dos Tecedores; foi impossível dizer qual. Tinham chegado agora ao fundo das escadas. Os olhos de Flen passearam-se pela cave, sondando a escuridão como se à procura de fuga.

Quase soluçava de susto agora. Lúcia era uma estátua.

O Tecedor da Máscara de penas ergueu uma mão branca e pustulenta, estendeu uma unha comprida na direcção de Lúcia.

— O teu tempo acabou, Aberrante — murmurou.

Mas a ameaça não chegou a ser executada. Como um só, os Tecedores gritaram e vacilaram, afastando-se de Lúcia e de Flen. As crianças recuaram enquanto as criaturas se contraíam e entravam em espasmos, lamuriando-se num tormento súbito, os seus membros estrebuchando espasmodicamente. Ouviu-se um estalo nauseabundo quando o braço do Tecedor foi quebrado, o osso fazendo surgir um alto na sua túnica aos retalhos; um momento depois, as pernas dele partiram-se, os joelhos invertendo-se com extraordinária violência e atirando-o para o chão aos gritos. Um dos outros estava deitado de lado e curvado para trás, como se puxado por uma força invisível, uivando quando as suas vértebras estalaram, uma por uma, até que a sua espinha cedeu.

Os Tecedores eram sacudidos e torcidos enquanto os seus ossos se fracturavam e partiam sucessivamente, repetidamente, numa tortura hedionda. O sangue escorria por debaixo das suas Máscaras sujando-os, mas continuavam a guinchar, continuavam vivos. Decorreram muitos minutos antes de tudo acabar, e nessa altura nem sequer estavam reconhecíveis como humanóides, apenas pastas ensanguentadas e denticuladas como pilhas de paus por debaixo das túnicas que felizmente os ocultavam.

Flen virara a cara, horrorizado, acorocado a um canto, as mãos nos ouvidos; Lúcia assistira a tudo com enorme frieza. Cailin tu Moritat avançou para a luz à entrada do alçapão, as suas íris de um carmesim carregado no meio do rosto pintado. As outras Irmãs surgiram das suas posições escondidas: no total eram dez, todas com

os triângulos vermelhos e pretos nos lábios, os crescentes vermelhos sobre os olhos e descendo pelas faces. Todas usando variantes do vestido preto da Ordem.

Cailin olhou para Lúcia, o seu rosto meio escondido pela sombra, iluminado pela luz do exterior. Não se conseguia ver a expressão dela.

— Muito bem, Lúcia — disse-lhe.

Lúcia não respondeu.

Os Tecedores haviam caído numa armadilha, seguindo o sinal de Lúcia na Teia. Se tivessem sabido o que o finado Tecedor-mor Vyrrech descobrira, não lhes passaria despercebido que normalmente Lúcia era indetectável, que a sua força era demasiado subtil para ser captada enquanto eles percorriam a infinidade de fios dourados. No entanto, com a ajuda das Irmãs, tinha-se tornado visível para ela.

Era demasiado tentador para resistirem.

As Irmãs estavam agora exultantes, deitando olhares umas às outras em congratulação mútua. De todas elas, apenas Cailin chegara a enfrentar um Tecedor. Tinha sido o seu baptismo. O instante de conflito que terminou com elas a controlar os corpos dos Tecedores e a partir-lhes os ossos como paus fora uma luta longa e árdua no tempo da Teia. O que parecera menos de um segundo a Flen e Lúcia fora uma eternidade para elas. Muito embora o seu número fosse muito superior ao dos inimigos, não foram de modo nenhum um adversário fácil. No entanto, haviam saído ilesas, e os corpos despedaçados aos seus pés testemunhavam as suas capacidades para enfrentarem estas criaturas e vencerem-nas.

Lúcia escutava os pensamentos cruéis e agitados dos corvos distantes. Tinham sido mandados embora para que a sua presença não revelasse a posição de Lúcia ou dissuadisse os Tecedores, e andavam frenéticos com o que poderia ter acontecido. Neste caso, fora obrigada a dar-lhes uma ordem, algo que raramente fazia. Enviou-lhes uma onda de tranquilização, e o tumulto deles acalmara como água em ebulição tirada do lume.

— Saíram-se todas bem — disse Cailin, levantando a voz para incluir as Irmãs. — Mas este não foi o verdadeiro teste. Evitámos que alertassem a gente deles; isso significa que ainda temos o elemento da surpresa, pelo menos por um breve tempo. Não o desperdicemos. Agora é que a verdadeira batalha vai começar!

As Irmãs murmuraram em aprovação e dirigiram-se para as escadas, transpondo o alçapão. Ouviram passos em corrida lá em cima, e vozes.

— Zaelis e Yugi estão aqui — anunciou Cailin. Olhou para Flen, que continuava encolhido ao canto, o horror da morte dos Tecedores era excessivo para ele.

— Tem a minha mais profunda gratidão, Cailin — afirmou Lúcia, parecendo mais velha do que as suas catorze apanhas. — Não era preciso ficar e lutar pelos Libera Dramach.

Cailin sacudiu lentamente a cabeça, depois curvou-se para ficar ao nível de Lúcia, que não estava agora muito distante.

— Eu luto por si, filha — disse; e depois deu um beijo na face de Lúcia, um gesto de ternura que destoava em absoluto da sua personalidade. A seguir endireitou-se e subiu as escadas arrastando o vestido e desaparecendo.

Houve uma troca de palavras, longe da vista e Yugi e Zaelis assomaram, abrandando ao descerem os degraus, estupefactos com a destruição dos Tecedores lá em baixo.

— Chega tarde, Pai — referiu Lúcia com frieza. Não teve oportunidade de responder, pois nesse momento o uivo pesaroso dos alarmes de vento soou pela segunda vez naquele dia. O fôlego que tomara para responder foi expirado numa imprecação. A muralha fora transposta.

Os Tecedores estavam dentro do Recesso.

CAPITULO 33

Kaiku e Tsata andavam perdidos há horas quando encontraram o viveiro de vermes.

A mina por debaixo da planície aluvial era maior do que tinham imaginado, um labirinto de túneis e cavernas que se estendia pelo vasto poço central que curvava, se separava e unia sem tom nem som dentro da sua estrutura. Algumas partes estavam completamente abandonadas, ou pareciam nunca ter sido habitadas ou sequer usadas; outras encontravam-se cheias de armazéns, ferramentas e todo o tipo de equipamento para exploração mineira; no entanto, não indiciavam em nada o que estava a ser extraído. Tinham roubado explosivos destas reservas, que havia em abundância, estando empilhadas a uma altura perigosa, sendo guardadas sem o menor cuidado, e exsudavam substâncias químicas voláteis. Tinham contado encontrar explosivos - na verdade, dependiam deles, pois, tanto quanto sabiam, eram a única maneira que tinham de destruir a pedra mágica - mas não neste estado. Bastaria uma faísca num daqueles compartimentos para deitar abaixo metade da mina. Kaiku nem queria pensar que isso pudesse vir a acontecer enquanto estivessem lá dentro. Embrulharam cuidadosamente em panos os que precisavam e guardaram-nos num saco que Tsata trazia.

Avistaram golneri de tempos a tempos, mas a gente diminuta sempre os ignorou, prosseguindo o que quer que estivesse a fazer. Encontraram também vários deles mortos, horivelmente mutilados, vítimas dos apetites dos Tecedores. Foram aparecendo outras provas dos Tecedores à medida que desciam cada vez mais à escuridão gemente e fumegante da mina.

Havia estranhas esculturas cinzeladas na rocha, descrições de alguma loucura interior que Kaiku não conseguia adivinhar. Os túneis estavam cheios de ideogramas numa variedade de línguas e por vezes era possível detectar um momento horrível de sentido, sugerindo devaneios negros e retorcidos.

Uma caverna particularmente perturbadora continha dúzias de fêmeas golneri, penduradas pelos tornozelos de um sistema de roldanas, cordas e ilhós, as gargantas cortadas e o sangue a manchar o chão por baixo numa patina castanha laminada. Kaiku deu consigo a pensar que não só os golneri eram obrigados a assistir a esta chacina de cada vez que passavam pela caverna, como deviam, antes de mais, ter sido eles a montar o complexo sistema de cordas. Era o mesmo que obrigar os prisioneiros a colocar as próprias cordas ao pescoço para serem enforcados. Perguntou-se o que teriam sido em tempos os golneri, e de que forma o seu orgulho fora de tal modo destruído para sofrerem semelhantes atrocidades sem que aparentemente se importassem.

Não muito depois, encontraram um Tecedor.

Kaiku sentiu-o antes de o verem. Tecia, conquanto não de uma maneira estruturada que pudesse identificar. Pelo contrário, a consciência dele agitava-se

como uma bandeira amarrada a um corrimão, ancorada numa extremidade enquanto a outra estava esfarrapada e se agitava no fluxo da Teia. Depois, ouviram-no murmurar e gritar, um som fino e esganiçado que se espalhou pelos túneis até aos ouvidos deles. Apesar de Kaiku não saber se era necessário, retrocederam para o evitar. Já encontrara este tipo de Tecedor no mosteiro de Lakmar. As suas mentes tinham-se perdido, erodidas pelas-Máscaras, e passavam o tempo a deambular, os seus pensamentos vogando livres na bem-aventurança da Teia, presos aos seus corpos por um último fio cruel de sanidade.

Kaiku tinha a certeza de que era de dia lá fora, mas encontravam-se agora muito abaixo do solo. A medida que desciam, iam encontrando mais mistérios. Câmaras enormes com engenhocas fumegantes que faziam ruído e funcionavam com êmbolos. Maciças fornalhas pretas que enchiam as cavernas com luz vermelha. Os golneri corriam para cá e para lá, alimentando as chamas com carvão, os seus rostos sujos e às riscas do suor. O barulho era ensurdecador, detestável, e obrigou Tsata e Kaiku a taparem os ouvidos e a fugirem. Passaram por máquinas hidráulicas imensas avançando para a escuridão, fazendo esparrinhar água ao ser derramada pela borda de alcatruzes e cair infinitamente no abismo lá em baixo.

Archotes a gás inflamável atroavam ameaçadoramente na direcção deles desde as paredes das cavernas maiores, ou de postes de metal, vomitando jorros de chama fumarenta pelas extremidades.

Esporadicamente, encontravam operações de minagem, onde os golneri se aglomeravam em andaimes de metal, desbastando e esculpindo. As correntes traquinavam e as roldanas guinchavam enquanto as cargas eram deslocadas pela estrutura de andaimes, descendo até ao solo ou deslizando por canos de escoamento inclinados.

O carvão alimentava as fornalhas. Mas para que serviam?

Kaiku ficara curiosa com o facto de um lugar tão imenso se encontrar assim vazio, mas depois calculou que este local não fosse um mosteiro ou um reduto. Os Tecedores só queriam uma coisa desta mina: a pedra mágica. E essa estava enterrada fundo, muito fundo debaixo da terra. Não havia simplesmente usos suficientes para a enorme quantidade de cavernas e os quilómetros de túneis naturais de permeio.

Eles precisavam de armazenar as vastas quantidades de comida necessária para abastecerem o seu exército, alojarem os golneri, os Tecedores e os Nexos, extraírem o combustível para as fornalhas e instalarem toda a maquinaria e engenhocas; mas tudo isso correspondia apenas a uma fracção do tamanho total da rede subterrânea. E para cúmulo, o sítio parecia praticamente abandonado desde que o exército partira rumo a norte e a leste.

Mas havia um aspecto para o qual não encontrara explicação: de onde tinham vindo os vermes-nexo? A resposta estava no viveiro de vermes. Encontraram a caverna numa galeria obscurecida de metal, pouco mais do que um passadiço ferrugento cravado numa parede para formar uma ponte entre duas aberturas na

pedra. O tecto da caverna era baixo e amplo. A iluminação vinha depostos com archotes a gás ligados por algo de metal fazendo lembrar cordas, que serpenteava entre eles. Os intrusos acocoraram-se e observaram a cena por debaixo deles, a curva das faces e as linhas dos seus antebraços e joelhos iluminados por um suave âmbar. A caverna estava coberta por um tapete preto que se contorcia, um movimento constante e nauseabundo acompanhado de um som como o esfregar de mãos ensaboadas. Vermes-nexo: aos milhares, incontáveis.

Margens de terra sobrelevadas atravessavam a massa com uma falta de ordem ou padrão tipicamente tecedorescos, e por elas deslocavam-se dúzias de golneri, que mergulhavam na amálgama de corpos viscosos para espalhar algum tipo de alimento em pó entre os vermes, ou despejar baldes de água sobre eles. Mas os golneri não eram os únicos que caminhavam pelas margens; também lá andavam Nexos, acompanhados de palreiros a saltitar, que trilavam e gorjeavam baixinho seguindo obedientemente atrás dos seus donos como cães. Os postes flamantes lançavam reflexos trémulos nos dorsos pretos e húmidos dos vermes, milhares de crescentes reflectidos como um mar gorduroso ao pôr do Sol.

— Ó deuses... — murmurou Kaiku, hipnotizada.

Enquanto olhavam fixamente, aperceberam-se de que não havia só vermes-nexo no meio da amálgama. Pelo que tinham observado dos Aberrantes mortos, Tsata e Kaiku haviam concluído que os vermes eram lisos e quase incaracterísticos, à excepção de uma boca redonda sem dentes para ingestão - orlada de pequenos altos - com uma abertura para excreção no outro extremo. As criaturas segregavam uma espécie de saliva ácida que lhes permitia enfiar-se debaixo da pele das suas vítimas, onde se prendiam com centenas de filamentos com a espessura de capilares que saíam dos altos à volta da boca.

Tsata descobrira-o quando tentara arrancar um já morto do seu hospedeiro e o encontrara inextricavelmente preso por uma massa espessa destes fios finos. A cultura saramyr não se encontrava suficientemente avançada para compreender o que faziam a seguir, mas o resultado era bastante óbvio. Subvertiam a vontade do hospedeiro à sua, que, por sua vez, estava sob o controle de algo - os Nexos. No entanto, viam agora outros tipos de criatura. Havia diversas coisas chatas e esguias com caudas curtas. Agitavam minúsculos tentáculos no ar por cima deles como uma nuvem, descendo esporadicamente para acariciar os vermes aglomerados à sua volta. Tinham mais ou menos o comprimento e a largura do antebraço de um homem, e os vermes comportavam-se como leitões com uma porca, contorcendo-se uns por cima dos outros para se tentarem aproximar.

Havia também um terceiro tipo, muito maior do que os outros dois: criaturas lesmiformes, com sessenta a noventa centímetros de altura, apresentando faixas manchadas de um cor de laranja venenoso no preto brilhante. Estas coisas pareciam ser pouco mais do que buchos enormes semelhantes a borracha rodeados de um músculo anular, pelo que faziam lembrar sacos fechados com cordões. Alguns eram

obesamente grandes enquanto outros pareciam esfomeados e mirrados. Tsata localizou as criaturas chatas e esguias entrando e saindo das bocas das gordas, conquanto a variedade mais fina não o fizesse.

Entravam directamente, penetrando bem fundo no que quer que passava por entranhas, e eram mais tarde vomitadas num mar de bílis fumegante. Kaiku presenciou outro fenómeno: um dos tais bichos lesmiformes mais esguios deitou fora violentamente um monte de minúsculos vermes, tipo larvas pretas, que começou imediatamente a contorcer-se nos seus próprios fluidos e partiu depois em busca do alimento em pó que os golneri espalhavam.

Mantiveram-se algum tempo naquele passadiço, escondidos pelas sombras, a observar, antes de Tsata falar baixinho.

— Já sei — disse. — Três sexos. Kaiku olhou-o, intrigada.

— Temos algo semelhante no Okhamba — informou-a. — Repara no que acontece. Os vermes-nexo são os machos. Clamam para inseminar as fêmeas, que são aquelas mais compridas. O terceiro sexo é essencialmente um útero. As fêmeas rastejam até à sua boca e depositam os ovos fertilizados. Os ovos incubam lá dentro e alimentam-se do sustento providenciado; os gordos possuem grandes reservas dentro deles, e ficam mais magros à medida que a gravidez avança e as reservas se esgotam. Depois, dão à luz vomitando as larvas, cada uma das quais transforma-se num dos três sexos, e o ciclo continua.

Kaiku pestanejou. Nunca ouvira falar de um sistema com três sexos no Saramyr. Muito embora, recordou a si mesma, estas coisas fossem provavelmente oriundas do Saramyr. Algum tipo de criatura não registada, transformada pela influência das pedras mágicas nesta nova configuração? Ou teriam estado sempre ali, escondidas nas vastas extensões de terra por explorar nas montanhas, e depois teriam sido encontradas e aproveitadas pelos Tecedores há décadas ou mesmo séculos?

— Eu diria que as fêmeas partilham um elo com os machos — teorizou Tsata. — Uma espécie de colmeia-cérebro com muitas abelhas-mestras. Os machos são como os zangãos.

Kaiku não precisou de ouvir mais. Conseguia imaginar como estas coisas funcionavam: os machos invadiam os animais adormecidos ou os Aberrantes à solta, controlando-os, transformando-os em escravos.

Os machos e os sacos-útero pareciam ser bastante estúpidos, mas as fêmeas moviam-se com intuito. Os machos estavam simplesmente ali para criar os elos com as fêmeas, através dos quais as fêmeas controlavam o animal subjugado. Existiria melhor tipo de defesa no ninho de uma criatura do que usar representantes relativamente maciços e consumíveis como guardas? Ou haveria melhores caçadores-recolectores, visto que os próprios vermes-nexo eram fisicamente incapazes? Reparou que ficara maravilhada com a sinistra ingenuidade destes

parasitas.

Mas os Nexos controlavam agora os machos.

Como era possível tal?

Não era certamente através da Teia.

Era vital saberem, se queriam ter alguma esperança de os destruir. Os pensamentos de Kaiku dispersaram quando se ouviu um grito gorjeante vindo do fundo da caverna, subindo de tom até ferir os ouvidos. Um instante depois, juntou-se-lhe outro, e mais outro. Os palreiros estavam todos a olhar para o local onde Kaiku e Tsata se encontravam acorados; e agora os Nexos tinham virado também os seus rostos brancos inexpressivos naquela direcção.

— Eles viram-nos! — disse Kaiku entre dentes, recordando-se tarde de mais de que os palreiros não necessitavam sequer de ver, a escuridão não constituía obstáculo para o sistema de navegação sónica deles.

— Está na hora de irmos andando — murmurou Tsata, e depois puseram-se em fuga.

Foi talvez uma questão de determinação que os levou a escolher seguir em frente e não voltar para trás, preferindo territórios desconhecidos em detrimento das cavernas por que haviam já passado. Correram pelo passadiço, os seus pés fazendo barulho no metal, e entraram disparados no túnel do outro lado. O lamento dos palreiros ecoava agora de todas as direcções. O alarme generalizava-se.

— Segura nisto — disse Tsata, enfiando o pequeno saco com os explosivos nos braços de Kaiku. Esta protestou ante o tratamento rude de que estava a ser alvo.

Seguiram por um túnel despido e incaracterístico, iluminado por esporádicos archotes em suportes na parede, a maior parte dos quais se apagara. De um modo geral, as chamas de gás só estavam presentes nas cavernas maiores e nas zonas onde os archotes normais não proporcionavam iluminação suficiente. As sombras tremulavam nos ângulos imperfeitos das paredes redondas, algum tubo remoto de lava de um cataclismo antigo. Tsata corria na frente de Kaiku, e esta viu que ele puxara dos ganchos de estripar, um em cada mão. Ó deuses, quem lhe dera ter ali a sua espingarda. Possuía apenas uma espada que, lamentavelmente, usava de forma bem ineficaz. Isso, e o seu kana, que faria com que cada Tecedor na mina lhe caísse em cima.

O palreiro saltou não se sabe de onde, alcançando Tsata quando o túnel virava para a direita e os impedia de verem mais para diante. Mas as reacções de Tsata resultavam de gerações de vida numa selva onde um homem teria um aviso menor do que aquele antes de morrer.

Atirou-se para o chão e rebolou passando por baixo do salto do palreiro, as lâminas cortando-lhe o ventre sem couraça e abrindo-o da garganta ao osso da cauda. Caiu no solo aos pés de Kaiku no meio das próprias entranhas, debatendo-se impotente nas vascas da morte. Mas o palreiro não estava sozinho. Apareceram mais dois da sua espécie, acompanhados de um Nexo. Kaiku sentiu um arrepio lento

quando olhou para aquilo, dois metros de altura e muito magro, com túnica e capuz pretos, a máscara sem feições escondendo-o por completo. Pousou a pilha de explosivos e puxou da espada.

— Afasta-te — ordenou Tsata, sem tirar os olhos do inimigo. Encontrava-se agora na posição acocorada. — Não servirias para nada aqui.

Ele tinha razão; e, no entanto, sentiu-se péssima por o deixar enfrentar três inimigos sozinho sem ela, um medo e uma culpa profundos e violentos que a surpreenderam pela sua intensidade.

Subconscientemente, ia preparando já o seu kana. Independentemente das consequências, não o deixaria morrer às mãos destas criaturas. Os dois palreiros vieram diretos a ele ao mesmo tempo, movendo-se com a fluidez de jaguares. Um deles empinou-se nas patas traseiras para atacar com as garras em foice nas patas dianteiras; Tsata aproveitou esse momento para sair rapidamente do alcance dele e atacar o segundo palreiro, que o tentou ferir no ventre com as mandíbulas cheias de presas. Por pouco não escapava à dentada, e a crista lisa e ossuda da criatura atingiu-o na coxa, parando o seu contragolpe de lado e fazendo com que a lâmina raspasse nas escamas do dorso em vez de se enterrar no ponto mole onde a garganta se unia ao comprido crânio.

O primeiro palreiro atacou-o com a outra garra, arqueando-se na tentativa; Tsata resfolegou quando ela lhe rasgou o braço, mas virou-se para dentro do golpe e passou o seu gancho de estripar pelo peito empinado do animal. Este soltou um grito de morte ululante e ensurdecedor, que se silenciou subitamente quando as glândulas sensíveis à frequência ficaram sobrecarregadas.

O primeiro palreiro ainda não tombara e Tsata avançava já para o segundo, cravando os ganchos de estripar no cachão da criatura, cortando o verme-nexo ali preso. O Aberrante estremeceu e ficou sem energia, caindo num monte, derrubado pelo peso de Tsata. Kaiku assistira vezes suficientes à luta do Tkiurathi durante as últimas semanas, mas a sua graciosidade mortífera não deixava de a surpreender. Enfrentava agora o Nexo por cima dos cadáveres dos palreiros, o braço esquerdo à mostra jorrando sangue sobre a pele dourada e tatuada dele, descendo para a extremidade inferior do antebraço e pingando do pulso.

Houve um momento de hesitação. O Nexo era uma incógnita. Desconhecia em absoluto as suas capacidades. O braço bom de Tsata deslocou-se rapidamente e atirou o gancho de estripar a rodopiar pelo ar. O Nexo não foi nem suficientemente rápido para se desviar nem para decidir simplesmente não o fazer; fosse como fosse, a lâmina cravou-se-lhe no corpo com um impacto nauseante, e os joelhos cederam. O Tkiurathi não perdeu um momento. Os gritos dos outros palreiros aproximavam-se cada vez mais.

Libertou o gancho de estripar do Nexo enquanto Kaiku o alcançava.

— Estás a sangrar — referiu.

Tsata brindou-a com um dos seus inesperados sorrisos. - Já tinha reparado -

respondeu. Depois baixou-se e arrancou a máscara do Nexo, e Kaiku susteve a respiração ante o que descobriu. O rosto dele estava mortalmente pálido, manchado de capilares púrpura, a sua expressão tão vazia quanto a máscara que Tsata atirara para o lado. A boca era um golpe fino, pendendo aberta e desdentada.

Os olhos eram enormes e muito pretos, reflectindo Kaiku quando os espreitou com uma expressão horrorizada. Abstraindo de tudo aquilo, era o rosto de uma criança.

Por debaixo da pele com veias, uma imensidão de fios finos cerzia-lhe a testa, passava por cima das faces chupadas, terminando nos lábios, ouvidos, olhos e garganta, dúzias de linhas minúsculas nodosas irradiando dos contornos do crânio.

Tsata levantou a cabeça do Nexo e puxou para trás o capuz. Enterrado na carne do couro cabeludo, mergulhado na pele, estava uma das fêmeas dos vermes-nexo, um diamante preto brilhante. A cauda descia pela nuca e desaparecia entre as omoplatas, penetrando na espinha.

— Agora já sabemos — afirmou Tsata.

Kaiku embainhou a espada e acorreu-se junto da coisa caída, espantada ao ponto da incredulidade. Os Nexos eram simbiosas humanos, a sua vontade unida às fêmeas dos vermes-nexo que partilhavam o seu corpo. Por sua vez, as fêmeas controlavam os machos, que controlavam os Aberrantes. Há anos que os Tecedores deviam andar a capturar predadores nas montanhas, subjugando-os talvez com as suas Máscaras antes de lhes implantarem os vermes, criando a superestrutura do seu exército. Nenhuns humanos civilizados lutariam pelos Tecedores, por isso tinham criado uma força de animais assassinos, monstros gerados pela moléstia que os próprios Tecedores haviam criado. E controlavam-nos com os Nexos.

Mas crianças? Fixavam a fêmea em crianças? Seria essa a única maneira de conseguirem a integração necessária, implantá-las desde muito cedo? Explicaria isso a forma anormal como se tinham desenvolvido?

Kaiku rangeu os dentes de raiva, sentindo as lágrimas vir-lhe aos olhos.

Aquilo não tinha língua. A parte restante ainda lá estava. Eles faziam isto a crianças.

Tsata agarrou-lhe o braço.

— Não há tempo para os lamentar, Kaiku - disse, ajudando-a a levantar-se e entregando-lhe o saco dos explosivos.

Recomeçaram então a correr. Os gritos dos palreiros vinham agora da frente e de trás. O túnel terminava numa confluência tripla, atravancada com componentes de metal descartados de alguma engenhoca semi-construída.

Tsata não hesitou, escolhendo um túnel e dirigindo-se para ele, aparentemente alheio à ferida cujo sangue lhe escorria pelo braço. Não vinha tanto ruído daquela direcção, e o túnel era irregular e tosco. Apresentava as características de um corredor raramente usado, e isso significava uma menor probabilidade de que algo pudesse vir por ele. Os archotes eram também infrequentes, de modo que Tsata

pegou num e levou-o consigo. Kaiku ficou para trás, consciente do perigo de deixar que uma chama se aproximasse do fardo que carregava.

A sensação de Tecer crepitava por cima dela numa onda, um interesse negro e malévolo varrendo a mina. Alguém os procurava. Cuidadosamente, Kaiku tornou-os invisíveis ao investigador, misturando os seus sinais na Teia. Fora uma das primeiras coisas que Cailin a ensinara a fazer depois de ter o seu poder sob controle, e por pior aluna que tivesse sido, ao cabo de cinco anos de prática, era uma disciplina que dominava muito bem. A atenção do Tecedor passou por eles e afastou-se, procurando os túneis e cavernas. Kaiku não baixou a guarda. Sabia agora que havia ali pelo menos um Tecedor suficientemente sã para constituir um perigo.

Olhou para trás. Os sons de perseguição ecoavam agora no túnel desde a confluência. Não lhe pareceu que os palreiros fossem bons batedores, mas havia alguns lugares onde se esconderem nestes túneis, e Tsata precisava de efectuar uma paragem para que pudesse cuidar do ferimento.

Estava a perder uma quantidade preocupante de sangue e a deixar um rasto muito óbvio.

Começou a recear. Vencer os demónios no paul, curar Yugi, andar em busca durante semanas com Tsata: tudo isto se combinara para a fazer sentir-se algo invulnerável ultimamente, mais senhora das suas capacidades e de si mesma, mais confiante nas suas opções. Mas apercebeu-se, de repente, da situação deles, e dimensionou que estavam no meio do antro dos Tecedores, rodeados de inimigos, e que poderiam muito bem não conseguir sair dali. O seu kana era quase inútil uma vez que não ousaria atacar um Tecedor; e, a despeito da perícia marcial de Tsata, ele tendia a confiar na surpresa para vencer as suas batalhas. Podia ter morto três palreiros e um Nexo, mas fora mesmo à tangente, e, apesar de não estar na sua natureza queixar-se, encontrava-se gravemente ferido.

Ocha, no que me fui meter? Deveria ter voltado para junto de Cailin enquanto ainda era tempo? Mas aquele pensamento só lhe veio lembrar o que poderia estar a acontecer no Recesso naquele momento, imagens de chacina e terror.

Afastou a sua indecisão. Era demasiado tarde para arrependimentos ou críticas.

Tsata estacou subitamente. Kaiku alcançou-o, os seus olhos cada vez mais avermelhados brilhando de nervosismo por cima do archote na mão dele.

— Ali em baixo — disse, apontando. Havia uma abertura na rocha ao nível do solo, através da qual algo se movia, projectando a luz do archote dele em reflexos rápidos tipo pirilampo. Kaiku demorou um pouco a perceber que era água.

A estreiteza da fenda fê-la hesitar, apoderando-se de si um momento de claustrofobia; mas depois, o gorjeio dos seus perseguidores voltou a ouvir-se, mais perto do que nunca, e tomou então uma decisão. Deixando o saco dos explosivos, deslizou de pés pela abertura. Estava demasiado escuro para ver o que havia lá em baixo, mas a água sugeria onde deveria estar o solo. Deslizou o máximo possível

pela fenda, até as suas pernas ficarem penduradas, e depois deixou-se cair. Sentiu uma pontada de dor quando algo lhe raspou a região lombar e a seguir houve um momento de queda. Embateu no solo com um impacto desagradável que a fez dobrar os joelhos. A água tinha apenas dois centímetros e meio de profundidade.

— Kaiku? — ouviu-se a voz de Tsata vir lá de cima. Levou a mão às costas, e veio molhada.

— É seguro — disse. — Apaga o archote. E cuidado com as rochas; são cortantes.

Tsata entregou-lhe cuidadosamente o saco dos explosivos e depois enfiou-se lá para dentro. Uma vez lá, molhou o archote na água, mergulhando-os na escuridão. O som dos palheiros e de pés apressados pareceu subitamente mais intenso.

— Consegues ver? — murmurou Tsata.

— Não — respondeu Kaiku, perguntando-se se os seus olhos se iriam adaptar tal como sucedera da última vez. — Orienta-me.

Kaiku sentiu a mão dele na sua, o aperto molhado e quente. O sangue escorria-lhe do pulso para as mãos deles unidas, pelos sulcos na palma da mão dela, introduzindo-se entre os seus dedos esguios.

Servia-se do braço bom para transportar os explosivos; este era o que estava ferido. A sensação não lhe causou repulsa. Pelo contrário, parecia uma estranha intimidade, cimentando a ligação com os fluidos vitais dele. Sentiu um afluxo de prazer absolutamente inapropriado ante a sensação. Depois puseram-se em movimento. Conduziu-a pela negrura, chapinhando suavemente ao caminhar. O ar estava frio e húmido ali em baixo, o bafo das profundezas da terra, e Kaiku levou um momento a aperceber-se de que havia uma brisa, e que Tsata se dirigia para lá. Ficou surpreendida ao constatar que a falta de visão não a perturbava. Não estava sozinha ali, e confiava plenamente em Tsata.

Em tempos, não teria encarado a hipótese de depositar fé neste homem, neste desconhecido com as suas ideias estranhas, que até já a usara como isco para um caçador assassino sem pensar duas vezes.

Perguntou-se se voltaria a fazer o mesmo neste momento. Acaso a proximidade que se desenvolvera entre ambos o levaria a detestar voltar a pôr em perigo a vida dela? Não soube responder. Mas agora compreendia melhor os modos dele, a sua subordinação do indivíduo ao bem maior, e estava convencida de que, dadas as actuais circunstâncias, nunca a iria abandonar ali em baixo. Havia algo de enternecedor na pura simplicidade da ideia. Começou a distinguir os contornos do túnel, e o ondular da água que passava sob os pés deles. A princípio, foi tão gradual que não pôde dizer se a sua mente lhe estaria a pregar uma partida, mas depois tornou-se demasiado pronunciado para ignorar. O mundo ganhou gradualmente forma num insípido monocromo, até conseguir ver tão bem como se Aurus estivesse no céu por cima deles.

Passado um bocado, quando os sons da perseguição sumiram atrás deles e

pareceu que estavam de novo completamente sozinhos na mina, Tsata parou num local onde a parede do túnel se afastava do riacho e o chão se elevava acima do nível da água.

Kaiku sentiu o Tecedor ainda a procurá-los, mas a sua busca estava muito distante.

— Existe aqui uma secção seca — disse ele.

— Estou a vê-la — retorquiu Kaiku.

Tsata olhou para ela, depois, momentaneamente, para as suas mãos unidas. Kaiku apercebeu-se tardiamente de que durante um bocado fora ele a conduzi-la, quando, afinal, era perfeitamente capaz de se orientar.

Não quisera, pura e simplesmente, abandonar aquela sensação tranquilizante.

— Preciso de tratar esta ferida — disse ele. — Não está a fechar. Os minutos seguintes, mais do que quaisquer outros, ensinaram a Kaiku quão diferentes eram as raças dos dois continentes, em que a envolvente okhambana produzira gente dura e resistente, ao passo que no Saramyr o luxo tornara os nobres brandos. Viu-o realizar a cirurgia no escuro, mordendo o lábio quando ele se serviu da ponta do gancho de estripar para retirar um pedaço de garra que ficara partido na ferida, encolhendo-se quando usou uma agulha fina de madeira polida e uma espécie de fio fibroso para unir os bordos. Recusou a ajuda dela - apesar de se ter oferecido sem saber muito bem como poderia ajudar - e coseu-se eficientemente, sem qualquer indício da dor para além de um esporádico silvo de ar a passar-lhe entre os dentes.

Quando terminou, retirou um pequeno frasco de pasta de uma bolsa à cintura e aplicou-a sobre o golpe ainda a sangrar. O seu corpo ficou tenso num espasmo violento, fazendo Kaiku sobressaltar-se.

As feições dele contorceram-se numa expressão de dor intensa; as veias do braço e da garganta dele sobressaíram rigidamente na pele. Elevou-se da ferida um pedaço de fumo malcheiroso. De repente, Kaiku recordou-se das palavras de Asara, vindas dos lábios de Saran Ycthys Marul: no Okhamba. muito poucas mezinhas são suaves. A pasta parecia estar literalmente a causticar a ferida até fechar.

Observou sem poder fazer nada, ouvindo Tsata arfar da agonia chocante do processo de cura, mas a respiração dele acabou por acalmar-se. Retirou a pasta com água do riacho. A ferida já não sangrava, e no seu lugar estava uma feia cicatriz franzida.

Kaiku preparava-se para dizer algumas palavras de consolo quando ouviram o grito gorjeante de um palreiro ecoar pelo túnel. Os Nexos não haviam desistido da perseguição. Haviam voltado a encontrar a presa.

Kaiku ajudou Tsata a levantar-se, pegou no saco dos explosivos e puseram-se novamente em fuga. O túnel curvava para baixo, e a água ganhava ímpeto na descida, tornando o chão escorregadio. O barulho dos palheiros multiplicara-se agora. Era evidente que haviam seguido o rasto de Tsata até à abertura por onde ela e o Tkiurathi se tinham enfiado, e haviam presumido onde se encontravam os intrusos.

Subitamente, a atenção do Tecedor voltava a recair sobre eles, como um olhar cruel e terrível; quase fora apanhada desprevenida, e ocultou-os mesmo a tempo. Só por estar tão decidida a mantê-los escondidos é que quase nem reparou na nova luz ao fundo do túnel, e só quando a mente do Tecedor se desviou para outro lugar é que voltou a si e se apercebeu de que Tsata abrandava.

O túnel terminava numa grade, bronzeada da ferrugem, uma linha intransponível de colunas quadradas grossas através das quais a água escorria para a caverna do outro lado. Via-se do lado de lá um brilho medonho, inquietante, envolvendo-os numa luz estranha. Conseguiram ouvir o matraquear das engenhocas dos Tecedores. Havia várias fendas verticais de ambos os lados do túnel, todas elas com grades e escuras. Tsata estacara, olhando para o túnel lá atrás, onde o clamor da perseguição continuava a aumentar. Kaiku passou por ele a correr até à grade. Conhecia aquela iluminação medonha, artificial. Ficara gravada na sua memória, um pesadelo que se recusava a ir embora. Olhou através da grade, e lá estava a pedra mágica.

Tinham chegado finalmente ao fundo do poço, ao centro da rede de corredores subterrâneos de que os Tecedores se haviam apoderado. A boca do túnel abria-se no alto da parede do poço, sobre um imenso lago subterrâneo, a sua superfície parada e preta. Duas quedas-d'água estreitas caíam de cima, provocando nuvens lentas de borriça que turvavam a cena. Erguiam-se ali soturnamente ilhas carecas e rochosas, e espetos pontiagudos de pedra calcária guindavam-se a alturas vertiginosas, onde fogos distantes ardiam nas pontas de archotes a gás em metal. O ruído da maquinaria rodeava-os, e por todo o lado havia movimento. Engrenagens enormes, meio submersas, faziam deslocar alcatruzes que rodavam constantemente, retirando a água do lago para a despejar em tanques de recolha algures lá em cima. Os canos foram colocados verticalmente nas paredes do poço, erguendo-se por debaixo da superfície para desaparecerem nos edifícios de ferro preto tipo caixa que fumegavam e atroavam, apresentando um vermelho infernal em fendas dos lados.

Subiam dali mais canos, para a negrura. Havia sido construídas represas dos lados do poço. Pequenas cabanas assentavam nas ilhas mais planas. Viam-se por todo o lado passadiços de metal, uma precária rede tridimensional que ligava as ilhas e as máquinas, e os golneri corriam à volta delas em tarefas incompreensíveis.

No centro, numa ilha de rocha própria, estava a pedra mágica. Era vagamente esférica, talvez com seis metros de diâmetro, apresentando covas e marcas fundas e sulcada por milhares de minúsculos canais. Mas, à semelhança daquela que vira antes, esta parecia ter germinado de uma forma como não era possível a nenhuma rocha. Dúzias de arcos de pedra finos e tortos estendiam-se na lateral até à água, ou enfiavam-se como raízes na terra circundante; ramificavam-se em direcção às paredes distantes do poço, procurando, ou formando pontes até às ilhas próximas. Parecia uma aranha grotescamente empinada, e projectava sombras perturbadoras nas paredes. A sua luminescência deixou Kaiku nauseada.

Agora compreendia. Os alcatruzes grandes a descer e a subir, os canos que despejavam no rio, a maquinaria, as fornalhas e o cheiro horrível a óleo. Sem querer, Nomoru encontrara a resposta há muito tempo, mas só agora que Kaiku olhava para o lago é que se apercebia.

Como se escava uma mina numa planície aluvial? Ficaria alagada.

Esta mina não era para extrair nada, mas por causa da água. O Zan infiltrava-se constantemente no poço através da parede fina que o separava do rio; quando a planície ficava alagada, a infiltração era ainda pior. Provavelmente, todo este lugar estivera debaixo de água durante milhares de anos, desde a sua formação. Estas máquinas eram um imenso sistema de drenagem, uma forma de retirar a água do poço e de a devolver ao rio para que os Tecedores pudessem chegar à pedra mágica que estivera aqui em baixo o tempo todo. Era uma luta constante para tirar a água do rio do poço antes que se conseguisse infiltrar ou inundar, para que a pedra mágica se mantivesse acima da água quando eles necessitassem de a alimentar com sacrifícios de sangue. Aquelas fornalhas e engenhocas ruidosas tinham de ser o que alimentava o processo, através de alguma arte malévola que Kaiku não entendia.

Ó deuses, a simples escala da determinação deles deixava-a desconcertada.

— Kaiku... — murmurou Tsata.

Olhou para ele, e seguiu o seu olhar.

Nos túneis laterais, por detrás das grades, moviam-se figuras. Tinham começado a ouvir-se uivos e gemidos distantes, e estranhos ruídos cacarejantes e gorgorejantes. Da direcção de onde tinham vindo, os palreiros gritavam cada vez mais alto, agora quase em cima deles. E por detrás estava a grade.

— Kaiku — disse baixinho. — Estamos presos.

CAPÍTULO 34

Os defensores estavam a perder a luta pelo Recesso.

Apesar de o extremo ocidental já mal se aguentar, as fortificações na parte norte do vale haviam sido completamente dominadas. As poucas hipóteses que tinham de repelir o exército de Aberrantes perderam-se quando os Tecedores apareceram no campo de batalha. Estenderam os seus dedos de influência insidiosa entre os homens e mulheres da Falha, distorcendo-lhes as percepções de modo a que só vissem inimigos para onde quer que olhassem. Os defensores começaram a lutar entre si. Irmãos mataram irmãos; membros de diferentes clãs e facções separaram-se e envolveram-se em escaramuças sangrentas e destruidoras. Alguns fugiram com medo, pensando que os Aberrantes haviam já derrubado as fortificações. Não tardou muito que o erro da sua suposição se tornasse realidade.

Com os defensores em desordem, os ágeis skrendel invadiram a muralha paliçada e começaram a matar e a mutilar com os seus dedos compridos e estrangulantes e dentes perigosos. Algures no meio do caos, uns quantos deles dirigiram-se para a pequena porta norte, onde a maior parte dos guardas jazia já morta. Com os seus dedos lestos, roubaram as chaves de um cadáver e abriram a porta. Os ghauregs foram os primeiros a entrar, montanhas atoadoras de músculo e, num frenesi de sede de sangue demasiado aterrador de contemplar, arrancaram um por um os membros dos defensores que restavam.

Os Aberrantes inundaram o vale, e a verdadeira artilharia do Recesso abriu fogo.

A vantagem de ter a cidade do Recesso construída numa vertente estreita de degraus e planaltos era ser altamente defensável em três dos quatro lados. A paisagem canalizava os invasores para o fundo do vale, que se situava a leste dos edifícios, e um inimigo a atacar daquela direcção estava em desvantagem, pois ficava completamente exposto a toda a bateria de armas do Recesso. A chacina foi avassaladora.

Várias dúzias de canhões lançaram uma fuzilaria sobre a horda acumulada no fundo do vale, incendiando a mistura inflamável que fora derramada ali. Uma secção do fundo do vale irrompeu num inferno, transformando tudo dentro dele num archote chamejante. O ar ressoava com uma cacofonia de gritos animais. O ataque tornou-se uma destruição ardente de corpos a contorcer-se e a debater-se enquanto a carne cozia e o sangue borbulhava. Foram disparadas vinte balistas, arremessando pacotes de explosivos que se separaram em pleno voo e caíram arbitrariamente sobre a horda, numa explosão de corpos destroçados espalhados em todas as direcções.

Os Aberrantes encontraram oposição na extremidade oriental da cidade, onde a elevação dos degraus mais ao fundo formava uma muralha natural e impenetrável, cujo acesso se fazia apenas por escadas com portas.

Os elevadores usados no transporte de materiais demasiado grandes para as

escadas estreitas estavam içados e fora do alcance dos predadores. Havia duzentos atiradores e atiradoras dispostos no rebordo dos imponentes degraus semicirculares, e ceifavam os predadores Aberrantes como trigo. Os Aberrantes atiraram-se à muralha, às portas, mas a muralha era demasiado alta, e as portas tão sólidas que não cederiam a qualquer peso. Uma cortina negra de fumo agitava-se em direcção ao céu, elevando-se do vale, enquanto os canhões e as balistas abriam buracos ardentes nas fileiras dos Aberrantes. Corvos-seláquios voavam em círculos e desciam em voo picado, crocitando asperamente. A dada altura, as defesas no extremo meridional do Recesso caíram também, e entraram em massa ainda mais criaturas Aberrantes para serem massacradas.

Mas agora o Recesso estava cercado, e eles continuavam a entrar.

Os Tecedores estenderam mais uma vez a influência deles, dos seus pontos de vantagem. Não se importaram com as baixas que sofriam. As criaturas não contavam, e estavam confiantes de que qualquer barreira podia ser vencida de dentro alterando as mentes dos defensores tal como haviam feito antes.

Mas foi uma confiança imerecida. Desta vez as Irmãs da Ordem Vermelha estavam à espera deles. O primeiro contacto não andou muito longe de uma emboscada. Os Tecedores foram descarados, estando acostumados a toda uma vida de movimento sem oposição através da Teia. Na verdade, se não fossem os monstros estranhos e distantes que deslizavam na orla da consciência, sempre inacessíveis, talvez então tivessem acreditado que o reino brilhante era o seu domínio exclusivo. Mas eram arrogantes. Controlavam a Teia de forma desastrada e brutal em comparação com as Irmãs, distorcendo a natureza à sua vontade através das Máscaras, deixando atrás de si fios partidos e cortados. Em contraste, as mulheres eram como seda.

Cailin e as Irmãs tinham percorrido em espiral os fios prejudiciais dos Tecedores, seguindo-os até à origem, e iam desenredando os pontos de defesa antes de os Tecedores se aperceberem sequer do que sucedia. Retiraram-se freneticamente, reunindo os seus poderes para repelirem este novo inimigo, mas as irmãs haviam atacado em força e caíam sobre eles como piranhas, abocanhando simultaneamente em todas as direcções, fintando e puxando, desatando um nó aqui, pegando num fio solto ali, procurando um caminho até ao núcleo dos Tecedores onde pudessem começar a causar verdadeiros estragos físicos.

Cailin correu e penetrou, dançando de fibra em fibra e deixando ecos-fantasma da sua presença para confundir e retardar o inimigo. Cortou fios, extirpou nós, abriu caminhos para as suas companheiras explorarem. Desesperadamente, os Tecedores remendaram os rasgões causados pelas Irmãs, tentando expulsá-las, mas era escusado. As Irmãs trabalhavam como se fossem uma só: existia entre elas uma comunicação sem esforço que lhes permitia uma coordenação perfeita. Tinham consciência de cada uma e de todas as aliadas no combate, onde se encontravam e o que estavam a fazer. Várias delas lançavam ataques de posições inexpugnáveis para

que as outras pudessem penetrar calmamente nos locais menos protegidos enquanto os Tecedores eram distraídos. Outras atormentavam o inimigo confundindo-o com vibrações efêmeras enquanto as companheiras teciam redes onde apanhar os Tecedores.

Cailin escapou aos tentáculos ávidos dos contra-ataques dos Tecedores com uma facilidade invejável, esgueirando-se como uma enguia. Caiu destemidamente sobre eles: já antes matara um, e estes não se lhe comparavam.

No entanto, poupou uma preocupação às Irmãs, cuja experiência era menor do que a sua.

Defendê-las-ia dos ataques dos Tecedores, construindo barreiras de confusão ou coágulos de emaranhamento para os retardar caso o ataque do inimigo ocorresse demasiado perto. O colapso, quando se deu, foi total. Cailin tivera o cuidado de enfraquecer secções da Teia, com tanto cuidado que o inimigo nem sequer se apercebera e, a uma ordem sua, as Irmãs atingiram essas secções todas em simultâneo. A Teia deu de si diante delas, abrindo bocarras escancaradas nas defesas dos Tecedores. As Irmãs invadiram as barricadas desfeitas dos Tecedores, cosendo-se ao tecido dos seus corpos, separando os elos que os mantinham unidos. Os Tecedores gritaram quando irromperam em chamas, meia dúzia de piras novas acendendo-se simultaneamente no campo de batalha para se reunirem à fogueira que consumia já secções do fundo do vale.

Mas, entretanto, acabara-se a vantagem da surpresa das Irmãs. Pelo menos dois dos Tecedores mortos haviam tomado providências e enviado pedidos de socorro pela Teia, arremessando fios que estavam demasiado dispersos para serem interceptados. Uma súplica silenciosa de ajuda aos seus companheiros que lutavam noutro lado do Recesso, e um aviso.

A onda de ultraje foi quase palpável, uma fúria entre os restantes Tecedores por poder existir algo que desafiasse a sua autoridade na Teia. Fúria e medo. Pois recordaram o grito derradeiro do Tecedor-mor Vyrrech antes de morrer, há mais de cinco anos:

Cuidado! Cuidado! Porque as mulheres movem-se na Teia!

Os fios serpentearam pelo domínio invisível, procurando, procurando. E enquanto os homens, as mulheres e os Aberrantes, tanto humanos como animais lutavam, porfiavam e morriam por todo o vale, a batalha travava-se num lugar para lá dos sentidos deles. A Ordem Vermelha revelara-se finalmente. No lado ocidental do Recesso, a muralha paliçada cedeu finalmente sob o peso dos cadáveres empilhados contra ela.

Custava a respirar com o fedor a carne queimada e a arder. Os olhos de Nomoru choravam ao fazer pontaria com a espingarda; pestanejou várias vezes e acabou por desistir. O ar era um nevoeiro de fumo negro e flocos de pele carbonizada. As tentativas de os Aberrantes criarem rampas com os próprios mortos fora adiada por algum tempo quando a gente do Recesso começara a despejar azeite

sobre eles e a incendiá-los, mas a pausa não durara muito. As criaturas retomaram a escalada, guinchando e uivando ao verem-se imoladas.

Alguns dos montes de cadáveres eram suficientemente altos para os invasores transporem agora a muralha; invadiram-na em chamas e caíram do passadiço ficando a fumegar lá em baixo no solo, ou avançaram a malhar enfiando-se nas espadas dos Libera Dramach. Mas era a própria inexorabilidade que mantinha os defensores ocupados, e o azeite não chegava onde fazia mais falta. Os fogos extinguíam-se já e alguns Aberrantes começavam a subir a muralha sem ficarem entretanto a arder. Mais abaixo na linha, dúzias de criaturas tinham conseguido dominar alguns dos homens e fugir para as ruas do Recesso antes de chegarem mais espadas para vedar o buraco e registavam-se novas brechas com cada vez maior frequência. O exército de Aberrantes não parecia interessado em lutar contra os homens e mulheres na muralha: só queriam entrar no coração da cidade.

A linha não aguentaria muito tempo. Nomoru sentia-o com uma certeza arrepiante.

Sabia qual era a chave de tudo isto. Os Nexos. Lembrou-se da forma como os animais tinham retrocedido nos desfiladeiros quando abatera vários dos seus manipuladores. Mas os Nexos tinham aprendido a lição, e mantinham-se agora longe da vista, coordenando a batalha à distância. Era um desperdício de munições matar estes soldados de infantaria. Queria chegar aos generais. Um homem Aberrante de testa bolbosa e pálpebras com membranas nictitantes sobre os olhos passou por ela a correr, parou e virou-se para trás.

— Por que não estás a lutar? Acabaram-se as munições? Olha, fica com algumas. — Entregou-lhe uma bolsa cheia de balas de espingarda, depois continuou a correr sem esperar pelo agradecimento que de qualquer maneira não ia receber.

Nomoru seguiu-o com o olhar, ignorando o ruído constante dos disparos, dos gritos e do crepitar das chamas. Aberrantes a lutar contra Aberrantes. Se ao menos as pessoas nas cidades e nas vilas pudessem ver isto, talvez resolvessem pensar duas vezes nos preconceitos profundos e arraigados que tinham em relação às vítimas da moléstia dos Tecedores. Estes, que haviam sido os primeiros a incutir aquele ódio, é que estavam agora a usar os frutos da sua criação para matar outros Aberrantes. A linha de definição não era entre humanos e Aberrantes, era entre humanos e animais. Os únicos que não se qualificavam como um ou outro eram os Tecedores. Podiam ter sido já humanos, mas haviam perdido a sua humanidade ao colocarem as Máscaras.

Nomoru não nutria qualquer carinho especial pelos Aberrantes, mas não os odiava. Odiava os Tecedores. E, apesar desse ódio, rejeitava toda a doutrina deles e isso tornava os Aberrantes e os Libera Dramach seus aliados naturais. Se o soubesse, veria que tinha imenso em comum com Kaiku, e muitos outros homens e mulheres por todo o Recesso. Lutava para se vingar.

O seu corpo estava coberto de tatuagens, momentos marcantes de uma

infância que era tão suja e andrajosa quanto ela própria. Um bebé nascido num gangue no Bairro Pobre de Axekami, de uma mãe viciada em raiz de amaxa e pai desconhecido. Fora criada por quem calhava, fizera parte de uma comunidade de violência em que os membros iam e vinham, em que as pessoas eram recrutadas ou mortas diariamente. A estabilidade não fazia parte da sua vida, e aprendera a não contar com ninguém. Todos aqueles de quem gostara tinham morrido. O seu primeiro amor, os amigos, até a mãe a quem devia uma lealdade ilógica.

Era um mundo perverso e insular, e só os seus talentos para viajar sem ser notada e pontaria excepcional evitaram que se tivesse tornado mais uma vítima dos narcóticos, das guerras entre gangues, da doença e da fome que levava as pessoas à gatunagem e às masmorras. As tatuagens registavam acordos que celebrara, dívidas que tinham para com ela e que cobrara, e solidariedade demonstrada para com os membros do seu gangue. Estendiam-se numa complexa profusão pelos braços acima, sobre os ombros, descendo pelas barrigas das pernas e as canelas. Mas havia uma mais proeminente do que todas as outras, no meio das costas, mais importante para ela do que algo anterior ou posterior. Aquela representava uma aversão tão pura que a queimava todos os dias, uma promessa de vingança mais forte e vinculativa do que a jura de amor mais sagrada.

Uma Máscara Verdadeira, semiconcluída, com um lado marcado apenas como um contorno que seria preenchido quando tivesse perpetrado a sua vingança contra os Tecedores. O rosto de bronze de um deus demente e antigo. A Máscara do Tecedor-mor Vyrrech.

E, se o tivesse sabido, o rosto de Aricarat, o irmão há muito esquecido das irmãs-luas.

Quando a tinham raptado seria um pouco mais velha do que Lúcia neste momento. Esse tipo de desaparecimentos acontecia constantemente no Bairro Pobre. Faziam parte de uma vida, e normalmente passavam despercebidos excepto aos mais próximos de quem era levado. Os nobres tinham de alimentar os monstros que viviam nas suas casas, para os manter apaziguados, por isso escolhiam os indigentes, os pobres, as pessoas sem valor.

Acreditara ser suficientemente inteligente para se manter distante deles, mas nessa noite abusara da raiz de amaxa - preocupando-se pouco com o facto de seguir ou não o caminho da mãe - e fora enviada para os agentes dos Tecedores por um homem em quem julgara poder confiar. Acordara amarrada nos aposentos do Tecedor-mor Vyrrech, no âmago da Fortaleza Imperial.

Não imaginava o tipo de destino que lhe estava reservado. Mas os nós tinham ficado mal atados, e soltara-se e passara dias aterradores a fugir do Tecedor-mor, procurando uma saída dos aposentos dele. Competindo pelos restos de comida com o chacal esfomeado que vagueava pelas divisões, levando uma existência selvagem para que não morresse de fome ou de sede no calor sufocante. E o tempo todo à escuta da chave na porta, a única porta, sabendo que, se o Tecedor-mor a apanhasse,

seria sujeita a torturas inimagináveis. Nunca conhecera um medo tão constante e implacável.

Só terminara quando o Tecedor-mor caíra morto no meio das explosões que sacudiam a Fortaleza Imperial. Descobrira mais tarde que esta morte fora obra de Cailin tu Moritat, mas isso não a preocupara então. Tirara a chave do cadáver dele e fugira da Fortaleza na confusão do golpe, enquanto Lúcia era salva por Kaiku e os seus companheiros. Nomoru só voltara uma vez ao Bairro Pobre depois disso, mas não conseguira localizar o homem que a traíra.

Em vez disso, fora ter com o Tatuador, que lhe fizera a Máscara nas costas, e um símbolo mais pequeno no braço para o homem que a vendera a eles.

Abandonou Axekami, evitando as pessoas que conhecera em tempos. Ser entregue aos Tecedores fora a última gota. Não iria voltar a confiar em ninguém. E assim, vagueara, e ouvira rumores, e acabara por segui-los até aos Libera Dramach e ao Recesso, onde viviam as pessoas que queriam mal aos Tecedores. Pelo menos, sempre era uma causa comum. Pestanejou rapidamente quando uma nuvem sufocante de fumo lhe bateu no rosto, a sua mente rápida passando com celeridade em revista as opções e descartando-as. Que os deuses a amaldiçoassem se ia morrer aqui no Recesso com tanto que ficava por fazer. Tinha de haver uma solução, uma maneira de chegar aos Nexos e destruir o seu domínio sobre o exército. Mas estavam simplesmente demasiado longe, e demasiado bem escondidos.

Uma rajada de ar quente afastou o fumo e deixou que o sol brilhasse através dele. Cobriu os olhos e ergueu a cabeça. No céu por cima do Recesso, dando voltas e regressando, os corvos-seláquios crocitavam.

Olhou-os fixamente por um longo momento.

Os corvos-seláquios. Eles eram a solução.

Pondo a espingarda ao ombro, correu pelo passadiço e começou a descer as escadas em direcção ao solo. A muralha ocidental já não aguentaria muito mais. Só esperava que pudesse resistir o suficiente.

Yugi avançou rapidamente pelo Recesso, a espingarda a postos. Cada rua torta, cada curva nas vielas de terra batida era agora uma ameaça para eles. Atrás de si iam Lúcia, Flen e Irilia, uma das Irmãs da Ordem Vermelha, uma mulher de rosto magro e cabelo louro que Cailin deixara como escolta. Na retaguarda vinha Zaelis, apoiando-se desajeitadamente na perna doente, uma espingarda própria na mão. Andavam predadores à solta nas ruas. Tinham já encontrado e morto um, e passado por vários homens e mulheres mutilados e feridos que só vinham dar mais credibilidade à notícia. Apesar de as defesas não terem caído, as criaturas haviam entrado pela muralha ocidental, e isso queria dizer que já não havia mais refúgio nos planaltos e nas saliências da cidade.

Foram criados planos de contingência, mas estavam a ser postos em prática demasiado tarde. As crianças eram levadas em massa para cavernas no cimo do Recesso, onde uma rede de túneis acolhia reservas de munições e mantimentos. Yugi

defendera que já o deviam ter feito antes de o ataque começar sequer, mas Zaelis não lhe quisera dar ouvidos. Havia demasiadas entradas e essas demasiado grandes; era impossível defenderem-se e, uma vez lá dentro, as crianças ficariam presas. Quisera deixar em aberto a opção de fuga pelo vale para leste, espalhando-se pela Falha de Xarana, na esperança de que o exército se contentasse em ocupar a cidade e não se dispersasse a perseguir indivíduos. Em si, afigurava-se bastante perigoso, pois a Falha não era um lugar para as crianças vaguearem sozinhas; mas sempre era preferível à certeza de serem massacradas. Via-se até que ponto ia o seu desespero para considerarem últimos recursos como estes.

A invasão das barricadas a norte e a sul impossibilitava agora o plano, pois o Recesso estava cercado. Enviar as crianças para as cavernas só ia retardar o inevitável, mas tinham de fazer algo para proteger os jovens.

Yugi conduziu-os por uma ponte de madeira que transpunha os telhados de um aglomerado ao estilo dos edifícios dos Novos Territórios, passando por uma família de residentes Aberrantes que seguia inexplicavelmente em sentido contrário. O céu limpo estava totalmente escondido por nuvens turvas de fumo escuro. Lúcia tossia constantemente, tapando a boca com a mão, enquanto Flen se mantinha perto dela e lhe deitava olhares preocupados. A Irmã seguia com metade da atenção noutro lugar; o ar à sua volta enchia-se de ressonâncias da batalha a ser travada pelas suas companheiras; mas ela estava simultaneamente receosa e, não obstante, ansiosa por se lhes reunir. Deveria ter sido Cailin a guardar Lúcia pessoalmente, mas ela era necessária para comandar a luta contra os Tecedores, por isso deixara uma das suas colegas menos experientes a olhar pela Imperatriz-Herdeira privada dos seus direitos. Irilia acabara recentemente o seu aprendizado, mas possuía talento, e seria fácil lidar com quaisquer criaturas Aberrantes que surgissem no caminho deles.

Subiram à pressa uma ampla escadaria de pedra até um estrato mais alto, virando numa rua estreita e serpenteante onde o aglomerado fortuito de habitações se inclinava num ângulo apertado. Altares fumegavam delicadamente com incenso e estavam cheios de oferendas. A maior parte deles tinha um pequeno grupo de pessoas a rezar ali à volta, procurando na salvação divina a única maneira de evitar o inevitável.

Enquanto desciam a rua, uma coisa de membros compridos e seis patas saltou de uma passagem estreita diante deles. um horror emaciado e aracneiforme com um focinho que fora em tempos simiesco e perturbadoramente humano. Yugi apontara e disparara num instante, mas o seu tiro caiu longe, e o Aberrante desapareceu noutra passagem estreita tão rapidamente quanto surgira. As pessoas nos altares dispersaram, correndo para qualquer abrigo que conseguissem encontrar. Zaelis olhou à sua volta em desalento, um grande peso a instalar-se-lhe no peito. Pela primeira vez, estava perante a ruína completa de tudo aquilo que construía. Todos estes anos passados a reunir pessoas, a organizá-las e a uni-las; todos os anos que as próprias pessoas haviam gasto, a construir estas casas, a viver as suas vidas.

Os Aberrantes trabalhavam lado a lado com aqueles que haviam estado predispostos a odiá-los, no entanto, as diferenças foram superadas, os preconceitos eliminados, e o Recesso prosperara. As pessoas daqui orgulhavam-se imensamente do que haviam conseguido, a comunidade que tinham construído, e Zaelis não lhes ficava atrás.

Este lugar era um monumento ao facto de existir outra via à margem dos Tecedores e à margem do império. Mas tudo se desmoronava à sua volta. Mesmo que sobrevivessem a este dia, o Recesso acabara. Agora que os Tecedores sabiam onde ficava, iriam voltar sucessivamente até acabarem por destruí-lo.

A ideia provocou-lhe um nó tão apertado na garganta, que tinha dificuldade em engolir.

E depois havia Lúcia. Achava os actos dela uma traição. Como pudera ter conspirado com Cailin para montar uma armadilha daquelas aos Tecedores, servir de isca? Dava ouvidos à Ordem Vermelha, mas não ao homem que cuidara dela nos últimos anos. Podia muito bem morrer ali, e tudo porque se recusara a ir para um local seguro. Estaria a fazê-lo só para o atormentar? Tratar-se-ia apenas de um acto rebelde de uma adolescente? Quem podia dizer, no caso de Lúcia? Mas uma coisa era certa: estava a castigá-lo por tê-la enviado a Alskain Mar, a castigá-lo por julgar que ele gostava mais dos Libera Dramach do que dela, por vê-la como um meio para alcançar um fim e não como uma filha.

E ele merecia-o? Talvez. Mas pelos espíritos, não imaginara que lhe fosse custar tanto.

Subiram até outro estrato, aproximando-se do cimo onde ficavam as cavernas. Mulheres corriam freneticamente com os filhos atrás, à beira do pânico. Como se as cavernas servissem de alguma coisa quando as muralhas caíssem...

A Irmã imobilizou-se no meio da rua, e Zaelis quase chocou com as costas dela. Yugi parou também, estendendo uma mão para indicar que os mais novos deviam fazer o mesmo. Estavam mascarados do fumo e suados, e todos, menos Yugi, arfavam do esforço.

— O que é? — perguntou Yugi, sentindo algo nos modos da Irmã que o deixou inquieto.

Ela observava as varandas das casas de cada lado, as flâmulas emporcalhadas agitando-se. O próprio ar parecia ter-se silenciado e acalmado, o ruído à volta deles reduzido a um zumbido distante.

— O que á? — insistiu Yugi. Crescia nele um medonho presságio.

Os olhos da Irmã incidiram numa mulher andrajosa com uma criança, que se encaminhava lentamente para eles, as suas íris escurecidas e vermelhas.

Zaelis nem sequer viu as fúrias. Saíram disparadas por uma porta aberta e atacaram diretas a ele, empurrando-o para o lado e atirando-o ao chão, onde caiu feito um monte. Yugi deslocou-se rapidamente soltando um grito, apontando já a espingarda. As monstruosidades maciças tipo javali avançavam céleres para ele; apertou o gatilho e atingiu uma mesmo entre os olhos. O ataque transformou-se num

balanço quando as patas cederam, mas vinha com demasiado ímpeto para parar e chocou com Yugi. Este tentou saltar-lhe por cima, mas não foi suficientemente rápido; prendeu-se-lhe nas botas, e ele deu uma cambalhota, aterrando de costas com tamanha força, que lhe tirou o fôlego.

A segunda fúria não foi direta a Yugi. Atacou Flen. O rapaz ficou paralisado, tarde de mais para fugir, fraco de mais para lutar. A criatura tinha muitas vezes o seu peso e dava-lhe quase pelo ombro. Avançou ruidosamente sobre ele, uma massa compacta de brutalidade com uma frente que era um emaranhado de compridas presas curvas, e derrubou-o. Ele resvalou pela rua empoeirada num caos de membros inertes, continuando a rebolar até se vir imobilizar com o cabelo despenteado a cobrir-lhe o rosto.

A fúria virou os seus olhos pretos pequenos para Lúcia. Esta olhou calmamente para trás.

O ar irrompeu numa massa de movimento aos gritos e aos guinchos, penas, bicos e garras. Os corvos caíram sobre o animal Aberrante, descendo a pique do céu cheio de fumo e bombardeando-o, prendendo-o com as garras e perfurando-o com os bicos. A criatura tinha uma pele espessa, mas os olhos foram-lhe arrancados em instantes e o focinho transformado em tiras ensanguentadas. Debateu-se e guinchou ao ficar soterrada pela massa de asas a aitar-se, caindo finalmente por terra onde ficou a respirar com dificuldade.

E depois, como um só, os corvos tombaram mortos.

Yugi estava atónito. Não conseguia acreditar no que os seus olhos tinham visto, mesmo quando as últimas aves atingiram o solo. Tinham morrido todas instantaneamente, caindo simplesmente do ar.

Quando o fôlego voltou aos seus pulmões e se levantou, observou a cena: Zaelis, tentando erguer-se; Flen, jazendo imóvel no chão; duas fúrias, uma morta e outra esfolada ao ponto da morte; Lúcia, ali de pé com uma calma no rosto que era bem pior do que o horror que deveria ter patenteado; e espalhados por ali, dúzias de cadáveres de corvos.

Procurou então Irilia, e apercebeu-se de que ainda não terminara. Estava estendida ali perto, a cabeça virada ao contrário no pescoço. Ao lado dela estava uma criança de aspecto imundo, o sangue a jorrar-lhe dos olhos e do nariz. E avançando para Yugi, a mulher que vira instantes antes, uma mendiga arrastando-se a coxear. Enquanto observava, aconteceu algo à sua visão, uma mudança súbita e violenta de perspectiva; e viu no lugar da mulher um Tecedor, a sua Máscara uma massa cintilante de escamas de lagarto que brilhava como um arco-íris. A criança morta tornara-se também um Tecedor. Irilia fora vencida pelos dois, mas conseguira levar consigo um deles. Só que um não bastava, e nem sequer os corvos de Lúcia os podiam salvar neste momento. As pessoas na rua - que não tinham reagido com rapidez suficiente para intervirem aquando do alerta - fugiram ao avistarem a figura no meio deles.

O sangue de Yugi gelou-se-lhe nas veias. Pelos vistos, a Ordem Vermelha não se mostrava infalível, e os Tecedores eram mais espertos do que imaginavam. Não se sabe como, estes dois tinham escapado às Irmãs. Ouviu Zaelis arfar. Lúcia, de pé no meio de toda aquela morte, observava o Tecedor.

O Tecedor fitava-a, um olhar oculto por debaixo do capuz aos retalhos.

Yugi viu Zaelis mover-se na periferia da sua visão. A espingarda do homem mais velho subiu.

— Zaelis, não — exclamou, mas era tarde de mais. A Máscara do Tecedor virou-se para o líder dos Libera Dramach, e estendeu uma mão, dedos brancos curvados numa garra. A tentativa de pontaria de Zaelis foi sustida tão repentinamente que até parecia que alguém agarrara a ponta do cano. Yugi sentiu os seus músculos ficarem simultaneamente rígidos. Cada parte de si agonizava com câibras, prendendo-o ao chão. Os seus olhos estavam arregalados e fixos, mas o seu corpo não reagia, nem sequer para gritar.

Zaelis virava a espingarda para si próprio. Via-se pela expressão de absoluto e imenso horror no seu rosto que o movimento não era voluntário, mas a boca da arma continuava a virar-se lenta e firmemente para ele. Yugi, estático, não conseguia senão assistir. Lúcia encontrava-se ali, o seu olhar distante, e não se mexia.

As pulsações saltavam na garganta de Zaelis com o esforço de resistir, mas era escusado. Inclinar a espingarda de modo a que a boca ficasse encostada à garganta barbuda, por debaixo do queixo. Ele não consegue alcançar o gatilho, pensou Yugi, num acesso de esperança vã. A espingarda é demasiado comprida. O gatilho começou a mover-se lentamente de moto próprio. Os dedos do Tecedor curvaram-se num punho fechado.

— Que os deuses os amaldiçoem, seus bandalhos inumanos — articulou Zaelis, e depois a espingarda disparou e rebentou-lhe os miolos.

O tiro ecoou pelas ruas e perdeu-se nos sons distantes da batalha. O grito de dor que soou na mente de Yugi ficou-lhe preso na garganta. Lúcia continuava imóvel e silenciosa. Os salpicos do sangue do pai adoptivo enchiam-lhe o rosto. Tremia, os olhos cheios de lágrimas, a boca entreaberta. Zaelis caiu de joelhos, e depois tombou de lado no chão. Soltou-se uma lágrima das pestanas de Lúcia e escorreu-lhe pela face fuliginosa.

O Tecedor ignorou Yugi, virando agora o seu rosto escamoso para a rapariga.

— Lágrimas, Lúcia? — arranhou a sua voz. — Não servem de nada. Não servem mesmo de nada.

Yugi emitiu um som estrangulado: Ela não! Leva-me! Mas nenhuma porção de vontade conseguiu anular o poder do Tecedor. Quis gritar ante a sua própria impotência, mas nem sequer lhe foi permitido fazê-lo.

O Tecedor deu um passo na direcção dela; e a sua Máscara desfez-se.

Chegou-lhes um instante depois o disparo de uma espingarda. O Tecedor ficou inexpressivo durante alguns segundos, um fio de sangue a sair pelas fracções

estалadas do seu rosto, e a seguir tombou para trás e caiu num monte.

Os músculos de Yugi soltaram-se de imediato, e caiu de joelhos a arfar. Uma rajada de vento soprou uma nuvem densa de fumo sobre ele, transformando a rua numa mortalha asfíxiante, tossiu cavernosamente; mas o mero alívio da dor do aperto do Tecedor trouxe-lhe aos olhos lágrimas que nada tinham a ver com o ar poluído. Soluçou uma vez, o choque, o terror e a dor dos últimos momentos invadindo-o; depois engoliu em seco, soltou um suspiro entrecortado e limpou os olhos com a ponta da faixa à volta da sua testa.

Lúcia.

O vento mudou então. O fumo subiu e afastou-se como se sugado em direcção ao céu, e eis ali Nomoru, abrandando até parar de correr ao aproximar-se de Lúcia, a sua espingarda ornamentada aninhada num braço.

Observou a cena com frieza e passou uma mão pelo cabelo sujo.

Yugi aproximou-se lentamente deles, o corpo e a mente ainda entorpecidos e doridos. O olhar de Nomoru cruzou-se com o dele nesse entretanto.

— Segui os corvos — referiu ela.

Olhou-a fixamente, sem conseguir encontrar palavras; depois acorcorou-se defronte de Lúcia, colocando as mãos nos ombros dela. Tremia como uma folha, olhando para lá dele, as lágrimas descendo-lhe pelas faces.

— Aquele é Zaelis? — perguntou Nomoru.

Yugi estremeceu ante a insensibilidade dela.

— O rapaz. Vai ver se ele está bem.

Nomoru fez o que lhe mandavam. Outras pessoas desciam agora a rua, correndo a ajudar, arfando ao verem os Tecedores mortos, demasiado tarde para fazerem algo. Onde estavam quando necessitamos delas? pensou Yugi com azedume.

— Lúcia? — chamou. Ela não o olhou, tão-pouco pareceu ter ouvido. — Lúcia? — chamou de novo.

Nomoru regressou nessa altura. Yugi olhou para ela: abanou a cabeça. Flen morrera.

Yugi mordeu o lábio; a dor era quase excessiva para a guardar lá dentro. Levantou-se e afastou-se, receando descontrolar-se diante de Lúcia. Não era indiferente ao assassinio; havia muitas coisas no seu passado que preferia esquecer. Mas, ó deuses, toda esta matança...

Ouviu Nomoru atrás de si.

— Lúcia? Lúcia, consegue ouvir-me? Há mais aves? Há mais corvos?

Preparava-se para reagir e gritar-lhe que deixasse a pobre criança em paz, ela já sofrera o suficiente; mas depois ouviu a vozinha dela responder.

— Há mais.

Yugi virou-se, viu a batedora ali de pé, desajeitadamente, e a rapariga esbelta e bela a olhá-la com uma dor profunda estampada nas suas feições, e sentiu vontade

de chorar.

— Precisamos deles.

— Nomoru... — começou Yugi, mas ela levantou uma mão e ele calou-se.

Lúcia passou delicada mas energicamente por Nomoru. Aproximou-se do sítio onde jazia Zaelis e olhou para ele. Depois passou por cima dos corpos das aves e dirigiu-se para o sítio onde estava o corpo partido de Flen, agora virado para cima e olhando sem ver para o além. Durante muito tempo, os seus olhos percorreram-no, como se esperasse a qualquer momento que ele se levantasse de novo, respirasse, risse.

Olhou por cima do ombro, o rosto sulcado pelas lágrimas artificialmente calmo, como se tivessem passado um verniz pela sua expressão.

— Os corvos são teus — disse, e a sua voz cortava como uma faca. — O que queres que faça?

CAPÍTULO 35

(Deixa-nos sair.)

Kaiku olhou automaticamente na direcção da fonte do som, antes de se aperceber de que não houvera som. A voz vinha de dentro da sua cabeça, uma forma de comunicação através da Teia semelhante àquela que a Ordem Vermelha usava, mas muito mais tosca.

Tsata preparou-se para receber os palreiros em aproximação, que vinham pelo túnel, anteceditos dos seus gorjeios. Conseguia apenas ver uma bocarra escura, rígida: a sua visão nocturna era destruída pela luz putrescente da pedra mágica que brilhava através da grade nas costas deles.

— Kaiku, se tens algumas ideias, é chegado o momento — disse com um certo humor negro.

(deixa-nos sair)

A voz era um murmúrio insistente, rouco e entrecortado. Vinha das criaturas que se moviam por detrás das grades nos túneis laterais. Ficavam mesmo na orla da luz, permitindo indícios da sua forma, mas não mais. Os indícios eram bastante perturbadores. Não existia neles uma forma regular: tinham configurações assimétricas, torcidas, outras ainda com muitos membros e outras com tentáculos ou garras, outras ainda com espinhas ou barbatanas vestigiais. A maior parte possuía apêndices que não conseguia sequer identificar.

Eu conheço-os, pensou de si para si. Já os vi antes.

No mosteiro dos Tecedores, no fundo das Montanhas Lakmar, encontrara criaturas semelhantes a estas, e igualmente aprisionadas. Tinham tentado atacá-la, pensando tratar-se de um Tecedor, pois estava disfarçada de tal. Houvera muita especulação no Recesso a respeito do que seriam estas coisas, mas ninguém conseguia mais do que teorizar.

Recuou instintivamente da criatura que falava consigo. A sensação proporcionada pela Teia permitira-lhe encontrar a direcção. Aproximava-se mais.

Porém, ao recuar de um lado, acercou-se de outra, e o túnel aqui era estreito. Algo frio e viscoso envolveu-lhe a mão apertando-a com força. Ela gritou e virou-se bruscamente; ficou solta, e um tentáculo fino recuou por entre as grades. Tsata virou-se ao ouvir o som, vendo-a a olhar para o sítio por onde aquilo desaparecera.

Algo se moveu agora mais perto das grades, algo pequeno, destruído.

A luz incidiu nele, e Kaiku empalideceu.

Era uma monstruosidade, um aglomerado deformado de pernas e braços presos a um torso central que era quase irreconhecível como tal. A sua pele amarelada estendia-se sobre um esqueleto irremediavelmente retalhado, e estremecia, e movia-se espasmodicamente, agitando os seus múltiplos membros. Havia uma espécie de cabeça sem pescoço ali no meio, pouco mais do que um alto

bolboso, sobre o qual se estampava algo semelhante a feições.

Mas o rosto que apresentava era o de Kaiku. O choque fê-la vacilar. Era o mesmo que olhar para um espelho distorcido, ou uma escultura de si própria que fora deformada e estava meio derretida. A carne pendia das órbitas, a boca estava puxada para um lado como se por um gancho invisível, os dentes em filas múltiplas... mas continuava, inconfundivelmente, a ser uma aproximação dela.

(deixa-nos sair), repetiu a voz, insistente.

(O que são vocês?), respondeu, a repulsa fazendo esquecer os perigos de usar o seu kana.

A coisa que copiara o rosto dela retirara-se agora para as sombras, e Kaiku virou-se para aquela que estava de certa forma a falar consigo. Aproximara-se das grades, uma coisa pateticamente pequena com uma barbatana de espinhas flácidas e todos os seus membros drasticamente diferentes no tamanho. Olhos remelosos, cada um de sua cor, fitavam-na de um rosto inclinado.

(O que são vocês?), voltou a perguntar, com necessidade de que isto fizesse algum sentido.

(Pais Forjadores), respondeu, e Kaiku foi bombardeada com imagens, vistas e sensações que a atingiram totalmente numa massa desorientadora, percorrendo-lhe a mente num instante.

Os Pais Forjadores. Aqueles que haviam criado as Máscaras para os Tecedores usarem.

Captou recordações confusas de forjas e oficinas, mosteiros em profundezas subterrâneas, construídos de acordo com as ideias insanas de arquitectura dos Tecedores; depois, recuando mais, a memória de uma família

— Ó deuses, em tempos isto fora um homem, um artesão, e tinham-no levado, os Tecedores vindo de noite como espíritos maléficos, roubando-o da sua minúscula aldeia nas montanhas; agora trabalhava, trabalhava, criando as Máscaras ao lado de outros homens - nunca mulheres, - artistas, carpinteiros e fundidores, e sempre o pó, o pó, o pó da pedra mágica que colocavam no seu trabalho para lhes conferir o poder que os Tecedores pretendiam; e olhando à sua volta e vendo o que o pó estava a fazer a todos aqueles homens, o que lhe estava a fazer a ele, começando por uma mancha escamosa na parte de trás do pulso, e depois uma espécie de excrescência nas costas, e as mudanças, a corrupção terrível adveniente de manusear dia após dia o pó da pedra mágica em bruto, não tratado; e, quando não mudavam demasiado, levavam-nos, mas não os matavam — ó vida, por que não os matavam?, — aprisionavam-nos enquanto continuavam a mudar, mesmo longe do pó; e, às vezes, como agora, as suas prisões ficavam inundadas e eram levados para outro lugar, onde os encarceravam porque era perigoso ter demasiados juntos, porque alguns, como este, conseguiam fazer coisas, coisas estranhas provocadas pela mutação implacável e interminável, e outros, como aquele, conseguiam roubar partes alheias e copiá-las e não o podiam evitar e (DEIXA-NOS SAIR!)

A força mental da mensagem entonteceu Kaiku. Foi invadida pelo tormento numa onda empática.

— Kaiku! — chamou Tsata com urgência. Os palreiros estavam quase a alcançá-los.

Tomou a decisão. As íris dela escureceram até ficarem vermelho-escuras com a libertação plena e não refreada do seu kana, o cabelo agitando-se-lhe à volta do rosto como se devido a um vento espectral.

O poder brotou avidamente dela, prendendo-se aos fios dourados do ar, cosendo-se ao metal da grade que os separava da pedra mágica. Com um puxão, duas das colunas saltaram e foram a girar até ao lago lá em baixo, deixando um buraco suficientemente grande para uma pessoa passar. Os Pais Forjadores começaram a uivar.

(NÃO! NÃO! DEIXA-NOS SAIR!)

— Tsata! Por aqui!

O Tkiurathi virara-se ao ouvir o metal a despedaçar-se; agora, ao ver uma via de fuga, correu para ela, parando por um instante defronte de Kaiku. Os seus olhos cruzaram-se; os dele, claros e verdes, os dela, de um vermelho Aberrante demoníaco. Atirou o saco com os explosivos para os braços dele.

— Primeiro tu - disse.

Ele não contestou. Limitou-se a saltar para o ar, contando com a sorte de que a água lá em baixo fosse suficientemente funda para o receber.

Kaiku ouviu o chape quando ele embateu. O primeiro dos palreiros apareceu a correr à esquina do túnel, avançando para ela com os seus passos felinos. Seguiram-se diversos outros um momento depois. Agitou a mão, e as grades dos túneis laterais saltaram, caindo com ruído no chão de pedra. Os Pais Forjadores uivaram, exultantes, brotando das suas prisões; mas, entretanto, Kaiku saltara já e caía em direcção ao lago. Os palreiros atacaram os Pais Forjadores, que responderam com um tropel de selvajaria e um número avassalador, indiferentes às próprias vidas, uma massa furiosa e insana.

O resto dos palreiros e os Nexos que chegaram depois viram-se confrontados com dúzias de figuras grotescas clamando por sangue.

O fim deles foi tão desagradável quanto o haviam sido as vidas dos Pais Forjadores.

Os vencedores subiram ruidosamente o túnel, espalhando-se pelas cavernas, semeando a destruição para onde quer que fossem. Pretendiam morte e vingança proporcionais, e deixavam um rasto de destruição. A temperatura da água expulsou o fôlego dos pulmões de Kaiku. Os gritos dos Pais Forjadores tornaram-se subitamente baixos e difusos quando mergulhou no lago e os ouvidos se lhe encheram com o borbulhar; depois, quando o seu impulso descendente se dissipou, bateu com os pés para subir em direcção; à luminescência imunda da pedra mágica. Irrompeu pela superfície arfando, o cabelo colado de um dos lados do rosto. O tumulto tornou-se

novamente ensurdecador.

Tsata nadava já para longe dela, um braço bem agarrado ao saco dos explosivos. Chamou-o, mas ele não parou, e teve de nadar atrás dele. Na retaguarda, os palheiros lamentavam-se ao serem dilacerados pelas coisas que ela libertara. Algumas das figuras grotescas brotavam da grade destruída, caindo desajeitadamente pelo ar até ao lago e nadavam ou iam ao fundo, consoante a gravidade da sua mutação e a configuração dos seus corpos. Dois deles tinham saído e rastejavam pelas paredes do poço como aranhas.

Os golneri fugiam em todas as direcções, aterrados ao verem os Pais Forjadores, as suas botas fazendo ruído nos passadiços que se entrecruzavam lá em cima. Quaisquer Nexos e Aberrantes que tivessem estado aqui no fundo do poço haviam desaparecido, na sequência dos alarmes dados ao verem Tsata e Kaiku lá no viveiro de vermes; não estava ali ninguém para proteger as diminutas criaturas, e entraram em pânico. Reinava o pandemónio.

Kaiku nadava melhor do que Tsata, e alcançou-o quando estava a trepar para um pequeno alto rochoso de onde uma ponte precária atravessava a água até à ilha central, onde a pedra mágica brilhava. Lá ao fundo, os enormes alcatruzes continuavam a sua procissão entrando e saindo do lago, e canos maciços sugavam água ali próximo. Agarrou-lhe o braço bom quando se preparava para correr, e ele virou-se para trás, o seu rosto tatuado sinistro à luz misteriosa.

— Temos de — começou, mas ele abanou a cabeça. Sabia o que ela ia dizer: tinham de se esconder, de fugir deste lugar antes que os Tecedores chegassem, atraídos pelo kana dela. Mas para ele o esconderijo estava fora de questão.

Deu um estalido com a língua e apontou. Seguindo a coxear por um passadiço lá muito em cima, uma figura encapuzada e Mascarada com vestes andrajosas.

— Mantém-no afastado — pediu Tsata, e depois correu pela ponte, direto à pedra mágica, levando consigo o saco encharcado dos explosivos.

Kaiku não teve tempo para protestar, nem sequer para considerar se os Pais Forjadores que chapinhavam na água constituíam uma ameaça tão grande para eles quanto quaisquer outros. O Tecedor, ao ver o Tkiurathi aproximar-se da rocha medonha, enviou uma massa de tentáculos pela Teia para o destruir. Kaiku reagiu sem pensar, e o seu kana irrompeu para interceptar. Deu-se uma colisão das consciências deles, e ficou tudo dourado.

Ela era um jacto de fios, chocando e emaranhando-se nos do próprio Tecedor, usando a fracção de vantagem adveniente da surpresa para penetrar o mais fundo possível antes que o Tecedor se torcesse e fechasse como um punho, enterrando-os a todos numa bola de combate apressado. Apareceram nós diante dela quando procurou desemaranhar-se e prosseguir, confluências insolúveis que umas vezes atacava e outras evitava. A sua mente dividira-se numa mistura de consciências infinitas, um exército dos seus pensamentos travando cada um uma

batalha pessoal no meio da tapeçaria de luz em movimento. A fúria da Teia inundou-a, não tão intensa quanto a maldade incomensurável dos ruku-shai, mas mais pessoal: a mulher invadira o domínio do homem, e o seu castigo seria exemplar.

E depois, repentinamente, com um choque, a visão dela inverteu-se e o diorama escureceu. Estava num corredor: um corredor comprido, carregado de sombras. Relâmpagos purpúreos lançavam uma iluminação intensa e rápida através das persianas, projectando estranhos padrões na parede. Relâmpagos de uma tempestade lunar, como houvera no último dia em que vira este lugar. Havia jarras com flores guya em cima de mesas, pendendo e acenando na agitação da brisa. Chovia, apesar de o saber não pelo som, mas pela humidade quente no ar. O silêncio fazia-lhe doer os ouvidos; no seu lugar, apenas o bater do coração dela.

Era a casa do pai na Floresta de Yuna. A casa onde a sua família morrera, e onde o demónio shin-shin a perseguira. Nunca chegara a abandonar por completo os pesadelos de que acordava a suar com a memória diminuinte de corredores e coisas com pernas-andas, escondidas atrás de portas e do outro lado de esquinas.

Mas isto não era um sonho; isto era impossivelmente real.

Olhou para si mesma, e confirmou o que já sabia: era novamente criança, de camisa de dormir, sozinha numa casa vazia. E vinha algo direto a si. Sentiu a sua presença negra aproximar-se, acercando-se rapidamente dela, uma coisa de fúria e ira. Algo que a alcançaria numa questão de momentos, um animal tão enorme que a envolveria e engoliria inteira.

Era uma criança, e por isso fugiu.

Mas a noite era como alcatrão, espessa e desagradável, arrastando os membros dela para baixo. Não conseguia fugir sem virar as costas ao que se aproximava, mas também não o conseguia ultrapassar. E mesmo assim fugia, pois era inacreditável o terror daquela malícia invisível, levando-a a querer rogar, chorar e suplicar para que se fosse embora, apesar de se sentir sufocada com a certeza de que não podia fazer nada para lhe escapar. A sua corrida descalça era agonizantemente lenta. As flores guya viravam para ela os seus rostos escondidos pelas pétalas, vendo-a passar com um interesse sinistro. O fim do corredor parecia retroceder um passo por cada dois que ela avançava. Atrás de si, a criatura aproximava-se cada vez mais, atroando pelo labirinto no sonho com a sua casa, e parecia sempre que ia apanhá-la a qualquer momento, que não poderia ficar mais próxima sem que a alcançasse. Todavia, sempre a crescente sensação de terrível proximidade, até as lágrimas lhe descerem pelo rosto e ela gritar sem fazer barulho.

E continuava a fugir, e o fim do corredor aproximava-se com uma paciência destinada a atravessar-se na sua vida.

O Tecedor! É o Tecedor.

Os seus pensamentos libertaram-se da forma infantil onde ficaram momentaneamente emaranhados. Fez um esforço para se recordar de que estava na Teia, que o seu corpo escorria água numa ilha num lago subterrâneo no fundo de um

enorme poço na terra. E, todavia, onde estava o mundo dourado que conhecera, a paisagem onde o kana dela navegava? Onde estavam os fios?

Fez-se então luz. O Tecedor mudara as regras do jogo. Cailin avisara-a de que os Tecedores escolhiam as visualizações da Teia, adaptando-a a alguma forma que conseguissem compreender e controlar, porque, ao contrário das Irmãs, não eram capazes de manipular o elemento puro sem perderem as mentes na bem-aventurança perigosa e hipnótica. O seu adversário encaminhara-a para a visualização do seu próprio pesadelo, detectara a fuga dos medos subconscientes que a sua demasiada inexperiência não permitia refrear e virara-os a seu favor. Estava presa aqui, uma criança fraca e indefesa a enfrentar um monstro de potencial inimaginável.

Como podia combatê-lo aqui? Como podia vencer um Tecedor? Era suicídio enfrentar um deles! Eram mestres neste domínio, ao passo que ela dispunha apenas de algumas técnicas rudimentares e do seu instinto para a guiar. Como podia vencer o inimigo quando era ele quem definia o jogo, quem impunha as regras?

Apoderou-se dela o desespero, o desespero por ser uma rapariguinha perdida num pesadelo, uma adulta presa numa batalha desesperada. O Tecedor apanhá-la-ia, e matá-la-ia, ou pior. E depois, mataria Tsata.

Foi esse pensamento e mais nenhum que refreou a sua descida à submissão.

Não posso fugir. Não é só a minha vida que está aqui em risco.

A pureza daquela percepção fortaleceu-a. Não era uma mera tentativa de autopersuasão; era uma questão do que se impunha absoluta e incontestavelmente que fizesse. A dada altura nestes últimos dias, parara de pensar em si e em Tsata como uma equipe, como companheiros, até como amigos; na verdade, já não tinha a certeza se essa amizade era a forma mais rigorosa de descrever os laços que se tinham desenvolvido entre eles, a compreensão estranha e hesitante um do outro, a confiança cega necessária à sobrevivência aos mortíferos predadores Aberrantes que tinham seguido e que os haviam perseguido.

Alguma subtil osmose de palavras e actos que passava dele para ela, e começara a pensar em ambos como um simbiota, um estado de existência em que um não podia viver sem o outro - uma única entidade, a fusão de dois seres independentes.

Se morresse ali, ele morria também. Colocara a sua vida nas mãos dela quando a encarregara de empatar o Tecedor enquanto ele tentava destruir a pedra mágica.

Kaiku não imaginava quanto tempo passara no mundo de Tsata - estava demasiado mergulhada neste - mas cada momento que lhe pudesse dar talvez fizesse a diferença entre a vida e a morte dele, entre concluírem a tarefa e falharem. Isto era pash, o conceito okhambano de unidade e subversão altruísta dos desejos pessoais ao bem maior. Compreendia-o agora, e deu-lhe uma força acerada. Abrandou até parar. O fim do corredor parecia saltar convidativamente na direcção dela, instando-a a

prosseguir. O avanço do Tecedor vacilou, e tinha agora consciência da presença dele mesmo atrás de si, suficientemente perto para lhe tocar, fazendo com que os pêlos finos nas costas e no pescoço dela se eriçassem com a intensidade da fome dele. Estava quase lá, quase na esquina que a encobria daquele olhar odioso. Mas afastou-se dele. E, quando o fez, cresceu, passando por vinte anos num ápice, e foi uma Kaiku adulta com as íris de um vermelho arterial que olhou para a criatura em que o Tecedor se tornara.

Enchia todo o corredor, um homem-besta enorme, com seis braços, a babar-se e que pairava sobre ela, o seu bafo quente e fétido a cheirar a carne putrefacta. Tinha garras nos pés e nas mãos, mas o resto do seu corpo era humanóide, cheio de músculo e coberto com pêlos pretos espessos no peito e nas virilhas. A sua pele era vermelha e reluzia de suor, e o seu rosto era todo ele focinho, cornos e presas.

Saíam vapores nocivos por entre os seus dentes afiados, envolvendo-o em fumo. Olhos pequenos de um brilho intenso.

Era um exagero demoníaco de um dos seus mais repelentes receios da infância, baseado no ícone de Jurani que o pai tinha no seu gabinete de trabalho. O deus do fogo com seis braços que possuía duas representações, e as estatuetas dele eram sempre feitas aos pares - uma como vivificante fonte benéfica de luz e calor, e outra como uma criatura furiosa de destruição. Kaiku tivera medo desta última estatueta em criança, desde que a mãe lhe dissera que Jurani vivia no Monte Makara e que o seu perpétuo fumegar era o vapor que saía das narinas do deus. Foi o erro do Tecedor. O medo do escuro hiante, dos corredores vazios cheios de temores sem nome... que era algo que sempre estivera com ela, um instinto subtil e primitivo que acompanhava as crianças até à idade adulta e à velhice.

Mas ela vencera o medo de Jutani quando era jovem, e o seu aparecimento aqui era incôngruente e chocante. O Tecedor manipulava os receios dela, mas captava apenas ressonâncias e memórias, e isso era algo que há muito morrera.

Atirou-se ao animal, engalfinhando-se os dois, e o mundo irrompeu de novo num mar de fibras douradas. A ilusão do Tecedor desfez-se. Mas via agora o que o seu inimigo estivera a fazer enquanto ela era distraída pelo seu ardil. Aproveitara o tempo que ela desperdiçara a fugir para tirar partido, invadindo as suas defesas, desfazendo nós até a barreira que o separava do corpo físico de Kaiku ficar muito fina e pronta a romper-se. Freneticamente, firmou-as, tecendo novos pontos no campo de batalha, dançando de fio em fio.

O Tecedor atacou agressivamente, uma agitação de golpes e fintas destinados a distraí-la dos verdadeiros estragos que estava a causar; mas Kaiku adivinhou o truque dele e ignorou as falsas vibrações, saltando rapidamente aqui e ali, reconstruindo, criando nós, armadilhas e emaranhados para cansar e confundir o adversário.

O mundo voltou a mudar, tornando-se um túnel comprido e escuro ao fundo do qual algo se precipitava para ela, mas tomou-o agora pelo que era e obrigou a sua

percepção a voltar à Teia, afastando a cena. Aqui não tinha de enfrentar a necessidade de interpretar o domínio, como sucedia ao Tecedor. Podia lidar directamente com a matéria-prima. Isso deu-lhe vantagem, tornou-a mais rápida do que o seu adversário.

Contudo, lamentavelmente, continuava a ser inexperiente na arte, e o Tecedor era inteligente. Estava na retranca e, apesar da sua rapidez, não o conseguiu afastar em definitivo. A ideia de contra-atacar era inexequível enquanto ele a seguisse desta maneira.

Só precisas de ganhar tempo, pensou.

Depois viu a oportunidade: uma abertura, um intervalo na barreira do Tecedor que se enfraquecera da falta de manutenção, criado pelo alargamento dos fios circundantes. A atenção do Tecedor estava firmemente fixa nela, negligenciando a sua própria defesa. Ia avançando para um labirinto insolúvel que Kaiku preparara para o retardar. Assim, ele estaria ocupado tempo suficiente para Kaiku... Não tinha tempo para mais considerações. Convergindo a sua consciência para um ponto, fê-la transpor os tentáculos brilhantes da influência do Tecedor e entrar no intervalo. Tarde de mais se apercebeu de que era uma cilada. O intervalo fechou-se atrás de si, fazendo descer uma cortina de emaranhados caóticos para a impedir de sair.

As fibras circundantes comprimiam como uma rede, apertando-a. Debateu-se desesperadamente, mas os elos demoraram a romper-se, e os novos iam-na envolvendo sem cessar, como uma aranha cercando uma mosca.

Sentiu, noutra parte da sua mente, o Tecedor esquivar-se à armadilha que ela preparara, e apercebeu-se de que a sentira sempre e de que se limitara a dar-lhe a oportunidade de se precipitar na sua própria armadilha. Começou por voltar a penetrar nas defesas dela, desfazendo-as sucessivamente, e ela não se conseguiu desemaranhar para enfrentar a situação. Avançara com de masiada avidez, caíra num truque amadorístico, e agora não tinha como sair a tempo de o deter. Fora um erro que lhe iria custar a vida. Debateu-se e gritou sem som, lutando para se libertar, enquanto o Tecedor ultrapassava o último dos obstáculos que ela colocara e enviava tentáculos medonhos até ao corpo dela, até à carne dela.

Depois, as fibras da Teia flectiram-se poderosamente, um tsunami a esmagá-las, um grito idiota sem palavras que levou tanto Kaiku como o Tecedor numa corrente rápida e os deixou a rodopiar nos remoinhos do seu rescaldo. Kaiku sentiu os tentáculos do Tecedor soltarem-se dela ao ser libertada do seu casulo, todas as defesas empurradas para o lado pela força da agitação. Ficou tonta e baralhada, à espera de que os seus instintos traduzissem o clarim que os atordoara.

A pedra mágica. A pedra mágica!

Estava em apuros.

O Tecedor ficou paralisado, vencido pela força do grito e simultaneamente atraído para lá. A sua prioridade era, e sempre fora, o bem-estar da pedra mágica à sua guarda. Não se tratava apenas de uma tarefa, era o motivo exacto da sua

existência. Não compreendia a origem da compulsão que o movia, desconhecia a origem da mente de grupo que controlava os Tecedores. Desconhecia que aquilo que guardava não era apenas o manancial do poder dos Tecedores, mas também um fragmento do deus-lua Aricarat. Ante o grito da pedra mágica, ele era como uma mãe cujo filho estava ameaçado, e nada mais importava senão salvá-lo. Nem mesmo defender-se. Só se apercebeu de que Kaiku o atacava quando ela irrompeu pela malha das suas barricadas e penetrou no seu âmago. Era uma agulha a espiralar que percorria o diorama da Teia, resplandecendo dentro dele, ancorando-se até obter o tipo de domínio de que necessitava.

Desde o começo, sempre fora capaz de usar o seu poder com uma finalidade básica: destruir. E despedaçou o Tecedor.

A sua visão voltou à realidade a tempo de ver a figura encapuzada explodir numa chuva de ossos e sangue no passadiço, pedaços da túnica a arder e Máscara e pele andando pelo ar até assentarem a crepitar na água escura do lago. Um enfraquecimento terrível esgotou-a, e foi puxada até ficar de gatas devido ao peso, o cabelo encharcado a cair-lhe sobre o rosto, as costas subindo e descendo com dificuldade em respirar. Parecia que algo se partira dentro de si, um resto dos danos que o Tecedor conseguira causar. A violação do toque dele fê-la vomitar, espalhando o parco conteúdo do seu estômago sobre a pedra lisa entre as mãos. Vagamente, apercebeu-se do bramido da precipitação das quedas-d'água, dos gemidos ecoantes e dos uivos dos Pais Forjadores, do ruído de botas no metal enquanto os golneri tentavam fugir do poço.

Depois teve a percepção, um pensamento que soou simultaneamente a triunfo e incredulidade. Enfrentara um Tecedor, e vencera.

Mas o momento de alegria foi fugaz. Esgotara-se ao fazê-lo, prolongara demasiado o uso do seu poder, tal como costumava suceder antes de Cailin lhe ensinar a moderação. O seu kana esgotara-se praticamente, e com ele o seu corpo; agora encontrava-se pateticamente vulnerável, e exposta ainda ao mais terrível perigo. Mal conseguia erguer a cabeça para olhar para a ilha central onde se encontrava a pedra mágica, para a coisa medonha que involuntariamente lhe salvara a vida. Estava pejada de Pais Forjadores, que a atacavam com pedras e ferramentas e raspavam directamente com as garras. Havia dentes e unhas partidos na sua superfície, e os punhos e as mandíbulas ensanguentados eram testemunho da fúria insana do ataque deles. Os danos que causavam eram bem maiores para si próprios do que para a pedra mágica, que sofria apenas despidiendamente sob os seus ataques.

Conseguia sentir ainda o lamento dela, ressoando através da Teia, estendendo-se por uma distância incalculável para pedir ajuda. Se restassem aqui quaisquer Tecedores, estariam neste momento a precipitar-se para a câmara; e Kaiku não aguentaria ter de enfrentar outro.

Avistou então Tsata. O Tkiurathi estava acorado na base da pedra mágica, a enfiar explosivos lá por debaixo e a calcá-los com a lama que retirava debaixo da

linha da água. Os Pais Forjadores pareciam ignorá-lo, e ele, por seu lado, dava mostras de uma concentração exclusiva no seu trabalho. Ter-se-ia sequer apercebido da luta por que ela passara para lhe salvar a vida? Kaiku sentiu uma onda de ressentimento ante aquilo, e deslocou-a para os pés, usando-a como muleta para vencer o cansaço que se abatera sobre si.

Algures lá em cima, Pais Forjadores, palreiros e Nexos lutavam na rede de passadiços. Estava demasiado exausta para pensar em algo mais que não fosse arrastar-se pela ponte em direcção à ilha central, em direcção a Tsata. Os alcatruzes rodavam, os canos sugavam e as fornalhas lançavam vapor, silvavam e ressoavam, ignorando o estado dela, infinitos no seu propósito. A pedra mágica espalhava a sua luz repulsiva e o ar pareceu rastejar quando ela se aproximou; o seu estômago contraiu-se e começou a agitar-se. Chegou cambaleante ao lado do companheiro, confiante de que os Pais Forjadores não a entravariam, e deixou-se cair pesadamente de joelhos ao lado dele. A sua palidez estava ainda mais acentuada do que o habitual; via-se que a proximidade abjecta da pedra mágica também o estava a afectar. Deitou-lhe um olhar de soslaio, depois retomou a sua tarefa.

Agora já conhecia melhor os modos dele. O mais importante para todos era destruir a pedra mágica. Isso tornava tudo mais secundário para Tsata. Mas, ó espíritos, nem sequer se apercebera do que ela acabara de fazer. Uma palavra de apreço, de agradecimento, mesmo de alívio ao vê-la... não seria necessário mais nada. Mas ele estava demasiado concentrado, demasiado fixo nas suas prioridades.

— Os rastilhos estão molhados — anunciou, depois de colocados os últimos explosivos. — Não acenderão.

Kaiku levou um momento a assimilar a informação, e mais um outro até perceber as implicações. Qualquer raiva que tivesse sentido ante a atitude desinteressada dele foi empurrada pela força de uma nova emoção.

— Não, Tsata — referiu, horrorizada. Sabia o que ele estava a pensar. Sabia o que faria um Tkiurathi.

— Tu tens de ir embora — disse, olhando-a. — Eu fico, e certifico-me de que os explosivos funcionam.

— Queres dizer que vais ficar e morrer aqui! — exclamou.

— Não existe outra maneira — redarguiu Tsata.

Agarrou-o pelos ombros, com força, e virou-o para si. O cabelo louro-alaranjado dele caía-lhe em pontas molhadas sobre a testa, o rosto tatuado estranhamente calmo. Está claro que estava calmo, pensou, furiosa. Para ele, todas as escolhas foram já feitas. Aquela mesma filosofia maldita do altruísmo que ajudara a salvar a vida dela significava que ia desperdiçar a sua, porque era para o bem maior.

— Não te vou deixar morrer desta maneira — declarou com veemência. — Um homem morreu há cinco anos porque me seguiu em algo em que não se deveria ter envolvido, e a morte dele ainda hoje pesa na minha consciência. Não quero também a tua!

— Não me podes impedir, Kaiku — disse-lhe. — É simples. Se eu for, não conseguiremos destruir a pedra mágica, e foi tudo em vão. Não se trata de nós. São os milhões de pessoas no Saramyr. Temos a oportunidade de desferir um golpe, e a minha vida não significa nada comparada com a daqueles que pode salvar.

— Significa algo para mim! — exclamou, e quase de imediato arrependeu-se. Mas estava dito, e não havia volta.

Calou-se de imediato. Algo nela quis continuar, explicar o que sentia brotar dentro de si, que via neste homem alguém em quem podia confiar em absoluto, alguém que era incapaz de a trair como fizera Asara, alguém com quem não precisava de temer abrir-se por completo. Mas a cicatrização do seu coração depois de tantas feridas não ficaria concluída num momento e, apesar de saber que não suportaria a dor de o deixar sacrificar-se desta maneira, sabia igualmente que não se atrevia a dizê-lo.

Olhou-a com ternura.

— Não há tempo — disse, e notou-se um certo pesar na sua voz. — Vai!

— Não posso ir! — retorquiu, engolindo bílis quando o seu estômago reagiu às emanções da pedra mágica. — Estou demasiado fraca. Preciso que me ajudes.

Passou uma sombra de dúvida pelos olhos pálidos de Tsata, depois desapareceu quando a determinação se firmou neles.

— Nesse caso, também tens de ficar.

— Não! — gritou. — Ó espíritos, este altruísmo que tanto prezas às vezes aborrece-me! Não me vou sacrificar por isto, e tu não vais fazer essa escolha por mim! És o único que pode levar ao teu povo a mensagem do perigo causado pelos Tecedores; eles não acreditarão num Saramyr. Matares-te aqui é egoísmo. Estás a pensar no meu pash, e não no teu, não no teu povo. Se eles não souberem disto, será a vez deles depois da queda do Saramyr, e tu és a única pessoa viva que os pode avisar! Não sabemos o que causará a destruição desta pedra mágica, mas sabemos o que farão os Tecedores à tua terra quando lá chegarem, e se os Tkiurathi não estiverem preparados, irão morrer todos! O mundo não é tão preto e branco, Tsata. Existem muitas maneiras de fazeres o que julgas certo.

A expressão de Tsata mostrou que estava a hesitar, mas quando falou, vieram-lhe aos olhos lágrimas de frustração exausta.

— Tenho de ficar — insistiu. — Os rastilhos estão molhados.

— Eu consigo fazê-lo! — gritou-lhe. — Sou uma maldita Aberrante! Posso acendê-los de longe.

Tsata inspeccionou os olhos dela, sondando-a. Era suficientemente inteligente para saber que ela diria qualquer coisa só para o tirar dali.

— Consegues mesmo?

— Sim! — replicou imediatamente. Mas conseguiria? Não fazia ideia. Não conhecia o leque das suas capacidades, nem se restava kana suficiente dentro de si. Nunca antestentara nada assim, e as suas reservas estavam muito em baixo. Mas

olhou-o nos olhos, e mentiu-lhe. Não te vou perder. Como perdi Tane.

— Nesse caso, temos de ir — referiu Tsata, pondo-se em pé de um salto e puxando Kaiku nesse entretanto. Ela arfou tanto de alívio como de dor (o que quer que o Tecedor lhe fizera provocara-lhe uma pontada com o movimento) e deixou que a impelisse até à água e para dentro dela. Mal tinha forças para nadar, mas Tsata amparou-a com um braço, nadando com o outro. Deixou que a levasse, não se importando para onde se dirigiam, apenas que iam sair, que acreditara nela. Se iria conseguir ou não fazer o que prometera, isso já era uma outra questão, mas não ia deixar que a preocupasse de momento.

Agarrou-se a ele, e ele abraçou-a.

Os sons dos palreiros vinham de todos os lados, lutando nos passadiços com os furiosos Pais Forjadores. Alguns estavam quase a chegar à ilha central. O barulho da maquinaria enchia-lhe os ouvidos, ficando mais alto, e ergueu o olhar e viu qual o plano temerário de Tsata. Vários metros lá à frente, os enormes alcatruzes saíam do lago, subindo na escuridão do poço. Tsata nadava direto a eles.

— Não tenhas medo — murmurou, vendo a expressão dela; e depois, um dos alcatruzes passou mesmo à frente deles e foi subindo e afastando-se, e, com umas braçadas enérgicas, Tsata impeliu-os para o bocado de água que acabara de ficar vazio.

Kaiku estava sem energia. Confiou nele. Não havia mais nada a fazer.

Sentiu uma depressão, depois algo colidiu com os tornozelos dela vindo de baixo, atirando-a para a grande estrutura de metal que se erguia à sua volta. Ficou submersa e debateu-se por um instante, tocando com a mão em algo duro, e depois endireitou-se e libertou-se. Subiam, o lago ficando cada vez mais distante por debaixo deles, salpicos de água escorrendo pela borda do alcatruz para voltarem a mergulhar na sua fonte. Outros alcatruzes subiam já, seguindo-os.

A tremenda sensação de poder cair ao ser levantada deixou Kaiku em pânico, mas sentia-se demasiado precária para ousar fazer algo, e ficou antes estática.

Estavam agora ao nível da rede de passadiços, dos Pais Forjadores que lutavam com predadores, das construções roncantes, das fornalhas brilhantes e das enormes rodas dentadas a girar. Um Nexo caiu silenciosamente lá de cima, vindo-se esmagar num corrimão, mergulhando depois no lago com a espinha partida. Um palreiro atacava ferozmente um golneri, a criatura enfurecida depois da morte do seu manipulador. Reinava o caos, e ninguém reparou no alcatruz e nos seus passageiros que se dirigiam para o abismo lá em cima e nas nuvens ondulantes das chamas distantes dos archotes a gás.

Sentiu Tsata ao seu lado, a mão firme no seu ombro.

— Agora, Kaiku — disse.

Fechou os olhos, procurando dentro de si qualquer energia que pudesse restar. Só precisava de uma centelha, apenas disso. Torturou o seu corpo ardente, extraindo reservas, reunindo o kana. Só desta vez, suplicou, e apercebeu-se de que se

dirigia a Ocha, Imperador dos Deuses, a quem fizera a jura que acabara por pô-la naquele caminho. Só preciso de uma pequena ajuda.

E teve-a. Encontrou-a, sentiu-a arder no ventre e na barriga, e obrigou-a a subir-lhe ao peito e a libertar-se do seu corpo, uma magra centelha de energia que a queimou ao sair.

Abriu os olhos e inspirou entrecortadamente, e o mundo voltou a ser a Teia.

Viu a convecção dos fios no lago, o torvelinho de sangue dourado e fibroso nos passadiços, as nuvens onduladas de vapor das máquinas. Apanhou um fio e seguiu-o, até ao lago e depois ao longo dele, e encontrou ali a pedra mágica. Era um nó negro, fervilhante, um centro de corrupção tão terrível que não suportou olhar para ele. Parecia contorcer-se de uma raiva inquieta, e o seu lamento de aflição atravessou a Teia como um furacão. E estava viva, malevolamente viva, o ódio irradiando dela, a raiva de um deus mutilado.

Mas não a podia deter.

Uma última onda de coragem impeliu-a para a frente, encontrando a lama calcada na base da pedra mágica, passando através dela para os paus perfeitamente estanques do explosivo.

Os fios estavam enrolados e eram fatais no seu interior, latejando de energia potencial.

Encontrou a sua centelha, e arremessou-a.

CAPÍTULO 36

A batalha no Recesso transferira-se entretanto para o céu. Os corvos tinham levantado voo dos telhados, das árvores distantes, das colónias entre os recantos pedregosos a leste, subindo numa nuvem tão densa quanto o fumo que se erguia do vale. Para os seus pequenos pensamentos animais, o apelo de Lúcia fora como um clarim. Via-os como seus amigos e, até ao momento, nunca fizera nada para os pôr em risco; mas a situação mudara e decidira chamar os seus guardiães alados e enviá-los com uma única ordem simples: matar os corvos-seláquios.

Vultos negros andavam às voltas e gritavam na tarde escurecida pelas cinzas, atormentando as aves Aberrantes muito maiores e mais fortes. Os corvos eram numerosíssimos, excedendo muitas vezes o número dos Aberrantes. Os corvos-seláquios atacavam e carregavam, virando-se e descendo em voo picado com as suas asas esfarrapadas; mas os corvos eram mais ágeis, e fintavam próximo e agrediam com garras e bicos antes de voltarem a fugir, avermelhados do sangue do inimigo. Caíam pelo ar coágulos ensanguentados de penas que se vinham esmagar nos telhados irregulares da cidade; e por cada três corvos morria um corvo-seláquio, tombando atordoado do ar com um impacto de fracturar os ossos ao dar-se o choque.

Cailin tu Moritat tinha perifericamente consciência do conflito em curso por cima da cabeça, mas a sua atenção era absorvida pela peleja maior na Teia. Encontrava-se na beira de um dos estratos superiores, ladeada de duas das Irmãs e guardada por vinte homens ansiosamente atentos aos predadores. Por baixo deles, as saliências e os planaltos da cidade desciam desordenadamente em direcção à barricada e à horda do outro lado, que se arremessava insensatamente às fortificações orientais enquanto os canhões e os atiradores os destruíam às centenas.

O fumo conferia tonalidades obscuras à paisagem, permitindo esporadicamente um vislumbre das ruas, por onde corriam cada vez mais Aberrantes. A muralha ocidental cedia, e as criaturas entravam num ritmo constante para atacar aquelas mulheres e crianças que ainda não se haviam refugiado nas cavernas. A batalha no céu encontrou o seu reflexo na Teia. As Irmãs mergulharam fundo e atacaram como cometas, escapando às tentativas mais embaraçosas de riposta dos Tecedores. Teciam redes de nós, trabalhando em cooperação com uma facilidade e fluidez que os seus congéneres masculinos não podiam pretender igualar. As Irmãs suplantavam agora os Tecedores no número, e a luta virara-se a seu favor.

Os Tecedores mais experientes haviam aguentado desesperadamente até o grande distúrbio os atingir. Cailin soube com um júbilo cruel o que fora esse distúrbio: o grito de aflição de uma pedra mágica. Depois, os Tecedores tinham começado a cometer erros, a distração afectando a atenção ao pormenor que era necessária para manter as Irmãs à distância. Dois deles caíram numa sucessão rápida, irrompendo em chamas quando as Irmãs entraram neles e lhes rasgaram os

fios.

Outro Tecedor estava prestes a desagregar-se quando Cailin se sentiu invadida por um arrepio medonho, como um pressentimento da sua própria morte. Fortaleceu-se um instante antes de a onda de choques atingir, uma imensidão de força que abafou o pedido aflitivo da pedra mágica. O próprio tecido da realidade dobrou-se e deformou-se, um monte rolante de distorção irrompendo do epicentro, passando por elas e deixando-as subitamente calmas. Instintivamente, Cailin procurou, seguindo as fibras dispersas pela explosão até à sua origem.

Oeste. Oeste, onde estava Kaiku.

Percebeu com um momento de triunfo. A pedra mágica na Falha fora destruída. Enviou um grito de reagrupamento às suas companheiras, e passaram ao ataque. Mas os Tecedores tinham desistido. As almas haviam-nos abandonado. Como fantasmas fracos, as suas mentes vogavam atordoadas, perplexas ante a calamidade que se abatera sobre eles. As Irmãs hesitaram, receando um truque, esperando oposição; mas a hesitação durou apenas um momento. Despedaçaram os inimigos quais lobos em volta de coelhos feridos.

E depois acabou. As Irmãs vogavam sozinhas na Teia, libertas do corpo no meio das fibras que se agitavam delicadamente.

Sozinhas, à exceção dos monstros que deslizavam na orla da percepção delas, os seus movimentos agora estranhamente agitados. Tinham sentido a onda de choque e foram afectadas por ela. Aos poucos, Cailin começou a registar estranhas sensações que passavam pela Teia. Demorou algum tempo a compreender o que era este novo fenómeno. Ecos da língua estranha deles ao chamarem uns pelos outros, estalidos e estouros num baixo monótono que reverberavam pela sua essência. Escutou, maravilhada. Nunca antes as criaturas distantes haviam dado a entender que tinham sequer percepção dos humanos na Teia, para além da sua capacidade aparentemente passiva de se manterem sempre fora do alcance dos curiosos; mas agora estavam a reagir ao toque a finados da pedra mágica.

Cailin desatou às gargalhadas, até ficar quase sem fôlego, quando os seus sentidos regressaram ao mundo da vista e do som. Apetecia-lhe ficar ali, a escutar as vozes dos misteriosos habitantes da Teia, mas havia ainda muito que fazer. Apesar de terem derrotado os Tecedores aqui no Recesso, podia ser já tarde de mais para uma reviravolta.

Olhou para as Irmãs à esquerda e à direita, viu os sorrisos a custo reprimidos nos seus lábios pintados, o brilho ígneo nos seus olhos vermelhos, e sentiu orgulho como nunca teria imaginado possível. As poucas que estavam no Recesso representavam apenas uma fracção da força total da rede, pois mantivera-a dispersa e descentralizada por recear a sua irmandade frágil e incipiente.

No entanto, aqui, tinham-se revelado tão dignas quanto esperara, mostrando-se finalmente aos Tecedores e vencendo-os no seu próprio jogo. Sentiu então uma verdadeira afinidade com elas, com todas elas, cada criança nascida com o kana,

cada uma salva da morte. Sempre acreditara que estavam acima dos humanos, uma raça superior, uma Aberração que ultrapassava a raça que as gerara; e agora sabia. Kaiku, maravilhosa Kaiku. Fora ela, talvez, que os salvara a todos. No fim, a confiança de Cailin não era imerecida. Enviou uma série de ordens através da Teia, distribuindo as Irmãs por onde eram mais necessárias, e depois foi-se embora. Crescia agora na sua mente uma preocupação insidiosa, azedando o seu júbilo.

Enquanto decorrer a luta, não tivera tempo para se aperceber; mas reparava agora que a Irmã Irilia, a quem confiara Lúcia, já não comunicava. Os últimos corvos-seláquios eram desfeitos no ar quando Lúcia se virou para Nomoru e disse: — E agora?

Yugi olhou-a com enorme preocupação. Não estava a reagir nada como deveria uma jovem de catorze apanhas. O pai e o seu melhor amigo tinham acabado de morrer diante dela - ó espíritos, continuava salpicada com o sangue de Zaelis, não havendo feito qualquer tentativa de o limpar - mas as suas breves lágrimas tinham secado e o seu rosto sujo de fuligem era uma máscara gélida.

Os olhos, tão frequentemente sonhadores e desfocados, apresentavam-se agora como fragmentos de cristal, penetrantes e inquietantes.

Deitou um olhar rápido à rua. Continuavam no local onde os Tecedores os haviam atacado. Os cadáveres de Flen e Zaelis jaziam intocados ao lado das fúrias, dos Tecedores, da Irmã Irilia e de dúzias de corvos, todos mortos. Lúcia estava no meio do ossuário. Ignorara as súplicas de Yugi para se retirar para um local mais seguro, que fora preparado em parte por compaixão pela sua perda, em parte por não poder suportar olhar para o seu amigo e líder Zaelis estendido na poeira. Por fim, chegaram outros soldados, e Yugi mandou-os fazerem-lhe um círculo.

Já que ela não queria sair dali, nesse caso teria de protegê-la.

Calculara o que Nomoru estava a fazer, muito embora ela se tivesse mostrado reticente quando lhe perguntara. Os corvos-seláquios não haviam participado no combate até ao momento, mantendo-se sempre distantes, circulando lá no alto. Dada a experiência adquirida, tornava-se óbvia a finalidade. Pelo menos, era esta a ideia subjacente ao plano de Nomoru. Cegar os Nexos arrancando-lhes os olhos.

Pô-los em desvantagem. E depois...

— Procurá-los — afirmou Nomoru sem rodeios.

Lúcia não respondeu, mas lá em cima o padrão de voo dos corvos mudou. Aqueles que não estavam ocupados a liquidar as aves Aberrantes dispersaram em todas as direcções, estendendo-se pelo campo de batalha.

Procuravam os Nexos.

Lúcia escutava a Algaraviada dos corvos, de olhos fechados. Nomoru observava-a ansiosamente. Veio um mensageiro da muralha ocidental, relatando que secções dela estavam prestes a colapsar, enfraquecidas pelo fogo e pelo peso dos corpos lá encostados.

Yugi recebeu a notícia com apreensão. Se a muralha caísse, estava tudo acabado. Mesmo que conseguissem encontrar os Nexos, tinha poucas esperanças de os alcançar. Talvez um último ataque concentrado conseguisse penetrar nos Aberrantes e chegar aos seus manipuladores, mas tinha as suas dúvidas. Mesmo assim, sempre era preferível a ficarem ali à espera da morte, encolhidos por detrás dos muros em derrocada, escondendo-se até a maré inimiga os afogar numa vaga de garras e presas.

As espingardas foram encostadas aos ombros quando surgiu uma forma negra ao fundo da rua, mas era apenas Cailin, avançando em grandes passadas, alta e imperturbável como sempre. Os guardas baixaram as armas, e Cailin passou por eles sem sequer os olhar. Observou a cena e depois fixou os olhos vermelhos em Yugi.

— Ela está ferida?

— Ela não está ferida — respondeu Yugi. Os olhos de Lúcia abriram-se.

— Cailin — disse, usando um modo imperativo que nunca antes aplicara. — Preciso da sua ajuda.

Cailin acercou-se dela. — Com certeza — acedeu, e apenas por um momento Yugi olhou de uma para a outra e podiam perfeitamente ter sido mãe e filha, tão parecidas na voz e na postura. — Como posso ajudá-la?

— Descobri uma coisa.

— Os Nexos? — inquiriu Nomoru, ansiosa.

— Já os tinha descoberto há algum tempo —disse, com um sorriso desagradável que parecia destoar de uma forma chocante das suas feições beatíficas. — Muito melhor do que isso.

Os Nexos, ao contrário das Irmãs da Ordem Vermelha, não temiam a aglomeração. Tinham-se instalado algures a sul do Recesso, longe da batalha principal, e tinham-se rodeado de uma guarda pessoal de uma centena de ghauregs que os tornava inexpugnáveis perante qualquer força que a Falha pudesse reunir. Os ataques esporádicos de pequenos grupos isolados eram rapidamente repelidos, e o único exército com número suficiente para os ameaçar estava bloqueado no Recesso. Mesmo assim, tinham aprendido as vantagens de manter a distância, pelo que se escondiam nos limites do seu espaço de controle e conduziam a batalha de longe.

A perda dos Tecedores não constituía preocupação para os Nexos; não possuíam a emoção necessária para reagir à morte dos seus amos. O mais perturbador era o massacre dos corvos-seláquios, pois aqueles animais tinham-se especializado como vigias. Os Nexos não estavam directamente associados à visão de todos os seus animais, mas era possível ver através dos olhos de alguns deles. Davam prioridade aos seus elos; afinal, a informação era tanta que podiam tratar dela separadamente.

Haviam mudado agora para os skrendel, tendo-os mandado subir o mais alto possível a fim de poderem observar o campo de batalha, mas eram um fraco substituto dos corvos-seláquios.

O local por eles escolhido era um crescente afundado de terra verdejante ladeado por uma crista montanhosa a oeste, a sul e a leste. Ficavam, assim, escondidos da vista e, enquanto mantivessem os seus gbauregs fora da crista, podiam estar confiantes de que ninguém sabia sequer da sua presença ali. Estavam reunidos cerca de duzentos Nexos, um misterioso aglomerado de túnicas pretas idênticas com capuz e rostos brancos inexpressivos, a olhar para norte. A princípio, quando o exército embarcara, encontravam-se no limite da sua capacidade de controle dos predadores Aberrantes, pois cada Nexo era capaz de manipular apenas uma quantidade finita. Todavia, à medida que o número de predadores ia sendo brutalmente reduzido, a carga de trabalho deles diminuía. Agora estavam confortavelmente no comando. Os gbauregs agitavam-se incessantemente à volta das figuras silenciosas, caminhando rente ao solo baloiçando os seus braços peludos.

Os gbauregs não eram as criaturas mais sensíveis, nem tão-pouco os Nexos, e por isso é que não pensaram reagir ao estrondo cada vez maior que vinha de sul até ser tarde de mais. Quando os gbauregs começaram a olhar para a crista com grunhidos de perplexidade, o som principiara já a separar-se em algo discernível, e um momento antes de surgir um inimigo novo e inesperado, aperceberam-se do que era.

Cascos.

Os soldados montados do Sangue Ikati surgiram na crista, brotando um grito de combate das fileiras da frente. O Barak Zahn estava no meio da massa verde e cinzenta, a sua espada bem erguida, a voz dele elevando-se acima das dos seus homens. As pesadas tentativas dos gbauregs para consolidarem alguma espécie de defesa foram lastimosamente lentas. Os cavaleiros avançaram sobre o inimigo, disparando uma rajada de tiros do dorso dos cavalos que dizimou a linha Aberrante. Mudaram para as espadas ao caírem sobre as criaturas. As duas frentes colidiram: punhos peludos atiraram cavaleiros das suas montadas, lâminas cravaram-se em pele rija, rasgaram o músculo por debaixo e foram espezinhados. Os gbauregs eram adversários medonhos, e o ataque tornou-se um caos de luta corpo-a-corpo, com os Aberrantes maciços a placarem os cavaleiros.

Zahn fez dançar o seu cavalo para cá e para lá, desviando-o do alcance dos animais e golpeando qualquer mão que se aproximasse. Havia nos seus olhos um fervor como há anos ninguém via nele.

As suas faces magras, de barba branca, estavam salpicadas de sangue, e o maxilar cerrado. Os cavaleiros excediam os gbauregs em três para um, mas os gbauregs estavam a aguentar-se, protegendo os seus amos de vestes negras que continuavam a olhar para norte como se alheios à ameaça. A segunda frente assomou então na crista ocidental, setecentos homens que tinham avançado pelo crescente de terra afundada e atacado os flancos dos gbauregs. Os animais viram-se então perante um número esmagador, e não tiveram como impedir os atacantes de os contornarem e chegarem aos Nexos. Os cavaleiros abateram as figuras silenciosas do

cimo das suas montadas, decapitando-os ou cortando-os pelas clavículas ou pelo tórax, e os Nexos ficaram mudos e deixaram-se matar. Os homens do Sangue Ikati não questionaram a sua maré de sorte: limitaram-se a massacrar as suas vítimas passivas, e banharam-se no inimigo.

Surtiu um efeito imediato e óbvio sobre os ghauregs. Toda a coerência na sua resistência se dissolveu. Tornaram-se animais frenéticos, procurando furiosamente uma saída da floresta de lâminas fustigantes e guerreiros aglomerados, preocupados apenas com a própria sobrevivência. Surtiu o efeito contrário, tornando-os mais vulneráveis. Foram transformados em carne picada e ensanguentada numa questão de minutos.

Quando finalmente o último deles tombou, a carnificina chegou ao fim. O Barak Zahn arfava na sua sela, inspeccionando a cena cheia de cadáveres. Depois, com um sorriso sem fôlego, ergueu a espada para o céu e soltou um grito de satisfação que todos os seus homens repercutiram numa enorme onda de triunfo selvagem. Mishani tu Koli observava da crista, no seu cavalo, o cabelo pelos tornozelos agitando-se com a brisa, o seu rosto, como sempre, impassível.

Sem os Nexos, os Aberrantes mergulharam na desordem. Animais foram, e animais tornaram a ser. Na parte ocidental do Recesso, onde a muralha paliçada curvava perigosamente para dentro e onde os passadiços no rebordo estavam cheios de mortos de ambos os lados, as criaturas tinham cessado os seus ataques suicidas e começado a agredir-se, enfurecidas pelo fumo e pelo cheiro a sangue. Deixaram os seus irmãos empalados nas pontas afiadas da muralha e recuaram das chamas, atacando tudo o que se movesse com um pânico frenético. Os defensores, esgotados e esfarrapados, olhavam perplexos enquanto os animais que tinham estado prestes a irromper recuaram subitamente na mais incrível debandada que alguma vez haviam visto. Alguém agradecia histericamente aos deuses, e o grito foi passando de boca em boca pela linha; pois, ao que parecia, só os deuses podiam ter feito retroceder semelhante inimigo no último minuto. Encontravam-se na muralha, as espadas e as espingardas pendendo dos braços frouxos, e limitavam-se a respirar, viver e apreciar a simplicidade daqueles atos.

A cena no extremo oriental da cidade era muito idêntica, mas ali os Aberrantes estavam aprisionados pelas vertentes do vale e a inclinação ascendente não constituía uma via de fuga fácil nas mentes dos animais maníacos. Não tinham um local a direto por onde fugirem, e continuavam a ser atacados pelos canhões, balistas e espingardas. Sem a influência constante dos Nexos, ficaram completamente loucos com as explosões, alguns deles atacando os próprios membros, outros enterrando-se debaixo de pilhas de mortos a fumar, outros ainda, deitando-se como se catatônicos e sendo espezinhados ou dilacerados pela horda. Alguns deles conseguiram fugir pelo vale, mas a maioria ficou no fundo, presa num turbilhão de morte pelo fogo, as balas ou as garras, até chegar a sua vez.

Ao crepúsculo, reinava de novo o silêncio no Recesso.

O fumo subia até ao céu avermelhado, e o olho de Nuki fitava furioso por cima dos picos ocidentais da Falha de Xarana. O fedor horrível no ar tornara-se imperceptível aos sobreviventes do conflito, de tanto o terem respirado. Homens, mulheres e crianças vagueavam pela cidade, destroçados pela luta e de olhar vítreo, ou levados a uma actividade indolente e exausta sabendo que havia muito que fazer e pouco tempo para tal. As esposas choravam ao saberem que os maridos nunca mais iriam voltar; as crianças gritavam pelos pais que jaziam algures na poeira, e eram apanhadas apressadamente por outras mães. Os Aberrantes adoptavam temporariamente os não-Aberrantes e vice-versa, desconhecendo que a sua responsabilidade seria permanente depois de identificados os mortos.

Os predadores estavam todos mortos ou tinham dispersado, e grupos perseguiram aqueles que ainda vagueavam pelas regiões desertas ou estavam escondidos nas casas do Recesso. Apesar das probabilidades impossíveis, a cidade aguentara-se; mas não fazia sentido aqui o triunfo, apenas uma resignação cansada e rendida, um entorpecimento causado por mais horror do que aquele que podiam ter imaginado. O vale estava afogado em sangue coagulado, entupido de cadáveres.

Os custos em dor e infortúnio eram aterradores. E, acima de tudo, estava o conhecimento de que, apesar do triunfo, haviam alcançado apenas uma vitória parcial. Tinham as suas vidas, mas o Recesso estava comprometido. Ninguém podia ficar agora ali. Os Tecedores haveriam de voltar, e da próxima vez não seriam tão descuidados. Da próxima vez, nem toda a sorte do mundo chegaria para salvar a cidade. Uma dúzia de tropas do Sangue Ikati entrou lentamente na cidade, com o Barak Zahn e Mishani tu Koli à cabeça. Estavam tão cansados quanto a população da cidade, mas por motivos diferentes.

A cavalgada esgotante desde Zila conhecera dias de viagem difícil, levando as suas montadas ao limite da resistência. Quando Xejen tu Imotu indicara a localização de Lúcia ao Tecedor Fahrehk, Zahn convencera-se finalmente da verdade das afirmações de Mishani. Pegara em mil homens que trouxera até Zila e partira a toda a velocidade até à Falha, seguindo as indicações de Mishani. Tinham passado a leste de Barask, contornando a terrível Floresta de Xu pela orla setentrional, e entrado na Falha a sul do Recesso, onde Mishani os conduziu por trilhos que os seus cavalos pudessem percorrer. Normalmente, estes caminhos teriam sido extremamente perigosos, já que eram guardados por facções hostis; mas a Falha pusera de lado as disputas mesquinhas em face de um perigo mais premente, e tinham conseguido imprimir um bom andamento e chegado, ao que parecia, mesmo a tempo.

No entanto, não houve recepção aos heróis quando entraram na cidade. Poucos se aperceberam sequer de que eram responsáveis pela derrota do inimigo. Passaram por olhares que iam do curioso ao acusatório: por que só chegavam agora ali os soldados a cavalo? Onde estiveram quando eram necessários?

Mishani precisou de toda a força para manter a compostura. A cada novo

cadáver, estava à espera de ver Kaiku ou Lúcia ou mais alguém seu conhecido. Reconheceu vagamente diversos dos mortos ou enlutados, mas não ousou sentir pena deles, pois ainda não sabia quão profunda iria ser a sua dor. Já era suficientemente mau ver destruída a sua casa na cidade, mas, para Mishani, um sítio era apenas um sítio, e não se sentia excessivamente sentimental. No entanto, não gostava da ideia de perguntar pelos amigos, pois receava o que poderia ouvir como resposta. Se bem conhecia Kaiku, elateria estado no centro de tudo. Sempre fora teimosa, e não recuava perante nada. Mishani não se atreveu a pensar no que sentiria se Kaiku tivesse morrido.

Mal sabia para onde levava os homens de Zahn, apenas que tinha um sentido definido de onde deveria estar, uma instrução deixada a pairar na sua cabeça por Cailin.

O choque de ter uma Irmã a falar nos seus pensamentos ainda não se dissipara horas depois. Compreendia como se dera a cadeia de acontecimentos - os corvos de Lúcia tinham-nos avistado lá do alto, Cailin usara o seu kana para falar com Mishani e dizer-lhe onde estavam os Nexos e o que tinham de fazer - mas a própria estreiteza da margem de vitória delesdeixara-a aterrada. Ó deuses, e se os Tecedores tivessem sido um pouco mais rápidos a enviar o seu exército para aqui, ou se Zahn houvesse perdido mais tempo com dúvidas e descrenças... se estivesse desconfiado do que Zahn estava a preparar e guardado segredo do que Xején sabia a respeito de Lúcia, se Mishani não houvesse sido "salva" por Bakkara dos homens do pai... se Chien não tivesse insistido para ela ficar na sua casa urbana em Hanzean... Estremeceu só de pensar nas hipóteses.

Ao pensar em Chien, veio-lhe uma imagem do rosto dele, as suas feições pesadas e a cabeça rapada. Sentiu pouco mais do que uma dor passageira pela morte dele. Fora um bom homem, no fim, mas aprendera que os bons homens morriam com a mesma facilidade que os maus. Desconfiava de que andara ali a mão do pai, claro; mas os assassinos estavam muito longe dela agora, pois saíra de Zilarodeada do maior segredo. Afinal, Chien não conseguira cumprir a tarefa que lhe destinara, por isso não se considerava obrigada à promessa de que a família dele seria liberta dos laços que a prendiam ao Sangue Koli. Noutras circunstâncias, podia ter sido mais generosa; mas tinha de pensar no bem-estar da mãe e, por agora, era preferível que o pacto morresse com Chien. O mundo era cruel, mas Mishani também sabia ser cruel.

Viraram para uma rua empoeirada, e ali Mishani viu qual era o destino deles. As tropas pararam, e ela desmontou e avançou lentamente, através do tapete de corvos mortos e passando pelos cadáveres dos Tecedores e das fúrias e do corpo da Irmã morta. De pé ali no meio deles estava Cailin, como um espigão negro no centro de toda esta matança. E acorada sobre o corpo de Zaelis, Lúcia, o pescoço queimado curvado e a cabeça pendurada, cobrindo o rosto com as mãos.

Mishani estacou diante de Cailin e olhou para ela, o cabelo preto afastando-se das faces quando correspondeu ao olhar da mulher mais alta. As íris de Cailin

tinham retomado entretanto o seu verde habitual.

— Mishani tu Koli — disse a Irmã, com a vénia adequada. — Tem a minha gratidão.

Mishani estava agitada de mais para responder com as amenidades correctas. Perguntou antes: — Onde está Kaiku?

Por um momento, Cailin não respondeu, e o coração de Mishani sobressaltou-se dolorosamente no peito.

— Não tenho a certeza — acabou por dizer. — Ela estava do outro lado da Falha. Destruíu a pedra mágica que lá encontramos. Foram vocês as duas que mudaram esta batalha. Se os Tecedores ainda estivessem a dar-nos luta, não teria podido contactá-la para a orientar até aos Nexos.

Pedra mágica? pensou Mishani, mas não o disse. Acontecera muita coisa na sua ausência.

— Não a consigo contactar — prosseguiu Cailin ao cabo de alguns instantes. — Ela não responde às minhas tentativas. Não sei o que poderá significar.

Mishani digeriu aquela informação, avaliando as implicações e ficando apenas com incertezas. Cailin olhou para Lúcia.

— Não se mexe há horas. Não nos deixa levar os corpos. Receio que ela tenha aberto uma ferida de que nunca mais venha a recuperar.

Mishani preparava-se para responder, mas um passo atrás de si fê-la virar-se, e viu ali Zahn, avançando com cuidado por entre os corpos, os seus olhos numa pessoa, em...

— Lúcia?

Ela levantou a cabeça ao ouvir a voz dele, mas apenas isso.

— Lúcia? — repetiu, e desta vez ela virou-se, o rosto e o cabelo manchados de vermelho. Ele respirou fundo entrecortadamente ao vê-la. Ela ergueu-se lentamente e encarou-o.

Ficaram a olhar um para o outro.

Depois levantou as mãos, as palmas com o sangue de Zaelis estendidas para ele. O lábio inferior começou a tremer-lhe, o seu rosto franziu-se e as lágrimas caíram. Ele galgou o terreno entre ambos num ímpeto e reuniu-se-lhe num abraço, e ela retribuiu-o desesperadamente, o seu corpo esbelto sacudido pelos soluços. Ficaram ali, no meio do fumo, da dor e da morte, pai e filha agarrados um ao outro com uma força fruto de anos de desejo secreto.

De momento, era suficiente.

CAPITULO 37

Kaiku mexeu-se e abriu os olhos, semicerrando-os depois por causa da claridade do meio-dia. Doía-lhe cada parte do corpo, e sentia as roupas rígidas junto à pele. Vinha-lhe de perto o murmúrio suave do crepitar de uma fogueira, e o cheiro a carne cozinhada. Estava estendida em solo pedregoso, numa pequena depressão rodeada de rocha em três lados, um degrau estreito na terra irregular.

A sua mochila fora enrolada e colocada debaixo da cabeça para servir de almofada. O ar estava curiosamente parado e silencioso; os insectos não zumbiam, nem as aves voavam. Acostumara-se a isso ao longo das semanas. Significava que ainda se encontravam próximo da pedra mágica, ainda ao alcance da moléstia.

Insistiu em sentar-se, fazendo esgares quando os seus músculos doridos protestaram do mau uso que lhes dera. Tsata estava ali, acorocado junto à fogueira. Olhou para ela.

— Não faças esforços — aconselhou. — Ainda estás fraca.

— Onde estamos? — indagou, e verificou que tinha a garganta extremamente seca e apenas conseguia articular um resmungo fraco. Tsata entregou-lhe um saco de água em pele, e ela bebeu goladas dele, arfando quando terminou. Repetiu-se de forma mais audível.

— Vários quilómetros a oeste da mina — disse ele. — Creio que estamos seguros, pelo menos por um algum tempo.

— Como chegamos até aqui?

— Carreguei-te — respondeu ele.

Esfregou a testa, como se para fazer com que a vida voltasse à sua mente.

Parecia agora em condições de recordar momentos, meio a sonhar e meio acordada, sonhos com água e a ser levada por uma escuridão impetuosa, a ser transportada como um veado morto aos ombros dele.

— Saímos por onde entramos?

Tsata anuiu.

— Seguimos nos alcatruzes até à maior altura possível, e trouxe-te a correr o resto do caminho. Não havia Aberrantes perto do cimo da mina. — Sorriu-lhe calorosamente, as tatuagens no seu rosto curvando-se com o movimento. — No entanto, não creio que te tenhas apercebido. Aquele último esforço foi um pouco excessivo para ti.

Ela soltou uma gargalhada que saiu como um resfôlego.

— Tens fome? — inquiriu, indicando a peça escanzelada no espeto sobre a fogueira.

Inclinou o queixo para ele com um esgar. Tsata foi buscar-lhe o espeto, instalando-se ao lado dela. Estavam ambos sujos, tendo-se encharcado e secado várias vezes nas últimas horas. Tsata arrancou um pedaço de carne com os dedos; Kaiku afastou dos olhos a franja teimosa e pegou na carne oferecida.

Durante algum tempo, ficaram sentados a comer em silêncio sociável, os seus pensamentos distantes, Kaiku feliz pela alegria de estar viva, ter o sol a bater-lhe no rosto e estar a saborear a refeição. Sentiu uma profunda sensação de satisfação pessoal, o relaxar de alguma tensão dentro de si que nunca antes soubera estar ali. Destruíram uma pedra mágica; desferiram um golpe nos Tecedores, um golpe que ninguém no Saramyr alguma vez antes supusera possível. Havia ainda um caminho muito, muito longo até à vingança que prometera a Ocha, mas, de momento, era suficiente. Já se estava a sentir aborrecida de tanto tempo de inactividade, tinha necessidade de fazer algo em vez de continuar este interminável jogo de espera tão do agrado de Zaelis e Cailin.

De momento não podia exigir mais de si própria. Voltava a sentir-se útil.

Mas havia mais, muito mais do que isso. Não era a Kaiku que partira destroçada do Recesso há todas aquelas semanas. Aquela Kaiku que fora incrivelmente ingénua, desconhecadora do poder dentro de si, que se contentara em manejá-lo como uma moça e controlá-lo apenas para evitar que lhe fosse prejudicial. Todavia, as circunstâncias tinham-na obrigado a ir sucessivamente mais além, a usar o seu kana de formas que nunca antes ousara, e de cada vez correspondera sempre ao desafio. Sem instrução adequada, sem experiência de espécie alguma, vencera demónios, limpou o veneno de um homem e salvou-lhe a vida, e o mais incrível de tudo, derrotara um Tecedor. Tinha de reconhecer que a vitória fora muito à tangente, mas não deixava de ser uma vitória.

Perguntara-se com frequência qual a razão de Cailin insistir tanto com ela, de tolerar uma aluna tão caprichosa, quando a maior parte dos professores teria desistido. Agora sabia. Cailin dissera-lho vezes sem conta, mas ela fora demasiado obstinada para lhe dar ouvidos; só depois de tudo isto, só depois de ter aprendido à sua custa, é que percebera que Cailin tinha razão. Era extraordinário o talento com o seu kana; possuía um potencial ilimitado. Ó espíritos, as coisas que podia fazer com ele... Fora demasiado impaciente para se dedicar a anos de estudo e à Ordem Vermelha, por isso desperdiçara os seus talentos em pequenas missões que podiam ter sido executadas por outras pessoas. Mas estas últimas semanas tinham-na feito perceber que o seu kana era mais do que uma arma. E apercebera-se também de que possuir um poder e não saber usá-lo bem era pior do que não o possuir sequer.

E se não tivesse conseguido salvar a vida de Yugi? Ou destruir a pedra mágica? Quão pesada seria a culpa que recairia então sobre si? Continuaria a ver-se envolvida em situações onde era obrigada a usar o seu kana, e um dia não estaria à altura do desafio, e isso custaria vidas.

Via agora que a maneira mais rápida de cumprir a sua jura a Ocha não era a que imaginara. Cailin sempre dissera que deveria ir devagar para chegar mais depressa ao fim: que deveria controlar-se para entrar mais eficazmente no jogo. Na altura afigurara-se um raciocínio caprichoso, mas agora fazia perfeitamente sentido. Amaldiçoou-se por ter sido tola e não se haver apercebido antes. E naquele

momento, tomou uma decisão. Iria deixar Cailin ensiná-la. Quando regressasse, apresentar-lhe-ia desculpas e pedir-lhe-ia que a aceitasse de novo como aprendiz; e, desta vez, nada seriamais importante. A sua determinação era mais firme do que nunca, agora que o seu desejo ardente de vingança ficara temporariamente saciado. Entraria para a Ordem Vermelha. Tornar-se-ia uma Irmã.

E através dela, combateria os Tecedores com as capacidades que em tempos julgara uma maldição, que em tempos tinham feito de si uma proscrita.

Se, claro, ainda restasse qualquer Ordem Vermelha quando regressasse. Mas, curiosamente, não sentia motivos para se preocupar com isso, nem com o Recesso, ou Mishani, ou Lúcia. Tinha lembranças estranhas e fugazes do tempo que estivera inconsciente, de uma voz a chamá-la, e o que quer que essa voz dissesse acalmara-lhe o coração.

Sem uma razão aparente, sabia que nem tudo estava perdido, que os Tecedores não tinham destruído a última esperança, e que tanto Mishani como Lúcia ainda estavam vivas. E isso deixava-a contente.

— O que vais fazer agora? — perguntou a Tsata.

— Regresso contigo ao Recesso, depois voltarei para o Okhamba. Tenho de avisar a minha gente do que aconteceu aqui. — Hesitou por um momento, depois olhou para ela. — Podias vir comigo, se quisesse.

E, apenas por um momento, Kaiku viu quão simples podia ser, quão maravilhoso, poderem prolongar este momento que tinham passado juntos, não ter de regressar ao mundo que conhecia. Como seria viver com ele, este homem em quem confiava absolutamente e que acreditava ser incapaz de artimanhas, enganos ou traições. Por esse momento, vacilou; mas foi apenas um momento.

— Nada me agradaria mais — disse, sorrindo pesarosamente.

— Mas ambos sabemos que eu não posso. E ambos sabemos que tu não podes ficar.

Anuiu, à moda do Saramyr.

— Gostava que fosse de outro modo — referiu, e Kaiku sentiu um doloroso aperto no peito ante aquelas palavras.

Depois daquilo, não havia mais nada a dizer. Terminaram a refeição, descansaram um pouco e, quando Kaiku se sentiu suficientemente forte para caminhar, ele ajudou-a a levantar-se. Puseram as mochilas e as espingardas ao ombro, e juntos partiram para leste, de volta ao Recesso, e ao que quer que houvesse do outro lado.

O templo a Ocha no cimo da Fortaleza Imperial era o ponto mais alto de Axekami, exceptuando as pontas das torres que se situavam nos vértices do colossal edifício dourado. Fora ornamentado ao ponto do excesso, um edifício circular sustentando uma cúpula maravilhosa, com embutidos de mosaico, filigranas, entalhes e incrustado com metais preciosos e pedras reflectoras de tal modo que a riqueza que ressumava surpreendia a vista. Oito delicadas estátuas de mármore

branco cortavam a cúpula nos pontos da bússola, cada qual representando uma das principais divindades, tanto com as suas formas humanas raramente retratadas como, em baixo, com os aspectos animais que assumiam na terra: Assantua, Rieka, Jurani, Omecha, Enyu, Shintu, Isisya e o próprio Ocha de pé à entrada, um javali empinado diante dele. A saliência da cúpula era a mais magnífica de tudo, um aglomerado de diamantes iridiscentes visíveis apenas do cimo das Torres dos Quatro Ventos, representando aquela estrela única, Abinaxis, que criara o universo e dera origem aos deuses e deusas no começo. Quando o olho de Nuki incidia nele, os diamantes brilhavam como a sua homónima. Aquela vista destinava-se aos deuses lá em cima, como recompensa pela arrogância que levava à queda de Gobinda há todos aqueles séculos.

Não era menos resplandecente no interior, apesar de a redecoreação o ter actualizado para o tornar menos vistoso do que o exterior e mais consentrado com a elegância da arquitectura do Saramyr. Aqui, havia sentinelas altas de lacb dentro de nichos nas paredes, e um baixo-relevo em marfim torcia-se pelo interior da cúpula como lianas entrelaçadas. O ar fresco e húmido contrastava com o calor do dia.

Um caminho sobrelevado vinha desde a entrada até ao altar-mor no centro, mas tudo o mais era água, um lago transparente e pouco fundo com mosaicos submersos e conjuntos de pedras polidas artisticamente dispostas para agradar à vista. Não nadavam peixes no lago, e parecia vítreo e pacífico. Avun tu Koli ajoelhara-se na ilha central circular, diante do altar de marfim, um aglomerado de paus de incenso na sua mão e a cabeça a ficar calva curvada. Proferiu um mantra em silêncio, sucessivae repetidamente. Começara inconscientemente a baloiçar-se ao seu ritmo, o corpo oscilando ligeiramente com a cadência imaginada das palavras. Era um ritual de agradecimento a Ocha, que, para além de ser o governante do Reino Áureo, era também o deus que o salvara e à sua família durante a queda do império.

Mais uma vez, Avun obrigara o Sangue Koli ao mais terrível perigo e tinha chegado ao outro lado mais forte. O Sangue Batik seria extinto, sem misericórdia; já não vivia ninguém com esse nome em Axekami.

Sem o seu exército permanente, os bens acabariam, por ser confiscados, e quaisquer membros que restassem da linhagem, mortos. Durante cinco breves anos haviam ocupado o trono, e o Sangue Koli fora expulso; mas Avun acabara por estar ajoelhado no templo de Ocha, e Mos acabara por ser esmagado.

Haveria muitas mudanças nas próximas semanas. Kakre explicara-lhe tudo. Os Tecedores eram demasiado odiados para governarem, os Aberrantes demasiado temíveis para manterem a ordem de qualquer outra forma que não o terror. Uma população aterrada não seria produtiva. E assim, precisavam dele, uma figura de proa. Ele seria o rosto humano do regime dos Tecedores; os seus homens substituiriam os Guardas Imperiais dizimados com uma nova força de manutenção da paz. Uma vez restabelecida a ordem em Axekami, a presença dos Aberrantes diminuiria, sendo transferida para onde fosse mais necessária. E aos poucos, a

população acabaria por compreender que esta era a nova maneira, que o seu mundo de cortes, tradição e nobreza acabara de vez, que a família já não significava mais nada. Avun seria o Imperador só nominalmente, apenas um subordinado dos Tecedores.

Chamar-lhe-iam Lorde Protector, e os seus homens seriam a Guarda Negra.

Tudo isto só lhe custaria a honra. Mas a honra era uma insignificância comparada com a vitória. A honra afastara a sua filha de si. Pensou em Mishani. Agora era apenas um rosto para ele; não restava em si amor paterno para a filha ausente. Tinha de presumir que escapara aos atentados que perpetrara à sua vida, pois não recebera qualquer notícia de bons êxitos. Estampou-se-lhe um ténue sorriso no rosto. Pelo menos nisso saía ao pai. Era difícil de matar. Bem, ela que fizesse agora o que lhe apetecesse, pois já não o envergonhava.

Agora que a complexa política das cortes do Saramyr não significava mais nada, não tinha como deixá-lo em situação de desvantagem. A notícia de uma filha desobediente podia prejudicá-lo como Barak, mas não afectaria o Lorde Protector, que não tinha pares que lhe fizessem sombra. Não iria perder tempo a tentar livrar-se dela agora. Esquecê-la-ia simplesmente.

Só desejava que a sua esposa Muraki ganhasse juízo e fizesse o mesmo, mas isso era uma pequena contrariedade. Passos atrás de si anunciaram a chegada do Tecedor-mor Kakre, e terminou a sua série de mantras fazendo uma profunda vénia diante do altar. Quando concluiu, virou-se para o seu novo amo.

— Preces, Lorde Protector? — arranhou Kakre. — Quão estranho.

— Os deuses protegeram-me — replicou Avun. — Merecem a minha gratidão.

— Os deuses abandonaram esta terra — afirmou Kakre. — Se é que alguma vez existiram, para começar.

Avun arqueou um sobrolho.

— Nesse caso, os Tecedores não se curvam perante os deuses?

— De hoje em diante, nós somos os vossos deuses — respondeu o Tecedor-mor.

Avun observou a figura grotesca diante dele com rosto de cadáver, e escusou-se a responder.

— Vinde — disse Kakre. — Temos muito que conversar. Avun anuiu. Havia imenso que fazer. Nem sequer os Tecedores conseguiam conquistar uma terra tão vasta quanto o Saramyr num dia, ou num ano.

Tinham decapitado o império, e ocupado a sua capital e várias cidades principais, mas a nobreza e a população estavam demasiado dispersas para serem fáceis de subjugar, mesmo com os números esmagadores que os Tecedores possuíam e os exércitos da maior parte das famílias superiores destruídos. O quadrante noroeste do continente estaria inteiramente nas mãos dos Tecedores dentro de um mês.

Depois disso, seria uma questão de varrer os restos desorientados da nobreza, ineficaz sem os seus Tecedores, cega e paralítica. Consolidar e depois empurrá-los para sul, até a terra ser toda deles e não haver ninguém que lhes fizesse frente. Avun não imaginava se seria tão fácil assim; mas possuía faro para escolher o lado vencedor e, neste caso, preferia mil vezes ser pelos Tecedores do que contra eles. O próprio Kakre tinha preocupações mais profundas do que as tropas, a guerra e a ocupação. Os seus pensamentos iam para o que podia ter sucedido na Falha, a perda de tantos Tecedores, e a muito nefanda destruição de uma pedra mágica. Sentira a sua morte como uma ferida física, e envelhecera-o, tornando-o mais curvado e dorido do que nunca. O que fora feito então do Recesso, e de Lúcia?

E as tais entidades que tinham lutado com os seus Tecedores, as mulheres que ousavam opor-se-lhes no domínio para além dos sentidos? Nunca semelhante perigo se lhe deparara ainda, a ameaça mais poderosa que conseguia imaginar naquele momento. Se tivesse podido dispensar um número suficiente de forças, tê-las-ia enviado rapidamente até à Falha de Xarana; mas, mesmo assim, desconfiava que acabaria por constatar que os seus alvos se tinham voltado a esconder. Há quanto tempo lá estavam? Qual o seu alcance e a sua dimensão? Todos estes anos a matar as crianças Aberrantes precisamente para evitar que acontecesse algo desta natureza e, no entanto, apesar dos seus melhores esforços, sucedera na mesma. Qual o peso da sua força neste momento? A quantos ascendia?

Pensou nas Irmãs, e sentiu medo delas.

Seguiram lentamente pelo caminho sobrelevado que atravessava o lago em direcção à entrada do templo, onde a luz do sol ofuscante entrava pela porta. Foram conversando, sobre vitória e fracasso, as suas vozes ecoando no silêncio até se esbaterem, deixando a casa do Imperador dos deuses vazia e cavernosa. O Sol punha-se a oeste enquanto Cailin observava, um soturno globo vermelho brilhava intensamente através do véu de fumo que ainda se elevava do vale do Recesso. Encontrava-se num rebordo alto de terra, uma saliência verdejante que se projectava de uma vertente de rocha preta fendida. Estava ali fazia já algum tempo, a pensar.

Havia ainda que fazer muitos planos.

As restantes Irmãs encontravam-se espalhadas pelo Recesso, ajudando na dispersão. Os Libera Dramach estavam a separar-se, a disseminar-se, tornando-se um alvo impossível; reagrupar-se-iam num ponto de encontro dali a várias semanas. A população do Recesso fazia o que podia: a maioria tencionava reunir-se aos outros, depositando a sua confiança nos líderes que os tinham acompanhado nos bons momentos e na tragédia. Outros seguiam o seu caminho, amalgamando-se noutras tribos e facções ou abandonando de vez a Falha. A unidade do Recesso fora destruída, e nunca mais seria recuperada.

Haviam circulado mensagens pela Teia o dia inteiro, de outras células da Ordem Vermelha em paragens remotas. Notícias de Axekami, de massacres nas cidades do Norte, do golpe ousado e imparável dos Tecedores. Notícias da queda do

Imperador, e com ele, do império. As Irmãs sabiam que o jogo terminara por agora, que os Tecedores tinham finalmente consciência delas, e que o seu silêncio fora quebrado. Ouviu um passo suave lá atrás. Cailin não precisou de se virar para saber que era Phaeca. A Irmã de cabelo ruivo encaminhou-se para a beira do precipício e ficou ao lado dela. Vestia de preto, tal como todas as Irmãs o faziam, e ostentava a intimidante pintura facial da Ordem; mas o corte do vestido dela era diferente do de Cailin, o cabelo com um penteado elaborado de tranças e rabichos que atestava a sua proveniência do Bairro do Rio.

Permaneceram algum tempo em silêncio. O olho de Nuki descia no horizonte, tornando o céu rosa-coral e púrpura, estragado pelas colunas de fumo.

— Tantos mortos — disse finalmente Phaeca. — Era assim que tinhas planeado?

— Muito pelo contrário — retorquiu Cailin. — A descoberta do Recesso pelos Tecedores foi um infeliz acontecimento provocado por uma turba de fanáticos tolos e disparatados.

O silêncio de Phaeca bastou como resposta.

— Escondermo-nos, recusarmo-nos a agir todos estes anos, quando podíamos ter feito algo... é este o preço a pagar?

A voz de Cailin denotou contrariedade.

— Pára com isso, Phaeca. Sabes tão bem como eu por que motivo não agimos em todos estes longos anos. E as vidas perdidas aqui não serão nada comparadas com as que se irão perder nos próximos meses.

— Podíamos tê-los impedido — argumentou Phaeca. — Podíamos ter impedido os Tecedores de ocupar o trono. Se tivéssemos tentado.

— Talvez — concordou Cailin com reservas. Virou ligeiramente a cabeça, olhando de soslaio para a companheira. Procurava uma atenuante para se justificar. Não encontrou nenhuma.

— Mas por que haveríamos de o fazer? Não existe sacrifício mais absurdo, Phaeca. Não deixes que a tua consciência te atormente agora; é demasiado tarde para arrependimentos. Isto é apenas o começo. As Irmãs despertaram. A guerra pelo Saramyr começou. — Uma brisa abafada agitou as penas do rufo dela. — Nós queríamos que os Tecedores ocupassem o trono. Por isso afastamos os nossos aliados, por isso pedimos segredo e lhes dissemos que se escondessem, por isso nos recusámos a usar as nossas capacidades para os ajudar. Eles nunca o podem vir a saber. Considerá-lo-iam uma traição.

Phaeca anuiu com relutância, compreendendo, o seu olhar fixo na distância intermédia.

— Se isto é só o começo — disse, — receio o que possa vir.

— Fazes muito bem, Irmã — retorquiu-lhe Cailin. — Fazes muito bem.

Nada mais disseram, mas não se foram embora. As Irmãs ficaram juntas durante um longo tempo à luz esbatida do crepúsculo, observando o fumo que se

erguia do vale enquanto as cores desapareciam do céu e a escuridão invadia a terra.

FIM



Formatação e conversão para e-Pub: moxoroxo

[TOCA DIGITAL](http://www.tocadigital.net)

Table of Contents

[Página de título](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

